
FALSA
Vingança
"Até onde ele iria por vingança? Até onde ela iria para ser amada?"
CAMILLA CARNEIRO

# FALSA *Vingança*

*"Até onde ele iria por vingança? Até onde ela iria para ser amada?"*

CAMILLA CARNEIRO

COPYRIGHT © 2023 CAMILLA CARNEIRO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PERANTE A LEI.

**Capa:** Jaqueline Summers
**Diagramação:** Lilly Desiggn
**Revisão:** Stephany Cardozo Gomes
**Sinopse:** Georgia Hartmann
**Ilustrações:** @laradesenhademais e @moondraws

É proibida a reprodução ou cópia, parcial ou integral deste livro em qualquer meio. Em caso de plágio, a autora utiliza dos direitos adquiridos através da Lei nº 9.610 de 1998 de direitos autorais para tomar as medidas cabíveis.

Falsa Vingança, Livro 1 – Carneiro, Camilla – 1ª Edição – Publicação Independente.

# SUMÁRIO


Nota da autora
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 5
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33.1
Capítulo 33.2
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42

Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Epílogo
Capítulo Bônus
Agradecimentos
Mais do Camiverso

# NOTA DA AUTORA

Olá, gente!

Mais uma vez, bem-vindos de volta ao Camiverso! Você pode acessar um guia completo dos meus livros pelo meu Instagram (@autoracamicarn), mas Falsa Vingança é um livro totalmente solo. Ou seja, você não precisa ler nenhum dos meus outros livros para iniciar sua leitura de Lily e Aaron.

No entanto, caso você queira acompanhar um pouco mais da história da fase adolescente de Lily Diggory, sugiro que leia meus outros livros também. Começando por “Papel, Abóboras e Amor”, um conto de Halloween, onde conhecemos Nora e Allie, e sua paixão que surgiu de uma linda amizade entre uma escritora e uma líder de torcida. Aqui, você conhecerá Lily como melhor amiga de Nora, aos seus 14 anos. Depois, pode continuar acompanhando a adolescência dela em “Trevo de 4 Folhas” e “7 Anos de Azar”, dois livros solos que fazem parte de uma duologia sobre dois irmãos gêmeos — Jason e Alexia Jenkins — e seus pares românticos — Eleanor Collins e Charles Brown —, sempre lembrando que ela é personagem secundária nesses livros, mas já podemos começar a ter um vislumbre da sua história. E se você quiser conhecer a mãe dela, Lauren Diggory — ops, Yoon! —, em uma versão mais jovem, em “Amor à Primeira Rosa”, um lindo conto de dia dos namorados de Paul Hills e Marcus Jenkins, ela aparece como melhor amiga de Marc.

Antes de irmos para a leitura, queria deixar claro, mais uma vez, que esse livro é para maiores de 18 anos e contém diversos temas um pouco mais pesados e sensíveis, como: problemas parentais, organizações criminosas, sexo explícito, violência, preconceito, tortura, distúrbios alimentares, consumo de álcool e drogas, tráfico de drogas, entre outros. Caso você não se sinta confortável com algum desses assuntos, por favor, não prossiga com a leitura.

Espero que gostem de conhecer a Lily um pouco mais afundo e também Aaron, que foi um personagem um pouco diferente do que estou acostumada a escrever — assim como o livro deles como um todo —, mas que gostei bastante do resultado final.

Boa leitura, Cami.

*Para todos que compartilham alguma dor parecida com a da Lily:*
*essa é para vocês. Vocês são mais fortes do que imaginam.*


DEVIL





# PRÓLOGO

*Lily Diggory*

## ALGUNS MESES ANTES

Transpasso o tecido da saia rosa pela minha cintura até passar por toda ela e conseguir fazer a amarração do lado esquerdo com um pequeno laço, deixando os poucos babados de laterais à mostra. Depois, passo meus braços pelas mangas tipo morcego do cropped, amarrando as duas partes com um nó na frente da peça, deixando a curva dos meus seios um pouco visível.

Bem, o que é bonito é para ser mostrado, não é mesmo?

E tudo rosa, como esperado de mim. Se eu pudesse vestir minha cor favorita para todas as ocasiões, eu vestiria.

Queria fazer um agradecimento especial à Lily do passado, que optou por uma roupa sem zíperes, botões ou fechos mais complicados na aula de costura desse ano letivo no colégio. Dessa forma, eu consigo fazer com que as roupas que eu mesma criei caibam em mim em qualquer momento, mesmo que eu engorde uns quilinhos.

Inclusive, estou mantendo meu peso ideal — lê-se peso ideal na mente de Lauren Diggory — há alguns meses e estou muito orgulhosa de mim. É claro que para isso eu tive que abdicar de algumas comidas especiais — como os maravilhosos brigadeiros da mãe de Nora, minha melhor amiga — e também passar muito mais tempo na academia, mas tudo vale a pena quando subo na balança e vejo os números no visor eletrônico. Ou quando vou em alguma loja e consigo passar a calça jeans número 34 pelas minhas pernas.

Pequenas vitórias acompanhadas por um sorriso de mamãe, quando acontecem.

E falando nela… já estou preparada para sua reação quando eu aparecer no hall de entrada, para que possamos sair para o nosso compromisso. Ela não aprova nem um pouco as minhas roupas, ainda mais as que eu mesma faço. Eu já tentei discutir com ela, afirmando que essa é *minha* forma de me expressar e ela não tem que opinar, porém ela não consegue absorver minhas palavras e continua criticando. Mas tudo bem. Isso não me abala.

Termino minha maquiagem com um gloss de pêssego nos lábios e guardo-o dentro da minha pequena bolsa, onde só cabe o essencial: batom, máscara de cílios e meu celular. Antes de sair do quarto, calço minhas sandálias que separei para hoje e estão no canto da cômoda, entrelaçando as tiras até um pouco acima do meu tornozelo. Dou mais uma olhada nas ondas que fiz com babyliss no meu cabelo loiro, apenas para dar movimento, e finalmente vou me juntar à mamãe, enquanto esperamos um dos motoristas *dele* vir nos buscar.

Pois é, o novo namorado de Lauren tem motoristas, no plural. Ela realmente encontrou o homem que procurou por toda sua vida: um milionário. Depois de milhares de namorados metidos à gente com dinheiro, e na verdade, era tudo uma farsa — ou quando era verdade, eles não queriam nada além do corpo dela para se divertirem às vezes —, minha mãe alega estar completamente apaixonada e que ele o é homem da sua vida. Sério. Eu já desisti de fazer comentários sobre isso. Ela tem idade suficiente para saber o que está fazendo e não precisa da sua filha de 17 anos dando pitaco nesse tipo de assunto.

— Lily Diggory! — Ouço a voz dela, antes mesmo de vê-la. Com essa entonação, já sei o que vai vir a seguir. — Que roupa é essa? Vai se trocar agora mesmo! — Ela cruza os braços abaixo dos seios, franzindo o máximo que consegue da testa com botox e parece bem brava.

Ops.

— Eu fiz na aula de costura da semana passada — respondo, sorrindo, e ainda dou uma voltinha para ela dar uma olhada completa no look de hoje. — E não, mãe, não vou me trocar.

— Como você vai conhecer um homem com tamanho porte como o de Benjamim, usando uma roupa assim? — ela pergunta mais uma vez, desacreditada da escolha das minhas vestimentas.

Lauren está com um vestido de cetim preto tamanho midi e com saltos da mesma cor. Ele se modela perfeitamente em suas curvas, e tenho certeza que ela está com uma cinta por baixo, para esconder as gordurinhas indesejadas que marcam roupas leves e coladas como a que ela está vestindo. Seus cabelos loiros estão em um coque no alto da cabeça, e os brincos de diamante gigantes — presente do novo namorado — completam o visual, combinando estrategicamente com a maquiagem neutra.

Mamãe sabe que é linda e usa isso a seu favor. E, desde que eu nasci, tenta me ensinar a fazer o mesmo. De acordo com suas palavras, mulheres bonitas como nós, não nasceram para ir para a faculdade e arrumar um emprego meia boca em um escritório de advocacia, para no final, ser a amante do chefe que tem uma vida infeliz com a esposa. Não, mulheres com a beleza como a nossa, nasceram para encontrar um marido rico, capaz de nos oferecer tudo do bem e do melhor, para que não precisemos realizar as coisas mais banais do dia a dia. E para encontrar um cara com bastante dinheiro e disposto a ter uma esposa troféu como nós, é preciso técnica.

E ela vem me ensinando isso desde que eu era um bebê.

Para mamãe, meu único objetivo de vida deveria ser casar o mais rápido possível. Entretanto, não engravidar. Não, isso deveria demorar um pouco mais e ser usado como recurso, caso o meu marido comece a arranjar motivos para um divórcio. De preferência, um menino. Homens gostam da ideia de ter um herdeiro para o seu império.

É isso que Lauren vem tentando fazer, desde que papai foi embora. Mas agora, ela tem uma filha adolescente, que vem de brinde com o pacote, o que é um pouco mais complicado. Tanto porque eu já sou muito velha para ser aceita como filha do homem em questão, quanto pelo fato de que ela tem medo de ele me achar mais interessante do que ela. Afinal, nós somos muito parecidas. Desde a mesma tonalidade loira dos fios até às sardinhas salpicadas perto do nariz. E eu ainda sou mais jovem, algo que os caras sempre valorizam quando estão à procura de uma mulher.

Depois de muita procura e muitos erros, ela finalmente encontrou o cara dos seus sonhos.

Benjamin Yoon. 48 anos. Viúvo, dono de uma rede de restaurantes coreanos espalhada pelo estado da Carolina do Norte e apaixonado por Lauren, como ela mesmo diz.

Eles se conheceram acidentalmente na lanchonete em que ela era gerente, um pouco mais afastada de Millsh, onde moramos, e perto de um dos restaurantes dele. Era a primeira vez que ele passava por ali e pediu por um café preto bem forte, assim como o número do celular dela. A partir daí, é só história.

E agora, alguns meses depois, eu serei devidamente apresentada para o cara e sua família. Bem, só seu filho.

Chique.

— Acho que o carro chegou — aviso, apontando para a janela da sala de estar, ignorando as palavras de desaprovação da minha mãe. É melhor isso, do que começar uma discussão poucos minutos antes de sairmos de casa.

— Só… só não me envergonhe, Lily — ela pede, e eu assinto, sabendo que isso é importante para minha mãe. — Por favor.

Eu concordo mais uma vez, e ela veste a máscara de *namorada feliz sem nenhum problema*, pegando sua bolsa em cima da bancada da cozinha e saindo pela porta de entrada, comigo no seu encalço. Surpreendendo o total de 0 pessoas, o carro preto é uma BMW, e o motorista ainda faz questão de sair para abrir a porta para nós duas.

— Senhora Diggory e senhorita Diggory — o homem baixinho com quepe nos cumprimenta, indicando que entremos no banco traseiro.

— Boa noite — eu e mamãe dissemos em uníssono, e ele fecha a porta, assim que nos acomodamos.

Uau.

Não sabia que restaurantes davam tanto dinheiro assim.

— Lily, coloque essa barriga para dentro quando sentar. Assim dá para ver as dobrinhas — mamãe sussurra no meu ouvido como se estivesse elogiando meus sapatos, e eu faço o que ela diz, sugando o ar. — Perfeito, querida. Da próxima vez, venha com uma roupa mais coberta, para que possa colocar uma cinta por baixo.

— Tudo bem — respondo, com foco total nas minhas mãos sobre o meu colo.

E eu achando que ela estaria contente por eu estar mantendo meu peso. Que boba, me repreendo mentalmente. Ela nunca vai estar satisfeita com nada. Aos olhos de Lauren, sempre posso ser *mais*.

— Você sabe que quero seu bem, não é, meu anjo? — ela diz, fazendo um carinho com o dorso da mão na minha bochecha, e eu sorrio fraco.

— Eu sei, mãe — falo, fixando meus olhos azuis nos dela, e ela sorri para mim, ficando quieta o resto da viagem até o local.

Uma das dicas da mamãe é: homens gostam de mulheres que não falam muito. Por isso, sempre que eu puder ficar em silêncio, eu devo ficar em silêncio.

São apenas 20 minutos de carro até o restaurante, porém quando finalmente chegamos, parece que se passaram duas horas.

Quando eu pego meu celular dentro da bolsa para mandar uma mensagem para Nora, mamãe me repreende e diz para eu mexer no aparelho apenas depois do jantar, que é desrespeitoso.

Sério? Em que mundo Lauren vive?

Eu bufo, frustrada, mas obedeço. Eu sei quais batalhas eu devo escolher, e essa, não é uma delas. Mamãe dá os nossos nomes para a recepcionista, e ela chama um dos concierges do restaurante para nos levar até a mesa reservada para a gente.

E é claro que ficamos em uma área reservada do estabelecimento. Eu deveria esperar diferente, levando em conta que estamos indo jantar com o dono da rede? Não, claro que não.

— Ben! — minha mãe exclama, assim que entramos no local em que o concierge indicou, indo até seu namorado, para lhe abraçar da maneira mais sofisticada possível.

— Olá, Lauren — ele responde, depositando um beijo na bochecha dela. — Você deve ser a Lily. Sua mãe fala muito de você.

— Prazer, senhor Yoon — digo, sorrindo minimamente, como minha mãe me ensinou.

— Pode me chamar de Benjamin. Ou Ben, como preferir — ele tenta soar simpático, porém eu sinto que tem algo por trás disso. Só não sei muito bem o que é. Ainda. — Aaron, venha cumprimenta-las.

E é quando eu percebo a quarta pessoa no ambiente. Ele está em pé, encostado em uma das paredes mais ao fundo, e por causa da pouca luz, eu não tinha reparado em sua presença.

Assim como o pai, Aaron também tem traços coreanos, parece ter por volta dos 20 anos e está todo de preto. Calça social, camisa social com os primeiros botões abertos e tênis também pretos. Isso porque não falei de suas tatuagens, que parecem cobrir todo o seu corpo. Consigo ver ambos os antebraços cheios de tinta, assim como o pequeno pedaço visível do peitoral também. Quando finalmente volto meus olhos para o seu rosto, ele já está me encarando.

Porra.

É como se estivesse vendo a minha alma.

— E-eu sou a Lily — falo, abrindo um sorriso um pouco maior e estendo minha mão em sua direção.

— Eu sei quem você é — ele responde baixo, seco e ignora minha mão no ar.

O que foi isso? Que babaca!

— Essa é Lauren, Aaron, e sua filha, Lily — o pai diz, nos indicando com a cabeça.

— Espero que aproveitem a noite — é o que ele diz, antes de nos dar as costas e ir se sentar em um dos lugares à mesa.

Quem esse mauricinho pensa que é?

— Ele é tímido — Benjamin fala e exibe um sorriso sem graça para mim e minha mãe.

*Tímido*. Ata.

Mais para arrogante.

— As crianças de hoje em dia são assim mesmo — Lauren responde, entrelaçando o braço no do namorado e seguindo-o, para se sentar ao seu lado.

Como tudo que é ruim ainda pode piorar, o único outro lugar vago é do lado de Aaron.

Bem, talvez ele seja uma pessoa legal, e eu esteja julgando cedo demais.

Não tenho chances de testar essa teoria, porque um garçom aparece já com nossos pratos.

— Se não se importam, meninas, eu fiz questão de deixar tudo pronto para a chegada de vocês e pedi os melhores pratos da casa — Benjamin explica, provavelmente percebendo minha expressão confusa. — Pedi Mandu, bolinhos de carne de porco com vegetais servidos com tteok manu guk para entrada, e assim que terminarmos, irão trazer o Bibimbap, um prato com alguns vegetais, arroz, carne… como vocês preferirem.

— Perfeito, querido — mamãe responde, entrelaçando a mão com a dele em cima da mesa.

Perfeito.

Ele não sabe que nós mal comemos carne, porque há muita gordura? O quanto ele e minha mãe se conhecem?

— Enquanto estamos todos aproveitando essa comida deliciosa, nós temos uma notícia para dar a vocês — Benjamin fala, trocando um olhar suspeito com Lauren. Eu tento fazer o mesmo com Aaron, mas como esperado, sua atenção está totalmente nos bolinhos, e ele parece nem estar no mesmo ambiente que nós.

— Posso contar, querido? — minha mãe pede, e ele acena com a cabeça. Sorrindo de orelha a orelha, ela desentrelaça sua mão da dele e leva para debaixo da mesa. — Estamos noivos! — ela exclama, mostrando o anel com um diamante gigante na sua mão direita.

O que?

— Parabéns — Aaron deseja, seco e sorrindo minimamente, antes de voltar sua atenção de novo para a comida.

— É… parabéns! Vocês merecem ser muito felizes — respondo, não querendo ficar para trás, porém ainda surpresa. Eles estão juntos há poucos meses! Eu não estava esperando por essa novidade, ainda mais no dia em que eu estou conhecendo a família Yoon.

— Sua mãe me faz muito feliz, Lily — Benjamin, meu futuro novo padrasto, fala, sorrindo, mas de novo, há algo por trás desse sorriso. Ele não parece totalmente verdadeiro.

— E você me faz a mulher mais feliz do mundo, amor — mamãe diz, e eles dão um selinho, me fazendo finalmente desviar os olhos dos dois.

Casamento.

Quem diria, mamãe conseguiu o que estava tentando desde quando papai foi embora: um homem milionário que pudesse sustentar seus luxos.

O jantar flui naturalmente depois disso. Mamãe e Benjamin conversam sobre festa de noivado, casamento e lua de mel, além de comentarem sobre já estarem pensando onde vão morar quando estiverem casados. Vão ficar na mesma casa em que ele mora atualmente? Na nossa? Ou irão se mudar para uma nova? Muitos detalhes, e eles estão fazendo questão de discutir tudo durante o jantar.

Sabendo que eu não tenho o que opinar em qualquer um desses assuntos, e muito menos, como enviar uma mensagem para Nora e contar da bomba que eles revelaram, decido fazer algo para me tirar do tédio, enquanto como esse delicioso prato coreano com vegetais, carne de porco e ovo frito.

Sim, eu estou saboreando cada garfada da comida e me preocuparei com isso quando chegar em casa. Problemas para a Lily do futuro.

— Então… Aaron, certo? — tento puxar assunto com ele, virando meu corpo em sua direção e abrindo um sorriso. O mais verdadeiro e simpático que consigo. — Você está na faculdade?

— Sim — ele responde, sem nem se dar ao trabalho de olhar nos meus olhos.

— E o que você faz? — continuo, olhando rapidamente de soslaio para o casal do outro lado da mesa, que discute algo do menu e não presta atenção na nossa pequena interação.

— Isso não é da sua conta, Lola. Pode parar com esse papo furado que não vai nos levar a lugar algum — Aaron diz, pegando um dos cardápios da mesa e abrindo na aba de sobremesas. — Eu não faço a menor questão de te conhecer melhor, e muito menos, que você saiba mais sobre mim.

Como se ele não soubesse as sobremesas do restaurante que foi fundado pelo seu bisavô quando ele veio para os Estados Unidos! Babaca.

E, Lola, sério? Eu acabei de me apresentar!

Uma pena que ele não sabe com quem está se metendo.

Lentamente, tentando fazer o menor barulho possível, aproximo minha cadeira ainda mais da dele. E ele só levanta a cabeça do menu para me olhar, quando sente o pequeno encostar das nossas cadeiras, ficando a centímetros do meu rosto. Sorrio amargamente para ele e levo minha boca até seu ouvido, apoiando minha mão no seu assento para ter equilíbrio.

— Você acredita que essa pose de *bad boy* te faz melhor que alguém porque seu papai tem dinheiro? — sussurro e rio falsamente. — Você não é melhor do que ninguém e não tem o direito de tratar as pessoas dessa forma. Já conheci muitos como você por aí e não vou te deixar falar assim comigo.

Ele não responde nada, mas quando faço menção de me afastar, sinto seus dedos afundando na minha nuca e me mantendo no mesmo lugar.

— Você não me conhece, e sugiro que *você* não fale comigo dessa forma — ele cospe as palavras contra minha boca, como se realmente me odiasse. Nós nos conhecemos há minutos! Como isso é possível?

Nós estamos muito próximos, e acho que se eu respirar errado, nossos lábios se encostam. E é claro que apenas o pensamento me faz descer as írises para sua boca rapidamente, só que ele percebe e sorri amarelo, colocando um pouco mais de força na parte de trás do meu pescoço, entretanto não o suficiente para machucar.

— Isso nunca vai acontecer, *irmãzinha*.

— Eu prefiro usar o perfume de coco da *Victoria Secrets* do que te beijar, *irmãozinho* — retruco e me distancio do seu aperto.

Essa família mal se formou, e eu já sei que terei uma péssima relação com meu novo *irmão* mais velho.



# 01

## Lily Diggory

Nesse momento, eu queria conseguir falar com a Lily do passado, que não nasceu com o *QI* infinitamente alto e precisou suar para passar nas provas do colégio. Se essa Lily fosse mais inteligente, ela provavelmente estaria vivendo seu sonho de fazer Moda em New York. Ela provavelmente estaria chegando no aeroporto, chamando um Uber — porque sim, cidades grandes têm carro por aplicativo, diferentemente de onde eu moro — e descobrindo que sua colega de alojamento na universidade é filha de um senador, mas apesar disso, é a melhor companheira de quarto, e no mesmo dia, elas sairiam para um bar universitário à noite.

Essa seria a minha vida, se vários fatores tivessem mudado — ou nunca existido — durante os últimos anos. Contudo, para o meu azar, essa não é a minha realidade.

A minha realidade foi não ser aceita em nenhuma universidade prestigiada — nenhuma nem perto de estar na Ivy League, por exemplo — e sim, ser aprovada para estudar na mais perto de casa: Universidade de Schönilla, a pouco mais de 5 horas de Millsh, minha cidade natal. Enquanto isso, todos os meus amigos mais próximos tinham conseguido ser aceitos nas melhores do país e estavam bem longe daquele pequeno vilarejo onde vivíamos.

Respiro fundo.

Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

Poderia ser pior, certo? Tenho que pensar pelo lado positivo! Por exemplo, eu ainda poderia estar morando com mamãe na nossa antiga casa em Millsh e ter que sair de madrugada para chegar a tempo da primeira aula da faculdade. Ou pior, eu poderia estar junto dela e seu novo marido, Benjamin Yoon — eles tinham se casado há pouco mais de 3 meses —, em uma em uma linda mansão que ele comprou para os dois, a três horas e meia daqui, sendo feita de vela durante o dia todo, todos os dias.

Não, muito obrigada.

*'Viu? Poderia ser pior, Lily'*, digo para mim mesma mentalmente, ao passo que descarrego as malas de um dos carros com motorista do meu padrasto, porque é claro que ele tem alguns vários carros e alguns motoristas. Que milionário não tem? Essa nova realidade da minha mãe, ainda me assusta um pouco.

— Vou levar as malas lá para dentro, senhorita Diggory — Xavier, o mesmo homem que levou mamãe e eu para o restaurante, quando ela e Benjamin anunciaram o noivado, diz, indicando a porta automática do prédio.

— Será que o senhor poderia me ajudar a subir com elas também? Eu sei que tem elevadores, mas é muita coisa para uma pessoa só — peço, um pouco sem graça por estar com muitas malas. Apenas roupas, sapatos, acessórios… tudo, itens pessoais. Nem quero imaginar se eu tivesse que trazer alguns móveis ou objetos maiores.

— Tem pessoas específicas para isso no prédio, senhorita Diggory — ele me informa, e assim que as palavras saem da sua boca, as portas são abertas, e dois homens uniformizados saem de lá, nos encontrando na calçada.

— Bom dia, senhorita. Você deve ser Lily Diggory, correto? Enteada de Benjamin Yoon? — um deles me pergunta, com um sorriso muito grande estampado no rosto, que parece estar doendo as bochechas.

— Sou eu, muito prazer — respondo, dando um sorriso simpático e ajeitando a alça da mochila em um dos ombros, tentando equilibrar a mala pequena junto da sacola com meus travesseiros, algumas almofadas fofinhas e bichinhos de pelúcia.

Apenas o essencial.

— Nós vamos levar todos os seus pertences para o seu apartamento. — Ele nem pergunta, apenas me deixa saber da sua próxima ação. Bem, como eu iria negar uma ajuda oferecida pelo meu novo lar? Não iria. Eu vou aproveitar ao máximo essa hospitalidade. — Foi deixado a senha do apartamento para a senhorita na recepção e um manual do edifício, para te informar de todas as comodidades e algumas regras que temos por aqui.

Manual do edifício. Comodidades. Regras.

É, ser enteada de um milionário não está sendo uma experiência ruim.

Eu deixo minhas malas sob supervisão dos maleiros do prédio e sigo meu caminho para a recepção, ficando um pouco deslumbrada com apenas a entrada daqui. É claro, meus melhores amigos têm muito, muito dinheiro, e esse mundo não é totalmente novo para mim, mas nada se compara com o que eu estou presenciando aqui. Piso de mármore por todo o hall, a bancada com detalhes em madeira — que com certeza custa mais que a casa em que eu morava —, algumas poltronas brancas espalhadas e os lustres mais bonitos que eu já vi.

E é claro que os moradores não são de baixo nível aqui. Nos três minutos em que demorei para chegar até uma das recepcionistas, vi algumas pessoas saindo dos elevadores à minha direita. Marcas como Prada, Chanel e Saint Laurent estavam em peso nelas, e eu tenho certeza que meus olhos estavam brilhando de admiração.

Eu quero ser tão bem sucedida com a minha marca de roupas, a ponto de conseguir comprar peças das marcas que me fizeram sonhar ser estilista. Eu quero ser muito boa no que faço, por mérito totalmente meu, conseguir arcar com o aluguel em um edifício desses — de preferência na cobertura — e não me preocupar com as contas.

Deus, falta muito tempo para eu me formar?

Empurro esses pensamentos para o fundo da mente, enquanto tenho uma conversa amigável com a recepcionista. Como me foi informado anteriormente, ela me entrega um manual do prédio, com todas as informações que posso precisar, juntamente da senha do apartamento, que deixaram mais cedo para mim. Ela também me diz que todas as fechaduras aqui funcionam com a digital, inclusive a da minha porta, e eu poderia falar com meu padrasto sobre isso, para eu cadastrar o meu dedo no sistema deles.

Uau.

Ainda deslumbrada com tudo, eu sigo o caminho para os elevadores para chegar ao meu andar. Não fiquei surpresa quando ela me indicou o 20º andar, o último do prédio e, consequentemente, a cobertura. É claro que *ele* moraria em uma dessas.

Felizmente, não encontro ninguém no meu trajeto até o apartamento 2001. De repente, meu conjunto de moletom rosa persa e tênis branco não combinam com a estética daqui.

Isso que dá você escolher o look mais confortável para uma viagem de carro e acabar se sentindo de fora, destoando das roupas usadas pelas pessoas do ambiente. Com certeza, não acontecerá novamente. Eu vacilei dessa vez, mas não irá se repetir.

Quando finalmente chego no único apartamento do vigésimo andar, percebo que minhas malas já estão acomodadas em frente à porta, me esperando. Digito o código na fechadura eletrônica, e menos de três segundos depois, ela é aberta.

Porra.

Se eu tinha achado o lobby do prédio bonito, é porque eu não tinha visto essa cobertura.

Ela é completamente decorada em tons de preto e branco, com alguns detalhes em mármore e madeira. Vejo a extensa varanda ao fundo, com os detalhes em preto da porta de vidro, parecendo ter uma linda visão da cidade. Como esse é o maior edifício de Schnönilla, eu imaginava que a vista seria de tirar o fôlego. A cozinha é aberta e, obviamente, preta, com a bancada e a ilha em mármore branco. Até mesmo a torneira é preta! Alguns detalhes em dourado também, que deixam tudo ainda mais chique.

Se essa fosse a minha casa, eu colocaria um pouco mais de cor, com certeza. Alguns vasos com flores — diretamente da minha floricultura preferida, a Jenkins Flores, dos pais de um dos meus melhores amigos —, velas aromáticas e almofadas felpudas no sofá. E também alguns porta-retratos ou itens de decoração que deixassem a casa mais pessoal. Por mais que seja muito bonito, eu pareço estar em um *Airbnb*, não em um apartamento que tem uma pessoa morando.

Porque é claro que mamãe achou uma ótima ideia eu dividir o apartamento com Aaron Yoon, filho mais velho do seu novo marido, já que eu começaria a frequentar a mesma universidade que ele.

Ótima ideia, mãe.

Depois do nosso encontro no dia do noivado, eu o vi poucas vezes, mas em todas essas, ele foi essencialmente escroto. Bem, isso quando ele falava comigo. Em muitas das vezes em que estávamos no mesmo ambiente, ele fingia não perceber minha presença e me ignorava completamente.

Babaca.

Mesmo assim, Lauren e Benjamin acham que morarmos juntos será uma oportunidade para estreitar laços. Tecnicamente, iremos nos ver 24 horas por dia, 7 dias por semana. Como não nos tornaremos melhores amigos e irmãos de uma vida inteira?

Muito simples: isso não acontecerá, porque não nos suportamos. E é culpa totalmente do idiota.

Eu tentei ser simpática. Eu tentei ser legal. Eu tentei conhecê-lo melhor. Eu até repeti para mim mesma, que no dia em que nos conhecemos, ele estava em uma semana ruim. Talvez um término de namoro fodido ou uma nota vermelha em uma prova da faculdade. Alguma coisa deveria ter acontecido para ele ter agido daquela maneira com alguém que acabou de conhecer, certo?

Errado.

Ele é assim por natureza, e a cada encontro com o babaca com pose de *bad boy* filhinho de papai, eu estava mais convicta disso. Ele não gostava de mim — por algum motivo inexistente —, e eu não seria uma tola de tratá-lo bem. Eu sei que não devemos nos rebaixar ao nível de certas pessoas, porém eu não o deixaria pisar em mim, em silêncio. Ainda mais agora, que vamos dividir o mesmo teto.

É só quando esse pensamento me vem à mente, que eu percebo a quietude do apartamento.

Ele não está em casa.

Ufa, menos um problema por agora. Ainda com a mochila nas costas, a sacola em uma das mãos e a mala pequena sendo empurrada pelo ambiente, eu procuro pelo corredor gigante, qual vai ser o meu quarto. Benjamin disse que há 4 quartos aqui, sendo três deles com suíte e um sem, que é o quarto de hóspedes, além de um banheiro social e lavabo.

Gente rica tem tara por banheiro. Com certeza é porque nunca tiveram que limpar um na vida.

Tento abrir uma das portas e me deparo com o quarto de hóspedes. Não, eu preciso de um banheiro só para mim.

Avanço mais um pouco e encontro o banheiro e o lavabo. Quando percebo meu erro, fecho as portas de ambos e continuo minha caminhada.

A próxima porta está trancada, e suspeito que deve ser o quarto do mauricinho gótico. O que? Ele achou que eu fosse entrar no cômodo e inspecionar as coisas? Pelo amor de Deus!

É só na minha quinta tentativa, que eu acho um dos quartos com suíte e entro, jogando minhas coisas na cama, para dar uma boa olhada no meu novo espaço pessoal.

Marrom, bege e branco são as cores principais do cômodo, e é tudo muito… impessoal. Ele precisa de uma repaginada. Um toque Lily, para ficar perfeito e parecendo um quarto de uma jovem, não um de hotel.

O closet é um pouco pequeno para a quantidade de roupas que possuo, mas acho que consigo fazê-las caberem todas ali. Em seguida, abro a porta do banheiro. Ele é pequeno, todo em azulejo branco e um pouco de dourado, porém é bonito. Mais bonito do que o quarto, pelo menos.

Me jogo na cama de casal, absorvendo as mudanças recentes da minha vida.

Em poucos meses, muita coisa mudou, e eu espero estar me adaptando da melhor maneira. Daqui a poucos dias, minhas aulas vão começar, e pela primeira vez em anos, eu não terei meus melhores amigos do meu lado. Caramba, será meu primeiro dia de aula sem Nora Hart, minha melhor amiga de infância, junto comigo. Que loucura!

Mas tudo bem. Eu sabia que esse dia chegaria, e eu vou dar o meu melhor para aproveitar a experiência da faculdade, mesmo sem os meus melhores amigos.

Eu farei novos amigos, para combinar com tudo de novo da minha vida nesses últimos tempos.

Novo padrasto.

Nova família.

Nova casa.

Nova faculdade.

Meu celular apita no bolso da calça de moletom, e quando desbloqueio-o para ver de quem é a mensagem, o pequeno sorriso que eu estampava, murcha.

**Mãe:** se comporte aí, Lily. Não arrume confusão com Aaron.

Como se eu tivesse começado nossas pequenas discussões anteriores!

**Mãe:** seja uma boa garota, entendeu? Não estrague a primeira coisa boa que aconteceu nas nossas vidas.

Primeira coisa boa! Como se papai não tivesse existido. Ele era a melhor coisa que já tinha acontecido, na minha vida pelo menos, e eu sentia muita falta de tê-lo todos os dias comigo.

**Mãe:** continue mantendo o número 36, Lily.

**Mãe:** na verdade, tente cair para o número 34. Agora que você já está na faculdade, vai ser mais fácil arrumar uma pessoa com boas condições de vida. É sua chance, querida!

**Mãe:** você é linda, filha. Só precisa emagrecer mais um pouquinho para chamar a atenção desejada, tudo bem?

**Mãe:** te amo!

Havia muitas novidades na minha vida, muitas mudanças aconteceram, porém Lauren Diggory — agora, Lauren Yoon — sempre continuaria a mesma.



Eu prometi para mim mesma que tentaria economizar, porém o que eu poderia fazer, se nessa casa não tem comida?

Os únicos alimentos na geladeira são uma banana e uma barra de chocolate ao leite. Há também uma jarra de água pela metade, algumas garrafas de Soju de vários sabores — e eu só sei da existência dessa bebida, porque no período em que vendemos a casa, e eu ainda não queria vir para o apartamento, passei um tempo na nova mansão dos Yoon, e havia muitas dessas por lá — e algumas cervejas também. Vasculho a pequena despensa que encontrei, e praticamente nada. Apenas um pacote de biscoito recheado de chocolate — passo longe desses — e achocolatado em pó. E tirando as cápsulas de café da cafeteira, só tem isso na cozinha.

Sério? Que tipo de casa não tem nada? Eu sabia que pessoas milionárias com certeza não faziam as tarefas mundanas cotidianas, como ir ao mercado, mas caramba, pelo menos contratasse alguém para fazer isso ou pedisse pelo aplicativo do mercado. Sei lá, alguma coisa! Esse garoto vive de delivery?

Engulo minha frustração e pesquiso alguns restaurantes saudáveis por perto, até achar algum prato interessante para mim. Depois de muita procura, decido pedir algo simples e sem erro: salada de alface, acompanhada de tomates cerejas e pimentão. O menor tamanho, claro.

Enquanto eu espero meu pedido, vou até o meu quarto de novo e anoto na minha agenda que preciso ir ao mercado antes das aulas começarem, daqui a alguns dias. Mesmo que eu coma o mínimo possível, eu ainda quero ter a escolha do que comer e ter opções.

Pensando bem… talvez não ter nada por aqui seja um sinal do universo para eu não jantar.

Não, eu já tinha pedido a comida e já estavam preparando meu pedido. Eu não podia cancelar agora.

Apenas uma salada pequena, e tomarei um copo de água como acompanhamento. Eu não teria tanto prejuízo, certo?

Eu torcia para que não.

Após alguns minutos, recebo uma ligação da portaria, avisando que meu pedido havia chegado e eles mandaram subir pelo elevador de serviço. Agradeço a uma das recepcionistas que me informou isso e vou até o corredor esperar meu jantar.

Pouco tempo depois, eu já estou bem acomodada à mesa de jantar gigantesca — juro, 12 cadeiras! — e atendo uma chamada de vídeo da minha melhor amiga, Nora.

— Oi, amiga! — cumprimento, sorrindo de orelha a orelha por vê-la.

Nem duas semanas que estamos separadas, e eu já estou com saudades.

Ela está muito bonita, como sempre. Inclusive, essa é uma das coisas que invejo um pouco sobre ela. Ela não precisa tentar e está sempre impecável. Os cabelos ruivos, que batem na altura dos ombros, estão soltos ao redor de seu rosto, e suas sardas completam o visual dos olhos verdes. Ela está sem maquiagem — é um sacrifício fazê-la usar apenas um batom, para ser sincera — mas mesmo assim, é mil vezes mais bonita do que eu, com quilos de pó no rosto.

— Oi, Lily. Como você está? Gostou do apartamento? — minha amiga pergunta, curiosa, elevando as duas sobrancelhas ruivas para mim.

Nora Hart é minha melhor amiga desde que éramos pequenas versões nossas de 6 anos, e entramos no jardim de infância. Mesmo tendo poucos gostos em comum, nós nos damos muito bem. Sua mãe, Adriana, é brasileira e veio para os Estados Unidos bem jovem, para fazer faculdade. Ela conheceu seu marido em Millsh mesmo, e eles se casaram, tendo duas filhas: Nia, a irmã mais velha de Nora — ela está seguindo seu sonho de ser bailarina em New York, e eu estou muito feliz por ela — e claro, minha melhor amiga. Há alguns anos, quando eu não tinha *certas* preocupações, adorava frequentar a casa da família Hart e desfrutar da deliciosa comida de Adriana. As sobremesas então… maravilhosas! Sinto muita falta de comer um brigadeiro de chocolate ou de coco depois do almoço.

Ah, tempos que não voltam mais!

— É imenso, amiga. Tudo muito lindo e exala riqueza — respondo, segurando o meu celular para mostrar um pouco da cozinha, sala de estar e de jantar.

— Uau! É lindo mesmo. Mas, e seu colega de apartamento? Ele está por aí? — Nora questiona, um pouco preocupada.

Ela sabe que eu não suporto Aaron Yoon desde o momento em que nos conhecemos, e no breve período em que eles estiveram no mesmo ambiente — no casamento de Lauren e Benjamin —, ela não sentiu uma boa energia emanando dele. Ela até mesmo me deu algumas pedras energizadas para proteção quando contei que moraríamos juntos durante a faculdade, e eu agradeci, claro, mesmo não acreditando muito.

— Felizmente, não. E espero que ele só apareça na próxima semana, quando as aulas começarem — comento, agradecendo mentalmente por não ter que lidar com esse babaca no meu primeiro dia aqui. — Mas e você, amiga? Como está?

— Eu e Allie acabamos de arrumar o meu lado do alojamento, e minha colega ainda não chegou — ela diz, dando de ombros e sorri logo depois, parecendo lembrar de algo. — Ah! Olha isso!

Fico atenta à tela do celular, e minha amiga muda para a câmera traseira, mostrando um pequeno carrinho cheio de livros ao lado da sua cama.

— Você levou tudo isso para a faculdade? — pergunto, tentando contar quantos tem por ali.

— Allie me ajudou! Ela trouxe alguns na mala dela também — Nora explica, com os olhinhos brilhando por falar na namorada.

Tão fofas, que dói.

Ela conheceu sua namorada, Alison Marsh, com 14 anos, e namoram desde então. Eu acompanhei de perto o início desse relacionamento e todas as fases pelas quais as duas passaram, e posso dizer com convicção que o amor que elas nutrem uma pela outra é um dos mais lindos que já tive o prazer de presenciar. Mesmo depois de anos juntas, Nora sempre me diz que sente um frio na barriga quando se toca quão sortuda é por namorar o amor da sua vida.

Foi difícil passar todo o ensino médio com elas, sendo solteira.

— Já estou com saudades de vocês — digo, fazendo um biquinho para o meu aparelho.

— Nem fala, Lily! Não sei como vou passar pelo primeiro dia de aula sem você. Quer dizer, nós fazemos isso juntas há anos! Isso é… é uma loucura.

— Eu sei, amiga, eu sei — falo, comendo um pouco mais das minhas folhas. — Eu quero saber de tudo na próxima semana, entendeu? Você precisa me contar como foi seu primeiro dia!

— Você também. — Ela aponta um dedo para a câmera do celular, em tom de brincadeira, e nós rimos.

Eu já estou contando os dias para o feriado de Ação de Graças, para poder visitar minha melhor amiga.

Continuo meu jantar conversando com Nora e colocando o papo de uma semana em dia. Nós nos falamos todos os dias por mensagem, mas não é a mesma coisa de passar a manhã inteira com ela e nossos outros amigos no colégio. Eu teria que me acostumar à rotina sem eles e não estou preparada.

Depois que terminamos de nos falar, e eu lavo os talheres e o copo que utilizei, resolvo me trancar no quarto e tomar um banho relaxante.

Eu não sei se Aaron voltará hoje para casa. Porra, eu nem sei onde ele está! *‘Mas, isso não é da minha conta’,* como ele gostaria de me lembrar, se estivesse por aqui.

De qualquer maneira, eu não quero correr o risco de esbarrar com ele, então ficar dentro do meu novo quarto, sozinha, é a melhor opção.

Não faço ideia de qual é a senha do *WiFi* — também anotei na minha agenda para lembrar de perguntar ao meu colega de apartamento quando ele voltar — e diferentemente da minha melhor amiga, eu não sou tão fã de livros assim. É claro que já li alguns ao longo desses anos — totalmente influenciada por Nora —, entretanto não consigo ler por diversão frequentemente, como ela faz. Por isso, eu não tenho nada para fazer nessa noite.

Não posso fazer nada que demande muito da internet do meu celular, já que a ligação de quase duas horas com a minha amiga tinha sido o suficiente para o dia. Eu ainda não tenho nenhuma matéria para estudar. E também não conheço Schönilla muito bem, para me aventurar pelas ruas a essa hora sem ninguém. Ainda não conheço.

Ah! Contudo, há algo que eu posso fazer.

Ainda não arrumei todos os meus pertences, mas felizmente, meu material de desenho veio em uma bolsa separada. Pego tudo que preciso nela e vou me sentar na cadeira de rodinhas da escrivaninha, pronta para desenhar mais algum croqui.

O que farei dessa vez?

Hum… já sei! Um look para o meu primeiro dia de aula, porém, totalmente mais elegante do que o tradicional. O tipo de roupa que ninguém usaria para essa ocasião, no entanto, se eu tivesse dinheiro para comprar as peças ou, pelo menos, o material necessário para confeccioná-las, eu vestiria.

Enquanto minha mão desliza pelo papel canson, eu tenho certeza que nasci para a vida de estilista. De acomodar um desfile da minha marca na primeira fila, preparar todas as modelos e de andar pelos shoppings de todo o mundo, vendo as vitrines com roupas que eu fiz, e claro, pessoas nas ruas usando-as.

O caminho até esse futuro não será fácil, entretanto eu farei de tudo para realizar meu sonho.

Nem mesmo meu novo *irmãozinho,* Aaron Yoon, será capaz de me fazer ir embora daqui. Como eu preciso morar com ele durante os anos da faculdade de Moda, eu aproveitarei cada segundo desse inferno.



# 02

## Aaron Yoon

As *reuniões* no escritório do Ah-ri Yoon, o restaurante da família, sempre trazem uma energia pesada para o local, mesmo quando é algo lucrativo e interessante para nós.

De longe, parece mesmo uma mera reunião de um escritório de advocacia. Homens vestidos a caráter, com seus ternos caros, uma mesa redonda, e todos servidos de água e uísque. Há dois grupos de pessoas discutindo um propósito em comum e como alcançarão o objetivo. Os tons de vozes são baixos e, normalmente, tudo acontece cordialmente. Ninguém tem a coragem de crescer para cima de Benjamin Yoon. No final do horário marcado, todos apertam as mãos e ficam satisfeitos com o acordo. Normalmente, porque há algumas exceções.

Quando criança, mamãe me dizia que era isso que papai e os colegas faziam no subsolo do restaurante principal dentre as milhares de filiais abertas nos últimos anos. E por muito tempo, eu acreditei em suas palavras. Ela me deixava o mais longe possível desse lado da nossa família, e eu acreditava que meu pai era só um homem muito importante fazendo negócios.

Eu não estava totalmente errado. Ele *é* um homem muito importante que faz negócios, mas não negocia o que eu imaginava. Na primeira *reunião* que eu participei com ele, eu tinha acabado de completar 15 anos, e minha mãe não podia mais me manter longe desse mundo. Eu já estava entrando nele tarde demais, de acordo com as palavras de Benjamin. Os homens do meu pai e o outro grupo de pessoas — que descobri mais tarde serem grandes nomes na Virgínia, um estado vizinho ao nosso — estavam negociando a candidatura de um novo candidato para governador de lá. Inofensivo, não? Eu acreditei serem apenas técnicas e aconselhamentos para incentivar os votantes a escolherem o cara.

Eu não imaginava que eles iriam discutir formas de burlar as eleições, caso os votos não fossem, em grande parte, a seu favor. Eu não esperava que armas fossem colocadas à mesa quando o grupo do partido político não concordasse com o valor do pagamento para esse serviço. Muito menos, que meu pai atiraria na panturrilha de um deles — tendo o sangue respingado na minha calça jeans, e que eu precisaria jogá-la fora, para tentar extrair as memórias do dia —, em um aviso muito claro de que se eles não seguissem as orientações das estratégias aconselhadas pelos homens de Benjamin ou não pagassem o que foi combinado, o próximo tiro seria no coração. Ele deixou bem nítido que caso o acordo fosse firmado, ele faria de tudo ao seu alcance para a vitória do candidato. E quando ele disse tudo, era realmente tudo. Como matar o irmão da outra candidata em um acidente de carro e incentivá-la a abrir mão da sua candidatura, deixando o caminho livre para o concorrente que meu pai apoiava.

Eu vomitei no banheiro feminino do restaurante quando o outro grupo foi embora e levei dois socos do meu pai, fazendo com que meu nariz se quebrasse, e um médico da família — que sabia dos negócios em que estávamos envolvidos — tivesse que me fazer uma visita naquela noite. Benjamin disse que fez isso porque eu estava sendo fresco, infantil e um imbecil. Três características que não eram bem-vindas ali.

Foi a primeira vez que meu pai me bateu, e a última.

Eu tive que aprender a viver nesse mundo, porque eu sabia que era a única maneira de honrar a morte da mamãe e dar o meu melhor para que minha irmã tivesse uma vida bem diferente dessa. E não há *nada* que eu não faria pelas duas.

Ao longo dos últimos anos, eu comecei a me envolver cada vez mais na organização Yoon e acabei me tornando o segundo braço direito do meu pai, sendo o primeiro, seu sócio… se posso classificar dessa forma. Eu aprendi a torturar homens com todos os tipos de utensílios possíveis. Eu aprendi a trapacear quando fechamos um acordo, para que sempre estejamos em vantagem. Eu aprendi a matar a sangue frio e não deixar isso me afetar. E eu fiz tudo isso com sangue nos olhos, para estar cada vez mais perto do meu destino: vingar a morte de Adele Yoon.

Contudo, como eu não podia ficar encarregado apenas do que envolvia a morte da minha mãe e nossa procura por vingança, eu tinha que estar presente em todas as áreas da organização. Eu tinha que estar por dentro de tudo, porque qualquer coisa poderia ser uma nova pista para chegarmos ao assassino de Adele.

Há seis anos, nós buscamos algo que nos leve à pessoa que tirou a vida da minha mãe e apesar de termos achado algumas coisas, nada concreto o suficiente. E foi por isso que meu pai precisou…

— Isso é muito pouco para todo o trabalho que vou ter, senhor Yoon. — As palavras de Pike Lewis, um dos nossos *funcionários*, ecoam pelo porão do Ah-ri Yoon e me tiram dos meus pensamentos. — O-o trajeto é muito longo, e posso ser parado por policiais ou até mesmo…

Ele se cala, quando um dos nossos caras saca uma faca do bolso e põe no pescoço dele, tirando uma gotícula de sangue.

— Você sabe como isso funciona. — A voz fria do meu pai preenche o ambiente, e ele se aproxima da mesa que nos separa do outro homem, cruzando as mãos na superfície. — Está aqui há dois anos, Peter, e sabia que quando entrasse, não haveria mais volta.

Meu pai sabe o nome dele, mas gosta de fingir se confundir, apenas para deixar ainda mais claro o quão descartáveis as pessoas são. Se ele não se esforça para lembrar o nome de uma pessoa, por que se esforçaria para continuar deixando-a na função que trabalha na organização? Ele podia — e iria — colocar alguém no lugar em um estalar de dedos.

E Pike sabia disso quando aceitou a oferta que fizemos a ele.

Há dois anos, ele tinha aparecido para uma entrevista de emprego aqui, almejando a vaga de faxineiro. Inicialmente, ele foi realmente escalado apenas para contribuir com a limpeza do restaurante. No entanto, aos poucos, ele começou a desconfiar que algumas coisas aconteciam debaixo dos panos, especificamente na porta que leva a uma área estritamente restrita a qualquer pessoa não autorizada. E como ele não conseguiu manter essa informação para si, comentando com um dos outros funcionários, Benjamin teve que interferir.

Ele deu duas opções para Pike Lewis: aceitar fazer trabalhos extras para a outra empresa dele ou ser demitido. Como estava desesperado para manter seu emprego e interessado em ganhar mais dinheiro, ele aceitou.

Entretanto, é claro que ele não fazia ideia do tipo de serviço que seria encarregado de fazer.

— Senhor Yoon, por favor, eu… — Mais uma vez, ele é interrompido no meio de sua fala pela faca, fazendo um pequeno corte na sua pele.

Conto três gotas de sangue respingando no seu uniforme azul marinho.

— Você pode recusar, Philip, é claro que pode — meu pai diz, voltando a se encostar na cadeira e relaxando a postura. — Mas sabe que quem vai pagar pela sua desistência não é você, e sim, sua família.

Porque ameaça-lo, não levaria a nada. Precisamos colocar pessoas importantes em jogo para que ele seja coagido a fazer o que achamos certo.

— E-eu não tenho família, senhor — Pike rebate baixinho, e percebo quando uma gota de suor escorre pelo seu rosto, bem como o remexer do nariz enquanto fala.

Ele está mentindo. E nós sabemos disso.

— Sua esposa, Melanie, não vai gostar de saber que o querido marido mente sobre sua existência — Benjamin retruca, com um sorriso se formando nos lábios. — Devemos ligar para a lanchonete em que ela trabalha, na estrada que leva à Millsh, para contar sobre isso? Ou… talvez devêssemos buscar seus filhos no colégio e pedir para eles mesmos contarem à mamãe, o que o papai vem dizendo pelas costas deles.

Os olhos dele se arregalam, e ele respira fundo. Ele achou mesmo que alguém como meu pai não saberia dessas informações banais sobre ele? Ele acreditava que nós não fazíamos uma pesquisa sobre o passado de cada uma das pessoas que trabalha conosco?

Detesto gente idiota.

— P-por favor, não machuque minha f-família.

— Então faça o que lhe é mandado, porra. — Benjamin eleva o tom de voz, empurrando a cadeira para trás e se levanta, apoiando as duas mãos na mesa e se debruçando, para se aproximar de Pike. — Você *não* me rebate, entendeu? Você não recusa meus serviços, se quer continuar vivo. Você faz tudo que eu mandar, sem retrucar!

Ele desfere um soco no rosto de Pike e tira um lencinho do paletó para limpar o sangue que escorre do nariz do outro cara em sua mão, jogando-o em cima dele quando termina.

— Vá cuidar desses ferimentos, e depois vão te entregar o caminhão com as encomendas. — Drogas. Muitas drogas. — Esse carregamento deve chegar no destino final amanhã de manhã.

— S-sim, senhor — ele responde, olhando para o chão.

Em seguida, a faca é retirada de sua garganta, e os dois caras atrás dele — que estavam cuidando para que ele não tentasse fugir — o seguraram pela gola do macacão e o puxam para cima, encaminhando-o para a saída.

Eu não concordo com todos os métodos que meu pai usa para lidar com a organização, porém sei que ele só segue o legado de sua família e faz o que precisa para que nada saia do seu controle. Futuramente, eu serei o responsável por tudo, por isso que ele sempre me quer presente em todo tipo de encontro, seja de funcionários descontentes com suas atribuições ou em reuniões com o chefe de polícia da delegacia de Schönilla, que faz vista grossa para nossas ações.

Eu preciso aprender a lidar com toda e qualquer situação que surja.

— Onde estávamos, Aaron? — meu pai me pergunta, voltando a se sentar na cadeira e cruzando as pernas.

Ele tinha me chamado para vir para cá logo depois que eu saísse da boate na noite anterior, mas como as comemorações demoraram um pouco, e eu estava exausto para passar por aqui de madrugada, marcamos nosso encontro para essa manhã. E como eu tinha ficado com Kiara e Cameron ontem, estava mais perto do restaurante para comparecer após o café da manhã.

— Você queria falar comigo — relembro, apoiando as costas na cadeira e umedecendo os lábios.

Mesmo não estando tão quente do lado de fora, o ar condicionado está na menor temperatura possível aqui dentro. Quando reclamei disso certa vez, meu pai contou que era mais uma técnica para fazer as pessoas falarem mais facilmente, ainda mais quando eles resolviam avançar alguns degraus, se o interrogado não cooperasse, como tirar sua roupa e passar o cano frio da arma pelo seu corpo.

— A garota chegou no apartamento ontem — ele comenta, quase como se estivesse realmente despretensioso. — Você já a viu?

— Não voltei para casa ontem. — E por mim, eu não voltaria até, no mínimo, as aulas retornarem. Não estou muito animado para dividir um apartamento com minha nova meia-irmã.

— Não seja um babaca com ela, Aaron — Benjamin manda, fechando a cara. — Podemos precisar da menina a qualquer momento, e se você tratá-la mal, ela não vai abrir a boca.

— Lauren não disse nada ainda? — pergunto, tentando desconversar o tópico Lily Diggory.

— Nada importante. Ela não gosta de falar sobre o passado, porque diz que *eu* sou o presente e futuro dela — ele recita as palavras da nova esposa com amargor e uma revirada de olhos.

Nós estamos fazendo de tudo para ter mais informações sobre o assassino da minha mãe, e se isso significava casar com uma desconhecida, porque ela pode ou não ter conhecimento sobre o que queremos, tudo bem.

— Ela pode não saber de nada — comento, porque essa é uma grande possibilidade.

Não sabemos exatamente qual era a relação dela com ele. Eles podiam ter um péssimo relacionamento e não compartilhar nada um com o outro, mesmo que estivessem juntos — de acordo com nossas fontes — durante o acidente que matou Adele e feriu minha irmã gravemente.

— Ela tem que saber de alguma coisa — ele resmunga, bufando frustradamente em seguida. — Não posso ter feito isso à toa.

O casamento é de fachada, claro, mas Lauren Diggory — agora Lauren Yoon — não sabe disso e parece estar perdidamente apaixonada pelo meu pai. Desde o momento em que eles esbarram na lanchonete onde ela trabalhava — uma armação barata, na qual ela caiu perfeitamente — até os dias atuais, em que ela largou tudo para ter uma vida ao lado dele.

— Eu preciso que você seja educado com a garota, Aaron, e estou falando sério — ele manda mais uma vez, apontando um dedo na minha direção. — Se eu tiver que tomar outras medidas para te fazer tratá-la bem, eu não vou hesitar.

— Vou dar o meu melhor — respondo, um pouco sarcasticamente, porém ele não percebe. Ou finge não perceber, não me importo.

— Se eu souber que ela fez alguma queixa sua para a mãe, não vou ignorar como aconteceu nas últimas vezes — Benjamin avisa, me fazendo relembrar dos momentos passados e das nossas pequenas intrigas, que ele deixou passar. — Se eu tiver que tomar providências, como te expulsar do apartamento, eu vou. Lauren tem que acreditar que eu me importo mais com o bem-estar da filha, do que com você.

*‘Você não se importa com ninguém’*, quero dizer, entretanto me mantenho calado e aceno com a cabeça.

Ele pode até estar planejando acabar com a pessoa que causou um grave acidente à sua família, só que está fazendo mais pelo seu ego ferido, do que pelo amor que sentia por mamãe. Eu tenho minhas dúvidas se ele realmente a amava da maneira que ela merecia, mas no fundo, eu sei que ele nutria algum sentimento positivo por ela. E quando Adele se foi, ele ficou devastado. Não só pela perda, como também pelas consequências que isso trouxe aos seus negócios.

Alguém de dentro da organização pode ter armado para nós, e ele irá descobrir isso, nem que seja a última coisa que ele fará na vida.

Iremos vingar Adele Yoon.

— Pode deixar, pai — respondo, antes de abrir a porta da sala e subir as escadas de volta para o restaurante, lembrando de que em algum momento, terei que voltar para casa e esbarrar com Lily Diggory por lá.

Eu não consigo olhar para a cara daquela patricinha de merda e não lembrar do que a pessoa próxima a ela fez com a minha família. Enquanto eu estou há anos sofrendo e procurando uma forma de me vingar do assassino da minha mãe, ela está feliz, vivendo em sua mini cidade, cheia de amigos e tendo tudo sendo entregue em suas mãos, apenas pela sua beleza.

Se ela, como meu pai desconfia, sabe do que aconteceu, mas está acobertando-o, realmente, sua beleza é apenas externa. Lily Diggory é horrorosa internamente.

Eu não estou contente por ter que morar sob o mesmo teto que a minha *irmãzinha*, muito menos ter que tirar forças do inferno para ser minimamente educado com ela.

Contudo, se nós nos ignorarmos, poderemos ter uma convivência decente. Cada um cuida da sua vida, e nos veremos pouco no apartamento, já que eu farei questão de passar o maior tempo possível fora de casa.

Não será tão difícil assim.



É difícil para caralho ignorar Lily Diggory, quando a primeira coisa que vejo quando chego tarde da noite é ela no sofá da minha sala de estar, assistindo algo na televisão, *desse* jeito. Com um pijama de seda que mal chega à sua virilha, a parte de cima deixando à mostra o contorno dos seus seios e os cabelos dourados caindo pela sua frente, chegando alguns dedos abaixo do seu busto.

Eu não sou cego, eu sei que ela é gostosa. E muito bonita. No entanto, mais uma vez, isso não compensa a sua personalidade extremamente irritante.

Não tivemos tantos encontros assim, porém em todas as vezes em que eu tive o desprazer de estar no mesmo ambiente dela e da sem noção da sua mãe, nós tivemos algum desentendimento. Caralho, eu já tinha deixado bem claro, desde o jantar em que nos conhecemos — há quase um ano —, que eu não estava interessado em bancar o irmão superprotetor e carinhoso com ela. Eu já tenho uma irmã mais nova, sangue do meu sangue, e não quero adicionar mais uma pessoa à minha família com esse mesmo título. Lauren tinha sido um mal necessário, mas eu não precisava aturar a filha mimada também.

Eu sabia que assim que ela abrisse a boca, eu não conseguiria manter a palavra de tentar ser educado com ela. Sempre que essa garota fala, é alguma besteira. Aparentemente, seu cérebro não filtra os pensamentos, e ela despeja merda atrás de merda. Por isso, para evitar que ela faça alguma reclamação para a mamãe, e eu acabe me fodendo, decido ser o mais silencioso, na medida do possível, para que ela não note a minha presença.

Não consigo chegar no início do corredor, quando sinto o momento exato em que ela tira os olhos da televisão e pousa-os em mim.

Azuis.

O azul mais vivo que eu já tinha visto.

— Você precisa fazer compras — ela comenta, elevando uma das sobrancelhas loiras para mim.

Como é que é?

— Você mexeu nas minhas coisas?

— *Nossas* coisas — ela responde, e um sorriso se forma em seu rosto, quando ela se levanta e caminha até mim, fazendo o short levantar mais um pouco.

Puta que pariu. Daqui a pouco, serei capaz de ver a boceta dela.

— Você chegou há um dia e já está se achando a dona daqui? — retruco, cruzando meus braços na altura do peito.

— Por que você não consegue ter um pingo de educação? — ela rebate, se aproximando de mim. — Eu só estava te dando um conselho ou sei lá. Não tem comida direito aqui.

Um conselho.

Como se fôssemos próximos o suficiente para isso.

Dou dois passos para frente dessa vez, e ela recua, piscando os olhos de boneca para mim.

— Lembre-se que o dono daqui, continua sendo eu, mesmo que você esteja passando uma temporada indesejada por aqui — digo, me aproximando ainda mais dela e fazendo-a se distanciar de mim, até que suas costas batam na parede do outro lado do corredor.

Apoio meus braços um de cada lado da sua cabeça, deixando-a sem saída.

Encurralada.

A pose de coragem que ela estava tendo há poucos minutos, murcha instantaneamente.

— Você não é dono daqui, Aaron — ela fala, ajeitando a postura e umedecendo os lábios carnudos e rosados. — Seu papai comprou para você e só ele pode me tirar daqui. Até lá… vamos ter que aprender a conviver juntos.

Ela continua com essa ideia de que eu sou um rico filhinho de papai. Porra, como essa merda me irrita!

— Não precisamos nos falar para ter uma boa convivência — constato, aproximando um pouco mais nossos corpos, e ela vacila. — Eu prefiro que não nos falemos.

Fraca.

— E por que você decide as coisas por aqui? Eu não obedeço a ninguém, Aaron, muito menos a alguém como você — ela retruca, afiada.

— Por que você não consegue aceitar nada sem retrucar? Eu duvido que você queira manter conversas cordiais comigo, porra.

— Eu consigo, mas não quero — ela rebate, como uma criança. — Não quero te deixar acreditando que vou ceder para qualquer uma das suas vontades. O apartamento é nosso agora, pelo menos por um tempo, e temos que tomar as decisões de tudo que acontece por aqui, juntos.

Levo uma das minhas mãos até seu maxilar, segurando-a firme, e ela arfa, surpresa. É uma das primeiras vezes que a toco, e espero que seja a última. No entanto, julgando pelo seu comportamento… não acredito muito nisso.

— Não se meta nos meus assuntos, Diggory, e eu não me meterei nos seus — digo, vomitando as palavras em cima dela, com nossos narizes a centímetros um do outro, e aperto um pouco mais a área que estou segurando. — Você não fala comigo, eu não falo com você, e vivemos em paz. Está bom para você?

Ela fixa suas írises nas minhas, ponderando em silêncio. Espero que ela não retruque, porque porra, ela quer manter conversas banais comigo, enquanto tomamos café da manhã juntos, como uma família feliz?

Isso não vai acontecer. Nunca.

— S-sim — ela finalmente responde, e eu sorrio falsamente para a garota.

— Não tente sair por cima de mim de novo, Diggory, porque da próxima, vou te deixar cair.

Solto sua mandíbula e sigo meu caminho para o meu quarto, abrindo com a chave que levei comigo.

É claro que eu não deixei a porta do quarto aberta quando soube o dia em que ela chegaria. Não queria ter a surpresa de tê-la bisbilhotando minhas coisas e descobrindo algo que não deveria.

Caralho.

Primeiro dia — não, primeira hora — que estamos sob o mesmo teto, e já sei que vai ser insuportável dividir a casa com essa garotinha mimada de merda.

Se ela seguir o nosso pequeno combinado e não se meter comigo, nós não teremos problemas. Contudo, quando se trata de Lily Diggory, eu tenho que esperar de tudo. A carinha de anjinho não me compra.

Afinal, Lúcifer também foi um anjo antes de cair.



# 03

## Lily Diggory

Há quase 1 semana, eu me mudei para Schönilla, e o episódio do meu segundo dia no apartamento ainda se repete em looping na minha cabeça.

Aaron muito próximo de mim faz sentimentos surgirem — aqueles que não são ideais para você sentir pelo seu meio-irmão — mas eles foram embora tão rápido quanto chegaram, quando ele praticamente cuspiu aquelas palavras na minha cara.

Nojento. Babaca.

Ele achou mesmo que conseguiu intimidar Lily Diggory? Nos sonhos dele!

Um dos ensinamentos mais valiosos que papai me ensinou foi a nunca abaixar a cabeça para ninguém. Ele sempre dizia que nem tudo valia uma discussão, e eu tinha que escolher minhas batalhas, porém quando isso acontecesse, eu não podia ceder para a outra pessoa. Eu precisava deixar muito claro o que *eu* queria.

E com certeza, Aaron Yoon não seria a primeira pessoa a conseguir me mudar.

Fora o nosso pequeno embate na semana passada, a convivência está... decente. É, acho que essa seria a melhor forma de caracterizar. O que não é muito difícil, já que ele passa quase o dia inteiro fora de casa. Eu nunca o ouço chegar — provavelmente porque deve ser bem tarde da madrugada —, entretanto às vezes, ele sai enquanto eu tomo meu *shot* matinal antes da corrida, que comecei a fazer pelas ruas próximas ao prédio.

Sem ele por perto, eu consegui focar um pouco mais em mim e fazer algumas mudanças no meu quarto, por exemplo. Mudei os móveis de lugar — alô, Feng Shui —, comprei uma roupa de cama nova e ainda organizei meus produtos de beleza nas gavetas da minha suíte.

Além da corrida pela manhã, que também comecei a praticar, eu vou direto para a academia do prédio depois. Eu não gosto muito de fazer esse tipo de exercício, para ser sincera. Como eu fui líder de torcida no colégio durante anos, eu me exercitava bastante diariamente no campo da escola com as outras meninas. No entanto, como eu não sei ainda exatamente como é a parte de esportes da faculdade, eu preferi começar a me exercitar sozinha, para não ter o risco de ganhar alguns quilinhos a mais nesses dias.

Dessa maneira, eu consegui estabelecer uma rotina. Acordo cedo todos os dias, tomo meu *shot* de imunidade — xingo Aaron pelas costas, quando ele sai pela porta —, corro mais ou menos uma hora e volto para o prédio. Já em casa, eu vou para academia, faço um pouco de Yoga no meu quarto e almoço um suco detox. E de tarde… nada. Eu apenas descanso, assisto algum filme ou série, tomo um banho… nada demais. E eu consegui terminar a segunda temporada da série que eu estava acompanhando, porque depois de esperar Aaron acordada de madrugada para perguntar sobre o WiFi, ele deixou anotado em um post-it na geladeira no dia seguinte.

Fofo, não é?

Não.

Eu pensei que, talvez, nossa rixa — sem motivo nenhum, já que eu só não gosto dele pela forma como ele me trata — tinha terminado, mas é claro que eu estava errada. E como eu descobri isso? Ah, essa é uma história interessante e que quase me fez perder o réu primário.

Após esse episódio do post-it na geladeira, eu quis fazer algo para agradá-lo também, como uma forma de agradecimento — mesmo que ele não tenha feito mais que a sua obrigação — e uma oferta de paz. Como eu já tinha notado que só usava roupas escuras, quando chegou o dia de eu levar as minhas roupas escuras, que são pouquíssimas, resolvi levar as dele comigo para a lavanderia do prédio. A porta trancada do quarto de Aaron foi um pequeno desafio, porém graças ao meu pai, eu sabia como abrir uma fechadura. Ele me ensinou a fazer isso com um clip, entretanto eu adaptei para um grampo de cabelo, porque sério, quem anda com clip na bolsa? Ninguém, contudo, eu sempre carrego vários acessórios de cabelo comigo. De qualquer maneira, eu consegui adentrar o quarto dele e tentei prestar a menor atenção possível ao ambiente. Não foi difícil, já que assim como o restante do apartamento, era tudo bastante impessoal. Segui meu caminho até o banheiro e peguei as roupas no cesto, levando-as para lavar. Naquele mesmo dia, quando elas já estavam secas, coloquei-as de volta no quarto e o esperei chegar também, pensando que enfim, poderíamos ser amigos.

— O que é essa porra no meu quarto? — ele falou alto demais, para eu ouvir da sala de estar, quando entrou em seu cômodo preferido.

— Uma oferta de paz? — tentei, sorrindo amarelo enquanto caminhava até onde ele estava. — Você deixou a senha do WiFi na geladeira, e eu pensei que… que não estava mais irritado comigo, então achei ser uma boa ideia fazer a minha oferta de paz também.

— Como você entrou no meu quarto, Lily? — ele perguntou, espumando pelos olhos. — Eu tranco a porta todos os dias antes de sair.

Ops. Parece que pisei na bola, mesmo tendo feito algo para ajudá-lo.

— Parece que você esqueceu hoje, e eu fiz algo legal para você. Não poderia ser alguém normal e agradecer? — rebato, não revelando como consegui acesso. Não acho que seria interessante ele saber de alguns dos meus talentos.

— Eu não esqueci de trancar.

— Sim, esqueceu. O que foi? Tem tanta droga no seu organismo que está começando a ter danos químicos no cérebro? — Eu tinha percebido que ele sempre chegava em casa cheirando a cigarro e bebidas, e isso indicava que ele não estava jogando conversa fora com os amigos em um rodízio de comida japonesa.

— Olha como você fala comigo, porra — ele disse e se aproximou de mim, me encurralando mais uma vez na parede, e dessa vez, sua mão foi parar na minha garganta, me mantendo no lugar.

— Aaron…

— Você não entra no meu quarto. Você não lava minhas roupas. Porra, garota, você não fala comigo. Entendeu? — ele questionou, aplicando um pouco de força, e eu sorri. Se estivéssemos nessa posição por outro motivo, eu já estaria *chegando lá.*

Ele não me assustava.

— Eu só queria ser uma boa colega de apartamento.

— Você nem deveria estar aqui, para início de conversa — Aaron respondeu, me largando e entrou no seu quarto, batendo a porta em seguida. Poucos segundos depois, ouvi o trinco e também fui para o meu próprio quarto, irritada.

Era isso que acontecia quando você tentava ser legal com as pessoas? Porra!

Quando me mudei, eu realmente estava disposta a criar algum laço com ele. Existia a possibilidade de que ele estivesse em dias ruins quando nos encontramos anteriormente, e ele seria uma pessoa totalmente diferente aqui.

Não, isso não é verdade.

Ele continua sendo a pessoa mais babaca que eu já tive o desprazer de cruzar o caminho. Argh! Babaca mimado do caralho. Se sente no poder apenas porque o papai tem dinheiro. Idiota.

Conforme eu ando pelo caminho indicado para minha primeira aula da faculdade de Moda — Matemática Contemporânea —, eu torço para não encontrá-lo pelos corredores da Universidade de Schönilla. Eu não faço ideia de qual curso ele faz por aqui, mas pela idade dele, deve estar terminando. Provavelmente é Administração, um típico curso que gente com dinheiro faz para se manter nos negócios da família. Com sorte, eu não esbarrarei com ele no meu primeiro dia de aula por aqui, e nem nunca, para falar a verdade.

Finalmente encontro a sala 204 e percebo, assim que entro, que sou uma das primeiras pessoas a chegar. Uau! Uma das únicas vezes que sou pontual.

Consigo encontrar um bom lugar para me sentar, ainda bem. Fico no canto esquerdo, perto das janelas e não muito atrás, para não parecer que estou desinteressada e nem muito na frente, para não parecer interessada demais e ser alvo de perguntas.

O lugar perfeito.

Enquanto a aula não começa, desbloqueio meu celular e entro no grupo de mensagens com meus melhores amigos do colégio, para saber como está sendo o primeiro dia de cada um. Infelizmente, quase todos fomos para universidades diferentes, até mesmo aqueles que namoram — porque é claro que eu seria a única solteira do grupo —, mesmo que ainda estejam perto um do outro.

Estou tão concentrada no aparelho, que não percebo quando uma menina se senta à minha mesa, já que as carteiras são para duplas.

— Não, Scott, eu ainda não o encontrei por aqui. — Ouço a voz feminina e me viro para observá-la, ela levanta uma das mãos para mim, pedindo para espera-la terminar de falar ao telefone. — É claro que não vou falar com ele! Não depois de tudo! Você acha que sou idiota?

Eu sorrio, achando um pouco engraçada a conversa que ela está tendo com Scott.

— Se ele chegar perto de mim e tentar uma gracinha, vai receber um belo tapa no rosto — ela fala para o cara do outro lado da linha, e eu arregalo os olhos. Em quem ela está pensando em bater? Meu espírito fofoqueiro está gritando para descobrir.

Durante o tempo em que ela está concentrada no celular, eu arrisco dar uma olhada melhor na minha dupla. A garota tem a pele negra, e as tranças no cabelo batem quase na sua cintura. A blusa preta está por dentro da saia, provavelmente da Burberry — julgando pela estampa —, e bate na metade das coxas, combinando com o arco em sua cabeça. Nos pés, um sapato preto estilo bailarina.

Uau.

Torno meus olhos para minha roupa de hoje. Uma blusa branca de manga curta e gola, vestido preto soltinho por cima. Já nos pés, eu uso mocassins — claramente, não são os da Prada — e meias brancas até o tornozelo.

Eu não sei se ela também cursa Moda, já que Matemática é uma matéria comum em muitos cursos, principalmente se ela estiver no primeiro semestre, como eu.

Eu tenho que fazer umas compras urgente. Eu consigo fazer milagres mesmo comprando em lojas de departamento e estou precisando disso nesse momento.

— Desculpe, era meu irmão mais velho. Meu ex-namorado também estuda aqui, e nós não terminamos de uma forma muito boa — ela explica, quando desliga a chamada e guarda o celular na bolsa preta, também de marca, claro.

Eu seria muito intrometida se perguntasse o motivo do término e por que ela escolheu vir para cá, sabendo que esse cara estaria aqui?

*'Sim, seria, Lily'*, respondo mentalmente para mim e desisto da ideia.

Por enquanto.

— Sem problemas — digo, fazendo um gesto com a mão para ela deixar para lá.

— Eu sou a Stella Mars, aliás — ela se apresenta, com um sorriso gentil.

Mars… não é um sobrenome comum, e eu acho que já ouvi em algum lugar, mas não consigo me lembrar onde. Tenho que lembrar de pesquisar isso mais tarde.

— Lily Diggory — digo, sorrindo de volta para talvez… minha primeira amiga. — Você também está no primeiro semestre?

— Infelizmente — Stella responde, ainda sorrindo. — E o que você está cursando? Ou ainda não escolheu?

— Moda — respondo, orgulhosa do meu curso e feliz por estar cursando o que eu mais queria, desde pequena. — E você?

— Administração — ela diz, com uma careta, e confirma o que eu já suspeitava, que ela é podre de rica. — Só para agradar meus pais, na verdade. Ainda não tenho certeza de qual carreira quero seguir. Mas você tem, não é? Qual área chama mais sua atenção?

— Quero ser estilista. Ter minha própria marca é meu maior sonho.

— Uau! Que demais! Já sei quem vou contratar para fazer peças exclusivas para mim — Stella fala, elevando as sobrancelhas castanhas para mim, e nós duas rimos. — Mesmo que eu não saiba exatamente com o que quero trabalhar, eu espero ir em muitos eventos importantes como meus pais e preciso de vestidos lindos e marcantes pra isso.

Eventos importantes com os meus pais.

Eu também quero ir em eventos importantes e elegantes com os pais de Stella Mars.

— Com o maior prazer! Mas vai ter que entrar na fila, porque o que mais recebo, são pedidos das minhas amigas da minha cidade.

— Pode me colocar atrás da última e você tem que prometer não esquecer de mim, hein — ela brinca, e eu sorrio ainda mais.

— Jamais! Como eu poderia esquecer de alguém que conheci há… — checo a hora no meu celular — seis minutos?

Nós rimos da piadinha sem graça, e logo o professor entra em sala, já se apresentando, e nós nos calamos. De soslaio, nós trocamos mais um sorriso amigável, antes de voltarmos a prestar atenção na apresentação

É, acho que ela tem um grande potencial para ser minha primeira amiga da faculdade.



Bastaram duas horas de aula para que Stella Mars e eu nos tornássemos grandes amigas.

O professor passou uma atividade em dupla para fazermos durante metade do horário da disciplina, e graças à minha nova amiga muito inteligente, conseguimos acabar bem rápido e passamos o resto do tempo conversando bem baixinho, e nos conhecendo melhor.

Stella tem 18 anos — assim como eu —, é canceriana e mora em Schönilla mesmo, mas num bairro bem mais afastado do centro. Sua família é dona de uma indústria farmacêutica, a mais famosa da Carolina do Norte, e ela se dá muito bem com os pais, na medida do possível, claro. Ela tem um irmão mais velho, Scott, com quem ela estava conversando mais cedo. Por terem apenas três anos de diferença, eles são bem próximos. No entanto, infelizmente, ele está fazendo alguns cursos de atuação em Santa Barbara, na Califórnia, bem longe daqui. Ela me confessou que sente falta dele todos os dias, e um dos motivos pelo qual escolheu ficar no alojamento universitário, foi para se distrair e fazer novas amizades, já que todas as pessoas próximas da época do colégio tinham decidido ir para faculdades fora do estado.

Ela não falou nada sobre o ex-namorado que estuda aqui e sobre o término conturbado deles, mas tudo bem, teremos outra oportunidade para isso.

A oportunidade em questão?

Ela me convidou para almoçar no refeitório junto da sua colega de quarto, uma garota chamada Ava Sinclair. Elas tinham chegado na sexta-feira, e como Ava não é daqui, elas ainda estão se conhecendo e só têm uma à outra. Por isso, eu estou animada para conhecê-la e feliz por estar sendo tão fácil fazer amizades no meu primeiro dia de aula.

Assim que entro no refeitório, encontro Stella e Ava logo de cara, sozinhas em uma mesa redonda, ainda sem nenhuma comida, provavelmente me esperando.

Merda.

— Lily! — Stella me cumprimenta animada, me chamando com a mão para me sentar. — Essa é Ava, minha colega de quarto.

— Oi, Ava. Prazer, Lily — me apresento, estendendo uma mão para ela, que a aperta, parecendo um pouco tímida.

— Boa tarde, Lily — ela diz, com um sorriso mínimo e desvia os olhos dos meus rapidamente.

Tímida e envergonhada. Tudo bem. Nora também é assim.

Ela tem a pele clara, e percebo que não tem um pingo de maquiagem no seu rosto, e assim como minha melhor amiga, ela também é maravilhosa com o rosto limpo. Os cabelos castanhos e lisos, até um pouco dourados no comprimento, são gigantes. Do tipo que batem quase em sua bunda. Uau.

— Seu cabelo é lindo — elogio com um sorriso.

— O-obrigada — ela agradece, com um sorriso um pouco maior. Com o tempo, ela vai se abrindo um pouco mais para a gente.

Ava está vestindo uma saia midi azul clara com florezinhas brancas e uma blusa branca, e nos pés, tênis da mesma cor. Não é o tipo de roupa que combina comigo, mas acho que é perfeita para ela, e olha que mal a conheço.

— Vamos pegar nosso almoço? — Stella sugere, apontando com a cabeça para onde estão as comidas.

— Eu fiz um lanche durante uma das minhas aulas e não estou com fome — a mentira desliza pela minha língua com uma grande felicidade, e como elas não me conhecem, não suspeitam de nada e assentem.

— Tudo bem, amiga. Nós vamos lá então — ela fala, e Ava levanta, seguindo-a para a pequena fila de alunos.

Ufa.

Tudo sob controle por enquanto.

Tiro uma barrinha de cereal de banana da bolsa, junto da minha garrafinha d'água e como tudo antes que elas retornem para mesa. Conforme tento saborear meu almoço, dou uma olhada nos alunos da faculdade. Todos já estão em algum grupo e parecem estar enturmados, mesmo parecendo calouros como eu. Consigo identificar os veteranos, já que eles exalam um ar de *somos melhores do que vocês* e ficam mais afastados, reunidos em uma outra área.

E é quando vejo Aaron Yoon cercado por mais duas pessoas, as mesmas do casamento.

A menina de cabelos castanhos definidos perfeitamente continua magnífica. Dessa vez, ela está com uma calça skinny, uma blusa e uma jaqueta de couro por cima, tudo preto. A única outra cor presente nela hoje é o vermelho dos lábios, da cor de sangue. Ela está em pé perto de Aaron, com uma das mãos apoiadas em seu ombro e falando algo em seu ouvido, ao passo que o braço dele descansa em sua cintura.

Tenho pena dela por estar com alguém como ele.

O outro cara, no entanto, está com um sorriso estampado no rosto e parece muito mais amigável do que os amigos, enquanto bate papo com um grupo de garotos mais novos, calouros provavelmente. Ele tem a pele negra clara, e as pontas dos dreads são azuis, da mesma cor da camisa, e eu sorrio. Não sei se foi proposital, porém ficou demais. A calça jeans despojada completa o look, e os headphones pretos combinam com o visual.

Contudo, é claro que Aaron e sua namorada — pelo menos eu acredito que seja, observando o jeito que eles se tocam — fingem que ninguém à volta deles existe. Estou prestes a desviar o olhar, quando as írises pretas dele se conectam com as minhas, e eu sou pega no flagra.

Puta que pariu.

Não tem como disfarçar, está claro que eu estava observando-os. Aaron sorri, balança a cabeça negativamente e aproxima o rosto do da menina, sussurrando algo em seu ouvido. Ela ri e torna sua cabeça para mim, me olhando de cima a baixo e voltando a conversar com ele. Eles não olham mais para mim depois disso.

Que merda eles estavam rindo de mim?

— Certeza que você não quer comer, amiga? — Stella pergunta, e eu pisco, prestando atenção nelas, que acabaram de se sentar na minha frente novamente. — Hoje tem pizza de boas-vindas.

— Não, está tudo bem. Estou cheia, mas obrigada — respondo, oferecendo um sorriso e bebendo um pouco mais de água.

O cheiro das fatias de pizza das duas me deixa um pouco enjoada, porém acho que consigo sobreviver a esse almoço.

— O que você está cursando, Ava? — pergunto, um pouco interessada e um pouco tentando fugir do assunto alimentação.

— Ainda não escolhi, mas acho que devo fazer algo como Jornalismo, Teologia… não sei.

Teologia.

Tudo bem!

— O pai dela é pastor — Stella explica, e espero que eu não tenha sido muito expressiva.

— Alguma igreja por aqui?

— Sou do Tennessee, na verdade. A igreja fica a algumas ruas da nossa casa — ela revela, e eu me surpreendo por ela ter vindo para tão longe fazer faculdade.

Quer dizer, não tão longe assim. Se ela quisesse ficar perto da família, teria ficado por lá mesmo. Se ela quisesse ficar longe da família, deveria ter escolhido uma universidade ainda mais longe. Talvez eu esteja ficando mais desconfiada das pessoas, entretanto sinto que tem algo a mais nessa história.

— E você também frequentava? — questiono, realmente curiosa.

— Religiosamente — ela responde, sorrindo pelo trocadilho. — Vocês acreditam em alguma coisa?

— Eu sou cristã e cresci na igreja, assim como você, mas isso, você já sabe — Stella diz, piscando um dos olhos para a colega de quarto, e as duas se viram para mim.

— Eu acredito em Deus, mas não faço parte de nenhuma religião — digo, dando de ombros.

Meus pais não são religiosos, então nunca tive a presença familiar de alguém para me induzir a me identificar com alguma religião.

— Ah! Em breve vai abrir a temporada de testes para os esportes. Vocês vão se inscrever para alguma coisa? — Stella muda o tópico da conversa de repente, e para minha sorte, é para algo que eu estava pensando em falar também.

— Eu era líder de torcida no colégio e acho que vou tentar ser do time daqui também — comento, e o rosto da nova amiga se ilumina.

— Eu também! — ela fala, animada, e eu sorrio ainda mais.

— Mentira! Vamos ser líderes de torcida juntas. — Comemoramos com pulinhos, mesmo sentadas, e entrelaço nossas mãos rapidamente.

— Você devia tentar também, Ava! — Stella sugere, virando de lado para a morena.

— E-eu não gosto. Mas obrigada por lembrarem de mim — ela diz e parece sincera.

— Nenhum esporte? — Mars sugere, e ela nega. — Poxa! Mas tudo bem, você pode ir nos nossos jogos quando formos escolhidas.

— Estarei lá.

O restante do almoço continua bem animado, e nós conversamos sobre tudo. Desde as aulas que tivemos hoje pela manhã, até o que preferimos, comidas salgadas ou doces. No pouco tempo que nos conhecemos, já consegui perceber que elas são pessoas incríveis e tive muita sorte de fazer amizade com pessoas tão maravilhosas assim.

Estamos saindo do refeitório, depois que elas terminaram de comer, quando Stella, que está andando no nosso meio, para de repente e nos faz parar junto.

— Vamos na festa de boas-vindas juntas, não é? — ela diz, andando até o canto para não atrapalhar os outros alunos.

— Que festa? — pergunto, interessada.

Eu adoro uma festa.

— Em uma das fraternidades masculinas! Nós precisamos ir! Aqui. — Ela pega o celular e nos mostra as informações do evento.

— Eu não gosto muito de festas — Ava fala, um pouco envergonhada por recusar o convite.

— Vai ser legal, amiga! Nós vamos estar juntas, e tenho certeza que vamos curtir muito — Stella tenta, mas nossa outra amiga nega.

— Talvez na próxima?

— Na próxima, você não escapa da gente — Mars avisa, apontando o dedo indicador para Ava em tom de brincadeira e se vira para mim. — Você vai comigo, não é?

— É claro que vou, amiga. Já estava com saudades de uma festinha — respondo, balançando as sobrancelhas e abrindo um sorriso malicioso.

— Você é das minhas, Lily — ela diz, batendo o quadril com o meu, e nós três rimos. — Depois combinamos o que vamos fazer no dia! Odeio me arrumar sozinha para as festas — comenta, fazendo uma careta no final, e eu sorrio.

— Nem me fale! Eu também odeio. A gente combina o que for melhor para a gente durante a semana, já que a festa é na sexta, tudo bem? — *Melhor para gente*, no caso, em algum lugar que não seja meu apartamento, porque não quero levar minhas amigas para lá sem ter certeza que Aaron não estará.

— Perfeito!

Nos despedimos um pouco depois, quando cada uma vai para sua próxima aula, e eu já sinto saudades delas.

Como ainda tenho alguns minutos antes de ir para a sala 102, decido descansar um pouco em um dos bancos do jardim da universidade, que por sorte, está quase vazio. Tem um casal se pegando em uma das árvores — e eu seguro minha vontade de gritar para eles arrumarem um quarto — e um grupo de meninas na mesa de piquenique com um jogo de cartas. Como estamos todos bem afastados uns dos outros, está tudo bem silencioso.

Encosto minhas costas no banco de madeira e procuro meu material de desenho na bolsa. Essa cena me inspirou, e eu preciso colocar no papel! Ilustrar pessoas, cenários, animais… não é o que eu curto muito, mas às vezes — como nesse momento —, eu tenho um pico de energia e necessito de inspiração, pôr os meus sentimentos no papel.

Eu estou pegando tudo que preciso de dentro da minha bolsa, quando vejo meu celular se acender com uma nova mensagem. Pensando que pode ser Stella, pego-o e desbloqueio, porém é claro que não sou tão sortuda assim.

É minha mãe.

**Mãe:** boa tarde, querida! Já almoçou? No refeitório da faculdade? Ouvi falar que só tem comidas gordurosas por lá, então cuidado, Lily. Não queremos gordurinhas a mais por desatenção, não é mesmo? ☺

Ainda tem a coragem de colocar uma carinha feliz! Pelo amor de Deus!

**Eu:** ok, mãe.

Curta e sucinta, cortando o assunto.

É o que eu espero, só que Lauren Yoon espera outra coisa.

**Mãe:** só quero o seu bem, meu amor. Você não quer acabar igual a mamãe, quer?

**Mãe:** você precisa arrumar um homem rico de primeira, para que isso não aconteça! Sabe como fiquei devastada quando perdemos o seu pai.

Ela ficou devastada porque ele não deixou nenhum dinheiro para a gente, e não por causa dele como pessoa.

**Mãe:** você é linda, querida, mas precisa se manter assim para alcançar seus objetivos.

*Os objetivos dela*, não os meus. Ela quer que eu me case muito bem e largue tudo para viver à mercê do meu marido, todavia, eu tenho outros planos para o meu futuro, e isso a enfurece. Ela queria que eu fosse uma versão melhorada de si própria e quase teve um ataque do coração quando eu disse que desejava fazer faculdade.

O que você vai fazer com esse diploma dentro de casa, Lily?

Foi o que ela me perguntou, já que aos seus olhos, eu só serviria para isso: ficar de empregada do meu futuro marido, fazendo todas suas vontades, apenas porque ele tem uma quantia exorbitante de dinheiro.

Pessoas bonitas como nós, só servem pra isso, querida, e por isso precisamos fazer muito bem o que temos que fazer.

Argh.

Tenho nojo das palavras que ela desfere para mim há anos, até mesmo quando eu era pequenininha, e papai ainda estava no cenário.

**Mãe:** já achou algum salão bom por aí? Pode pagar tudo no cartão que Benjamin te deu, querida, ele não se importa. Você precisa voltar a fazer hidratações semanais, as unhas, sobrancelhas e também uma limpeza de pele.

**Mãe:** me liga quando você não estiver ocupada.

Ela provavelmente percebeu que eu estou visualizando todas as mensagens e não respondendo nenhuma, presumindo que eu estou fazendo isso porque estou ocupada, e não porque não quero falar com ela.

**Mãe:** te amo, filha.

Se isso é ser amada, eu espero que ninguém me ame de verdade.



# 04

## Aaron Yoon

Há poucas pessoas que eu admiro, e uma delas é Kiara Lust.

Nós nos conhecemos ainda no colégio, no ensino fundamental. Nossas famílias tinham negócios em comum, e por isso, estávamos sempre juntos em eventos que alguma delas oferecia, o que nos fez ficarmos cada dia mais próximos. Assim como eu, Kie sempre foi uma pessoa mais fechada e não tão fácil de fazer amizade. E como temos alguns traços de personalidade em comum, foi inevitável a nossa amizade. Nossos pais até acreditavam que casaríamos um dia, mas bem… ela gosta de meninas tanto quanto eu.

Há alguns anos, logo após nos formarmos no ensino médio, seus pais morreram em um incêndio na própria casa. Naquela noite, nós estávamos juntos em uma festa comemorativa para celebrar o fim dos anos escolares e só descobrimos o que tinha acontecido horas depois, já que nenhum de nós ouviu os celulares tocarem.

Ela ficou devastada. Durante meses, sofreu em silêncio, em luto pela morte das pessoas que mais amava no mundo. Diferente de mim, ela tinha uma ótima relação com ambos os pais, e dentro do possível, eles eram uma família feliz. Mesmo com o trabalho nem um pouco dentro da lei deles, eles conseguiam ter uma vida bastante normal. Pelo menos, para pessoas como nós.

Eles deixaram uma boa herança para Kiara, e ela poderia passar uns bons anos despreocupada, porém minha amiga não queria isso. Ela queria continuar o legado dos pais e não, deixar tudo que eles demoraram anos para construir, desmoronar.

Dessa forma, como ela sabia que ninguém nesse ramo a levaria a sério por ser uma jovem mulher, criou um nome fantasia. Um tio distante por parte do seu pai, que tinha negócios na costa oeste dos Estados Unidos, quando soube da tragédia, veio para cá cuidar da sobrinha e assumir a boate da família. O tio dela se chama Kieran Lust, tem 35 anos e dedica toda sua vida à Lust, o negócio mais lucrativo do seu irmão mais velho. Minha amiga é extremamente detalhista e perfeccionista no que faz, e é por isso que mesmo depois de três anos, ninguém desconfia da sua mentira.

Há três anos, Kiara é responsável pela Lust, a boate mais famosa de Schönilla e uma grande fonte de lucro para si mesma e todos que fazem negócios por lá, como a organização do meu pai. Em dias de grandes eventos, conseguimos arrecadar um bom dinheiro vendendo drogas para jovens ricos e inconsequentes, que não têm medo de misturar vários tipos de entorpecentes e bebidas. No nosso acordo, ela fica com 30% do lucro das vendas, e como as pessoas que trabalham para nós são excelentes no que fazem, conseguimos fazer uma boa grana semanalmente.

Além das festas, há outras partes da boate onde acontecem mais coisas. Como por exemplo, o segundo andar, onde jogos de azar rolam algumas vezes por semana. É uma espécie de mini cassino. Desde Poker — um dos mais comuns e previsíveis — até Craps, a sala 105 está sempre cheia de apostadores dispostos a tentar a sorte contra Kiara, a melhor jogadora do local. Muitos ainda subestimam minha amiga, achando que por ela ser mulher, não sabe o que está fazendo.

E todos saem de lá de queixo caído quando descobrem como ela é excelente e perde poucas vezes.

Acredito que em todos esses anos que a conheço, só a vi perder duas vezes e por causa de distrações externas, e foram erros que ela não cometeu novamente. Quando ela está jogando, está jogando. Há ordens de que ela não pode ser interrompida quando o letreiro do lado de fora, na porta, está vermelho, e desde então, ninguém tem coragem de atrapalhá-la.

No subsolo acontece outro tipo de atividade também. Há um ringue de luta, onde semanalmente acontecem brigas clandestinas com apostadores de todas as idades e muito sangue jorrado. O dinheiro feito lá embaixo é muito, muito mesmo. Apesar dos lutadores estarem sempre revezando — já que qualquer pessoa pode aparecer para lutar por ali — existe um que está sempre presente e dá a sua vida em todas as lutas, almejando sempre a vitória.

Cameron Parker.

Ele tem 20 anos, a pele negra clara e cabelos castanhos claros, assim como os olhos, mas hoje, a ponta dos dreads está laranja. Vaidoso, ele sempre muda a cor dos cabelos para combinar com a cor da camisa que pretende usar em alguma festa ou evento importante. No primeiro dia de voltas às aulas, ele escolheu azul, porque usaria uma roupa azul.

Eu já cansei de discutir com ele sobre essa palhaçada e só observo ele fazer o que bem quer.

Nos conhecemos no segundo ano do ensino médio, quando ele se mudou para Schönilla depois do seu avô falecer e deixar uma casa na cidade para ele e sua avó. Mesmo recebendo a pensão do avô, ainda não tinha dinheiro suficiente para ele conseguir sustentar sua avó, e por isso, começou a usar outros métodos para arrecadar grana. O trabalho de meio período no restaurante do meu pai não pagava bem o bastante, e quando meu pai soube que ele precisava de mais, sugeriu que ele começasse a lutar em seu nome. Ele pagou muitos bons professores de lutas para que Cameron chegasse no nível em que está hoje, e como ele sempre foi muito bom, melhorando a cada dia, Benjamin continua com seus serviços até hoje, mesmo que atualmente, meu amigo já esteja fazendo suas lutas privadas. Tecnicamente, com o dinheiro que ele recebia das vitórias, dava para manter a casa e ainda juntar na poupança para pagar a mensalidade da faculdade.

Contudo, quando você consegue um pouco de grana, quer mais. Quanto mais você tem, mais você quer. Quando entra uma garota na jogada, tudo piora.

Cameron se apaixonou por uma das garotas ricas da cidade, e eles tiveram um lindo romance, até que ele começou a ouvir certas coisas na mansão dela, e também, claro, algumas fofocas pela cidade. Sobre os status sociais deles serem bem diferentes e que isso geraria conflitos no futuro. Falavam que uma garota como *ela* nunca ficaria feliz a longo prazo com um garoto como *ele.*

Cheio de ouvir esses comentários preconceituosos e não poder fazer nada, ele decidiu que para conquistar ainda mais o coração da sua amada, precisava de mais dinheiro. E existia uma melhor opção do que vender drogas para Benjamin Yoon em festas escolares e universitárias?

Sim, existia, porém Cam não achava isso.

Eu tentei tirar essa ideia maluca da cabeça dele, porque eu conheço meu pai e tinha medo do que poderia acontecer com meu melhor amigo, só que ele não me deu ouvidos. Ele colocou na própria cabeça que precisava de mais, se quisesse um dia levar a garota para o altar.

Conclusão? Ela descobriu tudo isso e pediu para ele sair dessa, entretanto ele negou. Não só porque ele não queria parar de fazer essa quantidade de dinheiro, mas também porque não tinha como. Meu pai não o deixaria sair mais, depois de ter entrado. É claro que ela não gostou nada disso, e eles terminaram há alguns meses.

Não vou superar que esse filho da puta jogou sua vida fora por causa de uma garota que, pelo que eu sei da história, nunca esteve nem aí para ele. Se ela realmente o amasse, entenderia que tudo que ele fez foi por ela, e estariam juntos até hoje.

Idiota.

— Cameron! Mais forte — Kiara instrui, se inclinando no mosaico da área que cerca o ringue, e eu volto a prestar atenção na cena à minha frente

Hoje, ela está com os cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo no topo da cabeça e com roupas pretas de ginástica, assim como eu, já que todos combinamos de treinar juntos.

— Você não é minha treinadora, gata — ele responde, lançando uma piscadela para nossa amiga e continua treinando no saco de areia.

— Ele é impossível — ela resmunga, se afastando de onde está para vir para perto de mim, em uma das paredes.

— Ele não acha que você saiba do que está falando — provoco, só para irritá-la.

— Ele nem é maluco de achar uma palhaçada dessas — ela retruca, revirando os olhos castanhos. — Cameron sabe que eu acabo com ele de olhos fechados.

Eu também sei disso e aceno com a cabeça.

Kiara treinou com professores de legítima defesa durante anos, até começar a aprender outros tipos de luta… daquelas que valem de tudo. No nosso mundo, só movimentos para se defender não são suficientes. Precisamos saber atacar, para quando for preciso. Ainda mais ela, que faz tudo sozinha e não gosta de ninguém protegendo-a.

— Você vai na festa de boas-vindas hoje? — pergunto para minha amiga no mesmo momento em que vejo Cameron saindo do ringue e vindo até nós.

— Preciso ir? — ela questiona, com uma careta.

Kie odeia festas universitárias. Na verdade, qualquer tipo de festa. O que é um pouco irônico se considerarmos que ela é dona da maior e melhor boate da cidade, famosa por suas festas em um raio de 100km.

— Vai ser divertido, Kie — Cam diz, entrando na conversa. — Pode usar um dos quartos para aliviar esse estresse. Quem sabe achar alguma garota que não tenha medo de você?

— Quer aparecer na festa com um olho roxo, Parker? — ela rebate, dando dois passos na direção dele, que se distancia dela. — Acho que não.

— Dá para entender porque elas têm medo de chegar em você — ele fala baixinho, mas não o suficiente para não ouvirmos.

Não posso discordar dele, infelizmente. Kiara é uma mulher muito bonita, porém aterrorizante. Todos sabem que sua família é dona da Lust e de todas as coisas ilegais que acontecem aqui dentro. Juntando isso à minha amiga estar sempre de cara fechada e mau humor, nenhuma das garotas com quem ela troca olhares nas festas, tem coragem de se aproximar.

— Você sabe que eu consigo todas que tenho interesse, Cam — ela responde com uma malícia no tom de voz, e eu sorrio.

Isso é verdade. Se Kie realmente fica interessada em alguém, ela consegue colocar a mulher aos seus pés.

— Isso quer dizer que todos vamos? — Cameron pergunta, abrindo um sorriso esperançoso.

Ele gosta quando vamos todos juntos para os eventos, e como isso nem sempre acontece, fica ainda mais animado quando confirmamos presença na mesma festa.

— Infelizmente — Kiara diz, voltando sua atenção para as unhas vermelhas.

— Posso passar aqui para te pegar — sugiro para ela, já sabendo que Cam provavelmente vai nos encontrar lá, porque precisa pegar o carregamento de drogas antes e distribuir para as outras pessoas venderam também.

— Estarei pronta — ela responde, antes de virar as costas e subir as escadas de volta para a boate.

Primeira festa do meu último ano letivo.

Tem tudo para ser boa — na média que uma festa universitária pode ser — e épica. Eu já fui a tantas dessas durante a faculdade, que já sei de cor todas as coisas que podem dar errado e estou acostumado.

Nada poderá me surpreender hoje à noite.



Não quero ser hipócrita e dizer que nunca gostei de festas universitárias, mas depois de vários anos frequentando-as, você começa a enjoar.

É tudo do mesmo, sendo repetido em looping.

A festa em que estou hoje, por exemplo, em uma das fraternidades masculinas. Podia ser a mesma festa de Halloween que fui há dois anos. Tirando alguns rostos novos — calouros — são as mesmas pessoas, mesmas músicas e mesma bebida.

Eu estou no mesmo lugar — encostado em uma das paredes perto da pista de dança improvisada —, porque consigo ficar de olho não só em Cameron, já que eu sei que ele sabe o que está fazendo, mas também nos outros capachos do meu pai. O que tem de universitário rico e metido à besta, achando que pode dar a volta em nós, é demais para contar nos dedos. E como, normalmente, Benjamin designa os novos integrantes da organização para essa função, às vezes as coisas podem fugir um pouco do controle, porque alguns têm medo de insistir no pagamento. Por isso, para eles não se meterem em uma merda de situação, eu fico por perto observando o movimento e se vejo qualquer coisa que chame minha atenção, vou resolver.

Aaron Yoon de 21 anos, babá de marmanjo com mais de 25, porque tem medo de alunos bêbados.

Sinceramente.

Alguns casais se pegam abertamente nos cantos da fraternidade e me dão vontade de puxá-los pelos cabelos até um dos quartos. Porra, essa casa é gigante. Ninguém é obrigado a ficar vendo essa merda. Outras pessoas se divertem com jogos com bebida, como o clássico beer pong e sete minutos no paraíso. Sim, alguns por aqui ainda agem como se tivessem 15 anos. No entanto, mesmo nunca tendo participado dessas palhaçadas, algo me diz que eles não usam a chapelaria para *apenas* se beijarem.

A cozinha fica estrategicamente localizada perto da porta da entrada, fazendo com que todos os convidados recém-chegados tenham que passar por lá, e assim, já iniciar a noite com uma bebida em mãos. Uma das regras — sem noção — da porra da fraternidade é bebida de graça a noite toda, para que todas as pessoas presentem fiquem bêbadas e aproveitam ao máximo a festa. Para mim, isso é só uma desculpa para alguns dos filhos da puta batizarem os copos das garotas. Por sorte, eu nunca vi isso acontecer, porque se eu soubesse de alguma merda dessas, os estupradores já estariam a sete palmos do chão.

— Tudo vendido, irmão. — A voz de Cameron surge do meu outro lado, e eu viro para ele, depositando a garrafa de cerveja vazia na mesinha ao meu lado. — Estou pronto para fazer o chão dessa casa tremer!

— Não vai ficar de olho nos seus pupilos? — pergunto, apontando com a cabeça para a pista atrás dele, onde o resto dos caras ainda vende seu estoque da noite. Eu estou aqui apenas para observar, o verdadeiro responsável por eles é meu amigo.

— Eles já sabem as regras. Não preciso ficar de babá em cima deles — Cam responde, dando de ombros e roubando a garrafa de tequila de uma menina que passa por nós.

— Ei! — ela o repreende, parecendo brava, mas logo a expressão muda, quando olha bem para o rosto do meu amigo. — Sabe, você pode tomar o shot de uma maneira diferente — a garota sugere, com um sorriso malicioso se formando em seus lábios.

— E como seria isso? — meu amigo pergunta, se aproximando mais da ruiva.

— Você pode beber de mim — ela responde, abrindo o casaco jeans e mostrando seu decote, fazendo meu melhor amigo salivar. — O que acha?

— Eu acho perfeito, gata — Cameron diz, passando o braço pela cintura da menina.

— Você pode participar também, se quiser. — Dessa vez, a ruiva direciona suas palavras a mim e estende o braço para me tocar, porém eu recuo.

— Eu passo — digo, passando por eles e seguindo meu caminho para o lado de fora da casa.

Eu já tinha dividido algumas garotas com Cameron, isso não é algo incomum entre nós. Inclusive, ao mesmo tempo. No começo da faculdade, você está com os hormônios à flor da pele por finalmente estar em um novo ambiente, com novas pessoas, e muita energia para gastar.

Depois de um tempo, tudo vai perdendo a graça, e você precisa de algo novo para se entreter. E ficar com as meninas da universidade é algo que eu não repetiria mais.

Eu já tive algumas fodas muito boas com algumas, só que não vale todo o estresse que vem depois. De um lado, tem aquelas que se emocionam um pouco demais após uma transa no banheiro de uma festa. Do outro, tem aquelas que querem te ter apenas para poderem espalhar para toda a faculdade que ficaram com o misterioso Aaron Yoon. E eu só ganhei a merda desse apelido porque, ao contrário de todos os outros alunos, eu não saio contando todos os detalhes da minha vida para qualquer pessoa que cruze meu caminho.

Perdi as contas de quantos episódios como esses já aconteceram, e por isso, decidi me aposentar de transar com essas garotas de Schönilla em festas assim. Não parei de ter uma vida sexual, óbvio que não, mas eu fiquei mais seletivo sobre onde eu enfio meu pau. De preferência, eu escolho aquelas que eu nunca mais verei na vida, como as turistas ou as esposas dos caras que fazem negócios com Kieran Lust — Kiara, para os íntimos.

E falando em Kiara… eu tinha a perdido de vista há quase uma hora. Chequei meu celular algumas vezes, e nenhuma mensagem dela, o que quer dizer que ela provavelmente está trancada em algum quarto ou aterrorizando alguns garotos nos jogos de cartas no porão. De qualquer forma, ela deve estar bem.

Vou até a área da churrasqueira e procuro alguma bebida decente na geladeira. Quando você vem em muitas festas no mesmo local, acaba descobrindo alguns segredos. Por exemplo, os moradores sempre escondem as melhores coisas do lado de fora, já que a maioria dos convidados prefere ficar do lado de dentro e beber do que tem na cozinha.

Confirmando o que eu já sabia, pego uma garrafa de uísque de um dos moradores e sirvo no copo de plástico vermelho mesmo, apoiando as costas na pia enquanto observo algumas das pessoas que estão na piscina, de roupa e tudo. A bola de praia é jogada de um lado para o outro, e pelo que estou vendo, quem a deixa cair, precisa beijar a pessoa que jogou para ela. Como não lembro da face de nenhuma das pessoas lá dentro, desconfio que sejam novos alunos da universidade de Schönilla.

Um jogo idiota, como esperado dos calouros. Provavelmente, algum veterano tarado quis vê-los se pegando e sugeriu essa merda.

Clássico.

Cameron já deve estar em um dos cômodos da casa junto da ruiva — talvez até com amigas dela —, tentando remendar o buraco em seu coração que a ex-namorada deixou. Ele afirma para mim e Kiara que não sente mais nada pela garota e que ela foi apenas uma diversão do ensino médio. Quando tocamos no assunto de ele ter começado a se envolver com assuntos mais pesados, sendo um dos únicos objetivos mostrar à família dela que ele tinha tanto dinheiro quanto eles e merecia a filha deles, ele desconversa. Cam diz que era só tesão de adolescente confundido com amor.

E é por causa desse *apenas tesão adolescente confundido com amor* que ele transa com qualquer pessoa que respira e enche o rabo de bebida, quando não está em alguma aula na universidade. Quando ele não está fazendo nenhuma dessas coisas, ele está no subsolo da Lust, treinando para sua próxima luta.

O que Cameron nunca está, é parado. Como dizem, mente vazia, oficina do diabo. Se ele está sempre em ação, ele não pensa na garota que partiu seu coração. Eu já tinha avisado que a longo prazo essas tentativas de não encarar a realidade não dariam mais certo, mas ele não me ouve. Desisti de tentar. Ele que se foda sozinho por causa de uma riquinha filhinha de papai qualquer.

A fim de tirar a vida amorosa do meu melhor amigo da minha cabeça, pego a caixa de cigarros no bolso da calça junto do isqueiro rosa com lantejoulas — obra da minha irmã —, acendendo um deles. Percebo também que uma das árvores do quintal, onde sempre há casais protagonizando cenas inapropriadas para o público, está vazia e caminho até lá.

O portão que leva para frente da casa da fraternidade está aberto, e de onde estou agora, consigo ter a visão de todos que entram na festa. Assim como de quem sai.

Ainda está cedo, porém algumas pessoas já estão indo embora. A maioria, bêbados sendo carregados pelos amigos para um Uber que já os espera na calçada. Porra, se você não sabe seu limite para bebidas, não bebe. Foi a única discussão que tive com Cameron há alguns anos, quando ele tinha acabado de terminar o namoro e resolveu que seria uma ótima ideia beber até cair. Resultado? Eu tive que levá-lo carregado para a casa da sua avó e ainda ter que lidar com a idosa fazendo mil perguntas sobre o estado do neto. No dia seguinte, eu apareci por lá, e assim que ele apareceu na porta para me receber, lhe dei um soco no meio da cara, e como ele é estourado, devolveu na mesma moeda.

Foi nossa primeira e última briga, verbal e física. Ele entendeu que eu não gosto desse comportamento de ficar alucinado por causa de bebidas. Se ele quisesse, era mais do que livre para fazer o que bem entendesse, só que não quando eu estivesse junto e me sentisse responsável pelo bem-estar dele.

Termino meu cigarro e jogo no chão a bituca, apagando com a ponta do tênis.

Dou uma olhada à minha volta e decido que é melhor voltar para dentro, mas não antes de pegar mais um pouco de uísque da área externa.

A sala de estar transformada em pista de dança continua abarrotada de pessoas, e preciso empurrar uma boa quantidade de idiotas para conseguir atravessá-la, e chegar do outro lado, onde estava antes. Eu consigo ter uma visão do ambiente e ficar de olho em tudo que acontece perto de mim.

Estou vasculhando as pessoas em busca de Kiara, quando vejo cabelos loiros dourados balançando no ar e já sei imediatamente quem é.

Lily Diggory, mais conhecida como meu inferno pessoal.

Não é uma surpresa que ela esteja aqui, visto que é uma festa de boas-vindas para calouros, entretanto eu torcia para não esbarrar com ela.

Ela está de frente para mim, só que ainda não me viu, dançando com sua amiga. Lily está com um top brilhante e uma calça preta daquelas apertadas, que marcam tudo, inclusive, sua bunda redonda e dura, pedindo por uns tapas.

*'Que não vai ser você que vai dar',* meu subconsciente diz para mim, me lembrando que, tecnicamente, ela é minha meia-irmã, e isso não é algo que irmãos fazem. E claro, eu preferia perder uma mão, do que tocar essa garota. Ser bonita e gostosa não é suficiente para atrair minha atenção.

Lily mexe os quadris no ritmo da música, e os olhares de todos os homens — e de algumas mulheres — estão fixados nela. Tenho uma vaga lembrança do meu pai ter comentado que ela era líder de torcida no colégio, o que explica como ela tem jeito para dança. Ela rebola até o chão, passando as mãos por sua barriga descoberta no processo, e sinto minha boca ficar seca.

Porra, Aaron, nunca viu uma garota dançando antes?

Não como Lily Diggory.

Um dos caras ao redor finalmente toma uma atitude e se aproxima por trás dela, colocando as mãos em sua cintura e sussurrando algo em seu pescoço, fazendo-a sorrir. Ela leva um dos braços para trás, alcançando o pescoço do cara, e a outra mão ela entrelaça com a dele em sua cintura, fazendo-os se mexerem com a batida do rap tocando nas caixas de som.

Não sou obrigado a ficar assistindo esse show.

Largo meu copo de uísque vazio em cima de um dos móveis e saio em direção à cozinha, procurando por Kiara para perguntar se ela já acabou e quer uma carona para casa.

— Aí está você! — a pessoa que eu estava procurando diz, me puxando pelo antebraço para um canto vazio da cozinha. — Onde você estava?

— Onde você estava?

— Por aí — ela responde, e um sorriso cheio de malícia se forma em seus lábios. — Mas faz tempo que estou te procurando e não te achei.

— Eu estava fumando lá fora.

— Ainda tem algum pra mim? — Kie questiona, esperançosa, e eu alcanço meu bolso, tirando um cigarro e entregando em suas mãos.

Ela puxa dos meus dedos e coloca entre os lábios, em um pedido para que eu o acenda. Pego meu isqueiro e aproximo da sua boca, nossos olhos fixos um no outro. Levo meu polegar até a roda metal e giro, gerando a faísca, e logo a chama aparece, acendendo o cigarro da minha amiga.

Estou guardando o utensílio de volta, quando ouço alguém se aproximando de nós. A pessoa está vindo na minha diagonal e não aparece tão sóbria assim, julgando pelo jeito que está andando um pouco desengonçada. A primeira coisa que sinto é seu cheiro de cereja e depois, vejo os cabelos loiros entrarem no meu campo de visão.

Eu sei antes mesmo que Lily abra a boca, que ela vai falar uma besteira, e vou me estressar.

É pedir demais uma noite tranquila?

— Uau! Essa ceninha exalou *muita* tensão sexual — ela comenta, com um sorriso cínico nos lábios e apoia o quadril no batente da porta, tomando mais um gole de sua bebida, antes de continuar. — Por que não resolvem isso em um quarto, invés de no meio da festa?

Certo.

Porque eu acender o cigarro de Kiara é mais erótico do que esses caras subindo as mãos por dentro das saias das garotas no meio da sala de estar.

— Quem é você? — Kiara pergunta, elevando uma das sobrancelhas castanhas para a outra garota. Ela sabe quem é Lily, e Lily sabe quem é Kiara, mesmo que apenas de vista, e sei que minha amiga só está fazendo isso para provocá-la.

Não consigo conter meu sorriso.

— Ah, Aaron, não vai me apresentar a sua namorada? — a loira fala, fazendo um biquinho de chateação falso. — Eu sou Lily, nova irmã dele. Tenho certeza que vamos nos ver muito por aí.

— Eu espero que não — Kie responde, ácida, com seu sorriso nada verdadeiro. — Você precisa de alguma coisa? Por que ainda está parada aí?

— Acho que é melhor você ir para casa, Lily. Já está muito bêbada — completo, sorrindo para minha colega de apartamento.

— Muito? Ah, não, ainda nem estou alegre o suficiente para fingir que gosto de você! — Lily diz, abrindo um sorriso e alternando o olhar entre nós dois. — Estou atrapalhando os pombinhos?

— Você está atrapalhando a todos, linda — Kiara informa, apontando para as pessoas que estão tentando passar pela porta onde a loira está apoiada, fechando a passagem.

— Ops! Que mancada a minha! — Ela bate de leve na testa com o dorso da mão em tom de brincadeira, mas ninguém está achando graça.

Ela, enfim, se move, e as pessoas começam a passar por trás dela. Como ela teve que dar alguns passos para frente, estamos ainda mais próximos um do outro. Os olhos azuis piscina de Lily encontram os meus, e por uma fração de segundo, ela os desce até minha boca. É bem rápido, porém eu noto.

Aproximo meu rosto do seu ouvido, segurando sua cintura para mantê-la no lugar.

— Você tem que parar de me olhar como se fosse abrir as pernas para mim aqui mesmo, irmãzinha. Acha que vão gostar que você tenha esse tipo de pensamento com seu irmão postiço?

Eu esperava uma resposta espertinha dela, uma provocação. Contudo, me surpreendendo mais uma vez, não é isso que acontece.

Não tenho tempo de desviar, quando ela levanta a mão que segura o copo de cerveja pela metade e entorna na minha cabeça.



# 05

## Lily Diggory

## Algumas horas antes

A primeira festa universitária é algo que eu sempre me lembrarei, pelo menos é o que eu acho. E por isso, eu não posso ir com qualquer roupa. Será o primeiro evento grande com vários alunos da faculdade, desde calouros até aqueles que estão se formando, então, será a chance de conhecer novas pessoas, e eu não posso aparecer de qualquer jeito.

Depois de vasculhar meu armário inteiro — e faz poucos dias que eu tinha arrumado todas as roupas lá, após mudança —, eu chego à conclusão que não tenho nada para vestir. Nada icônico o suficiente para a primeira festa, na verdade. Enquanto eu virava minhas roupas de cabeça para baixo, eu até fiz algumas combinações na minha cabeça que ficarão excelentes, mas não para hoje.

Hoje, eu preciso arrasar.

Quando vejo a bagunça que fiz no meu quarto perfeitamente limpo e organizado — descobri essa semana que uma moça vem limpar o apartamento nas terças-feiras pela manhã —, decido que não tenho mesmo nada decente por aqui e que preciso de roupas novas.

Eu até penso em enviar uma mensagem para Stella, perguntando se ela quer fazer compras comigo, porém quando lembro que ela usa, ao menos, uma peça de roupa ou acessório, de cada uma das maiores marcas de luxo atualmente, desisto. Com certeza, ela iria me levar para Raleigh, que fica a algumas horas daqui, onde as lojas caras estão. E por mais que eu tenha um cartão praticamente ilimitado — porque eu nunca conseguiria gastar o limite que me foi informado que há nele — dado de presente por Benjamin, eu não me sinto confortável em gastar rios de dinheiro assim, mesmo tendo a permissão dele.

Eu ainda não dei uma volta pelo centro de Schönilla e acho que será uma ótima oportunidade fazer isso, enquanto procuro roupas novas.

Além das lojas de departamento, onde estou acostumada a comprar, eu também gosto muito de brechós. Eu consigo não só achar roupas caras por um preço acessível, mas também peças perfeitas para customização. Já perdi a conta de quantas vezes voltei com sacolas lotadas de roupas do brechó mais famoso de Millsh e coloquei um toque de Lily Diggory nas peças.

O universo, mais uma vez, me mandando sinais de que eu estou no caminho certo, me faz chegar até um brechó enorme em uma ruazinha paralela à avenida principal da cidade, mesmo andando aleatoriamente por aí e sem destino. Como eu não desperdiço nada que as forças maiores colocam no meu caminho, entro na loja.

A melhor escolha que fiz essa semana!

Tudo bem, segunda melhor, sendo a primeira quando escolhi o melhor lugar na primeira aula da semana e conheci Stella, e depois, Ava.

Nós nos aproximamos ainda mais durante essa semana! Como nossos cursos são bem diferentes um do outro, nossos horários também são, e por isso, só conseguimos nos ver durante o almoço ou no fim da tarde, quando estamos livres das aulas.

Ava continua sendo a mais tímida de nós três, mas aos poucos, ela está se abrindo mais. Já sabíamos que seu pai é pastor de uma pequeníssima cidade no interior do Tennessee — menor do que Millsh! — e ela vivia em uma grande casa em uma fazenda, até mesmo nos mostrou as fotos do local. Ela tem dois irmãos mais velhos, que estão fazendo faculdade em outros estados também, e mesmo os pais não tendo achado isso um problema, quando chegou a vez da nossa amiga iniciar os estudos superiores, eles encrencaram um pouco. Ava contou que por eles ainda serem muito conversadores, acreditavam que o destino da menina era por lá. Ela se casaria com seu primeiro amor do colégio — ela disse que não teve nenhum —, teriam quatro lindos filhos, e ao passo que ele trabalharia na própria loja de construção, ela ficaria em casa cuidando das crianças. Ela afirmou que não via problema nas pessoas da cidade que escolhiam isso para seu futuro, porém ela não queria. Ela nos revelou que seu maior sonho é ser jornalista esportiva. Nós ficamos bastante surpresas, e nossa amiga explicou que como os irmãos praticavam esportes no ensino médio, ela passou a acompanhar de perto não só os jogos, mas também os treinos, enquanto esperava uma carona para casa.

No entanto, seus pais, principalmente o patriarca da família, não apoiavam nem um pouco. Frases como: “isso é trabalho de homem, minha filha”, foram bastante usadas quando eles tentavam convencê-la de que isso não seria uma boa ideia. Contudo, como ela queria muito ir para universidade, fez um acordo com os pais que além de Jornalismo, iria cursar Teologia também. Ela não estava muito animada para isso, mas era uma solução por enquanto, para os pais apoiarem sua vinda para a SU e pagarem pelos seus estudos.

Eu não fiquei muito surpresa pela forma como os pais de Ava pensam, já que Lauren Yoon é muito parecida nesse quesito. A única diferença é que o meu pretendente teria que ter bastante dinheiro. Eu ainda não contei da minha relação meio conturbada com a minha mãe para elas, porém depois que nossa amiga contou um pouco do seu passado, eu segurei sua mão por debaixo da mesa e lancei-lhe um sorriso de conforto. Ela não estava sozinha. Passaremos por esses anos de faculdade sem total apoio das nossas famílias, entretanto, estaremos juntas.

Ao contrário de nós, Stella tem um núcleo familiar bem estruturado. Seus pais apoiaram muito sua decisão de continuar seus estudos e ainda esperam que ela assuma o negócio da família depois de formada, já que Scott, o primogênito, está batalhando pelo sonho de ser ator. Ela nos contou várias histórias incríveis que os quatro têm juntos, e pudemos ver que ela ama muito seus pais e seu irmão mais velho.

Bem, pelo menos temos alguém sem problemas parentais no nosso trio, para equilibrar.

Parecendo uma conexão de mentes, quando eu estou pensando nela à medida que garimpo as peças do brechó, recebo uma mensagem da própria:

**Stella Mars:** chegue cedo para conseguirmos nos atrasar com antecedência! ☺

Essa é das minhas!

**Eu:** pode deixar, amiga!

Não dou muita abertura para conversa, porque estou um pouco atrasada e ainda preciso passar em casa para arrumar as minhas coisas, e sair para casa da minha amiga.

Depois de quase uma hora e meia na loja, encontrei algumas roupas que ainda precisam de um toque de Lily Diggory para serem usadas da maneira certa, e para festa, uma linda calça preta de cintura média de látex. Como eu não tinha encontrado nenhuma roupa legal para a parte de cima, resolvo dar uma passada rápida na loja de tecidos que achei na mesma rua e comprar algumas coisas que poderiam ficar boas na customização. O jeito será dar uma nova aparência para algo que eu já tenho em casa.

Chegando em casa mais tarde, eu corro para meu quarto e volto a revirar meu armário, mas dessa vez, à procura de alguma peça que combine com a calça. Eu não acho nada, invés disso, resolvo pegar a parte de cima de um biquíni cortininha branco que tenho e usar como molde para uma ideia um pouco maluca que tive.

Pode ser demais para uma festa de fraternidade? Com certeza, porém eu preciso que todos tenham uma ótima primeira impressão de Lily Diggory.

Satisfeita com o que fiz de última hora, pego uma bolsa de pano dentro do armário — também pintada por mim! — e jogo tudo que poderei precisar para me arrumar no dormitório das meninas. Eu estou quase saindo de casa, quando meus olhos pousam nas roupas passadas na cômoda — porque sim, é claro que a moça que vem semanalmente também passa as roupas dele, e agora, as minhas — que eu ainda não tinha guardado.

Pode ter algo interessante por ali, não é? Eu não me lembro de ter usado nada tão legal assim para frequentar as aulas, só que nunca se sabe, né?

Resolvo dar uma olhada rápida nas roupas, antes de finalmente sair de casa, quando encontro algo… que não é meu. No entanto, é uma peça feminina. Uma simples blusa preta, que eu poderia achar que era de Aaron e foi colocada aqui por engano, mas não. O recorte da gola em V não me engana. É de alguma mulher, e já que não é meu…

Puta que pariu!

Não acredito nisso! Com certeza é daquela garota que vive grudada nos braços de Aaron. Ela deve ter dormido por aqui e esquecido a porra da blusa. O que será da próxima vez? A calcinha?

Mesmo que esteja lavada, nojento.

Saio de casa, irritada por toda a merda do apartamento, porém tudo se dissipa quando adentro o quarto das minhas amigas e vejo a cena na minha frente.

Stella está sentada no chão, com uma saia vermelha, também de látex, e um corset preto um pouco transparente, passando lápis de olho preto. A música alta vindo da *Alexa* é da Doja Cat, e enquanto isso, depois de atender a porta, Ava volta para a sua leitura do seu lado do quarto.

— Você consegue ler com a música tocando tão alto assim? — pergunto para minha amiga, depois de cumprimentar a outra no chão, não querendo atrapalhar sua maquiagem, enquanto separo minhas coisas da bolsa.

— Eu costumava ler na igreja quando havia música, então já estou acostumada — Ava responde, dando de ombros.

— Eu tenho uma amiga que é exatamente assim também! Não consigo entender como vocês conseguem, para ser sincera. Eu mal tenho concentração para ler um livro no silêncio, imagina assim — comento, tirando minha saia preta comum e mudando para a calça da festa.

— É um dom — ela diz, brincando, e eu sorrio.

Um dom muito bom.

Retiro a bolsa de maquiagens e vou me sentar atrás de Stella, para começar a pintura no rosto, que está precisando bastante. Eu realmente preciso encontrar um bom salão pelas redondezas, para continuar meus tratamentos de pele.

— Estamos usando o mesmo tecido! — Stella exclama, quando nota minha presença pelo espelho, e eu sorrio. — Se estou usando a mesma coisa que uma estudante de Moda, então sei que estou no caminho certo!

— Não importa a roupa que você usa, amiga. O que é importante para um look é a pessoa confiante que o veste — respondo, lançando-lhe uma piscadinha, e ela sorri. Bem, tenta sorrir, já que está passando blush nas bochechas.

— Sábias palavras — ela responde, voltando a se concentrar na maquiagem.

Eu faço o mesmo, começando pela preparação de pele e indo para todos os outros passos. Base, corretivo, contorno… tudo. Deixo meus cabelos por último, já que eles estão presos em coque no alto da cabeça, esperando o momento certo para se soltarem e criarem ondas naturais. Quando termino de arrumar meu cabelo e a maquiagem, coloco o top que acabei de fazer em casa. Em cima do tecido branco do biquíni, eu coloquei algumas pedras brilhantes e tirei as alças antigas, substituindo por uma feita à mão com as mesmas pedras.

— Uau! Você está muito gostosa com essa roupa, amiga! — Stella elogia, puxando meus dedos indicador e do meio para si, me fazendo dar uma voltinha. — Todos vão babar por você naquele lugar.

— Está mesmo linda, Lily — Ava diz, tirando os olhos das páginas do livro durante um momento.

— Obrigada, gente. Você também está magnífica, amiga — digo para Stella, babando em sua saia de látex vermelha. — Essa saia ficou incrível em você.

— Não estou para brincadeira hoje — ela responde, piscando um dos olhos para mim. — Última chance de mudar de ideia e ir com a gente — Stella diz para Ava, que continua concentrada na sua leitura.

— Eu passo, meninas, mas quem sabe na próxima? — ela responde, um pouco incerta. — Mas quero saber de tudo quando vocês voltarem!

— Falando em volta, você quer dormir aqui depois? — Dessa vez, a pergunta é direcionada a mim.

— Tenho uma meta de não dormir em casa hoje — falo e sorrio para elas, através do espelho, maliciosamente. — Na verdade, posso até dormir em casa, mas não sozinha.

— Garota! Esse é o espírito da coisa! — Stella comemora, estendendo a mão para mim para que possamos fazer um high five. — Essa festa promete. Será que as primeiras são realmente as melhores?

— Vamos descobrir isso hoje.

Eu sei que Stella e eu aproveitaremos essa festa ao máximo, juntas.



Sabe, eu estou certa de que minha nova amiga e eu iremos nos divertir muito juntas na festa. Apenas no caminho até lá, no *Uber*, já estamos super animadas e cantando a plenos pulmões todas as músicas do rádio, arrancando até algumas risadas do motorista de vez em quando. E olha que nem bebemos ainda, é apenas animação para a primeira festa do ano letivo.

Quando, enfim, chegamos na fraternidade, somos recebidas por shots alcoólicos ainda na entrada, pois a cozinha é localizada ao lado da porta de entrada, sendo obrigatoriamente nossa primeira parada. E já que estamos por aqui... por que não nos servirmos logo de alguma bebida?

Como esperado, há apenas cerveja na geladeira de duas portas gigantesca do lugar, junto de alguns destilados pela metade, claro. Devo confessar que não sou muito de bebidas alcoólicas, nem mesmo das únicas bebidas fechadas que estão por aqui, só que como é uma festa, e não confio nessas pessoas que não conheço, acabo me servindo de uma latinha e enchendo meu corpo vermelho, assim como Stella.

Cada latinha de cerveja tem 150 calorias, então se eu beber…

Assim que o pensamento surgiu na minha cabeça mais cedo, quando tomei o primeiro gole, tive que empurrá-lo para o fundo da mente e focar no que estava acontecendo ao meu redor. Eu me preocupo com isso mais tarde. Enquanto eu estiver na festa, eu tenho que aproveitar! Durante as horas que ficaremos por aqui, eu não quero Lauren Yoon demonstrando seu amor por mim em forma de cuidados sobre meu corpo, nem ficar investigando os motivos inexistentes para o ódio de Aaron Yoon por mim e nem o fato de ter achado uma blusa pós sexo da sua namorada — ou foda fixa, eu realmente não me importo com a nomenclatura que eles usam para definir a relação.

Missão da noite: não pensar na família Yoon.

E eu tinha conseguido alcançar esse feito no início da festa.

Depois de estrearmos a noite com os shots e o primeiro copo de cerveja, Stella e eu não paramos mais. Quanto mais dançamos na pista de dança improvisada da sala de estar, junto de outras meninas, mais calor sentimos, e assim, mais bebemos.

— Você acha que *ele* está aqui também? — Stella me pergunta em algum momento, aproximando bem a boca do meu ouvido para que eu escute.

— Quem?

— Meu ex-namorado!

— Eu não sei, amiga. — Ele até poderia estar, mas como ela não tinha mostrado nenhuma foto do cara, eu não faço ideia da sua aparência. — Você ainda sente alguma coisa por ele? Está com medo de encontrá-lo?

— É claro que eu não amo ele! — ela exclama alto demais, e até algumas pessoas que estão perto de nós, ouvem. Tudo bem, não foi exatamente *isso* que eu perguntei, porém já responde muita coisa. Ela pode não amá-lo mais, entretanto ainda existe algum sentimento por ele dentro de si. — Eu… eu só vi alguém muito parecido descendo as escadas acompanhado de duas garotas e achei que… que fosse ele. Mas não, não pode ser. Não é? Ele já está quase terminando a faculdade, nem deve mais frequentar essas festas!

— Se quiser ir embora… — sugiro a ideia, porque não quero que minha amiga fique desconfortável por aqui.

— Não, claro que não! Mal chegamos, ainda temos muito o que fazer e pessoas para conhecer. — Ela eleva as duas sobrancelhas para mim, me fazendo rir, e voltamos a dançar juntas.

Nós não ficamos o tempo todo na sala de estar. Fomos algumas vezes ao banheiro — consequência de ingerir uma quantidade gigante de bebida alcoólica — e até saímos para o quintal, procurando se havia alguma coisa interessante para se fazer por lá. Alguns calouros estavam jogando um jogo dentro da piscina, que até parecia interessante, mas como não tínhamos trazido biquíni e não queríamos estragar nossas roupas, decidimos voltar para dentro.

Quando retornamos para a pista de dança e voltamos a mexer nossos corpos no ritmo da música, eu senti um olhar queimando as minhas costas, quando Stella colou seu corpo por trás de mim, rebolando junto comigo, e assim que me virei, lá estava ele.

Aaron Yoon.

Com seus olhos fixos em mim.

Eu sei que sou bonita e meu corpo é definido. Eu sei que chamo atenção até demais, às vezes, um pouco indesejada. Eu sei que dependendo da roupa que estou vestindo — como hoje — várias pessoas vão me encarar. Querendo ter um pedacinho de mim para si ou querendo ser eu.

Contudo, a atenção dele é diferente. Talvez por ser proibida? Afinal, nossos pais estão casados, e não sei se o jeito que ele me olhou naquele momento era permitido no manual de ética dos irmãos postiços.

‘Você só está se sentindo atraída por ele, porque sabe que ele é fruto proibido’, repeti dezenas de vezes para mim, enquanto dançava exclusivamente para ele.

*‘Você nunca poderá tê-lo da forma que deseja, porque ele te odeia’,* disse para mim mesma, quando mesmo com um outro cara esfregando o pau na minha bunda, eu continuava com ele na minha cabeça.

E eu falei para mim mesma, mentalmente, quando fui atrás dele, que só estava fazendo isso, porque queria mesmo um copo d'água — como tinha dito à Stella — e estava à procura de outro cara para passar a noite e tirar esse verme da minha cabeça.

Eu teria alcançado meu objetivo da noite, se não tivesse sido surpreendida por Aaron a centímetros do rosto da sua *namoradinha*, acendendo o cigarro dela, como se ela não tivesse as próprias mãos. Depois de me comer com os olhos. Fala sério! E lembrando da blusinha dela nas minhas coisas, a raiva tomou conta de mim, juntamente do álcool circulando pelo meu sangue, e eu não pensei quando comecei a conversa nada agradável com os dois.

Muito menos quando despejei todo o conteúdo do meu copo em Aaron.

Ops.

— Não acredito! Não é o lixo? Desculpe, devo ter me confundido! — finjo falsa surpresa, sorrindo para o casal.

O coro de risadas surge em seguida, e eu sorrio ainda mais.

Bem feito.

— Você é maluca, porra? — Kiara exclama, partindo para cima de mim, mas é segurada por Aaron.

— Controle mesmo seu cachorrinho, Aaron — provoco, e ela pisca os olhos para mim, parecendo processar se eu tinha mesmo dito isso. É, eu tinha. — Não quero ser surpreendida de novo com uma roupa dela na minha pilha de roupas.

— Como é que é? — ele pergunta, tão surpreso quanto eu fiquei quando achei a blusa da menina.

— Não se preocupe, eu guardei para você. Ou talvez, tenha voado pela janela… essas coisas acontecem, não é? — falo, sorrindo para a garota, e ela tenta se aproximar de mim mais uma vez, sendo segurada por Aaron, de novo.

Normalmente, eu não ajo dessa maneira, principalmente com outras mulheres, porém não sei o que está acontecendo comigo. Só sei que Aaron Yoon e tudo que faz parte de sua vida, me irritam em níveis estratosféricos.

Não espero por uma resposta de nenhum dos dois e saio dali, procurando banheiro do térreo.

Minha bexiga está pedindo arrego, depois de tanta bebida.

Assim que abro a maçaneta da porta do banheiro e estou entrando, alguém surge por trás de mim, me empurrando para dentro. Me seguro no vaso para não dar de cara no chão e ouço o trinco da porta.

Merda. Quem está fazendo isso?

Sinto um frio na barriga na hora, e ele se intensifica quando a figura — que não reconheço, porque tudo continua escuro dentro do cubículo — se aproxima, me fazendo bater as costas na parede de azulejos. Uma das mãos vem até minha garganta, me prendendo no lugar, enquanto a outra segura minha cintura, e eu já sei quem é. Só uma pessoa tinha me segurado dessa forma até então.

Aaron.

— Essa é a última vez que vou te falar isso, Lily Diggory — ele diz, seu hálito quente acariciando meu rosto. — Não se meta na porra das minhas coisas, entendeu?

— V-você…

— Cala a merda da boca! — ele esbraveja, parecendo ainda mais irritado do que da última vez em que estivemos nessa mesma posição. — Nunca mais, nunca mais, chegue perto da Kiara, está me ouvindo? Não quero vocês perto uma da outra.

— Ela que tentou me bater — lembro-o da cena de alguns minutos atrás.

— Porque você a provocou, porra!

— E-eu não quero encontrar outra roupa dela misturada com as minhas coisas — aviso, levando minhas mãos até o abdômen dele, coberto apenas por uma camiseta preta, para ajudar a me equilibrar.

— Eu não sei de que merda você está falando, mas esse é meu último aviso: fique longe de mim, fique longe de Kie e fique longe de tudo que me pertence. Entendeu?

— E se eu não fizer isso?

Em um primeiro momento, ele não responde. Só ri cinicamente da minha fala.

Babaca.

— Você não vai querer me ver irritado de verdade, Lily — Aaron sopra, com nossas bocas quase se encostando. Sinto ainda mais o cheiro de bebida emanando dele. Uísque. Com certeza, uísque. — Fique longe.

É a última coisa que ele diz, antes de se distanciar de mim e sair, batendo a porta em seguida.

Puta que pariu! Como eu odeio esse homem!

Parece que a cada dia, ele se esforça ainda mais para que meus sentimentos negativos por ele aflorem. Eu não faço ideia do porquê ele me odeia tanto assim, entretanto vendo de fora, eu realmente devo ter feito algo terrível, como ter matado seu gato ou roubado sua namorada. Algo de que ele se ressente até os dias de hoje.

Eu já tentei repassar todos os nossos encontros e encontrar algo que eu tenha feito que possa ter engatilhado a primeira reação adversa dele a mim, mas nada faz sentido. Ele é assim desde o momento em que nos conhecemos, e acho que já é muito tarde para mudar.

Que seja! Não preciso da amizade dele.

Antes de sair do banheiro, eu me recomponho. Acendo a porra das luzes e vejo como está o meu estado. As bochechas coradas pelo álcool, e os cabelos um pouco armados, por tanto dançar e em consequência, ter suado. Eu não trouxe nada do meu kit de emergência para festas, então, me contento apenas em retocar o gloss labial de cereja e molhar um pouco de papel higiênico com água gelada, passando pelo meu colo para dar uma aliviada no calor. Quando vou jogar o papel usado no lixo ao lado do vaso, eu paro, observando-o.

Meu estômago embrulha no mesmo momento, e pondero se me agacho, e despejo tudo aqui mesmo. Eu não gosto de fazer isso em festas. Sempre prefiro chegar em casa, para lidar com esse lado da minha vida, mas depois do estresse com Aaron, parece que a bebida tem que sair de dentro de mim. Eu sinto que posso morrer se não me livrar de todas essas calorias dentro de mim. Eu preciso ter controle sobre alguma coisa. E já que não tenho sobre o jeito que sou tratada por ele, pelo menos, eu preciso controlar outra parte

Não, Lily, você é mais forte que isso.

Não, eu não sou.

— ACELERA AÊ, GATA! — As batidas na porta e a voz escandalosa feminina vinda do lado de fora me despertam do pensamento

Demorei demais.

Merda.

Eu não posso arriscar ficar mais tempo aqui dentro.

Dou uma última olhada no espelho para conferir se está tudo bem e finalmente saio.

— Finalmente! — a garota que esperava do lado de fora diz, resmungando, antes de bater a porta atrás de si.

Será que ninguém é educado nessa universidade?

Faço meu caminho de volta à pista de dança à procura de Stella. Eu disse que iria apenas tomar um copo d'água e devo ter demorado quase trinta minutos. Vasculho a sala de estar em busca da minha amiga, porém não consigo encontrar sinal das suas tranças, nem da saia vermelha chamativa.

Merda.

Puxo meu celular do bolso e escrevo uma mensagem para ela:

**Eu:** amiga, onde você está? Desculpa ter demorado tanto! Fui ao banheiro também e a fila estava gigantesca.

**Eu:** já quer ir embora? Pode ficar se quiser, mas eu acho que vou. Tô passando um pouco mal. Provavelmente foi a bebida.

Espero cinco minutos por uma resposta, e quando ela não chega, guardo o aparelho de novo, só que deixou no modo de vibração, para sentir quando ela me responder.

Eu estou quase desistindo e pedindo um *Uber,* quando sinto uma mão no meu braço e assim que me viro, vejo que é o garoto que estava dançando comigo anteriormente.

— Ei, gata — ele me cumprimenta, aproximando o corpo do meu, e eu sorrio. Ele está com a jaqueta do time de basquete de Schönilla e um sorriso largo para mim. Ele é branco, com os cabelos ruivos em um topete não tão legal assim, e sardas espalhadas por todo rosto. Ele está sem camisa, apenas com a jaqueta, e reparo no seu tanquinho.

É disso que eu preciso.

Quando volto meus olhos novamente para os seus, ele está sorrindo ainda mais, porque me pegou secando-o.

— Gosta do que vê, *huh*?

— Um pouco — respondo, colocando minhas mãos em seu tronco e arranhando um pouco a pele com as minhas unhas em formato stiletto. — Posso fazer mais do que só ver?

— Você pode tudo, gata. — Ele enrosca uma mão na minha cintura, e a outra vai para a minha nuca. Antes que ele possa me puxar para um beijo, eu o paro no meio do caminho.

Não quero ficar mais um segundo aqui e poder dar de cara com o babaca de novo.

— Quer continuar isso lá em casa?



# 06

## Aaron Yoon

Eu sentia falta da minha cama. Do meu lençol egípcio e da minha cafeteira de cápsula.

Eu sou muito grato por Kiara me deixar ficar com ela durante o tempo que eu queira — completou três dias ontem —, mas eu não aguentava mais ficar fora de casa. Mesmo que meu apartamento fosse o mais impessoal possível e não parecesse que uma pessoa realmente vive por lá, é meu lar há alguns anos, e estava ansioso para dormir no meu colchão novamente.

E eu estava evitando passar tempo em casa por causa da garota mais insuportável que já tive o desprazer de conhecer.

Lily Diggory.

Merda de garota inconsequente e sem noção!

Quando passei para buscar Kie, antes da festa idiota da fraternidade, eu já tinha recolhido algumas coisas que estavam em sua casa e avisei que finalmente dormiria no apartamento novamente. Não iria mais evitar minha própria casa, por causa daquela garota.

Tudo deu errado quando trombei com ela na porra da festa. Quando ela soltou aquelas palavras afiadas e ofensivas para cima não só de mim, como da minha amiga também. Por um momento, eu quis largar Kiara e deixá-la ir para cima de Lily, porém não valia a pena.

Lily não vale a pena.

E eu confirmei isso quando ela teve a coragem de jogar a porra do resto da sua bebida na minha cabeça. Puta que pariu! Que porra foi aquela? Ela tinha 15 anos e descobriu que seu namorando estava lhe traindo? E eu não fazia ideia de que história era aquela que estava repetindo sobre blusa de Kie junto das roupas dela. Ela não frequentava minha casa há semanas, desde antes de Lily se mudar. A quantidade de suco verde que essa garota toma — minha geladeira está lotada deles — deve estar começando a afetar o cérebro dela.

Eu não podia deixar a ceninha que ela nos fez protagonizar passar em branco e precisei dar o aviso, mais uma vez, para ela se manter longe de mim. Foi a última vez que eu falei amigavelmente com ela. Mais uma bola fora, e a conversa será totalmente diferente. Estou pouco me fodendo se a mamãe dela é a nova mulher do meu pai. O que está acontecendo entre nós não tem nada a ver com eles mais.

Depois de deixar Lily sozinha no banheiro, Kiara e eu procuramos Cameron pela festa para perguntar se ele queria ir embora conosco — não tinha como eu permanecer ali com a porra da roupa molhada —, e é claro que ele terminaria a noite muito melhor que a gente, com a ruiva de mais cedo e uma das amigas dela.

Eu estou precisando foder alguém também, para aliviar toda a porra do estresse que aquela loira me faz passar.

Acabou que por fim, eu passei mais uma noite na casa de Kie. Tomei um banho logo que chegamos e adormeci no quarto de hóspedes. Eu não estava com paciência para chegar em casa na noite de ontem e acabar encontrando Lily por lá.

Por isso, achei que fosse uma ideia melhor chegar bem cedo na manhã posterior à festa, hoje. Ela provavelmente ainda estaria dormindo, e eu poderia ter um pouco de paz na minha própria casa, o que estava sendo difícil recentemente.

Imagina minha surpresa, quando assim que adentro minha casa e vou para cozinha, pensando em preparar um café para mim, encontro o cara da festa apenas de cueca bebendo um copo de água.

Puta que pariu. Só pode ser brincadeira uma merda dessas a essa hora da manhã.

— Sai — vocifero, tentando manter a calma.

Tudo que eu queria era tomar um café e ir direto para a cama, mas não vou conseguir dormir em paz sabendo que a porra de um dos jogadores do time está aqui, sem roupa.

— Yoon! V-você está com ela? — ele pergunta, parecendo nervoso e deixa o copo em cima da pia, apontando para o corredor onde ficam os quartos. — E-eu juro que não sabia! Ela que veio se oferecendo para cima de mim, e qual é, não tinha como deixar uma gostosa daquelas passar. Você entende, né? Somos do mesmo time. Sem ressentimentos? — Ele estende a mão para mim, e eu a estapeio, tirando da minha frente.

E o babaca ainda está falando mal da garota, logo depois de ter estado com o pau dentro dela.

— Não somos amigos, porque você não faz parte do time. Não de verdade. Você é apenas um reserva que eu quero fora da minha casa. Agora — repito, indicando a porta com a cabeça.

— Você mora *aqui*? O que? E-eu juro que não sabia, cara! — Ele tenta mais uma vez, até mesmo levantando os braços em sinal de inocência. Patético. — Se eu soubesse que você morava com aquela garota, eu nem teria me aproximado dela, eu juro. Eu nunca a tinha visto antes!

— Você nunca a viu antes, porque ela é caloura na SU, caralho.

— Eu não sabia que ela era sua namorada! Nem que era mais nova!

— Ela não é minha namorada, porra — respondo entredentes, me aproximando dele, que se afasta, assustado.

A cada passo para frente que dou, ele dá um para trás, até que bate as costas na parede e fica preso, sem ter para onde ir.

Fácil demais.

Levo minhas mãos até sua garganta e deixo-o estático ao lado da geladeira, vendo o medo tomar conta dos seus olhos.

— Você nunca mais vai colocar os pés aqui, entendeu? — aviso, batendo sua cabeça na parede. Não forte o suficiente para que cause uma sequela, nem fraco demais para que ele não sinta. Na medida certa para doer, sem ter danos maiores. — Faça o que quiser com ela, não me importo. Mas não no meu apartamento, caralho.

— T-tudo bem. Eu… eu não sabia.

— Agora está sabendo. — Solto-o, fazendo com que sua cabeça bata de novo atrás dele, pelo susto. — Pegue a merda das suas coisas e saia daqui o mais rápido que conseguir.

Ele apenas concorda, correndo de volta para o quarto de Lily.

Ouço a voz feminina se elevando e já sei que meu momento de paz matinal não vai acontecer hoje.

— *ELE FEZ O QUE*? — Lily praticamente grita do quarto e segundos depois, ela surge na cozinha.

Eu estou esperando meu café ficar pronto, quando sinto a presença da garota atrás de mim.

— Você não pode expulsar meus convidados daqui! — ela exclama, claramente irritada, e eu sorrio.

Menos de 24 horas depois, e já estamos discutindo de novo.

Realmente, quem teve a ideia de sugerir que morássemos juntos durante os anos de faculdade é um gênio.

— Você não pode trazer os caras que fode para cá — retruco, tomando um gole do meu café, sem adicionar açúcar, claro. Café com açúcar é para os fracos.

— *O que?* É claro que eu posso! É minha casa também! — ela rebate, entrando no outro lado da cozinha, atrás da ilha que nos separa.

É quando reparo que ela está apenas com a jaqueta do time de basquete da SU — meu time de basquete — e aparentemente, só de calcinha. Alguns botões estão fechados, em uma tentativa falha de esconder o que há por baixo, mas os primeiros continuam abertos, e consigo ver perfeitamente o contorno dos seus seios redondos.

— Eu… hm… vou indo — o cara que está aqui diz, apontando para a porta de entrada. Eu levanto as sobrancelhas para ele, desacreditado de que não foi embora ainda.

— Não! Você fica — Lily exclama, puxando-o pelo braço para ficar ao seu lado. — Você não tem o direito de falar quem pode ou não entrar aqui, já que também é minha casa agora.

— Você está aqui temporariamente, Lily. Nada aqui é seu de verdade — respondo, e ela bufa, fechando os olhos durante alguns segundos e respirando fundo.

Parece que eu estou pegando no nervo da patricinha.

Ótimo.

— Pelo tempo que eu ficar aqui, eu posso fazer o que eu quiser — ela fala, calma, e eu quase cuspo meu café.

O que ela quiser?

— Não, você não pode, Lily. Moramos juntos, e não acho que seria interessante fazermos coisas que deixem o outro desconfortável.

— *Ele* te deixa desconfortável? — ela questiona, incrédula, apontando o dedão para o garoto e sorrindo. — Uau. Sua autoestima deve ser baixíssima.

— Ei! — o outro cara protesta, e ela faz um carinho no braço dele o qual está segurando.

— Foi jeito de falar — Lily explica, e ele relaxa um pouco. Babaca.

— Não ele, Lily, mas sim, ter minha *irmãzinha* transando no quarto ao lado do meu. Você acha que sua mãe ia gostar de saber o que você está aprontando por aqui? Que está me deixando desconfortável na minha própria casa?

Eu sei que se essa conversa chegar à Lauren, ela não irá gostar e quem levaria a culpa da situação seria a filha. Aquela mulher faz de tudo para agradar meu pai, até mesmo punir Lily por algo que não é inteiramente culpa dela.

— Você é irmã *dele*? — o garoto pergunta, alternando o olhar entre nós dois, tentando juntar as peças.

— Não de verdade! O pai dele é casado com a minha mãe, só isso.

— Assim você machuca meu coração, irmã — provoco, despejando um pouco de veneno quando pronuncio nosso grau de parentesco, e ela fecha a cara para mim. — Já está na hora de você ir embora — informo ao cara depois da explicação dela, apontando para a porta mais uma vez.

Porra, esse cara ficará na minha casa para sempre?

— Se ele não quiser ir embora, ele não vai! — Lily retruca, e eu respiro fundo, tentando ter paciência com essa mimada chata do caralho.

— Gata, eu acho melhor eu ir — ele fala para ela, mas seus olhos estão fixos nos meus. Parecendo… com medo.

Ótimo.

Todos da universidade sabem que não podem mexer com o que é meu, e agora, ele está ciente que Lily é da minha família, de certa forma, e ficará longe dela. Com sorte, ele espalhará a novidade para os seus amigos, e de boca em boca, todos ficarão sabendo que ela é inalcançável. Nenhuma pessoa tentará se aproximar dela mais, porque ela se torna propriedade de Aaron Yoon, e ninguém tem coragem de me enfrentar.

Eu não estava planejando que isso acontecesse, porém pensando bem, é uma ótima forma do karma mostrar suas garras.

— Você vai porque quer e não porque ele mandou — Lily diz, sem olhar para seu companheiro da festa, em tom de desafio.

Eu não respondo, porque sei que é uma questão de tempo até que a notícia se espalhe, e essa seja sua primeira e última transa na faculdade.

— Até mais, gata. — Ele pondera se se despede propriamente dela ou não, só que acaba desistindo e caminha até a porta, finalmente. — Te vejo depois, Yoon.

Assinto para ele, aguardando ansiosamente para o próximo treino.

Assim que a porta bate, Lily se aproxima de mim com fogos nos olhos.

— Isso é por eu ter jogado cerveja em você ontem? — Lily questiona, ainda bem irritada.

— Suas ações não me afetam, Lily.

— Então por que você o expulsou daqui, seu babaca? — ela pergunta, parecendo se controlar para não avançar em cima de mim. — Você não tem o direito de expulsar os meus convidados daqui!

— Ele só queria te comer e conseguiu. Ele iria embora de fininho a qualquer momento, eu só ajudei o cara — respondo, dando de ombros, e isso a deixa mais irritada ainda.

— Se eu não posso transar com ninguém aqui, você também não pode! E eu vou abrir a boca para o seu papai se isso acontecer. Ele me disse para informá-lo de qualquer coisa que você fizesse, e eu não concordasse — ela revela, cruzando os braços e deixando os seios mais à mostra.

É claro que Benjamin a colocaria para ficar de olho em mim.

— Pode ficar tranquila, irmã. Eu não trago ninguém para casa — aviso, piscando um dos olhos para ela e coloco a xícara vazia de café na lava-louça.

— Isso não vai ficar assim!

Não, não vai.

Vai piorar.



Depois que minha mãe morreu, eu não consegui mais me manter longe dos negócios da família. Enquanto pôde, Adele Yoon nos protegeu, mas sem ela por perto, tudo mudou. Minha irmã, por ser mulher nesse meio ainda extremamente machista — motivo pelo qual Kiara finge que um homem está no comando de tudo —, conseguiu se safar e está terminando seus anos escolares em lugar bem longe daqui. Eu, no entanto, estou cada dia mais dentro da organização de Benjamin.

Uma das condições para que Audrey continuasse estudando em outro país e para que poucos soubessem da sua existência.

Eu morreria, antes de deixar algo acontecer com a minha irmã mais nova, e ele sabe disso, a usando contra mim em vários momentos em que eu não concordei com alguma ação dele. Qualquer ameaça à Audrey é uma ameaça a mim, e eu preciso protegê-la a todo custo dessa realidade.

Mesmo que isso signifique me afundar ainda mais nele, sem chance de sair.

Agora, conforme uso minha moto para chegar no Ah-ri Yoon após um chamado do meu pai — e eu aprendi a nunca recusar, quando ele me chama para ir o mais rápido possível até à sede da organização —, eu tento imaginar o motivo de ele ter me convocado para lá, Benjamin raramente explica as razões por celular, já que todo cuidado é pouco para pessoas como nós.

O político tinha voltado?

Pike Lewis estava arrumando encrenca de novo?

O que fosse, eu sempre torcia para que Cameron Parker não estivesse envolvido.

É claro que eu tentaria tirar meu amigo da mira do meu pai, mas dependendo do que ele tivesse aprontado, não haveria nada que eu pudesse fazer. Então, toda vez que algo acontece, e eu preciso comparecer ao restaurante, eu tenho medo de que Cam tenha feito algo. Eu sempre o alerto para ser o mais cuidadoso possível na sua função e nas lutas também. Se ele se mantiver na linha, ele está a salvo do temperamento de Benjamin.

Eu já tinha tentado conversar com meu pai sobre deixar Cameron sair. Disse que ele tinha entrado por uma burrice na organização. Eu afirmei que ele continuaria nas lutas — Benjamin sempre aposta nele quando frequenta o subsolo da Lust, então poderia continuar ganhando uma parcela de dinheiro em cima dele —, só sairia da função de vendedor das substâncias ilícitas.

A resposta do meu pai?

Ele falou que Cam poderia sim cair fora, porém precisaria de alguém no lugar dele. Haveria pessoa melhor do que a própria filha menor de idade? Ele poderia depositar toda sua confiança, já que eles possuem o mesmo sangue, e caso ela fosse pega, não teria grandes problemas, porque não tem 18 anos ainda.

Eu amo meu melhor amigo, entretanto, amo mais Audrey. Além do mais, ele entrou sabendo o que faria para Benjamin, só que estava tão cego pelo dinheiro e pela porra do sonho de conquistar sua ex-namorada, que não pensou nas consequências que isso poderia trazer à sua vida. Por mais que eu quisesse tirá-lo desse mundo, ele era maior de idade quando decidiu aceitar a proposta do meu pai e quando ele veio me contar, antes de aceitar de fato, eu o avisei para não fazer isso.

Contudo, é claro que o idiota não me escutou.

Então, quando desço as escadas que levam ao porão do restaurante do Ah-ri Yoon, eu torço para que Cameron não esteja do outro lado da porta.

Dessa vez, não é ele que está sentado na cadeira de madeira com os membros amarrados.

Eu suspiro aliviado por não ser meu amigo, mas fico preocupado com o destino do homem.

Ele não vai sair daqui vivo.

— Aaron — meu pai diz, assim que nota minha presença na sala. — Você chegou. Bom, já podemos começar o que viemos fazer aqui.

— O que está acontecendo? — pergunto, me aproximando de Benjamin e consequentemente, do cara na cadeira.

Noto seu olho roxo e o sangue seco no nariz, indicando que ele levou uma porrada antes de chegar aqui.

— Esse é Michael — Benjamin fala, apontando para o cara que ainda parece meio perdido, como se tivesse acabado de acordar. — Michael, esse é meu filho, Aaron.

— O-onde eu estou? — Michael diz, levantando a cabeça e olhando ao redor, para todos os caras do meu pai cercando-o. — E-eu não… não fiz nada.

— Vamos chegar lá, Michael — meu pai informa, muito calmo. Como ele sempre fica em momentos como esse. — Vamos começar pelo início? Conte-nos um pouco sobre você, Michael. O que faz? Onde vive? Tem família? — O cara permanece em silêncio, e eu arrisco um olhar para ele, que está com os olhos amedrontados fixos em Benjamin. — Tímido… tudo bem. Eu posso falar um pouco sobre você, então.

— P-por favor — ele sopra, tornando sua atenção para mim.

Eu não faço nada, apenas encaro-o de volta. Ele não tem como fugir, e eu não posso ajudá-lo.

— Você é policial na delegacia de Millsh, não é, Michael? — O homem não responde, apenas engole em seco. — Uma esposa, três filhos ainda no colégio. Sua mulher não trabalha, mas a família dela é dona da rede de farmácias nas redondezas. Pais mortos, um cachorro para agradar as crianças, e ontem foi visto na floricultura Jenkins Flores comprando um buquê para comemorar 20 anos de casado. Que ótimo marido, Michael!

— O que você quer? — Michael questiona, entredentes e com uma expressão de raiva no rosto.

Todos eles têm.

— O que você pode nos dizer sobre o antigo investigador da delegacia? Joe Diggory? — meu pai finalmente pergunta o que ele quer saber, e eu compreendo o que está acontecendo.

Joe Diggory.

Ex-marido de Lauren, pai de Lily e o motivo de estarmos armando esse circo ao redor dessa família. Ele é responsável por toda merda em que minha vida está. Pela morte da minha mãe, por minha irmã estar a quilômetros de distância e por ter me tornado o braço direito de Benjamin. Se não fosse por ele, tudo seria diferente.

Há anos, meu pai está atrás dele, sem nenhuma sorte. Nenhuma pista. Nada.

Esse homem simplesmente sumiu do mapa.

Há boatos de que ele morreu, mas não acreditamos nisso. Não existe nenhuma prova disso. Nenhum corpo, nenhum atestado de óbito. Nada que poderia nos ajudar. Então, até encontrarmos alguma informação verídica de que ele está morto, não desistiremos de procurar.

— E-eu não sei de nada. Eu… eu juro.

— Não sabe mesmo? — meu pai insiste, indo até onde ele está e apoiando as mãos no joelho, ficando frente a frente com o cara. — Então por que você e sua família deram o fora, logo depois que ele desapareceu? Califórnia, não é? Ótimo lugar, belas praias.

— Por favor… me deixe ir, por favor. Eu não sei de nada! — Michael exclama, alternando os olhos entre todos nós, provavelmente procurando alguém para ajudá-lo.

Ninguém irá mover um dedo por ele.

— Nos diga o paradeiro dele, e podemos pensar em te deixar ir embora — Benjamin tenta negociar, e o homem amarrado nega.

— Eu não sei onde ele está! Me… me falaram que ele está morto.

Meu pai desfere o primeiro soco da noite no rosto de Michael, e é quando percebo que ele utilizou o soco inglês. Não tinha reparado que ele está com a arma.

O sangue seco se mistura com o fresco e escorre pela frente da camisa amarela do cara.

— Vamos lá, Michael. Você é um cara esperto. Nos fale onde ele está e você volta inteiro para sua família.

Ele não sairá daqui vivo, porém precisa de incentivo.

— Eu não sei. E-eu juro que se eu… se eu soubesse, eu diria. Mas eu não sei.

Resposta errada, Michael.

Mais um soco atinge o rosto dele, abrindo uma ferida em sua bochecha que precisaria de alguns pontos, se ele fosse sair daqui.

— Vamos lá, Michael — Benjamin fala novamente, soando impaciente.

— EU NÃO SEI! EU NÃO SEI DE NADA! — o cara grita na cara do meu pai, fazendo-o se levantar.

Ele troca olhares com um dos caras atrás de Michael, e no segundo seguinte, o cara está com uma arma encostada na têmpora do homem.

— Não me faça fazer isso, Michael.

— Por… por favor. — Lágrimas inundam os olhos dele, e uma parte de mim amolece, entretanto o sentimento de empatia se esvai tão rápido quanto chega.

Ele pode ser a chave para encontrarmos o filho da puta do Joe e não está colaborando.

— Ele não vai dizer nada — eu finalmente falo alguma coisa. — Ele não sabe de nada. Acabem logo com isso — tento soar impaciente e impessoal.

Ele vai morrer, eu sei disso.

Só estou tentando, pelo menos, oferecer uma morte rápida.

O silêncio se instaura pelo local, até Benjamin dizer:

— Vocês ouviram o meu filho. Acabem logo com isso. Mesmo se ele souber alguma coisa, não vai falar.

O próximo som que escuto, é o disparo ecoando pelo porão.



# 07

## Lily Diggory

Eu fui em uma festa na sexta-feira e passei o fim de semana inteiro de cama, me recuperando da noite.

Os meus pés estavam totalmente doloridos — finalmente usei o cartão que Benjamin me deu e fui em um salão para fazer uma massagem enquanto fazia as unhas —, meu estômago pedindo arrego, depois de tanto álcool — o suco detox ajudou nisso —, e minha cabeça estava martelando o tempo todo — algumas doses de remédio, e eu estava novinha em folha.

A única coisa que não estava me incomodando depois daquela noite?

Minha boceta! E para mim, o sexo só é bom se eu não consigo andar direito no dia seguinte.

Eu já devia ter desconfiado quando estava transando com o cara — Adam alguma coisa, eu acho —, e ele não me fez gozar depois de duas rodadas, que não teria mais jeito. Contudo, eu tentei agradá-lo e incentivá-lo. Paguei até mesmo um boquete — que não é minha coisa favorita de fazer — pensando que, se ele sentisse ainda mais prazer, ele me daria um pouco também.

Eu estava errada.

Depois da terceira rodada de um sexo medíocre, ele adormeceu na minha cama. O plano não era dormirmos juntos, mas eu não iria expulsá-lo adormecido da minha casa de madrugada. Então, eu esperei a manhã chegar para fazer isso, de uma forma simpática, claro.

Porém, é claro que Aaron estragaria tudo mais uma vez.

Fui acordada pelo som de vozes masculinas em um tom mais alto que o normal vindo da cozinha, e por um momento, fiquei confusa com o que estava acontecendo. Durante os primeiros segundos, conforme me acostumava com a luz do sol — eu tinha esquecido de fechar as cortinas na noite anterior —, até pensei ter dormido fora de casa. Era a primeira vez, em duas semanas, que eu escutava alguém falar logo pela manhã. E quando levantei, pegando a primeira peça de roupa que vi no caminho, para não aparecer pelada na área comum do apartamento, não estava esperando encontrar aquela cena.

Adam alguma coisa e Aaron discutindo na cozinha, porque meu irmão postiço estava querendo o expulsar dali.

Puta que pariu!

Sim, eu estava planejando fazer isso, e de certa maneira, Aaron me ajudou, mas ele não estava querendo tirar o cara de lá por minha causa. Ele estava fazendo isso por ele. Talvez, o ego não aguentasse outro homem da mesma idade no mesmo ambiente vazio. Não sei que merda se passou na cabeça dele para fazer aquilo, porém eu estava puta.

E quando ele levasse alguém para casa — principalmente se fosse aquela Kiara, que está sempre agarrada com ele —, eu faria questão de expulsar a pessoa também.

Estava sendo infantil? Um pouco, só que ele merece.

E se Adam fosse o amor da minha vida, e eu tivesse o perdido pelo comportamento sem noção de Aaron?

Porra, eu nunca o perdoaria! E faria da vida dele um inferno, mais ainda.

Eu estou tão presa dentro da minha cabeça, borbulhando de ódio pelo meu colega de apartamento, que não estou prestando toda minha atenção nos corredores da faculdade enquanto caminho para minha aula de Desenho e acabo esbarrando em alguém.

— Nossa! Me desculpe! Eu estava viajando e não… — Paro de falar assim que meus olhos se fixam na figura masculina que eu conheço tão bem.

Adam alguma coisa está na minha frente, com um sorriso lindo estampado nos lábios e sua jaqueta do time de basquete — eu entreguei para um dos seus companheiros de time na segunda-feira —, bem sem graça.

— E aí, gata. A culpa foi toda minha, relaxa — ele fala, me levando gentilmente com o braço para perto dos armários, para não atrapalharmos o fluxo de pessoas passando por aqui.

— Desculpa pelo fim de semana — peço, um pouco tímida de ter que fazer isso por atitudes que não foram minhas. — Aaron e eu estamos morando juntos há pouco tempo e ainda estamos estabelecendo alguns limites. Eu deveria ter avisado que levaria alguém para casa.

Não, com certeza eu não devo dar satisfação para o babaca que divide o teto comigo, entretanto é melhor falar isso, do que dizer que Aaron é um filho da puta sem noção que me odeia porque sou bonita.

Eu tinha chegado à conclusão de que esse é o único motivo para ele destilar tanto ódio para cima de mim.

— Sem problemas, gata — Adam diz, fazendo um gesto com a mão para que eu deixe para lá. — Então… ele é seu irmão?

Merda.

Eu sabia que tinha chances de ele perguntar isso, mas eu estava torcendo para que o universo estivesse sendo gentil comigo hoje.

— O pai dele é casado com a minha mãe — explico, deixando bem claro que não temos nenhum laço sanguíneo.

— Ah, verdade! Você já tinha me dito isso — ele lembra, estalando os dedos assim que a memória da manhã pós-festa surge na sua mente, provavelmente. — Isso explica porque você não é japonesa.

— Coreana — corrijo, sem nem pensar muito.

— O que?

— Aaron tem ascendência coreana, não japonesa.

— Sério? Não fazia ideia. Você sabe, são todos iguais… — ele fala e ainda dá uma risadinha no final.

Isso é sério?

Que merda ele estava dizendo?

Eu posso não gostar de Aaron, só que isso não quer dizer que eu preciso tolerar preconceituosos de merda falando dele.

— Não, Adam, eles não são todos iguais. E você é um idiota preconceituoso por falar uma merda dessas!

— Ei, gata, calma. Não sou preconceituoso! Eu estava só brincando — ele diz, dando uma olhada ao nosso redor, depois que eu elevo um pouco meu tom de voz.

Ótimo, ele não quer ser visto com uma louca.

— Eu preciso ir agora — aviso, não querendo ficar mais um segundo perto dele.

Realmente, homens só são bonitos calados.

— Espera — Adam pede, segurando meu braço, e eu paro, segurando uma bufada. — Você não vai falar isso para ele, né? Sabe, foi só uma brincadeira. Nada demais.

— Se foi realmente uma brincadeira, por que eu não poderia falar para ele? — rebato, elevando uma das sobrancelhas para ele.

— Por favor, só… só não fale nada, tá bom? — Adam parece… com medo.

Medo do Aaron?

— Tem alguma coisa acontecendo que eu não saiba?

Porque não é possível que aquele metido a *bad boy* que vive com o dinheiro do papai dê medo em outras pessoas.

— Você… você não sabe? — ele me pergunta, confuso, e eu ergo ambas as sobrancelhas, balançando a cabeça em negação. — Você mora com ele e não faz ideia?

Não faço ideia de que, porra?

— Eu sei que ele é um babaca, mas não estou entendendo o que você quer me dizer.

O que Aaron pode ter feito — ou faz — que seja possível ver o terror nos olhos de Adam?

Ele está prestes a me contar, ou pelo menos eu acredito que sim, quando os olhos dele desviam dos meus e se fixam em alguma coisa atrás de mim. Ele perde totalmente a concentração e parece esquecer que estou parada na sua frente esperando por uma resposta.

— Adam! — chamo, estalando os dedos na frente do seu rosto.

— Eu acho melhor e-eu ir — ele finalmente fala, ainda sem olhar para mim e dando alguns passos para trás.

— O que?

— Até mais, Lily — ele se despede e vira-se de costas, seguindo pelo outro lado do corredor.

O que aconteceu?

Arrisco um olhar para trás para entender o que ele viu que o fez ir embora, e é claro que Aaron Yoon está encostado em um dos armários um pouco mais atrás de onde estávamos, com as írises fixas em mim.

Fecho a cara imediatamente, e ele sorri, piscando um dos olhos para mim antes de também virar de costas e caminhar para o outro lado.

O que Aaron fazia na surdina que deixou o cara da festa com medo?



Existe algo melhor do que fazer compras?

Sim.

Fazer compras para seu novo quarto com suas novas amigas e com o cartão ilimitado que seu padrasto te deu.

Eu estava meio receosa de usar o dinheiro dele, já que eu tenho uma boa quantia guardada do meu pai, mas com o filho dele está me fazendo passar por poucas e boas diariamente, eu mudei de ideia. Agora, até mesmo para uma água, eu utilizo o meu novo cartão de crédito com meu nome.

Benjamin tem rios de dinheiro, e alguns dólares a menos não farão muita diferença. Ele mesmo tinha insistido que eu usasse o cartão, alegando que era um presente de aniversário adiantado para mim — já que eu só completo 19 anos em outubro —, e a gente não recusa presentes, certo?

Certo.

Por isso, depois de um dia estressante na faculdade — as aulas de Desenho sugam toda minha energia por causa da professora perfeccionista demais —, eu convidei Stella e Ava para ir em algumas lojas de decoração comigo. Stella tem um carro — eu não entendo nada de automóveis, porém sei que o modelo deve custar mais do que a casa em que eu morava com minha mãe em Millsh —, então, assim que a última aula de Ava terminou, perto das quatro da tarde, nós encontramos nossa amiga no estacionamento e partimos para o centro de Schönilla.

Stella tentou nos convencer a ir para a capital, onde tem muito mais opções de lojas, shoppings e restaurantes, mas para isso, precisávamos dormir no local, já que é bem distante de onde estávamos. Ava e eu dissemos para marcar esse passeio com um pouquinho mais de antecedência, para conseguirmos achar um bom quarto de hotel com um preço acessível, e é claro que nossa amiga com um gloss da Dior disse que isso não era problema. Ela podia arcar com os custos dessa vez.

Nós negamos imediatamente.

Nós nos conhecemos apenas há duas semanas, e por mais que eu goste muito de Stella, não quero que ela pague nada para mim. Principalmente, um quarto de hotel, sabendo que ela escolheria algum 5 estrelas totalmente fora do meu orçamento como Lily filha de Joe Diggory. Lily, enteada de Benjamin Yoon, é outra história, entretanto não quero passar do limite que eu mesma estipulei. Ava também negou — do jeito meigo e calmo dela — e falou para deixarmos essa pequena viagem de fim de semana para outro dia.

Stella teve que concordar no fim das contas, já que eram duas contra uma.

E essa discussão ocorreu enquanto ela procurava alguma vaga para estacionar o carro nas ruas movimentadas de Schönilla, e por isso, acabamos ficando um bom tempo rodando, até desistirmos e decidirmos parar na garagem do shopping mesmo.

Mas tudo bem. Stella garantiu que no shopping tem ótimas lojas de decoração em que ela mesmo veio para comprar algumas coisas para o seu quarto na residência feminina da faculdade.

E ela estava parcialmente certa.

Realmente há lojas com itens muito bonitos, porém nada que combinasse com o que eu queria para o meu quarto novo. Como o antigo era totalmente rosa — juro, não havia uma outra cor naquele quarto, já que papai e eu decoramos quando eu tinha 10 anos, e ficou assim até mamãe se mudar —, eu queria algo com menos cores. É claro que haveria alguns itens cor de rosa, afinal, é uma das minhas cores preferidas, só que no geral, estou pensando em algo mais diferente e um pouco fora da minha zona de conforto.

— Que tal essa? — Stella pergunta, pegando uma das almofadas com uma linda capa branca e detalhes parecendo que foram feitos à mão de uma das prateleiras. — Não é muito caro e tem várias. Dá para encher bem a sua cama, como você quer.

— Gostei dessa! Coloca duas no carrinho, por favor — peço, apontando com a cabeça para o carrinho que estou empurrando.

Ava faz isso, e continuamos caminhando pela loja à procura de mais decorações legais.

— E roupa de cama? Toalhas? Precisamos focar nos itens essenciais também — Ava fala, séria.

— Você não acha que velas aromatizadas com cheiro de algodão macio e cupcake de baunilha são essenciais? — Stella brinca, pegando as duas velas que colocamos no carrinho mais cedo.

— Como vou receber vocês com meu quarto cheirando a desinfetante? É muito importante — entro na brincadeira, concordando com nossa outra amiga, e Ava ri, balançando a cabeça.

Provavelmente se perguntando como foi conseguir fazer amizade logo com a gente em uma universidade com mais de dez mil alunos.

O destino não falha.

— Quero ver se você vai falar isso quando sujar o lençol com a cera da vela e não tiver outro para colocar enquanto lava o sujo — Ava alfineta, e Stella e eu olhamos para ela, surpresas.

— Ava! Que lado seu é esse que dá fora na gente? — pergunto, brincando. Ela está se abrindo com a gente aos poucos, só que é a primeira vez que ela teve coragem de nos responder assim.

— D-desculpe. Eu não quis ofen…

— Não, amiga! Não precisa se desculpar, está doida? — Stella fala, passando um dos braços pelos ombros da nossa Rapunzel. O cabelo é tão grande, que a apelidamos assim carinhosamente. — Você está se soltando e entrando nas nossas brincadeiras, isso é bom. Não vamos ficar chateadas, tá bom? Sabemos que é tudo zoação.

— Exatamente, amiga — completo, para que ela se sinta mais confortável em falar o que pensa para nós mais vezes.

— Obrigada, gente — Ava responde, sincera, e nos lança um sorriso.

Stella e Ava seguem andando na minha frente, abraçadas, enquanto eu empurro o carrinho, e damos uma olhada em todas as áreas da loja.

Nossa próxima parada é na parte de cama e banho, seguindo a sugestão da minha amiga. Escolho dois jogos completos, já que tenho apenas um, que já estava na cama quando cheguei, e dois conjuntos de toalha também. Na minha suíte havia duas toalhas de banho e rosto brancas, que eu estou usando nos últimos dias, e acabo escolhendo novas cores: rosa, claro, e lilás.

— O que falta mais? — Ava pergunta, inspecionando o carrinho e dando uma olhada na lista que fizemos no carro, e compartilhamos no nosso grupo de mensagens.

— Relógio para a mesinha de cabeceira? — Stella indaga, olhando para o celular da nossa outra amiga por cima do ombro.

— Já pegamos — respondo, confirmando que o relógio está mesmo dentro do carrinho.

— Extensores de tomada? Abajur? — dessa vez, é Ava quem questiona, e eu assinto. — Cobertor? Organizadores para banheiro e cômoda?

— Tudo aqui — confirmo, conferindo mais uma vez.

— Já podemos ir comer? — Stella pergunta enquanto vamos para o caixa pagar. — Eu estou morrendo de fome!

Merda.

Merda.

Eu não tenho como escapar agora, porque ela está comigo a tarde inteira e viu que eu não comi nada. Se eu disser que não estou com fome ou que já comi, ela saberá que eu estou mentindo.

— Vamos para a praça de alimentação quando acabarmos aqui? — Ava sugere, começando a retirar os itens do carrinho e colocar no caixa. — Eu comi em uma hamburgueria muito boa quando cheguei na cidade, junto dos meus pais.

*O que?* Hamburgueria?

Meu estômago embrulha só de pensar no queijo gorduroso e na carne mal passada.

Eu não posso comer aqui com elas. De jeito nenhum. Não tem como eu dar uma fugidinha para o banheiro, porque odeio as cabines dos toaletes.

— O que acham de irmos para minha casa e pedirmos alguma coisa? — sugiro, falando a primeira coisa que vem na minha cabeça.

Eu não quero me despedir delas agora, porque nosso dia está muito divertido, mas também não quero ficar encurralada na praça de alimentação do shopping, tendo que comer *fast food*.

— Ah, perfeito! Podemos te ajudar a decorar — Stella diz, animada com a ideia.

— Eu tô dentro — Ava fala, passando para o outro lado do caixa e começando a empacotar as coisas nas sacolas de papel.

Eu só tenho que torcer para não dar de cara com Aaron por lá, e ele acabar com nossa noite de meninas.

Como eu não tenho o número dele, eu não tenho como confirmar onde ele está. No entanto, por ser cedo ainda — perto das 19 horas — eu acredito que ele não esteja em casa. Depois das nossas pequenas discussões, ele passa cada dia mais longe de casa, e isso é bom. Eu tenho o apartamento todo para mim e posso ir na cozinha me servir de um copo de água apenas de toalha, sem ter medo que ele me surpreenda por lá.

Assim que colocamos todas as minhas compras no porta-malas, entramos no carro, e eu passo o endereço do prédio para Stella colocar no GPS do celular. Logo que a senhorita do aplicativo começa a indicar as direções a serem seguidas, nós partimos.

O percurso do centro de Scönilla até minha casa é igual ao de quando viemos da faculdade para cá: com muita música cantada a plenos pulmões — por mim e Stella, já que Ava apenas cantarola baixinho as letras que sabe — e fofocas que rolam pelos corredores da universidade. Todas fornecidas por Stella, claro. Ela sabe de tudo que acontece na SU, e eu tenho quase certeza que o ouvido dela é biônico.

Estávamos tão distraídas dentro do nosso próprio mundo, que eu só percebo nossa chegada no prédio quando sinto o carro parar em frente à entrada principal. No mesmo segundo, um dos manobristas aparece e me reconhece, perguntando se queremos que ele estacione o carro da minha companhia na área de visitantes, e Stella diz que sim. Logo depois, nós retiramos as compras do carro, e o mesmo mensageiro do dia em que cheguei aparece, pega tudo das nossas mãos e diz que colocará na minha porta.

— Uau — Ava é a primeira a dizer alguma coisa, quando entramos no elevador.

— Uau mesmo — Stella repete, encostando as costas em uma das paredes do cubículo e virando-se para mim. — Como assim, você não disse que mora em um dos melhores prédios da cidade?

— Um dos melhores? — indago, elevando uma das sobrancelhas e um pouco confusa com essa informação.

— Sim, amiga! É extremamente difícil conseguir um apartamento para alugar aqui. Meus pais me colocaram na lista de espera assim que eu passei para a SU — minha amiga conta, e eu me contenho para não abrir a boca, surpresa.

É claro que eu sabia que apenas pessoas com muito dinheiro moravam aqui, mas… lista de espera para aluguel? Sério?

— O novo marido da minha mãe tem dinheiro — conto, e a porta do elevador se abre, revelando o andar do meu apartamento, e eu saio, sendo seguida pelas meninas. — Eles acharam que seria uma boa ideia eu morar com o filho dele durante os anos do curso.

— E você ainda tem um irmão gostoso? — Stella questiona, enquanto eu procuro a senha dentro da bolsa, porque ainda não cadastrei minha digital na fechadura. — Amiga! Você não pode deixar essas informações passarem em branco.

— Você nunca viu o meu irmão postiço, amiga — pontuo, porque já que não nos parecemos externamente, não tem como ela ter adivinhado de quem estou falando.

— Mas eu já sei que ele é gato, *duh* — ela responde, e as duas me ajudam a carregar as sacolas para o meu quarto. — É toda uma lógica, Lily. Você é bonita, logo, seus pais são bonitos. Se a sua mãe é bonita, ela não se casaria com um homem feio, então… é claro que o filho do cara bonito é gato.

Ava ri mais do qualquer outra vez que riu conosco, e eu entro na dela, tampando minha boca à medida que rio da teoria de Stella.

— Gente! É sério! — nossa amiga tenta falar, porém até ela está rindo do que disse. — Li-Lily… ele não é… é gato? — ela tenta perguntar, recuperando o fôlego das risadas.

Como eu respondo isso sobre o cara que eu deveria considerar meu irmão, de certa forma?

Eu não posso negar que Aaron é gato. *Muito* gato.

Contudo, tudo que ele tem de beleza, tem de falha de caráter. Do que adianta ser bonito e não ser uma boa pessoa?

— Normal? — tento fugir da pergunta, fingindo que não penso sobre como eu daria para o meu meio-irmão, mesmo ele me tirando do sério.

É o que falam, né? Sexo com ódio é o melhor.

Não.

Eu tenho que parar de deixar minha mente me levar para esses lugares obscuros.

— Enquanto esperamos o irmão gato da Lily aparecer, para você poder julgá-lo, Stella, será que podemos comer alguma coisa? — Ava pergunta, e antes que possamos responder, sua barriga ronca bem alto, nos fazendo rir ainda mais.

— Vamos! Eu tô faminta! — Stella exclama, puxando Ava para fora do meu quarto.

Assim que entramos na cozinha, e eu vou dar uma olhada no que tem de comida, percebo que só tem algumas saladas prontas, barrinhas de cereais e sucos de alguns sabores diferentes.

— Vamos de salada? — pergunto, pegando um dos potes e mostrando por cima do ombro para elas, que se acomodaram nas banquetas da ilha.

— Amiga… não tem nada mais… sabe, gorduroso? — Stella indaga, erguendo as duas sobrancelhas e fazendo-as dançar para mim, e eu acabo sorrindo.

— Vocês podem pedir alguma se quiserem, e eu fico na salada mesmo — sugiro, guardando a comida na geladeira e ficando de frente para elas na ilha.

— Fechado! Vou pedir uma pizza então. Pode ser, Ava? — ela pergunta à nossa outra amiga, já mexendo no celular, e ela assente. — Marguerita?

— Perfeito — Ava responde, e elas pedem o jantar.

Decidimos esperar a comida delas chegar para comermos todas juntas e vamos para a sala de estar. Entrego o controle nas mãos de Stella e peço para ela achar uma série ou filme interessante para assistirmos enquanto isso.

— Você não vai mesmo falar quem é o cara que mora com você? — ela questiona, zapeando pelos serviços de *streaming* da televisão. — Eu juro que não vou dar em cima do seu irmão! — Stella completa, até me oferecendo o dedinho mindinho para fazer uma promessa, mas faço um gesto para ela deixar para lá.

— Hm… Aaron. Aaron Yoon — revelo de uma vez.

Ava continua com a mesma expressão no rosto e provavelmente nunca ouviu falar dele, porém não Stella. Minha outra amiga está com os olhos esbugalhados para mim, em estado de choque.

— Sua mãe é casada com o pai do Aaron Yoon? — ela pergunta e até mesmo pisca os dois olhos, não acreditando na situação.

— Sim, com o Benjamin. Por quê? Você sabe de alguma coisa?

— Nós estudamos juntos alguns anos — ela conta, e dessa vez, eu fico surpresa. — Nunca nos falamos, no entanto. Mas desde aquela época, rolam… alguns boatos.

— Que tipo de boatos? — Ava questiona, se interessando pela conversa. Nós duas até mesmo viramos os corpos no sofá, ficando de frente para nossa amiga fofoqueira.

— Dizem que a família Yoon dele está envolvida em negócios… ilegais. Eles controlam toda a cidade por debaixo dos panos. Os policiais, médicos, políticos… todos respondem a eles — ela conta, e eu fico ainda mais surpresa com toda essa situação.

O que?

Isso não pode ser verdade. *Não tem como ser verdade.*

Minha mãe não se casaria com um homem perigoso assim.

*‘Se ela soubesse disso’*, lembro, e é verdade. Se isso não for mentira, eu não acho que minha mãe esteja sabendo.

O quão longe Lauren iria para ter uma vida cheia de luxo?

Eu tenho medo de saber a resposta dessa pergunta.

— Lily? — Stella me chama, e eu percebo que viajei nos meus próprios pensamentos. — São boatos. Pode… pode não ser verdade, amiga.

— Você sabe que adoram inventar fofoca, Lily — Ava complementa, sorrindo fraco para mim. — Ainda mais em cidade pequena. As pessoas gostam de ter o que falar.

— Você conhece o pai dele, certo? — A pergunta vem de Stella, e eu assinto. — Como ele é?

— Normal, eu acho. Nada perigoso, nem que parece fazer serviços fora da lei por aí, se é isso que você está me perguntando.

— Viu? Você é mais próxima dele do que as pessoas que inventam essas coisas. Se ele estivesse envolvido com essas coisas, você já teria percebido — Ava fala, e eu concordo.

É verdade.

Alguma pista, eu já teria pegado, se fosse o caso.

No entanto, será que eu realmente presto atenção no que acontece ao meu redor quando estou com eles? Aaron me tira tanto do sério, que sempre que estamos juntos, eu só consigo pensar em maneiras de esconder o corpo dele sem ser descoberta.

Olho de soslaio para Stella, e ela me parece… triste? Desconfortável? Não sei dizer exatamente, entretanto pela sua expressão, algo me diz que ela sabe mais dessa história.

E eu preciso saber também.



# Aaron Yoon

Michael, policial que trabalhava na delegacia de Millsh junto de Joe Diggory, realmente não sabia de nada sobre o antigo colega de trabalho. Pelo menos, é o que eu acredito, porque não acho que ele teria deixado sua vida ser levada em vão, tendo uma família o esperando em casa, se soubesse de alguma coisa. Bem, ele seria morto de qualquer forma, mas pelo menos teria nos ajudado com alguma pista.

Voltando à estaca zero, Benjamin está furioso com toda a situação. Estávamos perto demais de encontrar alguma coisa — *qualquer* coisa — que nos levasse ao filho da puta, e deu errado. Não sei quem passou a informação para ele de que Michael sabia de alguma coisa, porém eu sabia que essa pessoa já estava a sete palmos do chão também.

A pergunta que está ocupando minha cabeça nesses últimos dias é se o informante aleatório realmente acreditava que Michael sabia de alguma coisa ou só apontou para ele para despistar das pessoas que sabiam de algo?

Nós não podemos simplesmente matar todas as pessoas que já tiveram algum contato com Joe Diggory até extrair alguma informação decente sobre ele. Como ele era investigador da delegacia de Millsh, nosso poder não se estende até lá. É claro que temos contatos por todos os lugares, mas não privilégios. O único local onde temos uma grande porcentagem de poder é Schönilla. Podemos fazer o que quisermos, que todos nos acobertam.

Um dos funcionários de Benjamin foi visto por outras pessoas vendendo drogas na Lust, e uma denúncia foi feita? Não, essa denúncia nunca aconteceu e foi uma calúnia ou um mal entendido. E com certeza, o funcionário em questão levaria uma bronca do meu pai.

Alguém da organização foi baleado enquanto fazia contrabando de armas para pessoas ainda mais perigosas que nós, fora dos limites da cidade? Sem problemas, os médicos do Hospital Universitário de Schönilla cuidariam do ferimento e na ficha, escreveriam que foi um pequeno corte doméstico com uma faca.

Como assim, algum candidato democrata estava ganhando nas eleições governamentais ou municipais? Isso não poderia acontecer! Apenas os integrantes do partido republicano estão do lado dos Yoon, e não poderíamos deixar o inimigo ganhar. Com a ajuda de pessoas dentro do cenário político, ajudamos aqueles que estão do nosso lado a ganhar.

O que quero dizer com tudo isso? É que temos a cidade na palma das nossas mãos há anos. Desde que meu bisavô imigrou da Coreia do Sul para os Estados Unidos e começou os negócios em Schönilla. Ele inaugurou o Aha-hi Yoon — uma homenagem à minha bisavó — porque gostava mesmo de cozinhar. Mas com o tempo, ele percebeu que poderia conseguir ainda mais dinheiro com serviços… ilegais. Ele dizia para si mesmo que era temporário, apenas para ele conseguir uma boa quantia de dinheiro e garantir uma boa vida para esposa grávida.

Uma vez ganhando milhares de dólares, você não quer parar mais.

Desde então, a família Yoon foi abrindo ainda mais filiais do restaurante pelo estado da Carolina do Norte e usando de fachada para os negócios que acontecem por debaixo dos panos. E pelo nosso tempo atuando com todo tipo de atividade ilegal, temos o respeito de todas as demais organizações que fazem acordo conosco, e todas as forças poderosas estão ao nosso lado também. Quanto mais conexões, melhor.

E mesmo tendo tudo na palma da nossa mão em Schönilla e cidades perto, Millsh não faz parte, e por isso, estamos há anos tentando vingar a morte de Adele Yoon e não temos muito avanços.

— Lauren não sabe de nada. Ou pelo menos, finge que não sabe — meu pai fala, cruzando a perna do outro lado da mesa do escritório no nosso restaurante principal, que fica no segundo andar.

Quando ele precisa falar apenas comigo, nos encontramos aqui, não no subsolo. O porão é só para negócios e assuntos que envolvem mais pessoas.

— Ela não revelou nada?

— Sempre que eu tento entrar no assunto do ex-marido, ela desconversa, dizendo aquelas baboseiras de que o que importa é o presente e nosso futuro juntos — ele fala, revirando os olhos para tamanha palhaçada. Eu faço o mesmo.

— E não achou nada nas coisas dela mesmo? — Meu pai tinha dito que ia tentar bisbilhotar a parte dela do closet para ver se achava algo útil.

— Ainda não tive a chance. Ela está sempre em casa quando eu estou e quando sai para fazer qualquer coisa, é quando estou por aqui.

Merda.

Já faz meses que eles estão casados e morando na mesma casa, e Benjamin ainda não descobriu nada.

Eu não acredito que Lauren não saiba de nada. Na minha opinião, ela sabe de alguma coisa, e só precisamos — *ele* precisa — fazer a pergunta certa.

— Lauren acredita que o marido desapareceu sem motivos há anos? E ele nunca tentou contato de novo?

— Ela diz que não se importa com o que tenha acontecido com ele — meu pai diz bufando, frustrado. — A relação deles já estava ruim antes disso acontecer. Ele passava muito tempo fora de casa, trabalhando ou comendo alguma puta. Palavras dela. Foi a única coisa que ela me disse, mas nada que já não sabíamos.

Nós já estávamos sabendo que Joe Diggory estava agindo de forma suspeita meses antes do desaparecimento dele e da morte da minha mãe. Também tínhamos quase 100% de certeza de que ele estava nos investigando, foi ele que causou o acidente de carro, para atingir meu pai de alguma maneira.

Foi aí que ele errou.

Benjamin está ainda mais sedento depois de tudo que aconteceu. Ele — *nós* — queremos respostas e não iremos parar até conseguir.

— Qual o próximo passo? — pergunto, me aproximando da mesa que nos separa e cruzando os dedos em cima da superfície de madeira.

— Você entrar nisso tanto quanto eu.

— Eu *estou* nisso tanto quanto você — respondo na lata, surpreso por ele estar me dizendo uma porra dessas. — Eu quero, tanto quanto você, vingar o que fizeram com nossa família. Elas não mereciam passar por aquilo, e quero pegar o merda que fez isso.

Ele fica em silêncio durante alguns instantes, pensando no que podemos fazer. Não queremos colocar Lauren contra a parede e tirar mais uma vida, mesmo que em certo ponto, eu tenha pensado que isso seria o mais certo.

Por que não devolver na mesma moeda?

Ele matou minha mãe, que era inocente, nós mataríamos sua esposa, também inocente.

Olho por olho, dente por dente.

É claro que esse pensamento foi embora tão rápido como chegou. Mamãe me mataria se soubesse que eu tinha considerado essa ideia. Ela odiava demais tudo que a família de Yoon fazia, e me deixou longe de tudo o máximo que conseguiu. Se esse tipo de solução para as questões da organização se tornasse comum na minha mente, eu saberia que tinha chegado no ponto do qual Adele sempre tentou me manter longe.

Ela não queria que eu me tornasse meu pai, e eu também não.

— Como está sendo viver com a garota? — meu pai questiona, me tirando do momento de introspecção.

— Complicado, mas estamos nos virando.

Mentira.

Complicado é eufemismo para a merda que está sendo morar sob o mesmo teto de Lily Diggory.

— Preciso que você se aproxime dela.

— O que?

— Vocês têm a mesma idade, estudam na mesma faculdade e moram juntos. É fácil conseguir alguma informação dela — ele explica, me olhando com uma expressão como se eu fosse muito burro por não ter entendido a intenção por trás de suas palavras.

— Nós não nos damos bem. Apenas nos aturamos e não temos nenhuma relação de amizade — revelo, mesmo nossos problemas sendo maiores do que isso. Ele não pode saber dos últimos acontecimentos e das brigas constantes.

— E daí? Dê um jeito nisso. Ela não tem pai, a relação com a mãe não é essas coisas e está em uma nova cidade, sem amigos. A garota deve estar doida para fazer algum e desabafar sobre o pai desaparecido.

— Eu não acho que isso seja uma boa ideia.

Assim que as palavras saem da minha boca, Benjamin se levanta de supetão, bate com as ambas as mãos na mesa, fazendo um barulho extremamente alto, e aponta o dedo indicador na minha cara.

— Você não tem que achar nada, porra. Você faz o que *eu* mando, Aaron. Se eu te pedisse para apontar uma arma para a testa daquela garota, você ia fazer isso sem dar um pitaco — ele explode, ficando até um pouco vermelho de raiva.

Eu não costumo mais contestar meu pai, e é isso que acontece quando eu o faço.

— Ela não confia em mim. Isso não vai dar certo — tento apontar motivos, porém ele não está nem aí.

— Então a faça confiar, caralho! Ela não tem um pilar para se sustentar. A cabeça daquela garota, Aaron? Não é boa. Não vai ser difícil você se aproximar e fingir que se importa com os sentimentos dela.

Eu não respondo nada.

Não quero fazer isso. Não, eu não *consigo* fazer isso.

Não conseguimos ficar cinco minutos no mesmo ambiente sem querermos nos matar, como eu iria me aproximar dela e tirar informações sobre o pai desaparecido?

— Ela não vai me contar nada — tento mais uma vez, porque é verdade. Eu duvido que consiga forçar uma amizade com Lily para que ela me conte esse tipo de coisa sobre sua vida.

— Ela vai, porque você vai se esforçar para que isso aconteça — Benjamin diz, firme. — Se eu preciso encenar com a porra da mãe dela, você também pode fazer isso com a filha. Não me importo que você tenha que transar com ela para tirar alguma informação. A única coisa que preciso é de alguma pista que possa me levar a Joe Diggory.

Meu pai soa um pouco… desesperado. E é uma das primeiras vezes em que vejo-o assim. Eu sei que ele está dessa forma porque quanto mais tempo passa, mais difícil tudo se torna. Joe pode estar a quilômetros de distância, com uma nova identidade, uma nova família… Ele pode até morrer a qualquer momento, sem ter dedo nosso em sua morte. Benjamin está nervoso por estarmos focando tanto nisso e no final, não chegarmos a lugar nenhum. Não podemos esperar muito mais.

Precisamos colocar todas as armas em jogo, se quisermos fazer algo sobre o acidente que matou mamãe e fez minha irmã ter sequelas permanentes.

Mesmo que isso signifique fingir uma amizade com a filha do assassino dela.

Eu sei o que preciso fazer.

— Tá bom. Vou me aproximar de Lily e tentar tirar alguma coisa dela.



Por mais que eu tenha concordado com a merda da ideia do meu pai, eu não quero ir para casa e colocar esse plano em prática. Não, eu preciso pensar no que fazer e me preparar para isso. Se eu realmente quero que Lily confie em mim a ponto de desabafar sobre sua família, eu não posso chegar em casa e brigar com ela porque ela levou as amigas para lá.

É claro que eu vi.

Eu estava acompanhando as redes sociais de Lily Diggory na surdina — usando a porra de uma conta falsa, porque eu sou patético a esse nível — para estar sempre por dentro de onde ela estava. Se ela postava que estava almoçando no refeitório da faculdade com as amigas, eu ia para casa e fazia o que precisava. Era assim que eu conseguia não ficar sem nada enquanto não estava em casa.

De qualquer maneira, eu não queria dar de cara com ela e suas fiéis escudeiras — Stella Mars e Ava Sinclair — nesse momento. Eu não queria detonar minhas chances de me aproximar de Lily, arrumando mais uma discussão desnecessária, porque eu sabia que isso aconteceria assim que eu colocasse os pés em casa.

Eu precisava relaxar para lidar com Lily Diggory.

E por isso, eu estou pilotando minha moto até a boate Lust à procura de uma diversão para essa noite. Dia de semana não é uma desculpa para Kiara não abrir a boate. Inclusive, são nesses dias que ela mais fatura em todas as áreas da boate. Desde as lutas clandestinas do andar de baixo até os jogos no andar de cima. Os executivos que aparecem para ambas as atividades preferem fazer isso de segunda à quinta, porque assim, conseguem enganar as famílias e dizer que é apenas mais um dia saindo tarde do escritório.

Idiotas.

Contudo, antes de ir para o meu destino final, eu decido parar em algum drive thru qualquer para poder fazer um lanche. Eu estou sem comer nada desde o meio da tarde, quando comi uma barra de chocolate pequena de uma das máquinas da faculdade, e preciso me alimentar se quero transar a porra da noite inteira.

Eu tinha acabado de pegar minha sacola de papelão com a comida e estacionado a moto em uma das vagas do estacionamento do local para ajeitar as coisas, quando sinto meu celular vibrando no bolso. Eu iria deixar tocar, já que estou ocupado no momento, só que quando vejo o nome de Audrey piscando na tela, eu clico no verde para atendê-la.

— E aí, peste — cumprimento-a, assim que o seu rosto aparece na tela do meu celular.

Ela sempre preferiu chamadas de vídeos a chamadas de áudio. Como ficamos muito tempo sem nos ver, qualquer oportunidade para ela ver meu rosto é aceita.

— Oi, Aaron! — Ela sorri para mim, e eu não consigo mais manter a máscara que me acostumei a usar todos os dias, sorrindo para minha irmã mais nova também. — Ei! Onde você está?

— McDonald’s.

— Ah, não acredito! Eu estou doida para comer um hambúrguer com batata frita decente — ela reclama, revirando os olhos e encostando as costas na montanha de travesseiros atrás dela.

— Quando eu for te visitar, eu te levo para um passeio no centro da cidade.

— Você promete? — ela pergunta, um pouco desconfiada. Eu não gosto de sair das dependências do colégio quando vou vê-la, mas abro algumas exceções às vezes.

— Eu prometo — respondo, mostrando meu dedinho mindinho para ela, que sorri e encosta o dela na tela também.

Nossa forma de promessa estando a um oceano de distância.

No dia do acidente que matou nossa mãe, Audrey estava com ela. Mamãe tinha ido buscá-la no ensaio de ballet, e elas estavam indo parar na lanchonete preferida da minha irmã, na estrada que leva à Millsh, quando outro carro bateu no delas. Adele Yoon morreu na hora, Audrey, no entanto, chegou a ficar um tempo internada no hospital. Felizmente, ela teve um destino diferente da nossa mãe e está viva. Teve sequelas — ela está paraplégica —, mas pelo menos está bem, na medida do possível.

Como elas estavam em outra cidade, não tínhamos tanto controle sobre as autoridades de lá, porém soubemos, assim que os policiais disseram que foi um motorista bêbado que perdeu o controle, que era mentira. Ainda mais quando não conseguiram encontrar os responsáveis. Um dedinho do meu pai na situação aqui, outro ali, e descobrimos o envolvimento de um tal de Joe Diggory. Ele era investigador da delegacia e estava suspeitando dos negócios da nossa organização. Desde então, estamos atrás dele.

Foi quando mamãe se foi, que eu tive certeza que aqui não era um lugar seguro para nós, principalmente para Audrey. Por isso, logo que ela se recuperou totalmente do acidente, eu fiz um acordo com meu pai de mandá-la para um colégio interno bem longe daqui, e o local escolhido foi a Suíça. Ela passou a usar o sobrenome de solteira da nossa mãe — na escola, ela é conhecida como Audrey Kim — e está construindo uma nova vida para si mesma bem longe da merda da nossa família.

Falando na Suíça…

— Que horas são aí? — questiono, me tocando de que se já é tecnicamente tarde por aqui, deve ser ainda mais onde ela está. — Você não deveria estar dormindo?

— É perto das quatro da manhã, papai Benjamin — ela diz, sarcástica, e eu seguro o sorriso. Já que ele não faz o devido papel de pai, eu preciso tomar conta da minha irmã.

— E por que você está acordada, se tem aula daqui algumas horas?

— Eu estava terminando um livro e não consegui parar de ler. Ele é muito bom, Aaron!

— Aquele que te dei de presente na última vez em que fui aí? — Eu tento visitar minha irmã algumas vezes por ano, em épocas menos complicadas para mim e para ela.

— Claro que não, Aaron — ela responde, revirando os olhos castanhos para mim. — Esse eu terminei na semana em que você ficou aqui, não se lembra? Eu não demoro meses para ler um livro!

— Então, qual é o da vez? — pergunto, comendo mais um pouco das minhas batatas fritas.

— É um do *Wattpad*. Essa autora escreve releituras dos contos de fada em uma versão sáfica. E você já percebeu que é incrível, porque eu virei a noite lendo um inspirado na Cinderela — ela diz, animada, mostrando o *iPad* aberto em uma página do livro.

Quando você tem uma irmã mais nova leitora, termos como: *Wattpad, Kindle* e *tropes* literárias se tornam comum. De tanto ouvir Audrey falar sobre tudo isso, eu já tinha me acostumado e nem precisava perguntar o que cada uma significava.

— Ele deve ser mesmo ótimo, para você ter ficado a madrugada inteira sem dormir, Audrey — alfineto, não querendo que soe como uma bronca. É claro que ela não pode fazer disso um hábito, mas ela poderia estar virando a noite fazendo *outras* coisas, então, lendo estava bom. — Acho que é hora de você dar um cochilo antes da aula, não?

— Você já quer desligar? Você não me ama mais? — ela dramatiza sua fala, colocando uma mão no peito e fingindo estar ultrajada.

Audrey Kim é uma atriz nata. Ela já fazia aulas de teatro no colégio e era apaixonada. E tinha grandes chances de se tornar uma grande estrela do cinema, e não estou falando isso apenas por ser seu irmão mais velho.

Ok, só um pouco.

— Eu quero desligar, porque você precisa dormir.

— Então você ainda me ama?

— É claro que sim, Audrey. Você é a pessoa que eu mais amo no mundo — *e a única.*

— Posso te ligar de novo amanhã? Para continuarmos nossa conversa. Eu tenho muita coisa, que rolou nos últimos dias, para te contar.

— Você pode me ligar todos os dias e sabe disso, espertinha — brinco, e ela ri do outro lado do aparelho.

Como eu sinto falta de ouvir essa risada pessoalmente!

— Até amanhã, Aaron. Amo você.

— Também te amo, Audrey — respondo, antes de desligar a chamada.

Porra, como eu sinto falta da minha irmã. De tê-la todos os dias ao meu lado. De preparar café da manhã para ela, junto da mamãe, e fazer uma surpresa com panquecas de unicórnio. De comemorar o Ano Novo Lunar com vestimentas tradicionais e com algumas das famílias coreanas de Schönilla no restaurante da nossa família ou em casa também. Essa era uma das datas mais legais que comemorávamos, e até mesmo meu pai se tornava uma pessoa tolerável nos três dias de comemorações.

Se tornava.

Desde que mamãe se foi, ele nunca mais comemorou a data. Eu, no entanto, passo as festas de fim de ano com minha irmã mais nova na Suíça. Normalmente, passamos os dias que temos de recesso das aulas em algum hotel ou casa perto do seu colégio interno, apenas nós dois. Não é como era com nossa mãe, claro, mas eu me esforço para ser o melhor que dá para Audrey.

Tudo que eu faço é para ela.

E é por isso que eu não pude negar a ordem do meu pai de me aproximar de Lily. Eu preciso encontrar o responsável pela minha irmã estar crescendo longe de mim e sem uma família de verdade. Ela merecia passar por todas as fases da vida dela com Adele, e tiraram isso dela.

Eu não consigo olhar para Lily e não pensar no inferno que o pai dela transformou nossa vida, porém se eu quisesse justiça, eu precisava disso.

Contudo antes, eu tenho que relaxar e me desestressar. Eu não posso estragar a porra do plano sendo grosso com ela assim que colocar os pés em casa. Por isso, a deixarei aproveitar a noite com suas amigas sem interrupções, enquanto eu aproveito a minha aqui, na Lust.

Cumprimento um dos seguranças da boate quando ele me deixa entrar e eu furo a fila do lado de fora, como sempre.

Privilégios de ser amigo da dona.

Ops, dono.

A Lust é a melhor casa noturna de Schönilla — se tornou a única uns anos atrás, quando a outra boate faliu e fechou as portas — e por isso, não importa o dia da semana: sempre que estiver aberta, há filas quilométricas pela calçada.

Do lado de dentro, ela também já está lotada. Um DJ famosinho da região vai tocar mais tarde hoje aqui, e as pessoas parecem esperar ansiosas pela sua aparição. A pista de dança está cheia, e o bar também. Vejo os bartenders correndo contra o tempo para entregar todos os drinks e recolher o dinheiro, sem deixar nenhum cliente esperando. E como hoje é dia de evento por aqui, eu sei que Cameron e seu grupo vão chegar a qualquer momento para começar os trabalhos. Eles não costumam chegar no início, porque as pessoas precisam beber e assim, ficarem mais propícias a comprar as drogas.

Por isso, vasculho o local à procura de Kiara e de alguma desconhecida bonita o bastante para levar ao andar de cima.

— Nenhuma funcionária minha dessa vez, por favor. — A voz de Kie surge por trás de mim, e eu sorrio, esperando que ela venha até o meu lado. Seu perfume forte logo enche minhas narinas, e sua figura vestida de preto me olha de soslaio. — Estou falando sério, Aaron.

— Não vai acontecer de novo — garanto, sendo sincero, mesmo achando graça na situação. Eu não vou cometer o erro de dormir com alguém que trabalha aqui novamente.

— Aquela é bonita — minha amiga diz, apontando com a mão que não está segurando o champanhe para uma ruiva na pista de dança, rodeada de amigas. — E infelizmente, com certeza hétero.

— Tentou a sorte e levou um fora? — brinco, e ela revira os olhos, batendo com o quadril no meu.

— Não, mas você sabe que eu sei quando as pessoas jogam no mesmo lado que eu. E aquela ali, não.

— Não é de Schönilla então? — pergunto, porque não gosto de me envolver com ninguém da universidade. É claro que já aconteceu algumas vezes, porém eu evito quando consigo.

— Nunca vi antes por aqui.

— Perfeito, então — respondo, olhando para Kiara, que já está com os olhos em mim e um sorriso malicioso estampado no rosto.

— Limpe o que você sujar — ela ordena, bebendo um pouco mais da sua bebida. — Talvez eu termine minha noite por lá também.

— Dois toques na porta?

— Como sempre.

Essa é a nossa batida quando queremos usar o antigo escritório de Kie — que se tornou um quarto de sexo, depois que ela reformou a sala maior para si — e não sabemos se já tem alguém lá dentro. Apenas eu, ela e Cameron usufruímos de lá, mas não queremos encontrar nossos melhores amigos transando.

Já aconteceu algumas vezes, e eu já tenho muita experiência para contar.

Antes de seguir caminho até a ruiva que balança a bunda no ritmo da música, eu dou uma passada rápida no bar e pego uma dose de uísque.

Finalmente eu terei a chance de tirar a visão do corpo de Lily com aqueles micros shorts de pijama andando pela casa da minha mente. É isso que eu preciso: uma boa noite de sexo. Eu estou há algumas semanas sem e já estou começando a achar minha meia-irmã gostosa, e imaginando como seria entrar dentro dela.

Isso acaba hoje.



# 09

## Lily Diggory

Existe algo pior do que quarta-feira?

Para mim, é o dia mais aleatório e morto da semana.

Já estou muito cansada dos dias anteriores e muito animada para o fim das aulas para poder curtir os próximos dias de fim de semana. Ou seja, não sei exatamente o que eu devo fazer nessa metade dos dias úteis.

Contudo, eu com certeza sei que ir para a boate mais badalada da cidade não deveria ser uma das opções. Pelo menos para mim, não. No entanto, para Aaron, foi sua diversão noturna do dia anterior. Não que eu me importe com o que ele faz ou deixa de fazer com sua vida, mas caramba, ir para festa no meio da semana? Sério?

Tudo bem, eu não posso julgá-lo tanto assim, porque eu adorava ir para uma festa e curtir até o amanhecer com meus amigos. Porém, eu fazia isso nos fins de semana, quando eu não tinha hora para acordar no dia seguinte. Foram raras as exceções em que saímos em plena terça-feira tendo uma prova de História na manhã posterior ao evento, por exemplo. Agora, fazer isso durante a faculdade? É completamente irresponsável!

Eu deveria ficar bisbilhotando a vida de Aaron Yoon? Provavelmente não, entretanto não consigo evitar. Eu tinha voltado a usar minha conta falsa nas redes sociais — em que eu *stalkeava* alguns dos alunos do meu antigo colégio — e estava sempre de olho no que os amigos de Aaron postavam, já que ele mesmo, não é tão ativo assim. Foi assim que eu vi que ele, Kiara e Cameron — descobri pela marcação que fizeram do cara na postagem — estavam se divertindo na noite anterior.

Não está sendo meu melhor momento, admito, só que a fofoqueira dentro de mim precisa de explicações.

Ainda mais depois dos boatos que Stella contou que rolam em Schönilla sobre a família dele — família da qual eu faço parte, de certa maneira, agora —, eu quero saber se são reais ou não. Uma parte de mim acredita que é a maior bobeira que eu já ouvi, mas… será mesmo? Meu pai desapareceu há alguns anos, e eu sabia que ele tinha feito isso não só para se salvar, como também para salvar a família que tanto amava, e isso aconteceu porque ele estava fugindo de pessoas com muito poder. Do nível de conseguir rastreá-lo em qualquer lugar dos Estados Unidos e até mesmo fora dele.

Se essas pessoas estavam atrás de papai há alguns anos, e ele era só mais uma pessoa comum, por que Benjamin e Aaron, pessoas comuns, não podiam estar por trás de uma organização criminosa perigosa assim? Sinceramente, nada mais me surpreendia.

— Qual você acha que é a resposta da questão 5? — Stella me pergunta, e eu pisco, voltando a prestar atenção no que está acontecendo no mundo real.

Nós estamos na biblioteca da universidade, fazendo um trabalho da matéria que cursamos juntas, Matemática Contemporânea. Uma merda, mas é obrigatória para ambos os nossos cursos. E como tudo que é ruim pode piorar, nossa primeira prova do semestre é um trabalho em dupla, que vale grande parte da nossa nota final.

Bem, pelo menos pudemos escolher com quem faríamos o trabalho.

— Eu não faço ideia! Minha cabeça ainda está fritada da questão anterior — respondo, apoiando os cotovelos na mesa e segurando minha cabeça. — Quanto tempo ainda temos para entrega-lo?

— Duas semanas.

— E ainda temos 20 questões para resolver? Puta que pariu — digo, irritada e bufo baixinho. — Nada para mim faz sentido. — Aponto para a folha, soltando o lápis por cima dela e produzindo um pequeno barulho, o que faz com que outros alunos peçam silêncio quando elevo um pouquinho meu tom de voz.

Ah, por favor! Eu nem cheguei a falar no meu tom normal, e já estão enchendo o saco.

— Não sei porque você teve essa ideia de vir para cá terminar essas questões — resmungo o mais baixo que consigo para não incomodar as feras estudiosas da SU.

Minha amiga ri da minha reação e balança a cabeça, voltando a prestar atenção no nosso trabalho para aula de Matemática Contemporânea.

— Nós podemos fazer até a questão 10 e deixar as próximas para… — Stella sugere, mas seus olhos encontram algo, ou alguém, atrás de mim, e ela para de falar na mesma hora.

— Amiga? — chamo, tocando em seu braço gentilmente, porém ela continua estática.

Não tenho tempo de me virar e ver o que a deixou assim, porque a pessoa em questão aparece ao nosso lado. Ela segue o cara com os olhos até ele se aproximar da nossa mesa, ficando de pé no espaço entre nós duas

— Stells! Você por aqui? Como você está, linda? — O garoto em questão é o mesmo que eu vejo sempre andando acompanhando de Aaron e Kiara, o que estava na festa com eles ontem.

Como eles se conhecem? Ela não tinha comentado nada quando falamos de Aaron alguns dias atrás.

— Cameron. Que surpresa — ela responde, seca, e recupera a postura.

— Não acho que seja uma surpresa se você sabia que eu tinha escolhido vir para SU — Cameron fala, umedecendo os lábios enquanto mantém os olhos na minha amiga.

Espera… *esse* é o ex-namorado que ela falou que também estuda aqui? Stella estava envolvida com um dos melhores amigos de Aaron?

Uau. Por essa eu não esperava!

Percebo que ela está um pouco desconfortável, então, a fim de tirar a atenção dela totalmente, eu coço a garganta, e ele finalmente percebe a minha presença.

— Sou a Lily — me apresento, estendendo minha mão em sua direção.

— Cameron — ele diz, levando minha mão até sua boca e deixando um beijo casto no dorso dela. — Enteada de Benjamin e irmã de Aaron, certo?

É claro que ele saberia dessa informação. O garoto, junto de Kiara, não se desgruda do amigo.

— Eu mesma.

Um silêncio ainda mais estranho se instaura entre nós três, e eu não faço ideia de como sair dessa. Será que eles querem conversar? Eu devo me retirar? Ou expulsá-lo daqui?

Felizmente, antes que eu escolha uma das opções, Stella se vira para ele, os olhos castanhos se fixando nos dele, da mesma cor, e diz:

— Acho melhor você ir.

— Mas já? Nem colocamos o papo em dia, Stells — ele fala, levando a mão ao coração e fingindo estar ultrajado com a atitude da minha amiga.

— Não me chame assim. Por favor — Stella murmura, baixinho e desvia o olhar do dele, mas nós conseguimos ouvir, pela biblioteca estar em silêncio absoluto.

Eu não sei exatamente o que aconteceu entre os dois, porém sinto a dor na voz dela quando pede para ele não chamá-la pelo apelido carinhoso.

— Stells… — ele tenta, e ela se ajeita na cadeira de madeira, ainda sem encará-lo.

— Ela pediu para você ir embora, Cameron — eu respondo, firme, olhando para cima e sorrindo falsamente para o cara que quebrou coração de Stella.

— Eu… eu só queria…

— Você não quer nada — interrompo-o, impassível, e até chamo a atenção da minha amiga com a minha fala. — Você pode ir embora agora, como um bom cavalheiro, ou eu posso chamar um dos seguranças do prédio e dizer que você está nos incomodando.

Ele hesita, e acho que ele vai me responder, debater comigo ou alguma coisa assim, mas não. Ele só assente e arrisca um último olhar na direção de Stella, antes de falar:

— Ainda vamos conversar.

E vai embora, seguindo o caminho para as cabines individuais de estudo, eu acho.

Eu espero até que ele esteja bem longe de nós e todos tenham voltado a prestar atenção nas suas atividades — porque é claro que os mesmos chatos de antes, que me pediram silêncio, estavam com as cabecinhas viradas tentando escutar nossa conversa com Cameron — para voltar a falar com ela.

— Tudo bem, amiga? — pergunto, abaixando minha cabeça para que eu consiga olhar em seus olhos, já que ela está com eles fixados na mesa.

— T-tudo bem — ela responde, achando graça da posição em que estamos e ergue a cabeça para podermos falar melhor, sem eu estar debruçada sobre a mesa de madeira.

— Se você não quiser falar sobre isso, não precisa — garanto, esticando minha mão para alcançar a dela e entrelaço nossos dedos.

— Não tem muito o que falar. — Ela dá uma risada sem graça antes de continuar, e eu sorrio fraco. — Namoramos no ensino médio, éramos apaixonados, e ele começou a se envolver com… com coisas que eu não concordava. Eu pedi para ele sair, e você acredita que ele me falou que estava fazendo isso por mim?

— *O que?* Sério?

— Pois é! E é claro que brigamos depois disso e acabamos terminando. Ele também começaria na SU em breve, e ficamos um pouco distantes um do outro, e… e foi o melhor que podíamos fazer. Ele não iria sair daquele mundo, e eu não podia continuar com ele enquanto ele estivesse envolvido com essas coisas.

— Esse mundo… o que você quer dizer exatamente? — questiono cautelosamente, porque não sei se é um terreno em que posso entrar.

— Drogas, Lily. Ele continua traficando drogas em todas essas festas que rolam por aqui — ela responde e respira fundo, pegando sua garrafinha de água para tomar um gole. — Podemos voltar às questões e terminar pelo menos mais algumas?

— C-claro. Claro que sim — digo, voltando meus olhos para a folha à minha frente, enquanto minha mente continua pensando sobre o que Stella me contou.

Eu não irei entrar nesse assunto novamente até que ela esteja confortável o suficiente para falar comigo sobre, entretanto algumas peças estão começando a se encaixar.

E se Cameron estiver trabalhando para a família Yoon, vendendo essas drogas? Os boatos que Stella disse que aconteciam no colégio são mesmo verdadeiros, então? E ela pode ter tido certeza disso quando o seu namorado se envolveu com as pessoas erradas.

É, isso faz sentido.

Mesmo assim… ainda faltam algumas peças nesse quebra-cabeça, e eu irei encaixá-las.



— Mas eu não estou vendo ninguém, e eles não estão nos vendo, gatinha — Jason diz do outro lado da tela, reclamando com a sua namorada.

— É porque a câmera está desligada, Jenkins — ela responde, parecendo se controlar para não dar um fora nele, apenas pelo seu tom de voz.

— E por que está desligada, caramba? Quem deixa a câmera desligada sempre, assim?

— Eu, quando não quero que ninguém nas reuniões online me veja — ela resmunga, e em seguida, eles aparecem na chamada de vídeo.

Eleanor Collins foi a última pessoa a integrar nosso grupo de amigos no ensino médio. Ela se mudou para Millsh no último ano do ensino médio, e Jason Jenkins, seu namorado, e ela tiveram um típico ódio à primeira vista, da parte dela, claro. Ele sempre esteve caidinho por ela, desde o primeiro momento. Depois de alguns empecilhos no relacionamento deles, eles estão mais firmes do que nunca e fazendo faculdades próximas uma da outra em Miami.

— Linda, vem aqui! Todos já entraram — Charles Brown grita, e em segundos, Alexia Jenkins aparece, sentando-se ao seu lado na cama.

— Oi, gente! — ela nos cumprimenta, com um sorriso de orelha a orelha.

Eles estão no quarto dela, em Millsh, e tenho certeza disso quando Tinker Bell, a cachorrinha de Alex, pula no colo dela. Provavelmente, estão aproveitando o fim de semana na casa dos pais de Alexia, já que a irmã mais nova de Charles, Cassandra Brown, de apenas 9 anos, está morando com eles durante um tempo, depois da confusão que aconteceu na família Brown. Apesar de nos conhecermos há anos, foi só no começo desse ano, que os pombinhos revelaram os sentimentos incubados um pelo outro desde a infância e estão namorando desde então.

Eu apostava que eles seriam o primeiro casal do grupo a se casar, tamanho o amor que sentem um pelo outro e o tempo desnecessário que passaram separados.

— Viu, Nora! Eu disse que poderíamos estar fazendo a chamada de vídeo juntas e eles não reclamariam — Alison Marsh, a líder de torcida mais bonita que o colégio de ensino médio de Millsh já viu, comenta, reclamando com minha melhor amiga e namorada dela.

— Mas olha a confusão que já está! — Nora Hart retruca, falando da pequena discussão que Ellie e Jay quase protagonizaram.

— Eles são sempre assim. Achei que já estávamos acostumados, depois de tanto tempo — falo, me ajeitando na cadeira nova da escrivaninha, o último item do meu quarto, que chegou essa semana. Ela é acolchoada e perfeita para quando eu passo horas desenhando aqui. — Além do mais, não me sinto tão sozinha em ser a única solteira do grupo.

— Não encontrou com nenhum cara bonitinho por aí? — Allie pergunta, e eu dou de ombros.

— Ninguém que valha a pena — respondo, lembrando da minha primeira e última transa aqui em Schönilla.

— Não faz nem um mês que está aí, amiga. Em breve, você pode achar alguém especial — Alex diz, com seus olhos apaixonados quando olha de soslaio para Charlie, que já está observando-a.

Argh.

Eu amo meus amigos, porém algo de que não sinto falta com certeza, é de ser vela de todos eles quando saíamos juntos.

— Tenho outras prioridades agora, amiga, mas obrigada pelo voto de confiança — brinco, piscando um dos olhos para ela. — Mas como você está? Alguma novidade?

— Charlie… — Uma vozinha infantil surge no microfone do casal Jenkins e Brown, e nós ficamos em silêncio para prestar atenção, como um bom grupo de fofoqueiros que somos. — Posso falar com eles também?

— É claro que pode, Cass — é Alexia que responde, chamando a garotinha para se aproximar, com a mão. — Vem!

Não demora para que a irmã mais nova de Charlie esteja enquadrada na tela, no meio deles dois e com Tinker Bell em seu colo. Ela acena alegremente para nós, e todos fazemos o mesmo.

— Fala aí, minha vingadora preferida — Jason brinca, sorrindo animado e falando com sua integrante preferida da família Brown.

— Oi, gente! — ela nos cumprimenta, fazendo um carinho na cachorrinha que se sente em casa em seu colo. — A faculdade tá sendo muito difícil?

— O mais difícil é ficar longe dos nossos amigos — Allie responde, e todos nós concordamos. Realmente, está sendo complicado passar todos os dias sem tê-los ao meu lado, como foi por tanto tempo.

— Quando eu for para a universidade, eu vou ter que ficar longe do Jamie? — Ela vira-se para Alexia, chocada com a informação que acabamos de passar para ela, e eu sorrio, achando graça da preocupação dela em ficar longe do seu melhor amigo.

Percebo que o microfone de Jason e Eleanor é desligado, porém como estamos todos focados na conversa que está rolando, resolvo deixar essa informação passar por enquanto. Pelos gestos, eles provavelmente estão brigando por algum motivo.

Típico deles.

Apesar de estarem sempre pegando no pé um do outro — uma relação bem cão e gato — são apenas discussões bobas, que acontecem depois de várias provocações de ambos os lados.

— Se vocês forem para a mesma, não, meu amor.

— Ufa! Não sei como conseguiria ficar longe dele — ela diz, realmente aliviada, e eu acho ainda mais graça.

— Você não está preocupada em ficar longe de mim quando for para a faculdade? — Charlie pergunta, enciumado.

— Já vamos passar muitos anos juntos, Charlie. Deixa de ser ciumento — ela rebate, e fico admirada com a firmeza da pequena.

Cassandra Brown tem personalidade.

— JASON! Para de beliscar minha bunda! Controla esse fogo — a voz de Ellie nos assusta, e o silêncio se instaura na chamada, em seguida, as risadas soam.

— Acho que você ligou o microfone sem querer, gatinha — Jay diz, rindo da situação e recebe um olhar mortal da namorada.

— Minha irmã está aqui, seus pervertidos! — Charles reclama, tapando os ouvidos da pequena.

— Eu acho que ela sabe o que é uma bunda, Charlie — comento, querendo colocar mais fogo no parquinho.

— LILY! — Nora me repreende, mas não consegue segurar muito bem a sua risada.

Ah, como eu sinto falta dessa rotina de risadas e fofocas com eles!

Provavelmente, só nos veremos perto do dia de Ação de Graças ou Natal, se todos voltarem para casa para comemorar as festas em família. Como eu estou a apenas algumas horas de Millsh, poderia encontrá-los facilmente.

Além disso, no próximo ano, iremos começar nossos encontros anuais durante as férias de verão. Antes de terminarmos o colégio, fizemos um acampamento na fazenda da família de Allie e prometemos que nós veríamos, ao menos uma vez por ano, depois que fôssemos para a faculdade, já que estaríamos bem longe um dos outros.

Como ainda não testamos se isso dará certo anualmente, eu estou animada para passar alguns dias de verão na fazenda da família Marsh.

Por mais que eu esteja gostando muito da amizade que estou construindo com Stella e Ava, ninguém ocuparia o lugar dos meus melhores amigos. Nada se compara à conexão que criamos.

Nós continuamos conversando durante algumas horas, e sério, o tempo parece não passar quando estamos juntos, mesmo que online! Só percebi que estava perto das 22 horas quando Alexia e Charles disseram que levariam Cassandra para sua lanchonete preferida na estrada que liga a minha cidade natal à Schönilla, para um lanche especial de quase madrugada. E como eles iriam desligar, achamos justo todos irmos também e aproveitamos para jantar.

Eles, claro.

Eu tinha almoçado um bom prato de salada com ovos, frango, tomates e avocados. Um pouco mais do que costumo comer normalmente, e por isso, estou cheia até o dia seguinte.

Como ambas minhas amigas daqui estão ocupadas nessa sexta-feira à noite — Stella está na casa dos pais, e Ava estudando para uma prova na próxima semana —, eu não tenho muito o que fazer além de maratonar alguma série na sala de estar e… dormir. Eu ainda não me sinto confiante de sair para festas sozinha por aqui, por mais que tenha visto o grande evento que vai ter na Lust, aparentemente, a melhor casa noturna da cidade.

Um dos problemas? Pertence à família de Kiara Lust, namorada, amiga — ou sei lá que rótulo eles usam — de Aaron, e com certeza as figuras conhecidas deles, e também de Cameron, o ex-namorado da Stella, estarão por lá. Eu não quero esbarrar com eles sem alguém ao meu lado.

Bem… será que não?

A história que Stella me contou sobre o envolvimento de Cameron com o mundo das drogas ainda martela na minha cabeça, assim como os boatos que acontecem pela cidade de que a família Yoon está por baixo dos panos de tudo que acontece por aqui. O quanto isso é verdade? É apenas falácia de uma pequena cidade fofoqueira ou minha mãe realmente tinha se casado com um criminoso com muito poder?

Várias perguntas, e nenhuma resposta.

Ainda.

Talvez, ir para essa boate não seja uma ideia tão ruim, não é? Eu poderia ver com meus próprios olhos o que rola por lá e tentar encontrar algo suspeito, alguma resposta para uma das milhares de perguntas que pipocam na minha cabeça.

Não perco tempo ao tomar um banho rápido, fazer um babyliss e colocar a primeira roupa do armário, um vestido tomara que caia rosa com um detalhe de brilhos em uma das laterais — que eu mesma fiz — e uma sandália nude de salto com tiras pratas. Simples, mas que com uma boa maquiagem, ficará incrível.

Eu estou em um dos momentos essenciais da maquiagem — o delineado — quando ouço a porta da frente do apartamento abrir e fechar, provavelmente Aaron.

Se ele está aqui, quer dizer que ele deve ter vindo apenas para pegar alguma coisa e sair para a festa, não é? Ele não perderia um grande evento na boate da garota que anda grudada em seus braços.

Em seguida, eu ouço o chuveiro da sua suíte ser ligado e acelero um pouco na minha preparação, para tentar fisgar uma carona com ele. É claro que há chances — quase 100% — de ele se negar a me levar para lá, porém, nada que uma chantagem emocional de contar para o papai dele como está sendo nossa relação, não resolva.

No momento em que ouço a porta do seu quarto abrir, depois de longos vinte minutos, eu já estou na cozinha, pronta, tomando um pouco de água com canudo de vidro, para borrar o mínimo possível do meu gloss labial de cereja.

Quando enfim Aaron aparece no meu campo de visão, seu visual está o mesmo: calça preta e camisa preta. Mas dessa vez, a camisa social escura está com os primeiros botões abertos, e consigo ver algumas tatuagens, que ele possui no peitoral, aparecendo, assim como as do antebraço, por estar com as mangas levantadas até o cotovelo.

Desde quando eu acho homem tatuado tão sexy assim?

— Quer alguma coisa? — ele pergunta, seco, quando me pega encarando-o.

Merda.

Coço a garganta e me recomponho, fingindo que não estava secando o corpo do meu irmão postiço há segundos.

— Você está indo para a Lust?

— Por que isso seria da sua conta? — ele retruca, seguindo até a chapelaria do hall de entrada e escolhendo qual jaqueta preta ele vai usar na noite de hoje.

— Eu também vou e acho que poderíamos ir juntos — digo de uma vez, e ele olha desconfiado para mim, quando caminho até ele com meu celular em uma das mãos, e a mini bolsa rosa, na outra. — Podemos ajudar o meio ambiente se formos em um veículo só!

Ele está prestes a me rebater, provavelmente me dando um fora daqueles, quando parece reconsiderar o que vai dizer, e eu pisco. Ele respira bem fundo em seguida e apoia uma das mãos no batente da porta, fixando os olhos escuros nos meus.

— Não acho que você vai querer ir comigo, Lily.

Uau.

Isso não é um não.

Estranho.

Achei que ele fosse me dispensar e eu precisaria jogar a carta de Benjamin Yoon na mesa, mas fui surpreendida.

— Economizar no *Uber* e ainda ajudar a natureza? É claro que quero! — tento brincar, para aliviar a energia do ambiente, porém não funciona. Ele apenas pega a chave do carro e sai, deixando a porta aberta para segui-lo.

Bem, foi mais fácil do que pensei.

O silêncio no elevador até a garagem é um pouco constrangedor, e como estamos em um dos últimos andares, indo para o subsolo, é uma viagem não tão rápida assim. Ele não tenta puxar assunto, e nem eu. Não quero que ele desista da carona que deliberadamente aceitou me dar. Essa batalha, eu venci e não quero cantar vitória antes do tempo.

Caminhamos lado a lado até a vaga dele no estacionamento, e quando ele enfim para em frente a um veículo, eu tenho vontade de rir.

— Achei que fôssemos de carro — digo, quando ele se aproxima da moto e retira os capacetes dela.

— Prefiro a moto — ele responde, me entregando um deles e subindo no banco.

— Não… não acho que seja uma boa ideia.

— Pode chamar seu *Uber*, então — Aaron fala, dando de ombros, e eu bufo, revirando os olhos.

É, ele realmente não faz nenhuma questão em me levar. Deve ter aceitado a sugestão, porque sabia que eu não ia topar andar de moto com ele e previu que o seu sim não resultaria em nada.

Ele está enganado.

— Tente não ir rápido demais — digo, me aproximando de onde ele está, ainda com o capacete em mãos.

Coloco-o na cabeça, tentando ajeitar a fivela por baixo do queixo e falho, claro, me enrolando um pouco. Quando percebe que estou demorando muito para fazer uma simples tarefa, Aaron vira seu corpo de frente para o meu e leva as mãos até meu maxilar, segurando-o firme com uma das mãos, enquanto com a outra, prende bem o equipamento.

Mais uma vez, nos encontramos em uma posição em que nossos rostos estão a centímetros de distância um do outro, e eu preciso prender minha respiração, um pouco nervosa pela aproximação. Mesmo estando concentrado em fechar a fivela, as írises castanhas dele continuam presas nas minhas azuis.

— Sobe — ele ordena, quando percebe que o fecho está bom, e acaba com todo o momento.

Babaca.

Quem ele pensa que é para me dar ordens?

O pior sou eu, que obedeço e subo na garupa, passando meus braços pelo seu tronco e sentindo seu abdômen definido por baixo da camisa.

— Segura bem em mim, Lily. Seria uma pena se você caísse.

É a última coisa que ouço-o dizer, antes de arrancar com a moto pela subida da garagem.



# Aaron Yoon

Eu sabia que devia ter dito não quando Lily Diggory falou que ia comigo para a Lust.

Eu sabia que devia ter inventado alguma desculpa e dito que iria para outro local.

Contudo, eu não podia.

Eu não podia porque precisava me aproximar de Lily. E como, desde o dia em que tive a conversa com meu pai e concordei em fazer isso, eu ainda não tinha dado o primeiro passo, essa carona pareceu a oportunidade perfeita.

Claramente, eu não estava pensando direito quando achei que ter as coxas dela em volta de mim, assim como suas unhas arranhando meu tronco por cima do tecido fino da camisa quando eu ia rápido demais ou parava abruptamente, era uma boa ideia.

Foi uma péssima ideia.

A melhor opção era ter dito que não e a deixado vir de *Uber* sozinha.

Assim que estaciono a moto no estacionamento de funcionários — mais uma vez, ser amigo de Kieran Lust tem suas vantagens —, ela se desvencilha de mim, e seguimos para dentro da boate. Longe o bastante para não acharem que estamos juntos, mas perto o suficiente para ela conseguir entrar sem precisar dar o nome na lista, já que está no meu encalço. Eu não sou de trazer mulheres de fora para cá e sei que um dos seguranças, que já me conhece, achou estranho, apenas pelo olhar que me lançou, mas o que eu poderia fazer, se preciso criar um laço de amizade com a garota?

Eu já consegui que ela entrasse sem ficar na fila gigantesca do lado de fora, então, uma vez aqui dentro, eu me disperso dela e vou à procura de Kiara e Cameron, sabendo que eles já chegaram. Eu tenho que aproveitar a companhia deles por enquanto, já que daqui a pouco, Kie subirá para o segundo andar para jogar e ficará algumas horas fora.

Felizmente, acho minha amiga em uma das banquetas do bar, bebericando algum drink enquanto observa a movimentação da boate. Hoje, ela está com um vestido bem parecido com o de Lily, um tomara que caia também, porém ao contrário do da loira, o dele é preto, assim como seu casaco de látex até a metade das coxas e as botas que alcançam o joelho. Opostas, mas nem tanto.

— Você trouxe sua *irmãzinha* hoje? — ela pergunta acidamente assim que me aproximo, sem arriscar um olhar para mim.

— Preciso me aproximar dela — respondo, antes de pedir uma dose de uísque para o barman.

— Ordens de Benjamin?

Kiara e Cameron sabem de quase tudo. Da morte da minha mãe, que alguém armou para ela sofrer o acidente e de que estamos em busca de vingança desde então. Sabem de todos os nossos planos anteriores, onde tentávamos encontrar pistas para achar o principal suspeito, Joe Diggory, e do nosso atual também. Eles estão sabendo que o casamento é uma farsa, apenas para a aproximação da antiga família de Joe.

Por isso, não estranhei que ela soubesse de quem tinha sido a ideia.

— Lauren não diz nada que possamos usar, e ele acha que Lily pode contar algo — explico, agradecendo ao barman quando ele me entrega minha bebida.

— Ele acha que ela vai se abrir com você? — Kie pergunta, achando graça e finalmente me encarando.

— Ele sabe que ela gosta de falar, e se ela me ver como um amigo…

— Pode acabar contando algo que ajude na busca de vocês pelo do pai dela — minha amiga completa, e eu assinto. — Você acha que vai dar certo?

— Eu espero que dê certo.

Kiara não responde nada e torna sua atenção para frente novamente, onde a pista de dança está, e várias pessoas se aglomeram, dançando a música do DJ convidado da noite.

Não demora muito para que eu encontre os outros funcionários do meu pai em meio à pequena multidão, parando aqueles que eles imaginam que queiram curtir um pouco mais a *vibe* das músicas eletrônicas da noite. Eles abordam as pessoas de maneira amigável primeiro, puxando assunto sobre algo banal do local em que estão e depois, sutilmente, entram no papo de usarem algo para ficarem… *mais felizes.* Eles nunca falam de drogas, para não assustar os possíveis compradores e alertar outros ao redor, que podem prestar atenção na conversa sem querer. Todo cuidado é pouco.

Se os terceirizados de Benjamin Yoon estão por aqui, quer dizer que Cameron Parker também está. Em eventos como esse — ou qualquer festa universitária — ele é o responsável por tudo. Ele designa as funções de cada um dos caras, explica em quais lugares eles têm que rodar e também quais pessoas abordar. Um passo em falso, e eles podem acabar falando com a pessoa errada, e tudo vai por água abaixo. O culpado seria Cam, então, eu também costumo ficar de olho, para reparar se tudo está correndo bem.

— Olha se não são os melhores amigos do universo. — A voz de Cameron surge por trás de nós, e em instantes, ele passa os braços pelos nossos ombros. — Me diga, Aaron, meus olhos estão me enganando ou eu passei pela sua irmã por aqui? Sozinha?

— Lily veio comigo — respondo, tomando mais um gole do uísque.

— Ela está uma gata com aquela roupa — meu amigo comenta, e sou obrigado a revirar os olhos.

Por mais que ela seja sim, bonita, ele não tem muito parâmetro para beleza.

— Você acha qualquer mulher bonita, Cameron — é Kiara quem diz, e eu sorrio, acenando com a cabeça.

— O que posso fazer se as mulheres foram esculpidas pelas mãos de Deus? — Cam fala, dando de ombros, e um sorriso maroto se forma em seus lábios. — É meu trabalho venerá-las.

— Há quanto tempo você não transa? — Kie pergunta, se afastando do toque dele.

Ela não é a maior fã de toques físicos, e seu limite tinha sido ultrapassado por hoje.

— Fim de semana passado? — ele diz, mas não está muito certo da resposta.

— E já está assim? — nossa amiga fala, olhando meio desacreditada para ele, porém não tanto assim. Já estamos acostumados com a personalidade de Cameron.

— Assim como? Elogiando todas as mulheres do mundo? Todo dia é dia de cair aos pés delas, Kie.

— Isso quer dizer que você vai cair aos pés de Stella essa noite? — provoco, e ele fica tenso na mesma hora.

— *O que?* Stella está aqui? Aonde?

Ah, o desespero de Cameron com a possibilidade de trombar com a ex-namorada que quebrou seu coração é palpável, e é por isso que gostamos de provocá-lo, de leve, com essa questão.

— Calma, garanhão. Sua musa não está aqui — Kiara responde, entrando na brincadeira.

— Isso não tem graça, babacas!

Nossa resposta é rir dele. Mesmo sabendo o quanto ele sofreu com o término, já faz quase dois anos, e está na hora de partir para outra. O que sabemos que será impossível, agora que ele já a encontrou pela universidade.

Ele nos contou de quando esbarrou com Stella e Lily na biblioteca e de como a loira o expulsou graciosamente da mesa delas. Eu não faço ideia — e imagino que nem ele — do que ele poderia querer falar com a ex-namorada. Acredito que seja apenas o êxtase e ansiedade de, em um campus tão grande, ter acabado no mesmo ambiente que ela.

Serão longos anos de universidade pela frente com os dois.

— Meus clientes chegaram — Kiara fala, chamando nossa atenção. — Vou subir. Tenho dois jogos hoje, daqui a 15 minutos.

— Quais o de hoje? — Cam pergunta, desvencilhando o braço dos meus ombros e cruzando ambos na frente do peito.

— Poker.

— Ainda acreditam que podem te vencer? — questiono, surpreso que esses velhos continuem achando que têm chance contra Kiara Lust.

— Dinheiro fácil — ela responde, dando de ombros. — Vão querer ir comigo?

— Eu passo. Tem umas gatas por aqui, e ainda tenho um pouco para vender — diz Cameron, batendo uma das mãos no bolso e mostrando algumas pílulas ali. — Até mais, galera.

— Não desaparece — Kiara avisa, apontando um dedo na direção dele, que apenas nos lança uma piscadela. — Você vai comigo? — Dessa vez, a pergunta é direcionada a mim.

Procuro pela loira que me tira do sério e não a encontro. É um sinal para que eu ainda não comece a executar totalmente o plano de me aproximar dela.

— Já estava com saudades de ver os velhos gananciosos saindo chorando do seu escritório — falo por fim, fazendo um sorriso malicioso estampar o rosto de Kie.

Mais uma noite na Lust e mais uma noite vendo Kiara chutar a bunda de homens asquerosos e burros.



Como esperado, Kie venceu o jogo contra os dois outros homens na mesa com ela.

Clássico.

Dessa vez, no entanto, eles não ficaram muito contentes em perder muito dinheiro para a sobrinha de Kieran Lust e tentaram partir para cima dela. Ênfase em tentaram, porque os seguranças de Kiara e eu não os deixamos chegar muito perto. Isso não costuma acontecer, mas há alguns anos, quando o primeiro cara tentou tirar vantagem para cima dela, porque tinha perdido muita grana, a convenci a ter alguns seguranças na sala enquanto joga. É claro que minha amiga não gostou e afirmou diversas vezes que sabia se defender sozinha — e o pior é que ela realmente sabe —, porém depois de muita insistência minha e até mesmo de Cameron, depois que ele soube do que aconteceu, ela acabou cedendo, e duas sombras sempre se mantém atrás dela em seu escritório.

Eu me sinto mais seguro sabendo que quando eu não estou na boate, ela não está totalmente sozinha e tem suporte se as coisas fugirem do controle.

Após algumas horas de Poker e uma quase pequena confusão, Kiara guardou o que ganhou no cofre do escritório, e descemos para aproveitar um pouco da festa.

O DJ continua tocando, e as pessoas se divertem, pelo que parece. Muitos corpos se aglomeram na pista de dança e se movem no ritmo da música. As mãos estão ocupadas com bebidas ou envolvidas em alguma parte da outra pessoa que está dançando junto.

— Viu o Cameron por aí? — Kiara pergunta, tentando olhar por cima das pessoas para encontrar nosso amigo.

— Depois que zoamos que Stella poderia estar por aqui? — relembro, abrindo um sorriso provocativo. — Ele já deve ter achado alguma garota para enfiar o pau e esquecer que ela existe.

— Bem lembrado — minha amiga responde, com um sorriso mínimo estampado no rosto também.

Sempre que Stella Mars é mencionada, até mesmo sem ser intencionalmente, Cameron Parker fica nervoso e precisa transar com alguém, para provar para si mesmo que ela já está em seu passado.

O que sabemos que não é verdade. Se ele realmente tivesse a superado, não precisaria provar nada, muito menos para si mesmo.

E agora que eles estão estudando no mesmo ambiente de novo… espero que meu amigo use bastante camisinha.

Movo esses pensamentos para o fundo da mente e foco no que está ao meu redor agora. Isso é problema de Cam, e não quero me meter de novo nesse assunto.

Por a pista estar muito cheia, eu acreditei que o bar estaria vazio, mas não, eu estava muito enganado. Enquanto eu e Kiara caminhamos para pegar mais um copo nessa noite, percebemos que a bancada está com um amontoado de gente, de forma que demoramos quase cinco minutos para estar próximos de uma das bartenders da noite.

— Aaron, Kiara! — a garota nos cumprimenta com um sorriso sincero no rosto, enquanto bate um drink.

Ela tem cabelos castanhos cacheados, que estão presos em um rabo de cavalo no alto da cabeça, a pele negra retinta, e os olhos castanhos claros mais bonitos que já vi. O uniforme deixa seus peitos ainda mais em evidência, e eu me pego lembrando da noite em que a fodi nesse bar, depois de um dos expedientes. Faz uns meses, e tinha sido uma boa transa, porém depois do esporro que recebi de Kiara, nunca mais irei repetir a dose de ficar com alguma de suas funcionárias.

— Mantenha suas garras longe dele se quiser manter o emprego — Kie avisa, sentando-se em uma das banquetas que acabou de ficar vaga.

A garota — que infelizmente não vou recordar o nome — murcha o sorriso e vira-se de costas para a gente, se concentrando no preparo do que parece ser um coquetel de morango.

— Não precisava ter sido tão grossa com ela — comento, apoiando um dos cotovelos na bancada.

— Para de fingir que se importa, Aaron — minha amiga retruca, chamando um dos outros caras livres para fazer nossos pedidos. — Você nem ao menos se lembra do nome dela.

— Não era importante naquele momento — respondo, dando de ombros, apesar de ter uma leve lembrança de que ela me disse o nome algumas vezes.

— Você só está interessado nela novamente, porque eu te disse para não fazer isso, e você adora um desafio.

Isso é… verdade.

Nas duas semanas que demoraram para Kiara descobrir o que tinha rolado entre mim e a garota bonita atrás do balcão, eu não tinha me importado tanto com o sexo assim. Ela é gata, tinha sido muito bom, mas eu não repetiria. No entanto, assim que minha melhor amiga ficou sabendo e veio me confrontar sobre o assunto, ordenando que eu não me aproximasse de nenhuma funcionária dela — sua explicação foi que as meninas ficavam apaixonadas pela figura que criavam de mim em suas cabeças e se dispersavam do trabalho quando eu estava por aqui, até mesmo aquelas com quem eu não tive nenhum envolvimento —, a vontade de transar voltou.

Simples assim.

Apenas um não e o conhecimento de que teria consequências para minha amizade com Kie, se eu fosse contra o pedido dela — que estava mais para uma ordem —, e eu já estava querendo transar com a garota de novo. Ou com qualquer uma que trabalhasse na Lust.

O perigo de estar fazendo algo errado e poder ser pego, me excitava.

Eu posso não estar a fim de fazer algo, mas se eu souber que não devo fazer, parece que uma chave dentro de mim gira e eu preciso entrar em ação, apenas pela adrenalina.

Pelo menos, é isso que digo a mim mesmo quando observo Lily Diggory relaxar a bunda redonda coberta apenas pelo vestido rosa até o chão da pista de dança.

Eu tentei desviar o olhar depois que meu terceiro copo de uísque foi entregue, porém eu estou com as írises fixadas nela. Não só eu, como todas as outras pessoas nesse lugar.

Ela é a estrela da pista de dança. Não só por estar dançando — porque todos estão —, e sim, porque ela faz isso de um jeito único e é incrível nos movimentos. Ela sente a música e parece não se importar com quem esteja observando-a, por mais que saiba que todos os olhos estão nela.

Porra, meu pau deveria estar duro pela minha irmã postiça?

— Caralho… você tá muito fodido, irmão. — A voz de Cameron deveria me tirar do transe, só que não tem esse efeito. — Ela tá fazendo todos os caras, e garotas, daqui babarem.

— Inclusive você — respondo, arriscando um olhar para ele, e vejo-o vidrado em Lily.

— Não tem como não, cara. Ela sabe o que está fazendo, sabe?

— Fique longe dela — digo entredentes, sem me conter.

— Você está com ciúmes da sua *irmã*?

— Ela não é minha irmã de verdade, Cameron, e você sabe disso — falo, acabando com o restinho de bebida que havia no meu copo. — Não quero ter problemas com nenhum dos caras por causa dela, e você está incluso nisso.

— Ainda não apagou da sua memória a imagem de Adam só de cueca na sua cozinha? — Cam diz, segurando a risada quando lembra do que encontrei na minha casa a um tempo atrás.

— Não quero falar sobre isso.

Espero que Adam, um dos caras que sempre fica no banco do nosso time de basquete, já tenha espalhado a informação de que Lily Diggory é enteada de Benjamin Yoon, e sendo assim, intocável.

Ninguém terá coragem de se aproximar dela, sabendo que ela tem uma ligação com a minha família. Ou seja, sem mais caras seminus na minha cozinha pela manhã. Principalmente, uns idiotas sem noção como o tal do Adam.

Quando volto a prestar atenção na pista de dança, percebo que Lily não está mais lá dançando. Fico confuso, porque 5 segundos atrás, ela estava lá acabando com a sanidade mental de todos os presentes na boate hoje.

— Me procurando? — A voz fina e até um pouco sensual da loira surge ao lado de Cameron, atraindo um assobio dele.

— Você estava detonando lá em cima, gata — Cam diz, e um sorriso lascivo se forma em seus lábios.

— Não, não — Lily fala, levando o dedo indicador para perto da boca do meu amigo para impedi-lo de continuar falando. — Silêncio.

— Oi?

Ah, isso vai ser bom.

— Você parece ser um cara legal, Cameron, mas quebrou o coração da minha amiga, e por isso, não posso gostar de você — ela explica, agradecendo a um dos barmen que lhe entrega uma margarita.

— Ela quebrou o meu coração, gata.

— Não, não! *Você* quebrou o dela. — Ela pausa para bebericar sua bebida. — Vocês, homens, são sempre os e… errados da história!

Lily enrola um pouco a língua para retrucar Cameron, pelo efeito do álcool, e me pergunto se já não é hora de ir para casa. Não que seja da minha conta. Ela já tem mais de 18 anos e sabe muito bem o próprio limite. Se tivesse bebido além da conta, iria lidar com isso sozinha.

Não sou babá de ninguém, muito menos dessa nova integrante indesejada da família.

— Você não sabe do que está falando, Lily — Cam responde, um pouco mais firme.

Stella Mars é um assunto sensível para Cameron, e ele não irá aguentar o papo furado de uma nova melhor amiga da sua ex.

— Ela me contou *toooda* a historinha de vocês — Lily diz, meio risonha demais. — Eu tenho certeza que foi influência do seu amiguinho aí — ela completa, finalmente fixando os olhos nos meus.

— Você bebeu demais essa noite, Lily. Acho melhor ir para casa — falo, firme, não querendo conversar com a versão bêbada da Barbie que mora comigo.

— Você não é meu pai, Aaron — ela resmunga como uma criança. — Falando em papai… eu já sei de tudo, tá bom?

Eu gelo no mesmo instante.

*Sabe de tudo?* Mas que tudo é esse?

Não.

Não, não tem como ela saber.

Apenas meu pai e eu sabemos de tudo. Os caras da organização não sabem da vingança que estamos planejando, apenas que estamos empenhados em descobrir alguma coisa. Para eles, pode ser mais algum serviço que contrataram Benjamin Yoon para realizar. Cameron e Kiara sabem de algumas poucas coisas sobre isso, porém com certeza, eles não contariam para Lily.

Então… o que está acontecendo?

— Do que você sabe, Lily? — questiono, tentando manter a calma.

— Stella me contou dos boatos — ela começa, tentando se lembrar exatamente do que a nova amiga disse. Elevo uma das sobrancelhas para ela, fingindo que não sei do que ela está falando. — Papai é perigoso, não é, Aaron? Vocês… vocês mexem com coisas… coisas do mal!

Lily Diggory bêbada, com certeza é a melhor versão dela.

Coisas do mal.

— A que tipo de coisas do mal você está se referindo, Diggory?

— Não se faça de bobo, Aaron, eu já sei de tudo! V-vocês mexem com o que… com o que não deveriam. Mas advinha? Você é só um peão do jogo maior do seu papai. Você não é nada, Aaron.

Passamos de uma versão bêbada bocuda para uma versão bêbada tentando ser malvada de Lily.

— Você não sabe nem do básico do que está realmente acontecendo, Lily — digo, me aproximando dela e encurralando-a entre mim e o balcão do bar.

— Eu… eu vi tudo que precisava hoje. Eu sei de tudo!

Estou prestes a retrucar e perguntar, exatamente, do que ela está falando, quando sou impedido.

Sou impedido, porque ela vomita com tudo em cima de mim.



# 11

## Lily Diggory

Eu sabia que meu último drink da noite seria um erro antes mesmo de pôr as mãos nele.

Durante a noite, eu perdi totalmente o meu objetivo de espionar Aaron Yoon e confirmar se tudo que Stella disse era verdade. Nós tínhamos entrado juntos, e eu o observei no início, junto dos seus amigos, mas depois de algumas horas, ele havia sumido.

Evaporado, na verdade.

Eu tinha rodado a porra da boate toda à procura dele e não o achei. O único lugar em que não consegui chegar foi no segundo andar e tive certeza de que ele estava por lá. Contudo, a pergunta é: fazendo o que lá em cima? Da escada que dá acesso ao outro pavimento, eu só consegui ver algumas salas e pouco movimento, apenas seguranças circulavam pelos corredores.

Entretanto, se tinha seguranças era porque algo precisava de proteção.

Ou alguém.

Onde Kiara Lust entrava em toda essa história? A família da garota também estava envolvida? Eles torturavam pessoas no escritório do seu tio, Kieran Lust, e usavam o som alto da música para abafar os sons?

Tortura, Lily? Sério?

Eu realmente estava ficando doida com tudo isso.

Quando percebi que não iriam me deixar subir para o segundo andar da casa noturna, acabei desistindo da missão do dia e comecei a beber. Ainda pedi para colocar todos no nome de Kiara Lust e Aaron Yoon, já que eu sou a mais nova irmãzinha do cara. A garota do bar não acreditou muito na minha história, e eu precisei mostrar uma foto do casamento de Lauren e Benjamin, onde a nova família do momento aparecia abraçada e cheia de sorrisos. Ela se desculpou e foi preparar a primeira bebida da noite.

No primeiro coquetel, de morango, eu flertei com um cara no bar com idade para ser meu pai, enquanto bebericava com o canudinho o líquido rosa.

No segundo drink, uma batida de coco, eu me entrosei com um grupo de meninas na pista de dança, e começamos a aproveitar as músicas tocadas pelo DJ atração da festa.

Na terceira bebida, uma taça de champanhe, eu já estava suando horrores e cometi o erro de mover meus olhos para o bar durante um movimento, vendo que Aaron estava lá.

Ele não só estava lá, como suas írises castanhas estavam fixadas em mim, acompanhando meus movimentos.

Eu deveria ter virado para o outro lado. Eu deveria ter me aventurado ainda mais para o centro da pista de dança, para despistá-lo. Eu deveria, mas não fiz.

Ao invés disso, continuei dançando e gostando de sentir o olhar do meu irmão postiço sobre mim. Ele poderia dizer que me odiava o quanto quisesse, porém não poderia mais negar que me achava bonita e gostosa.

E eu só percebi quão bêbada eu estava, quando caminhei até onde ele e seu amigo, Cameron Parker, estavam e pedi mais um drink, jogando várias besteiras para cima dos dois enquanto terminava de beber. Eu não tinha mais o filtro que me impedia de falar tudo que me vinha à cabeça — não que sóbria, eu o usasse muito —, e minha língua já estava enrolando quando eu falava.

A cereja do bolo foi quando eu senti o tão conhecido embrulho no estômago e não tive tempo de raciocinar direito, e correr para o banheiro mais próximo. Não, eu apenas despejei tudo que tinha bebido durante a noite em cima de Aaron.

Eu tenho certeza de que se eu não fosse mulher e nem estivéssemos relacionados de alguma forma, ele teria me matado ali mesmo. Apenas o olhar furioso que ele me lançou foi suficiente.

Mas bem… o lado bom é que depois de ficar de barriga vazia, eu me sentia menos bêbada.

Por isso, quando eu esperei do lado de fora da boate junto de Cameron para que Aaron pudesse se limpar e me levar para casa, eu já estava mais sóbria, sem nenhum resquício de álcool no corpo e comecei a me arrepender de tudo que fiz essa noite.

Tudo piorou quando fui informada — porque, aparentemente, eu não tinha voz na discussão que aconteceu minutos antes sobre o que eles fariam comigo — que voltaríamos para casa no carro de Kiara, porque Aaron estava com medo de contar para minha mãe que eu tinha caído de sua moto em um passeio noturno. Foi o que ele me disse, pelo menos. Ou o que eu entendi. Meus olhos já estavam se fechando de tanto sono quando os braços de Cameron passaram por debaixo dos meus joelhos e me colocaram no banco do carona do veículo.

Eu acho que dormi nos primeiros minutos em que entrei porque quando abri os olhos, sentindo o cheiro de fast food, eu não me lembrava do que tinha acontecido durante o percurso até essa lanchonete.

— Come. — A voz autoritária de Aaron me faz piscar os olhos e me ajeitar no banco, sentando direito para que eu possa encará-lo.

Ele passa uma sacola de papel pardo para as minhas mãos, e como eu suspeitava, há hambúrguer e batatas fritas dentro, juntamente de um milkshake que parece de morango, pela cor que consigo ver por causa do copo transparente.

— Eu… eu não estou com fome — respondo, fechando o saco para que o aroma não chegue mais ainda nas minhas narinas.

— Você vomitou tudo que comeu agora há pouco, Lily, e passou a noite inteira sem comer nada. Não quero te levar para o hospital no meio da noite — ele fala, sem se importar o suficiente para olhar nos meus olhos quando dirige as palavras a mim. Não, ele está muito focado desembrulhando seu próprio sanduíche.

— Obrigada, mas eu não quero comer.

— Você *vai* comer — ele insiste, finalmente virando o pescoço para poder pousar os olhos em mim, e sei lá… dar mais ênfase na sua ordem, como se fosse me fazer obedecê-lo.

— Sinto lhe informar, Aaron, mas você não manda em mim.

Ele bufa, batendo uma das mãos no volante e respira fundo.

Pois é, querido, lidar comigo não é tão fácil assim.

— Você sempre é teimosa assim, porra?

— Sempre — respondo, achando engraçado ele estar puto por eu não querer comer.

Se essa situação estivesse acontecendo com alguém do meu grupo de amigos do colégio, eles com certeza já estariam enfiando o hambúrguer pela minha goela. Depois de alguns pequenos incidentes que aconteceram, eles ficavam ainda mais em cima de mim para estar sempre comendo. Eles não sabem nem da metade do que realmente acontece por debaixo dos panos, apenas acreditavam que eu esquecia de comer sem querer, e por isso, por exemplo, eu acabei desmaiando em um dos treinos de líderes de torcida no colégio e torci o tornozelo.

Porque esqueci de comer naquele dia.

Desde o fatídico dia do acidente — onde eu parei até mesmo no hospital —, eu fiquei mais cautelosa quando estava ao redor deles. Sempre comendo uma coisinha ou outra aqui e ali, e aos poucos, eles foram largando um pouco de mão. Achavam mesmo que eu estava prestando mais atenção na minha alimentação e nos horários das refeições. Só Nora que ainda desconfiava de algo em algumas situações, porém nunca me perguntou diretamente, então nunca precisei mentir.

Ainda.

— Eu não quero que você passe mal na porra da minha casa, Lily. Então, faça um favor para nós dois e come essa merda.

— Você quis dizer na *nossa* casa, não é? — provoco, tentando fugir do assunto de comer essa comida gordurosa que descansa no meu colo.

— Eu quis dizer que você precisa comer essa porra. Você bebeu pouco e passou mal, o que quer dizer que não tinha comido direito. — Quando tento interrompê-lo para perguntar como ele sabe o quanto bebi, ele é mais rápido. — Fui informado dos drinks que a enteada do meu pai estava pedindo no bar.

Que bartender fofoqueira!

— Obrigada pela preocupação, mas não estou com fome.

— Só… só come as batatas fritas então. Alguma coisa para não ficar com a porra do estômago vazio.

— Não, muito obrigada.

— Você não vai me obrigar a ligar para sua mãe amanhã e dizer o que aconteceu, vai? — ele ameaça, com a expressão fechada para mim.

Puta que pariu.

Tudo que eu *não* preciso é minha mãe enchendo o saco por eu estar dando trabalho ao seu enteado.

— Você não faria isso.

— Não come nada do lanche para você ver como vai ser ótimo acordar com uma ligação de Lauren amanhã de manhã. Ótimo jeito de começar o dia, não acha?

Merda.

Ele me pegou na porra do pulo.

Fuzilando-o com o olhar, eu levo uma das minhas mãos para dentro da sacola e pego uma batatinha frita, segurando a respiração para não sentir o cheiro de fritura. Devagar, eu a levo até a boca e mastigo lentamente, apreciando o gosto que não sinto há muito tempo.

Porra! Como essas merdas gordurosas são boas!

Eu não deveria gostar *tanto* de comer isso, mas como eu estou sendo ameaçada… eu posso aproveitar o momento. Amanhã eu me preocuparei com o que isso pode causar ao meu corpo.

Pego mais algumas batatinhas de dentro do saco e como, e acho que gemo de tão boas que estão. Crocantes por fora, macias por dentro e quentinhas.

— Boa garota — Aaron diz, antes de dar partida no carro.

Já são quase três horas da madrugada, e eu não quero começar mais uma discussão com ele.

Fazemos o restante do caminho até o apartamento em silêncio. Ele tentando comer enquanto dirige, e eu o observando, pensando que se ele fosse mais legal comigo, eu poderia ajudar. No entanto, como esse não é o caso, eu o deixo se virar sozinho.

Assim que termino de comer minha porção de batatas fritas e decido fechar o saco pardo para jogar no lixo quando chegarmos, o cheiro de hambúrguer, mais uma vez, me impede. Porra, faz tanto tempo que eu não como um desses! E está completo, desde queijo cheddar até todos os molhos de acompanhamento. O cheirinho… uma delícia.

E se… e se eu comesse? Só hoje?

Um lanche de fast food não faria tanta diferença, certo? Se eu não contasse as calorias, eu poderia fechar os olhos e fingir que não aconteceu.

— Se você não quiser, pode me passar — Aaron diz, e percebo que ele estava prestando atenção no meu pequeno dilema esse tempo todo.

Nossa, que vergonha. Eu estava encarando o hambúrguer igual uma doida e tenho quase certeza que até cheguei a franzir o cenho em algum momento.

Agora, além da vontade de comer o sanduíche, eu também não quero entregá-lo para Aaron. Sim, de birra, porque quando se trata dele, eu volto a ter 12 anos e odiar garotos, querendo fazer de tudo para irritar o sexo oposto.

Eu não respondo à pergunta dele. Minha resposta é dar a maior mordida que consigo no hambúrguer e ainda fazer uma careta, de boca cheia, para o cara ao meu lado. Ele desvia os olhos dos meus, balançando a cabeça, como se não acreditasse no nível de infantilidade em que eu tinha chegado. É, Aaron, nem eu acredito.

Logo que ele estaciona o carro de Kiara na garagem do prédio, eu pego minhas coisas e me apresso para dentro do lobby, não querendo passar mais nenhum segundo dentro do mesmo pequeno ambiente que ele. Ficar tão próxima de Aaron em lugares assim me faz agir como uma idiota.

Felizmente, o elevador já está me esperando depois que desejo boa noite à recepcionista, e em poucos minutos, eu já estou abrindo a porta de casa. Vou direto para o meu quarto, tirando as sandálias de salto que já estavam me matando e me jogando na cama.

Que noite!

De uma chamada de vídeo com meus amigos do colégio até chegar de madrugada satisfeita de tanto comer por causa do lanche que meu meio-irmão pagou para mim.

Satisfeita de *tanto* comer.

Porque eu tinha comido um hambúrguer gigante, uma porção de batatas fritas e ainda tomei o milkshake de morango para tudo descer mais fácil.

Eu já estou sentindo minha barriga pesada.

Merda. Merda. Merda.

O que foi que eu fiz?

Faz meses que não tinha um episódio desses. Porra, eu estava me alimentando direitinho desde que me mudei para Schönilla e deixei tudo ir por água abaixo por que não aguentei sentir a porra do cheiro delicioso de fritura?

Não, não, não e não. Isso não pode estar acontecendo!

Levanto da cama imediatamente e sigo até o banheiro, ligando o chuveiro antes de fechar a porta da suíte. Não sei o quanto dá para ouvir do lado de fora, mas o som da água caindo vai abafar qualquer barulho que eu não queira que alguém do lado de fora ouça.

Prendo meus fios loiros no alto da cabeça e respiro fundo, me agachando em frente ao vaso.

Como fui tão burra a ponto de ser levada pelo meu olfato afetivo e comer tudo aquilo de uma vez?

Burra. Burra. Burra.

Devagar, eu levo meu dedo médio o mais fundo que consigo na garganta, deixando toda comida ir embora junto do meu sentimento de culpa.



Bacia com água e gelo. Suco detox. Remédio para dor de cabeça. Para completar, hidratação em todo o corpo, desde os cabelos até o dedinho do pé. Um dia de beleza misturado com a manhã seguinte de uma bebedeira.

Esse foi meu dia posterior ao da boate Lust.

Não que fosse alguma novidade. Eu sempre faço esse ritual quando a festa vai até muito tarde ou eu me desgasto muito, como na noite anterior. Para alguém que costumava chegar de certas festas apenas para o café da manhã, a de ontem não tinha sido nada comparada às que eu frequentava em Millsh. No entanto, o álcool misturado ao estômago vazio nunca é uma boa combinação, mas eu continuo insistindo em cometer o erro. Por isso, quando acordei às 7 da manhã de hoje, como se um caminhão tivesse passado por cima de mim, eu prometi a mim mesma que não passaria mais dos meus limites.

Uma promessa vazia, porque eu a quebraria assim que precisasse me entupir de álcool para esquecer de todos os meus problemas.

O problema de beber muito é esse: eu passo os próximos dois dias de cama, praticamente doente. Para não piorar ainda mais meu estado, minha alimentação foi bem mais leve nos dois dias passados: apenas algumas pouquíssimas folhas. Meu estômago estava sensível ainda do episódio da madrugada pós-festa, e eu não queria forçá-lo ainda mais.

Aaron não apareceu no apartamento depois daquela noite.

Na verdade, eu não tenho nem certeza se ele chegou a subir para casa depois que eu saí correndo em disparada para o meu quarto. Eu liguei o chuveiro, fiz o que precisava fazer e acordei perto das 5 da manhã, ainda no banheiro, com o rosto apoiado no vidro do box. Sim, eu tinha adormecido na porra do banheiro. Eu tomei um banho rápido para limpar os resquícios da festa e fui dormir, acordando apenas na hora do almoço do sábado. Aaron não estava mais lá — ou, mais uma vez, nunca teve —, e eu não o vi pelo resto do fim de semana todo.

Não era incomum dele, desde que começamos a morar juntos, porém eu fiquei… preocupada.

Não, não *preocupada*.

*Interessada* em saber o que ele tanto faz na rua. Curiosa.

Porque o meu plano de segui-lo até a boate da sua melhor amiga e descobrir se alguma coisa do que Stella me disse é verdade — é claro que eu acreditava na parte de que Cameron vendia drogas, e que por isso, ela terminou o relacionamento com ele, mas eu queria saber se a família Yoon está mesmo por trás disso — foi por água abaixo. Eu tinha observado alguns comprimidos passando entre as pessoas, só que não conhecia quem estava distribuindo-os. Em qualquer lugar há venda de substâncias ilícitas hoje em dia. Eu não podia ter certeza se minha nova família estava envolvida. E para piorar, eu ainda consegui perder a porra do garoto em pouco tempo lá dentro e só encontra-lo no final, quando vomitei com tudo em cima dele.

Boa, Lily.

E eu estou relembrando tudo isso em plena segunda-feira, às quatro horas da tarde, enquanto amarro o meu tênis e ajeito a roupa de ginástica, ao lado de Stella. Ava está na arquibancada, com a cabeça enfiada em um livro, para ver nosso teste.

Há algumas semanas, Stella tinha chegado no refeitório animada e com um sorriso largo, contando que os testes de líderes de torcida para o time de basquete da universidade estavam chegando, e ela *precisava* entrar para o time. Precisava, não, queria.

Ela quase implorou para que nós duas participássemos junto dela, e é claro que eu topei. Eu já era líder de torcida no colégio e estava com saudades de praticar meu esporte favorito. O time da SU nunca se compararia ao de MHS, entretanto seria bom voltar a fazer mais uma atividade física.

Ava, como esperado, não curtiu a ideia, porém disse que iria para o teste torcer por nós e demonstrar um pouco de apoio, mesmo que da arquibancada. Ela afirmou que o único esporte que pratica é ballet, mesmo assim, ainda não teve tempo de sair por Schönila para encontrar uma nova academia de dança. Combinamos de fazer isso mais tarde, depois de sermos selecionados para o time. Eu sei que sou boa no que faço, e Stella também está confiante.

Essas vagas serão nossas!

— Eu adorei sua calça — Stella fala, conforme nos alongamos ao lado das outras meninas na quadra de basquete. — Ela deixa sua bunda fantástica.

— Obrigada, amiga! Eu comprei online, depois te passo o site — respondo, piscando um dos olhos para ela.

As portas da quadra são abertas, e alguns garotos com o uniforme do time começam a entrar, andando despretensiosamente para a arquibancada. Para ver nossos testes, é claro. O quadro de avisos está informando que o espaço está reservado durante toda a tarde para o time de torcida, mas é claro que eles não respeitam e continuam se aglomerando em um dos cantos da arquibancada. Babacas.

Reconheço alguns rostos — como o de Adam, meu caso de só uma noite que tem medo do meu meio-irmão — que já vi pelos corredores, mas não todos. Alguns são bonitos, mas já estou acostumada com a beleza deles. Nenhum me chama tanta atenção assim.

Até a dupla sensação do time entrar pelas portas brancas da quadra.

Aaron Yoon e Cameron Parker caminham até o restante do time como se fossem donos do lugar. E não tem como eles *não* se sentirem assim, se todas as mulheres aqui os seguem com os olhos e precisam fechar a boca para não babar, assim como os outros caras, que só pelo olhar, dá para perceber que lambem o chão em que eles pisam.

— Você sabia disso? — pergunto para Stella, me virando para a minha amiga que não está prestando atenção em mim.

Não, suas írises estão fixas em Cameron, assim como as dele, nela. Para os dois, não há mais ninguém aqui. Não consigo decifrar se eles estão se comendo com os olhos ou planejando formas de matar um ao outro. Seja o que for, é intenso.

— Stella! — chamo mais uma vez, estalando os dedos na frente do seu rosto.

— O que? — Ela finalmente percebe o que estava fazendo e cora, envergonhada. — O que você disse, amiga?

Decido ignorar dessa vez, para não deixá-la ainda mais sem graça.

— Você sabia que os dois estariam aqui?

— Nos testes? Eu torcia para que não — ela responde, trocando o peso de um pé para o outro. — No time? Eu imaginava que sim. Eles também jogaram no colégio.

— E você não achou que seria interessante comentar isso comigo?

— Não…? Não sabia que era importante — Stella diz, e eu me toco de que ela não sabe muito bem da péssima relação que Aaron e eu temos. Merda. — Você não teria vindo se soubesse disso? Está… está rolando alguma merda entre vocês?

Caramba, eu tenho que aprender a controlar minha boca grande.

— Não, não. Eu só… sei lá, gostaria de estar preparada.

— Vocês moram juntos, e não sabia que ele joga basquete? — ela questiona, um pouco desconfiada. — Onde acha que ele está quase todos os dias à noite?

Com certeza, não trancado em uma quadra de basquete passando uma bola de pessoa em pessoa até ela cair na cesta.

— Não somos tão próximos assim — respondo, arriscando um olhar para onde Cameron e Aaron estão, e para minha surpresa, *ele* já está me encarando.

Levo minha mão até o meu pé, puxando-o para trás, à medida que continuo me alongando, mas sem tirar os olhos de Aaron. Ele faz o mesmo, focado totalmente em mim, mesmo quando Cameron tenta conversar com ele.

O que estamos fazendo?

Não estamos observando um ao outro como se ele fosse meu irmão mais velho e estivesse orgulhoso de mim por estar fazendo o teste de líderes de torcida. Não, o jeito que ele me olha... eu conheço esse olhar.

— Sabe, Lily... — A voz de Stella me tira do transe, e eu viro o rosto para minha amiga, que está alongando os bíceps. — Para alguém que não é *tão* próxima assim do meio-irmão, você está encarando-o demais.

— Stella, não é isso que você está pensando. — Nem eu tenho certeza se acredito nas minhas palavras.

— Só tente disfarçar nos jogos, para eu não ter que explicar para as meninas do time porque você está comendo seu suposto irmão com os olhos enquanto torce para ele.



# Aaron Yoon

Do que adianta ser feminista se não usam as causas que defendem para algo útil, como por exemplo, mudar a porra dos uniformes das líderes de torcida?

Quando Cameron me convidou para vir ver o teste das líderes de torcida hoje, eu não sabia que tinha motivos por trás. Quer dizer, é claro que a parte de ver as novas alunas da faculdade se alongando com aquelas roupas apertadas de ginástica para depois aprenderem uma sequência simples do grupo, era o fator principal para termos vindo. Contudo, o que eu não estava ciente, era que Stella Mars, junto de sua nova melhor amiga, Lily Diggory, estariam fazendo teste também.

O que eu não estava ciente também, era que a bunda da minha meia-irmã pareceria ainda maior coberta pela legging verde musgo, e que seus seios quase pulariam para fora por causa do top nadador. Isso atrai os olhares de todos os caras do time de basquete e até mesmo de algumas garotas que já são líderes de torcida, não sei se por quererem ter o corpo de Lily ou por quererem Lily. Não importa qual seja a opção, todos os olhares da quadra estão fixos na loira que divide apartamento comigo.

E os olhos dela estão em mim.

Pela sua expressão quando viu Cameron e eu passando pelas portas, um pouco depois dos garotos já terem entrado, ela também não estava sabendo que somos titulares do time de basquete pela Universidade de Schönilla. Talvez não fizesse sentido na cabecinha dela, depois de ter começado a desconfiar dos negócios em que a família Yoon está envolvida. Não sei como ela começou a prestar atenção nos boatos que circulam pela cidade, mas aposto que teve um dedo de Stella Mars nisso.

No entanto, na minha mente, o basquete é meu ponto de paz. Eu não sonho em ir para a NBA como alguns dos outros jogadores do time, porém eu gosto das sensações que o esporte me traz. Em quadra, todos os problemas evaporam, porque eu preciso focar totalmente nos lances e passes para fazermos pontos nos jogos. Eu não posso me distrair pensando em quem Benjamin matou naquela semana ou se eu encontraria mais uma vela aromática espalhada pelo apartamento. Não. Aqui, no ginásio, tudo é pelo basquete. Eu preciso de uma válvula de escape do mundo real, e o esporte me dá isso. Eu pratico desde o colégio — inclusive, foi lá que fiquei próximo do meu melhor amigo, Cameron — e é claro que eu não abriria mão disso durante os anos de faculdade.

Mesmo que isso significasse ficar ainda mais perto de Lily fora do ambiente do apartamento.

— Cara, você tá encarando demais — Cam murmura perto de mim, só que seus olhos estão fixos na ex-namorada.

Como sempre acontece quando eles estão no mesmo ambiente.

— Você não tirou os olhos de Stella desde que chegou — retruco, mudando o foco do assunto para ele mesmo.

— Eu… eu não esperava que ela estivesse aqui hoje.

— Sério, Cameron? Você não imaginava que sua ex-namorada, a capitã do time de líderes de torcida do colégio, que foi onde vocês se conheceram, fosse fazer teste para o time da universidade?

Eu não sei o que é pior: Cameron querer se fingir de sonso para cima de mim ou ele acreditar que eu vá cair nessa. Fracamente.

— Ela poderia ter se cansado dessas… dessas coisas. Eu vim apenas para ver as outras garotas novas — ele diz, finalmente tirando os olhos de Stella quando a treinadora chama as meninas para mais perto, e elas viram-se de costas para nós.

O que deveria melhorar a situação, mas só piora, porque agora, a bunda empinada e redonda de Lily Diggory está me encarando.

Porra.

Por que meu pai não podia ter casado com uma mulher com uma filha feia?

Desvio meu olhar de sua figura e volto a prestar atenção em Cameron ao meu lado, que é um território seguro.

— Você vai continuar negando que continua apaixonado por ela? — pergunto, um pouco entediado, porque já sei qual vai ser a resposta dessa pergunta.

— Já desencanei dela faz tempo, cara.

— Então você não se importaria se um dos caras do time ficasse com ela? — questiono, elevando uma das sobrancelhas para ele, que dá de ombros.

— Ela pode fazer o que quiser.

— Ainda bem, porque todos estão babando nela — informo, apontando com a cabeça para os garotos do time, que nem piscam enquanto observam as meninas começando a passar as sequências mostradas pelas veteranas.

Cameron gira o pescoço lentamente, tentando evitar ao máximo pousar os olhos na cena adiante. E quando seus olhos focam em todos os caras do time acompanhando os movimentos que Stella reproduz junto das outras meninas, percebo seu maxilar trincar e a expressão amigável dele se fechar.

Pode passar o tempo que for, ele nunca deixará de ser apaixonado por Stella. Ver outras pessoas babando em sua garota ou vê-la seguindo em frente, nunca se tornará algo fácil para ele.

— Eles não merecem a Stella — ele murmura para mim, depois de se torturar vendo-os admirando sua ex-namorada.

— Não, não merecem — concordo, já imaginando para onde a mente dele pode ir com esse assunto, e é para lá mesmo que quero que vá. — O que você vai fazer em relação a isso? Deixá-la se divertir com esses babacas, que vão jogá-la fora depois de uma noite?

— Não — Cam responde, fechando as mãos em punho. Ótimo, ele está ficando irritado.

— Mas ela não sabe que eles são tão filhos da puta assim e pode querer se envolver com eles para te atingir — pontuo, e meu amigo bufa, irritado com o cenário que coloquei em sua cabeça.

— O que você está insinuando que eu faça? — ele finalmente pergunta, girando sua cabeça em minha direção.

— Eu não quero mais encontrar com nenhum dos caras que joga comigo de manhã na minha casa, apenas de cueca — confesso mais uma vez, e Cam acena com a cabeça, não entendendo muito bem para onde essa conversa está indo. — E você não quer que eles cheguem perto da doce Stella Mars.

Espero alguns segundos para que ele processe tudo e chegue à conclusão que eu também cheguei há alguns minutos, e Cameron sorri. Ele sabe o que quero fazer.

— Tá bom. Vamos deixar esses idiotas longe delas.

Aguardamos na arquibancada até que o teste termine, junto dos outros caras, já que depois, nós temos que mudar de roupa para começar o nosso próprio treino.

Como esperado, Lily e Stella são convidadas a entrar no time de líderes de torcida, e os caras assobiam e batem palma quando isso é anunciado. E é claro que ambas adoram a atenção e sorriem para eles, acenando e movimentando os lábios em um “obrigada”. Os olhos da loira se fixam rapidamente nos meus, mas quando percebe que não estou comemorando, passa a me fuzilar com as írises e depois volta a prestar atenção nos rapazes.

Em pouco tempo, todas as garotas se retiram da quadra, e essa é a nossa deixa para irmos para os vestiários e nos preparar para o treino. No entanto, antes que os integrantes do time de basquete possam sair, nós somos mais rápidos e nos levantamos, descendo até um dos primeiros degraus da arquibancada e chamando a atenção deles.

— ATENÇÃO NO CAPITÃO DE VOCÊS, PORRA! — grito, fazendo-os ficar em silêncio e focar na fala de Cameron.

— Vou ser rápido e claro para vocês entenderem — meu amigo começa a falar, firme, alternando os olhos entre cada um deles. — Ninguém pensa, se aproxima e muito menos fala com as novas integrantes do time das líderes de torcida, Stella Mars e Lily Diggory. Estão fora do alcance de vocês. Se soubermos que alguma coisa aconteceu… vocês não vão querer saber o que vai rolar com vocês. — Cameron sorri com um pouco de maldade e troca um olhar comigo, que assinto.

Cameron não é uma pessoa assustadora, e isso se dá pela sua energia alegre e divertida, que ele exala frequentemente. Eu, entretanto, sou o completo oposto. É claro que os boatos sobre a minha família que circulam pela cidade ajudaram a formar a minha fama.

— A loira é filha da nova mulher do meu pai — informo, mesmo sabendo que eles já devem estar cientes disso, se Adam fez bem seu trabalho e contou para os outros. — Vocês não querem que Benjamin Yoon fique sabendo que alguém do meu time a sacaneou, não é?

Eles continuam em silêncio, mas dessa vez, trocam olhares nervosos.

Ótimo.

— E vocês devem saber que os pais de Stella Mars são muito poderosos em Schönilla, donos da indústria farmacêutica mais comercializada por aqui, não sabem? Acredito que eles não ficariam contentes em saber que a filhinha deles teve o coração partido por um jogador de basquete qualquer da SU.

Eu sinto que disse as palavras erradas, quando Cameron fica tenso ao meu lado.

Ele é um jogador de basquete da SU que quebrou o coração da garotinha da família Mars.

Merda.

Olho de soslaio para o meu amigo, e ele apenas acena levemente com a cabeça, me dando permissão para continuar.

— Fiquem longe delas se quiserem se manter inteiros até o final da temporada — finalizo, passando os olhos de um por um e demorando um pouco mais em Adam, que desvia os olhos para o chão, nervoso.

Ótimo.

— Todos entenderam? — Cam pergunta, e os caras balançam as cabeças positivamente, respondendo baixinho, mas não é o suficiente para nós. — EU PERGUNTEI SE TODOS ENTENDERAM, PORRA!

— SIM, CAPITÃO — eles gritam de volta, e nós dois trocamos um sorriso cúmplice.

Estava feito. Nenhum deles se aproximará das garotas, e com sorte, eles contarão para os seus amigos de fora do time, e todos manterão as mãos longe delas.

Após o aviso, todos seguiram em silêncio para o vestiário para trocarem de roupa, e poucos minutos depois, já estávamos em quadra junto do nosso treinador.

O começo foi um pouco duro porque, pelo que parecia, eles estavam com medo de se aproximarem de mim e Cameron, e evitavam chegar muito perto de nós, assim como passar a bola para a gente. Por isso, Cam e o treinador tiveram que parar o jogo diversas vezes e falar para eles jogarem como os bons jogadores que são. Não é só porque a temporada não tinha iniciado direito ainda, que eles podem jogar sem garra e ambição de vencer.

O sermão deu certo, porque logo depois todos já estavam se soltando mais, dando de tudo para pôr as mãos na bola e lançar na cesta.

Quando o treinador apita, indicando o fim do treinamento do dia, vou direto para o vestiário, sem esperar pelo meu melhor amigo, e entro em uma das cabines com chuveiro.

Benjamin tem uma reunião daqui a poucos minutos, e eu preciso estar presente, sendo um atraso, nem um pouco recomendado. Por esse motivo, me apresso em tomar um banho rápido e me trocar com roupas adequadas para ir ao restaurante, uma calça preta e camiseta de manga comprida da mesma cor. Me despeço de Cameron quando ele está entrando em um dos chuveiros e sigo apressado até o estacionamento da faculdade, onde minha moto está.

Por Schönilla ser uma cidade tecnicamente pequena, e o relógio marcar quase oito horas da noite, o trânsito está tranquilo até o Ah-ri Yoon. Consigo uma vaga em frente ao restaurante e não preciso que o manobrista faça isso por mim, o que acontece em dias em que eu estou atrasado.

Sou informado pelo concierge da noite que o convidado já tinha chegado e aguarda o horário da reunião no subsolo, e enquanto isso, meu pai está em seu escritório, esperando minha chegada.

Faço o pequeno percurso até as escadas que levam ao segundo andar e peço para um dos seguranças de Benjamin avisar que eu já tinha chegado. Ele passa a informação pelo rádio para o outro segurança, que fica na porta da sala do meu pai, e em poucos minutos, nós dois estamos descendo as escadas para um encontro com o prefeito de Schönilla.

— Boa noite, senhor Huggies — Benjamin cumprimenta assim que entramos na sala e seguimos para nossos lugares à mesa redonda.

— Prefeito Huggies — digo, reproduzindo um pequeno aceno com a cabeça, antes de me sentar ao lado do meu pai.

— Benjamin, Aaron — ele responde, sem demonstrar muita emoção por estar aqui.

O prefeito Jack Huggies está no seu primeiro mandato em Schönilla, porém já está na política há alguns anos, como uma mãozinha do meu pai, claro. Além de ter ajudado o loiro sentado na nossa frente a se eleger com a grande maioria dos votos, nós também estamos por trás de algumas obras públicas que… nos beneficiam, de certa forma.

Há alguns meses, uma manutenção na avenida mais movimentada de Schönilla começou, com o objetivo de melhorar a pista para automóveis e pedestres passarem. É claro que ela realmente precisava de uma obra para se tornar eficiente, mas com certeza, já poderia estar pronta e com um orçamento muito menor. Entretanto, a paralisação da avenida durante as madrugadas é vantajosa para os nossos negócios. É nesse horário que nossos caminhões têm mais facilidade de atravessar de um lugar ao outro sem serem percebidos e chamarem tanta atenção.

Meu pai tinha ajudado a criar o projeto para essa obra, evitando qualquer suspeita de que algo estava fora do lugar, como tempo demais para um simples reparo na pista e um orçamento muito grande para algo, tecnicamente falando, fácil. Ele conseguiu que o projeto fosse aprovado, e desde então, ambos nos beneficiamos com essa tal obra demorada. O prefeito conseguia desviar dinheiro para seu uso privado — acredito que ele usa parte dessa grana na expansão de sua fábrica de cigarros sob um nome falso — e também para nos pagar mensalmente um valor ainda maior do que o que tínhamos cobrado para mantê-lo no poder durante todo o tempo possível, e nós ainda tínhamos uma passagem livre para transportar nossas mercadorias, sem os olhares de policiais de cidades vizinhas.

— O dinheiro já foi transferido para a conta, Huggies? — Benjamin pergunta, sem rodeios.

— Sim, Benjamin.

— Então, a que devo sua visita inesperada de hoje?

Jack Huggies coça a garganta, desviando o olhar antes de começar a falar, e já sei que uma má notícia vem em seguida.

— Os integrantes da Câmara estão começando a achar estranha a demora para algo tão pequeno e começaram a fazer perguntas. Eu respondi quase todas de uma forma vaga, mas assertiva, mesmo assim, um dos comissários está encrencando com a porra do tempo e a pouca efetividade, e principalmente, desconfiando do fechamento da avenida durante a noite, mesmo depois de meses que foi iniciada a manutenção.

Merda.

— Ele está fazendo alguma coisa além de apenas especular que algo está errado? — meu pai questiona, ajeitando a postura. Ele também está preocupado agora.

— Ele quer abrir uma investigação — o prefeito finalmente revela, e Benjamin e eu trocamos um olhar.

Isso é perigoso.

— Qual o nome desse comissário? — dessa vez, sou eu quem pergunto, porque sei que seria a próxima ação do meu pai.

— Edward Perez.

— Vamos dar um jeito nisso — Benjamin fala, firme, e pega o celular no bolso, pronto para resolver essa situação.

O prefeito continua no mesmo lugar, sentado na cadeira à nossa frente e observando o ambiente ao seu redor.

Que porra é essa?

— Pode se retirar, senhor Huggies — eu informo, porque não deve ter ficado muito claro que sua presença não é mais necessária aqui.

— Só… só isso? Apenas um nome, e vocês vão conseguir fazê-lo desistir da investigação?

Ah, como é divertida a ingenuidade de novas figuras dentro do nosso mundo! O prefeito acredita que iremos conversar — ou até mesmo, ameaçar — esse tal de Edward, para ele não continuar investigando os pormenores da obra pública.

Edward Perez irá desistir de se intrometer nesse assunto.

Porque daqui a menos de uma semana, ele não estará mais vivo para continuar a investigar.



Mesmo na primeira classe, voos longos são muito cansativos.

Depois de quase 8 horas de viagem, muita dor nas costas e vontade de dormir durante três dias em uma cama de um hotel 5 estrelas, eu finalmente tinha chegado ao aeroporto de Zurique, na Suíça.

Eu não tinha viajado com mala despachada, e por isso, foi tudo mais rápido no processo até a saída do ZRH, onde um carro já me esperava.

O motorista estava do lado de fora e se apressou para guardar minha mala pequena no porta-malas, e em seguida, abriu a porta do banco traseiro para eu entrar. Eu sempre contrato o mesmo serviço de aluguel de carros enquanto estou por aqui, a mesma empresa que alguns clientes e sócios do meu pai usam quando vêm fazer negócios do outro lado do continente. Todos os motoristas são discretos, para não termos problemas.

O endereço da nossa próxima parada já está cadastrado no GPS, e eu relaxo no banco de trás, para aturar mais algumas horas de carro até meu destino final dessa viagem.

Dou uma checada nas minhas redes sociais para ver o que aconteceu nessas últimas horas em que estive voando, mas nada de interessante rolou. Hoje é uma terça-feira, então qualquer tipo de evento mais importante ou que possa causar alguma fofoca ainda não aconteceu. Cameron me enviou algumas mensagens, falando como foi o treino da noite anterior, no qual eu não compareci, e também sobre o que o treinador tinha conversado sobre o primeiro jogo da temporada na próxima semana, já que eu faltaria a todos os treinamentos dessa. Já Kiara, uma das únicas outras pessoas com quem eu converso pelo celular, não tinha entrado em contato ainda, porém isso é normal. Às vezes, ficamos dias sem nos falar por mensagens, e tudo bem. Nossa amizade funciona perfeitamente assim.

Depois de ver tudo nas minhas contas principais, eu travo, me convencendo a não fazer o que eu quero. Eu tenho que parar de ficar vigiando a porra da vida dela por uma conta falsa, só que eu não consigo. Eu digo para mim mesmo que é apenas para estar ciente dos lugares onde ela está e frequenta para eu evitar de ir nesses mesmos locais, e acabar esbarrando com ela. Só por isso.

Hoje, Lily fez alguns posts em suas redes sociais, mostrando que estava estudando com as amigas, Stella e uma tal de Ava Sinclair, na biblioteca, e depois, elas foram para o cinema. Nada extraordinário. Bem, pelo menos elas não estavam no meu apartamento de novo.

E falando em apartamento… talvez eu devesse ter avisado que iria passar alguns dias fora de casa. Não acho que ela sinta a minha falta no dia a dia, mas quase uma semana sem aparecer em casa poderia levantar suspeitas. Contudo, mesmo que ela quisesse saber onde eu estou, não tem como. Não trocamos números de celular e não temos um ao outro em nenhuma rede social.

Só espero que ela não deduza que eu tenha morrido e faça a porra de uma festa no meu apartamento. Eu não quero voltar para casa e me deparar com as paredes da sala pintadas de cor de rosa, almofadas felpudas nos sofás e as porras das velas aromáticas com cheiro de maçã e canela em todos os ambientes possíveis.

Puta que pariu! Eu devia ter trocado a fechadura.

Agora, é só torcer para o menos pior.

Eu já tinha dormido praticamente o voo inteiro e por isso, aproveito a longa viagem de carro escutando música e adiantando alguns trabalhos da faculdade. Dessa forma, mal percebo o tempo passar e quando me toco, o carro está sendo estacionado em frente ao campus do colégio interno.

Eu mal abro a porta do carro, e Audrey Yoon já está a centímetros de mim, com as rodas de sua cadeira de rodas encostando nos meus pés e esticando os braços, me chamando para um abraço.

Largo tudo que está nas minhas mãos e me agacho, passando os braços pela sua cintura enquanto ela passa os dela pelo meu pescoço. Porra, como eu senti falta do cheiro tão característico de lavanda da minha irmã mais nova.

No acidente que matou nossa mãe, Audrey perdeu os movimentos das pernas, se tornando paraplégica por causa de uma lesão nos segmentos lombares, que ocasionou a paralisia dos seus membros inferiores. Como eu não queria expor minha irmã a mais algum acidente ou perigo, eu convenci Benjamin que a melhor opção era mandá-la para um colégio interno o mais longe possível de nós. Desde então, ela estuda na Suíça, e nos vemos algumas vezes por ano, apenas.

— Eu estava morrendo de saudades de você! — ela fala no meu ouvido, deixando um beijo na minha bochecha antes de se afastar.

— Eu te garanto que estava com muito mais, Audie — respondo, usando o apelido que ela odeia, e ela revira os olhos da mesma cor que os meus para mim.

Audrey Yoon tem 14 anos, os cabelos pretos lisos que batem nos ombros, e olhos castanhos da mesma cor que os meus. Com traços coreanos, como os das nossas famílias materna e paterna, minha irmã é exatamente como minha mãe. Uma versão mais jovem, claro, mas muito parecida. E assim como a atriz que deu origem ao seu nome — Audrey Hepburn — a cor preferida dela também é turquesa, e hoje, ela está com uma calça jeans e um suéter de tricô da sua cor favorita.

— O que você trouxe para mim? — ela pergunta, erguendo as sobrancelhas escuras para mim, e eu faço o mesmo, olhando-a desconfiado, de brincadeira.

— Você só gosta que eu venha te visitar, porque te trago presentes?

— Hum… é porque você traz os melhores presentes — Audrey responde, risonha.

— Acho que você consegue aguentar recebê-los apenas no último dia então.

— Aaron! Ah, não! — ela resmunga, cruzando os braços na frente do corpo, e eu acho graça da sua irritação por simples presentes.

— Tudo bem, tudo bem — falo, erguendo as mãos em sinal de rendição. — Eu te entrego o que trouxe, depois que você me contar o que aconteceu desde a última vez que vim aqui.

— Mas nós falamos quase todos os dias por telefone!

— Não é a mesma coisa, bobinha — digo, dando um peteleco em seu nariz, que a faz estapear minha mão para longe do seu rosto.

Nossa, Audrey está agressiva.

— Aaron… — ela resmunga, manhosa dessa vez, e eu nego com a cabeça.

— Só vai receber depois que eu ficar sabendo das novidades.

— Você é insuportável! — ela responde, mas está tentando esconder um sorriso.

Estava ansioso para deixar de lado a porra da vida que fui obrigado a ter, por alguns dias, e aproveitar uma semana com minha irmã.

Como nos velhos tempos, quando viajávamos apenas nós dois com a mamãe.



# 13

## Lily Diggory

Eu não me importo.

Isso mesmo, eu não me importo.

Eu não estou nem aí para ele e muito menos preocupada com a possibilidade de algo ter acontecido, porque eu o odeio, e o apartamento está muito melhor sem a presença dele.

Eu acreditava que se repetisse isso o máximo de vezes possíveis na minha mente, o pensamento se tornaria realidade. Porém, é claro que não é assim que funciona.

Eu não encontro com Aaron Yoon há quase uma semana.

Já estou acostumada a não vê-lo frequentemente, porque ele evita estar em casa no mesmo horário que eu — é claro que eu já tinha percebido isso —, mas normalmente, eu ainda conseguia ver alguns vislumbres dele pelos corredores da faculdade, junto aos seus fiéis escudeiros.

No entanto, isso já não acontece há algum tempo.

Cameron Parker e Kiara Lust vagam sozinhos pela SU há alguns dias. Nenhum sinal de Aaron. E onde ele ia, seu braço direito, Cameron, o seguia, por isso, eu estou achando estranho eles estarem passando tanto tempo separados assim.

Tudo bem. Eu não ligo para onde ele possa estar. Não é da minha conta, ele não é da minha família de verdade e me trata mal sempre que estamos no mesmo ambiente.

Contudo... o mínimo que você pode fazer quando vai passar um bom tempo fora e mora com outra pessoa, é avisá-la, certo? Eu não precisava saber onde ele estava, com quem e até mesmo nem quando ele voltaria, mas um aviso de que estaria fora pelos próximos dias seria interessante.

Agora, o fim de semana está chegando, e eu nem consigo pensar em alguma forma de aproveitá-lo, porque minha cabeça está totalmente focada no desaparecimento de Aaron. E eu nem posso encher o saco dele, mandando várias mensagens até que ele se irritasse e me respondesse alguma, porque não trocamos número de telefone. Sério, quem não tem o contato da pessoa com quem mora junto?

Eu até considerei ligar para Benjamin e perguntar se ele estava sabendo de alguma coisa, mas se esse desaparecimento fosse algum segredo que o pai não pudesse saber, eu não queria ser acusada de ser fofoqueira e arranjar ainda mais motivos para ele me odiar.

Bem, na verdade isso sim, seria uma razão para ele não gostar de mim. Pelo menos, ele poderia fundamentar seu ódio em alguma coisa.

Puta que pariu, Aaron!

Eu tenho que tirar essa merda da cabeça. Ele provavelmente está em um retiro sexual cheio de mulheres e drogas, e rindo da minha preocupação no momento.

Babaca.

Eu preciso focar no que está acontecendo na minha vida e deixar a dele para lá. Por exemplo, agora eu tenho que dar tudo de mim em mais um treino no time de líderes de torcida e não posso fazer isso com Aaron Yoon ocupando boa parte dos meus pensamentos.

Stella e eu fomos aceitas no time há alguns dias e estamos muito animadas. O êxtase não passou, e sempre vamos para os treinamentos com sorrisos de orelha a orelha. O primeiro jogo de basquete está se aproximando, e a rotina de treinos está ficando um pouco mais puxada, já que nós e mais algumas outras calouras precisamos pegar a coreografia para a apresentação o mais rápido possível para estarmos impecáveis na próxima semana.

Ou seja, trabalho duro nos primeiros dias fazendo parte do time.

— Por que ele sempre tem que chegar antes do horário dele? — Stella pergunta, resmungando um pouco, enquanto nos alongamos antes do início do treinamento.

Eu não preciso olhar para saber de quem ela está falando.

Cameron Parker, seu ex-namorado, por quem ela deverá torcer incessantemente, assim como nos tempos de colégio.

Desde o dia do teste para o time — em que todos os integrantes do time de basquete, incluindo Aaron, estavam —, Cameron aparece religiosamente para assistir aos nossos treinos e não tira os olhos da minha amiga durante todo o horário em que eles acontecem. Stella diz que não, que ele está aqui para observar as outras garotas, mas eu sei que não é isso. Ele não tenta disfarçar, mantendo os olhos fixos em Stella durante todo o período do treino.

E sabe o que eu acho que também percebi?

Os olhos castanhos dele brilham sempre que a treinadora elogia Stella ou quando ela mesma fica ainda mais sorridente ao acertarmos a coreografia.

Posso estar ficando louca, porém, tenho certeza que ele ainda é apaixonado por ela.

— Ele não consegue ficar longe de você — zoo, e recebo uma careta dela em resposta.

— Ele deve querer me mostrar o que estou perdendo e que pode ter qualquer uma dessas meninas em um piscar de olhos.

Esse poderia não ser o objetivo principal dele, entretanto, com certeza havia se tornado um deles depois da primeira vez.

Já perdi a conta de quantas vezes a treinadora e a capitã do time tiveram que parar o treino para dar esporro em algumas meninas que estavam se distraindo olhando para Cameron nas arquibancadas. Até tentamos conversar com o treinador de basquete para ele dar um jeito no seu jogador, só que ele disse que o ginásio é público, e desde que ele não estivesse atrapalhando, não havia motivo para ele não poder mais comparecer. E ainda disse que nossa treinadora deveria dar um jeito nas líderes de torcida dela, porque se elas estavam se distraindo tão facilmente com apenas uma pessoa na plateia, talvez não devessem estar no time.

Foi uma confusão a partir daí.

Gritos para lá, ofensas para cá, e no final, Cameron continuou podendo frequentar nossos treinos, mas qualquer uma de nós que passasse tempo demais olhando-o, seria punida.

Stella podia negar o quanto quisesse, porém eu percebi todas as vezes em que ela fuzilou algumas das meninas que eram chamadas a atenção por estarem observando o senhor Parker e não, o treino. Ela não gosta que outras olhem o que uma vez já foi seu, e eu a entendo um pouco, ainda mais que, com certeza, ela continua nutrindo sentimentos por ele.

— Ele quer chamar sua atenção, amiga.

— *O que?* Até parece! Ele quer me fazer ver que não precisa de mim e pode ter qualquer uma — ela responde, contudo não parece acreditar tanto assim nas palavras que diz.

Uma parte dela *quer* que ele esteja ali por ela, indicando que ele ainda não desistiu dos dois.

— Se, hipoteticamente falando, ele tentasse te reconquistar… o que você acharia disso? — pergunto, genuinamente curiosa.

— Ele não vai tentar fazer isso, amiga.

— Mas, e *se* ele tentasse? — insisto, frisando que é uma situação hipotética.

— Eu… você acreditaria se eu disser que não sei?

Sim, eu acredito.

A parte do coração dela que ainda o ama, com certeza o deixaria ter essa abertura e lhe concederia uma segunda chance, mas seu cérebro iria ser um divisor de águas nessa decisão, porque aceitá-lo de volta seria ir contra os princípios dela.

Porra, que difícil.

— Se nós voltássemos, isso quer dizer que tudo que passamos, tudo que *eu* sofri, vai ter sido em vão.

— Talvez, vocês tivessem que se separar para voltarem ainda mais fortes — suponho, e ela balança a cabeça, sorrindo minimamente.

— Não posso me deixar cair no jogo de sedução de Cam novamente. Só Deus sabe o quão difícil foi sair.

Stella Mars continua perfeitamente apaixonada por Cameron Parker. Ela ainda não tinha saído do jogo e mal sabe disso.

— Você tem certeza de que ele continua vendendo?

— Com certeza — ela diz, sem rodeios, muito certa do que está dizendo. — A SU custa uma fortuna e não oferece bolsa de 100%, então… ele está pagando isso aqui de alguma forma.

Será que ela não entende que ele está fazendo isso por uma causa maior? Que o dinheiro que ele lucra não é para diversão, mas sim, para custear seus estudos?

— Stella…

— Lily, não — minha amiga fala, firme, elevando a palma da mão no ar e pedindo com o gesto para eu me calar. — Eu já tentei ver todos os lados dessa situação, mas não dá. Se ele precisasse de dinheiro para a universidade, poderíamos ter dado um jeito, juntos. Eu teria o ajudado em qualquer coisa, e ele sabia disso. Mas quando começou a se envolver nesse mundo e viu o quanto poderia ganhar, ele ficou… ficou ambicioso demais. Sempre queria mais. Nenhuma quantia era suficiente. E quando eu disse que se ele não saísse dessa, nós iríamos terminar… ele escolheu o dinheiro acima de mim, amiga. É… é demais para mim. Ele preferiu continuar ganhando seu precioso dinheiro e escolheu isso acima de mim, de nós. Ele fez a escolha dele, e… e eu tive que aceitar, por mais que doesse. Mas não podia continuar como segunda opção. Eu merecia… mereço, mais que isso.

Eu assinto, entendendo isso como o fim do assunto.

Realmente acredito que Cameron ainda a ame, porém ele não vai conseguir tê-la de volta se continuar amando mais a facilidade que conseguiu no outro mundo de arrecadar uma boa grana.



Os dias da semana que eu mais detesto são aqueles em que eu também tenho aulas no período da tarde e preciso ficar o dia inteiro na universidade, e consequentemente almoço com Ava e Stella.

Bem, *elas* almoçam no refeitório da faculdade, enquanto eu… depende, na verdade. Às vezes eu fico apenas na barrinha de cereal e em outras, eu opto por um suco verde que trago de casa. E elas sempre encrencam com a escolha da minha refeição, tentando me convencer a comer algo que seja servido aqui, e eu fujo da situação.

Eu já tinha conseguido enrolá-las algumas vezes, dizendo que estava sem fome ou um pouco enjoada… até mesmo inventei que ia fazer um exame de sangue depois da aula, e por isso, o jejum era necessário. Contudo, é claro que em algum momento eu ia ficar sem desculpas esfarrapadas.

Esse momento é hoje.

— Lily! É o melhor cardápio em semanas! — Stella diz, com os olhos brilhando para mim enquanto tenta me convencer a comer a comida de hoje.

— E temos que aproveitar que ainda está vazio — Ava completa, apontando para a parte do salão onde fica a área de alimentação.

— Gente, eu não estou com fome, sério — tento mais uma vez, dando um sorriso sem graça, e Stella revira os olhos.

— Impossível, amiga! Acabei de passar duas horas enfurnada em uma sala com você e não te vi comendo nada.

É, essa foi a merda de hoje.

Nossa aula de Matemática Contemporânea foi remarcada para mais tarde, e por isso, tínhamos acabado de sair de algumas apresentações de trabalho. Inclusive o nosso, que achamos que fomos muito bem, pelos elogios que recebemos do professor quando finalizamos.

E como tínhamos passado as últimas horas juntas, e eu só tinha bebido água… não tinha para onde fugir.

Eu estou prestes a falar qualquer coisa que as convença que eu comeria depois, quando sou salva pelo toque do meu celular. Pego-o no bolso da calça e quando vejo no visor que é minha mãe, mostro o celular para as meninas e digo:

— Já volto, pode ser importante.

E saio apressada para o lado de fora.

Eu nem penso muito quando realmente atendo a ligação dela, algo que não faço há semanas. Lauren e eu estamos conversando apenas por mensagens nesses últimos dias, já que eu sempre invento que estou ocupada para não atendê-la nos momentos em que me liga.

— Lily! Finalmente me atendeu, querida! — mamãe fala do outro lado da linha, e eu suspiro, me preparando para a conversa.

— Oi, mãe. É… hum, desculpa por isso. Eu estava bem ocupada esses dias — minto, colocando uma das mãos no bolso traseiro da calça jeans.

— Ainda não sei porque você cismou em ir para a faculdade — ela resmunga, e eu reviro os olhos.

Porra, não aguento ter esse papo mais uma vez com ela.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, desviando do assunto.

— Nada demais, só queria avisar que Benjamin e eu vamos fazer um cruzeiro amanhã, e ele disse que o sinal de celular é meio ruim em alto mar.

— Ok… tudo bem. — Não sei porque ela precisou me ligar para contar isso. — Só isso?

— Você não respondeu minha última mensagem, Lily.

Ah.

Isso.

Talvez eu tenha esquecido de responder.

— Eu ainda não tive tempo de fazer as medidas.

— Você não é tão ocupada assim, filha.

— Eu… eu vou fazer isso quando chegar — respondo, querendo acabar logo com esse tópico da conversa.

— Eu quero que você mande antes de eu ir viajar, Lily — ela ordena, bem autoritária.

Mamãe quer que eu envie o meu peso desses últimos dias, como também as medidas de cintura, busto, quadril… tudo. Ela gosta de me controlar dessa forma, e quando eu não faço o que ela pede, há consequências. Consequências ruins, das quais eu não gostaria de ter outra dose, depois das primeiras vezes.

— Vou chegar no fim da tarde e faço isso, mãe.

— Preciso controlar as medidas e o peso para você se manter linda e esbelta como é, filha. É para o seu bem, você sabe disso, não sabe? Só quero que você tenha uma vida boa e segura, e para isso, você precisa arrumar um bom marido.

Toda hora a porra dessa história de casar com um homem rico e ter uma vida minimamente decente.

— Eu preciso desligar agora, mãe. Tenho aula daqui a pouco.

— Tudo bem, querida. Até mais! Eu amo você. — Desligo sem me despedir adequadamente dela porque não aguento mais essa ligação.

Menos de 10 minutos no celular com Lauren Yoon, e eu já estou com vontade de me esconder em um dos banheiros e chorar.

Eu odeio ter que tirar minhas medidas.

Eu odeio me pesar.

Eu odeio, porque os números nunca são satisfatórios para minha mãe, e ela me faz sentir mal por isso. A única culpada por eu não estar da forma desejada, sou eu.

E eu me odeio cada dia mais por isso.

Do que adianta ter um rosto bonito, se o corpo é horrível e tende a piorar?

Frustrada, como eu sempre fico depois de uma ligação com a minha mãe, volto para a mesa das meninas, que ainda me esperam para ir pegar o almoço. Coloco meu melhor sorriso no rosto e me sento na frente delas.

— Tudo bem? — Ava pergunta, e eu assinto, ainda sorrindo.

— Ela só queria saber como eu estava — digo, e não é uma mentira total, o que me acalma um pouco.

Mentir, com certeza não é meu forte, e eu tento evitar ao máximo precisar fazer isso.

— Agora que você já está aqui… vai comer com a gente hoje, não é? — Stella volta a perguntar, mexendo as sobrancelhas divertidamente para mim. — Amiga, vai ter salmão hoje! Isso nunca acontece.

Nossa, há quanto tempo eu não como salmão? Acho que faz anos!

Eu amo frutos do mar! Isso me desbloqueia uma memória da minha infância, quando eu, mamãe e papai fomos passar um fim de semana em uma cidade praiana perto de casa, Millie Bay, e lá fomos em um dos melhores restaurantes de frutos do mar, o Meteora. Nós tínhamos almoçado lá no primeiro dia por acaso, e durante os três próximos em que ficamos hospedados na cidade, fomos diariamente, nos almoços e jantares, de tanto que gostamos da comida.

Que nostalgia boa!

— Se quisermos conseguir um pedaço, precisamos ir logo, antes que a fila comece — Ava fala, apontando para os três estudantes já esperando para serem atendidos.

— Então… vamos lá? — Stella continua insistindo, e eu não sei o que fazer.

Sempre existe um lado meu que quer comer tudo. Bater um prato cheio de salmão, arroz e batatas, acompanhado de um refrigerante de cereja, um dos meus preferidos de quando era mais nova.

A parte coerente de mim sabe que se eu fizer isso, vou me arrepender e ter que lidar com as consequências. Ainda mais hoje, que eu tenho que mandar minhas medidas para minha mãe e não posso estar com nem um quilinho a mais do que da última vez, nem milímetros, maior no quadril.

Contudo, eu estou tão, tão cansada disso. Eu só queria ser magra por genética, como Nora, por exemplo, minha melhor amiga, que pode comer um cento de brigadeiros deliciosos que sua mãe faz e não engordar nada. Tudo que eu precisava, para ficar bem comigo mesma e de quebra, ainda agradar a Lauren, era ter essa boa genética, que não me permitiria engordar mesmo mantendo uma alimentação nada saudável. Até mesmo comendo comidas saudáveis não consigo manter meu peso, imagina se eu não fizer isso.

Para piorar, eu já consigo sentir o cheiro de salmão saindo do forno e tenho que tomar cuidado para o meu olfato não me influenciar dessa vez. Deve estar uma delícia!

— Vamos, Lily. Você decide na fila — Stella resolve, se levantando da mesa em seguida, e Ava faz o mesmo.

— Eu acho melhor… hum… — Nem eu sei o que acho melhor no momento, na verdade.

— Você dá uma olhada lá e decide, amiga — Ava diz, parecendo um pouco impaciente pela minha indecisão.

Para não atrasar ainda mais minhas amigas, que só querem que eu tenha um bom almoço no refeitório da universidade, eu sigo-as para a pequena fila que está se formando. Por sorte, há apenas cinco pessoas na nossa frente.

Deus, eu não poderia ser uma garota normal e comer de tudo, sem me sentir culpada e um lixo depois? Tudo que eu queria agora era aproveitar um bom filé de salmão com minhas amigas porque a faculdade resolveu agradar os alunos nesse almoço.

Quanto mais perto nós ficamos, e nossa vez vai chegando, mais tentada a largar tudo de mão e almoçar com elas hoje, eu me sinto.

Se essa for minha única refeição do dia… talvez. É, talvez eu possa almoçar um pequeno pedaço de salmão e ficar sem comer o resto do dia, o que não é incomum para mim.

— Sua vez, Lily. — A voz de Ava me assusta, e eu volto a focar no que está acontecendo na realidade, e não nos meus pensamentos.

— O almoço completo, querida? — a moça atrás do balcão pergunta, simpática, e eu travo.

Não, almoço completo não. Isso já é demais para mim. Imagina quantas calorias não deve ter no…

Não tenho chance de responder, porque a moça simpática prepara minha bandeja com o almoço completo e entrega nas minhas mãos.

— Próximo! — ela grita, chamando a atenção de um grupo de garotos que está atrás da gente.

Eu sigo Ava e Stella automaticamente, observando o que tem no prato que levo nas minhas mãos. Arroz, batatas coradas e salmão para o almoço, e acredito que um… pudim de chocolate para a sobremesa.

Não podia ser uma maçã, pelo menos?

— Parece estar delicioso — Stella comenta, desembrulhando seus talheres do papel em que eles vêm enrolados. — Não aguentava mais comer aquelas gororobas nojentas dos outros dias.

— Amiga, você sabe que não precisa comer aqui, não é? — Ava indaga, brincalhona.

— Eu quero ter a experiência da universidade completa — nossa amiga responde, dando de ombros, e isso arranca um sorriso meu também.

Minhas amigas começam a comer e entram em um papo sobre alguma integrante do grupo de basquete feminino estar grávida — e o bebê não é do seu namorado, capitão do time de futebol masculino —, e quem elas suspeitam que seja o pai. Eu tento prestar atenção na fofoca, mas não consigo.

Minha total atenção está no salmão à minha frente e na indecisão se como ou não.

*É só comer*, a vozinha na minha cabeça diz.

Sim, por agora, é só comer. Porém, e o que vem depois?

— Se demorar mais, vai esfriar, amiga — Stella fala, e eu sorrio, sem graça.

Lentamente, eu corto um pequeno pedaço do salmão e levo à boca. Mastigando devagar, como vi que se deve fazer: sentir melhor o sabor de cada alimento, para se saciar mais rápido.

Nossa! Eu nem lembrava mais como era o sabor do peixe, e a explosão que faz na minha boca, é uma delícia. Não está como aquele que comi com meus pais em nossa viagem à Millie Bay, só que depois de passar semanas comendo apenas folhas, isso aqui… isso aqui está divino!

Estou tão fascinada com o sabor do salmão na minha boca, que me apresso para comer o arroz e as batatas também, melhorando ainda mais a minha primeira experiência comendo no refeitório da universidade.

Eu não consigo parar de comer, de tão bom que está!

Dane-se essa merda de mastigar devagar para sentir o sabor e qualquer merda, eu quero mesmo é comer tudo de uma vez!

E é o que eu faço.

Em poucos minutos, termino meu prato e quando olho para os das minhas amigas, percebo que elas ainda estão na metade.

Mas o que…?

— Viu? Sabia que você ia gostar — Stella comenta, sorrindo quando percebe que já terminei.

Eu devo ter acabado com tudo em pouco mais de 5 minutos.

Não, não, não.

Isso não pode estar acontecendo.

Desbloqueio meu celular que está em cima da mesa e vou diretamente na barra de pesquisa da internet. Digito o que preciso saber, e assim que as respostas para minha dúvida aparecem, eu congelo.

Existem 171 calorias em 100g de salmão assado ou grelhado.

Porra! Eu normalmente tento comer, no máximo, 150 calorias por dia.

E agora tinha comido muito mais que isso em uma única refeição.

Merda. Merda. Merda.

Eu tenho que consertar a porra da besteira que fiz.

— Meninas, vou ao banheiro — informo, colocando mais um sorriso no rosto. — Depois de comer tudo isso… vocês sabem — brinco, e elas riem, não percebendo nada de estranho.

— Eu entendo, Lily — Ava fala, ainda comendo sua comida bem devagar, e eu sorrio, pedindo licença para seguir meu caminho até o banheiro feminino da universidade.

Eu nunca fiz isso aqui antes, porém não tenho como esperar até chegar em casa, no fim da tarde. Não, eu preciso me livrar de tudo que comi *agora*.

Observo se o banheiro está vazio e tranco a porta da cabine que escolhi, sabendo que devo ser rápida. Tudo que eu *não* preciso é de alguma garota preocupada escutando algum barulho vindo de onde eu estou e perguntando o que poderia fazer para me ajudar.

Ninguém pode me ajudar, a não ser eu mesma.

Pego um pouco de papel higiênico e coloco no chão em frente ao vaso sanitário, me agachando em seguida e apoiando os cotovelos no papel. De jeito nenhum, eu ficarei ajoelhada nesse banheiro nojento. Sabe se lá o que já passou por aqui!

Respirando fundo, me preparo para o que tenho que fazer. Por mais que faça anos que isso aconteça, não fica mais fácil. Eu ainda me sinto enjoada quando sinto a comida voltando pela garganta. Contudo, é preciso. Ainda mais hoje.

E mais uma vez, eu me livro das calorias ingeridas no almoço da forma que estou acostumada a fazer.



# Aaron Yoon

Cinco dias na Suíça passaram tão rápido que quando percebi, já estava no carro em direção ao meu apartamento.

Mesmo eu tendo passado quase os três meses de verão inteiros com Audrey — nós ficamos em uma vila em uma pequena cidade na Itália e nos divertimos para caralho — a saudade que eu sinto da minha irmã é muito grande, e não consigo ficar tanto tempo longe dela assim. Esperar até o dia de Ação de Graças iria me matar aos pouquinhos. Por isso, eu tento passar pelo menos uma semana com ela a cada dois meses. Mesmo que ela esteja em período letivo — assim como eu — ainda conseguimos sair na parte da tarde e nos fins de semana.

Dessa vez, foi possível ficar menos de uma semana com ela apenas, e nem de longe foi o suficiente para suprir a falta que ela faz diariamente, mas deu para aproveitar bastante.

Durante a semana fizemos pequenos passeios na cidade mais próxima do colégio, onde tomamos café da tarde primeiro. Audrey me fez ir todos os dias em uma cafeteria que também era livraria, sua preferida dali, que havia aberto há alguns meses só. Ela sempre fazia o mesmo pedido de frappuccino de chocolate branco, e eu, ficava no meu café preto americano. Sem graça, porém uma escolha segura. Às vezes, nós dividíamos alguma torta, como a de nozes ou de framboesa, e ela sempre me convencia a comprar um novo livro.

Sim, além dos livros que eu levei dos Estados Unidos para ela, minha irmã me fez comprar mais cinco.

Não há nada que eu não faria por ela, e a espertinha sabia disso.

Nos jantares, nós revezamos os lugares. Gostamos bastante de ir a um restaurante coreano, e como era um preço bem alto, Audrey só o frequentava quando eu estava com ela. E eu sabia que ela sentia falta das comidas típicas que mamãe fazia, então não hesitei em levá-la lá quase todas as noites. Em outras, nós fomos em restaurantes típicos de lá, como aqueles que serviam fondue de chocolate e queijo, e também em alguns italianos. Minha irmã já tinha comentado que a comida do internato não era lá essas coisas, e quando eu estava lá, gostava de agradá-la e dar uma folga das gororobas que havia no refeitório.

Além de fazer quase todas as refeições juntos fora da área do colégio, não pudemos fazer nenhum programa mais legal por causa dos horários das aulas de Audrey. Só no fim de semana que conseguimos ficar dois dias na Alemanha, em uma pequena viagem de pouco mais de cinco horas que o motorista contratado nos levou. Já tínhamos ido algumas vezes e gostamos do país. Comemos muito *Schnitzel*, nosso prato alemão preferido, e eu tomei muitas cervejas. Audrey ficou apenas no suco de maçã com gás, uma bebida bastante popular também.

No todo, foi uma viagem maneira. Consegui me desligar dos problemas que me esperavam em Schönilla e aproveitar um tempo de qualidade com a minha irmã.

Já estava contando os dias para estar de novo com ela!

Eu estou pronto para dormir boas horas no conforto da minha cama depois de uma longa viagem de avião, quando me deparo com Lily no sofá da sala de estar, assim que entro em casa.

Ela já está de pijamas — aqueles minúsculos cor de rosa que ela sempre usa e me deixam louco — e pausa o que quer que seja que estava assistindo na televisão, virando um pouco o corpo em minha direção.

Lá se vai minha ideia de dormir.

— Você não aparece aqui há quase uma semana — ela diz, cruzando os braços e deixando seus seios fartos ainda mais em evidência por causa do decote do tecido fino.

— Estava ocupado — respondo, mesmo não tendo que dar nenhuma satisfação para ela.

Não espero que ela fale mais alguma coisa e vou até a cozinha para encher um copo de água.

— *Durante cinco dias?* — A voz de Lily soa atrás de mim, e sei que ela está perto, provavelmente do outro lado do balcão que divide os dois ambientes.

— Demorou — digo, dando de ombros.

— E você não pensou em avisar? — ela rebate, dando a volta na ilha e se aproximando um pouco mais de mim. Estou com as costas escoradas na pia e bebendo minha água.

— Ficou preocupada, irmãzinha? — desdenho, abrindo um sorriso sacana.

— Claro que não, seu babaca! Mas… mas nós moramos juntos, e isso é algo que se faz quando se divide o apartamento com outra pessoa.

— Ficar preocupado com a outra pessoa?

— *O que?* Não, não é disso que estou falando! — ela reclama, jogando as mãos para o alto e bufando.

Ops.

Parece que a irritei.

— Se você for passar dias fora de casa, o mínimo que você deve fazer é me deixar avisada.

— E por que eu faria isso?

— Para eu não achar que você está morto em um beco qualquer dessa cidade, porra! — Lily responde, quase gritando.

— Você disse que não se preocupava comigo — relembro o que ela falou a poucos minutos atrás.

— Mas isso não quer dizer que eu quero ter que contar para o seu pai que você desapareceu, idiota.

Eu não digo nada durante alguns instantes, apenas observo o rosto vermelho de raiva de Lily. Se não tivéssemos um histórico, eu quase poderia acreditar que ela tinha ficado preocupada com meu paradeiro nos últimos dias. *Quase.*

— Agora você já sabe que não estou morto.

— Onde você estava? — ela questiona, elevando uma das sobrancelhas loiras para mim, ainda de braços cruzados. Eu consigo ver os bicos dos seios marcando sob a blusa do pijama, provavelmente pela temperatura baixa em que o apartamento está. Os pelinhos do braço estão todos arrepiados e percebo que eles também são loiros, e ela não os raspa.

Será que ela tira os pelinhos loiros que nascem na boceta ou ainda estão lá?

Mas que porra de pensamento é esse?

Caralho. Com certeza deve ser a falta de sexo dessa última semana falando mais alto.

— Isso não é da sua conta.

— Você… você é insuportável! — ela acusa como uma criança de oito anos, e eu sorrio, achando ainda mais graça na situação. — Pelo menos, avise da próxima vez em que for ficar tanto tempo fora assim.

— Se eu lembrar — respondo, divertido, e ela me fuzila ainda mais com os olhos azuis.

— Se você não me avisar, eu… eu vou redecorar todo esse apartamento.

— Duvido — falo, entretanto tem uma pequena parcela de medo na minha voz, e a desgraçada percebe isso.

— Acho que aqueles acessórios rosas ficariam perfeitos na cozinha, você não acha? — ela diz, sorrindo triunfante. Eu não respondo, e ela entende como uma deixa para continuar. — Talvez alguns tapetes felpudos em formato de vaca — ela pensa em voz alta, caminhando de volta para a sala de estar, e eu a sigo, começando a ficar irritado. — Essas almofadas são bem sem graça, não são? Acho que algumas cores pastéis ficariam incríveis! Talvez umas velas aromáticas na mesinha de cen…

— Lily — chamo, interrompendo-a, e ela vira-se de frente para mim.

— Sim, Aaron?

— Da próxima vez que eu for viajar, eu não vou deixar de te avisar — falo entredentes, e a loira assente, voltando a se sentar no sofá.

É isso ou voltar para cá e me deparar com uma decoração vomitada por unicórnios. E eu não duvido que ela seja capaz de fazer isso apenas para me tirar do sério.

— Então você estava viajando… — ela comenta, e eu percebo que falei demais.

Merda.

— Me deixa adivinhar… o destino não é da minha conta?

— Minha vida não é da sua conta, Lily. — Assim que as palavras saem da minha boca, eu lembro da conversa que tive com meu pai e que eu preciso me aproximar da garota. E eu não conseguirei isso, tratando-a assim. — É particular.

— Sua vida inteira é particular.

— Sou uma pessoa… fechada.

Antes que ela possa me encher com mais perguntas, eu me viro e saio em direção ao meu quarto, pegando a pequena mala de mão para levar junto comigo.

Essa história de me tornar amigo de Lily Diggory não será nada fácil se ela continuar intrometida dessa forma e me tirando do sério.



Todos os ingressos para o sábado à noite da boate haviam sido comprados em pouco mais de 48 horas, pelo que Kiara nos contou.

Um pouco mais de dois dias.

Isso nunca tinha acontecido antes.

Por mais que a Lust seja a casa noturna mais famosa de Schönilla, os ingressos demoram alguns dias para esgotar, por não serem baratos. Normalmente, Kiara começa a venda deles no início de cada mês para todos os fins de semana daquele mês, para que o salário dos frequentadores já estivesse na conta e não houvesse problemas. E como ela vende todos os dias em uma tacada só, demora um pouco para que acabem.

Não dessa vez.

Um show de última hora foi confirmado para o primeiro sábado do mês e consequentemente, ele também foi anunciado nos últimos minutos antes das vendas começarem. Isso não foi um problema para os fãs desses caras. Assim que eles postaram em suas redes sociais que sairiam do Maine para fazer um dos primeiros shows em outra cidade, os seguidores foram à loucura. A ponto de fazerem a página da boate no site de vendas cair, de tantos acessos que teve. Isso porque a banda ainda está no seu começo, cantando mais covers de músicas do que suas autorais, mas já têm uma base de fãs bem forte.

Eu admiro para caralho esses garotos. Eles têm uns sons maneiros — Kiara me mostrou um pouco deles antes de fechar o show na boate para saber minha opinião, se eles seriam uma boa atração — e só pelos vídeos postados nas redes sociais de algumas apresentações menores na cidade em que vivem, dá para ver que tem paixão no que fazem. E é isso que eu gosto de ver.

Uma simples noite na Lust tinha se tornado um grande evento para a cidade por causa deles.

Todos já estão acostumados com o trânsito perto da casa noturna nos fins de semana, porém ninguém imaginava que teriam muito mais pessoas do que o normal querendo aproveitar a noite na boate. Por isso, prevendo a lotação e as consequências que isso traria aos arredores, Kiara — ops, Kieran — pediu para que eu falasse com meu pai para que ele colocasse mais guardas de trânsito nas ruas perto, para evitar confusões.

A festa só começa daqui mais ou menos duas horas, entretanto as pessoas já começam a se aglomerar na entrada e formar uma pequena fila, pelo que vejo da janela de uma das salas do segundo andar da boate.

Podia ser pior.

Essas garotas poderiam estar acompanhando há semanas na porta, só que a banda ainda não chegou nesse nível de fama. Eu não duvido que isso passe a acontecer com eles daqui a um tempo.

Fecho a cortina e me distancio da janela, indo me sentar no braço do sofá em que Cameron está, um pouco preocupado.

Festas na Lust são o evento perfeito para a venda de drogas, isso já sabemos. Um dos caras de Benjamin sempre encontra com Cameron, o responsável por tudo isso, algumas horas antes do início da noite e entrega a quantidade que há para ser vendida naquela noite. Cam conta quanto de cada coisa tem e depois distribui entre as outras pessoas que trabalham para ele. Não tem nenhuma regra, a não ser não chamar muita atenção e acabar com o pequeno estoque antes da boate fechar. Simples, correto?

Hoje tinha sido um pouco diferente.

Benjamin já estava ciente do grande show que aconteceria aqui e de quantas pessoas eram esperadas, uma quantidade bem maior do que o habitual, e um público grande vindo de outra cidade também. Por isso, ele achou que seria uma ótima ideia triplicar as drogas a serem vendidas nessa noite.

Triplicar.

Meu amigo tentou convencê-lo a continuar com a mesma quantidade dos outros dias, mas meu pai não deu ouvidos. Na cabeça dele, se haveriam mais pessoas, mais delas iriam precisar de uma ajudinha para curtir a noite. Até eu sondei um pouco o terreno e tentei fazê-lo manter as coisas como estavam, só que ele não estava nem aí.

Cameron deve vender todas as drogas hoje ou haverá consequências.

E é por isso que meu amigo está nervoso, esperando os outros caras chegarem para explicar como será a noite de hoje.

— Todos aqui já estão acostumados com o que rola na Lust debaixo dos narizes deles — Cam diz para mim, mais uma vez. Ele está com os olhos fixos em algum ponto na parede branca à sua frente e com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Essas pessoas novas, elas… elas podem não saber o que rola. Isso pode ser um problemão, Aaron.

— Se elas já foram em alguma festa, Cameron, elas sabem o que acontece.

— Mas, e se alguma delas for um policial? Ou… ou um delegado?

— Não acredito que um policial do Maine viria para cá para um show de uma banda universitária — comento, erguendo uma das sobrancelhas em sua direção quando ele vira a cabeça para mim.

— É… é, tem razão — ele responde, soltando o ar pela boca.

Eu entendo um pouco a aflição que meu melhor amigo está sentindo.

Tem noites em que é muito difícil conseguir vender a quantidade esperada de drogas, já que por mais que Cameron e os outros caras tenham lábia, os clientes daquela noite na boate podem não estar a fim de usar. Por mais que hoje vá ter um público maior, ninguém poderia garantir que todos iriam comprar alguma coisa. E claro, a descrição deveria ser ainda maior. Eu realmente não acredito que haverá qualquer tipo de autoridade por aqui hoje, já que pelo que Kiara observou, quase todos os ingressos foram vendidos para estudantes entre 21 e 25 anos, mas sempre é bom ter cuidado.

É claro que eu ficarei ainda mais atento a tudo que irá rolar ao meu redor hoje. Já que Cameron é um cabeça dura que não saiu do esquema do meu pai enquanto podia, eu não o deixaria sofrer nenhuma punição nas mãos do chefe.

Meus pensamentos são interrompidos quando a porta se abre em um rompante, e os rostos conhecidos dos caras que trabalham para Cameron aparecem, conversando e rindo de alguma coisa, o que deixa meu amigo irritado.

— Do que vocês estão rindo, porra? Não leram a mensagem que eu disse que precisava de vocês aqui horas antes, porque aconteceu uma emergência? — ele fala, indo até a porta por onde eles entraram e batendo-a com a força, para chamar a atenção dos garotos.

Ah, isso será um problema com Kiara mais tarde.

Os garotos se calam no mesmo momento e se entreolham. É difícil ver meu amigo irritado, ainda mais, quase gritando dessa forma. Quando isso acontece, é porque ele está puto de verdade.

— Vocês já devem estar sabendo do show que vai acontecer aqui hoje — Cam volta a falar, um pouco mais calmo. — E que o público de hoje é muito maior do que estamos acostumados. Mas o que vocês não sabem, é que temos o triplo de mercadoria para vender.

O silêncio se instala no ambiente durante alguns segundos, propositadamente. Cameron espera que eles processem a informação, antes de continuar.

— *O triplo?* — um dos garotos indaga, trocando olhares com os outros.

— Exatamente. E vocês sabem o que acontece se não acabarmos com o estoque programado para essa noite… — Ele não precisa dizer que todos sofrerão as consequências, caso algo dê errado. — Por isso, hoje eu preciso de um empenho ainda maior de vocês, além da descrição, claro. Não estamos familiarizados com todas essas pessoas que vão estar presentes hoje, já que a maioria vem de outra cidade apenas para o show da banda. Preciso que vocês mantenham os olhos bem abertos, entenderam? Aaron e eu vamos estar de olho no geral, como sempre, mas não temos 30 olhos para observar todos vocês.

Eu aceno com a cabeça, me levantando do lugar onde estou sentado para me colocar ao lado do meu amigo.

— Qualquer problema que houver, não arrumem confusão. Venham até mim ou Cameron, que vamos dar um jeito — aviso, sério, passando meus olhos por cada um deles.

— Alguma dúvida? — Cam pergunta, apoiando uma das mãos na cintura e elevando uma das sobrancelhas para os garotos. Todos negam, e ele assente, passando a língua pelos lábios. — Esperem aqui até a noite começar.

E com isso, nós saímos da sala.

Enquanto a festa não começa, Cameron, Kiara e eu passamos o tempo na sala de jogos da nossa amiga. Como hoje é sábado e tem uma atração nova na boate, ela não tinha marcado nenhum encontro para a noite. Normalmente, eles não acontecem nos fins de semana, eram raras as exceções.

Fazemos uma pré, como costumamos fazer de vez em quando. As melhores bebidas ficam no escritório da Kiara, e ela trouxe as garrafas de uísque, champanhe e tequila para dar uma aquecida antes de começar, de fato, a festa. Daqui a alguns minutos, os integrantes da banda chegarão e ficarão no subsolo, no camarim improvisado que foi preparado. Como a escada que leva até o andar de baixo é a mais perto do palco, Kie achou que seria uma boa ideia deixá-los por lá mesmo. Além disso, há uma saída de emergência lá também, o que facilita a saída deles após o término do show, invés de terem que passar pela multidão de pessoas da boate.

Ficamos um bom tempo esperando os caras chegarem, jogando alguns jogos de carta e enchendo um pouco a cara com as bebidas caras da nossa amiga. Os jogos sempre são uma merda porque Kiara ganha todos, mas pelo menos, passa o tempo. Quando enfim Kie recebeu uma mensagem avisando que a banda tinha acabado de estacionar a van com os instrumentos no estacionamento na parte de trás da casa noturna — ela achou melhor não deixar o veículo muito à mostra, para não terem problemas com alguma fã maluca ou algo assim —, ela desceu para recebe-los na frente, e Cameron e eu arrumamos um pouco a sala antes de seguirmos até o primeiro andar, diretamente para o subsolo, onde eles estavam entrando.

Já no camarim improvisado, os seguranças estão movendo os instrumentos para o palco enquanto os integrantes da banda arrumam as próprias coisas nas mesas que deixamos por lá.

— Esses são Aaron Yoon e Cameron Parker — Kiara nos apresenta quando nos aproximamos, e os caras param o que estão fazendo para prestar atenção. — E esses são: Henry Brown, Charles Hoover, Thomas Hayes e Kai Doyle, a Drunk Pope.

Nós nos cumprimentamos rapidamente. Já não lembro quem é quem, mas sei que o tal de Kai é o principal da banda, ao meu ver, pelo menos. Ele é vocalista e guitarrista, e pelo que Kiara disse, foi com ele que ela entrou em contato para fechar o show na Lust. Ela tinha visto um vídeo deles no Youtube, gostou, entrou em contato, e agora eles estão aqui, tudo através de e-mails trocados entre os dois.

— Qualquer dúvida, só falar com algum dos caras para me chamarem — Kie diz, abrindo o sorriso mais simpático que conseguiu. Que não é lá essas coisas, porque sorrir é algo raro para minha amiga.

— Será que alguém pode filmar a apresentação para postarmos nas nossas redes sociais? — um deles pergunta. Acho que o Henry ou o Thomas? É, não faço ideia. Deveria ter prestado mais atenção quando fomos apresentados cinco segundos atrás.

— Claro. Só deixar o celular ou câmera com um dos seguranças antes do show que eles fazem o trabalho — Kiara responde, voltando a nos seguir para as escadas.

— Obrigado, gata — o cara diz, piscando um dos olhos para ela, que olha um pouco desacreditada em sua direção, antes de dar as costas.

Não é novidade estarem flertando com Kiara, mas sim que ela não tivesse respondido com algum fora. Acredito que ela tenha escolhido ignorar porque estamos em um cenário profissional, e manter o profissionalismo é a melhor opção, mesmo que a outra parte não contribua.

Deixamos os caras se instalarem e subimos, já que as pessoas estão começando a entrar. Pela primeira vez, eu estou vendo rostos conhecidos dentro da boate. Não que eu não veja normalmente, porém hoje, em especial, no pequeno percurso que fazemos até o bar, avisto diversos rostos conhecidos.

Céus, será uma longa noite.

Peço mais uma dose de uísque para o barman da noite e escoro o corpo no balcão. Enquanto bebo minha bebida e observo o local, sozinho — Kiara subiu para resolver algumas coisas de última hora, e Cameron foi passar as regras mais uma vez para os garotos —, percebo que uma garota está me olhando. Ela tem a pele negra retinta, os cabelos crespos estão presos com uma tiara brilhante, e seu corpo está sendo moldado por um vestido prata. Eu não a reconheço, o que quer dizer que provavelmente, ela não é da universidade. Ela está com mais algumas meninas, que conversam entre si e estão alheias à nossa troca de olhares.

Porra, faz semanas que eu não transo, e ver Lily com aqueles pijamas minúsculos perambulando pela casa, não ajuda.

Eu estou precisando de sexo.

Chamo o barman mais uma vez e peço para ele entregar um drink para a garota, junto de um bilhete que escrevo usando uma caneta emprestada dele, pedindo para que ela me encontre na escada que leva ao segundo andar depois do show da Drunk Pope. Assim que ela recebe a bebida e lê o que há no guardanapo, abre um sorriso largo para mim e acena com a cabeça.

Será uma longa *e* ótima noite.



# 15

## Lily Diggory

Eu só tinha vindo à Lust uma vez e saí praticamente carregada, de tão bêbada, por Aaron e seu amigo, então, não tenho muitas lembranças de alguns detalhes. Por exemplo, o espaço. Aqui não era grande? Da outra vez que vim, estava bem cheio, mas eu ainda conseguia transitar facilmente entre as pessoas fora da pista de dança.

Hoje não.

O aglomerado de pessoas em todo canto torna impossível passar de um ponto a outro sem esbarrar em alguém ou avistar um rosto conhecido. Parece que todos os habitantes de Schönilla e mais alguns de fora estão presentes hoje, para o show da Drunk Pope, uma banda que teve um boom no Youtube de um tempo para cá, e que eu adoro. Eles têm poucas músicas autorais ainda, porém são todas fantásticas. E não sou apenas eu que acho isso, julgando pela quantidade de pessoas na Lust hoje.

Stella e eu convencemos até mesmo Ava a vir conosco. É claro que não dissemos com todas as letras que estávamos vindo para uma casa noturna. Para nossa amiga, era apenas um show de uma banda que está começando a fazer sucesso nos Estados Unidos. O que não é mentira, só deixamos de mencionar o local onde acontecerá a apresentação. Uma omissão de leve não tem problema, não é?

Tem, tem problema sim.

Ava não fez um escândalo quando descobriu, entretanto, não gostou nada que escondemos dela que o show irá rolar na Lust, a boate mais famosa e bem frequentada de Schönilla. Aparentemente, forjar identidade falsa para entrar em locais para maiores de 21 anos vai contra seus princípios. Uma merda. Porque para mim, ela precisa se soltar mais, conhecer novos lugares, pessoas e tudo mais.

Nós demoramos um pouco do lado de fora para convencê-la que não teríamos problemas entrando, que ninguém fiscaliza esses estabelecimentos. Ela só ficou mais calma quando alguns estudantes da SU passaram por nós e entraram tranquilamente na boate.

Depois de um pequeno contratempo, nós finalmente conseguimos entrar, e nossa primeira parada é o bar. E como vemos que está tudo bastante cheio, decidimos ficar um pouco aproveitando as bebidas, antes de explorar o lugar. Ava está grudada em nós, com medo de se perder na multidão de pessoas. Eu não a julgo, porque também estou um pouco nervosa só de pensar em não achá-la mais depois que sairmos daqui.

Ficamos um bom tempo lá, esperando os meninos da Drunk Pope entrarem no palco. Quando as luzes da boate finalmente se apagam, e um holofote é direcionado para o palco, sabemos que eles estão entrando.

Juntos, Henry Brown, Charles Hoover, Thomas Hayes e Kai Doyle entram no palco como se fossem os reis do lugar, porque realmente são, durante o tempo da apresentação. Estamos a uma distância considerável, porém conseguimos enxergar bem e ouvir perfeitamente graças às caixas de som espalhadas por toda boate. Quando o primeiro acorde reverbera pelo local, todos os fãs gritam, indo à loucura. É ainda um pouco surreal a quantidade de fãs que esses caras têm em tão pouco tempo, contudo, não é para menos. Eles são incríveis no que fazem.

Como esperado, o show é incrível para caralho. De covers a músicas autorais, eles levam o público à loucura. A energia da Lust está lá em cima enquanto eles estão em cima do palco, e todos aproveitam demais o show. É notável a paixão que eles sentem pelo que estão fazendo, e isso contribui para que nós, a plateia, gostemos do show.

Assim que eles se despedem de Schönilla e agradecem a todos presentes, as meninas e eu voltamos à nossa parada inicial da noite: o bar.

— Dois martinis — Stella pede ao barman, que a olha com um sorriso no rosto. É claro. Não tem como não sorrir quando se depara com a beleza da minha amiga. — O que você vai querer, Ava?

— Uma água apenas — nossa outra amiga responde, parecendo um pouco desconfortável de estar aqui.

— Podemos ir embora se você quiser, amiga. Desculpe não termos te dito onde era o show — falo, com um sorriso fraco. Não imaginava que ela fosse ficar dessa forma, alternando o peso entre os pés e observando cada mínima coisa ao seu redor.

— Hum… não, tudo bem. Eu… eu vou me acostumar. Quero muito ficar mais um pouco — ela responde, pegando a água que Stella estende em sua direção.

Enquanto bebericamos nossas bebidas, eu também passo a observar o local como Ava. No entanto, eu estou dando uma olhada nas roupas que estão vestindo, algo que sempre faço quando vou em algum lugar.

Stella, por exemplo, está com um vestido branco de cetim que tem um decote semi-coração e mal chega à metade das suas coxas, com uma jaqueta de látex vermelho sangue, da mesma cor dos seus sapatos de salto alto. Vermelho é a cor da minha amiga, não tem como negar. Não é à toa que todos que passam por nós pousam os olhos nela durante alguns segundos. Ela é gata para caralho.

Ava, como não estava ciente que viríamos para uma boate, está um pouco mais simples, mas continua impecável. Calça pantalona de linho branca, um corset verde musgo com o mesmo decote que o vestido da Stella, e os cabelos castanhos enormes estão presos em um rabo de cavalo no topo da cabeça, deixando seu colo à mostra, onde exibe um lindo colar de diamantes. Cortesia da nossa amiga podre de rica, claro. Para completar, ela está com saltos altos enormes, que também pegou emprestado com sua colega de quarto e que dão o toque final à vestimenta.

Já eu, optei por também prender o cabelo em um rabo de cavalo, para não deixar nada atrapalhando o meu top escolhido para noite. Todo revestido em plumas, tomara que caia e rosa, combinando a parte de cima com uma saia branca simples e saltos da mesma cor, com uma única tira brilhante para dar um *a mais*. Também coloquei brincos de prata em cascatas nas orelhas e uma gargantilha do mesmo material. Eu não estou tão bonita quanto minhas amigas, claro, porém juntas, nós formamos um bom trio.

Continuo minha busca pelo ambiente por roupas legais, quando meus olhos pousam em uma pessoa em específico.

O cara deve ter quase 1,90cm, pele escura, cabelos cortados rente à cabeça — talvez eu tenha uma queda por homens com cabelos raspados dessa maneira — e claro, o que mais me fez achá-lo interessante: a camisa amarela de linho, que ressalta seus músculos e contrasta perfeitamente com a cor da sua pele, chamando atenção. Ele vira um pouquinho o corpo para falar com um dos amigos, e quando vejo seu perfil, sei que é esse.

— Já volto — aviso para as minhas amigas, deixando o copo vazio no balcão e não esperando por uma resposta delas.

Conforme caminho lentamente até onde o cara bonito está, ele percebe que estou indo até ele e abre um sorriso simpático. Seus olhos percorrem todo meu corpo, e ele parece gostar do que vê.

Ótimo. Estamos na mesma página.

— Oi, lindo — cumprimento, quando ele me encontra no meio do caminho, e estamos próximos o suficiente, apoiando uma das mãos nos seus bíceps.

Uau. Bem forte.

— E aí, loira — ele responde, colando ainda mais nossos corpos ao enroscar a mão na minha cintura e me puxar para mais perto. — Sou Tyler Smith, muito prazer.

— Lily Diggory, e o prazer é todo meu — me apresento também, abrindo um sorriso lascivo.

Contudo, meu sorriso morre no instante seguinte, quando ele franze as sobrancelhas e me olha, desconfiado.

— Lily, como a mesma Lily que entrou para o time de líderes de torcida recentemente? — ele pergunta, já começando a se afastar um pouco de mim.

Mas que porra é essa?

— Hum… sim? Você tem algo contra líderes de torcida? — questiono, na brincadeira, não entendendo o que está acontecendo.

— Não me leve a mal, Lily. Você é muito gata. E gostosa para caralho, para ser sincero. — Ele ri, nervoso, afastando qualquer parte dele que estava em contato comigo, e eu levanto as sobrancelhas, exigindo uma boa explicação. — Mas não quero me meter em problemas. O basquete é minha vida, sabe?

— Existe alguma regra que os jogadores não podem ficar com as líderes de torcida que eu não estou sabendo?

Não acho que seja o caso, porque tenho quase certeza que vi uma das minhas companheiras de time praticamente se comendo com um dos caras do time de basquete em uma das pilastras no fundo da boate. Então… o que está acontecendo?

— Não qualquer líder de torcida, *você*.

Como é que é?

— Mas que palhaçada é essa que você está diz…

— Eu acho melhor eu ir — ele me interrompe, já dando alguns passos para trás, de volta aos seus amigos.

O que acabou de acontecer?

Como assim, os jogadores do time de basquete não podem ficar comigo? Isso não faz sentido nenhum! Eu não tinha me envolvido com nenhum deles — sem ser Adam, que é péssimo na cama e ainda teve a audácia de me dispensar —, para estarem respeitando o amigo ou algo assim.

Puta que pariu! Por que essas merdas só acontecem comigo?

Estou voltando ao bar para encontrar minhas amigas, quando reconheço um rosto familiar. Escorado em uma das pilastras e com os olhos fixos em algo — ou alguém — um pouco mais à sua frente, está Cameron Parker, melhor amigo e braço direito de Aaron Yoon, meu inferno pessoal.

Só precisei lembrar do nome do filho da puta, que as pecinhas começaram a se encaixar na minha cabeça.

É claro que Aaron faria uma merda dessa.

Não satisfeito em acabar com minha paciência em casa, ele também faria algo para me atingir dentro da universidade, como proibir todos os jogadores do time de ficarem comigo. Qual seria a punição se isso acontecesse? Alguma coisa muito grave, já que eu consegui ver o medo nos olhos de Tyler quando eu disse quem era.

Eu vou acabar com Aaron!

Não penso no que estou fazendo até estar a centímetros de Cameron, e o canalha sorri para mim.

Sorri.

— Cadê o seu amigo? — pergunto, puta da vida e querendo arrasta-lo comigo até onde o outro idiota está.

— Oi para você também, Lily.

— Onde ele está, Cameron?

— Precisa ser mais específica, querida — ele diz, achando que estamos em uma ótima brincadeira no momento.

Não estamos.

— Ei, o que tá rolando aqui? — Stella questiona, se aproximando junto de Ava.

— Acho que sua amiga está um pouquinho irritada, amor — Cameron responde, ainda achando graça da situação.

— Não me chame assim — minha amiga fala, séria, apontando um dedo na direção do ex-namorado.

— Me diga aonde a porra do seu amigo está! — exclamo, um pouco revoltada e tentando tirar o foco deles dois.

— Eu não sei, Lily. Talvez esteja no andar de cima — ele finalmente fala algo útil, mesmo não parecendo ter certeza do que está dizendo.

Mas, merda. Eu já tinha tentado subir outra vez e fui barrada.

Como eu conseguiria ir até lá?

Eu preciso de alguém conhecido por aqui, só que... já sei.

— Você vai falar com os seguranças para me deixarem subir — aviso, autoritária.

— Não, eu não vou — Cameron responde, com uma expressão surpresa por estar quase ordenando que ele faça isso.

— Sim, você vai!

— E por que eu faria isso? — ele pergunta, cruzando os braços.

— Porque eu vou te dar algo em troca. Qualquer coisa — ofereço, mesmo sabendo muito bem que talvez eu não realize esse favor.

Tudo que preciso no momento, é subir.

— Qualquer coisa?

— Nada ilegal ou sexual — respondo, impaciente.

— Quero conversar com a Stella — ele fala simplesmente, arriscando um olhar na direção da minha amiga, que está com a cara fechada para ele. Eu tenho vontade de rir dessa cena.

Sério?

— Não posso obrigá-la a fazer algo que não quer.

— Então, nada feito.

— Cameron! — resmungo, ainda mais puta.

O que eu farei agora?

É claro, eu posso esperá-lo descer ou chegar em casa, entretanto eu quero falar com ele agora, enquanto meu sangue está fervendo de raiva.

— Eu falo com ele — Stella diz, surpreendendo a nós três e nos fazendo virar os rostos para ela. — Se você levar Lily até lá em cima, eu falo com você. Mas vai ser aqui e durante o tempo que *eu* quiser.

— Amiga, você não precisa fazer isso.

— Eu vou te ajudar, Lily. É para isso que servem os amigos, não é? — ela fala, sorrindo fraco para mim.

— Mas… mas eu nem te expliquei porquê preciso falar com Aaron agora!

Não faço ideia porque estou tão empenhada em convencê-la a não me ajudar, se eu quero mesmo ir para ao segundo andar, porém não quero que ela faça algo contra sua vontade, por mim.

— Pela sua expressão, amiga, deve ser importante.

Meu Deus, eu não mereço os amigos que tenho!

— Ava vai ficar comigo o tempo todo — ela garante, tentando me tranquilizar, e eu assinto.

— Esses são os termos, Cameron. Vai me levar até seu amigo? — pergunto, virando-me de volta para frente do cara.

Cameron fica em silêncio, parecendo ponderar os prós e contras da situação. No entanto, como esperado, ele acaba acenando com a cabeça, concordando. Ele sabe que pode ser a única chance que vai ter de conversar com Stella e não desperdiçaria.

Eu, Ava, Stella e Cameron seguimos o pequeno percurso que leva às escadas do segundo andar. Lá, ele fala algo baixinho no ouvido do segurança, entretanto palavras como "Yoon", "irmã" e "emergência" são algumas que consigo ouvir.

Agora, que eu sou conhecida aqui, poderei usar isso ao meu favor da próxima vez que vier para cá. Eu ainda não esqueci a minha pequena investigação sobre a família Yoon. Da última vez, eu tive um pequeno… desvio de caminho, e hoje, eu tinha vindo para aproveitar ao lado das minhas amigas, mas eu não tinha esquecido o principal motivo de ter aparecido aqui há alguns dias.

Eu ainda irei descobrir se todos os boatos que circulam pela cidade são verdade.

Quando o homem libera minha passagem, antes de ir, eu me viro para Cameron e digo:

— Se você magoá-la mais uma vez, eu vou atrás de você.

Dou as costas para os três e subo as escadas para o segundo andar da Lust.

A primeira coisa em que reparo é que não há ninguém por aqui, ou pelo menos, *aparenta* não ter ninguém. O único som que escuto são as músicas do andar de baixo, contudo, conforme eu vou passando de sala em sala e abrindo as portas que não estão trancadas, tenho quase certeza que Aaron não está por aqui. Acho que *ninguém* está aqui.

O filho da puta deve ter ido embora!

Cameron Parker me enganou? Ele me fez acreditar que seu amiguinho estava aqui para conseguir um favor de volta e cobrar em forma de uma conversa com Stella?

Porra! Como eu fui tão estúpida de cair em uma dessas?

É claro que ele não entregaria seu melhor amigo tão fácil assim. Eu que fui a tola por acreditar que sim.

Eu estou quase desistindo e voltando para tirar Stella de perto do ex-namorado babaca, quando resolvo tentar a última porta do corredor. Ela está fechada, só que quando giro a maçaneta, percebo que não está trancada. Ótimo, mas várias delas também não estavam e não tinha ninguém.

Abro a porta em um rompante e acendo a luz em seguida, eu não estava preparada para a cena que está na minha frente.

Ponto positivo? Eu tinha encontrado Aaron, afinal.

Ponto negativo? Ele está sentado no sofá de couro no canto da sala, e ajoelhada na sua frente, com porra do seu pau dentro da boca, há uma garota.

— Ai. Meu. Deus! — exclamo, em choque, ainda sem conseguir me mover.

Ele não se abala, pelo contrário, continua impulsionando o pau dentro da boca da garota e abre um sorriso malicioso para mim.

Meu Deus, por que parece que ele está batendo com o membro na garganta da garota, e metade ainda continua para fora?

— Eu te convidaria para participar, *irmãzinha*, mas acho que seria inapropriado, diante da relação familiar que possuímos.

— Você… você é nojento!

— Então por que continua olhando, Lily?

Eu… o que?

Levo uma das minhas mãos até os meus olhos e tampo-os, ouvindo uma risada vindo dele. Por que eu continuei olhando, mesmo depois de me ter tocado do que está acontecendo aqui?

Choque.

Eu estava em choque e sem conseguir raciocinar. Isso, exatamente isso que aconteceu.

Então, por que eu estou sentindo vontade de esfregar minhas coxas uma na outra e enfiar a mão entre minhas pernas? Eu tinha ficado excitada com essa cena?

— Do que você precisa, Lily? Não sei se você percebeu, mas… estou ocupado agora.

Por que eu ainda estou parada aqui, porra?

Viro de costas e saio da sala, fechando a porta atrás de mim e finalmente tirando a mão dos olhos.

Eu *nunca* mais subirei aqui. O que era para ser uma cena constrangedora — ainda mais para ele —, acabou se tornando uma piada. Eu tinha me tornado uma piada.

Argh! Como eu odeio Aaron Yoon!

Assim que coloco meus pés no primeiro andar da Lust novamente, não vejo nem sinais das minhas amigas.

Contudo, vejo Tyler bebendo uma cerveja sozinho em um canto.

Nossa, ele é um gato, e aqueles músculos… Aaron não me impedirá de acabar minha noite bem. Ah não, eu não darei esse gostinho de vitória para ele.

Ele deve estar gozando nesse exato momento, e eu não posso? Ah, vai se foder! Eu posso fazer o que eu quiser. Eu sou Lily Diggory, porra!

— Ei, Tyler — chamo, assim que paro na frente dele.

— Oi… oi, Lily — ele responde, um pouco nervoso, olhando de um lado para o outro.

— Eu conversei com meu meio-irmão… Aaron — começo, tentando sair o mais verdadeiro possível. — E ele viu que foi injusto o que disse para vocês. Para ficar longe de mim, sabe?

— Ele disse? — Tyler indaga, um pouco desconfiado.

— Ele é superprotetor comigo, entende? Coisa de irmão mais velho! Mas já conversamos, e ele disse que não tem nenhum problema se eu quiser ficar com algum dos amigos dele do time.

— Lily… eu não sei se essa é uma boa ideia.

Ah, pelo amor de Deus! Que porra de medo é esse que esses marmanjos de mais 1,90cm tem do Aaron? Não é como se ele fosse superforte e pudesse acabar com eles.

— Você não me quer mais, é isso?

— O que? Porra, gata, claro que sim. Olha só para você… — Ele pausa para passar os olhos de cima a baixo no meu corpo, e eu sorrio.

— Então o que está esperando para me levar para sua casa?

Isso o faz hesitar.

— Hum… tem certeza que Yoon não vai se importar?

— Claro que não! Está tudo bem, eu juro — respondo, alisando os seus bíceps e colando nossos corpos. — Podemos ir?

— C-claro. O que você quiser, gata.

Lily Diggory 1 x 0 Aaron Yoon.



# 16

## Aaron Yoon

— Eu te convidaria para participar, irmãzinha, mas acho que seria inapropriado, diante da relação familiar que possuímos — eu digo, com um sorriso maroto nos lábios.

A garota já está há algum tempo com meu pau na boca, e eu ainda não tinha gozado. Ela é linda, porra, e esses peitos balançando pelo decote da blusa enquanto leva meu membro até a garganta… caralho, eu já deveria ter gozado na primeira lambida que ela deu em mim. Mas não. Isso não aconteceu, e eu suspeito que não aconteceria.

Já foi difícil fazê-lo subir, porém ejacular também? É pedir demais. Não sei que porra está acontecendo com meu pau, só que ele não está funcionando direito nesses últimos dias.

Eu não sabia o que estava acontecendo.

Agora, no entanto, eu descobri o que há de errado.

Lily Diggory é o problema, como sempre.

Foi só ela entrar na sala com a porra da saia minúscula e os peitos querendo pular para fora do top felpudo, que meu pau pareceu tomar vida, e eu precisei começar a estocar mais forte dentro da boca da garota. Meus olhos estão fixos no rosto de Lily. Nas suas pupilas dilatadas — perceptíveis pelo azul dos seus olhos —, suas bochechas coradas e no jeito como ela tenta esfregar as pernas disfarçadamente.

Achei que ela fosse se acovardar diante da minha fala, mas é claro que isso não aconteceu, afinal, estamos falando de Lily Diggory.

— Sai — ela diz, se aproximando de nós, e eu franzo as sobrancelhas, confuso.

Ela está me mandando sair? É sério?

Quando eu não faço menção de me levantar, ela chega ainda mais perto e solta minha mão da nuca da garota, que eu estava usando para ajudá-la a levar meu pau até o fundo da sua boca.

— Eu mandei sair, porra — ela repete, empurrando a garota pelos cabelos para fora da sala.

— VOCÊ É MALUCA!

— Você ainda não viu nada — Lily responde, antes de fechar a porta pela qual a outra menina saiu.

Assim que estamos sozinhos, ela caminha até mim, se ajoelha na minha frente, no lugar ocupado pela garota há alguns segundos, e sorri maliciosamente para mim.

— Ela não te fez gozar? — pergunta, manhosa, levando uma das mãos até meu pau. — Mas também, como poderia, se só eu tenho esse poder agora?

— Lily… — tento advertir, porém ela balança a cabeça, com um sorriso ainda estampado no rosto.

— Você acha que não percebi seus olhares para mim, quando desfilo pela casa com meus pijamas ou no treino das líderes de torcida? Que você precisa bater uma em seguida, no chuveiro, para não acabar fazendo alguma besteira e comendo sua irmãzinha? — Mas… o que? Como ela sabe de tudo isso? — Não fique tão surpreso, Aaron.

— Isso não é verdade.

— Ah, não? — ela questiona, fingindo estar curiosa, enquanto sua mão continua a fazer carícias no meu pau. — Então, isso quer dizer que se eu colocar seu pau na boca agora e levá-lo bem fundo, você não vai gozar em segundos?

Merda. Segundos é muito. Eu já estou quase gozando nesse momento.

— Vamos testar?

Ela não espera por uma resposta e começa a inclinar sua cabeça, pronta para enfiar meu membro bem fundo na sua garganta, quando o despertador toca.

Quando o despertador toca?

Acordo no susto, ouvindo a porra da musiquinha irritante do alarme do meu celular tocar incessantemente ao lado da cama.

Mas que porra acabou de acontecer? Eu tive um sonho erótico com a Lily?

Caralho. Eu nem podia culpar o álcool, porque já faz dois dias da festa, e eu não bebi nada desde então. Eu tive esse sonho completamente sóbrio.

Essa garota está acabando com minha vida aos poucos.

Esfrego meus olhos com as mãos e me espreguiço, me preparando para mais um dia na faculdade.

Para minha sorte, não encontro Lily no apartamento. Provavelmente já saiu para suas aulas matinais. Mesmo assim, como estou um pouco fora do horário, faço tudo que preciso fazer o mais rápido possível para não me atrasar ainda mais para minha primeira aula.

Tomo banho, escovo os dentes e como o café da manhã em menos de 20 minutos, já correndo para pegar o elevador até o subsolo, diretamente para a garagem.

Assim que dou partida na moto e saio do prédio, sou impedido de iniciar o pequeno percurso até a SU, porque uma figura loira muito conhecida por mim está parada em frente ao edifício, com celular em mãos e parecendo furiosa enquanto digita nele. Ela não deveria estar mais aqui.

— Sobe — mando, quando paro a moto em frente a ela e estendo um capacete em sua direção.

— Porra, Aaron! Que susto! — ela reclama, revirando os olhos, mas não pega o capacete que ofereço.

— Lily, sobe na moto — falo mais uma vez, e ela ergue as sobrancelhas loiras para mim.

— Você não manda em mim.

Porra… como essa garota é difícil.

— Está há quanto tempo tentando chamar um carro?

Pelo menos, é isso que acredito que ela esteja fazendo. Ela não estava em casa quando acordei, o que quer dizer que ela está aqui embaixo há pelo menos vinte minutos. Não acho que uma de suas amigas estaria atrasada há tanto tempo assim.

— Não é da sua conta — ela alfineta, e eu me controlo para não jogá-la logo em cima da moto.

— Eles não vão aceitar sua corrida, Lily. Se não quiser chegar atrasada na faculdade, é melhor subir.

Eu não tenho motivos coerentes para estar oferecendo uma carona para ela. Depois de tudo que aconteceu, não só entre a gente, como também somando a relação dos nossos pais, eu deveria deixá-la apodrecer esperando o carro de aplicativo chegar. Contudo, por alguma razão, eu não consigo fazer isso.

— O que foi? Está com pena de mim? — ela desdenha, porém, noto que guarda o celular na bolsa.

— Sobe na porra da moto, Lily — ordeno mais uma vez, e ela desvia os olhos dos meus.

Como se estivesse procurando outra alternativa.

Quando não encontra, ela bufa e aceita meu capacete, se acomodando atrás de mim. Eu sorrio, feliz que ela não possa ver que consegui exatamente o que eu queria: as pernas de Lily apertando minhas coxas e seus braços ao redor do meu tronco. É claro que queria que estivéssemos em outra situação, entretanto é o que tem para hoje.

Tudo por conta da porra do sonho. Eu passei todo o tempo me arrumando imaginando a boca dela no meu pau.

Puta que pariu, eu estou fodido.

— Por que você fez aquilo? — A voz de Lily surge no meu ouvido alguns instantes depois de entrarmos na pista, e eu franzo as sobrancelhas, confuso.

— Fiz o que?

Ela está se referindo ao nosso encontro inoportuno na boate?

— Proibiu que os jogadores de basquete ficassem comigo.

Ah. Isso.

Como ela sabe disso?

Não importa mais agora.

— Não posso deixar a enteada de Benjamin Yoon se envolver com esses babacas. Iria acabar com a reputação da família — respondo, um pouco frio.

Eu não tenho como falar a verdade, que fiz isso por puro egoísmo.

Se eu não posso tê-la, ninguém mais pode.

— Eu mesma posso julgar os caras com quem me envolvo! Não preciso de ninguém para fazer isso por mim — ela devolve, e percebo a irritação em seu tom de voz. Para deixar mais claros os seus sentimentos, ela tem a coragem de *tentar* me beliscar. — Como você não tem pele para eu te beliscar, caramba?

— Se chama musculação, Lily — respondo, achando graça da tentativa frustrada dela.

— Eu te odeio ainda mais depois disso, Aaron.

— Por eu ter um tanquinho? — pergunto, me segurando para não rir.

— Por você achar que tem controle sobre a minha vida, caramba!

Dessa vez, ela não tenta me beliscar.

Invés disso, a cretina chuta meu tornozelo. Sério, porra? Essa garota não existe.

— O sentimento é mútuo.

Pode haver ódio misturado com tesão, certo?



Os primeiros treinos de basquete da semana são sempre os piores, principalmente quando acontecem na segunda-feira.

Como nosso treinador tem algum compromisso na terça-feira, quando normalmente acontece os treinos, ele remarcou para o dia anterior pela manhã, e bem… ninguém estava preparado. Correr atrás de uma bola com vários caras em quadra já é complicado por si só, agora imagine fazer isso quando todos ainda estão se recuperando do fim de semana? Mil vezes pior.

São poucos os jogadores que querem seguir carreira no esporte, e eu me incluo nisso. A maioria está no time apenas pela bolsa de estudos ou para passar o tempo, sei lá. A questão é que por isso, o time de basquete da SU não é lá essas coisas. Ganhamos poucos campeonatos universitários, e pouquíssimos jogadores foram para a NBA ou perto disso.

Hoje, não foi diferente.

Eu perdi as contas de quantas vezes o treinador e Cameron chamaram a atenção de todos para focar no jogo e parar de viajar nos próprios pensamentos.

No fim do treino, todos estavam ainda mais exaustos do que nos outros dias. Alguns até comentaram com o treinador que quando algum imprevisto acontecer na terça-feira, eles preferem ter mais horas no próximo dia de treino ou marcar para quarta-feira. Ele riu da opinião dos garotos e disse que faria o que é melhor para ele, e que se a gente não consegue acompanhar, é melhor sair do time.

Esperado.

Eu normalmente sou um dos primeiros a entrar no vestiário para tomar uma ducha rápida e ir embora, mas hoje em específico, eu precisei ficar uns minutos a mais no ginásio para recuperar o fôlego e atender uma ligação de Audrey. Como todos tinham ido direto para o chuveiro, eu achei melhor falar com minha irmã na quadra mesmo, onde estava sozinho.

Quando desliguei a chamada, que durou pouco mais de 15 minutos — eu disse que retornaria a ligação quando estivesse em um momento melhor, e Audrey concordou —, eu finalmente fiz o pequeno percurso para o vestuário. Tinha recebido uma mensagem de Cameron também, dizendo que já tinha tomado seu banho rápido e estava me esperando no corredor, porque não aguentava ficar lá dentro com tanto odor de suor circulando.

A primeira coisa que notei quando adentrei o local foi a barulheira dentro.

Eu já estava um pouco acostumado com isso em dias de jogos, porém, raramente eu estava junto deles nos dias cotidianos, porque sempre vinha primeiro e ia embora antes mesmo de eles entrarem.

Todos estavam muito concentrados em suas próprias conversas e nem notarem a minha presença. Fui até meu armário, joguei meu celular lá dentro, pegando minha toalha e segui para uma das cabines vazias do chuveiro.

A água gelada começa a cair aos pouquinhos, e eu já enfio a cabeça embaixo dela, deixando os jatos levarem as sujeiras ralo a baixo. Eu estava pingando de suor, e além disso, sempre que eu termino um treino, me sinto sujo, mais do que só por estar suado, e sempre preciso de banho. Eu tomo um melhor quando chego em casa, claro. Essa é apenas uma ducha rápida com um pouco de sabonete.

Eu estou começando a ensaboar meu corpo, quando a conversa do lado de fora, nos armários em frente às cabines, me chama atenção. Não tenho costume de prestar atenção no que os babacas do meu time falam, porque é sempre besteira, mas meu instinto grita dentro da minha mente para eu focar *nesse* papo.

Estranho, porém não contesto a voz da razão — que sou eu mesmo.

— Porra, cara, sério? Depois do show? — um dos caras do time pergunta ao outro, e acredito que seja Xavier, só que não tenho certeza. Ele não costuma se aproximar muito de mim e mal fala nos treinos.

— Ela disse que não tinha problema e que estava tudo sob controle — o outro responde, e esse sei que é Tyler. Ele já se envolveu em algumas pequenas brigas com Cameron e não é uma boa pessoa.

— E aí? Como foi?

— Ela é animal na cama, mano. Já chegou no alojamento tirando todas as roupas e praticamente se jogou em cima de mim. Acho que ela me fez gozar cinco vezes naquela noite — Tyler se vangloria, e eu reviro os olhos com força.

— Mas e ela?

— Se ela gozou? — Ouço ele perguntar ao amigo, mas só que Xavier não responde com palavras. — Porra, cara. Sei lá. Foda-se. Eu consegui o que queria. Ela devia ter se esforçado mais, se esperava que eu fosse fazer algo por ela.

E os dois riem.

Babacas.

Coitada da garota que teve o azar de transar com ele.

— Ela só é muito escandalosa. Gemia alto para caralho. Eu fiquei com medo de alguém do lado de fora ouvir… mas pelo menos, saberiam que eu sou ótimo na cama. — Mais risadas, e eu fico ainda mais enojado com essa conversa.

A tal garota nem gozou, e ele estava se vangloriando por aí?

— E você tem certeza de que não vai ter problemas? — Xavier pergunta e parece um pouco desconfiado.

Desligo o chuveiro, porém continuo dentro da cabine, me secando e prestando atenção na conversa deles.

— Ela disse que Aaron estava de boa, cara. Eles conversaram e sei lá… resolveram essa merda aí de irmãos.

O que?

Ele estava falando da Lily?

Não, não pode ser. Eu deixei bem claro para todos do time se manterem longe dela.

— Então você acha que vale a pena eu tentar a sorte com ela? Ela é gostosa para cacete. Dá para entender porque Aaron quer escondê-la de todo mundo — Xavier comenta, e eu sinto o sorriso que se forma em seus lábios quando ele vai terminando de falar.

— Ah, com certeza. Ela é fácil demais, cara. Nem tive que me esforçar para levá-la para cama. Só elogia o cabelo dela… sei lá, e ela vai estar de quatro para você.

É isso.

Eu já tinha ouvido o suficiente.

Amarro a toalha o mais forte que consigo ao redor da minha cintura e abro a porta da cabine com força, a fim de chamar atenção dos dois filhos da puta que estão me esperando assim que coloco os pés para fora.

A conversa cessa no mesmo instante, e eles trocam olhares, nervosos.

— Xavier — digo, sem tirar os olhos de Tyler. — Saia. E fale para todos saírem também.

— E-eu…

— AGORA! — esbravejo, e ele dá alguns passos para trás, em direção à saída. — Cameron está do lado de fora. Peça para ele entrar.

Como meus olhos estão fixos no babaca que achou que podia passar por cima de mim, indo contra minhas ordens, e foder Lily Diggory, eu não vejo se seu amiguinho realmente saiu, entretanto ouço os passos dele e de mais alguns, e em seguida, as portas se abrem e se fecham. E ainda foi um merda, pelo que ele estava falando.

— Você achou mesmo que poderia ir contra o que eu disse e não teriam consequências, Tyler? — pergunto, me aproximando dele, que faz o contrário e tenta se distanciar de mim.

— E-ela disse que você não se importaria, que tinha conversado com você — ele tenta se explicar, e eu balanço a cabeça, um sorriso brotando em meu rosto.

— Você não pode acreditar em tudo que as mulheres falam, Tyler.

Ele é alto, está sempre na academia e faz aulas de luta algumas vezes depois dos treinos. Seria um bom oponente numa luta se não fosse um covarde. Sempre que acontece qualquer tipo de confusão corpo a corpo em jogos — e acontece bastante, porque esses garotos não sabem se controlar e partem para cima do time adversário —, ele foge. Não nos ajuda a encerrar a porra da briga e nem levanta um dedo para defender alguém.

Covarde.

— Ei, o que está rolando aqui? — Cameron chega, se pondo ao meu lado.

— Você sabia que Tyler ali — digo, apontando com meu dedo para ele enquanto me afasto para colocar uma roupa, indo até meu armário —, teve coragem pela primeira vez na vida e foi contra às minhas ordens, transando com Lily?

— Ah, Tyler. Você não fez isso — Cam fala, com um pouco de lamento na voz, e eu sorrio, mesmo de costas para ele.

— Cara, ela me disse que não tinha problema! Se alguém é culpado aqui, é aquela maluca mentirosa.

Coisa errada a se dizer.

— Não ouse colocar a culpa nela, porra! — quase grito, terminando de colocar minha calça jeans e volto a me juntar a eles, mesmo sem camisa. — Você devia ter sido homem o suficiente para dizer não!

Eu não espero que ele responda e empurro-o contra o armário em que ele já está escorado, fazendo-o bater as costas e cabeça no metal. Agarro-o pelo pescoço, deixando-o prensado entre mim e as portas pesadas atrás de si.

— D-desculpe, Aaron. Isso não… não vai acontecer de novo.

*Agora,* ele quer se desculpar?

— Desculpas não vão te ajudar agora, Tyler.

Com minha mão livre, eu desfiro um soco na cara dele. Tyler se desequilibra um pouco pela pancada, mas eu não deixo que ele caia. Continuo pressionando-o contra os armários.

— Você foi corajoso o suficiente para ir contra às minhas ordens, Tyler, e vai ser corajoso o suficiente para aguentar as consequências.

Quando minha mão atinge seu rosto mais uma vez, o sangue começa a escorrer pelo seu nariz e suja seu torso descoberto.

Eu sorrio, feliz que estou dando uma lição em que foi contra as minhas regras. Eles sabem que eu não deixaria passar qualquer vacilo, muito menos um desse.

Mais uma vez, o sangue começa a descer pelo seu rosto, vindo do supercílio, e sei que o olho roxo vai ser uma realidade em breve também. Quando fico satisfeito com o estado da cara de Tyler, decido que é hora de fazer algo mais para baixo… talvez seu abdômen? Uma costela quebrada seria bom para dar uma lição.

Desgrudo-o do armário e jogo seu corpo no chão, indo por cima dele e desferindo mais uma pancada em sua barriga, o fazendo urrar de dor.

— Aaron… p-por favor. — Ouço-o implorar, e meu sorriso se alarga ainda mais.

— Devia ter pensando nisso enquanto enfiava a porra do seu pau nojento no que é meu — respondo e depois atinjo sua lateral mais uma vez.

Mais alguns socos por todo o corpo de Tyler, e me dou por satisfeito, saindo de cima dele e me aproximando de Cameron, que estava de camarote, assistindo tudo.

— Isso é um aviso, Tyler — digo para o garoto estirado no chão, que já tinha se movido para a posição fetal. — Se você mexer com o que é meu de novo, não vai sair vivo daqui. Você sabe do que a família Yoon é capaz.



# 17

## Lily Diggory

Depois de algumas semanas em Schönilla, eu finalmente tinha conseguido estabelecer uma rotina que eu gosto e posso cumprir. Como meus dias sempre são diferentes, porque eu dependo dos horários das aulas para realizar as outras tarefas, a única parte igual de todos eles é a manhã. Minha primeira aula é somente às 9 horas.

No início, eu precisava programar três alarmes diferentes para estar de pé no horário em que eu desejava, além de anotar passo a passo o que eu precisava fazer. Mas agora, eu não preciso de mais nada disso. Meu relógio biológico já está acostumado a acordar cedo, e eu já havia decorado todo o cronograma que faço pela manhã.

Eu acordo um pouco depois das 6 horas e fico enrolando um pouquinho na cama, checando minhas redes sociais e respondendo algumas mensagens da noite anterior. Como eu acordo cedo, preciso dormir cedo também, e por isso, às vezes, acabo perdendo algumas coisas que meus amigos dizem ao fim da noite.

Quando eu finalmente me espreguiço e saio da cama, já vou para o banheiro fazer a higiene matinal e trocar de roupa. Hoje, por exemplo, coloquei um conjunto de corrida em um tom de marrom fulvo e tênis pretos. Sempre prendo meus fios loiros em um rabo de cavalo e deixo para tomar banho quando retorno.

O próximo passo é o pré-café da manhã: um shot de imunidade, que consiste em cúrcuma em pó, gengibre ralado, mel, limão e um pouquinho de pimenta do reino. O gosto não é lá essas coisas, porém ajuda na saúde, então eu não saio de casa antes de tomar o meu.

Em seguida, eu pego minha garrafinha de água na geladeira, coloco meus fones de ouvido e saio para minha corrida matinal. Eu dou algumas voltas pelos quarteirões perto do edifício e vou até o parque, onde sempre há idosos caminhando, bebês pegando os primeiros raios de sol da manhã e alguns donos passeando com seus animais. Os passarinhos compõem a trilha sonora, e é uma delícia. O mundo parece mais tranquilo a essa hora.

Quando eu não tenho aula na parte da manhã, termino a corrida na academia do prédio, entretanto, não é o caso de hoje. Preciso voltar direto para casa e ir direto para o banho.

Em casa, não vejo sinal de Aaron na área comum, o que quer dizer que ele já saiu ou continua dormindo. Não que eu me importe, claro. Depois da merda que eu descobri, que ele mandou seus companheiros de time ficarem longe de mim, eu estou puta para caralho com ele. E só aceitei a carona na segunda-feira, porque se eu dissesse não e continuasse esperando algum motorista aceitar minha corrida, eu não chegaria a tempo.

Merda de cidade pequena com poucos carros de aplicativo!

Tomo um longo banho de água morna — mesmo com calor, não curto muito água gelada — e me arrumo para ir para a faculdade. Decido optar por roupas mais simples hoje: calça jeans de cintura alta, um cropped branco de mangas curtas e uma camisa rosa de cetim por cima, com os botões abertos. Talvez eu fechasse somente o primeiro, mas não tinha certeza. Nos pés, coloco minha mais nova aquisição de um dos brechós do centro da cidade: um tênis rosa e branco, do mesmo tom da camisa que estou usando. Perfeito!

Pronta, eu pego a bolsa branca de tecido que vou usar e saio para a cozinha, para tomar meu café da manhã.

— Bom dia. — Sou surpreendida por Aaron atrás do balcão. E quando digo surpreendida, quero dizer que me assusto de verdade e acho que teve até mesmo direito a um pulo, porque eu não esperava encontrá-lo nessa manhã.

Ainda mais sem camisa.

Só de calça jeans, mostrando seu tronco definido, que eu já tinha tocado algumas vezes, quando andei de moto com ele.

E… tomando meu suco verde?

— Por favor, Aaron, diga que esse suco não é meu — peço, fechando os olhos para tentar não me estressar antes das nove horas da manhã.

— Esse suco não é seu — ele responde, sacana, e eu tenho vontade de pular em cima dele.

Para ele enfiar o pau enorme dentro de mim.

O que?

Não. Definitivamente não.

Eu devia ter tampado meus olhos quando entrei naquela merda de sala na Lust no fim de semana passado.

— Você é um mentiroso! — acuso, indo pegar outra garrafinha de suco verde na geladeira.

— Seu nome não estava escrito, irmãzinha, então é nosso. Já que dividimos a casa e essas coisas.

Puta que pariu! Só pode ser brincadeira.

— Vou ter que começar a rotular tudo que compro para mim? — questiono, incrédula com essa porra de situação.

— Isso também não vai me impedir de comer — ele fala, sincero, e eu bufo, irritada.

— Você… você é insuportável! Você não consegue me deixar em paz?

— É divertido te ver irritada — Aaron diz, colocando o copo vazio na lava-louça.

— Você fica feliz em saber que acaba com minha paciência logo pela manhã? *Quase* todos os dias?

— Ficaria mais, se fosse todos os dias.

— Argh! — resmungo, indo colocar meu copo para lavar também, para sair daqui de uma vez.

Mais um minuto nessa casa, e eu terei uma síncope.

Como esperado, ele não facilita e fica no caminho entre mim e a lava-louça, me impedindo de passar. Muito puta, eu coloco minha mão livre em seu peitoral para empurrá-lo, para que ele saia da minha frente, porém Aaron é mais rápido, segurando meu pulso que está em contato com ele e enroscando o braço na minha cintura.

Seus olhos encontram os meus, e sem querer, deixo os meus caírem por um segundo para os seus lábios, que ele umedece com a pontinha da língua.

Merda.

Por que a boca dele parece tão macia?

— Era só pedir licença, Lily — ele sussurra no meu ouvido, e o mero ato leva arrepios para todo meu corpo.

Eu tinha transado algumas vezes na noite em que fui embora da boate com o cara do time de basquete, e ele não me fez gozar nenhuma vez. Contudo, é só meu meio-irmão sussurrar palavras cotidianas no meu ouvido, que a vontade incontrolável de esfregar as coxas aparece.

O que há de errado comigo?

Antes que eu consiga reagir, ele solta minha cintura e meu pulso, e passa por mim, em direção ao seu quarto. Mesmo com uma boa distância entre nós, consigo ouvir a risada que ele dá no corredor.

Ele sabe o efeito que tem sobre mim.

Lily Diggory 1 x 1 Aaron Yoon.



— Meu Deus! Olha a perna dela — Stella comenta, apontando para a cena à nossa frente, e eu aceno com a cabeça, surpresa também.

— Eu não sabia que ela tinha todo esse talento escondido! Ela poderia estar no time das líderes de torcida assim.

— Exatamente, amiga! Além de ela ter toda essa elasticidade, ela ainda tem o dom da dança, né? Por mais que nós dancemos bem, ela se dedica somente a isso, e dá para ver o quanto é boa.

— A espertinha queria guardar todo o talento para si mesma! — Stella fala de brincadeira, e nós duas rimos, voltando a ficar em silêncio para prestar atenção no ensaio que está acontecendo do outro lado do vidro.

Stella e eu estamos terminando de assistir um dos ensaios de ballet da Ava, observando tudo pelo vidro que separa a sala do corredor no prédio de Artes. Todos já estão tão acostumados a ver aulas acontecendo aqui, que nem se incomodam em parar para ver, porém minha amiga e eu, não, então estamos fascinadas em ver Ava fazer passos de dança tão perfeitamente.

Já sabíamos que ela dançava em sua antiga cidade e que ela estava procurando uma academia de ballet em Schönilla, entretanto acreditávamos ser só um hobby. Não que não possa ser, só que do jeito que Ava dança... ela precisa levar isso para outro patamar! Além de executar todos os passos adequadamente — e não somos Stella e eu que estamos falando isso, mas sim, a professora que dá aula hoje —, ela também tem paixão. Assim como a Drunk Pope, que vimos se apresentar na Lust no fim de semana, ela ama estar ali. É nítido.

Ava nos contou no dia anterior que descobriu que uma das melhores professoras de dança da cidade trabalha na faculdade, no departamento de Artes, e suas aulas eram muito concorridas. A mulher em questão — ela tinha dito o nome, mas eu não lembrava mais — já tinha sido bailarina do Bolshoi quando mais nova e foi muito famosa no ramo da dança a anos atrás, e depois de se aposentar, decidiu voltar para sua cidade natal e continuar a carreira aqui. O convite para trabalhar em nome da SU veio pouco tempo depois, e agora ela era a professora mais concorrida para conseguir vagas nas turmas.

E Ava Sinclair conseguiu.

Ela nos contou que para ser aceita, precisava fazer um teste antes, ainda mais depois do período de inscrição ter passado, no caso da nossa amiga. No entanto, Ava conseguiu uma audição para entrar em uma das turmas dessa professora depois de uma das alunas ter sido chamada para fazer parte da companhia de dança do Teatro Bolshoi, em Moscou, na Rússia. Ou seja, uma vaga estava livre.

Bem, como esperado… Ava passou, senão, não estaríamos aqui. A questão é que ela não nos contou nada disso! Não quando aconteceu, pelo menos. Ontem que ela perguntou se podíamos encontrá-la um pouco antes do treino do time das líderes de torcida, porque ela queria nos contar uma novidade.

Nunca imaginamos que *essa* seria a novidade.

Ela fez todo esse processo na surdina, e só ficamos sabemos depois de duas semanas que ela tinha iniciando suas aulas.

— Eu não queria contar algo tão legal assim e depois não ser escolhida — ela nos explicou, pouco minutos antes de entrar na sala.

— Mas se você não tivesse passado, amiga, não teria problema — Stella relembrou, com um sorriso no rosto.

— Isso não iria querer dizer que você é menos bailarina, Ava — completei, e ela sorriu para nós duas.

— Obrigada por estarem aqui, gente — ela nos disse, antes de dar o show que vimos pelo lado de fora.

Agora, nós estamos esperando a aula dela terminar para podermos ir para o nosso treino. Ainda temos algum tempo antes de precisarmos ir para o ginásio, que podemos aproveitar nos jardins da universidade ou até mesmo com uma voltinha rápida pela cidade.

E falando em treino… nossos uniformes chegaram há dois dias, e já estamos usando-o! A saia é majoritariamente vermelho sangria, com duas listras pretas e uma branca perto da barra. Já a parte de cima, da mesma cor, tem alguns detalhes das cores secundárias, e completamos a roupa com um rabo de cavalo alto preso por um laço também vermelho.

Resumindo: é lindo.

Nossa, eu já estava com saudades de desfilar pelos corredores com um uniforme de líder de torcida! Tudo que faltava eram as piadinhas de Jason Jenkins e Allie Marsh, reclamando do tamanho da saia. Poucos meses fora do colégio, e eu já estou sentindo uma falta absurda.

Contudo, em breve o dia de Ação de Graças chegaria e poderíamos tentar nos reunir, se todos forem para Millsh, claro.

— Muito obrigada pela aula. — Ouvimos a voz de Ava dizer, assim que a porta da sala é aberta, e as outras meninas começam a sair.

— A senhorita foi muito bem hoje — a professora de dança diz, antes de fechar a porta quando nossa amiga já está do lado de fora.

Ava está com a meia calça bege enrolada no tornozelo, sapatilhas — sem ser as de ballet, claro — e um vestido florido por cima do collant. Seus cabelos gigantescos estão perfeitamente presos em um coque no alto da cabeça, e ela leva uma bolsa de pano nos ombros.

Uma típica bailarina.

— VOCÊ ARRASOU! — Stella grita, pulando em cima de Ava para abraçá-la.

Elas quase se desequilibram, porém nossa dançarina apoia a mão em uma das pilastras do corredor, e tudo fica sob controle.

— Você é incrível, Ava! — exclamo, abraçando-a quando Stella se desvencilha dela.

— O-obrigada, gente — nossa amiga responde, um pouco sem graça, como se não merecesse os elogios.

Ela merece muito mais que isso!

— Você já sabe quando que vai ser a primeira apresentação ou algo parecido? — Stella pergunta enquanto caminhamos para fora do prédio de Artes.

— Vai ter o recital de inverno, perto do Natal, e depois, só no verão — Ava explica, e nós assentimos. — Foi no de verão que essa outra menina foi chamada para dançar no Bolshoi.

— E você quer isso também? Ser chamada para fazer parte dessa companhia de dança? — eu pergunto, já que quando ela nos contou toda a história, disse que é um dos maiores prestígios no mundo do ballet, dançar lá.

— Eu… eu não sei ainda. Talvez? Eu gosto muito de dançar, mas não tenho certeza se quero levar isso para minha vida inteira.

— Você ainda tem bastante tempo para se preocupar com isso — Stella fala, tentando não deixar nossa amiga se estressar com essa pressão de escolher uma carreira no momento.

Não que Ava Sinclair seja uma pessoa fácil de ser levada pelas emoções, entretanto sempre é bom remediar.

Continuamos nossa caminhada pelo campus à medida que ela nos conta sobre as ideias que a professora está pensando para o recital de inverno. Ambas as apresentações são muito importantes, porque ela sempre consegue que antigos conhecidos, que trabalham no recrutamento de bailarinos para o Bolshoi, apareçam e deem uma olhada em seus alunos. É assim que eles têm o espaço para avançarem na carreira de dançarinos. Então, todo o espetáculo precisa estar impecável.

— Eu preciso comer alguma coisa, antes de ir treinar — Stella fala, de repente. — Eu vou desmaiar se continuar de barriga vazia.

— Mas você almoçou há pouco tempo — Ava relembra, e nossa outra amiga dá de ombros.

— Já estou com fome de novo. Vamos naquela cafeteria perto do prédio de Engenharia? Falaram que eles têm uma torta de frutas vermelhas deliciosa — ela sugere, brincando com as sobrancelhas em nossa direção.

Eu não respondo nada, porque com certeza não vou comer torta de frutas vermelhas nenhuma. Nem nenhuma torta, na verdade. Eu estou regrada na minha dieta e não posso perder o foco.

— Eu comi antes de vir, então estou de boa — é o que eu falo, depois de Ava concordar em irmos.

— Você que vai perder a delícia que é essa torta — Stella brinca, e eu reviro os olhos, com um sorriso no rosto.

Eu não vou perder, vou me livrar.

O restante da caminhada até a tal cafeteria é curta, e em poucos minutos estamos passando pela porta de vidro, e escolhendo uma mesa perto da janela para quatro pessoas, onde usamos a cadeira extra para por nossas coisas.

Ava e Stella vão até o balcão escolher algo, enquanto eu fico na mesa, observando o que está acontecendo do lado de fora.

Alunos passam de lá para cá, assim como algumas motos e pouquíssimos carros. A maioria deixa os veículos no estacionamento do prédio principal, onde fica a reitoria, e anda dentro da faculdade a pé.

Como é fim de tarde, tanto o lado de dentro quanto o lado de fora, estão bem movimentados, e por isso, as meninas demoram um pouco para voltar para a mesa com suas comidas.

— Achei que nunca fôssemos ser atendidas — Stella comenta, sentando-se na cadeira à minha frente, e Ava fica ao seu lado. — A fila estava gigantesca!

— Mas conseguimos as fatias da torta de frutas vermelhas — Ava diz, animada para experimentar a famosa torta.

— Tem certeza que não quer? — minha amiga Stella tenta mais uma vez, porém eu nego.

— Já comi mais cedo e tô satisfeita. — E dessa vez, realmente comi, um pouco antes do horário do almoço.

Uma barrinha de cereal de banana.

— Nem um pedacinho? — Ava oferece, cortando um pouco com o grafo e mais uma vez, eu balanço a cabeça negativamente.

— Não estou com fome, gente, sério — reforço pela milésima vez, mentindo um pouco.

Eu realmente não estou com fome, só que vendo essa torta delas na minha frente…

Não.

Não vou cair na tentação.

— Você ainda não me contou o que conversou com Cameron naquele dia — lembro, de repente.

Depois que eu fui embora acompanhada na noite da boate, e por termos ficado um pouco enroladas durante essa semana, eu não tive a chance de perguntar sobre isso antes para minha amiga.

— Hum… você imagina o que. Ele quer tentar de novo. Acha que podemos dar certo — ela fala sem olhar nos meus olhos, ao passo que come sua torta. — Mas ele também não quer abrir mão *daquela* parte da sua vida.

É, eu imaginava que seria isso.

Cameron a ama, entretanto, ama conseguir dinheiro fácil mais.

— Amor nem sempre é suficiente — Ava comenta, com um sorriso fraco no rosto para nossa amiga, que dá de ombros.

— Nós não vamos dar certo mais.

Mudamos o tópico do papo logo em seguida, porque sentimos o desconforto de Stella em falar sobre ele. Ela também ainda o ama, dá para ver, mas precisa colocar seus princípios em primeiro lugar.

Temos um lanche da tarde agradável na cafeteria, com várias conversas sobre assuntos variados e muitas risadas.

Um tempo depois, quando terminamos, nos despedimos de Ava, que vai voltar para o quarto — ela tem uma prova no dia seguinte e precisa revisar alguns tópicos da matéria ainda —, e seguimos o nosso caminho para a quadra coberta de basquete, do outro lado do campus.

O verão está praticamente no fim, e logo o outono vai se iniciar, então, as temperaturas estão começando a baixar. O calor está… agradável. Do tipo que conseguimos ficar com roupas frescas e andar longas distâncias sem suar. Ou seja, meu tipo de clima preferido. Há poucas coisas que eu odeio mais do que chegar pingando do outro lado da faculdade por causa do sol de matar.

Por isso, quando chegamos no nosso destino final, eu estou intacta. Meu cabelo está no lugar e minha maquiagem também, do jeito que deve ser sempre. E eu irei aproveitar esse tempo um pouco mais ameno, antes que o inverno comece e eu precise colocar trinta peças de roupa para não congelar nas ruas daqui. Eu não vim para Schönilla na última estação do ano, mas imaginava que seria parecido com Millsh: muita neve.

Entrando no ginásio, a maioria das meninas já chegou e está se aquecendo em um dos cantos. Nada fora do normal.

Assim como encontrar Cameron Parker em uma das arquibancadas em nossos treinos, já tinha se tornado normal também.

— Você tem certeza que disse não com todas as letras para ele? — pergunto, um pouco em tom de brincadeira, para Stella, quando passamos por Cameron, e ele pisca um dos olhos para minha amiga.

— Eu… eu acho que sim.

— Você *acha*?

— Eu disse que não o perdoaria se ele não parasse de vender o que vende — ela responde baixinho, para que ninguém à nossa volta ouça. — E também que ele teria que fazer muito para eu aceitá-lo de volta, mesmo que ele parasse.

— E parte disso é vir em todos nossos treinos?

Stella não responde em um primeiro momento. Ela pousa seus olhos mais uma vez na figura de Cameron, que já está observando-a, e depois volta a fixar os olhos nos meus.

— Uma das nossas primeiras brigas na escola, foi porque ele não ia nos meus treinos como os namorados das minhas amigas. Ele já frequentava bem pouco antes… antes de tudo, e depois, como a maioria dos treinos abertos acontecia nas sextas-feiras, ele estava ocupado demais conseguindo dinheiro para aparecer em um deles — ela conta, e por mais que possa ser algo bobo diante dos olhos de alguns, para mim não é. Eu entendo um pouco do que ela deve ter sentido na época. Eu odiei os primeiros eventos depois que meu pai saiu de casa e parou de comparecer. — Quando eu reclamei disso, ele falou que com certeza iria no próximo, e adivinha?

— Ele não foi?

— É claro que uma festa na região mais rica surgiria como empecilho. Qualquer coisa que valesse dinheiro era mais importante do que eu — ela desabafa, e sinto que está se controlando para não deixar as lágrimas caírem. — E agora… agora ele deve querer fazer tudo que não teve a oportunidade de fazer.

Eu não respondo, porque a treinadora é mais rápida e chama nossa atenção, mandando começarmos a nos alongar junto das outras três garotas e pararmos de conversa paralela.

O que é bom, porque eu não saberia o que dizer para Stella.

Ele pode ter demorado a reconhecer seu erro, porém estava tentando fazer a coisa certa agora. Não é isso que importa? Que a pessoa entenda o que fez de errado e tente consertar?

Eu só espero que Stella não decida perdoar quando for tarde demais.



# 18

## Haron Yoon

Na minha opinião, o primeiro jogo da temporada é sempre o mais divertido, porque todos estão com sangue nos olhos e com a energia lá em cima — ambos os times —, e proporcionam um jogo muito interessante. Depois, com o tempo, a qualidade vai decaindo, porque ninguém está mais nem aí. Como os morcegos da SU — nenhum comentário sobre a porra da mascote da faculdade — nem chegam aos pés dos Bruins, da UCLA, nós também não competimos com ninguém tão excelente assim. Conclusão? Após algumas rodadas de jogos, os jogadores estão exaustos demais para se esforçarem para terminar a temporada em uma boa posição.

Por isso que a SU faz um grande evento no primeiro jogo. A faculdade sabe que não poderá repetir essa comemoração se formos campeões, porque se depender de nós, nunca seremos.

O jogo acontece hoje, em um sábado, e para ajudar-nos a descansar, o reitor nos libera das aulas a partir da quinta-feira anterior. Na sexta, temos um jantar especial na casa dele, com todo o tipo de comida a qual temos direito. Esse ano, por exemplo, ele preparou pratos de diferentes países para celebrar a diversidade cultural da sua faculdade.

Preciso comentar que não houve nenhum prato coreano?

Já no sábado de manhã, nos é oferecido uma sessão de massagem no ginásio e até mesmo aulas de Yoga gratuitas. Tudo para termos a melhor preparação para a noite mais importante do ano para o time de basquete.

À noite, a festa começa de verdade.

Do lado de fora do ginásio, já estão várias barraquinhas com comidas, e todo o caminho até a entrada da quadra está enfeitado com bandeiras da SU Bats. Os alunos estão todos com o mesmo tom de vermelho do nosso uniforme, e alguns, estão até mesmo com os rostos pintados. Os integrantes do jornal da universidade estão com suas câmeras em mãos, e acho que entrevistaram Cameron Parker, já que ele é o capitão do time. As caixinhas de som estão no volume máximo, e a cada barraquinha por onde passo, uma música diferente toca, resultando em uma grande baderna. Os outros alunos, não diferente de nós, também estão sempre mais animados no primeiro jogo, e por isso acontece essa grande festa.

As festividades começam horas antes de, de fato, o início do jogo, e terminam horas depois, com vitória ou sem, mas nós costumamos ganhar o primeiro jogo.

Eu acredito que o primeiro jogo da temporada deveria ser um feriado oficial de Schönilla. Com tudo que rola, ele já é, tecnicamente, porém acho que uma oficialização vinda do prefeito ajudaria ainda mais as festas nesses dias.

— As meninas do time de torcida já chegaram? — Cameron me pergunta, enquanto terminamos de colocar o uniforme no vestiário, e eu contenho um sorriso.

— Quer saber se Stella Mars já chegou?

— Ela faz parte do time, idiota, então é claro que quero saber — meu amigo responde, mais uma vez tentando esconder de mim os sentimentos que nutre pela garota.

— Stella vai partir seu coração de novo, Cameron — aviso, pela milésima vez.

Cameron podia até ter sido feliz com ela, e nós nos dávamos bem na medida do possível quando precisávamos confraternizar, entretanto, depois de tudo, eu não ia com a cara da garota. Meu amigo tinha dado seu coração para ela e estava fazendo de tudo para ser bem-visto pela família dela, e no fim, Stella o destruiu quando decidiu dar fim à relação, porque não achava certa a maneira que ele fazia dinheiro.

Bem, princesa, nem todos têm a sorte de nascer em famílias ricas que fazem dinheiro honestamente como você.

— Meu coração não é mais dela, Aaron. Eu não sinto mais nada por Stella. Ela não pode me atingir mais — ele responde, tentando ser firme, só que eu não caio nessa.

Se Cameron acredita que eu não sei que ele vem em todos os ensaios dela, e que isso se deve a algumas brigas que eles tiveram no ensino médio, que fique assim. Eu não me importo. Ele está enganando a si mesmo dizendo que não a ama mais.

— Peça para Kiara colar a porra dos caquinhos do seu coração depois — falo, um pouquinho irritado, e recebo um dedo do meio dele.

Isso acontecerá cedo ou tarde, se Stella decidir dar mais uma chance para Cameron, já que para a garota, ele está errado na porra da situação. Ela não consegue enxergar o lado dele, e esse é um dos motivos pelo qual eu não os desejo juntos de novo. Se ela continuar vivendo na porra da bolha de gente rica dela, eles não darão certo.

Mais uma vez.

Passo a camiseta do uniforme por cima da cabeça e a ajeito no meu corpo. São roupas novas, e é a primeira vez que vamos usar, mas acho que está tudo bem. Larga na medida certa, assim como a bermuda, que já está no meu corpo. As roupas são em um tom de vermelho sangue, com alguns detalhes em preto e branco, e o nome do time no centro. Eles fizeram alguns ajustes no uniforme, e essa é a nova versão, muito melhor. Bem mais leve, o que nos dará ainda mais autonomia em quadra e um melhor desempenho.

Eu estou passando um pouco de desodorante, quando o treinador aparece dentro do vestiário com sua prancheta em mãos. Ele e Cameron nos reúnem em uma rodinha para indicar a escalação de hoje.

— Cameron é o armador do primeiro período — ele fala, o que já imaginávamos. Ele sempre começa jogando em todos os jogos. — Agora, para os pivôs, temos Aaron e Oliver. Xavier e… Tom são os alas. Esse seria o primeiro jogo de Tyler depois da última temporada inteira no banco, mas como ele teve toda aquela merda de problema do assalto, vai ficar de fora dos próximos jogos até ser liberado para jogar.

Eu sorrio diante dessa informação.

Depois da lição que dei em Tyler, ele saiu daqui direto para o hospital, e essa é a historinha que está contando para as pessoas. Na versão do garoto, ele estava voltando para casa depois do treino, à noite, quando dois caras o pararam na rua. Ele disse que não daria nada de valor, e, irritados, os caras deram uma boa surra nele e fugiram, sem levar nada.

Uma merda, não é? Contudo, a maioria acreditou.

O único que não tinha caído muito nessa foi Xavier, já que ele estava no vestiário junto da gente antes de eu expulsá-lo e toda magia acontecer. Ele me olhava torto quando achava que eu não estava vendo e me evitava em todos os treinos, porém eu sabia que ele não teria coragem de falar suas suspeitas para alguém. E mesmo se tivesse, ninguém o levaria a sério.

A notícia chegaria à polícia, a polícia entraria em contato com meu pai, ele viria falar comigo, e eu admitiria que fiz o que fiz, e no fim das contas, tudo ia ser levado como um mal-entendido, e ainda tinha chances de eu sair como o herói da história. Não vale a pena passar por tudo isso, se não vai levar a nada.

Depois da escalação ter sido esclarecida, nós começamos a nos preparar para entrar em quadra. Toda aquela mesma entrada espalhafatosa de sempre, em que rasgamos a bandeira da faculdade, e a mascote aparece para nos cumprimentar.

Em fila, nós esperamos o joinha de um dos estudantes que coordena essa parte e partimos, correndo minimamente para passarmos pela bandeira rasgada por Cameron, que é o primeiro a ser ovacionado pela nossa torcida.

Em seguida, é o momento do nosso time adversário entrar. Há alguns poucos torcedores deles por aqui, mas conseguimos ouvir um pouco da animação dos mesmos, ainda assim, nada comparado aos estudantes da nossa faculdade nas arquibancadas.

O Morceguinho, como apelidamos carinhosamente nossa mascote, cumprimenta um por um, e depois, é a vez do show das líderes de torcida da SU. Nós vamos nos sentar nos bancos para acompanhar a apresentação delas e relaxar alguns minutos antes do início do jogo.

Elas saem pelo mesmo corredor que a gente e cumprimentam a torcida com seus pompons vermelhos e gritos animados. O uniforme delas também mudou, para continuar combinando com o nosso, e está bem legal. Passo meus olhos por todas as meninas e digo para mim mesmo que só estou observando todas da mesma forma, porém, no fundo, eu sei muito bem que estou esperando uma pessoa específica aparecer.

Sendo as últimas da pequena fila, Lily Diggory e Stella Mars finalmente entram em quadra. Olho de soslaio rapidamente para Cameron, ao meu lado, e ele está quase babando pela ex-namorada. Nós já tínhamos as visto com os uniformes pelos corredores da faculdade essa semana, mas é diferente vê-las agora, porque elas estão aqui para torcer por nós.

Quando volto a fixar meus olhos na figura loira bastante conhecida por mim entre as outras líderes de torcida, ela já está me olhando, enquanto anima a torcida na arquibancada. Ela não é rápida em desviar o olhar, então pisco para ela, com um sorriso sacana estampado no rosto. Lily não pode revirar os olhos, porque precisa continuar sorrindo, entretanto sei que está imaginando formas de me torturar.

Dependendo do tipo de tortura, eu estou dentro.

A coreografia das meninas começa logo depois, e sou obrigado a aturar os olhos dela nos meus a todo instante. À medida que pula com as pernas abertas, e a minissaia levanta, mostrando um pouco do short que cobre sua boceta, e eu penso em como ela deve ser lá embaixo. Quando rebola um pouco da bunda em algum momento da apresentação, sorri, assim que percebe que fico desconcertado. Aquelas írises azuis estão fixadas nas minhas a porra do tempo todo.

E como efeito de todo esse showzinho, eu preciso jogar os primeiros dez minutos do primeiro período com a porra de uma ereção.



Nós ganhamos de 123 a 109 do time adversário!

Foi um jogo um pouco suado, admito. Na última temporada, eu acho que nunca me esforcei tanto durante toda ela, como hoje. No fim do último tempo, eu estava exausto e só queria dormir.

No entanto, não foi o que aconteceu. Sendo amigo de Cameron Parker, a noite nunca termina cedo assim.

Depois das comemorações ainda dentro do ginásio, fomos tomar um banho rápido no chuveiro, e todos partiram para uma pequena festa que estava acontecendo na Lust, só para os estudantes da SU, para comemorar a vitória do dia. Nada muito refinado, já que a maioria foi direto do jogo para lá. Algumas líderes de torcida mesmo, ainda estavam de uniforme.

E falando em líder de torcida… nem sinal de Lily Diggory por aqui.

Eu odeio que ela seja uma das primeiras pessoas que eu procuro quando chego em um novo local, onde sei que tem grandes chances de que ela possa estar. Eu odeio a achar gata para caralho e odeio que ela tenha a porra de um corpo incrível, que me faz quase babar quando ela está com essa minissaia que usou no jogo ou com aqueles shorts de ginástica minúsculos.

Eu odeio querê-la, porque eu deveria odiá-la. Porra, o pai dela está envolvido diretamente no assassinato da minha mãe, e ela podia saber de tudo, e mesmo assim, escolhe ficar calada.

Eu não estou *exatamente* criando laços com ela e tentando descobrir mais sobre sua família, mas… mas se ela realmente sabe do que aconteceu de fato naquela noite, ela já deveria ter ido à polícia há muito tempo. Ela era um pouco jovem, porém tinha consciência do que estava acontecendo.

Por outro lado, ela pode não estar sabendo de nada e ter sido jogada nessa confusão de cabeça, e eu com certeza piorei tudo, quando a tratei como um saco de lixo…

Porra. Agora eu estou defendendo-a e colocando a merda da culpa em mim!

Eu tenho que tirar a porra dessa garota da cabeça.

Foi por isso que eu quebrei uma das minhas regras pessoais e levei uma das garotas da faculdade para um dos banheiros da boate, e a fodi lá. Com ela debruçada na pia, e a cabeça baixa. Meus olhos permaneceram fechados enquanto eu estocava dentro dela, porque só consegui fazê-lo subir quando imaginei Lily, a porra da minha meia-irmã, no lugar da menina. Eu também tive que tampar os gemidos dela, para conseguir imaginar a voz irritante da minha colega de apartamento gritando meu nome, conforme gozava.

Patético, não é?

Depois que nós dois gozamos, eu mandei-a cair fora e me xinguei durante alguns segundos, ainda dentro do banheiro, antes de ir embora do lugar. No caminho para a saída, vi Stella e Cameron conversando perto do bar, e ela estava sem sua fiel escudeira loira, o que achei estranho. As duas andavam grudadas, o que quer dizer que ela não estava na boate. Mais estranho ainda, porque eu já tinha percebido o quanto Lily gostava de festas.

Tentei interromper a conversa para avisar a Cameron que eu estava indo embora, mas achei que não era uma boa ideia, quando comecei a ouvir o que eles estavam dizendo.

— Assim que você quer me mostrar que mudou, Cameron? É sério? — Stella disse, furiosa com meu amigo.

— Eu não fiz nada, Stella! — ele respondeu, exasperado, jogando as mãos para o alto. — Ela tentou me beijar, eu não fiz nada!

— Exatamente, Cameron! Você não fez nada! Você teria a beijado se eu não tivesse aparecido para pegar mais uma bebida — a garota falou, cruzando os braços.

— Nós não estamos juntos, Stella! Por que eu não poderia beijá-la?

Ah, eu sabia que ele tinha feito a pergunta errada assim que as palavras saíram da sua boca, e ele também. A expressão mudou no mesmo instante, quando ele percebeu o que tinha dito.

Por isso, eu decidi deixá-los a sós e peguei minha moto para ir para casa. Eu só tinha bebido quase nada de uísque, e já fazia um tempo, então eu estava bem para dirigir até o apartamento.

Depois de estacionar na garagem do prédio, eu pego o elevador, que já me esperava, até o meu andar, e eu estou... um pouco ansioso? Para vê-la?

Pelo amor de Deus, eu estou cada vez mais idiota. Se mamãe estivesse aqui, ela acharia muita graça no meu estado. Acharia mais graça ainda, se soubesse de toda a história por trás.

*Se minha mãe estivesse aqui, essa situação não existiria,* a vozinha dentro da minha cabeça me lembra, e eu bufo, irritado pra caralho que tudo dê errado na porra da minha vida.

Quando destranco a porta do apartamento, espero encontrar Lily no sofá com algum dos seus mini pijamas assistindo algum desenho animado, já que é o que ela mais faz na sala de estar. Já perdi as contas de quantas vezes a peguei vendo filmes da Barbie ou da Moranguinho.

Contudo, não é isso que encontro dentro de casa.

Eu não encontro nada.

Nenhum sinal que Lily Diggory passou por aqui.

Seus sapatos não estão na sapateira no hall de entrada, seu perfume doce não tomou conta do apartamento, e nenhuma música da Taylor Swift ecoa do seu quarto.

— Lily? — falo o mais alto que consigo sem gritar, enquanto adentro ainda mais à sala. — LILY? — dessa vez, eu grito, quando chego nos corredores do quarto, mas não obtenho resposta.

Onde essa garota está?

Vasculho todos os cômodos, e nada.

Lily não está aqui.

Se Stella está na festa sozinha, onde ela está?

Eu sei que elas andam com a menina do cabelo gigante, então… Lily provavelmente está com ela. Não há nada para me preocupar. Eu não estou preocupado. Ela tem 18 anos e não precisa de uma babá atrás dela. Se alguma coisa acontecesse, ela tinha para quem ligar e não precisava de mim.

Eu não estou nem aí para onde Lily Diggory foi e se ela estava bem.

Então, por que eu passei a noite inteira em claro, esperando ouvir os passos dela entrando em casa? E fiquei ainda mais encucado quando ela não estava aqui pela manhã também?

E porra, eu nem tinha o número dela para perguntar onde caralhos ela estava! A gente nem se seguia nas redes sociais! Isso não me impediu de visualizar suas atualizações em todas elas com meu perfil falso, só que ela não postava nada desde pouco antes do início do jogo, onde publicou uma foto com Stella no vestiário feminino.

Eu passei o caralho do meu domingo inteiro em casa, checando meu celular a cada minuto e me assustando todas as vezes em que ouvia algum passo no corredor, achando que pudesse ser Lily. No horário do almoço, eu olhei as redes sociais dela mais uma vez, e nada. Decidi dar uma olhada nas de Stella também, e por coincidência, ela tinha postado uma foto ao lado da outra garota, a de cabelo gigantesco — descobri que ela se chama Ava Sinclair —, em um restaurante, almoçando juntas. A legenda dizia que ainda faltava a terceira mosqueteira com elas.

Ou seja, Lily Diggory não estava com essa outra amiga como eu imaginava.

Então, onde ela está?

Lily não deveria estar com algum garoto… certo? Ela poderia ter passado a noite com alguém, mas se esse fosse o caso, ela já estaria em casa a essa hora. Ela passaria aqui para fazer alguma coisa, caralho.

Eu estava pagando a porra dos meus pecados, depois que viajei para ver Audrey e não avisei nada a ela, gerando mais uma briga entre a gente. Se eu tivesse falado, eu saberia onde ela está nesse momento.

Quando atendo a ligação do meu pai, perto das dez horas da noite desse domingo, ainda não há sinal de Lily Diggory, e eu estou perdendo a cabeça.

— Oi, pai — cumprimento, apoiando o celular entre minha orelha e meu ombro, enquanto coloco uma cápsula de café na máquina.

— Aaron. Está em casa?

— Sim.

— Ótimo, precisamos conversar — Benjamin diz, e ouço o som do couro da cadeira quando ele se mexe, provavelmente ajeitando a postura. — Alguma novidade de Lily? A garota já abriu a boca?

Merda.

É claro que eu tive nenhum avançado na missão de me tornar amigo dela, porque toda vez que a loira abre a boca, eu tenho vontade de fode-la ou de ir embora por causa das suas falas irritantes.

— Ela está confiando mais em mim, e acho que, em breve, vai falar alguma coisa — minto, pegando minha xícara de café, que já está pronta, e indo me sentar no sofá da sala de estar.

Assim que ela voltar para casa, eu preciso começar a colocar esse plano em prática o mais rápido possível.

— Lauren solta algumas informações sobre ele às vezes, mas é difícil fazê-la elaborar. Continua com aquela palhaçada que ele é o passado, eu sou o futuro, e não precisamos falar sobre coisas que já aconteceram — ele informa e bufa do outro lado da linha, irritado para caralho com essa situação, onde não conseguimos sair do lugar.

Acreditávamos que seria fácil depois que ele se casasse com Lauren e em poucos meses, já estaríamos a par do paradeiro de Joe Diggory, porém, muito pelo contrário: parecia que tínhamos voltado três casas nesse jogo de tabuleiro.

— Vou colocar um prazo nisso — ele revela, e eu ergo as sobrancelhas para mim mesmo, parando a xícara de café no meio do caminho até a minha boca. Essa é nova. — Se elas não abrirem a matraca até o começo do próximo ano, vou ter que mostrar a elas quem é Benjamin Yoon. Elas vão ter que falar por bem ou por mal.

Menos de um ano.

Se Lauren ou Lily não derem alguma informação relevante em cinco meses, elas irão morrer. É isso que significa as entrelinhas do que meu pai acabou de falar. Primeiro, ele as levaria para a porra do subsolo do restaurante, onde as interrogaria. Se elas derem a resposta que ele precisa, vão ter uma morte rápida. Senão…

Não.

Isso não pode acontecer.

Por mais que Lily e eu — até mesmo Lauren — não nos déssemos bem, eu não quero vê-la morta. Ela pode não saber de nada sobre o pai. Até onde sabemos, ele desapareceu há alguns anos e nenhuma delas faz ideia de nada.

Lily não pode ser morta a troco de nada, como aconteceu com a minha mãe.

— Aaron? Está aí ainda?

Coço a garganta, antes de respondê-lo.

— Sim.

— Lembre-se que elas podem ser cúmplices do cara que assassinou sua mãe e deixou sua irmã no estado em que ela está — ele me lembra, e eu engulo em seco. Benjamin sabe que eu fiquei um pouco relutante em seguir esse plano, apenas por ter ficado em silêncio durante alguns instantes.

— Eu sei disso — respondo, firme.

— Me avise de qualquer avanço que tiver com a garota — ele manda, antes de desligar a ligação na minha cara.

Eu teria que dar um jeito de fazer Lily Diggory abrir a boca antes que meu pai entrasse na jogada e ela morresse. Eu só não sei como fazer isso acontecer, como conquistar sua confiança. Se eu não a quiser morta, preciso provar que ela não sabe de nada sobre o paradeiro do pai e nem sabia dos próprios planos do cara a anos atrás.

No entanto, como eu vou fazer isso, se nós nos odiamos?

Eu nem consigo ser simpático com a garota direito, imagina ficar próximo o suficiente para ela me contar alguma coisa útil?

Impossível.

Eu estou maquinando formas de fazê-la se abrir comigo, quando ouço a porta da frente se abrir, e Lily Diggory entra no apartamento.

Sem maquiagem, com o cabelo bagunçado e a porra das mesmas roupas do dia anterior.

Em três segundos em que estou no mesmo ambiente que Lily novamente, eu já vou precisar deixar o plano de ser legal com ela para outro dia.



# 19

## Lily Diggory

— Onde você estava? — É a pergunta que Aaron me faz assim que entro em casa nesse domingo à noite.

Em um primeiro momento, eu não respondo nada. Só posso estar escutando coisas, certo? Ele acha mesmo que tem o direito de perguntar onde eu estava?

— Você ficou surda, porra? — ele fala, ainda mais alto, quando eu caminho até a cozinha, a fim de pegar um copo de água.

— Boa noite, Aaron. Como foi seu dia? — falo, com meu melhor sorriso no rosto enquanto encho um copo com a jarra de vidro que peguei na geladeira. — Eu estou bem também, obrigada por perguntar.

Ele bufa, parecendo bem irritado, e ouço seus passos adentrando o espaço da cozinha. Como estou de costas para ele, não consigo ver sua expressão raivosa, mas aposto que já está a exibindo.

— Corta o papo furado, Lily. Eu te fiz uma pergunta.

— De uma forma bem grosseira — digo, finalmente virando de frente e o encontro a poucos passos de mim. Eu estou escorada na bancada da pia, e Aaron naquela do canto, onde fica a máquina de café.

Queria dizer que não, porém estou me divertindo com essa conversa. Parece muito com aquela que tivemos há alguns dias, onde ele se fez de desentendido para cima de mim, como se eu fosse idiota.

Bem, agora eu estou fazendo o mesmo.

— Onde você estava, Lily? — ele pergunta novamente, se aproximando um pouco mais de onde eu estou. Dessa vez, no entanto, eu não recuo.

Não tenho medo de Aaron Yoon.

— Isso não é da sua conta, Aaron. Acha que só porque moramos juntos, eu preciso te dar satisfações? — jogo as mesmas palavras que ele me disse quando ficou uma semana sem voltar para o apartamento.

— Sim, eu acho, Lily.

— E isso é uma via de mão dupla ou só você tem o direito de exigir coisas de mim?

— Você sabe, o homem costuma mandar na mulher — o desgraçado responde, dando mais alguns passos na minha direção, enquanto umedece os lábios. E eu tenho certeza de que ele fez de propósito porque sabia que meu olhar recairia sobre sua boca, ele sorri quando percebe que caí no seu joguinho.

Babaca!

— Você é um idiota!

— Já me chamaram de coisa pior — Aaron diz simplesmente, e nossos pés se tocam. Os dele, descalços, já os meus, com os tênis brancos que fazem parte do uniforme de torcida. — Onde você estava, Lily?

— Não te interessa, Aaron! — exclamo, perdendo um pouco da paciência e nervosa com a proximidade dele.

Ele tinha que estar sem camisa e com seu torno nu definido a centímetros de mim? Eu tenho vontade de salivar.

Salivar pelo filho do marido da minha mãe, meu irmão postiço.

Deus, eu estou enlouquecendo.

— Eu não tenho medo de você — completo, firme, cruzando meus braços depois de largar o copo em cima da bancada atrás de mim. — Você fala muito e não faz nada.

— Eu falo muito e não ajo, irmãzinha? Tem certeza disso?

Bem, *certeza* eu não tenho, mas eu conheço pessoas como Aaron.

— Gente que fala demais, geralmente não cumpre o que diz. Você só tem essa postura de *bad boy*, mas, mais uma vez, é só um filhinho de papai que acha que tem o mundo aos seus pés.

Aaron não responde nos primeiros instantes, apenas mantém seus olhos castanhos fixos nos meus, parecendo... curioso.

— Tyler não jogou o primeiro jogo da temporada — ele finalmente fala, e eu o olho, confusa. Por que ele está falando de Tyler agora? — Ele passou por um… acidente e vai ter que ficar alguns meses de fora. Você sabe o que aconteceu com ele?

— Ele… ele foi assaltado voltando da faculdade na semana passada — respondo, repetindo a fofoca que Stella tinha contado para mim e para Ava há alguns dias.

— Você acredita mesmo que isso tenha acontecido, se o índice de assaltos em Schönilla é quase nulo? — ele me pergunta e está se divertindo com esse novo tópico do assunto.

Índice de assalto quase nulo? *O que?*

— Aonde você quer chegar com essa conversa, Aaron?

— Pergunte ao seu gigolô sobre a conversa que tivemos antes do suposto assalto.

Não, não e não.

Aaron não está supondo isso, não é? Ele não está me dizendo, indiretamente, que não houve assalto, e o estado atual de Tyler foi causado por ele. Ele não está fazendo isso. Não… não, ele não seria capaz de fazer isso. Ele pode ser muitas coisas, mas isso?

Não, eu devo estar entendendo errado.

— Aaron… você está mentindo.

— Eu não minto, irmãzinha. Se não acredita em mim, pergunte a ele — Aaron responde simplesmente, dando de ombros, e se afasta minimamente de mim.

— Por que… por que você fez isso?

— Não sei do que você está falando, Lily, mas pense melhor quando for fazer um dos meus jogadores ir contra as minhas regras — o babaca diz, piscando um dos olhos para mim. — Isso não é nem 1% do que eu sou capaz de fazer quando me enfurecem.

Puta que pariu!

Ele realmente tinha batido para caramba em Tyler apenas porque ele transou comigo.

Esse cara… esse cara é insano. Eu não tenho apenas nojo dele, como também todos os sentimentos ruins que possuo são destinados a essa merda de ser humano à minha frente. Como ele pôde fazer isso com um companheiro de time dele?

— Você… você é horrível!

— Você não viu nada ainda, Lily — é a resposta que recebo, antes de ele ir para o seu quarto e fechar a porta com força.

Eu estou realmente morando com alguém que tinha acabado com um cara por ele ter transado comigo? Tudo bem que foi tudo uma merda, só que ele não merecia ter ficado tão mal a ponto de ter que ficar meses sem pisar em uma quadra de basquete.

Aaron Yoon é insano, e eu terei que tomar ainda mais cuidado perto dele a partir de agora.



Tirando meu embate com Aaron no primeiro dia da semana e todas as ligações perdidas da minha mãe no mero um dia e meio que fiquei fora de casa, essa semana está indo bem.

Eu tinha apresentado um trabalho da matéria de Técnicas de Costura na semana passada — tivemos que usar nossos ensinamentos das aulas para fazer uma peça de roupa pequena, e eu escolhi uma minissaia — e recebemos a nota na terça-feira. Fiquei com B +, porque não finalizei muito bem a costura da barra da saia, perto do zíper. Eu realmente me enrolei ali, então entendi a nota. Mas, caramba, B+? Eu acho que mal tirei um B no colégio, imagina isso!

Eu estou em êxtase! Estudar o que você gosta realmente muda tudo. Nesse primeiro mês de faculdade, eu tinha vontade de ir para aula, sabe? Até mesmo de Matemática, que nunca foi meu forte, porque eu aplico o que aprendo em outras áreas da Moda. Tudo faz sentido para o meu futuro agora. Eu fico ansiosa para fazer os trabalhos, cara! Na escola, eu adiava até o último segundo, e aqui, eu já chego em casa no mesmo dia preparando tudo.

Não vejo a hora dos estágios obrigatórios começarem e ainda mais, a minha formatura! Ainda faltam uns bons anos para isso, porém já estou sonhando em fazer alguma continuação dos meus estudos em Paris ou Milão, duas capitais da Moda que eu sou doida para conhecer. Imagina só estudar lá? Passar meses ou até mesmo um ano vivendo naquelas cidades lindas? Um sonho!

É por causa desses sonhos, tanto de estudar Moda fora do país, quanto de ter minha própria marca de roupa, que eu me esforço tanto nas aulas da universidade, muito mais do que fiz no colégio. Na verdade, eu acho que sempre soube que por mais que eu desse tudo de mim nas matérias escolares, eu não chegaria muito longe. Eu já tinha dado tudo de mim nos estudos para algumas provas na época — com a ajuda de Nora — e não conseguia passar de um C+. A mesma nota que eu tirava se não estudasse. Então, por que gastaria meu tempo com algo inútil?

Por isso, eu sempre soube que não iria para uma grande faculdade. Apesar de ter boas atividades extracurriculares, elas não iriam cobrir minhas notas ruins. Contudo, com isso em mente desde sempre, eu sabia que precisaria exceder as expectativas nos meus anos de faculdade para me destacar no mercado de trabalho no futuro. Eu preciso de um bom currículo para chegar onde desejo e estou fazendo por onde.

E esse é um dos motivos de eu estar saindo de uma reunião com os responsáveis pelo desfile de Moda que vai ocorrer na SU no fim do ano, para a apresentação de trabalhos de fim de curso com estudantes do último semestre. Eu tinha me voluntariado, junto de outros alunos do primeiro semestre, para ajudar.

Foi nossa primeira reunião, e eu já estou mega ansiosa para esse dia chegar!

Eu caminho sorridente para o refeitório para encontrar minhas amigas e almoçarmos juntas, e tudo em que consigo pensar são nos tópicos que discutimos agora a pouco. Foi um encontro longo, e só decidimos o local onde o desfile vai acontecer, ou quase. Como vamos estar no inverno, e ele é bem rigoroso por aqui, precisamos fazer em um espaço fechado, foi quando, em meio a várias opções de espaço, acabamos ficando entre o ginásio de basquete e o Teatro, porém tudo dependia de eles já não estarem ocupados para o dia que desejamos.

Assim que avisto as duas em uma das mesas, com Stella acenando freneticamente para mim, e Ava sorrindo, eu me lembro que uma delas pode me ajudar nisso e apresso meu passo até lá.

— Ava! Justamente a pessoa que eu estava procurando — falo, logo que me sento no banco de frente para as duas.

— Oi para você também, Lily — Stella diz, com um pouquinho de ciúmes por eu não a ter cumprimentado também. Ops.

— Oi, amiga! Você sabe que eu gosto muito de você, mas preciso da ajuda de Ava nessa — explico, piscando um dos olhos para ela, que revira os seus, mas depois sorri, indicando que está levando tudo na brincadeira.

— Aconteceu alguma coisa? — Ava pergunta, um pouco preocupada.

— Não, não aconteceu nada. Ainda — respondo, animada, balançando as sobrancelhas para as minhas amigas.

— Isso tem a ver com a reunião do desfile? Foi um sucesso? — minha outra amiga pergunta, lembrando que eu disse para elas que as encontraria depois da reunião, para almoçarmos juntas.

— Sim! Foi um sucesso, em partes, porque só conseguimos decidir uma coisa. E mais ou menos, na verdade. Ainda precisamos ter certeza se vai estar disponível.

— O que vai estar disponível? — é Ava quem pergunta, e eu viro meu rosto para ela, com um grande sorriso estampado.

— O recital de inverno do ballet vai acontecer no Teatro da SU, certo? — Ela tinha nos contado pouco sobre essa apresentação no fim de ano, então eu não sabia quando, nem onde aconteceria.

— Isso, e eu estava planejando convidar vocês hoje — ela revela, desbloqueando seu celular, que descansava ao lado da sua bandeja de comida. — Ainda não temos o convite físico, mas ele vai ser assim.

Na tela do aparelho de Ava está o convite de ballet mais lindo que já vi. É azul claro, com alguns flocos de neve brilhosos, prateados para ser exata, espalhados e com todos os dados que precisamos saber.

— Uau! Ficou incrível, amiga!

— Está mesmo muito lindo, Ava — digo, concordando com Stella. — Então… vai ser dia 21 de dezembro?

Merda.

Esse é o dia em que o desfile aconteceria.

Anoto mentalmente que preciso mandar uma mensagem no grupo e avisar para já falarmos com o responsável para alugar o ginásio, antes que esse seja reservado também.

— Exatamente. Espero que vocês ainda não tenham ido viajar para as festas de fim de ano nesse dia — nossa amiga bailarina diz, um pouco receosa.

— Claro que não! Morar perto tem suas vantagens — Stella responde, passando um dos braços pelos ombros de Ava.

— Mesmo se eu tivesse planos, adiaria eles por você — respondo, entrelaçando minha mão com a dela por cima da mesa, já que não posso abraçá-la dessa distância.

— Obrigada, mais uma vez, por isso — Ava nos agradece pela milésima vez desde que nos conhecemos e sorrimos para ela. — Ah! O que você queria me perguntar mesmo, Lily?

— Era sobre o recital. Estávamos pensando em reservar o Teatro para o desfile no dia 21, e eu queria perguntar quando seria o dia, por isso.

— Se o desfile vai ser no dia do recital, como você vai conseguir ir? — ela me pergunta, depois de ponderar um pouco.

— Ah, ele vai ser de tarde, amiga. Sem problemas! Nem que eu vá direto de lá para sua apresentação, mas com certeza, eu estarei presente — afirmo, e ela faz o mesmo de volta, voltando a terminar o almoço.

Pelo que estou vendo no prato delas, o prato do dia é purê de batata, arroz, frango e salada. Não tão ruim, poderia ser pior, como há alguns dias, quando foi servido um hambúrguer que eu conseguia ver o óleo escorrendo da carne, de tão gorduroso. Em outros tempos… eu comeria essa comida de hoje, no entanto.

Mas não.

Eu não irei descumprir minha dieta, depois de quase duas semanas cumprindo-a certinha. Vontade dá e passa. Assim que sairmos daqui, eu nem me lembrarei mais disso. Só preciso ser forte durante mais alguns minutos, enquanto elas terminam a refeição.

— Lily, você não gosta da comida do refeitório? — Ava pergunta de repente, e eu a observo, confusa. Do que ela está falando? — Acho que você só comeu com a gente uma vez aqui, quando teve salmão.

Ah.

Merda.

Elas estão começando a perceber.

— Hum… é, eu não gosto muito — dou uma resposta simples e curta, para evitar que o assunto seja estendido.

Stella, entretanto, tem outros planos.

— Pensando bem… eu mal te vejo comer, amiga. Você está se alimentando direitinho? — ela me pergunta, porém percebo o tom de brincadeira em sua voz. — Todas as três refeições?

Ok, elas estão percebendo que tem alguma coisa acontecendo, entretanto ainda estão levando na brincadeira. Menos pior.

— Tudo certo com a minha alimentação, gente. Eu só… só não gosto de comer no refeitório — falo mais uma vez, e Stella assente, desviando o olhar para uma mesa atrás de mim, a qual eu sei muito bem quem está por lá. Ava, no entanto, continua me olhando, desconfiada. — Tá tudo bem, amiga.

— Se você diz…

Não sei por quanto tempo mais Ava irá continuar acreditando nas minhas desculpas.

Mesmo não colocando toda sua confiança na minha resposta, ela não toca mais no assunto durante o restante do almoço.

Eu conto um pouco sobre como foi a reunião, as ideias que discutimos e quão animada eu estou com tudo isso. Eu tenho um pequeno papel no desfile, mesmo assim, é muito incrível poder participar do meu primeiro evento de Moda. Não ligo que não será famoso ou com pessoas importantes e que eu não serei a estrela da noite com as minhas peças. Eu estou apenas começando e agarrarei qualquer oportunidade na minha frente.

— E como está a missão de Cameron de te reconquistar? — pergunto para Stella, depois que termino de falar sobre o que fiz no meu dia hoje.

— Uma merda — minha amiga responde, revirando os olhos castanhos. — Acredita que ele perguntou qual era o problema de ficar com uma garota enquanto está tentando me ter de volta?

— Ele perguntou mesmo isso? — indago, um pouco chocada com a burrice dele. — Ele quer você de volta ou quer continuar sendo seu ex-namorado?

— Exatamente! Nós brigamos na noite da festa por causa disso, como esperado — ela completa, e eu assinto, imaginando que depois da fala dele, esse seria o rumo da situação. — E agora ele está ainda mais empenhado em fazer qualquer coisa para me conquistar.

— *Qualquer* coisa? — Ava questiona, interessada.

— Ele me encontrou todos os dias antes da aula durante essa semana com meu café preferido. Frappuccino de avelã com leite de amêndoa e sem chantilly, com uma dose extra de café.

— Isso… é legal, não é? — Ava fala, um pouco confusa pela expressão irritada da nossa amiga.

— Seria legal, se eu o quisesse de volta. Mas eu não quero!

Stella Mars consegue mentir cada vez pior, sempre que menciona Cameron Parker. Parece que os sentimentos dela afloram cada dia mais, e todas suas falas, que vão contra esses sentimentos, perdem a força.

— Você pode aproveitar que ele está fazendo de tudo por você pra pedir algumas coisas — sugiro, um pouco maliciosa. — Pode fazê-lo rastejar para te ter de volta.

Minha amiga sorri para mim, um sorriso sacana.

— E no fim, eu não o aceito de volta!

É, eu sabia que isso não aconteceria, porém como tenho a função de apoiar minhas amigas, apenas concordo com a cabeça, assim como Ava, que também parece não acreditar na nossa outra amiga.

Estou prestes a fazer uma piadinha sobre o que está acontecendo com Stella e Cameron, quando sinto meu celular vibrar no bolso da calça. Tão logo pego-o para ver quem é, o nome da minha mãe brilha na tela.

Merda.

Mostro o visor para minhas amigas e saio de fininho, passando pelas portas de vidro do refeitório e indo para o jardim da universidade

Eu sabia que ela iria ligar a qualquer momento, já que eu não tinha atendido suas chamadas no fim de semana, e desde então, apenas nos falamos por mensagem nesses últimos dias.

Se eu não atendesse agora, ela iria me ligar de novo. E de novo. Até eu encher o saco e atendê-la.

— Oi, mãe — cumprimento-a, querendo acabar logo com isso.

— Lily. Por que não atendeu minhas ligações no fim de semana? Onde você estava?

Oi, mãe, eu estou bem também, e a senhora?

— Eu estava… estava estudando para as provas, por isso não consegui te atender — minto, batendo os dedos na minha perna, ansiosa para essa conversa terminar.

Como em todas as outras vezes que nos falamos.

— Você sempre tem essas desculpas prontas para mim, não é, Lily? — Não me surpreende que ela saiba que eu estou mentindo. — O que foi dessa vez? Saiu da dieta e está com medo de me contar? É isso?

Se ela soubesse quantas vezes eu já tinha feito isso e ela não estava por dentro, já teria vindo até aqui jogar todas as comidas de casa no lixo.

— Não, mãe, estou seguindo tudo direitinho.

— Ótimo, filha. Estou orgulhosa de você! — Lauren diz, animada, do outro lado da linha, e penso que, se fosse pessoalmente, eu teria que fingir um sorriso. Contudo, como não é o caso, eu reviro os olhos o mais forte que consigo, da forma que eu queria fazer cara a cara. — Mas não foi só por isso que eu estava te ligando, querida.

— Aconteceu alguma coisa?

— Ainda não, Lily, mas nesse fim de semana, você e Aaron vão jantar conosco.

Vão vir.

Ela não perguntou se eu quero ir, já está afirmando que eu vou e ponto final. Da mesma maneira que ela faz quando impõe uma nova dieta.

Como eu estou cansada dessa merda!

— Mãe… eu não sei se posso ir.

— Você vem e ponto final, Lily. Não vai me fazer passar vergonha com Benjamin — ela responde, firme. — Aaron já sabe do jantar, e um dos motoristas vai trazer vocês.

Ótimo, todos já estavam sabendo desse jantar, menos eu.

Além de ter que aturar um jantar com Lauren — uma das piores partes do dia quando morávamos na mesma casa —, vou ter que aguentar Aaron Yoon e seu descontrole de raiva —ele só pode ter algum problema, para sair batendo nas pessoas por mínimos motivos assim —, durante algumas horas dentro do carro.

Que fim de semana fantástico vai ser esse!



# 20

## Haron Yoon

Uma das coisas que eu mais detesto é faltar aos meus compromissos porque preciso ir até o Ah-ri Yoon para encontrar Benjamin. Eu nem posso negar quando ele ordena para eu ir até lá, porque eu tenho medo que, se eu disser que não, ele dê algum jeito de punir Audrey no internato, já que isso já aconteceu antes.

Há alguns anos, logo que minha irmã foi admitida no colégio interno na Suíça, eu disse não para alguma ordem do meu pai. Alguma coisa boba, nem lembro exatamente. No entanto, eu lembro o que aconteceu com Audrey.

Naquela época, como eu era menor de idade, ainda não podia ser o responsável dela nos documentos da escola, mesmo assim, eu sempre estava por dentro de tudo que rolava. As férias de primavera estavam chegando, e eu iria visitá-la, como sempre faço, criando essa nova rotina para nós dois. Ela já tinha comentado comigo que todos os estudantes iriam ficar fora durante aquela pequena semana, e foi até por isso que eu me esforcei para conseguir comprar as passagens e ir vê-la. Benjamin sabia disso e cancelou as minhas passagens, além de assinar um documento dizendo que Audrey Yoon não poderia sair das dependências do colégio com ninguém que não fosse da sua família.

Não foi nada muito horrível, entretanto, foi uma lição para mim. Dessa vez, o que aconteceu foi Audrey ter ficado completamente sozinha no colégio gigante durante vários dias. Nós falávamos por chamada de vídeo diariamente — às vezes, até mais de uma vez —, porém, não era a mesma coisa de estar lá com ela. Benjamin me avisou que isso não era nada, comparado ao que ele era capaz de fazer. Se eu pisasse na bola mais uma vez, minha irmã pagaria o preço.

Sim, eu tenho medo de ele machucar a própria filha para me punir. Por isso, desde então, eu sigo as ordens dele à risca.

Como hoje, que tive que faltar ao treino de basquete para vir até aqui.

Entrego a chave da moto para o manobrista do restaurante e entro no ambiente lotado. Quinta-feira à noite está sempre cheio assim. Às vezes, até mais do que aos fins de semana, porque há promoções no Ah-ri Yoon. Happy Hour, pratos com 20% de desconto… essas coisas. Tudo para atrair clientes antes da sexta-feira, quando meu pai precisa ficar fora e não gosta de deixar o local com tanta gente assim nas mãos do gerente.

Cumprimento alguns funcionários que conheço e continuo meu percurso até o segundo andar do estabelecimento, para onde meu pai mandou eu ir quando chegasse. Falo com seu segurança antes de subir as escadas, e ele libera minha entrada.

Bato duas vezes na porta e quando escuto meu pai resmungar algo do lado de dentro — que espero ser ele me dizendo para entrar —, abro a porta do seu escritório e adentro o cômodo.

— Aaron. Sente-se — Benjamin diz, sem muita emoção, como sempre, assim que fecho a porta.

Faço o que ele fala e me sento em uma das duas cadeiras em frente à sua mesa, apoiando meus cotovelos nos braços da mesma e entrelaçando meus dedos na frente do corpo.

— O que aconteceu? — pergunto de uma vez, porque se estou aqui, é porque algo grande rolou ou vai rolar.

— Nem um "*como vai você, pai"*? — ele desenha, e eu me controlo para revirar os olhos.

Essa não é a relação que eu tenho com meu pai. Nunca tivemos, nunca vamos ter.

— Eu tive que faltar a um treino para estar aqui nesse horário — pontuo, mesmo sabendo que ele não está nem aí.

— O problema é seu, se continua jogando essas palhaçadas — Benjamin responde simplesmente, e eu sorrio minimamente.

Não esperava outra resposta dele.

— Então, o que está rolando? — pergunto mais uma vez. Quanto mais rápido ele me contar, mais rápido posso sair daqui.

— Temos novidades no caso das Diggory — ele finalmente fala, com um sorriso estranho estampado no rosto.

Será que ele iria adiantar o plano do início do próximo ano e começar a interrogá-las agora? Elas já estão lá embaixo, esperando por nós?

Não, não, não. Eu achei que tinha mais tempo. Achei que pudesse me aproximar de Lily e tirar alguma informação dela. Achei que…

— Lauren me contou de um chalé. — Meus pensamentos cessam no mesmo instante em que ouço as palavras saírem da boca do meu pai. — Ela disse que é uma herança fajuta da família. Depois que os pais morreram, não deixaram nada para o cara. A polícia apreendeu tudo para investigação um pouco antes da morte, e quando os pais foram considerados culpados por alguns crimes de corrupção, Joe Diggory perdeu tudo. Menos o chalé, que estava em seu nome. A família ia para lá alguns fins de semana, mas desde o desaparecimento dele, Lauren diz nunca ter voltado lá. Ela sempre odiou o lugar, disse que odeia aquilo e nunca conseguiu vender. Ninguém se interessa pelo local.

Isso é… interessante. É uma boa pista. Se Joe gostava tanto do lugar, e ele não tinha sido vendido, poderia haver grandes chances de ele estar se escondendo lá.

Porra! Finalmente alguma coisa útil, depois de meses sem nada!

— Quando vamos até lá? Agora? — questiono, com um alívio no peito. Tanto por termos uma informação útil para ser usada agora, quanto porque os planos de matar as duas estão ficando cada vez mais longe.

— Já fomos — ele revela, e o olho, confuso. Como assim, já foram? — Assim que ela me contou, e eu consegui o endereço, chamei meus homens, e demos uma passadinha amigável lá. Fiquei com receio de que, se demorássemos muito, ele poderia não estar lá mais.

— E ele estava?

— Não, não estava — Benjamin responde, e aperta a caneta que segura em uma das mãos, com força o suficiente para quebrá-la.

É, ele está puto por isso. Eu também estou.

Assim que conseguimos algo, estamos errados? Caralho, sério?

— Mas ele esteve lá em algum momento — meu pai completa, e eu até me ajeito na cadeira. — *Alguém* esteve lá. Havia algumas comidas no armário, e a televisão por antena estava ligada. O que tinha na geladeira parecia novo. A maioria com data de fabricação de dias antes.

— Ele fugiu? Você acha que Lauren o contatou?

Benjamin nega com a cabeça.

— Não acho que Lauren esteja envolvida com ele atualmente. Ela não me diria isso apenas para eu ir até lá e encontrar provas de que Joe estava sim, na porra da cabana.

Ela não seria tão burra, é o que ele está dizendo.

— Você acha que ele está vivendo lá e por acaso, tinha saído quando vocês apareceram?

— É a resposta mais viável até agora — ele diz, esfregando os olhos antes de continuar. — Deixei alguns homens de tocaia lá, escondidos, para me avisarem se souberem de algum movimento estranho.

Assinto, desviando meus olhos dos dele.

Estamos perto, perto demais. Talvez se os homens de Benjamin tivessem chegado um dia antes, já teríamos acabado com todo esse inferno. Poderíamos já ter vingado a morte da minha mãe, ele teria se divorciado de Lauren, e Lily estaria longe das possíveis ameaças de morte da minha família no futuro.

Tudo estaria bem.

No entanto, é claro que as coisas não podem ser simples assim.

Bufo, frustrado e me levanto para sair. A falta de falas do meu pai é um indicativo de que já é o meu momento de ir embora.

— Não se esqueça do jantar amanhã — ele fala, de repente, e eu me viro de frente para ele novamente, quando já estou perto da porta.

— Jantar?

— Você e Lily vão jantar na nossa casa amanhã. — E eu fico sabendo disso aos 45 do segundo tempo? — Ela já está ciente disso, e agora, você também

Ótimo.

Até mesmo Lily sabia disso e não me disse nada. Eu estou mesmo sendo o último a descobrir do meu compromisso do dia seguinte.

— O motorista vai buscar vocês — ele completa, e eu apenas concordo com a cabeça, saindo o mais rápido possível.

Algumas horas dentro de um pequeno espaço com Lily Diggory.

Como isso poderia dar errado?



Cinco minutos dentro de um dos carros de Benjamin, e tudo já está dando errado.

O dia estava indo bem. Eu fui para faculdade logo cedo, fiz duas provas e quando voltei para casa, Lily não estava. Eu aproveitei o tempo sozinho para voltar a andar somente de cueca pelo apartamento e colocar algumas bandas que gosto para tocar na caixinha de som. Ainda pedi uma pizza grande só para mim, já que eu não precisaria dividir com ela. Mas pensando bem, do jeito que a garota só toma aqueles sucos verdes nojentos — ainda sinto vontade de vomitar quando lembro que bebi aquela gororoba — e as saladas, ela não pediria um pedaço.

Mais tarde, eu ouvi a porta de casa ser destrancada e o barulho dos passos dela adentrando o apartamento, enquanto eu saía do banho. Esperei que a porta do próprio quarto dela batesse para sair pelo corredor, a fim de pegar um copo de água e uma barra de chocolate, que tinha comprado no dia anterior. Só fui ficar cara a cara com Lily, quando nos encontramos no hall para descermos e irmos para casa dos nossos… *pais.*

Estranho demais dizer isso, mas tudo bem.

E eu soube, assim que Lily perguntou para Jordan, o motorista da noite, se o rádio era bluetooth, e ele afirmou que sim, que o quer que viesse depois, eu não ia gostar. E eu estava certo. Até mesmo Jordan subiu o pequeno vidro com insulfilm preto, quando a cantoria começou. Eu imaginava que ele tinha programado o som para tocar apenas nos bancos traseiros e estava aproveitando um bom silêncio com fones de ouvido, assim como eu queria estar fazendo.

Lily está cantando a segunda música de algum dos álbuns da Taylor Swift, e eu quero atirar nos meus próprios ouvidos. Tanto pela música ruim, quanto pela voz nada afinada da loira.

— Por que você não trouxe a merda de um fone? — finalmente abro a boca para reclamar e olho furioso para a garota ao meu lado.

Não tem como aguentar esse inferno durante mais algumas horas.

— Não se ouve Taylor Swift com fones de ouvido, Aaron. Você precisa sentir a música — ela responde, super animada, e eu penso no quanto seria doloroso me jogar do carro em movimento.

Com certeza, menos do que aturar tudo isso até a casa de Benjamin e Lauren.

— Você vai deixar isso tocando até chegarmos lá? É sério?

— Primeiramente, não é isso. É a rainha do pop! E sim, vou deixar tocando durante todo o caminho — Lily fala, sorridente e volta a cantarolar.

Mas nem a caralho!

— Vou colocar outra coisa — aviso, puxando meu celular do bolso e antes que eu tenha a chance de fazer alguma coisa, as mãos espertas de Lily pegam-no.

— É o momento Taylor Swift, agora! — ela exclama, parecendo realmente estar falando sério.

— Eu não ouvir essa merda todo o caminho, Lily.

— Você não disse isso!

— Sim, eu disse e vou repetir se você não me devolver o celular — aviso, estendendo minha mão para que ela devolva o aparelho.

Como Lily Diggory tem 18 anos, porém a alma de uma criança de 8, ela tem a coragem de esconder o meu celular dentro do decote da blusa cor de rosa.

— Sem celular para você até chegarmos — ela me informa, ainda mais sorridente. — Taylor Swift vai dominar o rádio até lá.

— Você acha que escondê-lo aí, vai me impedir de pegá-lo? — pergunto, surpreso com a ingenuidade da garota.

Lily não responde, entretanto, seus olhos recaem nos próprios peitos durante um segundo e depois em mim, pensando se eu vou fazer mesmo isso.

Lentamente — porque ela não tem para onde fugir, então, não preciso me apressar — me aproximo dela, depois de retirar o cinto de segurança. Ela se distancia de mim, colando as costas na porta do carro, e eu sorrio. Suas mãos vão instantaneamente para o decote, tentando protegê-lo. Eu rio fracamente disso. Sério?

Apoio uma das minhas mãos no couro do banco, ao lado do quadril de Lily, e a outra, no vidro da janela atrás dela. Nossos rostos ficam a milímetros de distância, e a respiração dela falha. Bom saber que eu tenho efeito sobre ela, assim como ela tem sobre mim. Foi só eu chegar perto dos seios fartos dela, que meu pau já começou a ganhar vida dentro da calça preta.

Eu estou quase de joelhos no banco, mas consigo me estabilizar para levar a mão que não está na janela, até o pescoço dela. Para minha total surpresa, ela não me impede. Eu faço um carinho de leve na sua pele, sentindo suas veias pulsando ali. Vou descendo minha mão devagar, passando pela sua clavícula e colo, até chegar nos peitos. Com cuidado, enfio-a dentro do decote dela e pego meu celular. Com ele em mãos, eu finalmente me afasto dela, já sentindo falta de sentir sua pele febril sob meus dedos.

Encosto de volta no outro lado do carro, com um sorriso malicioso estampado no meu rosto.

— O que foi, irmãzinha? Só queria pegar meu celular — digo, achando graça do estado em que a deixei.

Lily parece sair do transe e joga sua bolsa na minha direção.

Ela jogou a porra da bolsa na minha cara!

Tentou, pelo menos. Se meus reflexos não fossem bons, e eu não tivesse desviado, teria acertado meu olho.

— Você é maluca, porra? Quase atingiu meu rosto!

— Fique longe de mim, babaca! — ela quase grita, apontando um dedo para mim.

— Não pegue minhas coisas de novo, Lily, e isso não vai se repetir.

Ela não fala mais nada, contudo, pega os fones de ouvido de dentro da bolsa jogada no chão e desconecta o bluetooth do rádio.

Lily estava com a merda do fone esse tempo todo!

Bufo, frustrado com essa situação. Não tem uma vez em que eu esteja no mesmo ambiente que ela, que nós não discutamos, e eu não saia irritado do local. Esse é o efeito que Lily tem sobre mim. Um dos, para falar a verdade, o outro é conseguir me deixar de pau duro mesmo não encostando um dedo em mim.

Porra, essa garota vai me enlouquecer.

Após nossa pequena gracinha nos primeiros minutos dentro do carro — que ficou apenas entre nós graças a janela que divide a frente com a parte de trás estar levantada no momento — a viagem foi tranquila. Foram um pouco mais de duas horas até a nova casa de Benjamin e Lauren, em completo silêncio. Lily estava com seus fones de ouvido, provavelmente se entupindo de Taylor Swift, enquanto eu aproveitava a música ambiente, que Jordan colocou depois do celular dela ser desconectado do bluetooth do rádio.

Sabe como eu chamo isso?

Paz.

Um pouco de paz antes de ter que aturar todas essas pessoas malucas no mesmo ambiente durante algumas horas.

Quando o motorista estaciona o carro em frente à nova mansão da família Yoon, eu já sei o que está por vir, e por isso, respiro fundo antes de abrir a porta do carro. *Quanto mais rápido entramos, mais rápido saímos,* é o que repito para mim mesmo enquanto Lily e eu caminhamos até a porta da frente, a quase cinco metros de distância um do outro.

— Eu não mordo, Lily — digo, quando ela continua tentando se distanciar o máximo de mim. Ela põe seus olhos azuis sobre mim, parecendo ponderar se chega mais perto, e eu sorrio. — Mas se você pedir com carinho, eu posso mudar de ideia.

Sua cara fecha no mesmo momento.

— Escuta aqui, seu babaca de merda… — Conforme ela vai me xingando, eu consigo o que eu quero, que é que ela se aproxime de mim.

Fácil, fácil.

No entanto, antes que ela consiga me enforcar com as próprias mãos — e não da maneira que eu quero —, a porta é aberta, e ela pula para longe de mim.

Uma senhora baixinha, rechonchuda e com os olhos castanhos brilhando aparece de dentro da casa. Assim que ela me vê, sorri, e eu faço o mesmo.

— Boa noite, Cleo — cumprimento a mulher que foi uma superamiga da minha mãe, Adele, e que me deu forças para continuar, enquanto eu ainda morava na mesma casa que meu pai.

— Aaron, querido! Como você está? — Cleo nem me dá a chance de responder, já me puxa para dentro e envolve seus braços ao meu redor. — Sempre que precisar, posso ir até seu apartamento fazer alguma comidinha, sim?

— Eu sei, Cleo. Muito obrigado por isso — respondo quando ela me solta, e ela passa a mão de forma carinhosa pela lateral do meu rosto.

— Você está cada dia mais lindo, querido.

— Você é como vinho, Cleo. Sempre melhorando com o passar dos anos — brinco, arrancando uma risada dela e quando desvio o olhar rapidamente para Lily, ela também está sorrindo. Minimamente, mas está. — Cleo, essa é Lily. Filha de Lauren.

— Oi! É um prazer conhecê-la — Lily diz, chegando mais próximo de nós e estendendo a mão para minha antiga cozinheira.

Cleo sendo Cleo, não aceita o ato respeitoso e educado da loira, puxando-a para um abraço também.

— Você é linda, mas é tão magrinha, querida. Tem certeza de que está se alimentando? — Lily não sabe o que responder diante da pergunta um pouco indelicada de Cleo, e suas írises procuram as minhas.

— Isso é uma forma de se convidar para o nosso apartamento, Cleo? — eu falo, tirando a atenção dela da garota ao meu lado, que parece bem… incomodada com o comentário. — Sabe, talvez eu leve umas marmitas para casa depois do jantar.

— Eu sempre digo para você fazer isso, garoto! E você nunca me obedece — ela resmunga, me fazendo sorrir.

— Se você tiver feito seu maravilhoso bolo de chocolate com nozes, eu com certeza vou levar tudo para casa — brinco, lembrando de como sinto falta das comidas de Cleo.

Dela, na verdade. Foi um dos únicos motivos pelo qual não surtei depois da morte da mamãe e a ida de Audrey para o internato.

— O bolo! Ele está no forno! Caramba, posso ter queimado! — Cleo exclama, virando de costas e seguindo o caminho para sua nova cozinha. — Como fui burra, batendo papo com…

E ela continua resmungando sozinha até não ouvirmos mais resquícios da sua voz, que nos deixa sozinhos novamente, em um silêncio um pouco desconfortável.

Começo a andar para a sala de jantar, onde imagino que Benjamin e Lauren estejam, e Lily segue no meu encalço.

— Ela é… um doce — a loira comenta, se posicionando ao meu lado. Acho estranha sua aproximação, porém se eu falar isso, ela vai voltar a se distanciar. — Vocês são próximos?

— Ela trabalha conosco desde que eu era um bebê — conto sem hesitar e me pergunto porque fiz isso. Só Kiara e Cameron sabem disso, e apenas superficialmente. Por que eu estou contando para Lily Diggory? — Depois que… que minha mãe morreu, nós ficamos ainda mais próximos. Ela me ajudou a passar por tudo isso.

Não entro em detalhes do que é “isso”, mas se ela for esperta, vai entender que estou me referindo à convivência com meu pai.

— Ela parece gostar bastante de você, e parece ser recíproco. Não sabia que Aaron Yoon gostava de pessoas de verdade — ela provoca, com um sorrisinho sacana se formando em seus lábios.

Em seus lindos lábios pintados pelo gloss labial de cereja que eu consigo sentir o cheiro de longe e que quero provar também, para ter certeza se é tão bom quanto parece.

— Algumas valem a pena — é o que respondo, dando de ombros.

Felizmente — ou não — não prolongamos mais o assunto, porque chegamos no ambiente da casa em que Lauren e Benjamin estão.

Ela vem em nossa direção com uma taça de vinho branco em uma das mãos, enquanto meu pai continua sentado em sua poltrona de couro marrom, com um copo de uísque, perto da janela. Um hábito que ele tem há anos, e vejo que mesmo mudando de casa, não abandonou.

— Crianças! Vocês chegaram! — a Diggory mais velha exclama, puxando nós dois para um abraço ao mesmo tempo.

— Oi, mãe. — Ouço Lily falar baixinho, e ela não move um músculo, quando a própria a mãe a abraça.

Ok, estranho demais. Não temos um grau de intimidade para isso.

Ela continua com os braços ao meu redor, e eu procuro pelo meu pai com os olhos, que apenas dá de ombros antes de se levantar, depois de deixar o copo vazio na mesinha ao lado da poltrona.

— Estávamos muito ansiosos por esse jantar — ela continua, olhando para trás à procura de Benjamin, que confirma com a cabeça a fala da nova esposa. — Queríamos reunir toda a família novamente, já que faz muito tempo que isso não acontece.

Se não acontece, é por um motivo.

— Aaron — meu pai me cumprimenta com um meneio de cabeça, e eu faço o mesmo. — Boa noite, Lily.

— Boa noite, Benjamin — ela responde, um pouco desconfortável com toda a situação.

Somos dois, Lily.

Tudo isso é estranho demais. A falsidade que todos exalam, os sorrisos falsos e a tentativa de fingir que tudo está bem… é péssimo.

— O jantar já vai ser servido. — A voz de Cleo surge no ambiente, e com isso, todos seguimos para nossos respectivos lugares.

Lá vamos nós para um dos jantares mais esquisitos em que já marquei presença.



# 21

## Lily Diggory

Um jantar com Taylor Swift e Jake Gyllenhaal seria menos desconfortável do que esse. Pelo menos eles não fingiriam que se gostam e tentariam puxar conversa fiada, como se se importassem um com o outro.

Exatamente como Lauren Yoon está fazendo desde que chegamos.

A primeira ação dela quando Aaron e eu chegamos foi… nos abraçar. Os dois. *Ao mesmo tempo.* Faz anos que minha mãe não me abraça sem uma plateia observando.

Bem, ela poderia estar considerando Aaron e Benjamin como plateia, então acho que estava contando para ela, de qualquer forma.

— Aaron, querido, como vai a faculdade? — E Lauren fingindo interesse na vida alheia, volta a atacar.

Ou ela pode só não se interessar pela *minha* vida. É possível.

Nos primeiros minutos de jantar, ela perguntou os mínimos detalhes da nossa viagem de carro até aqui. Que durou pouco mais de duas horas.

*Mínimos* detalhes.

Se ela está querendo mostrar a Benjamin que é uma mãe protetora e cuidadosa, está mais do que funcionando.

— Normal — ele responde, sem elaborar, e eu seguro um sorriso.

Mamãe está querendo puxar assunto com a pessoa errada.

— Aaron, por favor — Benjamin diz, sério, enquanto se serve de mais uma taça de vinho tinto.

O jantar da noite é ravioli de berinjela com molho de sálvia, e tenho certeza que foi ideia da minha mãe. Nunca tinha comido nada parecido antes e aposto minha bolsa da Prada usada, comprada no brechó em Millsh, que ela também não. Eu não duvido que ela passe o dia — depois de tomar seu suco detox, ir para o pilates e fazer uma sessão com sua coach — pesquisando pratos refinados e estranhos para Cleo preparar.

Ela nunca cansaria de mostrar aos pretendentes da vez — nesse caso, seu novo marido — que mesmo não tendo muito dinheiro, nasceu para ser milionária. Isso inclui estar sempre com as roupas impecáveis, fingir que seu esporte preferido é críquete e, claro, comer pratos que ela considera chiques.

Ah, não há *nada* que Lauren não faça por uma vida cheia de riquezas.

— Tivemos algumas provas essa semana — Aaron volta a dizer, a contragosto. — Acho que fui bem.

— Que maravilha, querido. — Ela sorri e toma mais um pouco do seu vinho branco.

O silêncio recai sobre a mesa novamente, e eu jogo a minha comida de um lado para o outro no prato. Comi pouquíssimo e acho que já estou cheia. Apesar de a comida estar uma delícia — mesmo eu não fazendo ideia do que seja sálvia —, e de que eu, com certeza comeria três pratos cheios, por hoje já deu. Passei o dia inteiro sem comer para essa noite e acho que me alimentei de uma boa quantidade para não acontecer outro acidente, como quando desmaiei no ensaio das líderes de torcida no colégio por estar de estômago vazio.

— A comida não está do seu agrado, Lily? — Benjamin pergunta, de repente, e eu viro meu rosto em sua direção.

Merda.

Eu desvio os olhos para minha mãe, que continua com seu sorriso falso estampado no rosto, esperando pela minha resposta.

— Está tudo ótimo, Benjamin, mas acho que… que já estou cheia — respondo gentilmente, sorrindo para o meu padrasto.

— Já? Mal tocou na comida.

— Ela está em uma dieta, amor — Lauren fala, colocando a mão por cima da dele, que está descansando na mesa. — Não pode comer muito.

— Está tudo bem, Benjamin. Já estou satisfeita — insisto, antes que ele fale mais alguma coisa.

Não quero discutir com o marido da minha mãe sobre minha alimentação, ainda mais com ela no mesmo ambiente.

— Não tem com o que se preocupar, amor — minha mãe diz, sorrindo docemente para o homem ao seu lado. — Ela só precisa emagrecer uns quilinhos e poderá comer tudo que deseja!

Lauren realmente acredita que está fazendo uma piada, mas ninguém ri. Ninguém nunca ri porque ela não está sendo engraçada. Ela gosta de dar pitaco na aparência das outras pessoas, como o vexame que ela me fez passar em seu casamento, em Millsh, com minhas amigas. Ela achou uma ótima ideia mencionar tudo que não gostava nelas e o que elas poderiam mudar, sem que elas pedissem.

Que tipo de pessoa escrota faz isso?

Por sorte, minhas amigas são todas bem resolvidas consigo mesmas e não levaram isso para o coração, o que não é o meu caso.

Todas as palavras que mamãe diz sobre mim vão direto para minha cabeça, e eu fico remoendo isso durante dias.

— Lily não precisa emagrecer alguns quilinhos. — A voz de Aaron é ouvida pelo ambiente, e todos nós viramos para ele.

O que ele está falando?

— Ah, querido. Não precisa disso — minha mãe responde, fazendo um gesto com a mão para ele deixar para lá. — Lily sabe que não está no seu peso ideal e está lutando para mudar isso. Ela não se incomoda, não é mesmo, filha?

*É claro que eu me incomodo, caramba!* Nunca nada está bom o suficiente para minha mãe. Qualquer um em sã consciência consegue perceber que ela despeja veneno quando fala isso sobre mim, e não como se fosse uma mãe preocupada com a saúde da filha. Porque minha saúde está ótima, e os quilinhos a mais que preciso perder, é em razão do futuro que mamãe traçou para mim desde que nasci: casar com um homem rico. E, aparentemente, eles não escolhem mulheres que vestem o número que eu visto para serem suas esposas.

— Está tudo bem. *Mesmo* — dou ênfase na última palavra e até coloco um sorriso no rosto, para ilustrar, porém Aaron não cai nessa.

— Acho que a senhora está deixando sua filha desconfortável, colocando limite no que ela pode ou não comer.

Ah, não.

Não, não e não.

Ele está me defendendo?

— Aaron… — chamo, só que ele me ignora. Os olhos permanecem fixos nos da minha mãe.

— Lily está ótima do jeito que está, Lauren. Por acaso, ela precisa emagrecer por questões de saúde? — ele questiona, e mamãe se mantém em silêncio, não respondendo à pergunta, entretanto isso já é a resposta que ele precisa. — Imaginei mesmo que não. Então, eu sugiro que a senhora deixe Lily decidir o que quer ou não comer, e não, fique impondo que ela precisa ou não emagrecer.

— Isso é uma ameaça, querido? — Lauren devolve, ácida, e fico surpresa que ela não tenha se encolhido. Afinal, é do seu enteado que estamos falando. Ela deve agradar toda a família Yoon.

Ou devia, tendo esse pequeno desvio agora.

— É uma sugestão, Lauren. Cabe a você, seguir ou não.

— Aaron. — A voz imponente de Benjamin encerra a conversa que está acontecendo. — Já chega. É hora de você ir embora.

Estou focada em Benjamin e Aaron, mas de canto de olho, vejo um sorriso triunfante se formar no rosto da minha mãe. Ela conseguiu que o marido ficasse contra o próprio filho em prol dela e está orgulhosa disso.

Nojenta.

Aaron não responde, apenas se levanta da mesa em um supetão e sai da sala de jantar.

Eu estava sentindo que esse jantar não ia terminar bem, entretanto, não imaginei que fosse acabar *assim.*

— Eu… hum… acho que vou indo também — digo, me levantando da mesa devagar e colocando o guardanapo de pano ao lado do meu prato. — Obrigada pelo jantar, Benjamin, estava uma delícia.

E saio, antes que um dos dois possa falar mais alguma coisa.

Ando o mais rápido que consigo pela casa gigante com meus saltos e encontro Aaron já do lado de fora, provavelmente esperando o motorista aparecer. Ele está com uma sacola na mão, que não estava antes. Suponho que seja de Cleo, já que ele disse que estava ansioso pelo bolo de chocolate com nozes dela.

Meu Deus, nem conseguimos chegar à sobremesa intactos!

Eu sabia, desde o início, que esse jantar estava fadado ao fracasso, contudo, eu realmente acreditei que tínhamos potencial para aguentar mais.

É só dentro do silêncio do carro — sem Taylor Swift por enquanto, porque o clima está um pouco tenso — que eu começo a processar o que aconteceu na sala de jantar da nova casa da minha mãe.

Ela me ofendendo.

Aaron saindo em minha defesa, mesmo que tenha ido contra o pai fazendo isso.

Eu nunca tive coragem de bater de frente com a minha mãe assim. Sempre aceitei todas as ordens dela, principalmente depois que papai se foi. Como, tecnicamente, eu tinha perdido meu pai — mesmo que ele não esteja morto —, eu não queria perdê-la também. E a melhor forma para isso, de acordo com uma Lily pré-adolescente, era aceitar todos e quaisquer pedidos dela.

Filha, M é o tamanho para meninas gordinhas. Você não quer se tornar uma bolinha, não é? Precisa ficar esbelta e bonita como a mamãe!

Emagreci tanto, a ponto que as roupas XS não cabiam mais em mim, mesmo as de criança, e durante um tempo, tivemos que produzir minhas roupas na costureira. Inclusive, foi daí que minha paixão pela Moda aflorou mais ainda. Eu dava algumas ideias para a costureira de Millsh, e ela gostava de todas elas. Até mesmo me disse que eu tinha futuro nessa carreira!

Lily, querida, poderíamos começar a fazer Botox preventivo em você, não acha? Para não se tornar uma velha cheia de rugas!

Ela me levou na clínica de estética com apenas 16 anos para fazer Botox. Doeu tanto, que eu achei que fosse desmaiar! E para completar o dia de beleza, foi também a primeira vez que fiz depilação completa na cera quente. Emoções demais para a tarde de uma jovem. Depois de um tempo, por exemplo, eu comecei a ir nas sessões de depilação porque eu queria e gostava, mas no início, quando ela me forçava a ir para "não ficar peluda e nojenta", eu detestava. Assim como odiei por muito tempo qualquer procedimento de beleza. Só comecei a simpatizar com algumas coisas, quando eu passei a gostar e me sentir bem fazendo.

Já que você está com essa ideia tosca de ir para a faculdade, e eu não posso te ajudar estando tão longe, preciso das suas medidas toda semana, tudo bem? Assim podemos chegar ao tamanho que desejamos e depois regular para se manter assim.

Que desejamos.

Nós.

Essa foi a última pérola de Lauren, poucas semanas antes de eu embarcar para a nova etapa da minha vida. Mesmo a quilômetros de distância, eu continuo obedecendo as ordens dela. Nunca tive coragem de dizer "não" e viver a minha vida separadamente da dela. Eu posso ser corajosa para muitas coisas, porém não para lidar com a minha mãe. Talvez uma parte de mim tenha medo de que, se eu parar de fazer tudo que ela manda — se eu parar de ser a bonequinha dela —, ela vá embora, assim como meu pai. Talvez.

Por isso, para manter nossa relação estranhamente bizarra intacta, eu continuo seguindo todas as ordens dela, sem retrucar — quase — nenhuma vez.

Contudo, Aaron Yoon não.

Ele desafiou minha mãe dentro da própria casa. Não só ficou ao meu lado, como fez uma ameaça silenciosa a ela.

Eu provavelmente deveria estar com medo por Lauren? Tendo quase certeza de que todos os boatos sobre a família Yoon têm chances de serem verdadeiros? Sim, com certeza. No entanto, eu também sabia que ele não passaria por cima do pai. Minha mãe está segura.

Mesmo sabendo que seu pai não gostaria da sua atitude, ele fez isso por mim. Foi uma das coisas mais legais que já fizeram por mim, ainda mais vindo dele, que me odiou à primeira vista e faz questão de manter essa relação *nada* calorosa entre a gente.

— Aaron? — chamo, virando minha cabeça em sua direção, que está sentado do outro lado do banco traseiro. Lentamente, ele foca sua atenção em mim, que antes estava em seu celular. — Obrigada por ter me defendido hoje. Ninguém nunca fez nada assim por mim antes. Sabe, desafiar minha mãe. Nem mesmo eu! Então eu queria…

— Eu não fiz por você — ele me interrompe, e eu digiro suas palavras devagar. *O que?*

— Não?

— Sua mãe falou merda, Lily. Eu faria isso por qualquer pessoa. Não se sinta especial.

Nossa.

— Ah, eu já aprendi a nunca me sentir especial com você — respondo, mesmo minhas palavras sendo falsas.

Eu acreditei que a cena do jantar poderia ser o pontapé para o começo de uma linda amizade.

É claro que eu estava errada. Eu tenho que aprender, o mais rápido possível, a não ter esperanças em Aaron Yoon. Ele já é um caso perdido.

— Bem, de qualquer forma, eu queria agradecer por você ter…

— Já pensou que sua mãe continua te tratando assim porque você deixa? — mais uma vez, ele me interrompe. — Você é legal demais, Lily. Certas pessoas não merecem isso.

Jura, gênio? Não sabia disso! Obrigada por dizer o óbvio.

— E você é uma delas — retruco, irritada.

Como que um simples "obrigada", se tornou uma discussão?

— Exatamente. Algumas pessoas não merecem uma chance, Lily, então desista de tentar ser legal comigo — ele rebate, com um sorrisinho cínico, e vira seu pescoço para a janela, observando a rua escura do lado de fora.

Argh! Esse garoto mal-humorado, mal-educado e sem noção! Toda vez que eu acredito que ele está amolecendo e me deixando conhecer um pouco mais do Aaron Yoon de verdade, ele faz esse tipo de coisa.

Babaca!

Eu também me viro para minha janela e coloco um pouco de Taylor Swift nos fones de ouvido. Só a rainha para me acalmar e me fazer não pular no pescoço dele nesse momento.



Ela só precisa emagrecer uns quilinhos e poderá comer tudo que deseja.

A voz da minha mãe me acorda no meio da madrugada. Checo a hora no meu celular e confirmo que passa um pouco das quatro da manhã.

Puta que pariu! Ela não consegue me deixar em paz nem mesmo nos meus sonhos.

E é claro que eu não consigo simplesmente deixar para lá. As falas dela durante o pequeno e fracassado jantar se repetem na minha mente.

Ela está em uma dieta, amor. Não pode comer muito.

Lily sabe que não está no seu peso ideal e está lutando para mudar isso. Ela não se incomoda, não é mesmo, filha?

Como eu consigo não ligar para o que falam sobre mim, mas me importo tanto com tudo que sai da boca de Lauren? A ponto de me tirar o sono! As falas da minha mãe se impregnam na minha cabeça e formam raízes ali, sem conseguirem sair. Uma vez dentro, elas só se multiplicam.

E sempre que ela opina sobre mim, antigas memórias voltam também.

Memórias ruins.

"— Lily! O que é isso? — Lauren me perguntou, e eu apenas a encarei, confusa.

Eu tinha acabado de voltar da casa da minha melhor amiga, Nora Hart, depois de um dia divertido de férias de verão, e sua mãe, Adriana, embrulhou alguns doces que fazia, para eu trazer para casa. No dia seguinte, haveria a famosa feirinha no centro de Millsh, e sua barraquinha brasileira era muito famosa por lá.

— É um brigadeiro, mãe. Eu te disse, a mãe de Nora é brasileira! Ela faz esses docinhos maravilhosos, que parecem bolinhas de chocolate e…

Eu parei minha fala no meio, porque uma das mãos de mamãe estapeou meu brigadeiro, fazendo-o cair perto do pé do sofá.

— Você tem noção de quantas calorias tem isso, garota? Dois desse, e você já vai descer as escadas do colégio rolando! E com certeza, você já comeu mais quando estava fora. Eu te conheço, Lily.

Eu tinha mesmo comido uns três na casa da minha amiga. Dois de chocolate tradicional, e um de surpresa de uva, como eles chamam.

— Mas… é muito bom, mãe. A Nora também comeu vários! — resmunguei, dedurando minha amiga. Se ela podia comer, por que eu não podia?

— Nora tem uma genética boa, querida, e não tem os mesmos objetivos que você. Você quer acabar nessa cidade minúscula, sendo garçonete de um restaurante qualquer? — mamãe disse, me deixando um pouco com medo pelo seu modo de falar. — Não, Lily. Você merece mais do que isso. Merece um marido bonito, que te venere e te dê todo o dinheiro dele. Mas para isso, minha flor, seu corpo tem que ser impecável. Sem nenhuma gordura. Você vai ser bonita quando crescer, Lily, mas todo o resto tem que estar nos trinques também.

O que… o que ele estava dizendo?

Marido? Dinheiro? Corpo impecável?

— Mãe… eu só queria comer o brigadeiro — eu respondi, dando uma olhada no pobre doce jogado no chão.

— Coma uma maçã. "

Nessa época, eu tinha apenas 9 anos e não fazia ideia de que o buraco era ainda mais embaixo. Meu pai, Joe Diggory, ainda estava na jogada, porém ele nunca soube o que mamãe fazia comigo. Ela soltava alguns comentários desconfortáveis perto dele, só que nada comparado ao que falava comigo quando estávamos a sós.

Eu só queria comer um brigadeiro!

Um mísero docinho de chocolate, e fui impedida.

Assim como hoje, que eu estava disposta a terminar o prato de ravioli com sei lá o que. No entanto, Lauren não deixou.

Lauren não me deixou comer o que eu queria.

Lauren não me deixou ficar peluda, como ela mesma disse, e me obrigou a fazer depilação muito nova.

Lauren não deixa que eu vista números de roupa que *ela* não considera ideais e me faz fazer o impossível para isso. Inclusive, mandar as minhas medidas toda semana, para ela ter certeza que eu não extrapolei na comida.

Lauren não deixa… ela não tem que deixar nada! Se eu quiser comer um docinho, eu devia poder!

É com esse pensamento que eu me levanto no meio da madrugada, me esforçando para não fazer barulho e acordar o babaca do Aaron, e vou até a cozinha, mais especificamente, até a geladeira. De lá, eu tiro o bolo de chocolate com nozes e coloco na ilha da cozinha, pegando uma faca de bolo e um prato em seguida.

Foda-se que esse bolo é dele. Ele já tomou a porra do meu suco também, e eu só quero que a Lily de 9 anos seja feliz com seu doce de chocolate.

Na primeira fatia, eu fico feliz de estar fazendo isso. De alguma forma, mesmo que ela não saiba, eu estou mandando um recado para minha mãe.

Na segunda fatia, estou fazendo isso por mim. Porque eu queria comer uma sobremesa.

Na terceira fatia, estou tão fascinada com o bolo e o sabor que explode na minha boca, me trazendo ótimas sensações, que não penso mais em nada.

Quarta fatia. Quinta fatia. Sexta fatia.

A sétima fatia é a última que eu conto. Depois disso, só continuo comendo.

Não paro de comer. O sabor é uma delícia, não tem como parar para respirar, enquanto como essa delicia.

Quando enfim me dou conta do que estou fazendo — do que *eu* fiz —, já é tarde demais.

Eu acabei com o bolo. Terminei. Comi as 28 fatias. Em menos de 20 minutos.

Não, não e não.

O que eu fiz?

Que porra eu fiz? Eu não acredito que fiz essa merda!

Jogo todos os farelos do bolo no lixo, os talheres e o prato vão para a lava-louça, e ligo-a, mesmo sendo de madrugada. Limpo todos os rastros que deixei na cozinha e corro o mais silenciosamente que consigo para minha suíte.

A primeira coisa que faço é ligar o chuveiro. Devem ser quase cinco horas da manhã, porém não quero que Aaron escute nada. Não quero que ele veja o quanto eu sou fraca e patética.

E mais uma vez, repetindo o ritual que já estou cansada de fazer, eu me ajoelho em frente ao vaso sanitário e despejo todo o bolo, que mal digeri, ali dentro.



# 22

## Aaron Yoon

Meu pai não entra em contato comigo há alguns dias, e a última vez que nos falamos, foi na merda daquele jantar desastroso. Conheço Benjamin, eu suponho que ele tenha colocado na cabeça que eu orquestrei toda aquela situação e agi propositalmente.

Como eu iria adivinhar que Lauren é uma babaca?

Tudo bem, eu nunca fui muito com a cara dela, porque acreditava que ela estivesse envolvida no desaparecimento do marido, e quem sabe, no acidente que matou minha mãe. Até pouco tempo, antes de ela revelar a existência da tal cabana, eu acreditava fielmente que ela podia ter sido cúmplice na morte da minha mãe. Ela não gosta de falar do passado e evita quando o assunto vem à tona. Ela podia não estar consciente de quem estava matando, mas com certeza sabia que alguém estava morta pelas suas ações.

*Supostas* ações.

Agora, no entanto, eu não acredito mais nessa teoria. Principalmente depois da última noite em que estivemos juntos, eu pude confirmar com meus próprios olhos que Lauren Diggory — Yoon, foda-se — é apenas mais uma mulher à procura de dinheiro. Ela não tem princípios e muito menos modos, e pude ver isso na forma como ela tratou a filha no jantar.

Emagrecer uns quilinhos? Porra, sério? O corpo de Lily é perfeito! E como eu suspeitei, esse emagrecimento que a mãe está impondo nela, não tem nada a ver com a sua saúde. Por algum motivo doentio, Lauren acredita que Lily precisa perder peso. Para ficar mais bonita? Não sei, porém ela impediu a garota de terminar o prato de ravioli da Cleo, que estava bizarro de saboroso.

É claro que eu não aguentei e precisei intervir. Eu nem tive tempo de pensar, quando percebi, já estava vomitando as palavras em cima da nova esposa do meu pai. E quer saber? Eu não me arrependo nem um pouco.

Na verdade… me arrependo de ter feito isso na frente de Lily. Sem querer, eu tinha dado esperanças para a garota de que poderíamos ter uma relação mais amigável. Contudo, eu não posso ter uma relação dessa forma como ela. Honestamente, quanto mais longe eu ficar dela, melhor. O plano de me aproximar dela e fazê-la revelar os segredos do pai para usarmos algo para encontra-lo? Foi para o ralo. Ela provavelmente só se abriria dessa maneira comigo se ficássemos muito próximos e criássemos uma boa relação. O que não vai acontecer, não quando ela é perigosa. Perigosa para mim, porque não consigo me controlar quando estamos juntos. Tudo que penso é em jogá-la contra uma parede qualquer e reivindicá-la como minha.

O que eu faria, se ela fosse qualquer outra pessoa. Porém, ela não é. Lily Diggory é minha irmã postiça, e eu tenho que lidar com a porra desse fato.

— Aaron, você não está prestando atenção! — Audrey reclama do outro lado da linha do celular, e eu pisco, sem saber o que está acontecendo.

Audrey me ligou para contar alguma coisa que tinha acontecido na escola.

Eu estou em casa, sentado no sofá e pausei o episódio da série de ação que estava assistindo, para falar com minha irmã mais nova.

Porra, como minha mente tinha me levado até Lily?

— Desculpe, Audrey. Eu… eu tive que ir ao banheiro e coloquei a chamada no mudo — digo a primeira coisa que vem na minha cabeça e só depois que processo o que falei, que vejo a estupidez.

— Eca, Aaron! Que nojo! — Audrey reclama, e eu sorrio. — Você já saiu? Já posso continuar contando o que aconteceu?

— Sou todo ouvidos — respondo, focando minha atenção totalmente na minha irmã agora.

Eu não deixaria minha mente fugir desse momento mais uma vez, e ainda por cima, ir parar em Lily.

Não, isso não vai acontecer. Minha irmã é a prioridade.

— Então, como eu estava dizendo… — ela alfineta, me lembrando do que acabei de fazer. — Nosso baile de inverno esse ano será junto do internato só de meninos da cidade próxima! E além disso, nós, que somos do comitê de organização, vamos fazer uma reunião daqui a alguns dias e nos encontrar com os meninos de lá, para decidir como isso vai acontecer.

— Espera. Um baile… com garotos? — Ainda bem que ela não está me vendo, porque iria reclamar da careta que foi se formando no meu rosto enquanto ela falava.

— Aaron, eu tenho 14 anos, não 11. Todas as minhas amigas já beijaram, sabia? — Eu não quero nem imaginar minha irmã mais nova em um baile cercado por garotos, imagina beijá-los. Acho que eu vou vomitar. — *De língua* — ela completa, e eu tenho certeza que vou jogar tudo que comi hoje para fora.

— Por mim, você fica celibatária para sempre.

— Uma pena que você não manda na minha vida, irmãozinho — ela debocha, e eu bufo. Se ela morasse comigo, ela poderia ter certeza que só sairia de casa aos 30.

Ou nunca.

Não gosto nem de imaginar minha irmã namorando… *não.* Não vou pensar nisso.

— Audrey… — falo seu nome em tom de aviso e ouço sua risada. Ela acha que é uma brincadeira!

— Relaxa, Aaron. Não estou pensando em garotos nesse momento. — Acredito nas palavras dela porque não costumamos mentir um para o outro e relaxo um pouco. — Eu contei tudo isso, porque queria saber se você pode autorizar minha saída no próximo fim de semana. As meninas e eu vamos até o centro da cidade ver vestidos.

— Claro que sim, Audrey. Vou enviar um e-mail para a diretora. — Fingindo ser meu pai, como eu faço há algum tempo.

Em e-mails assim é mais fácil de me passar por ele. Quando acontece algum passeio com a escola, no entanto, é mais difícil, porque precisa da assinatura dele, para ser escaneada, ou mandar o documento por fax.

— Obrigada, Aaron! Você é o melhor do mundo. — Não que ela tenha outros irmãos para comparar, mesmo assim, meu coração bate mais forte quando Audrey diz esse tipo de coisa. Eu faço tudo ao meu alcance para dar a melhor vida para minha irmã, e quando ela fala frases assim, eu fico muito, muito feliz. — Ah… Aaron? Posso te perguntar uma coisa?

— Óbvio, Audrey. Qualquer coisa.

— Eu sei que está longe, mas… mas eu posso ir passar o Seollal com você? Aí nos Estados Unidos?

Merda.

Seollal é um dos feriados mais importantes da Coreia do Sul, que celebra o Ano Novo no calendário lunar. É uma grande festa para as famílias coreanas, e quando mamãe ainda estava aqui, sempre comemorávamos todos juntos. Toda a família se reúne na casa do membro mais velho, porém como era somente a gente, ficávamos em casa mesmo, mas não deixava de ser superdivertido. Todos — até mesmo Benjamin — usávamos a roupa tradicional coreana, o Hanbok, e até mesmo preparávamos os pratos durante o jantar de acordo com as regras. Terminávamos a noite jogando vários jogos, e nosso preferido, meu e de Audrey, era Yuchnol-i.

Desde que mamãe se foi, nunca mais comemoramos juntos.

Audrey e eu sempre fazemos chamadas de vídeos, ainda assim, não é a mesma coisa.

E todos os anos, ela pede para passarmos juntos.

— Estou te avisando com antecedência para você pensar com carinho — ela completa, quando eu fico alguns instantes sem dizer nada.

Realmente, o Ano Novo Lunar só aconteceria dia 16 de fevereiro, então, temos bastante tempo.

— Eu… eu vou pensar, Audrey. É o máximo que posso fazer por agora.

Ela suspira do outro lado da linha, porque sabe que isso não vai ser possível. Eu não quero que minha irmã volte para os Estados Unidos, não com Benjamin com tantos inimigos assim. Poucos sabem da existência dela, e alguns acreditam que ela morreu no acidente também. É melhor que continue dessa forma. Ela está segura assim.

Estou prestes a dar uma nova ideia do que fazer em fevereiro para Audrey, quando a porta do apartamento se abre, e Lily aparece. Ela está com um conjunto preto de legging e top, entretanto tem o detalhe do tênis cor de rosa neon e o elástico de cabelo da mesma cor no pulso.

Lily sem rosa? Impossível.

Ela saiu para correr mais cedo, e eu aproveitei o silêncio da casa para colocar um episódio da série em dia. E quando Audrey me ligou, eu achei que ainda faltava bastante tempo para ela voltar. Talvez realmente estivesse faltando, mas fui levado pelo papo com a minha irmã e não reparei o tempo passar.

Ela percebe que estou em uma ligação e, para minha surpresa, não faz nenhuma gracinha para me atrapalhar. Tira seus tênis no hall de entrada, pendura seu casaco no cabideiro e faz o pequeno percurso até a cozinha, provavelmente para tomar seu suco verde.

— Podemos nos falar depois? — digo para minha irmã, e ela suspira.

— Posso te ligar amanhã à noite? Vou estudar para uma prova de História e tenho que ler os capítulos novos do livro daquela autora do Wattpad que te contei.

— Claro, tudo bem — estou respondendo minha irmã, porém minha atenção está toda em Lily, que sentou em uma das banquetas da ilha da cozinha para tomar sua gororoba verde e mantém os olhos em mim. — Até amanhã, Audrey.

Ah, merda.

Não podia ter dito o nome dela!

Calma, Aaron. Tudo sob controle. Ela não faz ideia com quem você está falando e nem da existência da sua irmã.

Sim, verdade. Audrey é um mistério para todos, e eu duvido que ela saiba algo sobre minha irmã, de qualquer forma. Isso, claro, se ela não estiver envolvida no assassinato. O que eu não acho que esteja, nessa altura do campeonato.

— Amo você, Aaron — ela fala e espera eu dizer também, para poder desligar a chamada.

Já sei a furada em que vou me meter depois dessa.

— Também te amo — digo o mais rápido que consigo e encerro a ligação.

Jogo meu celular no sofá e quando volto a olhar para Lily, ela já terminou seu suco e está me observando, com as sobrancelhas erguidas.

— O que foi? — pergunto de uma vez, porque sei que ela está se corroendo para falar algo.

— Audrey, huh? — diz, parecendo… se divertir. — E você a ama… uau! Eu tinha baixado as expectativas depois da sua grosseria após o jantar, mas parece que Aaron Yoon tem mesmo um coração. E só uma pessoa o possui, não é?

— Você me obriga a ser grosso, Lily — falo, com um sorriso falso nos lábios. — Isso não é da sua conta.

— Kiara sabe que você ama essa Audrey? — ela questiona, e eu não entendo de onde isso está vindo, até que as pecinhas se encaixam.

Lily realmente ainda acredita que eu tenho alguma coisa com Kiara.

Não consigo me conter e solto uma risada, já pensando em como vai ser quando eu contar isso para a minha amiga.

— Ela sabe — respondo, sem rodeios. Meus amigos são as únicas pessoas que sabem da existência dela atualmente.

— Não é ciumenta — ela fala, como um elogio, e eu desvio os olhos durante alguns instantes para sorrir sem que seja ainda mais perceptível. — E quem é Audrey? A menina da boate?

Céus… ela acha que Audrey é... puta que pariu!

— Não te interessa, Lily — digo, firme.

— Espera… com quantas pessoas você trai a Kiara? — Porra, ela continua insistindo nessa merda de que eu estou envolvido com a minha melhor amiga. Que é lésbica. — Eu sabia que você não tinha caráter, Aaron, mas não imaginava que fosse tanto assim.

— Aonde você quer chegar com esse papo, Lily?

— Eu… eu não quero chegar em lugar nenhum. Só queria apontar o quão podre você é!

— Mais uma vez, não que isso seja da sua conta, mas Kiara e eu não namoramos — confesso de uma vez.

— Não?

— Não.

— Mas você ama essa tal de Audrey — ela pontua, e eu bufo, já começando a me irritar.

Me levanto do sofá e sou rápido com os passos. Em segundos, estou na frente dela. Ela recua até que as costas batam na bancada atrás de si. Perfeito. Nem precisei me esforçar, ela se encurralou sozinha.

— Qual foi a das mil perguntas, Lily? Por que quer tanto saber quem é Audrey? — Nossos rostos estão tão próximos, que tenho certeza que ela sente meu bafo de café bater em seu rosto. — Está com ciúmes?

— *O que?* Claro que não! Por que eu teria ciúmes de *você*? Você não passa do meu… meu irmão postiço!

— Não acho que irmãos se olham como você olha para mim quando não estou vendo, Lily — provoco, lembrando de alguns momentos em que já a peguei me encarando quando saí do banho e fui buscar algo na cozinha, apenas de toalha. — Quando vai admitir que está sim, com ciúmes, porque se sente atraída por mim?

Por um breve momento, eu a deixo sem palavras. Sua boca abre e fecha, porém nada sai. Suas írises azuis continuam fixas nas minhas, e percebo seu peito subir e descer.

Ela está nervosa.

— Não acho que você esteja agitada assim por causa da sua corrida matinal — continuo provocando-a e umedeço meus lábios, atraindo a atenção dela para eles. — Olhos aqui em cima, *irmãzinha* — digo, erguendo-a pelo queixo com meu indicador.

É assim que a magia acaba.

Lily usa as duas mãos para me empurrar para longe dela e se afasta, caminhando até o corredor que leva para o seu quarto.

— VOCÊ É UM BABACA! — grita, antes de entrar no seu cômodo preferido do apartamento e bater a porta com força.

Eu me sinto atraído por Lily Diggory e gostaria que ela admitisse que sente o mesmo por mim. Pode ser um pouco doentio querer isso, levando em conta o fato de sermos meio que irmãos? Talvez. Por outro lado… nós nem temos ligação sanguínea.

Não é tão errado assim, não é?



Uísque. Vinhos. Champanhe. Muito da melhor pizza da cidade. Meus amigos.

Tem combinação melhor do que essa?

Não, não tem.

A Lust não abriu as portas essa noite, Kiara não tinha nenhum jogo e não havia festas para Cameron vender sua mercadoria. Ou seja, estávamos todos juntos no escritório da minha amiga comendo, bebendo e jogando conversa fora.

Kie nos contou que a noite em que a Drunk Pope tocou na boate foi um sucesso tão grande — teve uma demanda de público ainda maior, já que várias pessoas de outras cidades quiseram ingresso —, que ela está começando a considerar trazer mais atrações para fazerem shows na boate. Nesse início, ela quer seguir nessa pegada rock suave, pop rock e talvez um pouco de rap. Se continuar trazendo lucro, ela pensa em trazer artistas de todos os gêneros musicais para atrair públicos diferentes. — Eu não tenho dinheiro para isso, Cameron, pelo amor de Deus! — Kiara diz pela centésima vez para nosso amigo, e eu abro um sorrio, observando a discussão deles.

Cameron já está bêbado, e Kie está um pouco alterada. O único motivo de ele estar falando ainda mais asneiras que normalmente, e de ela estar dando ouvidos para ele.

— Você não quer ver seu melhor amigo feliz? — ele pergunta, levando a mão ao peito, de forma indignada.

A primeira resposta da nossa amiga é revirar os olhos e terminar sua taça de vinho rosé de uma vez só.

A segunda é:

— Você só pode ser imbecil por acreditar mesmo que voltar com Stella Mars vai te deixar feliz.

Ah, aí está. O que eu queria falar para ele há um tempo, mas preferi deixá-lo viver na própria fantasia. Ele tem idade suficiente para entender a merda que tinha passado com a garota e os motivos pelos quais não deveria voltar a namorar com ela.

— Eu sou um imbecil apaixonado então, Kiara! — Cam fala, abrindo um largo sorriso no rosto e levantando os braços.

Em uma das mãos, ele está com uma taça de champanhe que, obviamente, respinga um pouco no estofado do sofá onde está, quando ele faz o movimento brusco.

— Não suja meu sofá, Cameron! — Kiara briga, fuzilando-o com os olhos.

— Acho melhor você sentar no chão — sugiro, finalmente dizendo algo nessa conversa. — Na parte em que não há tapete, Cam.

Essa pequena discussão deles tinha começado quando Cameron deu a brilhante ideia — depois de várias taças de champanhe, vinho e alguns copos de uísque — de convidar Taylor Swift para cantar na Lust, a fim de impressionar Stella. É claro que isso não aconteceria. Ela é muito famosa para tocar em uma pequena boate na cidade de Schönilla, porém ele está convicto de que, com a quantia certa de dinheiro, oferecida por Kiara, a artista toparia.

Tudo desandou depois daí. Cam tentando argumentar todas as razões — nada plausíveis — pelas quais Taylor Swift aceitaria fazer um show aqui, e Kie, já depois de algumas bebidas, contra argumentando com ele.

Eu agradecia mentalmente que isso não aconteceria. Imagina só ter que ouvir Lily Diggory cantando as músicas da sua artista favorita com sua voz *nada* afinada?

Não. Eu passo!

— Gente — chamo, em uma tentativa de terminar essa porra de discussão que não vai levar a lugar nenhum. — Acreditam que Lily acha que Audrey é minha namorada? E Kiara também?

Eu tenho a reação que esperava. Kie arregala os olhos e até mesmo apoia a taça na mesinha de canto, ao lado da sua poltrona, e Cam, cospe um pouco de bebida, tendo um episódio de tosse logo depois.

— Que porra é essa, cara? — ele pergunta, quando se recupera.

— Ela me ouviu falando com Audrey no celular e deduziu que ela é minha namorada. Até mesmo perguntou se era a garota da boate daquela vez. — Dou uma pausa para ver se eles se lembram do que contei há alguns dias, de Lily me pegando no meio do boquete em uma das salas daqui de cima. Não faço ideia de como ela conseguiu chegar aqui em cima, entretanto isso não já é mais importante.

— Não acredito! — Kie diz, soltando uma risada em seguida.

— Não contei a melhor parte… — Faço um suspense, e os dois fazem gestos para eu continuar falando. — Ela ainda está com essa ideia na cabeça de que Kiara e eu namoramos. E… talvez eu não tenha desmentido totalmente essa história.

— Você *o que*? — Kiara pergunta, desencostando suas costas da poltrona e apoiando as mãos no joelho, com os olhos em mim.

— Ah, cara, isso tá ficando muito bom! — Cameron comenta de algum dos cantos, porém estou focado na nossa amiga agora, não nele.

— Eu disse que não *namoramos*, Kie — respondo, e ela parece ficar mais tranquila. — Mas… mas não anulei que podemos ter algo.

— Aaron! — ela resmunga e respira fundo, provavelmente se controlando para não me bater. Ela pondera um pouco, antes de continuar a falar. — Você quer que ela sinta ciúmes de você? Por isso esse show todo, fingindo que temos alguma coisa?

Não me surpreendo que Kiara tenha entendido o que estou querendo fazer. Ela sempre foi a mais esperta entre nós três.

— Talvez — confesso. Não tenho nada para esconder deles.

— Ela não é tipo… sua irmã? — Cam questiona, deixando a taça vazia em uma das mesinhas de canto da sala de Kiara e voltando a se sentar no sofá. — Isso não é errado?

— Não temos laços sanguíneos.

— Mas a mãe dela é sua madrasta agora — Kie pontua, e eu reviro os olhos.

— E daí?

— Você gosta disso, não é? — Kiara me pergunta, passando a língua nos lábios pintados de vermelho sangue. — De ser proibido. Do desafio, porque ela te odeia. De poderem ser pegos a qualquer momento pelos pais de vocês e a adrenalina que isso traz.

Como eu disse, Kiara Lust é a mais inteligente de nós três.

— Mas você não vai tentar algo com ela. *Ainda* não — ela continua, e eu sorrio. Kie sabe do que está falando. — Você quer que ela venha até você. Por isso está tentando fazer ciúmes nela. Quer que ela chegue em seus limites de desejo e corra até seu quarto quando isso acontecer.

— Eu acho que me perdi — Cameron fala, e arrisco uma olhada rápida nele, que parece genuinamente confuso depois de tanto álcool. — O que a pequena Audrey tem a ver com tudo isso?

Hora da noite de ignorar nosso amigo. Depois de ingerir tantas bebidas alcoólicas, ele já está começando a se perder nos próprios pensamentos e não falar coisa com coisa.

— Exatamente, Kie — respondo minha amiga, voltando a encara-la. — Se Lily Diggory me quer, ela que venha até mim.



# 23

## Lily Diggory

Essa rotina de acordar cedo para correr, ir para academia e ainda ter treino das líderes de torcida no fim da tarde está me matando. Isso porque nesse espaço de tempo, eu ainda passo o dia todo na faculdade, nas aulas ou estudando na biblioteca. Quando eu chego em casa no fim de tudo, eu estou só o pó.

E hoje não seria diferente.

Nós não tivemos treino anteontem — algum dos filhos da nossa treinadora ficou doente, e ela precisou tirar o dia de folga para cuidar dele —, e por isso, praticamos o dobro hoje.

Nossas apresentações nos jogos estão sendo ótimas e super bem comentadas. Inclusive, eu, Stella e a outra nova integrante da equipe tínhamos sido muito elogiadas pela nossa performance. Nem parece que é nosso primeiro ano no time da SU!

No entanto, apesar de tudo estar indo muito bem, nossa treinadora quer mais. Ela sugeriu que nós participássemos do campeonato de líderes de torcida esse ano, por estarmos indo incrivelmente bem. Como o time de basquete da faculdade não é lá essas coisas, nós acabamos não conseguindo brilhar tanto assim, e por isso, precisamos de outra alternativa. Então agora, além da rotina que performamos nos jogos, estamos criando outras para o primeiro campeonato, que acontecerá no próximo mês.

A primeira novidade é que estamos tentando fazer um *stunt* com menos bases. Para isso, todas as meninas que têm essa posição, receberam uma nova sequência na academia para fortalecer ainda mais os músculos. Um dos nossos diferenciais do time, é que não há homens na equipe, e assim, são as garotas que realizam esse papel.

Girl power, não é?

Não.

Precisamos de homens na equipe. Ainda mais agora, que estamos querendo participar de competições fora dos jogos de basquete. Necessitamos fortalecer ainda mais nossa equipe, se quisermos ter pelo menos a chance de termos uma boa colocação. A maioria das universidades que participa já está há anos nessa, e para a Universidade de Schönilla, é a primeira vez.

Iremos abrir testes para homens na próxima semana, e enquanto isso, estamos montando uma nova rotina. Sempre achei meu papel como flyer muito difícil, mas agora… tudo parece estar sendo mil vezes pior. O tanto de *basket* que eu fiz no treino de hoje, já foi suficiente para três semanas, e olha que eu adoro fazer esse movimento! Ser arremessada para o alto e ficar alguns segundos flutuando no ar… é uma sensação única.

Contudo, não quando você faz isso trinta vezes em algumas horas!

Quando finalmente chego no meu apartamento, eu estou exausta. Empurro a porta depois de destrancá-la, já pensando na ducha gelada que vou tomar — depois de suar tanto, eu só consigo pensar nisso — e depois, ter uma noite relaxante na banheira com os sais de banho de lavanda e camomila. Acender uma velinha aromática para ajudar na vibe do ambiente e estou até pensando em roubar uma das garrafas de vinho de Aaron.

Falando no estrupício, ele está na cozinha quando adentro um pouco mais nossa casa, sentado em uma das banquetas e mexendo no celular. Uma cena comum, que passaria despercebida, se ele não estivesse sem camisa.

Puta que pariu! Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes flagrei esse garoto seminu aqui.

— Quando você mora com outra pessoa — começo a falar, largando minha bolsa da faculdade em cima da bancada —, você não anda mais com poucas roupas. É o mínimo, sabe? É respeitoso.

— Você já deveria saber que eu não sou nada respeitoso, Lily — é o que o babaca responde, e sinceramente, não sei como esperava algo diferente. — Pode começar a andar seminua se quiser também.

Argh! É claro que ele diria algo assim!

— Se preferir nua, não vou me opor — ele continua, e eu sinto vontade de estapeá-lo.

Ou dar para ele.

*O que?* De onde tinha vindo esse pensamento?

Eu preciso transar. Me masturbar. Qualquer coisa. Com certeza é tesão acumulado.

— Nos seus sonhos — digo, sorrindo falsamente para ele.

Retiro uma garrafinha de água sem gás da geladeira e quando vou passar atrás dele, para ir para o meu quarto e tomar meu desejado banho, sou impedida por uma mão no meu pulso. Aaron me segura, mas não com força para me machucar, porém, o suficiente para me fazer parar e virar de frente para ele. Assim que faço isso, ele me puxa até que nossos corpos se encontrem.

— Nos meus sonhos, Lily, você faz muito mais do que somente ficar nua — ele diz, fazendo um carinho no meu pulso com o polegar, e a outra mão, ele leva até minha nuca.

— Você… você é um pervertido!

— E você também, meu amor — ele sopra, movendo sua mão até que ela fique na frente da minha garganta, apertando de leve.

Eu arfo, involuntariamente, do jeito que o babaca armou para que acontecesse.

— Viu? Você também não consegue resistir a mim.

*Também?* Isso quer dizer que ele não consegue resistir a mim?

— Aaron… seja lá o que você está pensando, não podemos — tiro forças para falar, e o babaca sorri.

Eu podia negar o quanto quisesse para ele, porém está mais que claro para mim que eu o desejo. Não tenho como fingir que não, se quando ele me toca, e eu já fico molhada.

Tesão acumulado, Lily.

É, acho que não é só isso.

— Fazer o que? — ele pergunta, se divertindo.

A mão que está no meu pescoço, permanece, só que a outra, que estava no meu pulso, se move para minha cintura.

Porra, se ele tem essa pegada, e nem beijamos...

*Não.* Não posso deixar minha mente ir por esse caminho.

— Você sabe *o que*.

Se ele não vai dizer, eu também não.

— E por que não?

— Você… você tem alguma coisa com Kiara — é o máximo que consigo dizer. Não completo dizendo que não quero, não *posso,* na verdade, competir com alguém tão bonita e dona de si como ela. — E com a menina da boate — *ou seja lá quem essa tal de Audrey seja*. Ele a ama, caramba! E está flertando comigo!

— Esse é o único motivo? — Aaron questiona, e sua mão sobe um pouco. Ele passa o polegar sobre meu lábio inferior, e eu controlo o impulso de chupar seu dedo. — Não vai dizer nada sobre nossos pais estarem casados e sermos quase irmãos?

Eu… eu tinha esquecido totalmente disso!

Meu Deus… eu quero transar com meu irmão postiço. Eu… eu sou nojenta! Eu me afasto dele, dando alguns passos para trás, meio perdida.

— Eu… eu vou tomar um banho.

*Sério, Lily?* É o melhor que você consegue?

— Se quiser continuar isso, sabe onde me encontrar — Aaron diz, piscando um dos olhos para mim, e eu faço uma das coisas mais patéticas da minha vida.

Eu viro de costas e corro para o meu quarto, indo direto para o meu banheiro e trancando a porta

Corro para longe dele.

Nem posso confirmar a razão exata pela qual fiz isso, mas fiz. Talvez no momento eu estivesse sentindo que, se eu não tivesse corrido, acabaria pulando em cima de Aaron, e o pau dele entraria em mim acidentalmente? Era uma opção.

Deus, eu preciso de um banho. Talvez a água leve toda minha estupidez para longe.

Tiro toda minha roupa e primeiro, tomo uma ducha rápida. Lavo todo meu corpo com o sabonete de maçã verde — uma das minhas melhores aquisições essa semana —, esfrego minha cabeça com o shampoo duas vezes e por fim, coloco uma máscara hidratante de coco. No meio de todo esse processo, eu já tinha ligado a torneira da banheira, e quando saio para procurar uma touca de cabelo, ela já está quase cheia.

Despejo os sais de banho de lavanda e camomila na água, e em poucos segundos, a espuma começa a se formar. Em seguida, acendo a vela de lavanda e baunilha que fica no banheiro e apago as luzes.

Meu jeito preferido de terminar um dia cansativo.

Finalmente, entro no meu paraíso, deixando todo meu corpo, até a clavícula, submerso, aproveitando a água morna e o cheiro docinho subindo pelos ares. Para completar toda a vibe do ambiente, coloco uma música lenta para tocar no meu celular.

Ainda melhor, né? Não.

Porque eu começo a sentir que a playlist aleatória de músicas calmas parece mais uma playlist de sexo. Aquele sexo bem devagar, que você e seu parceiro aproveitam cada segundo, gozando só no final do ato, que demora muito. Mas não de uma forma ruim, de uma forma que você explora todo o corpo da outra pessoa e aprende as maneiras de seduzi-la, e provocá-la, até fazê-la chegar ao limite.

Digo para mim mesma que o motivo da minha mão escorregar até minha boceta por debaixo d'água, é por esse motivo. E não porque eu estou pingando de tesão há alguns minutos por Aaron Yoon.

O cara que é tipo meu irmão.

Meu Deus, eu vou para o inferno!

Levo minha outra mão até um dos meus peitos e brinco com ele, beliscando na força exata para não machucar muito, porém, me deixar ainda mais excitada. Minha mente traiçoeira me traz a imagem de Aaron praticamente em cima de mim no carro, antes do jantar, e eu imagino que estamos naquele momento de novo.

Já vou para o inferno mesmo, é melhor aproveitar.

Nessa versão, ele tira minha roupa e me deixa nua no banco traseiro do carro, com apenas uma janela nos separando do motorista.

Adrenalina. A qualquer momento o homem pode abaixar a janela e ver a posição comprometedora em que estamos. Uma posição que irmãos não deveriam fazer juntos.

Na minha imaginação, Aaron está sem camisa, e uma de suas mãos vai até o meu seio, fazendo a mesma coisa que eu estava fazendo antes. Ele belisca a aréola devagar, da maneira que eu tanto gosto, e poucos sabem fazer. Eu sinto dor, mas aquela boa, que a gente gosta. Sua outra mão vai até minha boceta, totalmente melada por ele.

— Viu, meu amor? Eu disse que você também se sentia atraída por mim. Sua boceta pingando, te entrega — ele sussurra no meu ouvido, e eu deixo um gemido alto escapar.

É claro que ele seria do tipo que fala sujo no ouvido no meio do sexo. Aaron Yoon é o pacote completo.

Ele é um provocador, então, não enfia seus dedos em mim de uma vez. Não, Aaron leva a boca para um dos meus peitos e estimula o outro com a mão. Lá embaixo, ele brinca com a minha entrada e pressiona meu clitóris, beliscando-o e me arrancando um grito de prazer.

— ISSO! Assim mesmo — murmuro, aproveitando cada momento disso.

— Você quer meus dedos dentro de você, Lily? — Aaron me pergunta, e eu aceno com a cabeça. Tudo que eu mais quero agora, é isso. — Precisa dizer as palavras.

— Por favor, Aaron, me fode com seus dedos.

E ele faz isso.

No instante seguinte, dois dos seus dedos me invadem, e eu engulo-os com minhas paredes vaginais. Ele tira a boca dos meus peitos, como se fosse se concentrar 100% em outra tarefa agora. Ele faz isso. Seus dedos começam a se movimentar dentro de mim, e eu gemo tão alto, que não tem como o motorista do carro não ter ouvido. Aaron sabe exatamente o que está fazendo, e eu gosto disso.

Ele adiciona mais um dedo e volta a estimular meu clitóris. Eu estou quase, *quase* lá.

— Grite meu nome quando gozar, sim? Quero que todos ouçam você gozando nos dedos do seu meio-irmão.

Eu deveria ficar ainda mais excitada ouvindo esse tipo de coisa? Com certeza não, porém meu corpo não entende isso.

Aaron continua movimentando seus dedos dentro de mim, indo o mais fundo que consegue, e seu dedão continua massageando meu ponto sensível. Eu sinto que posso gozar a qualquer momento, mas… mas está faltando algo.

Parecendo saber o que estou pensando, ele faz aquilo que é o estopim para mim: ele estapeia minha boceta, e no mesmo momento, eu chego no meu ápice. Meu corpo inteiro relaxa, e eu grito seu nome para que todos saibam que ele me fez gozar tão intensamente assim.

Eu demoro alguns bons minutos para voltar a abrir os olhos, me recuperando do orgasmo que acabei de ter.

E quando finalmente faço, me arrependo.

Não estou no carro com Aaron em cima de mim, me fazendo gozar em seus dedos. Estou no meu apartamento — *nosso* —, no meu quarto e mais especificamente, na minha banheira.

Merda. Eu tinha acabado de ter uma sessão de masturbação pensando no meu irmão postiço. Eu estou completamente louca! Doida. Maluca.

Mesmo eu me dando prazer regularmente, faz muito tempo que eu não gozava tão forte assim. E tudo porque estava com ele na minha cabeça quando aconteceu.

Deus! Eu, com certeza iria para o inferno agora.



Banho relaxante (até demais), ok.

Hidratação no cabelo, ok.

Máscara facial de argila verde, ok.

Vela aromatizadora de canela e maçã acesa, apenas a luz do abajur na mesinha de cabeceira e a da luminária de led na escrivaninha ligadas, e uma garrafa de água gelada no porta-copo ao meu lado. Tudo perfeito enquanto eu faço um dos trabalhos de Ciência da Cor e Tecnologia do Tecido. Por causa da rotina intensa dos treinos nessa semana, eu acabei deixando essa tarefa ser procrastinada e agora, preciso correr atrás do prejuízo. Por mais que a data de entrega seja somente daqui a dois dias, eu quero agilizar o máximo que consigo hoje, para amanhã, somente ajustar os últimos detalhes.

E depois de quase duas horas sentada na frente do computador, eu já estou exausta. É claro que não só por estar estudando, eu tenho que somar o treino em dobro de hoje também. Tudo que eu mais quero é me jogar na cama e dormir durante três dias. Sem Aaron em casa, de preferência. Vê-lo sem camisa, desfilando pela casa… não.

É demais para mim

Porra. Com tanta gente em Schönilla, eu tinha que estar atraída logo por ele? Por Aaron Yoon? O filho do novo marido da minha mãe?

Eu estou tão, tão fodida.

Eu estou a um passo de bater minha cabeça na parede, para ver se eu tomo um rumo na vida, quando ouço meu celular tocar. Procuro o aparelho por todo quarto, até encontrá-lo carregando na mesinha de cabeceira ao lado da cama. Quando o pego, vejo que é uma chamada de vídeo de Nora Hart, minha melhor amiga.

— Oi, amiga! — cumprimento, assim que o rosto dela aparece na tela. — Uau! Você está linda, Nora!

Nora está com os cabelos ruivos, um pouco mais longos que o habitual, presos em um rabo de cavalo, e a franja perfeitamente modelada. Seu suéter lilás combina com a sombra quase da mesma cor, e tenho certeza que foi Allie que fez sua maquiagem.

— Oi, Lily! Como você está? — minha amiga pergunta, com um sorriso estampado em seu rosto.

— Cansada, mas bem. E você? Alguma novidade?

— Na verdade… sim — ela revela, e eu até me ajeito na cama, onde me sentei depois de atender a ligação. — Eu descobri que se pode publicar livros digitais na plataforma da Amazon de graça. Acredita? Eu não fazia ideia! E… e eu vou publicar um dos meus livros do Wattpad lá.

— O QUE? — não consigo controlar minha animação e grito, fazendo Nora se assustar. Ops. — Amiga, eu não acredito! Que incrível! Esse é seu sonho, e eu… eu estou tão, tão feliz por você!

— Obrigada, Lily — Nora diz, e seus olhinhos brilham de felicidade. Há anos minha melhor amiga escreve livros, recontos de histórias de conto de fadas sáficos, no Wattpad, e seu maior sonho sempre foi publicá-los. Meu coração está pulando de alegria por ela! — O primeiro vai ser o da Cinderela, e por isso, eu estou reescrevendo algumas partes, revisando outras e mandando para Alexia. Ela está… *betando* minha história de novo, sabe? É quando alguém lê o que você escreve e vai opinando, para te ajudar a melhorar algumas partes.

Nora podia me explicar esses termos literários várias vezes, e eu nunca entenderia. Eu leio alguns livros de vez em quando, claro, porém não sou antenada nesse mundo como ela.

— Amiga… você não tem noção da minha felicidade! — Eu não sei mais o que falar, sem ser isso. Tudo que eu mais queria era estar ao lado dela nesse momento.

— Imagina a minha! — Seu sorriso é contagiante. Minhas bochechas já estão doendo de tanto sorrir, só que não consigo parar. — Não é como se eu tivesse assinado um contrato com alguma editora grande, mas… mas é um começo, certo?

— É apenas o começo, Nora. Eu sinto que assim que essas editoras verem quão boa você é e perceberam seu potencial, vai ter uma fila delas na sua porta.

Ela ri, entretanto mal sabe que é verdade. Não é por ela ser minha melhor amiga, mas Nora Hart tem muito talento. Ela respira palavras, e isso é lindo de se ver.

— Ah! — ela fala, de repente, parecendo se lembrar de algo. — Eu queria saber se você topa fazer uma nova capa para o livro? Eu vou te pagar, claro e…

— Nora. Você não vai me pagar nada — eu a interrompo, e ela me olha feio do outro lado do celular.

— É claro que vou! É seu trabalho!

— Não, não é, amiga. Se você me pedisse para confeccionar alguma roupa e quisesse pagar, eu não te impediria. Mas fazer sua capa é um… um presente de aniversário. De Natal. Ou apenas um presente por ter você como melhor amiga.

— Lily… — ela tenta mais uma vez, porém eu nego com a cabeça.

— Nem vem! Depois você me passa suas ideias do que imagina para essa nova capa, e trabalhamos nela juntas — respondo, piscando um dos olhos para ela.

— Tá bom, tá bom — ela se dá por vencida, e eu sorrio, triunfante. — Mas me conta… como estão as coisas aí? Alguma novidade?

Esse é o momento de contar que eu estou pensando em transar com meu meio-irmão?

— Eu estou na equipe da montagem e planejamento do desfile dos alunos do último semestre — conto, achando essa uma opção mais segura do que a anterior.

— Uau, Lily! Isso é incrível! E você está gostando?

Em alguns minutos, eu conto o que aconteceu nas últimas reuniões do desfile e o que estamos planejando para o grande dia. Nós estamos na etapa de conseguir alguns estudantes que topem desfilar as roupas confeccionadas pelos formandos de Moda e disponibilizamos uma ficha de inscrição nas redes sociais do departamento de Artes da SU. A organização está devagar, mas é assim que atingiremos o sucesso.

— E eu estava terminando um trabalho para o fim da semana, quando você me ligou — concluo.

— Que rotina pesada, Lily. Já estou cansada por você! — Nora fala, e nós rimos. Eu estava acostumada a ter dias muito mais tranquilos durante o colégio, então entendo a surpresa dela. — E morar com Aaron? Como isso está indo? Ele continua um babaca?

Ele continua um dos maiores babacas que já pisou na terra, amiga, só que a diferença agora, é que ele é um babaca em quem eu quero sentar.

— Ele não fica muito em casa, então… está indo bem, na medida do possível. — Não exatamente uma mentira, porém bem longe da verdade.

— Você está estranha — ela constata, e não me surpreendo, porque ela é minha melhor amiga desde que eu me entendo como pessoa. É claro que ela perceberia. — Tem certeza que está tudo bem? Você pode me contar, Lily.

— Está tudo bem, amiga, sério. Eu só… só estou muito cansada. Só isso — respondo, só que ela não parece se convencer muito.

Está tudo bem mesmo.

Tirando, claro, o fato de que Aaron e eu estamos, cada vez mais, nos envolvendo em um jogo perigoso de sedução.



# Aaron Yoon

Mesmo fazendo isso há anos, trabalhar com Benjamin Yoon não se tornava mais fácil com o tempo. Eu já estou acostumado a todo tipo de serviço, reunião com pessoas importantes e até mesmo familiarizado com a arrogância dos clientes deles. No entanto, nada disso *nunca* seria normal para mim, ainda que eu já fizesse parte desse mundo desde que nasci. Adele Yoon fez um ótimo trabalho evitando que Audrey e eu víssemos o máximo possível, mas há coisas inevitáveis.

Por muito tempo, eu acreditei na minha mãe quando ela dizia que meu pai era um homem importante e tinha um trabalho importante, supersecreto, que nós saberíamos quando fosse o momento certo.

*O momento certo*, para mim, foi quando tinha 9 anos. Como minha irmã ainda era pequena, ela demandava mais atenção do que eu, e por isso, eu conseguia escapar da babá algumas vezes e vagar solitário pela enorme mansão em que morávamos. Mamãe não gostava que eu fizesse isso, porém eu gostava de explorar. Eu me sentia em um enorme museu. E, às vezes, eu conseguia convencê-la a ir comigo. Havia algumas salas em que eu não era bem-vindo na minha própria casa, e para uma criança de quase 10 anos, isso era irado.

O que tinha de especial lá que eu não podia ver? Era perigoso? Algum dragão escondido?

Tudo se passava na minha cabeça na época, e eu estava com sede de descobrimento. Precisava ver com meus próprios olhos o que acontecia nesses cômodos.

O primeiro que tentei abrir a porta e consegui, foi o escritório do meu pai, e não encontrei nada interessante por lá. Móveis de madeira antigos, cadeiras de couro e nenhum porta-retrato da família. Tudo normal. Eu não entendi porque ali era proibido para mim, entretanto, deixei para lá.

Estava na hora de explorar o próximo local, que ficava do outro lado da mansão. Bem longe dos nossos quartos. Desci as escadas até o primeiro andar e fui até a porta ao lado da entrada da cozinha, que levava ao subsolo da casa. Ao nosso porão. Eu já tinha ido a uma festa de aniversário de um colega da escola — uma das poucas que minha mãe convenceu meu pai a me deixar a ir —, e ele tinha uma sala de brinquedos nesse cômodo da sua própria casa.

E se meus pais tivessem algo parecido lá embaixo também?

A curiosidade estava me matando, e eu queria ver com meus olhos o que havia lá.

Abri a porta com cuidado, porque já conseguia ouvir vozes vindo lá de baixo, e lentamente, eu fui descendo degrau por degrau, até chegar em algum onde eu conseguisse ver o que estava rolando pelas frestas do corrimão.

Eu soube, no momento exato em que entendi o que estava acontecendo, que não devia ter ido até lá.

Meu pai foi a primeira pessoa que eu vi. Ele estava de costas para mim, e na sua frente, um cara amarrado em uma cadeira e amordaçado. Alguns dos amigos de Benjamin que eu já tinha conhecido, também estavam lá, posicionados em um meio círculo, também encarando o homem na cadeira. Ele era careca, magro, e seu rosto estava todo ensanguentado. O sangue respingava nas suas roupas, e ambos os olhos estavam roxos.

Tinham batido nele, concluí.

Contudo, será que… meu pai e os amigos tinham feito isso?

Não, não podia ser. Benjamin Yoon não era a pessoa mais amorosa do mundo, e não éramos próximos, mas ele não seria capaz de fazer algo assim… seria?

Minha resposta veio no instante seguinte, assim que meu pai deu um soco na cara do homem, e vi algo reluzir em sua mão… um soco inglês. Ele já tinha me apresentado a algumas dessas armas, e por isso eu estava familiarizado com o nome. Depois disso, antes mesmo do cara se recuperar, ele rasgou a parte da frente da sua camisa, deixando-o exposto. Uma faca surgiu em sua mão direita, e ele disse algo, porém eu não consegui entender de longe. O homem na cadeira negou com a cabeça, e foi o suficiente para um dos amigos de Benjamin se aproximar, para o deixar estático, e meu pai fazer um corte vertical na barriga do cara.

Sangue espirrou para todos os cantos, e o grito dele me fez correr escada acima, de volta para a mansão.

Eu não tinha entendido totalmente o que estava rolando lá na época, entretanto, depois de alguns anos, eu comecei a encaixar as peças do quebra-cabeça.

Benjamin Yoon tinha torturado o cara. Porque esse é o seu trabalho. Pessoas importantes o contratam para fazer o trabalho sujo e obter respostas. Com ou sem alcançar o resultado que deseja, todas as pessoas que entram em seu covil — anos atrás, na nossa casa e no restaurante, e agora, somente lá no Ah-ri Yoon —, não saem vivas.

Atualmente, mesmo anos tendo se passado, sempre que eu sou a pessoa ajudando meu pai a fazer esse tipo de coisa, lembro dessa primeira vez, e meu estômago embrulha.

Odeio o que ele fez. Odeio o que ele *faz*. E odeio ainda mais que, mesmo eu lutando contra isso, estou cada dia mais perto de me tornar alguém como ele.

Se eu fosse corajoso, e essa fosse outra situação, eu já teria enfrentado Benjamin, pegado minha irmã e fugido com ela para um lugar bem longe daqui. Eu teria saído desse mundo. Entretanto, depois de tanto tempo nesse negócio, eu sabia que não era tão simples assim. Isso traria consequências para mim e para Audrey. Então, o melhor a se fazer, infelizmente, é continuar jogando esse jogo.

— Última chance, Jacob. — A voz firme do meu pai me tira dos devaneios, e eu volto a prestar atenção na cena que está acontecendo na minha frente.

Houve um atentado à vida do prefeito de Schönilla na madrugada passada, e acharam esse homem a alguns metros da casa dele minutos depois. O quase acidente está em sigilo ainda. Ninguém além de nós e a família real da nossa cidade sabe disso, e eles querem que continue dessa forma. Se outras pessoas souberem que é tão fácil assim entrar na residência deles, esse não vai ser o último atentado.

— Eu… eu já disse que não sei de mais nada — o pobre cara responde, buscando forças para conseguir dizer algo.

Ele está acabado, para se dizer o mínimo. Os capangas do meu pai precisaram deixá-lo inconsciente para trazê-lo até aqui e se empolgaram no processo. Agora, depois de algumas horas conosco, ele já tem algumas costelas quebradas, o lábio inferior é quase inexistente, e suas roupas estão cortadas e jogadas no chão. Tínhamos o deixado nu para essa última parte do trabalho.

— Essa não é a resposta certa, Jacob — Benjamin diz e acerta mais um soco na cara do homem.

A próxima parte do corpo dele que é atingida é o pé. Um dos caras que trabalha para a gente — porque, de certa forma, eu também sou chefe deles — atira no seu dedão, fazendo-o urrar de dor. Eu me concentro para não fechar os olhos e ser fraco, mas minhas mãos se fecham em punho.

Eu estou odiando cada segundo dessa merda, como todas as outras vezes.

O que mais me incomoda no que fazemos, é que tudo é secreto. E, por causa disso, mesmo quando trazemos inocentes aqui para dentro, precisamos matá-los no final do expediente, porque ninguém pode saber o que fazemos aqui. E não confiamos nessas pessoas quando elas imploram, afirmando que não vão contar para ninguém.

— Aaron — meu pai chama, e eu me aproximo dele. — Tome. Deixe as tripas dele caírem para fora — ele diz e me entrega uma faca. Puta que pariu.

Eu odeio ainda mais quando ele me insere nessas torturas. É muito mais fácil dar um tiro na cabeça e matar de uma vez, porém meu pai gosta de se divertir.

Eu sei que essa é uma batalha que não vale a pena lutar, então, pego o utensílio estendido na minha direção e fico próximo o suficiente da minha vítima.

— Desculpe — murmuro, apenas movendo os lábios.

Em seguida, faço o corte horizontal na barriga do cara e seu grito ensurdece meus ouvidos. Seu sangue mancha toda minha roupa, e eu tenho vontade de vomitar.

Contudo, não faço isso.

Não, o que eu faço, é jogar a faca em um canto qualquer e voltar a ficar ao lado do meu pai.

— Vamos deixá-lo sangrar até a morte — ele me informa, e eu fico ainda mais enjoado com tudo isso. Ninguém merece uma morte assim. — Isso não é nem metade do que vamos fazer quando pegarmos aquele filho da puta do Joe Diggory.

E se não o encontrarmos até o fim do ano, esse será o destino de Lauren e Lily Diggory. Elas estando ou não envolvidas em toda essa história.

Nem gosto de imaginar Lily nessa situação. Se depender de mim, eu não deixarei isso acontecer. Só vão encostar os dedos imundos deles nela por cima do meu cadáver. Parece meio sádico dizer isso, mas só eu tenho o direito de odiá-la e fazer o que quiser com ela. Ninguém mais.

Muito menos Benjamin Yoon e sua trupe de palhaços.

— Limpem tudo quando ele morrer e se livrem do corpo — meu pai ordena, antes de subir as escadas para o primeiro andar.

Essa é a minha deixa para ir embora também, e minha primeira parada é no banheiro masculino, onde despejo toda a comida que comi durante o dia no vaso sanitário.



Dia de semana e bem depois da hora do *rush*, as ruas de Schönilla estão com o trânsito tranquilo até meu apartamento. Ainda mais, estando de moto, consigo chegar em casa bem mais rápido que em alguns outros dias e fico aliviado por isso, por mais que a situação de hoje, junto das falas do meu pai, não saiam da minha cabeça.

Não o que fizemos com o homem. Isso é mais que comum para mim. Em algumas épocas do ano, até mesmo interrogamos suspeitos para certos crimes, em sigilo, uma vez por semana, no mínimo. Essa não é a questão toda.

É o que ele falou sobre a família Diggory.

Isso não é nem metade do que vamos fazer quando pegarmos aquele filho da puta do Joe Diggory.

Eu não poderia estar me fodendo mais para esse homem — assassino da minha mãe, inclusive —, mas se não o encontrarmos no período estipulado por Benjamin, serão as mulheres da família que sofrerão as consequências. E a regra é clara: uma vez no porão do restaurante, não há como sair com vida.

Porra.

Eu preciso encontrar o paradeiro desse cara. Eu preciso me aproximar ainda mais de Lily e fazê-la me contar algo útil. Algo que nos leve até ele. Qualquer coisa. Mas para isso, eu preciso me tornar algo o mais próximo de amigo dela que conseguir. Que merda!

Por um lado, eu também penso — e torço — que meu pai esteja errado, e Joe possa já estar morto. Há anos. Se ela me contar onde ele está enterrado… é ainda melhor. Meu pai vai poder se divorciar de Lauren, e eu poderei ter a filha dela para mim, se quiser, sem nenhum empecilho no meu caminho.

Se eu fosse uma pessoa melhor, iria querer tira-la de toda essa bagunça e deixá-la viver sua vida bem longe de tudo isso? Sim, porém depois de tanto tempo envolvido nessas merdas, eu não sou mais essa pessoa boa. Se eu quiser Lily, eu vou tê-la.

Bem, ela vai vir até mim, só que quando isso acontecer… ninguém vai tirá-la de mim mais.

É pensando em Lily que eu estaciono a moto na garagem subterrânea do prédio e pego o elevador para nossa casa.

Nossa.

Como se fôssemos a porra de um casal morando juntos.

Eu rio da ironia de tudo isso. Não tem como não rir.

Quando, enfim, entro no apartamento, não vejo sinal de Lily. Sua bolsa está pendurada no cabideiro do hall de entrada, e um dos seus sapatos está ao lado da sapateira, porém ela não está em seu habitat natural, no sofá da sala, assistindo algum desenho animado na televisão.

Estranho.

Minha dúvida não dura muito, porque quando adentro o corredor em direção ao meu quarto, ouço o barulho da água corrente do chuveiro vindo da sua suíte. É, ela está em casa e em breve sairá para a área comum, e eu poderei importuná-la mais uma vez.

Eu não sei em que momento passei de odiá-la para importuná-la, e agora, deseja-la. Talvez tenha sido quando eu comecei a conhecer um pouco mais de Lily Diggory e passei a acreditar que ela não está envolvida em nenhuma das ações passadas do pai. Não tem como, para mim, ela saber de algo sobre o que rolou há anos.

E agora que eu já tinha chegado a essa conclusão… meu único problema é ela ser, tecnicamente, minha meia-irmã. O que também é um problema que será resolvido em breve.

Caralho, Joe Diggory está conectado com todas as merdas da minha vida, mesmo que indiretamente. E provavelmente morto.

Meu primeiro destino é meu banheiro, claro. Tirar essa roupa suja de sangue e deixar a água levar toda energia ruim para longe. Ou qualquer porra dessa.

Ligo o chuveiro na temperatura mínima, deixando a água bem gelada cair sobre minha cabeça. Me ensaboo com o sabonete qualquer que comprei na farmácia esses dias e depois passo um pouco de shampoo no cabelo. No fim, eu deixo o condicionador alguns minutos fazendo efeito — ordens de Audrey — enquanto… faço nada.

Não, não vou ficar dez minutos olhando para o azulejo branco.

Me estico um pouco para fora do box e alcanço a pia, pegando minha escova de dentes e a pasta. Não gosto muito de escovar os dentes durante o banho, mas quando lavo o cabelo, infelizmente, acabo fazendo isso. Às vezes, a barba também, porém hoje, ela já está bem aparada para isso.

Escovo os dentes, enxaguo o cabelo e saio do box, enrolando uma toalha branca limpa na cintura e pegando minhas roupas do chão. Melhor colocar essa nojeira logo no cesto de roupa suja e lavar no próximo dia de limpeza.

Faço isso e volto para o quarto, ainda sem sinal de Lily. Provavelmente, no quarto ainda. Eu passo um pouco de desodorante e perfume, e vou até minha cômoda, procurando uma roupa qualquer para colocar agora. Acabo pegando uma calça de moletom preta qualquer e jogo na cama, procurando alguma camiseta também.

No entanto, antes que eu tenha a chance de achar a peça, uma batida na porta me faz parar o que estou fazendo e virar de frente, para onde Lily Diggory se encontra.

Seus cabelos loiros estão molhados, e ela está, claro, com a porra do short minúsculo de pijama — o de hoje é vinho — e uma blusa da mesma cor, com renda preta no decote. Seu cheiro inebriante de cereja chega até minhas narinas, mesmo a uma distância segura.

— Posso te ajudar? — pergunto, apoiando as costas no móvel atrás de mim e cruzando os braços.

— Suas roupas — ela diz, e eu franzo a testa, confuso.

— Você quer que eu coloque roupas, é isso? Use suas palavras, Lily, em frases inteiras.

— O que? Não, não é isso — ela responde, balançando a cabeça. — Suas roupas no cesto para lavar. Estão sujas de sangue! O que aconteceu, Aaron?

Ah, merda.

Eu não imaginei que ela fosse perceber isso. A moça que vem toda semana e faz isso, nunca notou nada, ou pelo menos, nunca comentou nada. Contudo, com a reputação que nossa família tem pela cidade… não imagino que ela iria fazer algo assim. Ela deve achar que é algo normal do meu cotidiano.

De certa forma, é.

— Elas sujaram e agora precisam ser lavadas — falo, tentando dizer o menos possível.

Entretanto, é claro que Lily Diggory não vai aceitar minha resposta vaga e ir embora.

— Como você as sujou? — ela pergunta, adentrando meu quarto de vez e parecendo bem brava.

Ops.

— Me lembre novamente porque eu te devo alguma satisfação, Lily. Porque até onde sei, você não é minha mãe e… — Levanto minha mão esquerda, mostrando meu dedo anelar. — Também não tem nenhum compromisso comigo.

— Argh! Você é impossível! — ela reclama, jogando os braços pelos ares, e eu sorrio.

— Já me disse isso antes, meu amor.

Ela me olha feio, mas não responde nada durante alguns instantes. Eu acho que ela vai aceitar que não vou dizer o que aconteceu e voltar para seu quarto, no entanto, mais uma vez, não é isso que Lily faz.

— É verdade?

Ela não precisa dizer a frase completa para que eu saiba do que ela está falando.

É verdade o que dizem do seu pai e de você por aí?

Ela já suspeitava disso antes — e tenho certeza que tem dedo de Stella nisso —, e agora, deve estar acreditando nos boatos que rolam. Eles são verdadeiros, mas ninguém nunca teve como provar nada disso.

— Talvez sim. Talvez não. — Dou de ombros, como se não me importasse com isso.

— Você não consegue me dar uma resposta direta?

— Não entendo o que vai mudar se eu confirmar ou negar os boatos — sou sincero. Ela sabendo ou não da verdade, de como meu pai realmente ganha tanto dinheiro, não vai mudar nada.

Benjamin e Lauren vão continuar casados.

E ela vai continuar morando aqui, tendo que conviver com a minha família desnaturada.

— Vamos… vamos melhorar nossa relação. Nós nos sentimentos mais à vontade quando sabemos algo que ninguém sabe sobre outra pessoa — ela diz, abrindo um pequeno sorriso para mim.

— Me diz algo que ninguém sabe sobre você, então — desafio, erguendo uma das sobrancelhas e dando alguns passos em sua direção.

— Meus segredos não são tão interessantes quanto os seus — ela tenta, só que eu não vou cair nessa.

Se ela quer que eu fale algo, ela precisa falar também.

— Não é assim que funciona, meu amor. Se eu vou te contar algo, preciso ganhar alguma coisa em troca também.

— Por que você não vai primeiro?

— Não confio que você vai me contar algum segredo, se eu for o primeiro a dizer.

Ela suspira, desviando os olhos do meus. Dou alguns segundos para ela pensar e decidir se vai ou não aceitar esse pequeno acordo. E quando ela, enfim, diz alguma coisa, é algo que eu não esperava.

— Meu pai foi embora de casa há alguns anos. Desapareceu, na verdade. — Ela dá uma risada nervosa. — E por mais que eu devesse odiá-lo por ter me deixado sozinha com a minha mãe, eu não consigo. Eu continuo amando-o. E sinto falta de estar com ele todos os dias.

Isso… uau.

Eu estou sem palavras. Sem palavras porque Lily acabou de provar, de certa forma, que eu estava certo, e ela não tem contato com o pai, e pelo jeito que falou, não faz ideia do real motivo de ele ter ido embora.

Porra, menos um problema agora. Só precisamos achar Joe Diggory e matá-lo por tudo que ele fez, e ela estará totalmente fora disso.

— Sinto muito por isso. — Não sei o que mais posso dizer nessa situação. — Sua relação com sua mãe é tão ruim assim?

Eu presenciei um pouco nas poucas vezes em que estivemos todos juntos, mas foi só no dia do jantar, que tudo pareceu bem ruim.

— Você nem imagina — Lily fala, sorrindo de leve. — Agora é sua vez!

Penso um pouco no que posso falar sem revelar algo que não posso e chego em uma boa resposta. Ela não vai ficar muito contente, porém é o que posso oferecer.

— Você quer saber um segredo meu que ninguém mais sabe? — questiono, dando mais alguns passos em sua direção, o que a faz andar para trás.

— Sim — ela responde, baixo, quando estou a apenas alguns centímetros de distância dela.

Subo uma das minhas mãos pelo seu braço, fazendo o caminho com meu dedo indicador, até que eu consiga encaixa-la em seu pescoço e me aproximo do seu ouvido, para revelar algo sobre mim que ninguém mais saiba.

— O que ninguém sabe sobre mim, Lily, é que eu quero muito foder minha meia-irmã — confesso, e ela arfa baixinho quando sente minha boca encostando em sua orelha. Eu sorrio, vitorioso. — Ninguém sabe que eu quero me enterrar muito fundo nela e fazê-la gritar meu nome para que todos ouçam o quão bem eu a como. Quero que a porra do prédio inteiro saiba que você gozou no pau do seu meio-irmão e adorou isso. É isso que eu quero, Lily.

Quando termino de falar, me afasto um pouco para fixar meus olhos nos dela novamente e percebo seu peito se movimentando rápido, para cima e para baixo. Os seios estão quase pulando para fora da blusa do pijama, e seus lábios estão entreabertos. E não duvido que se eu descer minha mão até sua boceta, a encontrarei molhada e pronta para mim.

— N-não era isso que eu queria saber — ela finalmente fala, e eu rio.

— Mas foi o que ganhou. Algo que ninguém sabe sobre mim — digo, retirando minha mão do seu corpo. — Quando quiser admitir que me quer tanto quanto eu te quero, sabe onde me encontrar.

Nesse momento, não me importo em deixá-la sozinha no meu quarto. Eu apenas passo por ela, esbarrando em seu ombro e a deixando estática no meu quarto, sem palavras.



# 25

## Lily Diggory

— O que vamos fazer no fim de semana? — Stella pergunta de repente, cessando com nosso assunto anterior de quem veio primeiro, o ovo ou a galinha.

Tudo começou quando descobrimos que a família de Ava Sinclair é dona de uma grande fazenda em sua cidade natal. Conversa vai, conversa vem... chegamos a esse tópico. E não conseguimos sair mais. Até agora.

— Tenho prova na semana que vem — Ava pontua, e Stella revira os olhos.

— Estamos na faculdade, amiga! Achei que você já tinha entendido isso depois *daquela* conversa que tivemos.

Nós tínhamos feito uma espécie de… intervenção, como os personagens de *How I Met Your Mother* diriam, com nossa amiga. Ela está sempre deixando os estudos em primeiro lugar, o que não é ruim. Quer dizer, é ruim se ela abdicar do tempo de lazer para isso, e é exatamente o que ela está fazendo. Por isso, tivemos que fazer um combinado de que ela aproveitaria mais esse primeiro ano da gente na SU. Ela pode deixar para se preocupar mais quando escolher uma área para se especializar, o que, segundo ela, tem até o segundo ano para decidir.

— E nós nem falamos o que queremos fazer! Como você já está caindo fora? — dessa vez, sou eu que falo, e Stella estende sua mão aberta em minha direção, para fazermos um high five.

— O que vocês estão pensando em fazer? — ela, enfim, nos pergunta, e nós sorrimos uma para outra de lados opostos da mesa.

— Temos algumas opções… — Stella começa a falar, jogando seu chiclete no lixo ao nosso lado, antes de continuar. — A primeira, é irmos para casa de Lily e fazermos uma maratona de filmes. A segunda, é descobrirmos qual das fraternidades vai dar uma festa nesse fim de semana e irmos. E a terceira… irmos na Lust.

As três opções foram totalmente propositais, porque queremos testar nossa amiga. Queremos ver se ela tinha absorvido alguma coisa do nosso papo sério sobre aproveitar a universidade.

— A primeira opção — ela responde, sem nem hesitar, e Stella e eu suspiramos.

— Ava, não foi isso que conversamos!

— Vocês que me deram essa opção! — ela se defende, apontando os dedos indicadores para nós duas.

— Era um teste, amiga, e você não passou — respondo, fazendo um carinho de brincadeira na sua mão, que está apoiada na mesa. — Mas, sobraram duas opções viáveis. Qual você quer?

— Preciso mesmo ir? Eu prometo, de dedinho, que vou na próxima! — ela tenta, mas nós balançamos a cabeça em negativa.

— Você tem que parar de jurar de dedinho, porque daqui a pouco vai ficar sem mindinhos — Stella avisa em um tom de brincadeira.

Ok, nem tanto assim.

— Amiga, você disse isso semana passada — relembro, e ela suspira, frustrada. Não tem mais para onde fugir.

— Vou poder ir embora a hora que eu quiser?

— É claro que sim, Ava! Que tipo de monstro você acha que somos? — Stella fala, dramaticamente, e até leva uma das mãos ao coração.

— Tá bom, eu vou com vocês — ela responde, se dando por vencida, e nós comemoramos.

Finalmente uma noite das garotas em alguma festa! Estava com saudades disso!

Eu estou prestes a perguntar qual será o nosso destino daqui a alguns dias, quando uma pessoa se joga ao meu lado no banco da mesa de madeira do jardim em que estamos e passa um dos braços pelos meus ombros.

Que porra é essa?

Estou prestes a dar uma cotovelada na pessoa, quando levanto um pouco minha cabeça e percebo que é Cameron Parker.

Melhor amigo de Aaron Yoon e ex-namorado de Stella Mars (futuro atual).

— E aí, meninas? Como vocês estão? — ele pergunta, despretensiosamente, como se fôssemos amigos de longa data.

Somos bem longe disso.

— O que você quer, Cameron? — Stella questiona, e percebo seus olhos recaírem durante alguns milésimos de segundo sobre nossos corpos em contato, antes de se fixarem nos dele.

Delicadamente, eu retiro o braço dele de mim. Se eu falar com minha amiga depois, ela vai insistir que não sente nada por ele, e ele pode fazer o que quiser, mas… não vou dar razões para mais brigas entre os dois.

— Convidá-las para uma grande festa que vai ocorrer na Lust no sábado — ele nos informa, e nós três trocamos olhares.

Tínhamos decidido o que faríamos no fim de semana?

— Vai ter uma atração especial — ele continua, e eu fico ainda mais animada.

Na última festa que fomos lá com convidados, foi a Drunk Pope, que lotou o lugar e deu, literalmente, um show no palco.

— Quem vai tocar lá? — Ava pergunta, parecendo interessada, o que é uma surpresa. Ela tinha gostado quando fomos juntas na boate para ver a banda, porém não sabia que ela queria voltar lá.

— Uma garota que faz uns covers no Youtube — ele revela, e eu fico um pouco… confusa. Tudo bem que a Drunk Pope tem poucas músicas originais, entretanto eles já são um fenômeno na internet, e por isso, o tamanho do público. — Joanne alguma coisa.

— *Joanne Willians?* — Stella quase grita no meio do jardim, atraindo olhares de alguns curiosos. — Eu amo ela! Ela faz os melhores covers da Taylor Swift! A Taylor mesma já curtiu um vídeo dela cantando All Too Well.

— Sério? Que coincidência — Cameron fala, tentando soar casual, só que algo me diz que ele já sabia da paixão da minha amiga por essa cantora. Stella está sempre postando vídeos dessa garota na rede social e tinha me mostrado quem ela era também. — Então a presença de vocês está mais que confirmada?

— O que você está aprontando, Cameron? — Stella pergunta, desconfiada de toda essa situação.

Se ele achou que ela fosse boba e acreditaria em todo esse papo de coincidência, estava errado.

— Eu? Nada! Só estou divulgando o evento em nome da minha amiga Kiara — ele responde, levando a mão ao peito, exatamente como ela fez antes, como se estivesse realmente ofendido. — Eu devo acreditar que é coincidência a cantora que eu sempre posto nas redes sociais ser a atração principal da noite? Mesmo ela cantando músicas pop, que não tem nada a ver com o estilo da Lust?

— Exatamente — ele responde, piscando um dos olhos para Stella, e eu troco um olhar com Ava. Nós duas estamos tentando não rir da interação dos dois.

— Eu não vou voltar com você porque Joanne Williams vai tocar na Lust — nossa amiga diz, firme.

— Você *ainda* não vai voltar comigo, amor. — O único objeto perto de Stella é seu celular, mas se tivesse qualquer outra coisa, eu tenho certeza que ela atingiria o rosto de Cameron com ele. — Vocês vão? Posso colocar os nomes na lista VIP.

Ava e eu trocamos mais um olhar, sem saber o que responder. Eu quero muito ir, porque passei a gostar dessa cantora, porém não sei se Stella se sentirá confortável com isso.

— É claro que vamos! — Para minha surpresa, é Stella quem responde. — E além da lista VIP, queremos bebidas de graça a noite toda.

— *A noite toda?* — ele repete, um pouco surpreso.

— Exatamente, querido — ela diz, guardando o celular na sua bolsa e se pondo em pé. — Você deve poder arcar com isso, não é? Afinal, colocou o dinheiro na frente da pessoa que você dizia ser o amor da sua vida — ela finaliza, ácida, e vai embora.

Ela pode ter tentando atingir Cameron com essas palavras, entretanto as lágrimas se acumulando no canto dos seus olhos enquanto falava, não passaram despercebidas por mim.

É, essa festa vai dar o que falar.



O pré-festa já está dando o que falar.

Stella deu a brilhante a ideia — contém ironia aqui — de nos arrumarmos todas juntas no quarto que ela divide com Ava, no alojamento feminino da Universidade de Schönilla. Nada que não tivéssemos feito antes, porém, dessa vez, houve um *pequeno* problema. Ela nos confirmou, quando Ava perguntou, que a festa começaria às 22 horas, como todas as outras vezes. No entanto, descobrimos em cima da hora, que não. Ela começaria às 21 horas.

Ficamos sabendo disso exatamente às 20:53, quando eu tinha acabado de chegar no quarto das meninas, e Ava estava saindo do banho. Ela foi pesquisar o endereço da Lust para colocar no aplicativo do Uber e checou mais uma vez um dos posts nas redes sociais sobre o evento de hoje. Depois disso, o caos se instaurou no quarto.

Rímel para um lado, secador de cabelo para o outro, e Stella ainda teve que engolir seu orgulho, e mandar uma mensagem para Cameron, perguntando se ele sabia que horas a Joanne Williams iria entrar no palco. A resposta dele?

**Cameron Parker:** a hora que você estiver aqui, amor. Você não vai perder o show.

— Ele quer mesmo te conquistar de novo — Ava comentou, quando lemos juntas a mensagem.

— E vai ficar querendo — Stella respondeu, jogando o celular em um canto qualquer da sua cama.

Até quando ela iria continuar negando que ainda o ama?

Talvez, o mesmo tempo que você vai continuar negando que se sente atraída pelo seu meio-irmão, Aaron Yoon.

Merda de consciência!

Eu já tinha aceitado, para mim mesma, que ele é gostoso, e eu não me incomodaria de dar para ele. É errado? Muito, mas meu tesão não mente. Eu o quero tanto quanto ele me quer. Há chances de só estarmos com vontade de transar por ser algo perigoso e que pode trazer consequências ruins para nós? Muitas, porém isso não impede o nosso desejo. E eu acredito que pode ser coisa de apenas uma vez.

Tesão acumulado? Transaríamos como se fôssemos morrer no dia seguinte e fosse nossa última noite de sexo, e no dia seguinte, toda essa vontade iria evaporar.

No entanto, Aaron já tinha deixado bem claro que se eu quiser fazer algo em relação à conexão que há entre nós, eu tenho que ir até ele.

E eu não farei isso.

Ele me quer? Ótimo, que rasteje até mim.

— LILY! — A voz de Stella soa nos meus ouvidos, e ela estala os dedos na frente do meu rosto. — Eu estou te chamando há séculos!

— Você a chamou uma vez — Ava diz e recebe um olhar feio da nossa amiga.

— Desculpa, Stells. Eu me distraí — confesso, mas não explico o motivo da minha distração. — O que aconteceu?

— No que você estava pensando? — ela me pergunta, desconfiada. — Estava com uma expressão safada.

Em foder meu irmão postiço que eu odeio.

— Como você sabe minha expressão safada? — retruco, elevando as sobrancelhas em sua direção e tentando fugir da resposta que não vou dar.

— Eu te conheço, Lily! Estava escrito por todo seu rosto — Stella responde, e arrisco um olhar na direção de Ava, que parece estar se controlando para não rir do nosso diálogo.

— Por isso você estava me chamando? — questiono, torcendo para que seja por outro motivo.

— Ah, claro que não! Preciso que você me ajude a prender meu cabelo em um rabo de cavalo! Os seus sempre ficam impecáveis, sem um fio saindo do lugar — ela me pede, fazendo um biquinho e me entregando a escova de cabelo, e um elástico.

— É claro que faço para você, amiga — ela sorri e bate palminhas, comemorando.

Levo alguns poucos minutos para finalizar o cabelo da minha amiga, e quando estamos todas prontas — um pouco depois das 22 horas —, Ava já está com o celular em mãos, chamando o carro de aplicativo. Quando saímos do prédio para entrar no carro, eu percebo que subestimei minha capacidade de sentir frio e a temperatura da cidade hoje.

Parece que o vestido rosa com o tecido todo transparente — só a parte dos seios é de uma cor mais escura, para esconder os bicos dos peitos — e a calcinha fio dental brilhante que coloquei, que é bem visível pela transparência, juntamente dos meus saltos brilhosos, não foram a melhor opção para hoje.

Ainda bem que a Lust é fechada, não é?

O pequeno percurso até o carro é de matar. Sinto todas as partes do meu corpo congelarem quando o vento frio da noite toca nas minhas partes descobertas, que nesse caso, é praticamente tudo.

Schönilla, como esperado, está com as ruas bem tranquilas e sem trânsito. Nosso único engarrafamento acontece quando entramos na rua da boate e pedimos para o motorista nos deixar no início do quarteirão, porque faremos o resto do trajeto a pé. Quem dá essa ideia é Ava, que ao contrário de mim e Stella, se vestiu de acordo com a temperatura da noite.

Prefiro nem comentar como senti até minhas entranhas congelares enquanto caminhamos o pequeno pedaço do quarteirão.

E graças ao ex-namorado de Stella, nós não precisamos enfrentar a fila gigantesca que se estende por toda a calçada e entramos direto para o ar mais agradável da Lust. Arrisco dizer que estou até com um pouco de calor, quando adentramos ainda mais a casa noturna.

Nossa primeira parada, claro, é o bar.

— O que vocês vão querer? — Stella nos pergunta, quando alcançamos o balcão.

— Água — Ava responde, e nossa outra amiga assente.

— Uma batida de morango — eu respondo, e Stella se vira para falar com o barman da noite.

— Uma água sem gás, uma batida de morango e uma garrafa de tequila.

Oi?

— Desculpe, senhorita. Mas só vendemos shots de destilados, não a garrafa toda — ele nos informa, um pouco sem graça, só que Stella não se abala.

— Para mim, vocês vendem. Podem colocar no nome de Cameron Parker — é só ela citar o nome do melhor amigo da sobrinha do dono, que a expressão do cara muda, e ele acena com a cabeça, se virando para preparar minha bebida e buscar as das meninas.

— Uma garrafa de tequila, Stella? — Ava pergunta, parecendo um pouco preocupada. — Não acho uma boa ideia.

— Eu não vou beber tudo, amiga — ela nos garante, e um sorriso se forma nos seus lábios pintados de vermelho. — Vou aproveitar um pouco, junto de Lily. — Ela pausa sua fala e só continua quando eu concordo. — E talvez dê para outra pessoa, não sei.

Essa garota… ela gosta de problema. Não é à toa que teve um relacionamento com o garoto que parece ter esse sobrenome.

— Você gosta de provocá-lo, não é? — Ela sabe que estou falando do seu ex-namorado, e seu sorriso se alarga ainda mais.

— Ele disse que todas as bebidas estão pela conta dele hoje — Stella responde simplesmente, dando de ombros. — Estou só aproveitando a cortesia.

— Ele vai vir tirar satisfação com você quando souber — Ava fala, preocupada. Por mais que ela ache Cameron um babaca, não gosta desse tipo de coisa.

— Que ele venha, amiga. O que ele vai fazer? Estou só aproveitando o que ele me ofereceu!

Eu ainda acredito que Stella Mars vai voltar com Cameron Parker, mas até lá, ela vai fazê-lo se humilhar por ela.

E sinceramente? Sou totalmente a favor disso.

Continuamos o início da nossa noite perto do bar, experimentando cada uma das bebidas da noite, enquanto esperamos Joanne Williams entrar no palco. A Lust não está tão cheia quanto no dia da Drunk Pope — o que é compreensível, já que eles fazem muito mais sucesso —, porém está lotada como nos outros dias que já vim aqui.

Stella pede mais vários drinks e uma garrafa de vodca — ela tomou alguns shots de tequila e depois ofereceu para um cara qualquer, que estava passando no momento —, e quando enfim, nos damos por satisfeitas, resolvemos tentar chegar o mais perto possível do palco, para aproveitar o show que começará em breve.

Depois de empurrar várias pessoas e ouvir Ava pedir desculpa para todas elas, nós encontramos um espaço vazio e sem muitas pessoas em volta. E parecendo que estava só nos esperando, é anunciado que Joanne Williams vai entrar no palco a qualquer instante.

Contudo, ela não entra.

Ela faz a entrada no palco! Diferentemente dos meninos da banda, ela faz algo triunfal. É claro que isso é necessário, só por ela ser mulher. Nós, mulheres, precisamos nos esforçar dez mil vezes mais que os homens para termos algum tipo de reconhecimento. E é isso que Joanne faz.

Todas as luzes da boate se apagam, parecendo que realmente aconteceu um apagão. Dura apenas alguns segundos, e a voz da cantora surge pelos alto-falantes da casa noturna, avisando que ela está chegando. Um projetor é ligado, e na parede atrás do palco, a contagem regressiva começa. Quando enfim, chega ao número 1, um holofote é direcionado para o meio do palco, onde ela já está, com seu microfone e guitarra em mãos.

— E aí, Schönilla! — ela cumprimenta a plateia, bem carismática, e as pessoas gritam. — Vamos colocar a Lust lá em cima hoje!

Joanne Williams faz o que promete.

Ela canta quase todos os estilos musicais. De rap a pop, e de um rock mais leve até os maiores hits em espanhol, porque ela fala duas línguas, claro. Eu posso afirmar com convicção que todos aproveitaram demais o show dela. Até mesmo quando ela cantou duas músicas da Taylor Swift, o público estava cantando junto e pulando.

Ela fez seu nome na cidade.

— Obrigada, Schönilla! Vocês foram incríveis essa noite! — ela agradece, quando acaba sua apresentação e recebe uma salva de palmas, mais que merecida.

Eu achei que a pista de dança fosse esvaziar um pouco, mas não. O DJ residente da Lust começa a colocar músicas mais… sensuais, digamos assim. É assim que atrai o público.

Isso inclui Stella, eu, e para nossa surpresa, Ava, que se junta a gente mais para o meio das pessoas.

Nós dançamos juntas ao som da batida sexy da música, rebolando nossos quadris, e eu sinto os olhares dos homens em nós. Grande parte das mulheres ao nosso redor está acompanhada, e isso atrai ainda mais gente nos olhando.

— REBOLA ESSA BUNDA, AVA! MOSTRA A DANÇARINA QUE VOCÊ É! COLOCA PARA FORA — Stella grita para nossa amiga por cima do som, e nos faz rir.

Ava se solta aos poucos, começando por requebrar o quadril até estar descendo até o chão com a bunda grudada na de Stella.

Uau! Não estava esperando ver esse lado de Ava Sinclair hoje!

— VEM, VAMOS DANÇAR JUNTAS! — chamo, gritando, quando elas terminam o pequeno show que deixa os homens e mulheres babando.

Nós fazemos uma fila. Ava na minha frente, e Stella atrás de mim. Eu coloco minhas mãos na cintura da amiga que está na minha frente, e a de trás, coloca as mãos na minha cintura, e assim, nós rebolamos juntas de acordo com a música, em meio a gargalhadas.

Deus, como eu estava com saudades disso!

Eu até fecho os olhos para curtir ainda mais o momento. E quando abro, assim que me desvencilho das meninas, parece que eles sabem exatamente para onde olhar.

Aaron Yoon está sozinho, encostado em um dos pilares da boate e com os olhos fixos em mim. Ele me come com os olhos, e eu… eu gosto disso.

Meu lado feminista não gosta muito do que eu faço, mas é mais forte que eu.

Eu volto a dançar, rebolando a bunda do jeito que sei que deixa as pessoas loucas. E dessa vez, meus olhos azuis não se desconectam dos olhos castanhos dele.

Eu sinto que ele quer vir até aqui. Por que ele não vem? As pessoas estão bêbadas, ninguém está prestando atenção direito no que acontece ao redor delas. Ninguém iria reparar se nos beijássemos aqui e agora.

Contudo, ele não faz menção de sair do lugar, e eu me frustro. Babaca. Se ele pensa que eu vou tomar a iniciativa, está muito enganado.

Me viro de costas para ele, irritada, e dou de cara com um cara alto, musculoso e com os cabelos loiros raspados na lateral.

Gato.

— E aí, gata — ele me cumprimenta, já pondo suas mãos grandes na minha cintura.

Viu, Aaron? Se você não me quer, tem quem queira.

— Oi, loiro — cumprimento, subindo minhas mãos pelo seu peitoral. Ele está com uma camisa de botões, porém apenas os últimos estão fechados, deixando seu abdômen totalmente à mostra. — Uau.

— Gostou, não é? — ele pergunta, com um sorriso bonito.

Eu não tenho a chance de responder, porque uma outra mão surge por trás de mim, me pegando pelos meus bíceps e me puxando para longe da pista de dança.

E é claro que o aperto preciso, mas não forte a ponto de me machucar, pertence a Aaron Yoon.



# 26

## Aaron Yoon

Lily Diggory fez de propósito. É claro que ela fez.

Estava tudo indo bem na merda dessa festa. Para mim, pelo menos. Para Cameron… não posso dizer o mesmo.

Depois do episódio em que ele estava bêbado e tentando convencer Kiara a convidar Taylor Swift para tocar na Lust, eu acredito que o álcool não tinha saído totalmente do seu sangue, porque ele continuou insistindo na ideia após dias. Ele já tinha desistido de chamar a cantora superfamosa, porém estava colocando na mente da nossa amiga que alguém que cantasse as músicas dela, poderia se apresentar. Não, não alguém.

Joanne Williams. Uma garota que estava ficando superfamosa pelos seus covers no Youtube, principalmente quando cantava Taylor Swift. Coincidentemente, Stella Mars estava sempre compartilhando vídeos dela em suas redes sociais. E, com isso em mente, ele passou dias perturbando Kiara sobre o assunto, até ela concordar. Claro, ela não aceitou porque foi uma sugestão de Cameron, mas sim porque quando foi investigar mais a fundo, viu que várias jovens de Schönilla a achavam interessante, e ela poderia trazer um público para a boate.

Verdade seja dita, isso aconteceu.

A Lust está lotada. Não tanto quanto quando a Drunk Pope marcou presença aqui, entretanto, cheia o suficiente para que seja complicado se locomover na pista de dança e aos arredores, por exemplo. Até mesmo a terceira amiga de Stella e Lily tinha vindo, e eu nunca via essa menina em festas. E as três melhores amigas estão dando trabalho para o meu melhor amigo.

Ele achou uma ótima ideia dizer que as bebidas da noite estavam por conta dele. Todas. Das três. E é claro que Stella se aproveitou disso. A cada minuto, o barman que ele designou para atendê-las — Cameron só concordou em ser ele, porque o namorado do cara era técnico de som da boate, e ele o conhecia —, mandava uma mensagem perguntando se podia vender tal bebida para ela. Ela já tinha comprado duas garrafas de destilados, e a noite ainda estava no início.

É, meu amigo estava fodido.

Mas até ali, a noite estava boa, para mim. Cam estava se fodendo, só que isso era uma lição para ele deixar de ser otário por mulher que não está nem aí para ele. Para deixar de ser assim com *qualquer* mulher, na verdade. Após o show da tal da Joanne Williams — inclusive, ela foi muito bem em sua performance e levou a energia do público da Lust lá para cima —, eu pedi mais uma bebida no bar e fui desfrutar do meu uísque perto da pista de dança.

Estrategicamente posicionado para ter uma visão perfeita de Lily Diggory se divertindo com as amigas. Elas estavam dançando e atraindo a atenção de todas as pessoas solteiras — e algumas comprometidas também — para elas. Contudo, as meninas não estavam nem aí, continuavam dançando como se não houvesse amanhã e gargalhando.

Eu percebi que gosto de ver Lily sorrir.

*O que?* Mas que porra é essa?

Essa vontade de fode-la está ficando cada vez mais perigosa. O sentido já está querendo se transformar em outra coisa. É isso que a falta de sexo faz com a pessoa.

Não demora muito para que Lily perceba minha presença. E quando isso acontece, ela mantém seus olhos azuis fixos em mim e começa a rebolar a porra daquela bunda maravilhosa para mim.

Lily está dançando para mim.

O que eu mais quero é abandonar meu posto aqui, ir até a porra da pista de dança e beija-la na frente de todas essas pessoas, para saberem que ela já pertence a mim. Pela expressão dela, vejo que ela quer a mesma coisa.

No entanto, eu não posso.

Para todos, nós somos meios-irmãos. Nossos pais são casados. Somos uma família agora.

Eu não posso fazer isso.

E quando Lily percebe que o que ela quer, não vai acontecer, começa a dar bola para o primeiro cara que tem a coragem de se aproximar. Puta que pariu!

Não penso quando largo meu copo em uma mesa qualquer e marcho na direção dela. Não penso quando agarro firmemente seu braço, porém não o suficiente para machucá-la, e arrasto-a para fora da pista de dança.

— O que você está fazendo? — ela pergunta, por cima da música, enquanto caminhamos para longe dali.

Eu não respondo, apenas continuo puxando-a para que possa seguir o mesmo caminho que eu. Ela sabia que eu estava observando-a e mesmo assim, ela estava quase beijando aquele imbecil.

Eu estou fervendo de raiva.

Subo as escadas da Lust com Lily e abro a porta da sala que sempre usamos, e por sorte, ela está vazia. Coloco nós dois para dentro e tranco a porta em seguida.

— Já acabou seu showzinho? — ela me pergunta, cruzando os braços e parecendo brava.

Surpresa, meu amor, eu também estou puto para caralho.

E ter visto aquele babaca colocar as mãos imundas em Lily, por cima desse vestido totalmente transparente, foi o ápice para mim.

— Se já acabou, tem alguém me esperando lá embaixo — ela provoca, dando alguns passos em direção à porta, mas não consegue passar por mim. — Me fala o que você quer, Aaron! O que estou fazendo aqui, *huh*?

— Você sabe o que eu não quero, Lily — finalmente digo alguma coisa. — Eu não quero que você deixe qualquer filho da puta colocar a porra das mãos em você na minha frente!

— Por trás pode, então? — a desgraçada pergunta, se divertindo.

Caralho!

Dou alguns passos em sua direção, levando minhas mãos para sua cintura e inverto nossas posições, colocando-a com as costas coladas na porta.

— Para de tentar ser engraçadinha, porra — sopro, com nossos rostos a milímetros de distância. Os olhos dela não desviam um instante dos meus quando ela fecha a cara, murchando seu sorriso brincalhão de segundos atrás.

— Eu só fiz uma pergunta, Aaron.

— E eu estou te respondendo que é para você ficar longe dele, caralho!

— Só dele?

Puta que pariu. Ela está me fazendo perder a pouco paciência que eu ainda tenho.

— De todos eles, Lily.

— Por que eu faria isso?

Ela quer mesmo me ouvir confessar, não é?

E eu farei isso, porque sou um completo idiotia pela mulher à minha frente.

— Porque você é minha, Lily — respondo, cravando um pouco mais minhas mãos em sua cintura e não deixando nenhum espaço entre nossos corpos. — Você é minha irmã postiça, meia-irmã ou de qualquer porra que você quiser chamar nossa relação. Você é minha colega de apartamento e também a porra da única garota que anda na garupa da minha moto. Entendeu, Lily?

— Aaron… isso é errado — é o que ela consegue dizer, e eu solto uma risada baixa. — Não deveríamos fazer isso.

— Que bom que você já sabe que a família Yoon é superior a todas as regras e leis da porra do mundo.

Não a espero responder para chocar minha boca contra a dela.

As mãos de Lily sobem pelos meus braços até chegaram nos meus ombros, se entrelaçando por trás do meu pescoço, e ela puxa minha cabeça ainda mais para o encontro dela. Seus lábios se entreabrem, e nossas línguas se encontram.

O beijo real finalmente acontece.

É um beijo sedento. Desesperado. Como se nós dois estivéssemos esperando há muito tempo por isso, porque estávamos.

Aperto sua cintura mais forte, fazendo-a arfar na minha boca, e eu gosto disso. Minhas mãos se movem para trás de Lily, agarrando sua bunda. Chupo sua língua e dou um impulso, elevando seu corpo, e ela entrelaça as pernas ao redor do meu quadril, deixando os saltos dos sapatos perto da minha bunda. Meu pau já está duro, o que não me surpreende, porque ele sobe por ela, mesmo a gente não se tocando. Ele está tocando sua barriga por cima dos tecidos que nos separam, e ela sorri contra meus lábios quando percebe isso.

Porra, Lily sorrindo no meio do beijo enquanto puxa meu lábio inferior entre os dentes… deliciosa.

Seus dedos puxam um pouco o cabelo da minha nuca, e eu grunho contra ela, sem conseguir me controlar. Eu gosto de infligir dor nas mulheres no sexo, mas poucas têm coragem de fazer o mesmo em mim. Mesmo que não seja nada demais, eu gosto de pensar que ela está disposta a tudo.

Subo uma das minhas mãos até chegar em seu pescoço, cessando o beijo durante alguns instantes, para poder olhar em seus olhos quando fecho minha mão ao redor da sua garganta. Faço levemente no começo, porém quando ela sorri, e uma das suas mãos agarra meu pulso, em um incentivo, eu coloco um pouco mais de força, fazendo-a gemer.

— Isso, Aaron. Mais forte.

Caralho, ouvir Lily gemer meu nome é de outro mundo.

Faço o que ela manda, e ela geme ainda mais. *Porra.*

Volto com minhas mãos para sua bunda e nos levo até um dos sofás da sala, sentando com ela no meu colo e obrigando-a a colocar uma perna de cada lado do meu quadril. Nessa posição, meu pau fica na altura perfeita para entrar na sua boceta.

— Me diz, Lily. Você já está molhada para o seu irmãozinho? — provoco, brincando com a barra do seu vestido, que mal alcança no meio das coxas.

Ela aproxima o rosto do meu, me dando um beijo lento e sensual, e acho que eu poderia gozar apenas com isso.

Como a porra de um garoto de 15 anos tendo a primeira experiência sexual com uma garota.

— Por que você não descobre? — ela pergunta, colocando a mão sobre a minha e subindo as duas ainda mais pelas suas coxas, até chegar perto da virilha.

A primeira coisa que percebo quando a toco é que a sua calcinha, que eu — assim como a porra de todas as pessoas da boate — já tinha visto, por conta da transparência do vestido, é rendada com alguns detalhes em pedras brilhosas.

Passo meu dedo indicador pela sua abertura, por cima do tecido fino, e já sinto sua umidade ali.

— Você está encharcada, meu amor — murmuro, e ela sorri para mim.

— Tem certeza de que é por sua causa? Sabe, o carinha lá de baixo era bem bonito e…

Calo sua boca com um tapa estalado na sua boceta.

— Você não fala de outros homens quando está sentada no meu pau, porra.

— Isso… isso foi bom.

Simples assim, a raiva parece ter desaparecido novamente, e só penso em dar mais prazer para ela, para Lily.

Estapeio sua intimidade mais uma vez, com um pouco mais de força, e ela geme alto, fechando os olhos durante alguns instantes.

Quando ela os abre de novo, um sorriso lascivo se forma em seus lábios.

— Quando você vai… — Ela não completa sua frase. Seus olhos focam em algo atrás de mim, e ela franze a testa, saindo do meu colo.

Mas o que…?

— Lily?

— Você me trouxe para a sala em que estava com aquela garota? — ela pergunta, cruzando os braços e parecendo bem irritada.

Porra. Como eu saberia que ela se incomodaria com isso?

— É aqui que você traz todas as garotas para transar? — ela continua, sem me dar a chance de responder à pergunta anterior.

— Lily…

Não sei o que dizer porque não quero mentir, mas… porra, qual o problema disso? Para onde eu a levaria? Para o banheiro imundo do primeiro andar?

— Inacreditável! — ela exclama, jogando as mãos para o alto. — Depois daquela merda de discursinho, eu sou só mais uma de suas conquistas, não é?

— Você sabe que não é isso — respondo, trincando os dentes.

— O que é, então, Aaron? — ela indaga, e eu me levanto, tentando me aproximar dela, porém ela se distancia de mim. — Eu não vou ser a porra de uma garota que você traz para essa sala e nunca mais olha nos olhos de novo!

— Você sabe que não vai ser isso para mim, Lily. Porra, o que você está dizendo?

— Eu? — ela questiona, incrédula, apontando para o próprio peito. — O que *você* está fazendo, Aaron?

— Tentando te entender, porra!

Eu não faço ideia do que está rolando aqui.

Como fomos do paraíso até o inferno em questões de segundos?

— Eu sou apenas um desafio, não é? — ela continua falando e balança a cabeça, como se não estivesse acreditando no que está dizendo. — O fruto proibido. A garota inalcançável. O que você vai fazer agora que me beijou? Espalhar para toda a faculdade que tem a sua irmã postiça na palma da mão?

— Lily… é claro que não, porra! Por que eu faria algo assim? — Eu já cansei dessa merda de discussão sem sentido e elevo minha voz, assim como ela fez.

— Porque é assim que você deve tratar todas as garotas idiotas que são atraídas pelo seu charme para cá.

É um bom momento para eu pontuar que ela me chamou de charmoso sem querer?

Provavelmente não.

— Lily, eu não faço ideia de onde isso tudo está vindo, mas… mas eu não te prometi nada — respondo cautelosamente, porque é a verdade.

Não disse que nos casaríamos amanhã e que eu colocaria um bebê nela na próxima semana.

Então, o que caralhos ela quer de mim?

— Você é um babaca! — ela explode, gritando isso na minha cara, e sai afobada até a porta, destrancando-a e correndo pelo corredor do segundo andar.

O que acabou de acontecer, porra?



Eu demoro um pouco para encontrar Lily. Mesmo eu tendo saído poucos minutos depois dela, a mulher é rápida. Ela conseguiu correr rápido para caralho, mesmo com saltos de mais de 10 centímetros.

Procuro pela sua cabeleira loira e seu vestido rosa entre as milhares de pessoas na boate, mas não a acho. Nem ela, nem suas amigas.

Porra, elas já tinham ido embora?

Corro até a entrada da Lust e, felizmente, encontro a pessoa que estou procurando no canto da rua. Os braços estão ao redor de si mesma, e ela está com o celular em mãos, provavelmente tentando chamar um carro por aplicativo. E, mais uma vez, isso não está indo muito bem.

— Não vão aceitar sua corrida a esse horário — eu falo quando me aproximo, só que para minha surpresa, ela não se assusta com a minha voz. Continua com os olhos focados no celular.

— Vai embora — ela murmura, e vejo seu corpo tremendo por causa do frio.

Não acredito na merda que vou fazer.

Retiro minha jaqueta de couro e coloco sobre os ombros dela, que tenta se esquivar do meu toque, porém eu sou mais forte.

— Você está congelando, Lily — digo, contudo, ela não responde. Entretanto, pelos menos, não joga meu casaco no chão.

— Não sei porque você se importa. — Ela finalmente vira seu rosto na minha direção e não está nada feliz, e consigo sentir o cheiro de bebida exalando do seu bafo.

De jeito nenhum que ela vai entrar em um carro de um desconhecido assim.

— Cadê suas amigas?

— Não estão aqui.

Ah, não me diga, gênio!

— Elas te deixaram sozinha? Uau. Talvez você precise de novas amigas — provoco e isso só a faz me fuzilar ainda mais com os olhos.

— Ava me enviou uma mensagem dizendo que estava indo embora e disse que Stella estava ocupada falando com Cameron, e não quis ir com ela.

Stella e Cameron juntos. Eu terei que conversar com ele sobre isso depois.

Saco meu celular do bolso da calça e envio uma mensagem para Kiara.

**Eu:** vou pegar seu carro emprestado. Te devolvo amanhã, ok?

A resposta vem imediatamente, ainda bem.

**Kie:** sem um arranhão.

— Vou te levar para casa — aviso e faço um sinal para que o manobrista traga o carro de Kiara, movendo somente os lábios.

— Não vou voltar na sua moto.

— Que bom que vamos de carro.

— Você não tem carro — ela diz, e eu sorrio.

— Mas Kiara tem.

A risada de Lily preenche meus ouvidos, mas não é a mesma que eu ouvi e vi na pista de dança mais cedo. É uma risada sarcástica, e eu sei que não vou gostar do que ela vai falar em seguida.

— Você tem algum parafuso a menos no seu cérebro? Eu não vou ir para casa no carro da garota com quem você tem um caso!

É, eu acho que essa história de não negar nem confirmar nada, tinha passado dos limites.

— Kiara e eu não temos nada — confesso, e antes que ela possa retrucar, eu continuo. — Porque Kie é lésbica, Lily.

Ela fica em choque durante alguns instantes. Seus olhos arregalam, e ela parece processar o que eu acabei de contar.

— Mas… mas você disse que tinha alguma coisa rolando entre vocês!

— Não, eu não disse. Você assumiu isso, e eu só… não neguei — respondo, um pouco sem graça.

Eu esperava que ela me xingasse. Já estava me preparando para isso, quando decidi contar a verdade.

O que eu não esperava, é que ela batesse com a bolsa na porra do meu braço. E que doesse. Para caramba.

— EI! Você está maluca?

— Você é o maluco aqui, por me fazer acreditar em uma mentira!

É, eu mereci essa.

Estou prestes a pedir desculpa — algo que não faço com muita frequência —, quando o carro de Kiara é estacionado na nossa frente, e o manobrista da noite me entrega a chave.

Deixa para a próxima.

— Vamos — chamo, apontando para o veículo.

— Não — Lily responde, cruzando os braços.

— Lily. Entra no carro. — Tenho um *déjà vu* de quando eu a encontrei atrasada para a faculdade e quase implorei para que subisse na porra da moto.

— Não quero voltar para casa com você.

— Você não vai voltar para casa sozinha com um desconhecido, assim.

— Você não manda em mim!

Deus, dai-me paciência.

— Lily, por favor — peço, abrindo a porta do passageiro.

Ela olha para o celular mais uma vez e depois, volta a me encarar. Ela sabe que não vão aceitar sua corrida nem tão cedo. É o que sempre acontece durante as madrugadas. Tem muito menos motoristas e muito mais clientes.

— Só vou porque quero ir para casa — ela decide por fim, e eu escondo o sorriso.

— Como quiser.

— E não vou falar nada — ela avisa, antes de entrar no carro.

— Como quiser.

Pelo menos, ela estará segura comigo.

Fecho a porta do passageiro e dou a volta no carro, entrando pela porta do motorista e ligando o carro.

— Você vai me falar por que não quer falar nada? — pergunto, um tempo depois, incomodado com o silêncio. Estou acostumado com a Lily falante e cantando Taylor Swift, não essa Lily em silêncio que observa Schönilla pela janela.

— Você sabe o motivo, Aaron.

— Se eu soubesse, não estaria perguntando.

Ela bufa e vira seu rosto em minha direção. Por sorte, estamos parados no sinal vermelho, e eu consigo olhá-la também.

— Você quis que eu fosse mais uma das garotas que leva para aquela salinha do sexo, mas eu me recuso a ser mais uma, Aaron.

— Lily… nós ficamos. Não te prometi nada além disso. — Eu não *poderia* dar nada além disso para ela.

— Aquele discursinho todo foi para me comer, então?

— Eu estava falando sério.

Ela é minha. Somente minha.

A reação de Lily? Mais uma das suas risadas sarcásticas.

— Você é inacreditável.

E com isso, seguimos o restante do caminho em completo silêncio.

Sem Lily Diggory tagarelando.

Sem Lily Diggory cantando Taylor Swift.

Eu não admitiria isso para ela, mas senti falta dessa Lily Diggory.



# 27

## Lily Diggory

Faz exatos três dias que eu não troco uma palavra sequer com Aaron Yoon.

Ele tenta se comunicar comigo, mas eu me seguro e não respondo. Ele conseguia fingir que nada aconteceu entre a gente na sexta, só que eu não. Eu podia estar um pouco altinha de álcool quando nos beijamos no fim de semana e depois, quando rolou a pequena discussão, porém eu me lembrava muito bem de tudo.

E isso é um problema.

Eu lembro exatamente de como foi sentir — finalmente — as mãos de Aaron em mim, passeando por todo meu corpo e me fazendo ter arrepios. Eu sei como fiquei molhada apenas o seguindo para o segundo andar da boate, em como eu só pensava em dar para ele em qualquer parede e acabar com isso. Meu clitóris pulsava por seu pau. Eu estava tão encharcada de tesão, que ele conseguiu sentir minha umidade através do tecido fino da calcinha. Patético, não é? Eu ter ficado tão excitada pelo cara que eu deveria considerar meu meio-irmão. Contudo, foi o que aconteceu. Eu estava contando os segundos para tê-lo dentro de mim. E porra, aquele tapa… foi o ápice para mim. Eu podia ter gozado apenas com isso e a fricção da minha boceta contra o seu pau por cima da roupa.

Porém, foi por causa do tapa, que eu me toquei de onde estávamos. Eu fiquei tão atordoada, que acabei desviando os olhos dos dele por alguns segundos e notei algo familiar naquela sala. Tive uma sensação de que já estive lá, mas não conseguia ter certeza de quando.

Até que a memória de encontrar Aaron e uma garota com o pau dele enfiado bem fundo na garganta me veio à mente, e eu precisei sair dali o mais rápido possível.

Ele tinha mesmo me levado naquela porra de sala? Onde provavelmente levava todas suas conquistas do dia?

Inacreditável!

Eu não seria mais um nome na lista imensa de garotas que Aaron Yoon já fodeu ali, ou em qualquer lugar. Eu não quero ser apenas mais uma. Entretanto, eu também não faço ideia do que eu quero ser. Mais do que isso? Como o que?

Minha cabeça está uma confusão!

Depois de ter passado um bom tempo vivendo em meio às provocações de Aaron, eu… não sei. Esperava algo mais, eu acho. Ele estava me querendo há tanto tempo — e era recíproco —, que eu imaginei que eu não seria *apenas* mais uma. Eu não faço ideia do que eu poderia ser, por causa dessa… dessa relação complicada que temos em relação à família, mas eu aceitaria qualquer mínima coisa.

No entanto, Aaron não me ofereceu nada. Só o lugar de ser mais uma das meninas com quem ele transava rapidinho no andar de cima da Lust.

E isso eu não queria.

Eu não te prometi nada, Lily.

As palavras dele estão presas na minha mente desde então.

Sim, Aaron, eu sei que você não me prometeu nada, porém eu esperava mais. Tudo bem, talvez a culpa disso seja totalmente minha, entretanto eu continuo chateada. Eu nunca tinha me sentido assim antes — sempre foi fácil transar uma vez e mandar o cara embora na manhã seguinte —, e agora que eu já tinha provado desses sentimentos, esperava que eles fossem embora tão rápido quanto chegaram.

— No que você está pensando? — Stella me pergunta, enquanto estamos caminhando para um dos jardins da faculdade depois da aula que tivemos juntas, para encontrar com Ava nesse pequeno intervalo.

— Ah, nada. Nada não. — Sorrio fraco para minha amiga, que ergue uma das sobrancelhas para mim.

— Você pode confiar em mim, Lily — ela me garante, e eu sei disso.

Contudo, como vou contar que estou a fim do meu irmão postiço, aquele que tem boatos sobre si e a família rolando pela cidade, afirmando que são perigosos?

Nossa, tem tanta coisa errada nessa história!

— Eu sei disso, Stells. Obrigada — respondo, decidindo deixar essa história guardada por hora.

Nós logo encontramos Ava sentada em uma canga colorida, embaixo de uma das árvores do jardim. Está com um livro em mãos, e o cabelo está preso em um rabo de cavalo no alto da cabeça, já que ela tem ensaio do ballet mais tarde e gosta de deixar tudo quase pronto quando sai de manhã.

— E aí, tchutchuca! — Stella a cumprimenta, jogando-se ao lado direito, e eu faço o mesmo do esquerdo.

— E aí, Ava.

— Oi, meninas — ela nos cumprimenta de volta, guardando o livro na bolsa. — Agora que Lily já está aqui… você pode contar o que aconteceu na festa sexta?

Ainda bem que essa pergunta não é dirigida a mim.

— Ah… claro, claro. Verdade — Stella fala e parece… sem graça? Essa é nova.

— O que aconteceu na Lust que eu não estou sabendo? — pergunto, curiosa.

— Cameron e eu conversamos. De novo — ela revela, mas eu já estava sabendo disso, porque Ava me contou quando mandei mensagem para ela naquele dia. — Você sumiu da festa, e Ava queria ir embora. Ele não tinha bebido naquela noite e se ofereceu para levá-la de volta aos dormitórios, depois voltamos para festa. Foi o que aconteceu. E seria só isso, uma carona para minha amiga.

— Você deixou isso de fora — digo para Ava, que balança os ombros com um sorriso culpado no rosto.

— Achei que ela fosse te contar — confessa, e eu faço um gesto para ela deixar para lá, que é só uma brincadeira.

— Ok, continua, Stells! — peço, dando a vez de fala para minha amiga novamente.

— Quando voltamos, ele me levou no camarim da Joanne Williams! Tiramos uma foto, e ela até mesmo repostou nas suas redes sociais. — É, eu devia ter checado o celular no fim de semana e não, ter dado um detox de eletrônicos. Perdi coisas muito importantes com essa palhaçada! — Depois, ele me levou para a sala da Kiara, no segundo andar, e pediu… pediu uma pizza de calabresa com abacaxi, minha preferida, porque eu disse que estava com fome. Nós ficamos bastante tempo lá e fomos os últimos a ir embora da boate.

— E o que mais? — incentivo, porque mesmo que ela tenha parado de falar, sei que tem mais nisso aí.

— Eu… eu concordei em ser amiga dele. Só amiga — ela diz de uma vez, e eu troco um olhar rápido com Ava.

Até quando esse papo de amizade vai durar?

— Você tem certeza que é uma boa ideia, Stella? — Ava pergunta, colocando a mão por cima da dela na canga.

— Ele pode não ser o cara certo para mim, mas é um bom amigo — ela fala, porém não parece confiar muito nas próprias palavras. — Deus, eu sou patética, não é? Me humilhando assim por um homem que quebrou meu coração! — ela faz seu drama, e isso arranca risadas de nós duas. — Me digam que vocês também fizeram alguma burrice nesse fim de semana, para eu não me sentir sozinha.

Merda.

Essa é a deixa que eu estava esperando para contar o que aconteceu?

— Lily — Stella me chama, e eu respiro fundo. É esse o momento. — Você sumiu na Lust. Onde você estava? — ela me pergunta, maliciosa.

— Se eu contar… vocês não podem me julgar, tá bom? — é a primeira coisa que eu digo, mesmo sabendo que isso vai ser impossível.

— Nunca, amiga — Stella me garante, e Ava concorda com a cabeça.

— Eu estava com Aaron — confesso, mas elas não esboçam nenhuma reação *ainda*. — E nós… nós nos beijamos. E quase fizemos mais do que nos beijar.

O silêncio que preenche nossa rodinha depois que eu conto isso é ensurdecedor.

— MEU DEUS! — Stella grita, levando uma das mãos à boca em completo choque.

— Lily, ele não é tipo seu… irmão? — Ava pergunta, mais preocupada do que surpresa.

— Corta essa, Ava! Eles mal se conhecem e nem tem o mesmo sangue — para minha surpresa, é Stella quem responde. — Como isso aconteceu? Não poupe detalhes — ela avisa, apontando um dedo na minha direção, e eu rio.

Sem deixar nada de fora — quase nada —, eu conto para as meninas, resumidamente, como Aaron e eu nos conhecemos, e essa aversão toda que ele teve a mim desde o primeiro. Conto de quando nossos pais deram a ideia de morarmos juntos, já que estudamos na mesma universidade, e tudo que aconteceu desde o dia que cheguei. Das nossas provocações diárias, e até comento do sonho erótico que eu tive. Esse último, sem muitos detalhes, claro.

— Uau… eu, com certeza não esperava isso quando pedi que uma de vocês contasse algo! — Stella é a primeira a falar alguma coisa assim que eu termino.

— Isso foi bem intenso — Ava comenta e parece estar tirando essa ideia de que o que aconteceu entre nós, é errado.

Stella está certa.

Nós nos conhecemos há pouco tempo, não crescemos juntos e criamos esse laço de irmãos, nem dividimos o mesmo sangue. Qual o problema, certo?

— E… e agora você não está falando com ele? — Stella me pergunta, já que também não deixei de fora os últimos acontecimentos.

— É, isso — respondo, com um pouco de medo de elas acharem que estou exagerando. — Vocês acham que eu estou errada?

— Você está mais do que certa, amiga! Ele passou todo esse tempo deixando bem claro o quanto te queria, e no fim, te trata como se você fosse só mais uma? Babaca!

— Você está certa, Lily, mas acho que vocês podem conversar e resolver essa situação — Ava sugere depois que Stella nos dá sua opinião.

— Eu acho que ela já deixou bem claro o que acha dessa situação, e ele não se importou o suficiente para pedir desculpas — Stella diz, firme, e eu concordo com ela.

— Diálogo é a melhor forma de resolver uma briga — Ava rebate, e por mais que ela possa estar certa, não quero estar aberta a diálogos com Aaron.

Eu já tinha falado o que acho de toda situação no dia, e ele continuou repetindo que não me prometeu nada, e parece não estar nem aí para como eu estou me sentindo.

Bem, se Aaron Yoon não vai se esforçar para me ter, tudo bem.

Alguém vai.



Eu não imaginava que encontraria esse alguém tão rápido assim.

As meninas e eu nos encontramos novamente no fim da tarde, antes do treino de líderes de torcida meu e da Stella e do ensaio extra de ballet que Ava terá mais tarde. Elas souberam que a cafeteria mais famosa do campus — a mesma da torta de frutas vermelhas —, iria lançar alguns pratos novos no cardápio hoje, e haveria descontos e brindes para quem fosse.

É claro que fui arrastada pelas duas para lá.

Para piorar, eu ainda tive que esperar mais de 40 minutos em uma fila, do lado de fora, até uma mesa ser disponibilizada para a gente. Aparentemente, todos os estudantes ficaram sabendo dessa mudança no cardápio e quiserem vir provar as coisas novas.

Queria chamá-los de desocupados, mas eu estaria ofendendo a mim mesma, porque vim fazer o mesmo.

Quer dizer, eu não vou comer nada. Só vim pela companhia. Eu ainda estou seguindo minha dieta à risca e não a deixarei ir para o ralo de novo. Se eu seguir assim, em algumas semanas eu já estarei servindo no vestido novo que mamãe comprou para mim e foi entregue no apartamento há alguns dias. Ele é um número menor do que eu visto atualmente, e essa é uma forma sutil de ela me dizer que eu preciso emagrecer o suficiente para caber nele.

Pelo menos, eu ganhei uma roupa nova e não precisei pagar (essa sou eu, tentando ver o lado positivo da vida).

Quando enfim conseguimos uma mesa, e elas fizeram o pedido, eu disse:

— Vou comprar alguma coisa para mim do outro lado da rua. — É onde abriu um mercadinho de produtos naturais e saudáveis, e eu já sou cliente fiel de lá desde a inauguração.

— Não quer mesmo comer aqui, amiga? Eles têm pratos novos — Stella tenta, me oferecendo o novo cardápio, porém eu nego com a cabeça, nem me dando ao trabalho de olhar.

— Não quero, Stells.

— Já comeu antes? — Ava pergunta, e percebo o olhar desconfiado dela.

Ela está começando a encaixar as peças, e eu não quero que ela complete o quebra-cabeça.

Não, ela não conseguiria. Certo? Minhas amigas do colégio conviveram comigo durante anos e nunca perceberam algo estranho antes do acidente onde eu acabei machucando meu tornozelo. Foi só a partir daquele momento, que elas começaram a ficar mais em cima, sempre me perguntando se eu tinha comido e querendo ter provas disso.

Ava Sinclair poderia ter me desmascarado em pouco meses em que tínhamos nos tornado amigas?

— Estou sem fome, amiga. Vou só comprar um suco ou alguma coisa assim — respondo, tentando não soar culpada.

Culpada, pelo que exatamente, eu não sei. No entanto, não quero que ela continue desconfiada.

Ava não responde mais, e eu levo isso como uma deixa para ir comprar o que preciso no mercadinho.

Aqui, eu pego algumas coisas para casa que estão faltando, como barrinhas de cereais, sucos verdes, chás, água de coco e alguns ingredientes para saladas, para começar a dar uma variada nos dias em que eu comia.

Quando pego tudo que preciso, vou direto ao caixa, e por sorte, eu sou a única cliente na fila. O homem está de costas, porém ouve eu colocar a cestinha na bancada e se vira para me atender.

Uau.

Não é o cara que me atende quando eu venho aqui. Não, é uma pessoa diferente.

Um garoto. A pele negra escura, olhos castanhos, e os cabelos encaracolados presos em um coque samurai são o charme dele.

Eu achava que era o charme, até ele abrir um lindo sorriso para mim.

— Boa tarde — ele diz, já começando a passar minhas compras, e eu demoro um tempo para me recuperar da beleza dele.

— Boa tarde. Oi, oi — respondo, meio abobada, e ele ri fraco da minha reação. *Ótimo, Lily.* — Você é novo aqui, não é? Nunca te vi antes.

Isso, boa saída, Lily. Ele pode acreditar que você só ficou confusa por não tê-lo visto por aqui anteriormente.

— Comecei no começo da semana — ele conta, e eu assinto com a cabeça. Isso explica porque não tínhamos nos visto ainda. — Você vem sempre aqui?

— Toda semana. É meu mercadinho favorito da SU — respondo, e dessa vez, é meu momento de abrir um sorriso. — Você é estudante aqui também?

— Faço Engenharia. E você? Que curso faz ou ainda não decidiu?

— Eu faço Moda — falo, um pouco hesitante.

Eu amo meu curso e sei que nasci para isso, mas algumas vezes, as pessoas não gostam. Elas acham que é um curso fútil e superficial, que não vale para nada.

— Sério? Que irado — o garoto bonito diz, e eu posso ver que está sendo sincero. — Minha irmã mais velha acabou de ser aprovada em um mestrado em Londres, na…

— Na *Central Saint Martins*? — completo por ele, sem conseguir conter a minha língua grande, e ele assente. — É tipo… a melhor faculdade de Moda do mundo! Sua irmã está estudando no mesmo lugar que Stella McCartney, Alexander McQueen, John Galliano… meu Deus! Isso deve ser um sonho!

— Ela já chorou algumas vezes quando nos falamos por telefone, desde que foi para lá — ele confessa, arrancando uma risada minha.

— E ela está gostando?

Uma pergunta boba, porque só tem uma resposta certa.

— Acho que minha irmã nunca mais volta para casa — ele brinca, e nós dois rimos.

Isso é tão… tão fácil. Conversar com alguém novo, sem nenhuma expectativa, e essa pessoa lhe arrancar risadas sinceras. Eu nem sei o nome do cara, porém ele já tinha feito meu dia, pela sua simpatia. Ele não é tão bonito quanto Aaron, mas…

*Porra.* Por que eu estou pensando nesse filho da puta agora?

Ele já tinha deixado bem claro que não me queria, quando não veio atrás de mim, nem para pedir desculpas, depois do que aconteceu no fim de semana. E, como eu disse, se ele não me quer, tem quem queira.

— Senhorita? Deu 45 dólares e cinquenta centavos — o cara diz, e eu lhe entrego meu cartão de débito.

— Obrigada… — Deixo um espaço para que ele me fale o seu nome, e ele cai na isca.

— Dave.

— Eu sou a Lily — me apresento com um sorriso. — Obrigada, Dave — agradeço, pegando minha sacola parda com meus produtos.

Eu já sei o que vai acontecer agora, se eu tiver pegado os sinais corretos. A forma como ele fez questão de que nossas mãos se encontrassem quando entreguei o cartão e me deu as sacolas. Como seus olhos recaíram sobre meus lábios algumas vezes enquanto falávamos, e também não perdi ele dando uma espiadinha na minha barriga de fora devido ao uniforme das líderes de torcida.

Ele está a fim.

— Lily? — ele me chama, assim que me preparo para sair.

— Sim?

— Seria muita prepotência minha te convidar para sair agora?

Eu abro meu melhor sorriso diante das suas palavras.

— Não, não seria, Dave.

— O que você acha de… sexta? — ele sugere, e gosto que ele é rápido. Alguns caras iriam pegar meu número e me mandar mensagem depois de uma semana, como se estivessem tão ocupados, que esqueceram de falar comigo.

Idiotas.

— Perfeito para mim.

— Podemos ir jantar em algum restaurante maneiro e depois… depois pegar um cinema? O que você acha?

— E se dispensarmos o jantar e irmos direto para o cinema? Podemos ir para sua casa depois — sugiro, tirando a opção de comer junto de um desconhecido.

Eu não quero ter que passar pelo *pós* jantar, sozinha no meu banheiro.

— O-ótima ideia. Posso pegar seu número para combinarmos um horário, e eu poder te buscar em casa?

— Claro que sim, Dave. — O sorriso não deixa meu rosto em nenhum momento.

Não quero admitir, porém foi assim que Lauren me ensinou a conquistar os homens. Sorrir. Fingir que não se importa com assuntos relevantes, como política e saúde pública, para não gerar discussões se vocês entrarem em um desses assuntos. Falar o menos possível. Deixá-lo livre para ter amantes se quiser, mas deixar claro que o lugar dele é comigo.

Seguindo esses passos, eu posso me tornar uma esposa troféu e ter uma vida acomodada, como ela mesma diz.

Não concordo com nada disso, e ela sabe. Não quero ser *apenas* a esposa de alguém, eu quero ser bem-sucedida na minha carreira de estilista, quero viajar o mundo e quero comprar as roupas de marca com que sonho desde pequena. Seria bom construir uma família com um cara maneiro? Sim, porém esse não é o foco da minha vida.

No entanto, eu ainda posso usar algumas táticas que ela me ensinou para conseguir o que eu quero.

Nós trocamos números de celular e nos despedimos, mas não antes de eu dizer que estou ansiosa para o nosso encontro.

Eu terei um encontro com um cara que não está a fim de mim só por eu ser algo proibido, viu, Aaron? Nós iremos ao cinema, eu acabarei a noite em sua cama e ainda acordarei no dia seguinte com um café da manhã — mesmo que ele vá descarga abaixo depois, entretanto, o que vale é a intenção.

Eu mereço esse tipo de tratamento! Não a porra que ele me ofereceu no fim de semana.

Como eu disse, ele não é minha única opção, e está mais do que provado agora.



# 28

## Aaron Yoon

Mais uma vez, eu me encontro em uma posição de estar sendo ignorado por Lily Diggory. E mais uma vez, eu estou odiando isso.

O pior é que eu ainda não entendi muito bem o que eu tinha feito de errado. Foi apenas um beijo, porra. Nem evoluímos para uma segunda fase, e ela surtou porque… nem eu sei o motivo! Onde ela queria que eu a levasse? Eu não estava planejando beijá-la quando subimos para o segundo andar, mas eu também não queria conversar com Lily em um banheiro nojento do primeiro andar. Estava perto do fim da festa, e como os funcionários da limpeza só aparecem no dia seguinte, provavelmente estava uma nojeira, como em todos os outros dias. E aí, eu tento ser um cara legal e levá-la para um lugar melhor, e… e ela surta!

Puta que pariu. Por que eu faço tudo errado?

Não, não faço tudo errado. Lily entende tudo errado.

Eu não a levei para lá porque ela é só mais uma garota para mim, e ela sabe disso. Passamos um bom tempo nos provocando e alimentando a porra do tesão que crescia dentro de nós, para no fim, eu tratá-la como outra qualquer? Não, claro que não. Eu queria aproveitá-la, passar minhas mãos e boca por todo seu corpo e reivindicá-la como minha, tal qual os homens na idade da pedra.

Nunca me comportei dessa forma com uma mulher antes, e ela realmente acredita que tudo não passa de um desafio? Que eu só a quero por ela ser, tecnicamente, proibida para mim? Admito que, no início, eu também era adepto dessa teoria. No entanto, isso já havia mudado.

Eu quero fazê-la minha.

Na verdade, ela já é minha, ainda mais depois do beijo obsceno que trocamos na Lust, mesmo que tenha terminado cedo demais. Eu só quero ter posse de todo seu corpo. E isso vai acontecer.

Se fôssemos outras pessoas, eu adoraria que ela andasse pelo campus ao meu lado ou com minhas marcas espalhadas pelo corpo, para todos saberem que ela pertence a Aaron Yoon.

Foda-se essa merda de feminismo e ser dona do próprio corpo. Lily Diggory também vai dividir si mesma comigo.

Entretanto, como isso não pode acontecer — porque para todas as pessoas, nós somos meio que irmãos, e eu sei como Schönilla é uma cidade fofoqueira —, eu fico satisfeito em tê-la para mim somente entre quatro paredes. Porém, não me incomodaria se todos os estudantes dessa merda de universidade soubessem que ela não é solteira.

Eu ainda nem transei com Lily e já estou totalmente possessivo com ela. Caralho, o que está rolando comigo?

— Stella e eu estamos quase voltando. — A voz de Cameron me tira dos devaneios, e eu volto a prestar atenção na conversa que está acontecendo.

Cameron, Kiara e eu estamos em uma lanchonete, na estrada que leva Millsh à Schönilla. Eles servem o melhor milkshake de chocolate, e se eu pudesse eleger as melhores batatas fritas do mundo, seriam daqui. Quando temos tempo, nós gostamos de vir até aqui e aproveitar um bom lanche, bem longe da nossa cidade e com uma comida deliciosa. Hoje, foi um dia em que conseguimos bater nossos horários e decidimos dar uma passada aqui depois do treino de basquete.

— Não, vocês não estão — Kiara rebate, roubando uma batata frita de Cameron.

— Você não disse que vocês tinham decidido ser apenas amigos? — pergunto, porque me lembro claramente da conversa que tivemos depois da festa.

— É o primeiro passo para voltarmos — ele responde, com um sorriso sacana no rosto.

— Não é não, Cameron. Essa garota só está tirando uma com a sua cara.

Kiara quem responde, mas eu penso o mesmo.

Tudo bem que Cameron é totalmente otário por essa garota. Como ele achou que deixar todas as bebidas, dela e das amigas, por conta dele a noite inteira seria uma boa ideia?

Claro que não foi. Stella Mars se aproveitou do bom e idiota coração do meu melhor amigo e abusou disso. Porra, a garota comprou três garrafas de destilados, das mais caras, e logo depois eu vi pessoas aleatórias exibindo essas bebidas pela boate. Ela fez aquilo para provocar Cam e ver até onde ele a deixaria ir.

E ele a deixou ir até o fim.

Em nenhum momento, ele foi até ela e reclamou. Não, Cameron deixou que a garota aproveitasse a noite da forma que desejava, mesmo que isso significasse que ele fosse ficar com muitos menos dólares na sua conta. E ele ficou, porém não foi um problema.

Não foi um problema, porque sei lá como, ele conseguiu passar um bom tempo a sós com Stella em uma das salas do andar de cima, só dividindo uma pizza e conversando. Foi nesse momento aí — considerando o fato de que a ex-namorada dele estava um pouco bêbada —, que eles decidiram ser amigos. Ele nos contou que ela jurou que eles não voltariam a namorar, porém Cameron não acredita nisso.

— Vamos nos conectar novamente como amigos, e com o tempo, ela vai perceber que ainda é apaixonada por mim — Cam explica, quando termina de mastigar um pedaço do seu hambúrguer.

— No seu mundo perfeito, ela *continua* apaixonada por você? — Kie indaga, elevando uma das sobrancelhas para ele.

— Não é meu mundo perfeito, Kie-Kie, é a realidade!

— Não me chame assim novamente — ela avisa, fechando a cara, mas não consigo levá-la a sério enquanto toma um milkshake de morango no tamanho infantil, e acabo rindo baixinho. — Do que você está rindo, Aaron?

— Nada — minto, mesmo sabendo que ela sabe o motivo da minha risada.

— Por que você está rindo de mim, Aaron?

— Eu… eu só acho engraçado seu milkshake rosa no tamanho infantil — confesso e acabo arrancando uma risada de Cameron também.

Kiara não fica nada feliz e bufa baixinho, revirando os olhos para nós dois.

— Vocês são duas crianças.

— Mas é você que está tomando o milkshake do cardápio infantil — aponto e tenho certeza que se ela pudesse, arremessava toda a bebida em mim.

Ops.

Nós dois não costumamos provocar Kiara Lust frequentemente, só que às vezes, fazemos isso, e rimos para caralho nessas situações. Nossa amiga tem um temperamento forte e um pavio curto, nos fazendo rir com meras brincadeiras que não fazem mal a ninguém, e isso nos diverte. Contudo, é claro que não nos damos ao luxo de fazer isso sempre, para não acabarmos mortos durante o sono.

Ela é capaz disso.

— Você nunca percebeu que somos bem parecidos Kie? — Cam pergunta, e ela ergue uma das sobrancelhas para o meu amigo.

É, lá vem merda.

— Não somos.

— Claro que somos, amiga. — Ela não gosta quando ele a chama assim, entretanto ele não se deixa abalar e continua seu discurso. — E por sermos tão parecidos, dividimos apenas um neurônio. Quando estamos todos juntos, você automaticamente fica com esse neurônio, por ser a mais inteligente de nós. Por isso, nós ficamos meio abobados, já que você está com toda inteligência.

Cameron realmente parece acreditar que deu a explicação do século, e eu não consigo me conter, e solto uma risada. Que porra passou na cabeça dele, para achar que seria uma boa ideia falar isso para Kiara?

— Isso foi uma das coisas mais imbecis que você já falou — Kie diz, desviando os olhos dos dele depois disso e voltando à missão de terminar sua bebida.

O assunto morre durante alguns instantes, até que Cameron tem um brilhante tópico para por em cima da mesa.

— Onde você estava quando desapareceu da festa?

Eu sabia que em algum momento ele iria me perguntar isso, então, já estou preparado. Não planejo mentir para os meus melhores amigos. Eles já sabem de tanta coisa sobre mim, que o que aconteceu na festa, não vai mudar em nada a visão que eles têm de mim. Eles sabem de todos os negócios em que Benjamin Yoon está envolvido, sobre minha mãe e minha irmã, além das coisas terríveis que eu fiz e não me orgulho.

Logo, saber o que aconteceu comigo e Lily Diggory não é um problema.

Eu conto toda minha história com minha irmã postiça. Desde as provocações mais recentes entre nós dois até chegar no dia da festa da Lust, no fim de semana passado. Falo que nos beijamos e do surto que ela teve depois, e que por causa dele, ela está sem falar comigo, de novo, há alguns dias.

— Vocês, homens, são tão idiotas — Kiara fala, assim que finalizo a história e revira os olhos. — Você não foi atrás dela ainda?

— Hum… não? O que vou dizer? Nem entendi direito o que eu fiz de errado! Nunca prometi nada a ela, Kie, não tem motivo para ela estar puta.

— Ela não está puta, Aaron, está chateada. Você ficou semanas nessa de cão e gato com ela, para no fim, fazê-la se sentir como mais uma das suas fodas cotidianas, que você larga depois que tira o pau de dentro.

É, eu não tinha visto a situação por esse lado. Ela está chateada comigo? Sério? Eu estou levando tudo isso como mais uma briga boba entre nós dois, porém acho que é bem mais que isso.

— Achei que você não gostasse dela — Cam comenta, roubando uma batata frita minha.

Porra, se eles comem muito mais do que uma batata média, por que não pedem uma grande logo?

— E eu não gosto. Só estou tentando colocar um pouco de razão na cabeça de Aaron, explicando o que vocês, sem noção, não veem nas situações.

Uau.

Kiara Lust está afiada hoje.

— No fim de semana, na festa, as namoradinhas de vocês não estavam sozinhas — Kie fala, de repente, atraindo nossa atenção. — Quem era a terceira mosqueteira?

— Aquela que tem os cabelos gigantes?

— Ava Sinclair.

Cameron pergunta ao mesmo tempo que eu respondo o nome da garota.

Kiara fixa os olhos nos meus quando respondo e abre um sorrisinho.

— Obrigada, Aaron.

Eu conheço esse sorriso de Kiara e sua fala mansa, sendo que há minutos, ela estava irritada comigo por ter feito graça com seu milkshake infantil.

Kiara Lust está interessada em Ava Sinclair.

Caralho, o que essas três garotas têm, que fizeram meus amigos e eu ficarmos tão interessados nelas?



Eu não aguento mais essa merda, de Lily Diggory não estar falando comigo.

Depois de sairmos da lanchonete, vim direto para casa, disposto a conversar com Lily. Eu não tinha decidido o que iria falar, mas alguma coisa que a fizesse me perdoar. Sim, com certeza pedir desculpas seria a melhor opção, porém eu não sei como pedir desculpas pelo que aconteceu.

Como um bom stalker, eu chequei as redes sociais dela anonimamente, como venho fazendo há algumas semanas, e a última foto que ela postou foi com Stella, durante o treino das líderes de torcida. Já nas redes sociais de sua amiga, sua última postagem foi assistindo um filme com Ava, sua colega de quarto, sem Lily. O que quer dizer que, provavelmente, ela está em casa.

E sim, quando chego, sei imediatamente que Lily está em seu quarto.

As paredes do apartamento praticamente tremem com o volume do som que vem do cômodo dela, com claro, Taylor Swift sendo sempre a artista escolhida. Tentei bater algumas vezes na sua porta, mas eu já sabia que seria impossível ela ouvir. Na terceira vez, eu desisti e fui para o meu quarto, a fim de esperar ela terminar o que quer que estivesse fazendo, para conseguir falar com ela.

Após quase 40 minutos, eu finalmente ouço a música ser desligada e a porta do seu quarto sendo destrancada. Me apresso em sair do quarto e encontrá-la no corredor.

O que eu esperava?

Lily de pijama, pronta para assistir mais um filme de animação no sofá da sala de estar.

O que eu encontro?

Lily com os cabelos loiros enrolados nas pontas e uma maquiagem sutil, porém que a deixa ainda mais linda, com o gloss brilhoso. Ela está com uma roupa simples, calça jeans de cintura alta, um casaco de tricô rosa por cima, da mesma cor da bolsa, e uma blusa branca por baixo, que combina com as botas de verniz de cano baixo.

Linda, só que isso não é novidade. Ela é bonita até mesmo suada, depois de correr pelos quarteirões perto do apartamento.

Assobio, seguindo para a cozinha e digo:

— Uau.

Ela me olha por cima dos ombros e revira os olhos, jogando sua bolsa na bancada enquanto se escora nela, virando-se de frente para mim.

— Para onde você vai desse jeito?

Não vai para o dormitório das amigas, porque já faz bastante tempo que elas estão juntas.

— Não é sua conta, Aaron — ela responde, cruzando os braços e me lançando um olhar desafiador.

— Lily.

— O que foi?

— Podemos só… só parar com isso?

É, eu soei como se estivesse sofrendo por ela não estar falando comigo.

Talvez eu esteja, e isso a convença a passar a noite comigo. Garotas gostam de caras emocionados, não é?

— Parar com o que? — ela pergunta, se fazendo de desentendida.

Lá vamos nós.

— Você sabe com o que, Lily — falo, entretanto ela continua com uma expressão confusa no rosto.

Hollywood está perdendo essa atriz.

— Não, eu não sei, Aaron.

— Olha, eu não fiz aquilo de propósito, tá legal? Eu só queria ficar a sós com você e entrei na primeira sala do andar de cima — começo a explicar, e ela eleva uma das sobrancelhas loiras para mim. Ok, não estou a convencendo. — Tudo que eu falei lá, é verdade, Lily. E você não é só um desafio para mim por ser um fruto proibido ou qualquer merda que você ache que isso entre a gente é. Não é um jogo, é real. Eu te quis no fim de semana, quando te vi dançando para mim daquele jeito, e te quero agora. Como também te quero quando você volta suada das suas corridas matinais ou quando põe aquelas máscaras verdes no rosto.

Isso arranca uma risada dela, e eu sorrio também.

Eu estou mesmo fazendo todo esse discurso para Lily Diggory, tentando fazê-la me perdoar por algo que eu não fiz?

Eu sou tão patético quanto Cameron Parker. A única diferença é que ele está apaixonado por Stella Mars, e eu ainda estou tentando fazer Lily transar comigo.

— Eu estava falando sério, Lily — repito, me aproximando dela.

Ela apenas ergue o queixo para mim e não se mexe. Aceito isso como um convite e só paro em frente a ela, quando estamos com as pontas dos nossos pés se encostando. Colocando uma mão de cada lado dela, na ilha da cozinha, eu a encurralo. Um cenário conhecido por nós dois.

— Sobre o que? — ela enfim pergunta, e meu sorriso lascivo se alarga.

— Sobre você ser minha, meu amor. Você já era, antes mesmo daquele beijo na Lust, e agora, acredito que deixei isso ainda mais claro.

Lily não responde. Ela engole em seco, e vejo seu peito subir e descer. Mesmo ela não dizendo nada, vejo desejo em seus olhos e sei que ela quer isso tanto quanto eu.

— Devemos continuar de onde paramos na boate, *huh*? — continuo, já que ela não quer me oferecer suas palavras. Levo uma das mãos para sua cintura, deslizando pela sua perna, até alcançar sua coxa e começar a subir lentamente em direção à sua virilha. — Já está molhada por mim, Lily? Posso conferir?

Ela não consegue responder, porque seu celular apita em cima da bancada, atraindo nossa atenção. Ela olha de soslaio para a tela, assim como eu, e vemos ao mesmo tempo a nova mensagem que chegou.

**Dave:** estou aqui embaixo, Lily. Já está pronta?

**Dave:** ainda temos meia hora antes do filme começar.

— Quem é Dave, Lily? — questiono, entredentes.

— É um cara.

— E por que esse cara está te esperando lá embaixo?

— Nós… nós vamos a um encontro — ela responde, firme, e leva suas mãos ao meu peitoral para me empurrar e me tirar do seu caminho, mas eu não deixo.

Quando ela apoia as mãos em mim, eu seguro seus pulsos com as minhas e a faço continuar no mesmo lugar.

— Que porra é essa, Lily?

— Você demorou quase uma semana para se tocar da merda que tinha feito, Aaron — ela retruca, irritada, me fuzilando com as írises azuis. — Você não é o único que me quer. Tem uma fila de caras lá fora que me deseja também.

*Uma fila de caras.*… Ah, puta que pariu!

— Que se fodam todos esses filhos da puta, Lily! — explodo, largando suas mãos. Uma das minhas vai de encontro à sua cintura novamente, e a outra, encaixo no seu pescoço. — Sabe qual a diferença entre mim e eles? *Huh?* Eu sou o único que te faz se sentir dessa forma. O único que consegue molhar a porra da sua calcinha sem ao menos te tocar. Você não vai ter isso com eles.

— Ele… ele é um cara legal, Aaron. Mais do que você jamais vai ser.

— Você não quer um cara legal, Lily. Porra! Você acha mesmo que transar na posição mamãe e papai para sempre é o que você quer, *huh*? Porque é isso que você vai ter com a porra desses caras! Eles não vão te satisfazer como eu posso!

Escorrego minha mão para frente, agarrando sua garganta na intensidade que eu sei que Lily gosta. Ela tenta engolir um gemido, só que eu consigo ouvir.

Linda para caralho gemendo por minha causa.

— Lembra quando eu dei um tapa nessa sua boceta e você pediu por mais? Eu sei que você se lembra, Lily, porque você adorou aquilo — continuo falando, com nossos olhos fixos uns nos outros. Aperto mais um pouco sua garganta, e ela deixa o gemido sair, o que me faz sorrir ainda mais.

— Aaron…

— Eles não vão fazer nada disso com você, Lily, e você sabe muito bem disso. Por que não admite de uma vez que me quer e me deixa te dar a noite de sexo que você merece?

Ela não responde inicialmente. Apenas continua me encarando, mas parece pensar. Seus olhos recaem sobre o celular que empurrei para longe do seu alcance e depois, voltam para o meu rosto. Ela observa meus lábios, e para provocá-la ainda mais, os umedeço com a pontinha da língua, sabendo que isso a deixa louca.

— O que vai ser, Lily?

— Eu quero você, Aaron — ela confessa de uma vez, e eu não espero mais um segundo para chocar meus lábios contra os dela.



# 29

## Lily Diggory

Não faço ideia de quem é Dave.

Não faço ideia de quem é o marido da minha mãe.

Sinceramente, eu mal sei quem eu sou nesse momento, enquanto Aaron Yoon suga minha alma com sua boca.

Eu soube assim que escutei a voz dele antes de sair, que meu encontro não iria acontecer. Eu senti. E quando os lábios dele se chocaram contra os meus, eu não estava ligando para mais nada.

Tudo que importa é o aqui e o agora com Aaron.

Nossas línguas finalmente entram em contato, trazendo uma descarga elétrica por todo meu corpo. As mãos dele continuam em partes diferentes do meu corpo — uma na minha cintura, e a outra no pescoço —, mas ambas apertam de leve a pele no local. Eu arfo, e ele sorri durante o beijo, se esfregando em mim, com seu pau já duro.

Eu poderia fazer uma gracinha, porém eu já estou tão melada, que é patético.

Os beijos de Aaron descem pelo meu pescoço, onde ele deixa algumas mordidas e lambidas, que com certeza vão deixar marcas no dia seguinte. Isso é problema para depois, no entanto. Para a Lily desse momento, quanto mais chupões ele der em sua pele sensível, mais prazer traz a ela, e isso é incrível.

Deus, eu estou falando de mim na 3ª pessoa! Devo ter enlouquecido.

— Já estava mais do que na hora de você se render ao desejo, Lily. Eu não aguento mais um dia sem estar dentro de você — Aaron murmura no meu ouvido, antes de puxar meu lóbulo entre os dentes e me fazer gemer.

Se eu estou mesmo louca, não quero voltar a ser normal.

As duas mãos dele descem pelo meu corpo até chegarem à bunda, onde ele agarra as duas nádegas e impulsiona o meu corpo para cima, fazendo com que eu entrelace minhas pernas ao redor da sua cintura. Sem aviso, ele me carrega para o corredor, até estarmos perto de uma parede qualquer, e bate minhas costas cuidadosamente nela.

Nessa posição, seu pau encosta na minha barriga, e eu me lembro do que achei da primeira vez que isso aconteceu: é gigante.

Com apenas uma mão sustentando meu peso, ele usa a outra para desabotoar meu cardigan rosa e jogá-lo pelos ares. Em seguida, com a minha ajuda, retiramos o cropped branco, e seus olhos brilham quando veem que eu estou sem sutiã.

Até que o tesão se transforma em raiva.

— Você estava indo se encontrar com o idiota sem sutiã? — ele pergunta, praticamente rosnando para mim.

Não vou me desculpar por não usar sutiã em uma blusa que pede isso.

— Queria que ele tivesse um caminho mais fácil, caso quisesse tocar nos meus peitos durante a nossa noite — provoco e abro um sorriso malicioso.

— Lily… não me provoque. Não agora — ele avisa, mas eu não dou ouvidos.

— O que você vai fazer, Aaron? Sabendo que eu estava esperando outros toques que não os seus, essa noite? *Huh*?

Sua mão livre sobe até minha garganta, apertando-a, e meu sorriso se esvai, sendo substituído por um gemido, quando ele esfrega seu pau em mim, de uma forma que toca minha boceta por cima do tecido da calça jeans.

— Eu vou te mostrar a quem você pertence, meu amor — Aaron diz, com a boca a centímetros dos meus lábios.

— Faça isso — respondo, e ele volta a me beijar.

Nossos beijos são obscenos, eufóricos e desesperados. Mesmo não sendo a primeira vez que isso acontece, eu sinto que sempre nos beijamos como se pudesse ser a última vez.

Sua mão escorrega do meu pescoço até chegar em um dos meus seios, apertando-o. Ainda me beijando, Aaron faz um movimento de pinça no bico do meu peito, e eu tenho que separar nossas bocas para conseguir gemer com vontade. Ele não é gentil quando faz isso, e eu gosto. Gosto mais do que deveria. Determinado a me enlouquecer, sua boca desce pelo meu maxilar, pescoço e clavícula, e só para quando leva meu outro seio para dentro da boca.

Caralho.

Eu poderia gozar apenas com isso.

Enquanto estimula um dos meus peitos com os dedos, o outro, ele mama com vontade, deixando algumas mordidas ao redor da aréola. Ele alterna entre os seios, usando a boca e os dedos em ambos, e a todo momento, seus olhos estão fixos nos meus.

Essa é uma das cenas mais eróticas que já presenciei.

De repente, os beijos, mordidas e beliscões acabam, porque ele desencosta minhas costas da parede e me carrega até seu quarto, fechando a porta com o pé em seguida. Levando seu tempo, ele caminha até o meio cômodo, onde fica a sua cama, e me joga nela. Entretanto, ele não se joga em cima de mim, como eu esperava. Não, ele fica ao pé da cama, me observando.

— O que foi? — pergunto, apoiando meu corpo pelos cotovelos.

— Estou observando a porra da obra prima que você é, meu amor.

Não tenho tempo de ficar surpresa pela sua resposta, porque ele retira a camiseta no instante seguinte, e eu me perco.

Me perco na porra do seu corpo perfeito. O abdômen cheio de gominhos e a entrada que leva para a virilha… Aaron Yoon é o pacote completo.

— Gosta do que vê também? — o babaca me pergunta, e eu reviro os olhos.

— Gostaria mais se você estivesse na cama comigo.

É o único convite que ele precisa para, finalmente, se pôr em cima de mim, voltando a me beijar. Conforme nossas bocas travam uma guerra para ver quem fica no comando, uma das mãos dele chega no botão da minha calça jeans, desabotoando-a e descendo o zíper em seguida. Ele alcança minha calcinha rendada branca e sorri contra meus lábios quando, mais uma vez, sente minha umidade sobre o tecido.

— Está sempre molhada para mim, Lily? Relaxa, meu amor, eu vou cuidar disso.

É uma das primeiras vezes que vou transar com um cara que sabe ter essas conversas sujas durante o sexo, e caramba, eu já estou adorando.

Ele empurra a calcinha para o lado, passando seu dedo indicador por todos meus grandes lábios, me provocando. Seu dedo faz círculos no meu clitóris, mas não na intensidade que eu preciso para gozar.

Encerro nosso beijo durante um momento, para olhá-lo, e o filho da puta está sorrindo para mim. Ele está se divertindo me provocando!

— Aaron… — murmuro e tenho quase certeza que o sorriso dele aumenta.

— Sim?

— Você pode, por favor, me foder com seus dedos?

— Achei que não fosse pedir nunca — ele diz e de uma vez, enfia dois dedos dentro de mim.

Porra.

Eu estou no paraíso.

Deixando o dedão pressionando meu ponto sensível, seus dedos fazem todo o trabalho lá embaixo à medida que ele deixa mais beijos no meu pescoço, e eu agarro seus ombros, fincando minhas unhas em sua pele. Se ele vai deixar marcas em mim, também posso fazer o mesmo.

Bastam alguns movimentos dos seus dedos dentro de mim, e eu já sinto que posso gozar a qualquer momento. Minhas paredes vaginais começam a querer apertá-lo ainda mais, e eu sei que é um sinal de que vou gozar.

— Aaron… estou quase lá — tento falar, mas acaba saindo como um gemido.

Aparentemente, foi a coisa errada a se dizer.

Ele retira os dedos de dentro de mim e afasta a cabeça do meu seio, onde seus beijos já tinham chegado, e eu o encaro, confusa.

— Quero que você goze na minha boca, amor — ele explica, levando ambas as mãos para o cós da minha calça.

Levanto o quadril para que ele consiga retirar a peça, que se vai junto da calcinha. Simples assim, estou completamente nua. A mercê de Aaron Yoon.

— Porra, Lily. Você é gostosa de uma forma que não deveria ser possível — ele fala, depois de seus olhos passarem por todo meu corpo, e eu sorrio diante do elogio.

Sem esperar mais, Aaron se agacha na cama para conseguir ficar com a cabeça entre minhas pernas e coloca-as sobre seus ombros. Com uma das mãos na minha barriga, para me manter no lugar, eu não tenho nenhum aviso antes que ele invada minha boceta com sua língua.

E eu já estou um pouco sensível por conta do meu quase orgasmo de alguns minutos atrás, então, quando ele movimenta a porra da língua dentro de mim, é o fim.

Eu não duro nada. Ainda mais quando ele usa o dedo para pinçar meu clitóris ao mesmo tempo. Esse é o fim para mim.

Eu gozo com vontade na boca do meu irmão.

Parecendo terminar seu jantar, ele lambe minha boceta de uma ponta a outra, antes de voltar a ficar deitado na mesma altura que eu, sobre mim.

— Você é deliciosa, meu amor. — E ele me beija, para que eu consiga sentir meu gosto.

Ok, eu mudo. *Essa* é uma das cenas mais eróticas que já presenciei.

Eu sorrio, trazendo seu rosto mais para perto do meu, para beijá-lo. Desço minha mão pelo seu abdômen, até chegar à barra da calça de moletom, porém quando tento enfiar minha mão ali dentro, a fim de satisfazê-lo, como ele acabou de fazer comigo, Aaron me para.

— Não precisa fazer isso só porque eu acabei de comer sua boceta, Lily.

— Eu… eu quero. — E é verdade.

Eu estou doida para ver o tamanho do pau dele e testar se cabe inteiro na minha boca.

Minha aposta é não.

— Hoje não, meu amor. Hoje, eu vou me enterrar bem fundo em você.

Sua última peça vai embora, e ele está sem cueca, fazendo com que meus olhos foquem imediatamente na porra do seu pau gigante.

Caramba, é possível alguém ter um membro *desse* tamanho?

— Isso não vai caber em mim — solto, sem conseguir me conter, e ele ri fraco.

— É claro que vai, Lily — Aaron responde, voltando a se deitar em cima de mim, e assim, seu pau fica posicionado estrategicamente perto da minha entrada.

Deus, por que eu estou quase gozando apenas com o leve tocar das nossas intimidades?

Com um dos braços ao lado da minha cabeça, na cama, e a outra mão segurando meu pescoço no lugar, Aaron faz o que prometeu e se enterra dentro de mim. Todo. De uma vez só.

A primeira sensação que sinto é a ardência, por causa do tamanho do seu pau. Dura segundos. Logo a sensação é substituída por outra.

Prazer.

Aaron começa a estocar forte dentro de mim, e eu não controlo os gemidos que escapam dos meus lábios. Ele levanta meus joelhos, deixando-os flexionados, e nessa posição, ele consegue ir ainda mais fundo dentro de mim.

Porra.

Eu iria assumir o papel do adolescente virgem que goza em minutos na primeira vez que faz sexo.

Ele leva uma das suas mãos para o meu clitóris, massageando e estimulando. Eu vou gozar daqui a segundos dessa forma.

— Aaron… — gemo, tentando dizer que estou chegando lá, porém não consigo.

— Eu também estou quase lá, meu amor — ele responde, entendendo o que eu queria dizer.

Ele estoca mais algumas vezes dentro de mim, enquanto aperta meu pescoço. Não satisfeito, ele ainda desfere um tapa na minha boceta, bem em cima do meu ponto sensível, e eu sei que vou ter um orgasmo.

— Seja uma boa garota e goze agora, Lily. Aperta meu pau com a porra dessa boceta gostosa. — Como uma boa cachorrinha obedecendo seu dono, eu gozo.

Eu acho que nunca gozei tão forte assim antes.

Não querendo ficar atrás de mim, Aaron goza logo depois, e eu sinto um pouco da sua porra escorrendo pelas minhas pernas.

Ele sai de cima de mim, se jogando ao meu lado na cama. Nós dois estamos respirando com dificuldade, sem fôlego depois dessa transa incrível. Eu poderia facilmente colocá-la como melhor, mas não quero elevar ainda mais o ego de Aaron Yoon.

Nós não dissemos nada durante alguns instantes, apenas nos recuperando do que acabou de acontecer.

Aaron, depois de um tempo, se levanta, e é quando eu percebo algo no seu corpo. Algo que está faltando.

Não, não pode ser.

— Aaron… você já descartou a camisinha?

— Que camisinha? — ele retruca, descontraído, enquanto abre a porta do seu banheiro.

O que? Do que ele está falando?

— Por favor, Aaron, me diz que você usou sim, uma camisinha — digo, fechando os olhos com força e esperando a resposta certa.

Quando abro os olhos novamente, ele está com um dos joelhos apoiado ao meu lado na cama e sorrindo, ao passo que leva uma toalha de rosto morna ao meio das minhas pernas, me limpando.

— Não usei camisinha, Lily.

Ah, não. Não posso estar ouvindo uma merda dessas!

— VOCÊ É MALUCO? NO QUE VOCÊ ESTAVA PENSANDO?

— Ei, ei. Calma — ele pede, me empurrando de leve de volta para a cama, já que acabei me sentando diante da porra da situação.

— Como vou me acalmar, Aaron? Acabamos de transar sem camisinha! Você pode ter me passado uma doença, ou pior, eu posso estar grávida e…

— Você não usa um DIU, Lily? — ele me interrompe, e eu pisco os olhos, desacreditada.

— Eu… eu uso. Como você sabe disso?

— Você estava falando disso com sua mãe em uma das vezes que jantamos todos juntos. Vocês tinham acabado de voltar do consultório da ginecologista.

Ele prestava atenção no que eu fazia, mesmo quando afirmava me odiar para todos, em todo canto?

— Você não vai engravidar, Lily. Não agora, pelo menos — ele diz, piscando um dos olhos para mim e se levanta, caminhando até onde fica a cabeceira da cama e se sentando ali, com as costas escoradas na parte acolchoada. — Vem aqui.

— Não, Aaron.

Ele bufa, diante da minha resposta, e se estica um pouco, me puxando pelo braço e me posicionando em seu colo, com o pau cutucando minha entrada de novo.

— Você pode ter me passado alguma doença, Aaron! — exclamo, cruzando meus braços e o fuzilando com seus olhos.

— Nós fomos testados antes do primeiro jogo da temporada, Lily — ele revela, mesmo assim, não me convence. — Eu também nunca transei com ninguém sem usar camisinha antes.

Espera… *o que?*

Ele nunca tinha transado com ninguém sem proteção antes, porém tinha escolhido fazer isso comigo?

— E por que você decidiu não usar proteção comigo?

— Nunca senti com ninguém o que sinto com você — Aaron responde, sem rodeios, e eu fico em choque.

Abro e fecho a boca, sem saber o que falar.

— Você é minha, Lily — ele repete o que já me disse algumas vezes, e com as mãos na minha cintura, deixa meus seios colados em seu peitoral. — E eu não vou transar com a minha mulher com a porra de uma barreira nos separando.

Se eu estivesse em sã consciência, eu sairia correndo desse apartamento.

Eu não transaria mais com ele, ou pelo menos, o forçaria a usar camisinha.

Contudo, foi tão, *tão* bom senti-lo dentro de mim dessa forma. Foi minha primeira vez transando sem proteção também, e agora, eu quero fazer assim todas as vezes. Eu estou ciente de todas as merdas que isso pode ocasionar, já que nenhum método contraceptivo é 100% eficiente, mas… mas o que é a vida sem correr riscos, certo?

— E o que… o que as outras garotas vão achar disso?

Ele não deve parar de transar com as outras mulheres que se jogam aos seus pés por minha causa.

— Que garotas? — ele pergunta, confuso, e eu rio. Sério?

— Todas as garotas com quem você vai transar depois de mim. Elas vão gostar que você tenha transado comigo sem camisinha?

Sabe o que Aaron Yoon faz? Ele ri!

Não, na verdade, ele não ri.

O babaca gargalha!

— Lily… não tem outras garotas. Não mais. Não depois de você.

Eu… uau.

Ele tinha tirado a porra do dia para me surpreender.

— Você não está vendo mais ninguém? — pergunto, cautelosa, e ele nega com a cabeça.

— Só tem você, Lily. Como eu vou me envolver com outra pessoa depois de ter te provado, meu amor?

Sorrio diante da sua fala e deposito um selinho em seus lábios.

— Isso se aplica a você também, Lily. Nada mais dessas merdas de encontros com esses caras sem noção — ele avisa, e eu sorrio, maliciosa.

— Poxa, não? O que eu faço com todos os caras com quem marquei de sair essa semana?

Aaron inverte nossas posições, me deixando encurralada entre ele e o colchão, e eu continuo com meu sorriso estampado no rosto.

— Você merece a porra de uma punição, depois dessas provocações, meu amor.

A punição que ele cita? É passar uma noite de sexo maravilhosa ao lado dele.



# Aaron Yoon

Pela manhã, eu sou acordado com os raios solares passando pelas frestas da persiana, que deixei aberta antes de dormir na noite anterior. Eu continuo com meus olhos fechados, tentando dormir, mesmo com a luz, durante mais alguns minutos. E quando eu estou prestes a me levantar para ir até a janela, sinto um braço passar pelo meu tronco e alguém se acomodar ainda mais no espaço entre meu ombro e cabeça.

As memórias da noite anterior vêm em partes.

Lily saindo do quarto toda arrumada para um encontro.

Eu descobrindo sobre essa palhaçada e convencendo-a de que seja lá quem for o cara, ele não é tão bom quanto eu.

Ela, depois de muita teimosia, aceitando que não vai encontrar alguém como eu e cedendo ao desejo que sente por mim.

A porra da nossa madrugada inteira de sexo, e nosso banho juntos, quando já era perto das cinco da manhã. Assim que saímos do banheiro e nos secamos, Lily se jogou novamente na minha cama, dizendo que estava pronta para uma última rodada e que queria ir por cima dessa vez. Demorei alguns minutos, indo apagar as luzes do banheiro, e quando retornei, a loira já estava em seu décimo terceiro sono. Pensei se a deixava ali mesmo ou a levava para o quarto dela e acabei decidindo que era melhor ela ficar por aqui. Me acomodei como consegui — já que Lily estava praticamente atravessada na cama — e não demorei muito para adormecer também.

Quando tudo que aconteceu já está claro na minha mente, eu sorrio. Porra, foi a melhor transa da minha vida! Como eu tinha conseguido esperar tanto para isso?

Não.

A espera valeu ainda mais a pena.

Todas as porras das vezes em que eu precisei me masturbar depois de Lily Diggory explodir não só minha paciência, como também minha excitação, valeram a pena. Agora, que eu tinha provado dela, nunca mais iria deixá-la ir embora.

Eu estou disposto a continuar dormindo e sentindo o corpo nu de Lily contra o meu. Suas pernas estão emaranhadas com a minha, e sua boceta lisa toca minha pele. Uma parte de mim considera acordá-la com uma boa chupada, mas essa ideia vai embora tão rápido quanto veio. Se eu quiser fazer isso, terei que conversar com ela antes.

Esqueço da porra das luzes solares invadindo meu quarto, e meus olhos estão quase se fechando, quando ouço meu celular vibrar na mesinha de cabeceira. Delicadamente e bem devagar, eu estico meu braço que não está ao redor da cintura de Lily e alcanço meu aparelho.

Porra, quem está me mandando mensagem a essa hora da manhã?

**Kie:** preciso da sua moto.

**Kie:** me encontre na Lust daqui a pouco.

Nem um bom dia, como eu estou, se já estou acordado. Não, com Kiara Lust não funciona dessa maneira. Ela fala o que precisa, e é isso, e eu gosto disso na minha melhor amiga.

Eu não pergunto porque ela precisa da moto. Isso não é da minha conta. Se ela não falou, é porque não é importante eu saber. Quando Kiara quer me contar algo, ela faz isso. E ao longo desses anos de amizade, eu aprendi a não fazer muitas perguntas, porque entendi que ela não me daria as respostas. Não posso exigir muito de Kie, pois já perdi as contas de quantos favores ela fez para mim sem pestanejar.

E nossa amizade é uma via de mão dupla.

**Eu:** ok. Estou indo para a Lust.

Cuidadosamente, eu retiro o braço de Lily de mim e me levanto, me esforçando para não acordá-la. Transamos a porra da noite toda, e ela merece o descanso. Ainda não são nem 7 horas da manhã!

Vou até a boate, como combinei com Kiara, entrego minha moto, e ela diz que irá me devolver no fim da tarde, sem mais detalhes, como esperado.

Quando volto para o apartamento, algumas horas depois — Cameron me convenceu a atravessar a porra da cidade inteira atrás do cookie favorito da Stella —, Lily não está mais aqui.

Merda.

Queria mandar uma mensagem, perguntando onde foi ou até explicar porque a deixei sozinha depois da porra da noite mais foda da minha vida, mas nós não trocamos números de celular. Caralho, qual é o nosso problema? Moramos há alguns meses juntos e não sabemos o número um do outro!

Frustrado, aguardo ela chegar em casa, sentado no sofá da sala de estar, bem de frente para a porta, porém isso não acontece. E fazendo meu papel de stalker mais uma vez, olho suas redes sociais e vejo que depois de tomar um café da manhã com as amigas, Stella e Ava, elas foram para o shopping que fica na capital do estado.

A hora que Lily chegou em casa, depois desse dia de compras que eu acompanhei tudo pelos seus posts? Agora, quase dez horas da noite.

— O passeio foi bom — comento, encostado em uma das paredes da sala, com os braços cruzados.

Eu estava me preparando para ir para a Lust, quando ouvi o barulho da porta principal sendo aberta e só borrifei um pouco de perfume, antes de ir para a área comum do apartamento.

— Deu para o gasto — ela brinca, mostrando as várias sacolas de compras.

Reparo que ela está de bom humor, o que é bom. Ela não ficou chateada pelo que aconteceu de manhã.

— E onde você estava pela manhã? O que era tão importante, que você precisou sair tão cedo de casa?

É, eu estava enganado.

— Você estava acordada quando sai? — pergunto, tentando amaciar o terreno.

— Eu acordei quando você fechou a porta um pouquinho forte demais — ela responde, aproximando o dedão do indicador para ilustrar o que está dizendo.

— Eu… eu tive que resolver uma situação. — Não acho que dizer que eu fui encontrar Kiara seja uma boa opção. Mesmo que eu não tenha nenhum tipo de envolvimento com ela, é melhor não cutucar a onça.

— Você não vai me dizer, não é?

— Você vai me dizer onde estava quando sumiu aquele fim de semana todo? — rebato, já que ainda não esqueci daquele acontecimento.

Ela não responde nada, e eu sei que toquei no assunto que ela não quer falar sobre.

— Só… só me responda se você já cansou de mim e arrumou outra pessoa — ela pede, e eu a observo, confuso.

Após ter esperado quase dois meses, ela acha mesmo que eu já cansei dela? Depois de uma noite?

— Lily, você está doida? Eu não estava com nenhuma outra garota. Eu não penso em nenhuma outra há um bom tempo, meu amor — respondo, me aproximando dela e colocando uma mecha do seu cabelo loiro atrás da orelha.

— E por que você não quer me contar onde estava? — ela pergunta, apoiando as mãos no meu peitoral. — Você… você está muito arrumado para ficar em casa.

Pelo menos, ela esqueceu o assunto anterior.

Minha calça preta combinando com minha camisa de botões da mesma cor, dobrada até os cotovelos e com os primeiros botões abertos, não é realmente minha primeira escolha para ficar em casa.

— Vou para a Lust.

O que deixo de fora é que estou indo para lá porque um imprevisto aconteceu durante a semana, e o jogo de azar de Kiara com algum dos sobrinhos de um dos senadores dos Estados Unidos, foi remarcado para sábado, hoje, e eu gosto de estar presente quando esses jogos acontecem. Cameron e eu, na verdade. Por mais que Kie tenha seus seguranças, ela pode ser… um pouco imprudente às vezes.

— Vou com você — ela decide, ficando na ponta dos pés para deixar um beijo casto nos meus lábios, e se desvencilha de mim. Contudo, antes que ela consiga ir muito longe, eu a puxo pelo pulso e colo nossos corpos de novo, fazendo-a ficar de frente para mim.

— Tem certeza, Lily? Você acabou de passar o dia inteiro na rua e deve estar cansada.

Eu não posso dizer que o real motivo de não querer que ela me acompanhe hoje, é porque vou precisar ficar ao lado dela a cada segundo, mas sem poder tocá-la, dando abertura para qualquer imbecil chegar perto, e eu não quero isso. Além de não poder contar o que acontece no segundo andar da boate, e eu estou um pouco cansado de esconder as coisas dela.

— Você não quer que eu vá? — ela questiona, desconfiada, e eu me apresso em negar.

— Claro que não, Lily. Se você quiser ir, vamos. — Aponto para a porta com a cabeça, e ela solta uma risada.

— *Assim?* Você só pode estar maluco, Aaron! Preciso me arrumar!

— Já são quase dez horas, meu amor.

— Vou ser rápida. Prometo — ela diz, deixando mais um selinho nos meus lábios e correndo para o quarto.

O mais rápido que Lily Diggory consegue se arrumar é em 45 minutos. Isso porque ela disse que, por sorte, já tinha lavado o cabelo pela manhã e não precisou fazer isso novamente. Agradeço mentalmente, porque se ela fosse tomar um banho completo e ainda fazer algo no cabelo, nós não chegaríamos antes da boate fechar.

A roupa escolhida dela de hoje é uma saia rosa clara de couro, da mesma cor da bota de salto baixo, e uma blusa branca de gola. Eu gostei do vestido que ela usou no fim de semana passado, porém não gostei da atenção que ele atraiu para a minha garota. Não gostei nem um pouco de ver os olhares famintos sobre ela.

A questão com Lily, no entanto, é que não importa a roupa que ela usa, ela sempre chama atenção. Ela tem presença. Assim que ela entra em um local, todos os olhos vão automaticamente para ela.

— Vamos? — ela pergunta, abrindo um sorriso para mim.

E eu sei que estou fodido com essa garota.



Como o esperado de um sábado à noite depois das 23 horas, a Lust está lotada.

Logo que entramos, Lily e eu já estávamos a par de que não poderíamos ficar muito próximos, nem nos tocarmos de maneira íntima. Muitos estudantes da SU frequentam a boate, e não queremos burburinhos sobre a gente.

Foi uma das piores decisões da minha vida.

Lily quis dançar depois de tomar um coquetel de abacaxi, e fui atrás dela. Fiquei perto de uma das colunas da casa noturna, observando-a. Não estava muito longe, mas o bastante para que ela pudesse dançar e não se preocupar comigo atrás dela, como se fosse a porra de um segurança. Felizmente, eu estava perto o suficiente para espantar todos os caras que tentaram se aproximar com segundas intenções. Apenas um olhar feio, e eles se cagavam, mudando de direção.

Babacas.

Desviei a atenção de Lily em alguns momentos para poder trocar mensagens com Cameron, que está no segundo andar da Lust aguardando o jogo de Kiara com o sobrinho do senador terminar. Ela não o quis dentro da sala, como já esperávamos, porém isso não o impediu de ficar do lado de fora e em contato com o segurança que ficou do lado de dentro, para ele lhe informar de qualquer limite ultrapassado.

Felizmente, tudo correu bem. Eles jogaram Poker, e a partida acabou há alguns minutos, e por isso, eu estou esperando Lily cansar e vir até mim, para podermos subir para o segundo andar.

Eu deveria avisar para Kiara e para Lily da presença uma da outra? Provavelmente, mas vamos esperar a surpresa acontecer.

Não demora muito, e logo vejo Lily vindo em minha direção com um sorriso largo no rosto. Ela parece estar vindo diretamente para me beijar, porém quando percebe o que está prestes a fazer e que não pode, murcha o sorriso e põe um pouco de distância entre nós dois.

— Não vem dançar? — ela pergunta, fazendo um movimento com a cabeça para indicar a pista de dança atrás dela.

— Não acho que o tipo de dança que quero fazer com você vai ser bem aceita aos olhos de uma plateia — respondo, abrindo um sorriso, e… e Lily fica vermelha? Essa é nova! — Envergonhada, meu amor?

— Você não pode dizer esse tipo de coisa para mim em público, Aaron — ela sussurra no meu ouvido, apoiando suas mãos no meu abdômen, para se equilibrar, quando faz isso.

Quão escura é a boate? É possível me verem jogando Lily contra uma dessas pilastras e retirando todo ar dela?

— E por que não?

— Porque eu não posso fazer essa dança em você aqui, e você sabe disso. — O sorriso alegre de antes se torna lascivo, e eu preciso controlar meu pau dentro das calças.

Como eu aguentaria a porra do resto da noite, imaginando Lily nua rebolando no meu pau?

Eu não vou aguentar, essa é a verdade.

Coço a garganta, antes de mudar de assunto e digo:

— Vamos subir? Cameron está lá — *e Kiara também*, só que deixo isso de fora.

— Claro, vamos — ela responde, animada, e eu traço o caminho até o segundo andar da boate.

Subimos a escada — e estanho o segurança já conhecer Lily, e a cumprimentar como se fossem velhos amigos —, e eu a levo para o fim do corredor, onde fica a sala de jogos da Lust.

Assim que abro, deixando Lily entrar na minha frente, a primeira pessoa que vejo é Cameron, sentado em um dos sofás de couro e bebendo uma cerveja. Dou uma olhada em todo o ambiente, entretanto não encontro Kiara. Bem, o problema que vai acontecer com certeza, foi adiado durante alguns poucos minutos.

— Lily! Você por aqui, loirinha — Cameron a cumprimenta de longe, piscando um dos olhos para a *minha* garota.

— Oi, Cameron — ela o cumprimenta, não tão feliz quanto ele, e isso me alivia. Não quero que eles sejam tão próximos assim, mesmo ele sendo totalmente apaixonado por uma das amigas dela.

Lily caminha na direção de uma das poltronas. No entanto, eu sou mais rápido e me sento primeiro. Ela está prestes a reclamar, quando enrosco um braço em sua cintura e a puxo para o meu colo. De costas, ela vira a cabeça para mim e está com uma expressão alarmada no rosto, me fazendo sorrir.

— Ele sabe — sussurro em seu ouvido, enquanto faço um carinho na sua coxa.

— Pode relaxar, loirinha. Sei de tudo sobre você e seu *irmãozinho* — Cameron responde e ele mesmo gargalha com sua piadinha.

Não vai demorar muito para que ele esteja bêbado.

— Você veio só com Aaron? — Cam pergunta, fingindo não estar interessado na resposta dela.

— Ele quer saber se Stella está aqui — explico para Lily, que ainda está me observando e sorri para mim, antes de passar um dos braços pelos meus ombros e retornar sua atenção para o meu amigo.

— EI!

— Ela não veio — Lily responde, depois da reclamação dele. — Provavelmente já está no seu milésimo sono agora.

— É, é verdade. Minha Stella gosta de dormir cedo antes do almoço na casa dos pais aos domingos. — Ele demora alguns segundos para perceber que chamou sua ex-namorada de *minha* e cobre a boca quando processa o que disse. — Merda!

Nós três rimos do bobão apaixonado do Cameron, e é quando a porta se abre, e ninguém menos que Kiara Lust adentra o cômodo.

Seus olhos vão diretamente para Lily no meu colo, e a loira se ajeita, ficando ereta e fechando a cara para minha melhor amiga.

É, eu já estava esperando por isso.

— O que ela está fazendo aqui?

As duas perguntam, em uníssono, e isso faz Cameron gargalhar.

— Essa é a minha boate. O que *você* está fazendo aqui? — Kiara retruca, cruzando seus braços e erguendo uma das sobrancelhas para Lily.

— Eu vim com o Aaron — Lily responde, com um sorrisinho no rosto e faz um carinho no meu ombro. — Sou uma convidada.

Porra, Lily tinha mesmo que cutucar Kiara?

— Não, meu anjo. Aaron é um convidado. — Ela aponta para mim quando diz meu nome. — E convidado, não convida.

— Gente… eu acho melhor…

Não consigo concluir minha frase, porque Lily me interrompe.

— O que foi, Kiara? Por que não posso ficar na sua salinha de jogos? Esconde alguma coisa aqui?

— Você não sabe de nada, garota!

— Jogos ilegais são crime — Lily continua, arrancando uma risada sarcástica de Kiara.

— Me denuncie, então. Vamos ver onde essa acusação sem fundamento vai — desafia Kie, e respiro fundo.

É claro que isso aconteceria, imbecil. Quase todas as vezes em que elas se viram, tiveram algum atrito.

— Sabe o que melhoraria esse humor de vocês? — Cameron começa a falar, terminando sua segunda garrafa de cerveja desde que chegamos aqui. — Um jogo! Kie, você tem Jogo da Vida? Monopoly? Não gosto desses negócios de adulto. — Ele indica as mesas para jogos atrás de nós.

— Cameron, cala a boca — peço, não querendo que coloque ainda mais lenha nessa fogueira.

Kiara, entretanto, não tem a mesma reação que eu.

— Eu acho que Cameron está certo.

— O que? — indago, desacreditado da merda que estou ouvindo.

— Eu estou? — Cam questiona, tão surpreso quanto eu.

— Vamos jogar alguma coisa — Kiara decide, me pegando desprevenido.

— Você tem Uno? — pergunta Cam, animado, já se levantando. — Eu acho que é um puta jogo fo…

— Não, só Lily e eu vamos jogar — ela fala, sorrindo, e claro que Lily não fica para trás.

Ela se levanta do meu colo e caminha até Kiara, ficando frente a frente com ela.

— Vamos apostar alguma coisa? Sabe, já que com certeza acontecem apostas ilegais por aqui. — Eu não sei se Lily está jogando verde para ver se Kie revela algo ou se ela realmente sabe sobre o que acontece aqui em cima. E… se for a segunda opção, como ela descobriu isso?

— É claro que vamos, Lily — Kiara diz, indo até a área atrás de nós com Lily e eu, claro, em seu encalço. — Se você ganhar… você fica.

— E se eu perder, vou embora?

— Você não pisa mais na Lust.

Lily pondera durante alguns instantes, mas enfim, decide, estendendo a mão para Kiara, e elas fecham o acordo.

— Sabe jogar xadrez? — Kie questiona, indo até um dos armários e procurando, provavelmente, pelo tabuleiro.

— É claro que sei — responde Lily, parecendo até um pouco ofendida pela pergunta.

Enquanto Kiara arruma uma das mesas redondas pequenas para elas jogarem, eu puxo Lily para um canto, para tentar falar a sós com ela.

— Tem certeza disso, Lily?

Não que seja um grande absurdo ela não poder vir na Lust, ainda assim… não quero que ela seja humilhada por Kiara. Minha melhor amiga é uma jogadora nata e ganha praticamente todos os jogos que se dispõe a jogar.

— Claro que tenho.

— Kiara é… é muito, muito boa no xadrez.

— Que bom que eu também sou — ela diz, sorrindo e deixa um beijo no meu nariz, antes de seguir para a mesa onde elas vão jogar.

Puta que pariu.

Cada uma se senta em um dos extremos da mesa, e sorriem de forma horripilante. Dou uma olhada para trás, e Cameron está sorrindo à toa conforme digita no celular e bebe mais uma garrafa de cerveja. É, eu estou sozinho com as duas nessa.

Não entendo tanto assim de xadrez, porém acho que consigo acompanhar o jogo.

— Você está com as peças brancas, você começa — Lily fala, apontando para o tabuleiro.

Kie sorri, antes de fazer o primeiro movimento, jogando o E4. Lily vai em seguida, fazendo praticamente a mesma coisa, só que jogando seu E5.

Cavalo F3 de Kiara vem depois, seguido do cavalo C6 de Lily.

Tudo bem, está tudo calmo por enquanto.

O jogo continua indo lento, sem muita emoção e com jogadas pouco arriscadas. Elas parecem com medo de fazer um movimento errado e prejudicar o jogo.

Começa a ficar interessante quando as meninas passam a perder as peças uma para a outra, e Kiara e eu nos tocamos que, realmente, Lily é boa. Muito boa.

Por isso ela concordou tão facilmente com uma partida de xadrez. Normalmente, ela seria teimosa e não aceitaria essa opção de jogo. Como eu não percebi que estava muito calma em relação a tudo isso? É claro que estava preparada, e por isso não houve nenhuma reclamação.

Lily não joga para perder.

O jogo continua, e eu estou vidrado no que elas estão fazendo. Kiara joga seu bispo G4, e deixa Lily um pouco sem saída. Ela precisa ter atenção na sua próxima jogada. É minha mera opinião como observador, porque para Lily, como jogadora, ela sabe exatamente o que fazer. Ela toma a peça que está no G5 de Kie.

Não sou muito fã desses jogos de xadrez, porque acho tudo muito parado, mas essa partida está me deixando realmente nervoso. Eu não faço ideia do que pode acontecer na jogada seguinte, e isso deixa tudo muito mais interessante e surpreendente.

As peças vão saindo pouco a pouco, e eu sinto que, a qualquer momento, uma delas vai fazer o xeque mate. Por mais que Lily esteja indo muito, muito bem, eu acho que Kiara tem uma visão de jogo melhor e vai ser a grande ganhadora dessa partida.

Mais uma vez, eu estava totalmente errado.

Kiara faz um movimento errado no tabuleiro e acaba dando uma chance para Lily, que deixa o rei de sua adversária desprotegido e…

— Xeque — Lily fala lentamente, enquanto maneja sua última jogada, com o sorriso se formando no rosto. — Mate.

Mas o que?

O que acabou de acontecer?

Olho para Kiara, nervoso, com medo de que ela surte por ter perdido. É claro que ela já perdeu algumas vezes e lidou bem com isso, porém é diferente. Kie perdeu para jogadores experientes, que já haviam jogado várias partidas com ela, não para uma iniciante como Lily.

Fico surpreso, mais uma vez nessa noite, quando um sorriso surge nos lábios de Kiara. Um sorriso sincero e uma expressão orgulhosa.

— Você é uma boa jogadora, Lily Diggory.

Ela está... elogiando Lily? *O que?*

O que eu perdi?

— Você também, Kiara Lust.

Elas apertam as mãos mais uma vez e compartilham um sorriso triunfante.

— Você pode aparecer na Lust, na minha sala, quando quiser — Kie convida, e eu acho que meus olhos podem soltar para fora a qualquer momento.

— Eu com certeza vou voltar.

No meu tabuleiro de xadrez, há três rainhas, e duas delas estão se tornando amigas nesse instante. Tudo que falta agora, é incluir a terceira e fazer delas um trio.



# 31

## Lily Diggory

Os últimos dias foram bizarros, mas de uma maneira boa, eu acho.

Eu finalmente tinha transado com Aaron, e, caramba, ele se gabava com motivo! Foi o melhor sexo da minha vida, e por isso, nós estamos transando todas as noites desde então.

Por volta das 22 horas, todas as noites, Aaron aparece no meu quarto. Eu tinha deixado claro que preciso fazer toda minha rotina de *skincare* antes de dormir, e como tem vários passos a serem seguidos, eu não posso me preparar para dormir muito tarde. Realizando minhas vontades, ele me joga nos ombros, como um saco de batata, e me leva para o seu quarto, onde fazemos um sexo do caralho. Quando terminamos, eu volto para minha suíte e depois de passar todos os produtos, vou para cama. Nós não dormimos na cama um do outro desde a primeira vez, e eu estou de boa com isso. É melhor assim, para não misturar as coisas.

Além disso, eu estou criando uma… amizade, se eu posso chamar assim, com Kiara Lust. É um pouco difícil me conectar com a garota, porque ela é uma pessoa muito fechada — ainda mais que Eleanor Collins, minha grande amiga da época do colégio —, porém estamos nos dando bem. Sempre que Aaron vai para a Lust, ele me leva, e ficamos no segundo andar com seus amigos a maior parte do tempo.

Cameron Parker também não é nada mal. Quanto mais tempo passamos juntos, mais consigo entender porque Stella Mars não só se apaixonou por ele, como também porque está disposta a dar uma segunda chance para ele — mesmo ela jurando que eles são *apenas* amigos.

E falando em Stella… eu tinha contado para ela e para Ava que Aaron e eu transamos.

A reação delas?

— NÃO ACREDITO! VOCÊ DEU PARA O CARA QUE É TIPO SEU IRMÃO? — Stella gritou, depois que contei o que tinha acontecido no fim de semana, na segunda-feira, quando nos encontramos com Ava antes da nossa aula juntas.

— Shhh — pedi, levando o indicador para minha boca em um sinal de silêncio. — Não preciso que toda a faculdade saiba disso.

— Vocês estão juntos agora? — Ava questionou, curiosa, e eu neguei com a cabeça.

— Estamos… estamos morando juntos. Colegas de apartamento. Colegas de apartamento com benefícios — eu disse, mas eu não faço ideia do que nós dois somos. Namorados?

Não, ele não tinha me pedido em namoro, e diante da nossa situação, não acredito que isso aconteceria.

Ficantes sérios? Já que não ficaremos com outras pessoas enquanto estivermos juntos.

Argh! Não faço ideia.

— Irmãos com benefícios — Stella falou, rindo em seguida, e Ava foi na dela, soltando uma risada baixinha.

— Você pode, por favor, parar de ficar repetindo que somos irmãos? Nós não temos nenhuma relação sanguínea!

— Mas seus pais são casados — ela pontuou, e eu revirei os olhos. — Meu Deus… minha amiga está transando com o irmão! Isso é muito doido!

E desde então, eu sou constantemente zoada por estar fazendo sexo com Aaron Yoon, mesmo que eu afirme todas as vezes que não somos irmãos. No máximo, irmãos postiços, ainda assim, nunca nos fizeram nos tratar como tais.

Ainda sobre a semana boa, porém bizarra, minha mãe não tinha me perturbado, porque ela partiu em mais uma viagem com Benjamin Yoon no começo da semana.

Eles estão, nesse momento, em uma ilha paradisíaca na Grécia e só voltam no fim de semana. E como ela está aproveitando as férias — de nada, já que ela fica o dia inteiro à toa, apenas sendo a esposa troféu que nasceu para ser —, não tinha me mandando uma única mensagem nos últimos dias, e eu estou bem mais relaxada.

Tudo está indo muito bem.

E o melhor?

— Meu aniversário está chegando — informo Stella e Ava, enquanto caminhamos para o ginásio, onde vai acontecer mais um jogo de basquete hoje.

É minha data preferida do ano, e mesmo eu completando 19 anos, uma idade meio xoxa e sem nada de especial, eu estou *muito* animada! Como em todos os outros anos.

— Quando é? — Ava pergunta para mim.

— Dia 21 de outubro, daqui a dois fins de semana — conto, não conseguindo conter minha animação.

— Ah… ainda está longe — murmura Ava, e Stella e eu olhamos para ela ao mesmo tempo.

— Isso é muito pouco tempo para organizar uma festa! — Stella exclama, alarmada. — Vai ter uma festa, certo? *Precisa* ter uma festa! — ela diz, parecendo tão animada quanto eu.

— Você acha mesmo que não vai ter uma festa na melhor data do ano? — questiono, erguendo uma das sobrancelhas.

— Assim que se fala! — ela comemora, batendo o quadril no meu. — Já está pensando em algum tema? Algum local?

— Eu só sei que quero fazer minha roupa e já estou com algumas ideias em mente — conto e explico rapidamente o que penso em fazer para usar no meu dia especial.

— Meu Deus, amiga… você vai arrasar demais!

— Vai ficar linda, Lily — Ava completa, e eu agradeço ambas.

É, eu vou arrasar mesmo com essa roupa, se tudo der certo.

— Será que Kiara me deixa fazer na Lust? — pergunto, compartilhando a ideia que tive há alguns dias.

— Bem… você está fodendo o melhor amigo dela, então acredito que ele possa dar um jeitinho. — Dou um peteleco de leve na nuca de Stella, que esbarra o ombro no meu.

— Kiara é aquela menina de cabelos escuros e que está sempre de roupas pretas? — Ava pergunta, atraindo minha atenção para ela, e eu confirmo. — Ela é bem bonita.

— E intimidadora — completa Stella, fingindo ter calafrios. — Juro! Ela me passa uma energia… perigosa.

Ava e eu nos entreolhamos e caímos na gargalhada.

Energia perigosa, sério?

— Ei! Estou falando sério, suas idiotas!

Nós seguimos nosso caminho até a quadra de basquete assim: eu zoando Stella, e ela e Ava rindo sem conseguirem se controlar. Até mesmo atraímos alguns olhares para a gente! E eu adoro estar junto delas com essa energia leve e divertida entre nós.



Hoje, o time de basquete da SU jogou contra alguma universidade que veio de Nova Iorque para cá ganhar em cima deles.

Já é uma merda perder, agora, ser derrotado em casa… é mil vezes pior.

Desde o meu primeiro dia no time das líderes de torcida, me informaram que os Morcegos — como o time de basquete se chama, de acordo com a mascote da faculdade — são péssimos jogando. O time nunca chegou em uma final do campeonato universitário, e foram poucos que chegaram a ser *draftados* pela NBA. E esses mal são considerados, já que só conseguiram alcançar esse objetivo porque se transferiram de instituição de ensino.

Então, quando foi anunciado o fim do jogo com uma vitória de 133 a 104 para o time visitante, não foi uma surpresa.

Inclusive, esse é um dos motivos de ter surgido a vontade de participar de campeonatos de torcida. Como o time para o qual torcemos e nos apresentamos nos jogos é ruim, acabamos entrando no mesmo pacote e sendo julgadas de maneira negativa pelas pessoas de fora. E para mudar isso, precisamos mostrar que nosso desempenho é totalmente diferente do dos garotos do basquete e temos muito potencial para conquistar novos patamares.

De qualquer forma, não deixamos de ficar tristes por termos perdido, por mais que para eles seja algo recorrente e motivo de piada para os times de outras universidades.

Eu, Stella e o restante do time das líderes de torcida estamos saindo do ginásio para ir a um bar perto do ginásio junto do time de basquete, quando meu celular toca na minha mão, e eu tento conter um sorriso assim que vejo de quem é a mensagem que recebi.

**Aaron Yoon:** me encontre no vestiário masculino agora.

**Aaron Yoon:** todos já foram. Estou sozinho.

Quem diria que depois de meses morando sob o mesmo teto, Aaron e eu finalmente trocamos nossos números de celulares! E desde então, as mensagens que trocamos não cessam.

**Eu:** você não vai para o bar junto de todo mundo?

Mando de volta, totalmente alheia ao assunto que está sendo discutido entre as meninas do time.

**Aaron Yoon:** quero conversar a sós com você antes.

Por que uma simples mensagem já me dá um frio na barriga?

**Eu:** ok, estou indo.

— Stells, vou ao banheiro e encontro com você na saída, tudo bem? — aviso à minha amiga, que só me despensa com a mão, muito concentrada no que quer que ela esteja falando com as outras meninas.

Viro de costas e volto o pedaço do corredor que acabamos de percorrer, em direção ao vestiário masculino, que é perto da porta da quadra. Dou uma olhada para ver se não há ninguém por perto e quando confirmo que a barra está limpa, adentro o ambiente.

Está vazio, é a primeira coisa que percebo. Nem sinal de Aaron por aqui.

— Aaron? — chamo, caminhando pelas fileiras de armários, mas não obtenho resposta. — Aaron?

Nada.

Estou quase chegando à área dos chuveiros, quando avisto Aaron encostado em um dos armários, com um sorriso cafajeste no rosto.

— Demorou — ele comenta, vindo até mim.

— Ou você que é muito ansioso — retruco, e ele balança a cabeça, entrelaçando a mão na minha.

— Só queria te ver — Aaron responde, dando de ombros, e nos leva até onde estava há alguns instantes. No entanto, eu fico contra o armário dessa vez, e ele, encaixado entre minhas pernas.

— Com saudades, *huh*?

— Queria saber se recebo algum consolo por termos perdido — o babaca retruca, dobrando o braço em cima da minha cabeça e fazendo um carinho na minha cintura exposta com a outra mão.

— Você só quer saber dos meus dons, então! — exclamo, brincando, e ele sorri.

— Quero saber de tudo sobre você, Lily — ele devolve, me surpreendendo, algo que faz muito ultimamente.

E ele não me dá chance de responder, chocando nossos lábios uns contra os outros.

Subo meus braços pelo seu abdômen, arranhando-o sobre a camiseta pelo caminho até chegar aos seus ombros, entrelaçando minhas mãos ao redor do seu pescoço. Sua mão, que estava no armário acima de mim, desce até minha nuca, e finalmente eu deixo que nossas línguas se toquem, causando uma explosão entre nós.

O beijo que começa lento e com um toque de saudades, se transforma em algo selvagem.

Travamos uma guerra com nossas línguas e mãos. Ele apalpa meu peito sobre o uniforme, e eu faço o mesmo com seu pau. Esses movimentos nos fazem gemer, e eu tenho certeza que é um dom de Aaron me fazer quase gozar com gestos simples, que feitos por outros caras, nunca me fizeram sentir nada.

No entanto, tudo com ele é diferente.

Continuamos nos beijando, e Aaron tenta infiltrar uma das mãos sob o meu top, mas eu não deixo que ele faça isso.

Hoje, é minha vez de dar prazer a ele.

Encerro nosso beijo com um selinho casto em seus lábios e troco nossas posições, deixando-o contra os armários dessa vez.

— O que você está fazendo, Lily? — Aaron pergunta, quando eu seguro no elástico dos seus shorts do uniforme de basquete e sorrio maliciosa.

— Só aproveite, Aaron. Você deve estar chateado pela derrota — respondo, abaixando os shorts vermelho junto da cueca e colocando o pau delicioso dele para fora.

Seguro-o pela base e passo a língua pelos lábios, sedenta para senti-lo tocar na minha garganta.

— Lily… — ele diz meu nome em tom de aviso, porém seu sorriso é faminto.

Faminto por *mim.*

— Eu vou te ajudar a relaxar — falo, me pondo de joelhos à frente dele.

Quem diria que Lily Diggory estaria ajoelhada para Aaron Yoon. Há alguns meses, se me dissessem isso, eu riria da cara da pessoa. No entanto, agora, é estranho pensar que em algum momento já quisemos enforcar um ao outro.

No fim das contas, podemos sempre querer fazer isso, contudo, por razões distintas. Confundimos a vontade ao longo do caminho até aqui.

Começo batendo uma para ele, movimentando minha mão para cima e para baixo pelo seu pau, espalhando o líquido pré-ejaculatório por toda a extensão. Uma das mãos de Aaron está apoiada nos armários atrás dele, e a outra, faz seu caminho até meu rabo de cavalo, e ele me segura por ali. Olhando-o de baixo, ele sorri para mim, aproximando minha cabeça do seu membro.

Não precisa pedir duas vezes.

A fim de provocá-lo, não coloco-o na boca ainda. Eu lambo todo o seu comprimento, sem tirar os olhos do dele. Depois, uma das minhas mãos sobe pela sua coxa, até alcançar suas bolas. Massageio-as enquanto coloco apenas a cabecinha dele na minha boca.

— Lily… preciso sentir sua boca no meu pau. *Agora* — ele praticamente ordena, forçando seu membro para dentro da minha boca, e eu aceito, de bom grado.

Como a boa puta que sou por Aaron Yoon.

Chupo-o como se minha vida dependesse disso. Ele me deixa fazer do meu jeito, e eu levo meu tempo. Como a porra do pau dele é o maior que já vi na minha vida — e minha vida sexual sempre foi bem ativa —, eu não consigo colocá-lo inteiro para dentro, e por isso, uso minha mão livre para acariciar esse pedaço. Com a outra, eu continuo fazendo meu trabalho com suas bolas.

Em nenhum momento nós desmanchamos o contato com os olhos. Ele me observa chupa-lo com um sorriso cafajeste estampado nos lábios.

Continuo mantendo meu ritmo com ele, mas como Aaron é apressado, ele começa a estocar o pau dentro da minha boca. Com força e rapidez, até que seu membro toque no fundo da minha garganta. Eu não me engasgo, porque não é minha primeira vez fazendo isso, já aprendi a controlar os reflexos, por todas as vezes que precisei usar o banheiro depois de uma refeição.

Bem, teve um lado positivo afinal de contas.

No que estou pensando?

Empurro esse pensamento para o fundo da minha mente e volto a prestar atenção na situação que estou vivendo agora.

Eu.

Aaron Yoon.

No vestiário masculino depois do jogo de basquete.

Eu, chupando meu irmão postiço em segredo.

— Lily… vou gozar a qualquer momento — ele avisa, porém isso não me faz parar. Pelo contrário, me faz aumentar os movimentos.

Como dito, não demora muito tempo, e logo sinto o jato de gozo de Aaron preencher minha boca. Engulo cada gota como uma boa garota e ainda deixo um beijinho na cabeça do seu pau, antes que ele me puxe para cima de novo.

Em um rompante, ele inverte nossas posições, me colocando contra o armário. Uma das suas mãos se posiciona ao lado da minha cabeça, e a outra segura minha nuca, me deixando no lugar.

Aaron se aproxima, pressionado seu pau já semiduro novamente na minha barriga, e me beija. Entreabro meus lábios para deixar nossas línguas se tocarem, e ele sente seu gosto em mim. Quando percebo isso, eu sorrio no meio do beijo.

— Não tem nojo por eu ter acabado de te chupar? — pergunto, encerrando o beijo durante um instante. Minhas mãos estão em sua camiseta, e ele ergue as sobrancelhas com minha pergunta. — Alguns caras têm.

— Eles são idiotas, então — Aaron responde, dando de ombros. — Não tem nada melhor do que sentir meu gozo nos seus lábios, meu amor.

Sorrio com sua resposta certa e volto a chocar nossas bocas.

Porra, quando Aaron iria parar de dizer essas coisas que fazem meu útero pulsar e querer fazer um filho com ele?

Ele espancou um cara por sua causa, tem certeza que ele é uma boa opção para ser o pai do seu filho?

É, minha consciência tem razão. É melhor continuar nessa de sexo casual, porém, exclusivo.

As mãos de Aaron voltam a tentar passagem para dentro do meu top, e quando ele está quase tocando meu peito, e eu estou me preparando para gozar vendo estrelas mais uma vez, o toque de um celular nos interrompe.

Não de um celular. Do *meu* celular.

— Não atende — ele pede, ainda com a porra do pau tocando minha barriga e com a mão a centímetros do bico do meu seio.

— P-pode ser importante — respondo, arfando, quando ele roda minha aréola usando os dedos.

— Não mais que isso — ele provoca, fazendo um formato de pinça e beliscando meu seio. Eu gemo alto, provavelmente avisando a todos que ainda estão no colégio o que estamos fazendo aqui dentro.

E eu estou prestes a sucumbir ao desejo, quando ouço o celular parar de chamar, só que não demora muito para que ele comece a tocar novamente.

Eu afasto Aaron, empurrando-o com uma mão em seu peito e levo o aparelho para o ouvido, quando vejo o nome de Stella Mars piscando na tela.

— Alô?

— Onde você está? — Ela pergunta, quase gritando, e suponho que seja por causa do barulho alto que consigo ouvir de fundo.

— No banheiro — respondo, tentando soar firme.

— Estou te esperando no estacionamento para irmos para o bar, duh!

— Eu… hum… já estou indo, amiga — falo, desligando a chamada meio que na cara dela.

Terei que pedir desculpas assim que a encontrar pessoalmente.

— Nos encontramos no bar? — pergunto, voltando a guardar o celular por dentro do elástico da saia, enquanto Aaron sobe suas roupas.

— Vou ter que fingir que você não acabou de me deixar gozar nessa sua boquinha linda? — o babaca questiona, voltando a se aproximar e passando o dedão pelo meu lábio inferior.

— Se você não quiser que a faculdade inteira saiba que estamos cometendo um crime aqui dentro, sim — devolvo, levando seu dedo para dentro da boca e chupando, como fiz com seu pau há alguns minutos.

Ele sorri e faz uma careta de dor, quando deixo uma mordidinha na ponta do dedão.

— Crime?

— Quase um incesto — explico, e ele solta uma risada.

— Não somos irmãos de verdade, Lily.

— Mas todos ainda continuariam achando estranho — argumento, e ele acaba concordando com a cabeça.

Deposito mais um selinho em sua boca e me distancio, antes que ele tente aprofundar o beijo. Se eu deixar isso acontecer, não saímos daqui tão cedo.

— Não deixa os babacas do time se aproximarem de você — ele manda, como se não tivesse ameaçado todos os caras do time caso eles chegassem a menos de um metro de mim.

— Pode deixar — respondo, revirando os olhos, e ele me dá um tapinha na bunda antes de se afastar de mim.

— Volte para lá e tente tirar da sua cabeça que acabei de foder com essa sua boca atrevida no vestiário da faculdade — diz Aaron, piscando um dos olhos para mim.

Será difícil esquecer isso.




*Aaron Yoon*

O famoso ditado "depois da tempestade, vem o arco-íris" é errôneo para mim. Na minha opinião, a verdadeira expressão deveria ser: depois do arco-íris, vem a tempestade, mesmo que seja contra as leis dos fenômenos da natureza ou sei lá. Essa é a forma que a frase popular melhor se aplica à minha vida, e como acredito que *eu* seja o centro do *meu* mundo, apoio uma mudança.

Vamos exemplificar esse fato com o que aconteceu nas últimas semanas.

Lily e eu criamos uma deliciosa rotina de sexo todos os dias.

*Todos* os dias.

Como nossas rotinas são corridas, e não nos vemos muito durante o dia, sempre acabamos nos encontrando em casa — com tempo de sobra — somente à noite. Quando certo horário chega, ela aparece no meu quarto ou eu vou buscá-la no dela, e eu a como em todas as posições que o tempo nos permite. Isso porque, algumas regras foram estabelecidas por Lily para que conseguíssemos manter essa rotina sem atrapalhar a vida pessoal dela. Ela precisa fazer seu passo a passo de skin care todas as noites antes de dormir e ainda inventou uma de tomar uma xícara de chá, e para conseguir realizar tudo isso, precisamos transar não muito tarde para ela ter tempo de fazer o que precisa.

Se eu não fizer tudo que planejei, Aaron, posso seriamente ter um ataque cardíaco. Você quer que isso aconteça?

Foi o que ela disse para mim quando eu não quis deixá-la ir, porque ainda não tinha a feito gozar três vezes certa noite.

Depois de alguns dias me acostumando com isso, eu não me incomodo mais. Ela tem as prioridades dela, eu tenho as minhas, e tentamos conciliar tudo com nosso novo lance casual, mas exclusivo. E está dando muito certo. Há algo melhor do que ter a porra da mulher mais gostosa do mundo deixando você gozar nela todas as noites? Não, não tem.

Além disso, Lily ter se tornado amiga — ou quase isso — dos meus amigos, deixa tudo ainda mais fácil. Com Cameron não foi tão difícil porque eles tinham contato antes de ela e eu começarmos *isso* entre nós, e também, ela está o vendo ainda mais, pois meu melhor amigo não para de correr atrás da ex-namorada, Stella, que é uma grande amiga de Lily na SU. Já com Kiara… foi mais complicado por causa dos encontros anteriores delas, mas no fim, tudo deu certo, e elas estão próximas, de certa forma.

Consequentemente, todos nós estamos passando mais tempo juntos. Nos almoços na faculdade, por exemplo, às vezes sentamos na mesma mesa e mantemos uma conversa amigável. Meus amigos e os amigos de Lily, que inclui Ava Sinclair, a única pessoa do grupo que eu não sou familiarizado. Ela é caloura, assim como as meninas, bailarina e vem de uma cidade do interior, seu pai é pastor, e claro, a característica mais marcante dela: tem cabelos castanhos lisos que batem quase na sua bunda. Ela é a mais tímida entre nós e tenta falar o que pensa algumas vezes, porém prefere ficar na dela.

Então, quando eu peguei Kiara observando-a quando ninguém estava olhando, fiquei um pouco surpreso. Minha amiga está mesmo querendo chamar a atenção da filha do pastor que quase não abre a boca? Sério? Eu decidi não comentar nada com Kie, porque eu posso estar errado, entretanto deixei essa informação bem guardada na minha mente, para o momento certo.

Para completar minha sessão arco-íris, eu também estou indo muito bem nessa reta final da universidade de cada dia mais perto do meu diploma. O que eu iria fazer com ele? Ainda não faço ideia, mas pelo menos, já vou estar formado e com várias possibilidades à minha frente.

Várias possibilidades.

É, até parece.

São nesses momentos que eu lembro o que minha vida é, que a tempestade chega com tudo.

Como eu vou arrumar um bom emprego na área de Administração, se estou enfiado até o talo na porra dos negócios ilegais do meu pai?

Eu não vou.

Até Benjamin Yoon morrer, o que ainda vai levar um tempo, eu não posso sair desse esquema todo, que estou dentro desde criança. Não só ele me mataria, se eu sequer sugerisse isso, como Audrey também seria punida, e eu nunca deixarei isso acontecer.

E é exatamente por esse motivo, que eu continuo vindo até o escritório do meu pai no restaurante quando ele me chama. Sem reclamar e o mais rápido possível. E quando ele me chama para vir de repente, em cima da hora assim, eu sei que a chuva vai começar a cair e se transformar na porra de uma tempestade no meu mundo.

Faço todo o trajeto de sempre. Estaciono a moto em uma vaga do outro lado da rua, entro no Ah-ri Yoon e cumprimento todos os funcionários até chegar à parte de trás do estabelecimento. Lá, eu falo com o segurança do meu pai, que fica no pé da escada, ele passa o recado para Benjamin de que eu cheguei, e eu subo as escadas em direção à sala dele. Bato duas vezes na porta, ele me deixa entrar, e eu me sento em uma das cadeiras de frente para sua mesa. Eu faço tanto isso, que há vezes em que eu acredito estar presenciando um déjà vu.

— Aaron — Benjamin diz, sem tirar os olhos de alguma coisa no seu computador.

— Pai — falo de volta, ajeitando meu corpo na cadeira e apoiando os cotovelos nos braços dela, um de cada lado.

O silêncio se instala no ambiente, enquanto eu o espero acabar o que está fazendo. Por mais que eu frequente regularmente aqui, eu não presto muita atenção na decoração do local. Estantes de madeira recheadas de livros — com certeza falsos —, alguns itens de decoração que parecem ter vindo da Coreia do Sul com meu bisavô, assim que ele imigrou para os Estados Unidos, e nenhum retrato da nossa família. Bem, nós também não tínhamos fotos nossas na casa onde moramos antes da mamãe morrer, então não é uma surpresa. O carrinho de bebidas em um canto, e o cabideiro no outro.

Tudo como se tivesse saído de um catálogo de revistas de decoração, completamente impessoal.

Da mesma maneira que Benjamin Yoon faz negócios. Ele não pode deixar que os sentimentos atrapalhem seu senso de julgamento quando está negociando acordos e coisas similares, e foi uma das primeiras coisas que me ensinou. Até hoje é difícil para mim, fazer isso, e eu ainda acredito na minha teoria, que criei quando criança, de que ele não tem coração. É a única resposta possível.

— Algum andamento com a garota Diggory? — ele pergunta, finalmente tirando os olhos da tela e fixando-os nos meus.

Merda. Merda. Merda.

Eu fiquei tão ocupado fodendo a *garota Diggory*, que esqueci completamente que eu deveria estar me esforçando para tentar tirar informações dela. Porra. Como eu pude ser tão burro? Eu poderia ter aproveitado algum dos momentos pós sexo, onde ela está um pouco mais vulnerável, e tentado tirar algo dela.

No entanto, quando estou com Lily, não consigo pensar em mais nada.

Poderia ser algo romântico, se isso não pudesse acabar com a vida dela.

— Ainda não, mas estamos nos aproximando. Ela deve soltar alguma coisa em breve. — Não é mentira, então acredito que consigo convencê-lo com as minhas palavras.

Eu só relaxo novamente quando ele acena com a cabeça, indicando que acredita no que eu disse.

— Lauren disse que a menina era um puxa-saco do pai — ele revela, e eu arregalo os olhos, surpreso. Não imaginava isso. — Lambia o chão que o cara passava, mesmo ele sendo um merda. Ela disse também que a garota ficou devastada quando o pai desapareceu. Ficou dias trancada no quarto, só recebia a visita de uma amiguinha do colégio e quando voltou a frequentar a escola, foi indicado pela psicóloga infantil que ela deveria fazer algumas sessões, mas não chegou a ir.

Eu estou tão focado na morte da minha mãe, que não parei para pensar o quão difícil deve ter sido para a pequena Lily, perder o pai. Mesmo que haja grandes chances de ele não estar morto, ela provavelmente não sabia disso na época, e depois de algum tempo, a melhor opção foi dá-lo como morto. Pessoas desaparecidas, depois de certo período, provavelmente já estão mortas, de acordo com especialistas nesses casos. E pelo que Benjamin acabou de me contar, toda essa situação afetou muito ela, assim como aconteceu comigo e a morte de Adele.

— Se ela tinha uma ligação tão grande com o cara, pode saber de alguma coisa que a mãe não sabe e nos ajudar a encontrá-lo — meu pai continua, e eu foco minha atenção totalmente nele. — Se vocês estão mesmo se aproximando, precisa fazê-la falar.

— Eu vou fazer o possível.

— Lembre-se que se não conseguirmos nada até o fim do ano, vamos ter que trazê-las para cá e interrogá-las diretamente — ele avisa, e eu assinto.

Benjamin sabe que esse é meu ponto fraco: pessoas inocentes sendo torturadas e mortas por não terem as informações que ele precisa. Ou mesmo que digam tudo que ele quer, não podem sair vivas do subsolo. Já viram demais, e não podemos confiar que elas não vão abrir a boca para o primeiro policial que aparecer.

É óbvio que ele vai usar isso contra mim, para eu seguir suas ordens.

— Já sei disso — respondo, firme, tentando não demonstrar nenhuma emoção.

— Está dispensado, então — ele finaliza nossa conversa com um gesto para a porta, e eu me levanto, seguindo meu caminho para fora do escritório. — Quando estiver se aproximando da garota, Aaron, não esqueça que o pai dela é o motivo de você não ter mais sua mãe aqui — Benjamin completa antes que eu feche a porta da sala.

Joe Diggory é a razão de Adele Yoon não estar entre nós, mas Lily não tem nada a ver com essa história. Ela não deve saber da podridão das atitudes do pai e a morte que ele carrega nas costas, de uma mulher inocente e que fez de tudo para sobreviver junto dos seus filhos na merda do mundo em que estava inserida.

E eu não quero usar o que estou criando com Lily para tirar informações dela, porém se eu não fizer isso, no fim, não vou ter mais relação nenhuma com ela, porque não tem como ter algo com alguém que está morto. Eu preciso fazer isso. Para o bem dela. Para o bem de Audrey. E para vingar a morte de Adele Yoon.



Quando chego em casa depois do encontro com meu pai, tudo que eu esperava fazer era tomar um banho gelado e me trancar no quarto para pensar em alguma maneira de abordar Lily sem parecer suspeito e invasivo. Eu não quero que ela desconfie de alguma coisa logo agora, que estamos nos dando super bem e amadurecendo nossa relação.

Meus planos são impedidos de acontecer assim que passo pelo hall de entrada do apartamento e dou de cara com Lily na sala de estar. Ela está sentada no tapete felpudo — um item de decoração sugerido por ela, que tinha chegado há alguns dias — em frente à mesinha de centro, com vários papéis e lápis despejados à sua frente. Na televisão, algum filme da Barbie está passando, mesmo que ela esteja totalmente focada no papel em que desenha algo.

Ela não me viu ainda, porque eu estou observando-a do pequeno corredor que liga a porta principal à sala de estar, de jantar e cozinha, mas quando eu for fazer meu caminho para o meu quarto, ela irá me ver, e eu não poderei realizar minha vontade de ficar sozinho para pensar no que fazer com a garota desenhando na área comum do meu apartamento.

*Nosso* apartamento.

Porra, hoje em dia eu agradeço a mãe dela ter tido essa ideia maluca de nos colocar para dividir o mesmo teto!

Eu respiro fundo e finalmente adentro mais a sala, indo me sentar no sofá e ficando atrás dela. É claro que Lily percebe, e quando eu me ajeito, colocando uma perna de cada lado do seu corpo encolhido no chão, ela vira para trás, largando o lápis na mesinha e apoiando os braços nas minhas coxas. Ela apoia a cabeça no braço que está em uma das minhas pernas e sorri.

Eu gosto dessa versão de Lily Diggory em casa. Hoje, por exemplo, ela está com os cabelos loiros presos em um coque baixo e usando uma simples calça de moletom cinza e um top branco, deixando seus mamilos marcados pela falta de sutiã.

Ela me mataria se eu a jogasse contra essa mesinha e lambesse seus peitos?

— Nem pense nisso — ela avisa, beliscando de leve minha coxa, como se soubesse exatamente o que estou pensando.

— Você nem sabe o que eu iria dizer — me defendo, porém ela balança a cabeça, sabendo que é mentira.

— Você estava olhando de mim para a mesinha, Aaron. Você foi bem transparente agora, e eu não vou deixar você estragar o que eu estou fazendo.

É, merda.

Eu não soube esconder muito bem meu desejo por ela. Entretanto, como eu faria isso, se ela está pressionando um dos seios em mim como se não fosse nada?

— E o que você está fazendo? — pergunto, coçando minha garganta antes de falar e tentando engolir a porra do tesão que estou sentindo por essa garota nesse momento.

— Tô tentando criar um vestido para o meu aniversário — ela responde, pegando a folha em cima da mesa, onde estava desenhando há alguns minutos, e me mostrando.

Não entendo muito bem de Moda, mas parece que vai ficar muito, *muito* bom quando ela terminar.

— E vai ser rosa? — suponho, já que está feito apenas de lápis.

— Você me conhece tão bem! — Lily diz, brincalhona, e deixa um beijo no meu joelho, sobre a calça.

— Está muito maneiro, Lily. Não sei muito dessas coisas, mas na minha opinião, vai ficar lindo em você.

Lily sorri para mim e deixa o desenho da roupa em cima da mesinha. Depois, ela se levanta e vem até mim, colocando uma perna de cada lado do meu quadril e sentando no meu colo.

— Obrigada — responde ela, deixando um selinho nos meus lábios dessa vez.

— Já posso fazer o que eu estava pensando antes? — pergunto, levando uma das mãos para suas costas e descendo até alcançar a sua bunda, apertando uma das nádegas.

— Você está maluco, não é? Você não vai bagunçar tudo que eu passei a tarde toda trabalhando!

— Por favor? — peço, subindo minha outra mão pela sua frente e infiltrando-a por baixo do tecido de sua peça superior, até chegar em um dos seus seios. — Quero tentar te fazer gozar apenas mamando nos seus peitos e roçando meu pau na sua boceta sobre suas roupas.

Para exemplificar o que acabei de sugerir, uso meus dedos para beliscar um dos seus seios e aproximo minha cabeça do seu peito, colocando minha boca sobre o outro seio, por cima da roupa, e mordendo de leve, fazendo Lily gemer baixinho.

Essa é a minha garota!

— Antes disso… — ela começa a falar, e eu grunho, frustrado, mas me afasto dela para ouvir o que tem a dizer. — Você conversou com Kiara sobre meu aniversário?

Há alguns dias, Lily me contou que vai fazer 19 anos daqui a dois fins de semana e teve a ideia de comemorar seu aniversário na Lust. Ela me disse que é sua data preferida do ano e gosta sempre de comemorar em grande estilo. E, agora que está longe da mãe, poderia fazer algo diferente para celebrar mais um ano de vida. Esse algo diferente? Uma superfesta na boate de Kiara. E ela tinha me pedido para perguntar para Kie se isso poderia rolar mesmo.

— Ela disse que não vê motivos para não acontecer. — Depois de eu quase implorar e afirmar que se rolasse qualquer problema, poderia me responsabilizar.

— VOCÊ É O MELHOR! — Lily exclama, jogando os braços ao redor do meu pescoço e praticamente pulando no meu colo de animação.

— Lily… — chamo, tentando fazê-la parar com os movimentos de quicar em cima do meu pau, para eu não passar vergonha e gozar nas calças.

— Desculpa, desculpa! — ela pede, finalmente ficando parada e levantando as mãos em um gesto de inocência, me fazendo sorrir. — Vai ser o melhor aniversário do mundo! Mesmo que meus amigos de Millsh não consigam vir, pelo menos minha mãe não vai estar por perto, e isso já é suficiente.

Eu fiquei tão absorto em Lily quando cheguei, que me esqueci completamente da conversa que tive com meu pai mais cedo. Se eu não quiser vê-la morta — nem sua mãe, entretanto com essa, eu não estou me importando tanto, pelo jeito que trata a própria filha —, preciso de informações o mais rápido possível.

Essa é a deixa perfeita.

— Você não sente falta do seu pai no seu aniversário? — tomo coragem para perguntar, porém não sou bem recebido por ela em um primeiro momento. Lily franze as sobrancelhas loiras para mim e parece um pouco confusa pela minha pergunta. — Eu sei que ele desapareceu há alguns anos e sei que você não tem uma relação tão boa com Lauren, então pensei que… que talvez fosse melhor com seu pai.

Acho que consegui escapar dessa, porque ela volta a relaxar no meu colo e abre um sorriso mínimo.

— Meu pai e eu éramos muito próximos — ela começa, e eu faço um carinho na sua cintura desnuda. — Minha mãe e eu sempre tivemos problemas, mas com ele era totalmente diferente. Ele era meu melhor amigo, sabe? Fazíamos tudo juntos, enquanto minha mãe passava horas e mais horas em salões de beleza, depilação a laser e no pilates. Ele me buscava na escola todos os dias, e nas sextas-feiras, ele ia contra o que Lauren mandava e me levava para tomar sorvete de morango com calda de chocolate branco, e ainda me deixava colocar um pouco de confetes em cima. Toda semana fazíamos isso e levávamos esporro dela quando chegávamos em casa.

"E nos meus aniversários, nós tínhamos uma tradição só nossa, já que Lauren passava o dia inteiro no salão, para se preparar para a festa à noite. Ela não estava nem aí para quantos anos eu estava completando, mas ela não podia deixar a data passar sem uma grande festa, para deixar todas as mulheres ricas de Millsh com inveja. E enquanto esperávamos a noite chegar, meu pai e eu passávamos o dia juntos. Íamos a uma plantação de abóboras, escolher algumas para o Halloween, já que meu aniversário é alguns dias antes, comprávamos fantasias para o feriado também e no fim da tarde, antes que eu precisasse voltar para casa e me arrumar, comíamos em uma lanchonete incrível que fica na estrada entre Millsh e Schönilla."

Eu passei todos esses anos focado em punir o cara que tinha acabado com a minha família, que eu me esqueci que esse cara também é uma pessoa e tem sua própria família. Por mais que ele tenha feito uma puta coisa errada, será que eu sou o mais correto por estar caçando-o e esperando a oportunidade perfeita para fazê-lo sofrer pelo que fez com Adele?

Porra.

Isso fica ainda mais difícil, quando a filha do cara que destruiu minha vida, aquece minha cama todas as noites.

Contudo... ele pode ser um ótimo pai, mas uma pessoa ruim. Essas coisas acontecem, não é? E, de certa forma, Lily já não o vê há anos e deve achar que ele está morto a essa altura do campeonato. Quando Benjamin e eu o acharmos e o fizermos pagar pelo que ele fez a gente, ela não vai saber disso. Ela já sofreu pelo desaparecimento e possível morte de Joe Diggory há anos, e já superou que não vai ver o pai mais. Então, indo por esse caminho, o que acontecerá com ele, não terá tanto peso nas mulheres de sua família.

Sim, eu estou arrumando motivos para não me preocupar quando colocarem esse filho da puta a sete palmos do chão.

— Aaron? — Lily me chama, e eu percebo que me perdi nos meus pensamentos, ficando em silêncio durante algum tempo depois que ela terminou de contar a história com seu pai.

— D-desculpe, eu só… só fiquei surpreso com tudo isso. — O que não é mentira, então, ponto para mim. — Sinto muito pelo que aconteceu com seu pai, meu amor. E pela sua mãe não ser a melhor parente que você pode ter ao seu lado. — Ela ri quando digo isso, e o clima fica mais leve. — Vou te fazer ter o melhor aniversário da sua vida. Uma semana de comemoração, o que acha? — pergunto, invertendo nossas posições no sofá, a deitando de costas no estofado e ficando por cima.

Ela ri da minha animação, e quero guardar essa risada em um potinho, para só eu ouvi-la para sempre.

— Podemos começar essa semana na quarta? Eu vou ficar alguns dias em Millsh no começo da semana que vem — Lily pergunta, enquanto uma das mãos se apoia no meu peitoral, e a outra faz um carinho pela minha mandíbula.

— O que você vai fazer lá? — eu não pergunto de uma forma inquisidora, apenas curiosa. Ela me disse que os amigos estão fazendo faculdade em outros estados e só voltarão para a cidade natal no fim do ano, e já que sua mãe está morando com Benjamin fora dos limites de lá… o que ela iria fazer em Millsh?

— Nora, minha melhor amiga, sabe? — Eu assinto, e ela continua a falar. — Ela vem passar uns dias com os pais, e vamos nos encontrar.

Ah.

Ok, tudo explicado.

— Vou pedir para um dos motoristas te levar — aviso, e ela revira os olhos para mim.

— Não precisa disso, Aaron, eu posso pegar o ônibus.

— Por que você iria querer pegar um ônibus, se pode passar essas horas em um carro muito mais confortável? — questiono, sem acreditar que ela prefere ir em um ônibus fedorento, do que aproveitar algum motorista de Benjamin. Se ele paga, por que não usufruir?

— Porque eu não quero incomodar!

Caralho, sério?

Dou um beliscão no seu mamilo por cima da blusa e digo:

— Você nunca está incomodando, Lily.

— Aaron, sério… não precisa disso — ela diz mais uma vez, passando os dedos pelos meus lábios, e eu aproveito para sugá-los para dentro da minha boca, arrancando uma risada dela.

— Precisa sim — respondo depois de dar uma mordidinha na ponta dos seus dedos, e ela voltar a fazer seu carinho no meu rosto. — Você prefere ir de moto comigo?

— *O que?* De jeito nenhum vou ficar mais de duas horas na sua garupa!

É, foi o que eu pensei.

— Um motorista, então — decido, e ela acaba concordando.

Fácil, fácil.

Lily desce uma das mãos até chegar no meu pau e o agarra, semiereto, por cima da calça. Ela abre um sorriso lascivo e fala:

— Agora já podemos parar com esse papo furado, e você pode me comer aqui?

Como dizer não para um pedido desse?



# 33.1

## Lily Diggory

Dia 21 de outubro é sempre minha data preferida do ano. Se eu cheguei viva até esse dia, quer dizer que nenhum dos mil empecilhos que a vida tentou colocar no meu caminho foi capaz de atrapalhar.

Eu consegui passar por mais um ano.

Será que todos sentem essa sensação de alívio em seus aniversários também? Ou isso é papo de quem acha que vai ser engolida pelos problemas e não vai conseguir completar mais um ano de vida? Não faço ideia da resposta.

Só sei que comigo é assim há alguns anos, principalmente depois que meu pai foi dado como desaparecido. Ele sempre foi o membro da família que mais se importou com essa data — depois de mim, óbvio —, e desde que ele se foi, levando consigo todo o status que Lauren demorou anos para conseguir entre as socialites de Millsh, ela não fez mais festas de aniversário para mim. A razão de eu sempre comemorar mais um ano recheada de pessoas, um bolo gigante e bexigas coloridas, era porque ela precisava mostrar ao mundo que tinha dinheiro suficiente e classe, claro, para fazer uma festa incrível para a filha. E quando isso tudo foi para o ralo… não existia mais motivo para isso.

O que não me fez amar menos meu dia especial! Com meu pai longe, minha mãe ainda mais nem aí para mim, meus amigos se tornaram meu pilar, principalmente Nora Hart, minha melhor amiga de infância e que vou levar para a vida inteira. Ela sempre fez questão de não deixar meu aniversário passar em branco. Nos primeiros anos depois que Joe foi embora, nós comemorávamos meu dia na sua casa, com sua família, já que eles eram minha família também. A mãe de Nora fazia as melhores comidas e preparava bolos fantásticos para cantarmos parabéns, além de docinhos para acompanhar. Depois, com o tempo, eu mesma comecei a preparar pequenas festas de aniversário para mim e encher minha casa de pessoas, para me sentir bem na minha data preferida do ano.

Nenhum aniversário meu passou sem comemoração, e é claro que não seria diferente com esse.

O que eu não estava esperando, é que Aaron Yoon estaria se esforçando para deixar o meu dia, não, minha *semana*, mais especial.

Eu viajei no começo da semana, como avisei a ele alguns dias antes, então, as comemorações do meu aniversário de 19 anos só começariam na quarta-feira, o que também não foi possível, porque por eu ter perdido três dias letivos, eu precisei correr atrás do prejuízo. Conclusão? Eu achei que só comemoraria meu dia no sábado, um dia depois do meu aniversário, na Lust com meus amigos, como já está planejado. É claro que eu gostaria de fazer algo no dia mesmo, mas com todos enrolados com as coisas da faculdade e vida pessoal, isso não seria possível.

Era o que eu pensava, quando saí de casa pela manhã nessa sexta-feira.

O que eu *não* esperava, era encontrar com Aaron em sua moto, me esperando no estacionamento do prédio de Artes, onde tive minha última aula do dia, depois do horário de almoço.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, olhando de um lado para o outro antes de seguir até ele.

Ele não responde, porém quando estou próxima da sua moto, Aaron me puxa pela mão e coloca os braços ao redor da minha cintura, me puxando para um abraço. Fico estática durante alguns segundos, sem saber o que fazer, pela surpresa, só que logo meu corpo relaxa, e eu passo os meus braços pelo seus ombros. Ele passa o nariz pelo meu pescoço e sussurra no meu ouvido:

— Não te vi de manhã e não pude te desejar feliz aniversário, meu amor. Então… feliz aniversário. — E ele completa com um beijo discreto embaixo da minha orelha, porque afinal, estamos em público, e não sei se irmãos se beijando de uma forma mais íntima seria bem visto pelas pessoas.

— Obrigada, Aaron — murmuro de volta, ainda sem largá-lo durante um momento.

Fico mais alguns segundos agarrada nele e finalmente solto-o, e quando distancio meu rosto do seu ombro, ele está sorrindo para mim.

— Você está indo para casa? — questiono, já pensando na carona que vou pegar com ele.

— Nós temos alguns compromissos agora — ele responde, erguendo ambas as sobrancelhas simultaneamente, bem…. brincalhão, o que não é comum para Aaron Yoon.

— Alguns? — repito, confusa, e ele assente, me entregando um capacete.

— Achou mesmo que eu vim te buscar no dia do seu aniversário para te levar para casa?

— Hum… sim?

Ele balança a cabeça, rindo e passa uma das pernas pelo assento da moto.

— Sobe aí — manda, e dessa vez, eu não coloco minha teimosia para jogo e faço o que ele pede.

Me ajeito no banco e passo meus braços pelo seu abdômen, entrelaçando minhas mãos na sua frente, e ele as desentrelaça, para deixar um beijo casto no dorso de uma delas.

O que está acontecendo?

Não tenho muito tempo para processar o que acabou de acontecer, porque ele arranca com a moto, e saímos pelas ruas de Schönilla.

Eu, provavelmente, deveria ter perguntado onde iríamos, mas fiquei tão absorta em ele ter me feito uma surpresa no dia do meu aniversário, que nem me liguei nessa parte. Agora, eu estou andando sem rumo pelas ruas da cidade na garupa de Aaron.

É meu aniversário, um dia sem preocupações. Confio nele e sei que ele não vai me levar para algum lugar insalubre e palco de nenhuma morte. Por isso, eu decido deitar a cabeça em suas costas, para relaxar até chegar ao nosso destino. Com o vento frio de outono batendo no meu rosto e uma das mãos de Aaron acariciando a minha de vez em quando, eu posso muito bem dormir assim.

O que não acontece, porque em poucos minutos, o sinto estacionando a moto e abro meus olhos, que nem percebi estarem fechados.

— Chegamos — ele anuncia, se desvencilhando de mim para sair do banco e me ajudar nesse processo também.

Demoro alguns instantes para me acostumar com a claridade da luz do sol de novo e quando vejo onde estamos, fico um pouco confusa.

Por que viemos para cá?

— Loja de fantasia? — finalmente indago, quando ele coloca uma mão nas minhas costas, e andamos juntos para a entrada do estabelecimento.

— Vamos escolher nossa fantasia de Halloween — ele responde, com uma expressão estranha no rosto.

Como se *eu* fosse a estranha por não ter entendido o que viemos fazer aqui.

— Mas… hoje?

— Você disse que seu pai costumava te levar para escolher a fantasia de Halloween no seu aniversário — ele relembra, abrindo a porta de vidro para mim, para entrarmos na loja.

Ele…. não, ele *não* fez isso.

Ele me trouxe aqui, hoje, só porque eu comentei que era uma tradição que eu fazia com meu pai antes de ele ir embora?

— Aaron… — sopro seu nome, quando digiro tudo o que está acontecendo. Ele está a alguns passos na minha frente em um dos corredores de perucas e vira a cabeça por cima do ombro, sorrindo para mim.

Eu acho que começo a chorar, porque em um instante ele está longe, e no outro, bem na minha frente, com as mãos encaixadas nas minhas bochechas e os dedões secando minhas lágrimas.

— Você não gostou? Quer ir embora? — ele pergunta, preocupado, e eu nego.

— Eu… eu adorei. Foi uma das coisas mais lindas que já fizeram por mim — termino abrindo um sorriso, e ele faz o mesmo.

— Ótimo — responde e deixa um selinho rápido nos meus lábios. — Agora vem, precisamos encontrar nossa fantasia de Halloween.

A loja de fantasias é gigante. Do tipo, dois andares de todas as roupas e acessórios que podemos imaginar para o Halloween. Até mesmo convenci Aaron a comprar algumas decorações para o nosso apartamento, já que o ambiente está totalmente sem vida para o primeiro feriado do ano que requer decoração. Usei a cartada do meu aniversário, e gastamos uma boa quantia em itens para decorar nossa casa.

Como é bom completar mais um ano de vida com um namorado rico ao meu lado!

Oh.

Oh não.

Não. Não, eu não quis dizer isso.

Aaron Yoon não é meu namorado, bem longe disso, na verdade.

Nós somos bonitos, moramos juntos e por conveniência, estamos transando. Sem nenhum laço sentimental no meio disso.

Continue repetindo isso até acreditar.

Por que minha consciência adora me sabotar? Sim, nós compramos fantasias combinando de Mortícia e Gomez Addams para a festa que acontecerá no próximo fim de semana na Lust, mas isso não quer dizer nada. Certo? Só achamos interessantes! Além disso, aposto que vão ter muitas outras pessoas fantasiadas assim. É uma fantasia comum e fácil de achar. Ninguém vai reparar que Lily Diggory e Aaron combinaram as roupas. Apenas uma coincidência!

— Pronta para o próximo destino? — Aaron pergunta, assim que saímos da loja cheios de sacolas, depois de umas boas duas horas lá dentro.

— O que vamos fazer com tudo isso? — questiono, apontando para as sacolas que ele está carregando.

É meu aniversário, eu não tenho que levar minhas compras!

— Vamos passar em casa e deixar isso lá antes — ele decide, e eu assinto, voltando ao meu lugar em sua garupa.

Fazemos uma parada rápida em casa para deixar as coisas, e um dos funcionários guarda as bolsas na recepção, para pegarmos quando chegarmos, e seguimos rumo ao nosso próximo destino, que eu já posso imaginar o que é, se Aaron for mesmo reproduzir toda a tradição que eu fazia com meu pai.

Esse segundo lugar é um pouco mais longe, mais para o interior de Schönilla, e demoramos um pouco para chegar. Após alguns bons minutos entrando em várias ruazinhas de terra, chegamos à tão esperada plantação de abóboras.

A extensão de terra está recheada de abóboras, e o sol se pondo no horizonte completa perfeitamente essa paisagem. E como essa plantação tem o esquema de você chegar, pegar seu produto, deixar o dinheiro ir embora, não tem ninguém por aqui. Só a gente.

— Pronta para escolher uma abóbora para esculpirmos em casa? — Aaron pergunta, quando entramos mais na plantação, entrelaçando a mão na minha. Como está totalmente deserto por aqui, e estamos bem distantes do centro da cidade, não há perigo de sermos pegos juntos.

— Estou mais do que pronta! — exclamo, abrindo um sorriso de orelha a orelha, e partimos para nossa caça à melhor abóbora.

O sol já estava se pondo, e havia pouca iluminação na plantação, o que quer dizer que durante os 40 minutos que ficamos procurando uma boa abóbora para levar para casa, ninguém apareceu. Tivemos o campo inteiro apenas para a gente!

Eu acredito fielmente que passamos por todas as abóboras da fazenda, e olha que haviam muitas. E como todas estavam prontas para serem colhidas, estavam lindas, e eu não perdi a oportunidade de tirar várias fotos para postar nas minhas redes sociais mais tarde. Até mesmo fiz Aaron posar para algumas comigo, mesmo que eu fosse ter que guarda-las.

Como eu explicaria para os meus seguidores a foto em que meu irmão postiço está apertando um dos meus seios e beijando meu pescoço?

É, essas fotos vão ficar melhor apenas no meu celular.

Depois de muita procura, encontramos a abóbora perfeita para esculpir na próxima semana, e fomos deixar o dinheiro na mesinha destinada a isso, antes de seguirmos nosso caminho até a moto, que está estacionada em frente à plantação.

— Me diverti muito hoje — comento, enquanto Aaron tenta colocar nossa compra no compartimento “porta-malas” da moto.

— Gostou mesmo de passar seu aniversário da forma que passava com seu pai? — ele me pergunta, depois de conseguir fechar o banco, virando-se para mim.

— Mais do que você pode imaginar — respondo, me aproximando dele e passando os braços ao redor do seu pescoço.

As mãos de Aaron encontram minha cintura, e ele me puxa para perto, colando nossos corpos, antes que sua língua invada minha boca.

Nunca vou cansar de beijar esse homem!

Ele puxa meu lábio inferior com os dentes, desce suas mãos até minha bunda, por baixo da saia, e aperta minha carne ali, me fazendo gemer contra sua boca. Isso arranca um sorriso dele e um meu também, involuntariamente.

Desço uma das mãos pelo seu peitoral, até chegar no cós da sua calça, e brinco com o botão antes de desabotoa-lo, puxando o zíper para baixo e enfiando minha mão por dentro da sua cueca.

— Apenas um beijo, e você já está assim por mim? — provoco, descendo beijos pelo seu maxilar, até chegar perto do seu ouvido para dizer isso.

— Eu estou sempre duro quando estou com você, meu amor — ele rebate e inverte nossas posições, me impulsionando para cima, para que eu sente minha bunda no banco da moto.

Abro minhas pernas para recebê-lo no meio delas, e ele desce um pouco a calça, deixando seu pau tocando minha boceta por cima da minha calcinha de renda já encharcada. Nós continuamos nos beijando, e ele me enlouquece aos pouquinhos, à medida que arrasta o pau gigante na minha entrada.

Uma das suas mãos sobe por uma das minhas coxas, adentrando por baixo da saia — que já está quase no meu quadril — e chega até minha virilha. Ele brinca com o tecido da calcinha ali, passando seu dedo indicador por toda minha extensão, mas sem chegar a me tocar de verdade.

— Aaron… — gemo, querendo que ele enfie logo a porra dos seus dedos em mim.

— Sem pressa, meu amor — ele provoca, chupando minha pulsação no pescoço e me fazendo gemer ainda mais alto o seu nome.

O babaca sobe minha blusa, expondo meus peitos cobertos pelo sutiã de renda da mesma cor da calcinha, e chupa-os por cima do tecido, *quase* me fazendo chegar ao ápice.

Qual o problema dele com peças de baixo, e por que ele não pode tira-las do caminho para me tocar direito, porra?

Parecendo que leu minha mente, Aaron abaixa as taças do sutiã e finalmente chupa um dos bicos dos meus peitos, estimulando o outro com a mão. Ele chupa, mordisca e beija meus seios, alternando entre um e outro. E quando estou prestes a gozar, apenas com sua boca nos meus peitos e seu pau cutucando minha boceta, o idiota para.

Ele para!

— Aaron! — exclamo, irritada, e sabe o que ele faz? Ele ri!

Vou fazer uma greve de sexo depois de hoje.

— Eu estava quase gozando — digo, puta para caramba, e ele me beija, enroscando uma das mãos nos meus cabelos.

Eu esqueço que estou irritada com ele e me entrego ao beijo. Nossas línguas travam uma guerra para ver quem vai tomar a rédea, e claro que eu perco essa disputa para Aaron. Como em todas as outras vezes que nos beijamos.

De repente, ele cessa nosso beijo e me retira do banco da moto, com um sorriso lascivo se formando em seus lábios.

O que?

Não tenho tempo de reclamar dessa vez, porque ele me vira de costas e empurra meu rosto para o couro do banco, delicadamente, e eu entendo o que ele quer. Me debruço sobre a moto e subo minha saia até a cintura. Quando viro um pouco meu rosto para trás, ele está subindo e descendo a mão pelo pau, e eu consigo ver as gotinhas de pré-gozo se acumulando na cabecinha. Sorrio para a cena.

— Esse é meu presente de aniversário? Você me fodendo na sua moto?

— É um dos presentes, meu amor — ele responde, se aproximando de mim e passando o pau pela minha entrada, ainda coberta pela calcinha.

Uma das suas mãos se encaixa na minha cintura, e a outra vai até minha boceta, arrastando a calcinha para o lado, e finalmente ele passa os dedos pelos meus grandes lábios.

— Você está pingando, Lily — ele comenta, e eu sorrio para a constatação óbvia. — Saber que alguém pode aparecer e nos flagrar aqui te deixa com tesão?

— Você me comendo por trás me deixa com tesão — retruco, e ele grunhe.

Sem esperar mais, Aaron me invade com seu pau, em uma estocada só.

Ele inicia os movimentos de vai e vem dentro de mim, me fazendo ver estrelas sempre que seu pau sai e entra inteiro novamente. Ele estala um tapa na minha bunda, e eu gemo contra o banco de couro.

— Mais forte — peço, me referindo ao tapa e às estocas também.

Aaron começa a bombear dentro de mim com mais força, e seus tapas nas minhas nádegas são mais fortes também, provavelmente, vão deixar marcas na minha pele, mas pouco me importo.

Com a mão livre, ele me agarra pela garganta e traz meu corpo para trás, me fazendo encostar as costas em seu peitoral. Uma das suas mãos me enforca na medida certa, me fazendo gemer, e a outra, começa a estimular meu clitóris.

É demais para mim.

Não só transar na moto de Aaron, como tudo que ele está fazendo por mim no meu aniversário. Todo o esforço que ele fez para adequar as tradições que eu tinha com meu pai e fazer do nosso jeito, porém, de uma maneira que eu ainda lembrasse da minha infância.

Foi uma das coisas mais bonitas que já fizeram por mim.

Basta que ele faça um movimento de pinça no meu ponto sensível e estale um tapa na minha boceta, para que eu goze no seu pau. Ele não fica para trás, e sinto quando despeja sua porra quente dentro de mim logo depois.

Nós não nos mexemos em um primeiro momento, apenas recuperamos o fôlego devagar. Quando estamos respirando normalmente, ele sai de dentro de mim e me vira de frente, colocando uma mecha suada de cabelo atrás da minha orelha.

— Só falta jantarmos na lanchonete para finalizar o dia — ele diz de uma forma carinhosa, e eu fico triste de ter que dizer o que preciso.

— Podemos pular essa parte? Você… você me cansou — falo, abrindo um sorriso para ele que não estranhe a pequena mentira.

Como que eu vou na lanchonete que costumava frequentar com meu pai comer um lanche gorduroso que vai acabar com minha dieta? Eu estou há algumas semanas cumprindo-a direitinho! Não vou estragar tudo agora.

— Como você quiser — Aaron responde, deixando um selinho casto nos meus lábios.

Todos os meus últimos aniversários foram incríveis, porque eu passei ao lado dos meus melhores amigos, e esse, que eu tive dúvidas se seria bom, por estar longe deles, foi tão especial quanto, devido a Aaron Yoon.

Eu conseguirei blindar meu coração bem o suficiente para ele não se apaixonar por ele, quando ele faz esse tipo de coisa no meu aniversário?

Não, eu acho que não vou conseguir.



Seria difícil superar o dia de ontem, mas eu tinha esperança de que Stella e Ava fossem conseguir esse feito na minha festa de aniversário hoje, daqui a pouco, na Lust.

Elas se colocaram na frente de toda a parte de decoração e organização da festa, e eu recebi algumas imagens mais cedo. Tudo está lindo! Bexigas por toda a boate, faixas e glitter, tudo cor de rosa, claro, para combinar com o vestido que usarei hoje, que eu mesma desenhei e costurei. Só ficaria melhor se eu tivesse conseguido comprar a bota de cano alto e salto, toda de pedrinhas brilhosas, porém o valor da mais parecida que vi em uma loja em Schönilla era muito fora do orçamento, e decidi optar por uma sandália antiga mesmo.

Tinha passado horas me arrumando e estou prestes a sair, já que Aaron me avisou que o motorista que nos levará à Lust chegou, quando ele abre a porta do meu quarto.

— Já estou indo! Falta só a sandália — aviso, terminando de passar o gloss labial, na penteadeira.

Olho para ele pelo espelho e vejo que ele está com uma sacola gigantesca nas mãos.

— Aaron… não precisava! — digo, jogando o gloss de qualquer jeito no móvel e indo até ele. — Você já me proporcionou um dia incrível ontem!

— E eu disse que era apenas um dos presentes — ele relembra, e eu reviro os olhos. — Esse é o outro. — Estende a sacola na minha direção, e eu aceito.

Quem não aceita um presente de aniversário?

Tiro uma caixa de dentro e coloco na cama, me sentando também para desembrulhar o que há dentro. Quando consigo desamarrar o laço e tirar a tampa, não contenho minha boca, que se abre em um perfeito O.

— Você não fez isso! — exclamo, alternando meu olhar entre o presente e Aaron, que está com um sorriso estampado no rosto.

— Você comentou que era muito caro e que só faltava isso para ficar perfeito, então…

Aaron Yoon me presenteou com a porra da bota que eu estava alucinada para comprar e que complementa perfeitamente meu vestido!

Eu nem penso quando pulo, isso mesmo, *pulo* em cima dele, entrelaçando minhas pernas ao redor da sua cintura e deixando vários beijos pelo seu pescoço, até chegar na sua boca. Beijo-o lentamente, de uma forma diferente das outras vezes. Não há nada de selvagem nesse beijo. Apenas carinho e gratidão.

— Obrigada, obrigada, obrigada! Eu amei — sussurro no seu ouvido, deixando um beijo ali e me soltando dele.

— Você merece muito mais que isso, meu amor — é a resposta dele, seguida de um beijinho no meu nariz. — Agora, coloque sua bota e vamos, porque já estamos atrasados para a sua própria festa de aniversário.

Sorrindo de orelha a orelha, coloco minha bota nova, pego minha bolsa, e Aaron e eu descemos até o térreo do prédio, para entrar no carro que vai nos levar à Lust.

Como todos os carros da família Yoon são parecidos, esse também tem aquela janelinha que divide o banco da frente do de trás, e por isso, eu ganho mais um presente no meu aniversário de 19 anos. Um não, dois. Aaron me dá dois orgasmos a caminho da Lust, um com os dedos, e outro com a boca.

Tem maneira melhor de passar seu aniversário?

Chegar no local que está acontecendo sua festa e dar de cara com todos os seus amigos, e claro, mais milhares de conhecidos que você mal trocou duas palavras, mas que vieram mesmo assim, porque a boate da família da sua nova amiga é famosa e divulgou o evento em suas redes sociais.

Abraço Stella e Ava primeiro, que me entregam presentes. Stells me presenteia com nada mais, nada menos, que uma bolsa da Miu Miu rosa, que eu estava namorando no site deles há alguns dias.

— Feliz aniversário, amiga — ela me deseja, com um sorriso.

— Obrigada pelo presente, Stells. E por você estar aqui.

Já Ava me dá um kit de velas aromáticas e acessórios, com um dos meus cheirinhos preferidos: marshmallow e champanhe.

— Feliz aniversário, Lily! Que Deus te abençoe, e você tenha anos brilhantes pela frente — minha outra amiga me deseja, e eu tenho que segurar as lágrimas nessa altura do campeonato.

— Obrigada por ter vindo e pelo lindo kit, Ava — agradeço, me desvencilhando do seu abraço, depois de ela me deixar um beijo na bochecha.

Em seguida, é Cameron Parker que vem me desejar feliz aniversário. Com a aproximação dele e de Stella, e ele sendo melhor amigo de Aaron, nós estamos criando um laço de amizade muito maneiro e sincero.

— Feliz aniversário, loirinha! — ele diz, sorrindo sacana para Aaron, que está com a mandíbula trincada para ele.

Ops. Alguém está com ciúmes do melhor amigo, sério? O mesmo amigo que lambe o chão que Stella Mars passa?

Decido ignorar por enquanto, e depois de agradecer a Cam, é a vez de Kiara me puxar para um abraço rápido, o que me surpreende.

— Feliz aniversário, Lily.

— Obrigada, Kie. E obrigada por permitir isso acontecer hoje — digo, e ela me lança uma piscadela.

Levo todos meus amigos para a pista de dança, e enquanto dançamos ao som de um remix versão balada da Taylor Swift, eu já considero esse um dos melhores aniversários que já tive.



# 33.2

## Lily Diggory

Esse não é um dos melhores aniversários que já tive.

Ele estava no topo da lista ontem, mas quando recebi uma mensagem da minha mãe — ela nem fingiu se importar o suficiente dessa vez para ligar — dizendo que Aaron e eu íamos em um jantar na casa dela e de Benjamin no dia seguinte, para comemorar meus 19 anos, o aniversário desse ano desceu algumas classificações.

Mais uma vez, ela não me deu espaço para dizer não.

Eu vou. E ponto final.

Chegamos da festa supercansados, quase 4 horas da manhã, e fomos direto para nossos respectivos quartos. Não fiz minha rotina de *skincare* de vários passos — só tirei a maquiagem e lavei o rosto com sabonete facial — e não transei com Aaron, como acontece todas as noites. A exaustão gritou mais alto, e assim que me deitei na cama, apaguei.

Só acordei hoje pela manhã, com uma mensagem de Lauren me aguardando. Quando fui buscar um copo de água e encontrei Aaron na cozinha, ele comentou que tinha recebido uma ligação do pai há alguns minutos, falando sobre esse jantar também. Ele falou que um carro nos buscaria aqui perto das 19 horas, e que devemos estar na porta esperando o motorista nesse horário. Mais uma vez, *ordens*, não *pedidos.*

Pelo menos, estamos nessa merda juntos.

Como passamos a sexta-feira e o sábado inteiros comemorando meu aniversário, nós precisávamos colocar algumas matérias da faculdade em dia, e por isso, mal nos vimos durante esse domingo. Eu precisei terminar um trabalho da aula de Costura e preparar uma apresentação da aula de Desenho, e enquanto isso, Aaron tinha que fazer alguns relatórios sobre um projeto de uma matéria cheia de números, a qual eu não me prestei tanta atenção assim.

Desculpe, Aaron.

No fim da tarde, eu comecei a me arrumar. Tomei um longo banho gelado no chuveiro, para tirar todas as impurezas de ontem, e depois, passei um tempo na água quentinha da banheira, com uma máscara de hidratação no rosto e uma de reconstrução nos cabelos. Além disso, aproveitei para raspar as pernas e ajeitar a sobrancelha com a pinça que eu tenho para imprevistos.

Eu preciso ficar perfeita para encontrar Lauren.

Finalizo meu cabelo em algumas ondas, passo uma maquiagem leve no rosto e depois vou para a saga de escolher uma roupa. Acabo optando por um vestido rosa bebê, de mangas finas e um decote reto. Ele bate um pouco acima do meio das minhas coxas e combina perfeitamente com meu salto plataforma branco, da mesma cor da bolsa. Coloco um colar dourado de borboleta que ganhei do meu pai há alguns anos e brincos também.

Me olho no espelho de corpo inteiro do quarto e gosto do que vejo. Estou bonita, e o vestido não marca nenhuma das minhas gordurinhas indesejadas, como minha mãe diz.

O problema é que ela não vai gostar do que vê.

— Lily, o carro chegou — Aaron avisa da cozinha, e eu recolho minhas coisas para descermos.

Tenho um déjà vu da primeira vez que isso aconteceu, quando fomos jantar na casa dos nossos pais também. A diferença é que nós não nos suportávamos na última vez, e agora, Aaron me dá a mão para me ajudar a entrar no banco traseiro do carro.

Falando em carro, eu não conheço esse motorista. Já estou tão acostumada com Jordan e sua janelinha traseira que me permite relaxar no banco de trás, que fico surpresa quando entro no veículo preto e há outra pessoa atrás do volante, além da inexistência dessa janelinha que nos separa do banco da frente.

Caramba, justo hoje que eu precisava relaxar antes de ter que aturar as falas da minha mãe.

Como estamos totalmente à mercê do motorista da vez, as carícias e beijos roubados não podem acontecer. Não sabemos o que ele pode revelar a Benjamin e o que poderia acontecer com a gente, caso nossos pais soubessem. Lauren, por exemplo, não aprovaria. Mesmo que Aaron Yoon seja o cara que ela pediu a Deus para eu casar, ele é filho do seu atual marido, e as pessoas vão falar. E ela não gosta que tenham motivos para falar mal dela, ainda mais se eu for a causa disso, como quando ela engravidou de mim jovem.

Lauren Hayes — seu sobrenome de solteira — tinha 22 anos quando conheceu Joe Diggory e se apaixonou pelo dinheiro que ele tinha. Sim, não por ele. Mamãe não se apaixonava pelos caras que namorava, mas sim, pelos bens que eles possuíam. Eles namoraram durante um bom tempo e até mesmo fugiram juntos para se casarem, em Las Vegas, no verão do ano em que se conheceram. Um tempo depois, ela descobriu que estava grávida, e eu tenho minha teoria de que ela odiou. Agora, ela tinha mais uma pessoa para dividir a fortuna dele. Eu. E tudo piorou, quando papai me fez ser sua garotinha e deixou Lauren como segunda opção. Após meu nascimento, as coisas foram decaindo gradativamente.

Primeiro, meu pai desistiu da ideia de trabalhar na grande empresa de materiais de construção dos meus avós e escolheu seguir seu próprio caminho, começando sua carreira na polícia depois de terminar os estudos na universidade. Minha mãe, nesse período, dedicava todo seu tempo a mim — ou pelo menos, deveria estar fazendo isso — e a ir à academia, fazer compras e tomar um vinho no fim da noite. Não demorou muito para que o casamento deles esfriasse, ainda mais quando papai conseguiu um emprego muito, muito bom em Millsh, a pequena cidade de onde ela tinha fugido com ele. Eu era pequena, então não me lembro muito desses anos, porém meu pai me contou que foi difícil para minha mãe voltar para o mesmo lugar, e ainda por cima, termos nos mudado exatamente para a casa da sua família, que foi deixada de herança para ela depois da morte dos seus pais.

Por causa de tudo isso, aos poucos, meus pais foram se afastando, entretanto, antes que Lauren pudesse, de fato, se separar dele, ele foi dado como desaparecido. Joe Diggory saiu para o trabalho em uma quarta-feira de manhã, há alguns anos, e nunca mais voltou para casa. Eu até acreditei durante uns meses que mamãe tinha armado tudo, mas depois, compreendi que ela não tinha participado de nada. Ele ter desaparecido antes mesmo do divórcio acontecer, a prejudicava mais do que a ajudava naquela situação.

— Ei, tudo bem? Você parecia estar no mundo da lua. — A voz de Aaron me assusta, tirando dos devaneios.

Como meus pensamentos foram de precisar gozar e não poder, até a história de vida dos meus pais? Meu Deus do céu!

— Sim, tudo bem. Eu só… só não queria ver minha mãe. Ainda mais no fim de semana do meu aniversário — admito, dando um sorriso sem graça para Aaron, que está sentado ao meu lado, mas não tão próximo como eu quero.

— Podemos pedir para o motorista dar meia volta e voltarmos — ele sugere, só que eu nego.

— Vai ser pior se não formos — digo, e ele concorda, porque sabe que é verdade. Não é fácil lidar com nossos pais.

— Posso fazer alguma coisa para te ajudar?

Ele ainda pergunta? Até parece que não me conhece!

— Sempre tem algo que você pode fazer, Aaron — respondo, com a voz alguns tons mais baixa, e passo meu dedo pela sua coxa por cima da calça preta.

— Lily… não podemos fazer isso aqui — ele fala, agarrando meu pulso delicadamente e me fazendo parar os movimentos. Seus olhos alternam entre mim e o motorista, que de vez em quando, nos observa pelo espelho retrovisor.

— Você não teve problema em me foder no campo de abóboras, nem em me deixar te chupar no vestiário — relembro dos momentos que fizemos coisas parecidas em lugares públicos.

— É diferente, meu amor. Nessas ocasiões, havia a adrenalina da *possibilidade* de alguém aparecer. Nesse momento, a pessoa já está aqui entre nós.

Eu bufo, frustrada com essa situação.

Nada mais pode dar certo no fim de semana do meu aniversário? Todas as coisas boas já aconteceram, e agora é o momento das coisas ruins?

— O que eu posso fazer para te convencer do contrário? — pergunto, tentando soar provocativa, mas Aaron corta minha vibe.

— Nada, Lily. Não vou tocar em você com alguém no mesmo ambiente que nós — Aaron responde, decidido, e eu reviro os olhos.

Vou fazê-lo mudar de ideia. Sei que estamos chegando na mansão da família, porém ainda dá tempo disso.

Finjo deixar meu celular cair no chão do carro e quando me abaixo para pegá-lo, arrasto minha calcinha de renda rosa pelas minhas pernas e a retiro, com um sorrisinho estampado no rosto. Aaron está concentrado, observando a estrada pelo para-brisa, e não percebe o que está acontecendo ao seu lado.

Ele só volta a me encarar, quando coloco seu presentinho no seu bolso.

— O que é isso, Lily? — ele pergunta depois que enfio algo no bolso da sua calça, e eu dou de ombros.

— Descubra por si só.

Ele tem uma expressão desconfiada estampada no rosto, entretanto, faz o que eu peço. Quando ele percebe o que é, olha do tecido de renda para mim. De mim para a barra do meu vestido e de volta para mim, e eu já estou sorrindo maliciosamente quando isso acontece.

— Lily, que porra é essa?

Não tenho tempo de responder sua pergunta, porque o carro está estacionando em frente à porta principal, e precisamos sair para encontrar nossa família.

— É um lembrete para a volta, de que estou sem nada por debaixo da roupa e pronta para o que você quiser fazer comigo — respondo, dando um beijinho em sua bochecha antes de sair do carro, quando a porta é aberta para mim pelo motorista.

Dou uma olhada para ele por cima do ombro, e Aaron parece furioso comigo.

Ops.

Sou recebida por Cleo na porta, e ela me deseja um feliz aniversário, me puxando para um abraço apertado como se fôssemos velhas amigas, e eu adoro isso. Envolvo-a em meus braços também, e por eu estar de salto, fico uns bons centímetros acima dela e consigo colocá-la em um casulo com os braços.

Assim que ouço os passos de Aaron se aproximando, me afasto de Cleo, agradecendo mais uma vez pelo carinho, e sigo adentrando a casa, até a sala de jantar.

Não demora muito para que ele esteja no meu encalço, mas não temos tempo de falar nada, porque a figura imponente de Benjamin Yoon aparece na nossa frente.

— Feliz aniversário, Lily — meu padrasto me deseja, sem fazer menção de me abraçar.

Até mesmo Cleo, que é a segunda vez que nos vemos, fez questão de me abraçar, e ele não? Sério?

— Obrigada, Benjamin — agradeço com um sorriso mínimo, e ele acena com a cabeça, caminhando para a mesa de jantar.

Minha mãe aparece em seguida, vindo da cozinha e abre os braços para me receber.

Lá vamos nós.

— Feliz aniversário, querida! — ela deseja em alto e bom som para que todos possam ouvir, antes que passe os braços ao meu redor.

— Obrigada, mãe — respondo, tentando me soltar dela, porém Lauren não deixa.

— Não me faça passar vergonha novamente e coma toda a comida, entendeu? Depois passe 24 horas na academia ou coloque tudo para fora, não me importo, só não quero a mesma situação da última vez — ela sussurra no meu ouvido, antes de se afastar com um sorriso falso ainda estampado no rosto.

Babaca.

Visto minha melhor expressão de que está tudo bem e sigo até meu lugar à mesa, que para minha surpresa, ou não, é ao lado de Aaron e de frente para o casal.

Fantástico.

A entrada é servida e é uma sopa de legumes. Olho de soslaio para minha mãe, e ela aponta com a cabeça para o prato, para que eu coma toda e não faça desfeita.

Sorrio para ela e começo a comer.

Tudo sob controle.

Eu estou sem comer desde ontem à tarde, um pouco antes da festa, então, tenho espaço para essa comida.

Quando todos terminamos, em um silêncio bem desconfortável, o prato principal é servido. Todos recebem seu salmão ao molho de pimenta rosa.

Ok, eu consigo comer. Tudo sob controle.

— Aaron, está animado para terminar os estudos? — minha mãe pergunta, como se não tivesse rolado um enorme desentendimento entre eles da última vez em que estivemos aqui.

Se eu não conhecesse Lauren, com certeza acreditaria na sua falsa expressão de curiosidade sobre a vida do enteado.

— Bem… — Aaron começa a responder, coçando a garganta. Antes que ele continue, no entanto, sinto sua mão pousar em uma das minhas coxas e eu me mexo na cadeira, surpresa. Arrisco um olhar para ele, que está concentrado na minha mãe. — Reta final de faculdade é sempre mais difícil. Muitas provas, trabalhos, projetos… então, sim, estou bem animado para acabar com tudo isso.

Pelo jeito que ele fala, com certeza deve ter levado uma bronca do pai por ter tratado Lauren daquela forma no último jantar.

Por mim, ele poderia falar daquele jeito com ela outra vez. Todas as vezes que quisesse.

— E já sabe o que vai fazer quando se formar? — minha mãe continua, e eu preciso segurar a vontade de revirar os olhos para essa conversa.

A mão de Aaron sobe pela minha coxa, até chegar na minha virilha, e eu arregalo os olhos.

O que ele pensa que está fazendo?

Estamos em um jantar de família! Ele não pode querer fazer *isso* agora!

— Ainda não sei. Talvez eu continue meus estudos em um mestrado ou vá tentar arrumar um emprego em alguma empresa — ele responde, enquanto sua mão traça um caminho direto para minha boceta.

Que está completamente descoberta e molhada para ele.

Puta que pariu!

— E você deseja ficar em Schönilla mesmo?

Seus dedos encontram minhas dobras, e ele os passa por toda a extensão, me fazendo engasgar com o pedaço de salmão que estou mastigando.

— Lily, tudo bem? — Benjamin pergunta, quando eu começo a tossir e preciso tomar quase o copo inteiro de suco de uva na minha frente.

— T-tudo bem, Benjamin. Eu só me engasguei, mas passou — respondo e quando olho para Aaron, o babaca está com um sorrisinho no rosto.

Um dos seus dedos me invade, e tento fechar as pernas para expulsar sua mão dali, só que é claro que ele não permite. Mordo meu lábio inferior e tento disfarçar tomando o último gole de suco.

Se ele me fizer gozar aqui, eu vou acabar com a raça dele!

— Aaron… — sopro o nome dele, baixinho, quando Benjamin e Lauren conversam entre si sobre um problema com o jardineiro da casa.

— O que foi, meu amor? — ele pergunta, se divertindo e com os olhos fixos nos meus, enquanto seu dedo se movimenta dentro de mim, e eu me esforço para ficar parada na cadeira.

— Pare com isso! Você está louco? — falo, meio sussurrando e meio gritando, e ele apenas continua com o sorriso.

— Achei que você não se incomodava em fazer isso com outras pessoas no mesmo ambiente.

Eu… eu vou matar esse garoto!

— Aaron — aviso, séria, mas somos interrompidos pela minha mãe.

— A sobremesa já vai ser servida, crianças — ela avisa no mesmo momento que o dedão de Aaron pressiona meu clitóris, e eu perco tudo.

É agora.

Eu estou sentindo meu orgasmo se aproximar e já preparo alguma forma de gozar em silêncio.

Estou quase, quase lá, e… e ele tira os dedos de dentro de mim.

Oi?

Não, ele não fez isso.

Viro meu rosto em sua direção, e ele está lambendo os dedos da mão que estava, há alguns segundos, na minha boceta.

— Aaron, você não fez isso!

— Seus gemidos são somente para mim, meu amor — ele diz, deixando um aperto na minha coxa, e eu tenho vontade de esgana-lo.

— Aaron… eu *preciso* gozar, você não está entendendo — murmuro, irritada, e ele continua se divertindo com tudo isso.

— Resolvemos isso em casa, meu amor

— Aaron, eu juro por Deus que…

— Com licença, preciso ir ao banheiro — ele me interrompe, avisando para todos nós e se levanta, sem tirar a porra do sorrisinho sacana do rosto.

Eu não acredito que perdi no meu próprio jogo.



Eu acho que dormi todo o caminho de volta até nosso apartamento.

Quando Aaron voltou do banheiro, nós comemos a sobremesa — um brownie de chocolate com recheio de chocolate branco — e nos despedimos de Benjamin e Lauren para, enfim, irmos embora. Dessa vez, nenhum mal entendido aconteceu, e eu agradeci mentalmente por isso.

Antes de, de fato, entrarmos no carro, Cleo veio até nós e entregou uma sacola com um pouco de comida que ela fez para nós, para comermos no dia seguinte. Ela disse que sabe que, com certeza, Aaron morre de saudades de seus pratos e quis fazer um agrado para a gente. Agradeço imensamente pelo carinho, e ele abre a porta do banco traseiro para que eu entre.

Essa é a última coisa que eu me lembro.

Quando abro os olhos, estou nos braços de Aaron dentro do elevador. Um dos seus braços está me carregando pelas coxas, e o outro, nas minhas costas. Mesmo sonolenta, eu entrelacei meus braços no pescoço dele e descansei o rosto no espaço entre a cabeça e o ombro, ficando bem confortável ali.

Eu percebo quando seus olhos vão descer para minha figura e volto a fechar os meus, para continuar sendo carregada até nossa casa, e de preferência, até meu quarto.

É minha semana de aniversário, e eu mereço ser tratada como uma princesa.

— Eu sei que você está acordada, Lily — ele diz, e eu sinto que está sorrindo.

Murmuro alguma coisa para fingir que estou sonhando com algo, e ele dá uma risada baixa antes de sairmos do elevador.

Com os olhos fechados, vou acompanhando onde estamos pelos sons. Ouço quando a porta do elevador se fecha atrás de nós, quando a fechadura da porta do apartamento é destrancada, e ele jogando minha bolsa na bancada da cozinha.

Ele continua caminhando, adentrando ainda mais nossa casa, e ouço uma porta se abrindo em seguida. Demoro um pouco para decifrar onde estamos, mas logo o cheiro adocicado chega nas minhas narinas e eu sei que estou no meu quarto.

Aaron me deita na cama delicadamente, e eu me ajeito nela, ficando por cima dos travesseiros. Quando acho que ele vai sair, ele me surpreende e começa a tirar meus saltos, além dos meus acessórios. Morando juntos há alguns meses, ele já deve ter percebido que eu durmo sem joia nenhuma e coloco todas pela manhã. Ele ainda me cobre com a manta que fica no pé da cama, e sinto seu joelho afundar no colchão ao meu lado.

— Boa noite, Lily — ele me deseja, deixando um beijo na minha testa.

Antes que ele vá embora, eu seguro sua mão e não o deixo se afastar.

— Fica — peço, finalmente abrindo meus olhos e voltando-os para os dele, que já estão me observando. — Dorme comigo.

Desde a primeira vez que transamos e dormimos juntos, isso não se repetiu mais. E eu acho que ele vai recusar meu pedido por isso. Talvez eu esteja cruzando alguma linha imaginária que traçamos. No entanto, não é isso que acontece.

Aaron retira os sapatos, a camisa social e a calça, ficando apenas de cueca. Eu faço o mesmo, com a ajuda dele, porém tiro tudo mesmo, ficando nua. Ele sobe na cama, se posicionando atrás de mim, passando seu braço pela minha cintura e me puxando para perto de si. Seu peitoral cola nas minhas costas, e ele sussurra entre meus cabelos:

— Boa noite, Lily.

— Boa noite, Aaron.



# Aaron Yoon

Quando Cleo nos entregou a marmita de comida no dia anterior, antes de irmos embora da mansão de Benjamin, eu quis negar. Não quero que ela se preocupe comigo, quando já estou morando em outro lugar. Nos anos em que vivi com meu pai, principalmente depois da morte da minha mãe e a ida da minha irmã mais nova para o internato, ela foi minha âncora naquela casa. Sem Cleo como nossa governanta e também exercendo o papel de segunda mãe, eu sinceramente, não sei onde poderia estar agora. Eu provavelmente teria sido levado por todos os caprichos de Benjamin Yoon e teria me tornado uma versão dele anos mais jovens. E mesmo tendo-a ao meu lado durante alguns anos, sempre puxando meus pés para baixo quando eu precisei, ela não pôde me privar de tudo. Assim como mamãe também não conseguiu. Olhando para o que estou vivendo agora, não posso dizer que sou completamente oposto ao meu pai. De certa forma, eu *sou* uma versão dele mais jovem. Nessa versão, no entanto, eu tenho traços diferentes do meu pai. Empatia, compaixão e positividade são características totalmente minhas — herdadas de Adele Yoon — e que fazem totalmente a diferença no tipo de trabalho que atuamos.

Uma parte de mim fica feliz em saber que, quando Benjamin morrer e eu tiver que seguir com seu legado em Schönilla, eu serei um líder muito melhor do que ele por ter sentimentos que ele não teve enquanto exercia seu trabalho. Entretanto, a outra parte de mim fica puta, por ter que continuar com a porra desse legado.

Eu quero mesmo continuar nesses negócios ilegais e, consequentemente, torturando e matando pessoas para o resto da minha vida?

Porra, claro que não! Eu quero me formar na faculdade, fazer um mestrado nessa mesma área e abrir minha própria empresa. Penso até mesmo em continuar com o restaurante — depois de uma grande repaginada, para não sermos associados com tudo que acontecia no Ah-ri Yoon — e manter, pelo menos, esse legado. Isso porque a única parte que mamãe gostava de toda essa situação, era o restaurante. Inclusive, foi nele que eles se conheceram.

Adele estava há pouco tempo nos Estados Unidos. Ela tinha se mudado para cá para ingressar na universidade — SU, claro — e, por acaso, deu de cara com o Ah-ri Yoon, um restaurante coreano no meio da sua cidade universitária. Quais eram as chances de isso acontecer? Não é fácil achar restaurantes coreanos nesse país, ainda mais estando numa área bem afastada da capital do estado. Ela decidiu almoçar lá naquele dia, e a pessoa que foi atendê-la, foi Benjamin. De lá para cá… sabemos como a história terminou.

Apesar de tudo que passou, minha mãe nunca deixou de elogiar a comida feita no restaurante da família, e é por isso que eu penso em continuar com ele, para honrá-la de alguma forma.

E eu tive toda essa viagem dentro da minha própria cabeça, porque quando fui abrir o que Cleo preparou para mim e para Lily, me deparei com pratos típicos da culinária coreana e fiquei nostálgico, pensando em mamãe. Eu me lembro de ver minha mãe e Cleo na cozinha, logo quando ela começou a trabalhar conosco, ensinando-a fazer todos esses pratos. Com a prática, a comida começou a ficar tão boa quanto a de Adele, e ainda mais gostosa do que a do restaurante. No Ah-ri Yoon é servido uma comida mais comercial, já o que foi ensinado para Cleo, é algo mais caseiro e saboroso.

— LILY! — chamo, já colocando os potes para esquentar no micro-ondas. Tem bastante comida para nós dois para o jantar de uma segunda-feira à noite.

Ela demora alguns segundos para aparecer, mas quando surge no meu campo de visão, tenho vontade de largar tudo e fazer dela minha refeição.

Lily está com os cabelos loiros em um coque bagunçado no alto da cabeça, sem nenhuma maquiagem e vestindo apenas uma das minhas camisas. Nós tínhamos dormido juntos ontem, e isso só aconteceu uma vez anteriormente, quando transamos pela primeira vez, há algumas semanas. E quando acordamos hoje pela manhã, desejei um bom dia em forma de orgasmo para minha garota, chupando sua boceta gostosa depois que ela acordou. Tem melhor forma de se acordar do que essa?

Sim, tem. Nós ainda tomamos banho juntos, já que despertamos bem cedo — esquecemos, mais uma vez, de fechar a cortina, e raios solares nos acordaram —, e ela me deu o bom dia enquanto estávamos no chuveiro. Lily ajoelhou no box e levou todo meu pau para dentro da sua boca, e eu comecei essa segunda-feira, jorrando toda minha porra dentro da boca dela.

Espero que nossas manhãs continuem assim.

— Me chamou? — ela pergunta, me tirando dos devaneios, e eu assinto.

— Cleo preparou comida coreana para a gente — conto, apontando para algumas vasilhas em cima da bancada da cozinha e também para o micro-ondas. — Eu sei que você já comeu no restaurante, mas te garanto que a de Cleo é mil vezes melhor, porque foi minha mãe que a ensinou.

Lily desvia os olhos dos meus e passa a língua pelos lábios, parecendo… insegura. Será que ela não gosta da culinária coreana? Eu me lembro de vê-la comer no casamento e no restaurante, nas vezes que frequentamos juntos, só que talvez… talvez seja só a filha da puta da mãe dela forçando-a a comer. Se ela força a filha a *não* comer, também pode acontecer ao contrário, não é?

— Se você não quiser, Lily, podemos pedir alguma coisa por delivery. O que acha? — sugiro, deixando bem claro que ela não precisa comer o que eu vou comer, se não quiser.

— *O que?* Não, claro que vou comer com você. — Simples assim, sua expressão anterior se transforma, e ela sorri docemente para mim. — Vou ajeitar a mesa de jantar. Tudo bem?

— Lily, tem certeza? Podemos pedir algo que você… — Não tenho a chance de terminar de falar, porque ela se aproxima de mim e puxa meu rosto para baixo, selando nossos lábios em um beijo casto.

— Tudo bem, Aaron. Sério. Adoro comida coreana — ela responde, deixando mais um beijo na minha bochecha e indo pegar os utensílios para arrumar a mesa em que vamos comer.

Ainda acho um pouco estranho esse comportamento dela, porém tento não me preocupar com isso agora.

Continuo aquecendo os potes um por um e colocando em travessas de vidro, para deixar tudo ainda mais arrumado e bonito.

Quando faço isso com todas as comidas, vou levando uma por uma para mesa e termino minha jornada entre a cozinha e a sala de jantar levando um vinho tinto e taças para nós dois.

— Eu trouxe vinho, mas se você quiser beber outra coisa, posso pegar — digo, antes de colocar a bebida em cima da mesa.

— Vinho está ótimo — ela responde, ainda com o mesmo sorriso doce de antes.

Puxo uma cadeira ao lado dela e sirvo nossas taças com um pouco de vinho.

— Quer que eu explique cada prato? Só para você ter certeza do que vai querer — sugiro, demonstrando que sou bem diferente de Lauren, e ela pode comer o que quiser quando está comigo.

— À vontade — ela fala e parece um pouco mais animada.

— Esse aqui é o *Jjajangmyeon*. Ele é de origem chinesa, mas nós fizemos uma versão própria — explico, gostando de explicar um pouco da cultura do país da minha família para ela. — É lámen, pasta de feijão de soja preto, pedaços de carne e legumes cozidos. É bem simples de cozinhar e um dos primeiros pratos que minha mãe ensinou à Cleo — e tem toda diferença do *Jjajangmyeon* do Ah-ri Yoon, já que aquele é apenas servido com molho. — E isso é o *Kimchi*, nosso acompanhamento. É uma mistura de acelga, pasta de pimenta e algumas outras coisinhas, como gengibre e alho.

Cleo preparou duas porções de cada, exatamente para que nós dois pudéssemos desfrutar de uma refeição juntos.

— Acho que não provei nada disso no Ah-ri Yoon — ela comenta, e eu sorrio.

— Mesmo que tivesse, essa versão feita em casa com o toque de Adele Yoon é muito melhor — respondo, lançando-lhe uma piscadinha.

Nós enfim começamos a comer, e eu observo Lily atentamente, para ver qual vai ser sua reação à comida. É claro que pode não gostar, entretanto, eu torço para que esse não seja o caso. Já estou imaginando nós dois cozinhando esses e outros pratos, como aqueles que ela gosta também, juntos, depois de um longo dia de faculdade, para jantarmos.

Até pouco tempo, eu não queria nem ver essa garota pintada de ouro e agora já estou pensando em cozinhar junto dela após um dia cansativo fora de casa. Quem diria.

Espero Lily mastigar primeiro, e só quando ela engole, e geme de prazer pela comida, é que eu comemoro, fazendo-a rir.

— É uma das melhores coisas que já comi! — ela exclama, já partindo para comer mais.

É, parece que as noites de culinária em casal podem ser uma realidade.

Ficamos um tempinho apenas aproveitando a comida deliciosa de Cleo, quando Lily coça a garganta e diz:

— Você e sua mãe eram próximos? — ela pergunta de forma carinhosa e entrelaça seus dedos na minha mão, que descansa na minha perna.

Eu sabia que esse questionamento poderia surgir, depois de eu ter citado Adele algumas vezes essa noite.

A surpresa? Isso não me incomoda, mesmo que sua família seja responsável pelo que aconteceu com ela.

Lily Diggory não é culpada por nada disso.

— Ela era meu mundo inteiro — confesso, e ela aperta minha mão, me dando forças para continuar a falar desse assunto. — Conviver com Benjamin e seu trabalho é… é difícil, e ela sofreu muito por isso. E minha mãe sempre quis que eu não fosse pelo mesmo caminho que meu pai e me tornasse alguém igual a ele. E por isso, na infância, ela me deixava o mais longe possível de todos os negócios da família. Ela era boa em fingir que nada daquilo existia e que minha única preocupação deveria ser minha pista de corrida de Carros, que ganhei de Natal. — Nós rimos disso, e eu sinto ainda mais falta de ter a mulher que me pôs no mundo ao meu lado. — Ela era uma pessoa maravilhosa. Muito melhor do que jamais vou ser.

— Ei, não fala isso — Lily me interrompe, passando a mão carinhosamente pelo meu rosto e virando-o em sua direção. — Você é uma pessoa incrível, e eu tenho certeza que sua mãe se orgulha disso, onde ela estiver.

— Lily… você não sabe de tudo que já fiz — falo, fechando os olhos com força. — Eu não me orgulho das coisas que já precisei fazer por conta do meu pai e… e os negócios familiares em que estamos envolvidos.

Eu não sei porque estou contando tudo isso para ela, porém me sinto confortável em compartilhar isso com Lily. Eu sei que ela não sabe, exatamente, o que são os negócios da família, que vão muito além da fachada do restaurante, contudo, ela desconfia de algo. Todos desconfiam, na verdade. A cidade inteira acredita que a família Yoon está envolvida com pessoas importantes, fazendo a parte ilegal do trabalho delas.

E estamos.

— É… é tudo verdade, então? O que falam do seu pai? — ela pergunta cautelosamente, e eu concordo com a cabeça. — O que vocês fazem, de verdade? Não é possível que todos os boatos sejam verdadeiros!

Como vou dizer a ela que sim, grande parte de tudo que falam, é verdade?

— Lily… eu não quero te envolver nisso mais do que você já está envolvida, por causa do casamento dos nossos pais. Só… só quero que saiba que sim, a maioria das coisas que falam sobre nós é verdade. Fazemos o trabalho sujo de pessoas importantes, digamos assim — e algumas outras coisas pessoais, mas ela não precisa saber disso por enquanto.

Ela engole em seco, e eu acho que esse é o momento em que ela vai recolher suas coisas, e nunca mais olhar na minha cara. Eu não reclamaria se ela fizesse isso. É a reação mais plausível, diante dessa situação.

— Eu sei que você não vai me contar o que são essas coisas que você já fez — ela começa, e eu levanto meus olhos para ela. — Mas, essas coisas ruins… você se arrepende?

— Algumas — respondo sinceramente, e ela concorda com a cabeça. — Não me arrependo de ter quebrado a cara daquele babaca com quem você transou — relembro, e ela sorri fraco, revirando os olhos.

— Aaron!

— O que foi? Estou sendo honesto aqui! — retruco, e ela empurra de leve meu ombro. — Eu me arrependo de ter feito algumas coisas contra pessoas inocentes — confesso, voltando a ficar sério, para continuarmos o assunto principal.

— Aí é que está, Aaron. Você sabe que o que fez não foi certo e se arrepende — ela constata, porém eu dou de ombros. — Ei, é sério! Você entende que certas pessoas não mereciam o destino que vocês as levaram a ter, e isso faz toda diferença. Você tem sentimentos, Aaron, e isso te faz humano. E humanos erram.

— Mas humanos, Lily, aprendem com seus erros e não cometem o novamente.

— Não, Aaron, nem todos — ela responde, baixinho, e eu sinto que tem algo a mais ali. — Você faz o que é preciso para sobreviver dentro dos negócios da família.

Ela está certa? Quer dizer, eu tenho escolhas. Eu posso escolher sair.

Contudo, para isso, eu precisaria buscar Audrey na Suíça e fugir para o lugar mais longe possível de Schönilla, porque eu sei que Benjamin não vai parar até nos encontrar.

Ninguém foge dele. Nem mesmo seus próprios filhos.

A única forma de sair, é sendo morto.

Ou… Benjamin ser morto.

Caralho, eu estou cada dia mais parecido com ele. Como eu cheguei à conclusão de que as duas formas de resolver um problema, é a morte?

— Aaron? Para onde você foi? — Lily pergunta, colocando a outra mão no meu bíceps, e eu percebo que fiquei um bom tempo em silêncio.

— Nenhum lugar, eu só… só queria dizer obrigado, meu amor — digo, deixando um beijo na sua têmpora. — Se minha mãe estivesse aqui, tenho certeza que ela iria amar você.

— Você acha?

— Eu tenho certeza — respondo, piscando mais uma vez para ela.

Não tenho dúvidas de que Adele Yoon e Lily Diggory se apaixonariam uma pela outra.

Da mesma maneira que eu estou me apaixonando por Lily Diggory.



Tateio a minha cama à procura do corpo de Lily, para puxá-la novamente para mim, entretanto não o encontro. Apenas o lençol frio, indicando que ela já saiu há algum tempo do quarto.

Abro os olhos devagar e confirmo que ela não está mais no quarto. Tudo está escuro, o que quer dizer que ainda é de noite. Checo a hora no meu celular, e o relógio digital está marcando 04:17 da manhã.

A porta do meu banheiro está aberta e a luz apagada, sem sinal de ninguém por lá.

Ainda sonolento, eu decido levantar e procurá-la pela casa, a fim de trazer aquela bunda gostosa de volta para a cama e dormir com meu pau cutucando-a.

Porra, o que Lily está fazendo acordada a essa hora da madrugada?

Depois do jantar, nós fomos para minha cama — após, claro, todos os passos de skincare dela —, e eu a fodi até estarmos exaustos para mover um músculo. Não demorou mais que cinco minutos, o tempo que ela foi ao meu banheiro fazer xixi e nos limpamos, para cairmos no sono. E eu lembro que olhei a hora quando ela estava ocupada no banheiro, e passava das duas horas da manhã.

Minha primeira parada é o banheiro social, mas ela não está lá. Vou para a cozinha em seguida, sem sinal de Lily. Por último, antes de me desesperar, entro no seu quarto. Em um primeiro momento, julgando pela escuridão do ambiente, eu acredito que ela não esteja aqui. Contudo, antes que eu possa sair, ouço sons… sons estranhos vindo do seu banheiro.

O que caralhos está acontecendo ali?

Vou até a porta do seu banheiro e acendo a luz.

A visão que eu tenho, não é nada do que eu estava esperando. E eu nem sei como imaginava encontrar Lily, só que com certeza, não era assim.

Meus olhos demoram um pouco para acostumar com a claridade, e quando isso finalmente acontece, eu fico em choque.

Ela está agachada em frente ao vaso, com a cara toda para dentro do sanitário, e o cheiro forte de vômito atinge meu nariz em seguida. Ela levanta a cabeça quando percebe a luz acesa, e sua expressão parece com a minha. Ela não esperava que eu fosse aparecer e vê-la dessa forma. Sua boca, queixo e até um pouco do pescoço estão com resquícios da comida que comemos mais cedo, e até um pouco no colo também.

— Lily… meu amor — digo, saindo do transe e me ajoelhando ao seu lado. Levo uma das minhas mãos a suas costas, e com a outra, tiro seus cabelos loiros grudados em seu rosto, colocando-os atrás da orelha. — O que aconteceu?

— Eu… eu acho que comi algo que não me fez bem — ela responde, engolindo um pouco de saliva, enquanto eu faço círculos em suas costas.

*Algo que não fez bem*… isso é estranho. Nós comemos a mesma coisa, então, por que só ela está passando mal? Nós temos corpos diferentes, e ela pode ter um tipo de digestão diferente da minha… certo? Não faço ideia da resposta para isso. Eu realmente deveria ter prestado mais atenção nas aulas de biologia no ensino médio.

E o que é ainda mais estranho, é a forma como ela falou. Eu não sei dizer exatamente o que, mas algo na sua voz… algo me diz que ela não está falando a verdade. Porém… por que ela mentiria sobre algo assim?

Não, não faz sentido. Eu vi coisa onde não tem.

— Ok, tudo bem. Isso acontece, meu amor — digo, tentando sorrir fraco, para mantê-la calma. — Já vomitou tudo que precisava vomitar?

— Sim… eu acho que sim — ela fala, fraca, e eu assinto.

Ajudo-a a ficar de pé e dou descarga no vaso.

— Vamos tomar um banho e voltar a dormir, tudo bem? — pergunto, e ela concorda com a cabeça. — Vamos fazer isso no meu banheiro e amanhã, damos um jeito no seu.

Precisaria de muita água sanitária para tirar todo o odor daqui.

Passo meus braços pelas suas pernas e costas, carregando-a até minha suíte.

— Eu vou te sujar assim, Aaron — ela avisa, e eu apenas dou de ombros. Não me importo com isso agora, só quero que ela fique bem.

Quando chegamos no meu banheiro, eu ligo a torneira da banheira, e enquanto ela enche, pego uma das toalhas de rosto limpas embaixo da pia. Molho um pouco com água morna da pia e passo por todo seu rosto e colo, onde há alguns resquícios do vômito ainda.

— Aaron, você não precisa fazer isso. Eu não sou criança, posso me virar — ela argumenta, tentando pegar a toalha da minha mão, porém eu não deixo.

— Eu sei que não, meu amor, mas quero cuidar de você. Você vomitou bastante e está fraca, e eu quero fazer isso. Me deixa cuidar de você, Lily?

Não que eu vá parar de fazer isso se ela disser que não, entretanto seria interessante se ela dissesse que sim.

E para minha surpresa, ela não usa sua teimosia contra mim e acaba cedendo. E isso só confirma o que eu disse sobre ela estar fraca. Lily não arrega para nenhuma discussão comigo tão fácil assim.

Depois de alguns minutos, a banheira finalmente está cheia. Jogo alguns sais de banho que Lily comprou para mim há alguns dias e a ajudo a entrar nela. Ela sorri fraco para mim, enquanto eu prendo seu cabelo em um rabo de cavalo para não molhar.

— Obrigada por estar fazendo isso por mim, Aaron.

— Eu faria muito mais por você, meu amor — respondo, deixando um beijo em sua testa. — Você tem remédio para enjoo? Senão, eu vou ligar para farmácia agora mesmo e pedir um.

— Tenho, está na primeira gaveta da minha mesinha de cabeceira — ela me informa, e eu assinto, deixando mais um beijo em sua bochecha antes de sair para buscar.

Encontro o tal remédio no local indicado e depois, vou até a cozinha, pegando uma garrafinha rosa de água de 500ml dela. Ela precisa se hidratar depois de vomitar tanto assim e não acabar piorando seu estado.

Quando retorno para minha suíte, ela está passando o sabonete líquido que coloquei ali por todo seu corpo.

— Aqui — entrego um comprimido e a garrafinha em sua mão. — Você precisa beber tudo e até um pouco mais, para não ficar desidratada depois de vomitar tudo aquilo.

Ela assente e praticamente de uma vez só, toma toda a água. Em seguida, ela se levanta devagar da banheira, e eu me apresso para passar uma toalha por todo seu corpo, e a levar de volta para o meu quarto.

Coloco-a sentada na beira da cama e procuro uma camisa limpa na minha cômoda, junto de uma calcinha que peguei em seu quarto quando fui buscar o remédio. Ela se enxuga rapidamente, e eu ajudo-a a colocar a roupa. Primeiro, me agacho na sua frente para pôr a calcinha.

— Aaron, eu posso fazer isso sozinha — ela diz, só que há divertimento em seu tom.

— Eu sei, meu amor, mas quero ajudar — retruco, ajudando-a a passar uma perna de cada vez pela calcinha.

Depois, ela já levanta os braços, e eu passo a camisa por eles.

Caramba, nunca vou me acostumar com a visão de tê-la nas minhas roupas.

— Vou colocar mais água na garrafa para você beber durante a noite, tá bom? — falo, encaixando uma mão no seu pescoço, e ela concorda. — Já volto, meu amor. — Com um último beijo na sua testa, saio do quarto.

Não demoro mais do que três minutos, mas quando retorno para o meu quarto, encontro Lily já apagada na minha cama novamente.

Coloco a garrafinha na mesinha de cabeceira ao seu lado e deposito um beijo entre seus cabelos.

— Boa noite, meu amor.



# 35

## Lily Diggory

O episódio de segunda-feira não sai da minha cabeça desde que aconteceu.

Nossa, que vergonha de ter deixado Aaron me ver daquela forma!

Quando ele me chamou, totalmente animado, para jantar com ele uma comida que foi ensinada pela sua mãe à Cleo, a mulher que trabalha em sua casa há anos, eu não soube como dizer não. Eu demorei um pouco para responder, e a expressão dele murchou na hora, então, como eu iria negar o pedido? É claro que não fiz isso!

E enquanto ele esquentava todas as vasilhas com os pratos, eu repeti para mim mesma, várias vezes, que só comeria um pouco e inventaria alguma desculpa. Depois, eu tomaria um belo banho e faria o que eu precisava lá dentro.

Tudo sob controle.

Era o que eu achava, mas estava muito enganada.

Bastou eu colocar o primeiro pedaço de *Jjajangmyeon* na boca e eu soube que não aguentaria apenas um pouco daquilo tudo. Estava uma delícia! E Aaron viu quando eu praticamente gemi ao conseguir aproveitar toda a deliciosa comida. Nós entramos em uma conversa depois, eu fui sendo levada pelo assunto e continuei comendo. Eu não percebi que tinha terminado os dois pratos. Não, eu estava muito focada em Aaron me contando que todos os boatos sobre sua família são verdadeiros. Ele não disse *exatamente* em que campo ilegal seu pai atua, porém pela forma como ele revelou, eu entendi que os Yoon estão inseridos em todas as áreas de Schönilla, fazendo o trabalho sujo de pessoas ou empresas importantes, além de trabalhos individuais.

O que mais me matou, foi a expressão no rosto dele enquanto me contava tudo isso e em como ele parecia com medo de me perder, caso eu soubesse de tudo. Caso eu soubesse de todas as coisas ruins que ele já fez em nome do seu pai. Eu precisei deixar bem claro que eu não iria embora, mesmo sabendo de tudo isso. Uma pessoa sensata já teria dado o pé? Com certeza, entretanto é bom que eu já tinha perdido meu senso crítico há algum tempo. Eu não vou a lugar nenhum.

E depois de termos terminado nossos pratos e arrumado a cozinha, fui fazer meu skincare e estava preparada para dormir, quando Aaron me levou para o seu quarto, e fodemos durante horas. *Horas.* Agradeci mentalmente o tanto de comida que coloquei para dentro, porque com certeza foi ela que me deu forças para aguentar tanto tempo assim transando. *Tanto de comida que coloquei para dentro.*

Foi só naquele momento, que eu me lembrei da merda que tinha feito. Eu estava tão concentrada em Aaron e feliz por ele confiar em mim, que demorou um tempo até eu perceber o que tinha acontecido.

Como eu pude ser tão burra?

Eu chequei se ele estava dormindo, antes de levantar da cama. Eu fiz questão de deixar todas as luzes apagadas, para não haver desconfiança. A única coisa que eu esqueci, foi de ligar a porra da torneira ou do chuveiro, para encobrir os sons vindo do banheiro. Eu fiquei tão atordoada com a situação em que me meti, que só queria pôr tudo para fora de uma vez e voltar a dormir nos braços de Aaron.

Quando ele apareceu na porta da suíte, totalmente preocupado, eu quis morrer.

Assim como quis morrer quando ele cuidou de mim de madrugada e me tratou como uma princesa.

Eu não mereço alguém como Aaron Yoon.

É claro que eu notei que ele não tinha acreditado muito na mentira de que a comida me fez passar mal, mas ele não iria me confrontar perguntando se era uma mentira. E nos dias posteriores a toda essa situação, eu fingi que nada aconteceu, e ele fez o mesmo.

Tudo está voltando ao normal aos poucos.

Para compensar a merda que eu tinha feito na segunda-feira, eu estou em uma dieta nova, criada por mim mesma: apenas água. E estava funcionando muito bem nesses dois dias. Eu bebia bastante água, até me sentir saciada, e depois, fazia litros de xixi. Viu? Tudo indo conforme o plano.

Até o treino de líderes de torcida de hoje.

— Lily, tem certeza que você está bem? — Stella me pergunta pela quinta vez desde que o treino começou.

É meu primeiro treino desde que comecei essa nova dieta, e eu ainda estou me acostumando com as coisas. Eu estou me sentindo um pouco fraca ultimamente, e por isso, ando com pequenos sachês de açúcar para esses momentos. Coloco apenas uma pitadinha na boca e voilà, tudo fica melhor.

*Ficava,* porque hoje, essa técnica não está dando certo.

— Eu estou bem, Stells — respondo, abrindo um sorriso fraco para minha amiga.

— Você está pálida, amiga. Tem certeza que não quer sentar um pouco, tomar uma água e…

— Eu já disse que estou bem, Stella — falo mais uma vez, mas um pouco mais firme, e ela assente.

Espero Stella seguir até o bebedouro para encher sua garrafinha de água e vou até minha bolsa, colocando um pouco mais de açúcar na ponta do dedo e pondo embaixo da língua.

Por que essa porra não está funcionando?

Não posso ficar zonza no meio do treino e causar um acidente como aconteceu na escola, quando eu torci meu tornozelo. Eu sei que minha pressão está baixa, porém preciso fazê-la subir durante esse intervalo de cinco minutos. Sento no banco e fecho os olhos, respirando e expirando. Conto até 10 e depois faço o mesmo em outra decrescente.

Tudo vai dar certo, Lily.

E quando abro meus olhos novamente, acho que estou alucinando.

Por que Aaron Yoon está no treino de líderes de torcida e vindo em minha direção?

Eu com certeza estou fora de mim.

— Lily, você está bem? — ele pergunta quando se aproxima, e assim que percebo os olhares de todos sobre nós dois, sei que não estou ficando louca e ele realmente está aqui.

— O que você está fazendo aqui? — rebato e vejo Stella se aproximando da gente.

— Eu o chamei, para ele poder te levar para casa, Lily. Você está tonta, pálida e até seus lábios estão ficando roxos agora. Você não está bem, amiga — Stella responde, se sentando ao meu lado no banco e entrelaçando a mão na minha.

— Vem, Lily. Vamos para casa — diz Aaron, oferecendo sua mão para mim.

Eu alterno meu olhar entre ele, minha amiga e a treinadora. Não posso ir embora no meio do treino, quando uma das competições em que nos inscrevemos, de equipes de torcida, está se aproximando.

— Você pode ir, amiga. É só a metade de um treino que você vai perder, ainda temos um tempo até a competição — minha amiga fala, percebendo com o que eu estou preocupada.

— Eu estou bem, gente. Posso continuar. Olha só — digo, tentando parecer firme. Decido me levantar e fazer alguma acrobacia para mostrar que estou ótima, entretanto não consigo passar da primeira fase, que é sair do banco.

Minha visão fica turva, e eu sou amparada pelos braços de Aaron.

— Você não está bem, meu amor — ele sussurra no meu ouvido, passando um braço pela minha cintura, para me dar equilíbrio.

Inspiro e expiro bem fundo, mais uma vez.

Eu não vou conseguir escapar dessa.

— Grave o resto do treino para mim, por favor — peço à Stella, que concorda, entregando minha bolsa a Aaron.

— Melhoras, amiga. Qualquer coisa me liga, tá bom? — ela finaliza com um beijo na minha bochecha e volta para o treino, que está prestes a recomeçar.

E foi assim que toda a faculdade me viu sendo carregada pelo meu meio-irmão na tarde de quinta-feira. Ótima forma de terminar a semana!

Pelo menos, ele teve a decência de chamar Jordan, um dos motoristas da sua família que nos leva para alguns lugares, para nos buscar e não me fez ir para casa em sua garupa.

Entramos no carro em silêncio, e antes que Jordan dê partida, ele sobe a janelinha que nos separa do banco da frente, a fim de nos dar mais privacidade. Não demora mais que alguns segundos depois que o carro começa a andar, para Aaron se aproximar de mim, colando nossas coxas e passando um dos braços pelos meus ombros.

— Você comeu hoje, meu amor? — ele pergunta, carinhoso, subindo sua mão livre para fazer um carinho no meu rosto.

— Eu… eu acho que sim — respondo, mesmo a resposta sendo não.

Não, Aaron, eu não como há alguns dias porque extrapolei meu limite de calorias diárias no começo da semana e preciso compensar, evitando ingerir calorias agora.

É, acho que a mentira foi mais aceitável.

— O que você não está me contando, Lily? — ele questiona, e continuo olhando para minhas próprias mãos no meu colo. É mais fácil mentir para ele assim. — O que aconteceu na segunda… algo me diz que tem relação com seu estado agora.

Merda. Merda. Merda.

Será que ele já tinha juntando as peças do quebra-cabeça?

Não. Não, Aaron é homem. Não é tão perspicaz como uma mulher. E eu faço um bom trabalho escondendo tudo.

— É apenas uma queda de pressão, Aaron. Eu vou ficar bem — garanto, finalmente levantando minha cabeça para encará-lo. Sua expressão exala preocupação, e eu me sinto mal por ser a responsável por isso.

No fim das contas, tudo é culpa minha. Eu sou responsável pelo rumo da minha vida e todos os caminhos errados, desde que nasci.

Se eu não tivesse nascido, meus pais ainda estariam juntos e felizes. Se meu pai não passasse a dar mais atenção para mim do que para minha mãe, ela ainda gostaria de mim. E se ela me amasse, não teria começado com esses discursos de achar marido rico e ser uma esposa troféu. Se papai não tivesse a mim como sua grande paixão, ele continuaria colocando mamãe em primeiro lugar, e ela não gastaria suas forças me incentivando a emagrecer, fazer o cabelo e cuidar da pele, para que algum cara cheio de grana preste atenção em mim. E assim, eu não precisaria colocar para fora praticamente todas as refeições, por me sentir culpada por estar comendo tanto. Se eu não fizesse isso, eu não passaria mal como hoje, e meus amigos não precisariam ficar preocupados comigo.

Tudo seria mais fácil se eu não estivesse aqui, no mundo.

E não são pensamentos suicidas. Não penso em me matar, apenas queria nunca ter existido. Tudo seria melhor para todos assim.

— Lily? Você não está bem, meu amor. Sua boca está ficando cada vez mais roxa, e eu acho melhor a gente ir para o hospital — Aaron repete, e sua preocupação se transforma em nervosismo.

É disso que estou falando. *Eu* faço as pessoas ficarem preocupadas, nervosas e chateadas comigo. Eu sou o problema.

— Aaron, eu já disse que estou bem e não preciso ir…

O solavanco que o carro dá, me assusta e faz minha cabeça ir para frente e para trás, me deixando ainda mais tonta.

Não consigo terminar minha fala, porque dessa vez, minha visão fica totalmente preta, e a última coisa que escuto antes de apagar, é Aaron dizendo para Jordan dar a volta e irmos para o hospital.



Sinto um cheiro forte de álcool, antes de abrir os olhos.

Lentamente, abro minhas pálpebras e demoro para me acostumar com o branco do ambiente. Paredes e teto brancos. Me remexo na cama e quando abaixo um pouco minha cabeça, mesmo ainda um pouco tonta, vejo os acessos no meu braço.

— Ei, ei — uma voz conhecida soa no pequeno quarto, e eu procuro de onde está vindo. — Como você está?

Viro minha cabeça para o outro lado e encontro Aaron Yoon sentado em uma poltrona ao meu lado, com suas duas mãos segurando a minha, e eu sorrio minimamente. Não gosto nem um pouco de hospitais, mas ele estar ao meu lado, me deixa aliviada.

— E-estou bem — respondo, sentindo minha garganta um pouco seca e tusso por causa disso.

Aaron se apressa em pegar um copo de plástico na mesinha ao lado da cama e traz ele até mim, me ajudando a beber no canudo.

— Eu ainda tenho minha coordenação motora, Aaron — digo, pegando o copo de sua mão. Já o deixei cuidar de mim essa semana, ele não precisa fazer isso novamente.

— Sempre teimosa — ele fala, voltando a se sentar na poltrona e deixando um beijo no dorso da minha mão. — Você me deu um baita susto, Lily.

— M-me desculpe. Eu só esqueci de comer, e minha pressão deve ter caído — minto mais uma vez. No entanto, eu percebo pela sua expressão, quando as palavras saem da minha boca, que ele não acredita.

— Você não precisa mentir para mim, meu amor — ele me garante, e eu desvio os meus olhos dos dele.

Não consigo fazer isso.

Ele não entenderia. *Ninguém* entende.

— Lily, eu estou preocupado com você — ele continua, quando não obtém uma resposta. — Eu sei que tudo está conectado e queria que você confiasse em mim para me contar o que está acontecendo.

Deus, é claro que eu confio nele. Como confio em Nora Hart e todos meus amigos do colégio. Como confio em Stella e Ava. Essa não é a questão aqui.

A questão aqui, é que eu não quero revelar essa parte da minha vida para eles. Eu não quero que eles saibam o que acontece por debaixo dos panos e o que eu me forço a fazer para ser bonita, e seguir os passos que minha mãe sempre trilhou para mim, mesmo eu não querendo.

O que acontece comigo, que ainda quero agradá-la, mesmo tendo plena consciência da forma horrível como ela me trata?

Antes que eu tenha a chance de responder, a porta do quarto é aberta, e uma médica entra. Uma não, duas médicas adentram o quarto.

— Boa tarde, senhorita Diggory. Como está se sentindo? — a de pele negra, cabelos crespos amarrados em um coque na cabeça e sorriso simpático, pergunta primeiro. Ela se aproxima de mim enquanto fala, e consigo ler o seu nome no crachá.

Doutora Susan Grey.

Como em Grey's Anatomy. Que maravilha! Estou me sentindo dentro de um episódio de uma série médica agora.

— Estou bem.

— Que ótimo, senhorita Diggory — ela diz, ainda com um sorriso fraco no rosto, que me deixa menos nervosa. — Você desmaiou devido à sua hipoglicemia, que fez sua pressão baixar. E isso pode acontecer devido à alimentação. Falta dela, na verdade — Doutora Grey me informa, e eu assinto. Já sei de tudo isso. — Há quanto tempo a senhorita não come?

Merda.

É ético mentir para médicos?

— Acho que não tomei café da manhã — respondo, e ela ergue as sobrancelhas para mim, trocando um olhar com Aaron, que ainda segura minha mão.

— Estamos preocupados com você, senhorita Diggory — a outra médica diz, dando alguns passos para perto da cama e se posicionando ao lado da Doutora Grey. Ela tem a pele clara e os cabelos loiros bem mais claros que os meus, estão amarrados em duas tranças boxeadoras. De perto, eu consigo ler seu nome também.

Doutora Beatrice Kohl.

Psicóloga.

— Depois de alguns exames, enquanto você ainda estava desacordada, constatamos que a senhorita está com um quadro de início de desnutrição. Além de desidratação e hipoglicemia — a Doutora Grey volta a falar, e eu engulo em seco. — Isso não é um quadro clínico de alguém que pulou o café da manhã, senhorita Diggory.

Caramba, eu estou mesmo ferrada.

Eu acreditei mesmo que algum médico fosse acreditar na minha mentira fajuta?

— E a Doutora Kohl está aqui para te ajudar — a médica diz, indicando sua colega de trabalho com a cabeça.

— Eu acredito que seja uma boa ideia você ver um psicólogo, senhorita Diggory — ela diz de uma forma preocupada, mas calma. — Não precisa ser eu e não precisa ser aqui no hospital, mas esse quadro de desnutrição pode ser consequência de algo psicológico.

*É claro que é,* quero responder, porém apenas concordo com a cabeça.

Se elas fossem filhas de Lauren, também teriam vários problemas psicológicos causados por ela.

— Eu… eu posso pensar sobre o assunto? — Acabei de acordar de um desmaio e ainda estou me sentindo fraca. Não acredito que seja o melhor momento para conversar com um profissional da área.

— Claro que pode, senhorita Diggory — Doutora Kohl responde, dando alguns passos para trás, pronta para sair. — Se precisar, é só vir até aqui ou pegar o meu telefone na recepção quando for embora. No site do hospital também tem.

— Obrigada — agradeço, e ela meneia a cabeça positivamente, saindo do quarto.

Voltamos a ser apenas eu, meu acompanhante, que não sei se está fazendo papel de namorado ou irmão, e a médica com o sobrenome vindo diretamente da série de televisão médica mais famosa do mundo.

— Quando ela pode ir para casa? — Aaron pergunta, apertando minha mão.

— Assim que as duas bolsas, de soro e glicose, terminarem, ela já pode ser liberada — Doutora Grey responde, e eu assinto, ainda sem olhar para Aaron. — Senhorita Diggory, não há mais nada que eu possa fazer por você. Apenas aconselhar a ida a um psicólogo, para entender tudo que está acontecendo, e até mesmo a um nutricionista, para que ele possa te passar uma dieta com a quantidade adequada de calorias para você.

Ir em um nutricionista para ele me passar uma dieta de consumo de 2.500 calorias por dia?

Até parece.

— Vou fazer isso, Doutora Grey. Muito obrigada.

Ela assente e também sai do quarto, deixando Aaron e eu completamente a sós agora, com um silêncio desconfortável entre nós dois

Será que ele acredita se eu fechar os olhos e fingir que dormi?

Eu durmo rápido… não é uma opção ruim.

— Fico feliz que você esteja bem, meu amor — ele finalmente fala algo, quebrando o silêncio, e eu me viro para ele. Sua expressão preocupada se dissolveu um pouco, e ele parece mais calmo.

— Você ficou todo esse tempo ao meu lado? — pergunto, um pouco tímida.

— É claro que fiquei, Lily. Não ia te deixar sozinha. *Não vou* te deixar sozinha.

Como faço para o meu coração *não* se apaixonar por ele, quando ele diz esse tipo de coisa?

— Cuidado, Aaron. Assim, posso acabar me apaixonando por você — brinco, arrancando um sorriso dele.

Ele não responde em um primeiro momento, porém se levanta da poltrona e se senta na beira da cama do hospital, fazendo um carinho na minha perna sob o lençol.

— Espero que sim, meu amor, porque eu já estou apaixonado por você — ele simplesmente solta essa informação, e eu pisco, atordoada. Como ele fala esse tipo de coisa como se não fosse nada? Enquanto eu estou em uma maca no hospital? Jogo sujo. — E é porque eu estou apaixonado por você, Lily, que te ver desmaiando nos meus braços, quase me matou. Eu achei que fosse te perder.

Merda.

É esse o medo constante que eu tenho. Além de deixar as pessoas preocupadas comigo, fazê-las terem medo de que algo muito ruim aconteça, porque eu tenho os meus problemas que ninguém sabe.

— Eu… eu não queria te assustar assim. Me desculpe, Aaron — respondo e sinto as lágrimas se acumularem nos cantos dos meus olhos.

— Ei, não é culpa sua, Lily — ele diz, com um sorriso fraco. — Só… só converse comigo, tudo bem? Eu quero saber, de fato, o que está acontecendo com você e te ajudar. Você sabe que pode contar comigo, não sabe?

— Eu sei, mas…

— Não precisamos falar disso agora, meu amor. Podemos esperar até chegarmos em casa — Aaron fala, deixando um beijo na minha testa quando se levanta. — Agora descanse, enquanto esperamos as bolsas acabarem.

Eu torço para que as bolsas de soro e glicose demorem dias para terminar, e eu possa evitar essa conversa o máximo que der.



# Aaron Yoon

Quando Lily apagou nos meus braços, ainda no carro, eu me senti novamente como no dia em que fui informado que minha mãe e minha irmã sofreram um acidente de carro. Eu me lembro exatamente de Jordan me levando para o hospital, o quão nervoso eu estava e que não conseguia parar de pensar no pior. E pensar no pior, para mim, sempre é a melhor opção. Na minha cabeça, se você já vai preparado esperando algo ruim, se surpreende se tiver uma notícia boa e não se desestabiliza tanto, se realmente for algo não tão bom.

Não foi o que aconteceu naquele dia, no entanto.

E também não foi o que aconteceu quando Lily demorou para acordar.

Quando chegamos no hospital, ela ainda estava desacordada, e eu comecei a entrar em pânico.

E se ela não acordasse? Se ela tivesse o mesmo destino que a minha mãe?

Não, isso não podia acontecer. Porra, não podia!

Eu só relaxei quando a médica, Doutora Susan Grey, apareceu dizendo que ela estava bem e estável. A pressão de Lily estava bem baixa quando chegou, e por isso, o desmaio, mas que ela não corria risco de vida. Mesmo sendo informado pela médica do plantão, eu sabia que só conseguiria acreditar em suas palavras, quando minha garota abrisse os olhos.

Assim que minha Lily Diggory acordou, eu pareci ter nascido de novo.

Ela não estava morta. Ela estava aqui, comigo, e bem, na medida do possível. Porém, mesmo ela estando bem agora, não eliminava o que tinha acontecido antes e toda preocupação que ela me causou.

E é por isso que, assim que chegamos em casa, depois de ambas as bolsas, de soro e glicose, terminarem, eu levo-a no colo para o nosso apartamento — mesmo que ela não precise — e coloco-a sentada no sofá. Antes que possamos conversar, contudo, é melhor que ela coma algo.

— Lily, o que você quer comer? — pergunto da cozinha, enquanto ela se enrola com a manta do sofá e vira seu rosto em direção a mim.

— Hum… nada. Eu estou bem, Aaron, obrigada.

É sério que ela vai lançar essa agora? Eu estava com ela na porra do quarto de hospital e vi exatamente o quão bem ela está.

— Lily, você foi diagnosticada com princípio de desnutrição. Você não está bem. Você precisa comer. Então, mais uma vez, o que você quer? — repito a pergunta, um pouco mais firme dessa vez. — Podemos encomendar qualquer coisa que você quiser, meu amor.

Ela engole em seco e pondera durante um momento, antes de responder.

— Pode ser uma salada? Daquele restaurante que fica aqui perto. Tem umas deliciosas.

Ok, salada não era o que eu tinha em mente, mas pelo menos, ela vai comer.

— Claro que pode, meu amor. Como você vai querer a sua? — questiono, já sacando o celular do bolso para abrir no aplicativo de delivery.

— Brócolis, arroz negro, cenoura, grão de bico, aquele crocante, não o normal. E… um pouco de molho e limão.

— É para já — respondo, já fazendo o pedido.

Quando ele é aceito pelo restaurante, eu finalmente volto para a sala de estar e me sento ao lado de Lily.

Precisamos conversar, e ela não vai fugir dessa conversa.

— Lily… nós precisamos falar sobre o que aconteceu — falo carinhosamente e passo meu braço pela sua cintura, para deixá-la bem aconchegada a mim.

— Não foi nada, Aaron. Eu só… só esqueci de comer esses últimos dias, mas vou melhorar.

— *Só* esqueceu de comer, Lily? Isso não é algo banal, meu amor. Isso é sério.

Ela se remexe perto de mim, porém eu não a deixo se distanciar. Nós precisamos conversar sobre esse assunto, e ela não pode mais fugir.

— Lily, você pode conversar comigo. Pode contar comigo para o que precisar. Você sabe disso, não sabe, meu amor? — Ergo sua cabeça pelo queixo, com meu indicador, e percebo de cara seus olhos marejados. — Ei, não precisa chorar. Você está bem, está segura e vai melhorar.

— E-eu nunca contei isso para… para ninguém antes — ela diz, fungando um pouco, e eu passo as pernas dela por cima do meu colo.

— Você pode confiar em mim, Lily. Eu estou do seu lado. Sempre do seu lado.

Menos quando estava tentando me aproximar de você para me vingar do seu pai.

Não.

Minha mente não pode ir para esse lado, porque isso já passou. O que eu tenho com Lily não tem nada a ver com a nossa família. Apenas com nós mesmos.

— Eu era a princesinha do meu pai, e minha mãe nunca gostou disso — Lily começa a contar, e eu aperto-a ainda mais contra mim. — Nós nunca fomos próximas por isso, porque ela queria ser o centro do mundo e do dinheiro dele, claro. Quando ele… quando ele desapareceu, ela passou a cuidar de mim sozinha e era nítido o quanto ela odiava. Ela já planejava se divorciar do meu pai e encontrar um cara mais rico, que pudesse lhe dar mais luxos, mas é difícil fazer isso quando se tem uma filha no pacote. — Porra, como essa filha da puta se importava mais com os homens alheios do que com a própria filha? — Foi nessa época, que ela começou a ver potencial em mim para ter um futuro como o dela, de ser uma esposa troféu. Mas para isso, algumas coisas precisavam entrar no eixo, e eu precisava ser exatamente o tipo de mulher que os homens iriam querer.

"Ela me levou para fazer depilação e sobrancelha ainda bem pequena, e esse episódio foi… foi bem ruim para mim. Ela me levava toda a semana no salão para dar um jeito nos meus fios loiros, porque apesar de, na opinião dela, os homens preferirem mulheres loiras, o meu cabelo era muito opaco e precisava de luz. Por isso, toda semana eu ia na cabeleireira dar um pouco mais de vida à cor natural dele. Além disso, era ela quem ditava o que e quanto eu podia comer. Qual tamanho de roupa eu deveria usar e ainda conferia minhas medidas semanalmente, até eu chegar no tamanho desejado por ela. Tudo para eu estar simetricamente perfeita e me tornar uma opção de esposa para o meu futuro marido, e claro, ela se aproveitaria um pouco do dinheiro dele também. Eu fui criada para ser nada mais do que uma garota bonita pronta para um casamento com um homem de status. Para ela, essa é minha única vocação."

Puta que pariu.

Eu soube no nosso jantar, há alguns meses, que a relação de Lily e Lauren era uma merda, entretanto eu não imaginava que o buraco é bem mais embaixo.

Como ela tem coragem de tratar sua filha dessa forma? De fazê-la se sentir como um objeto a ser vendido? Essa mulher é doente!

— Ela… ela ainda continua assim com você, não é? — indago, só para ter certeza, e ela assente com a cabeça.

Porra.

Eu quero acabar com a vida dessa desgraçada, por ter deixado Lily nesse estado.

— Na segunda-feira de madrugada, você não comeu algo que não te fez bem, não é? — pergunto, e ela nega, como eu suspeitava.

Todos os eventos estão conectados, e só tem uma culpada nisso tudo: a própria mãe de Lily.

— Eu preciso ser perfeita — ela murmura baixinho, e suas lágrimas molham minha camisa. — Qualquer quilinho a mais, qualquer espinha no meu rosto ou sobrancelhas não feitas são motivos para a fúria da minha mãe. E… e por alguma razão muito louca, mesmo eu sabendo que ela me trata muito, muito mal, eu não consigo querer deixar de agradá-la. E-eu acho que uma parte de mim ainda tem esperança que… que se eu me tornar a garota perfeita, ela pode me amar. Porque apesar de tudo isso, uma parte de mim ainda a ama. — Ela ri forçadamente e levanta a cabeça para me olhar. — O quão doente eu sou por continuar amando uma mulher como ela?

— Você não é doente, Lily. Entendeu? Não é. Você é humana — repito as mesmas palavras que ela me disse há alguns dias. — E você reconhece que a relação de vocês é abusiva, não é? — Ela anui com a cabeça, e eu continuo a falar. — Você só precisa de ajuda, meu amor. Você não é doente. A doente aqui é aquela filha da pu…

Paro a minha fala no meio, porque não sei se meu xingamento à mãe dela vai ser bem vindo. Ela admitiu que ainda ama aquela mulher dissimulada, afinal de contas.

— Pode xingá-la, Aaron. Eu sei quão horrível ela é — ela diz, quando percebe minha pausa, e ainda abre um sorriso fraco para mim.

Durante alguns instantes, ficamos apenas assim. Olhando um para o outro em silêncio. Isso me faz perceber o quão sortudo eu sou de ter uma pessoa tão maravilhosa como Lily Diggory ao meu lado. Mesmo que nós não tenhamos definido um rótulo para nossa relação, eu gosto de pensar que ela vai sempre estar ao meu lado.

Depois de resolvermos toda a confusão que nossa vida é, eu gostaria de construir uma vida a dois com Lily. Quem sabe a três também? A quatro? Eu não iria me opor a ter uma mini Lily correndo atrás de mim pela nossa casa.

— Ei, no que você está pensando? — ela pergunta, tocando minha têmpora, e eu sorrio.

— Em colocar bebês dentro de você — admito, e ela abre a boca em choque, me fazendo rir. Isso, claro, me faz receber um tapa de leve no braço.

— AARON! Eu sou muito nova para ter filhos! — ela reclama, porém também está rindo.

— Então você *quer* ter filhos?

— É claro que sim! — ela responde sem hesitar, mas depois, passa a língua pelos lábios e desvia os olhos dos meus. — Eu… eu também tenho medo de me tornar alguém como minha mãe.

— Você é muito, muito melhor do que sua mãe jamais vai ser, Lily — garanto, trazendo seu rosto para perto do meu, para que ela possa ver a verdade no meu olhar. — E você vai ser a porra da melhor mãe do mundo para os nossos filhos.

— Você acha mesmo? — ela pergunta, um pouco esperançosa e um pouco insegura.

— É claro que acho, meu amor. — Deixo um selinho rápido nos seus lábios, e ela sorri quando eu me afasto. — Mas antes disso, você precisa se tratar.

— E-eu sei — ela responde, mordendo o cantinho do lábio inferior. — Acho… acho bom começar com sessões com a psicóloga, não é? Aquela que estava no quarto do hospital parece ser legal.

— É, ela parece mesmo. Podemos ligar para o hospital amanhã de manhã e marcar uma consulta, o que você acha?

— Eu acho… acho que é uma ótima ideia — Lily responde, e eu deposito mais um beijo, dessa vez, na sua testa.

— Você é muito, muito forte, Lily. Nunca se esqueça disso.

— Obrigada… obrigada por tudo, Aaron — ela diz, deixando mais algumas lágrimas escorreram pelo rosto, e eu as limpo com o polegar.

Eu não menti para Lily quando disse que estou apaixonado por ela. Eu já desconfiava dos meus sentimentos há algum tempo, que eles tinham evoluído para paixão, mas tive certeza hoje, quando por um momento, achei que fosse perdê-la. E eu sabia que não iria me recuperar de mais uma perda, principalmente, se fosse a perda de Lily Diggory.

Eu não posso deixar meu pai colocar as mãos nela se quiser ter um futuro com essa garota e eu vou fazer tudo ao meu alcance para que ele não chegue perto dela.



No dia seguinte, Lily ligou para o hospital para pedir o número da psicóloga gentil que a atendeu no dia anterior, e quando eles passaram, ela conseguiu falar com a Doutora Beatrice Kohl e marcar uma primeira consulta para dali a duas semanas. Ela entraria de férias naquela sexta-feira e só voltará a trabalhar após essas semanas.

Eu fiquei feliz de Lily ter aceitado se consultar com uma psicóloga. É a melhor opção para ela no momento, e eu acreditava ainda mais nisso, depois de ela me contar sua história com Lauren.

Filha da puta de mulher desgraçada!

Durante os dias que sucederam a volta dela do hospital, Lily também foi revelando, aos poucos, alguns últimos acontecimentos entre ela e a progenitora. Por exemplo, que a mãe continuava lhe mandando mensagens semanalmente, pedindo fotos de algumas partes do seu corpo com a fita métrica, além de comprar peças muito menores pela internet e mandar entregar aqui, a fim de incentivar a filha a perder medidas para caber nas roupas. Lily ainda me contou que essas mensagens e essas roupas novas ou até mesmo as vezes que Lauren liga, perguntando quantas calorias ela ingeriu naquele dia, são alguns gatilhos para que ela passe um tempo no banheiro, colocando tudo para fora. Ela se sente culpada por não estar agradando a mãe.

Que porra de mulher doente!

É claro que eu precisei convencer Lily a bloquear o número da mãe, pelo menos até a primeira sessão com a psicóloga, onde a especialista aconselhará o que fazer em relação a toda essa situação. Até lá, era melhor evitar que a bola de neve aumentasse.

E eu sei que vai ser difícil ela se desprender de tudo o que a mãe colocou em sua cabeça durante anos, mas sei que ela consegue. Agora que estou a par de tudo, faço questão de estar ao lado dela em todos os momentos que consigo, além de incentivá-la a fazer todas as refeições, algo que eu soube que ela não faz há uns bons anos. Eu não tenho o poder de ditar o que ela vai comer, e mesmo que sejam apenas variações de saladas, já é alguma coisa. E ela não vomitar tudo depois, é um bônus. Eu não posso estar com ela 24 horas por dia, 7 dias por semana, então, ela pode estar tendo esses episódios sem que eu saiba, porém quando estamos juntos, sempre peço para que ela me conte se sentir vontade de fazer isso.

Como eu quero estar o máximo de tempo possível com ela, para evitar que ela fique sem comer ou coloque tudo para fora, estamos cada vez mais próximos. É claro que no começo foi difícil, devido à teimosia de Lily, entretanto ela foi cedendo aos poucos, e agora, arrisco dizer que ela está gostando de todo o tempo que passamos juntos. Além de continuarmos transando como dois coelhos, ela também me fez assistir vários desenhos animados que gosta, e eu também apresentei alguns dos meus filmes de ação preferidos. Certa vez, eu até mesmo a acompanhei para comprar mais velas aromáticas.

As coisas que você faz quando está apaixonado.

Apaixonado.

É, eu estou completamente apaixonado por Lily Diggory.

E desde antes mesmo de eu admitir isso para mim, já fazia questão de dormir todos os dias com ela. Quando transamos no quarto dela, ficamos por lá mesmo, e quando fazemos isso no meu, ficamos por aqui. Como ontem à noite, que eu a comi por trás e deixei a marca da minha mão por toda sua bunda.

Então, quando sou acordado pelo som da campainha e não encontro o corpo de Lily colado ao meu, e seu lado da cama está gelado, fico confuso. No entanto, não tenho muito tempo para processar isso, porque quem quer que esteja na porta, está nervoso.

Só consigo colocar uma cueca antes de, ainda sonolento, seguir meu caminho até a porta principal, sem ter sinal nenhum de Lily pelo apartamento. Será que eu tinha dormido demais, e ela já saiu para a aula?

Do jeito que transamos ontem, me deixando totalmente exausto, é uma possibilidade.

Quando finalmente abro a porta, revelando a pessoa do outro lado, fico surpreso. Não faço ideia de quem eu imaginava estar aqui a essa hora da manhã, mas com certeza, Benjamin Yon não entraria na lista de possíveis visitas.

— Pai? — pergunto, esfregando os olhos ainda inchados de sono, e ele me empurra para o lado, para que possa adentrar o apartamento.

— A garota está? — é a primeira coisa que ele pergunta quando fecho a porta atrás de mim, e eu demoro alguns segundos para processar sua pergunta.

— Lily? Não, ela já saiu para as aulas.

— Ótimo, precisamos conversar sobre ela — ele informa, indo até a cozinha, em direção à cafeteira, e colocando uma cápsula na máquina.

O que ele poderia ter para falar sobre ela? Ainda falta um tempo para o prazo, antes que ele precise levar ambas as Diggory para o subsolo do restaurante.

— O que tem ela?

— Já conseguiu que ela contasse alguma coisa sobre o pai? — ele questiona, pegando sua xícara de café já pronta e se escorando na bancada da cozinha.

— Eu… eu estou trabalhando nisso — respondo, engolindo em seco.

— Já faz semanas que você está tentando se aproximar da garota para fazê-la falar, Aaron, e ainda nada? — Ele ri sem graça, tomando mais um pouco do café, antes de continuar. — Francamente, Aaron!

— Ela é uma pessoa fechada, pai. Não é tão fácil assim. Nós estamos ficando próximos, mas…

— Ela é a porra de uma garota, Aaron, e você um moleque. Qual a opção mais viável aqui para faze-la confiar em você, porra? — Eu não respondo, fazendo-o revirar os olhos de raiva e bater com força no mármore da bancada. — Faça-a abrir as pernas para você, Aaron! Mulheres gostam dessa porra. Dê um pouco de atenção e a coma, que ela vai te dizer o que precisamos saber.

Se eu pudesse, eu desferiria um soco no centro do rosto do meu pai e quebraria seu nariz, por ter falado de Lily assim.

Contudo, eu não posso. Se eu fizer isso, ele vai saber que eu me importo com ela, e não posso deixar que isso aconteça. Se Benjamin desconfiar que nós temos algum tipo de laço emocional, ele vai usar isso não só contra mim, mas também contra ela.

Só por cima do meu cadáver que eu o deixo se aproximar dela.

— Você não está mentindo para mim, Aaron, está? Não se envolveu com aquela vadia e está protegendo-a, não é? — ele me questiona, quando eu demoro um pouco para responder sobre sua ideia genial.

Merda. Será que é tão perceptível assim?

— O que? Não, claro que não tem nada entre a gente. Como eu falei, pai, eu estou me aproximando dela apenas para ter acesso a alguma informação útil sobre Joe Diggory.

— Não coloque uma garota à frente da nossa vingança, Aaron — ele aconselha, e eu apenas assinto com a cabeça. — Na verdade, não coloque uma garota na frente de nada. Elas não valem a pena. Principalmente, essa vadiazinha aí. Com certeza é uma interesseira, assim como a mãe.

É isso. Não dá mais para escutá-lo falando sobre Lily dessa forma.

— Pai, eu preciso ir para…

— Foi fácil convencê-la a se casar comigo, sabe? Ela estava à procura de qualquer cara rico e o burro o bastante para cair em sua rede, e eu fiz isso. Alguns presentes caros, sexo, e não demorou para que ela dissesse que estava apaixonada por mim. Fácil demais — ele conta como se eu já não soubesse de toda essa história.

— Pai, eu preciso me arrumar para a faculdade — digo depressa, antes que ela queira continuar com essa conversa fiada.

— Eu preciso ir também — ele responde, deixando a xícara na bancada.

Acompanho meu pai até a porta em silêncio, e antes que ele a abra para, finalmente, ir embora, ele se vira para mim de novo.

— Não esqueça do plano, Aaron.

— Já sei, pai. Estou trabalhando nisso — falo mais uma vez, e ele anui, indo embora do meu apartamento em seguida.

*Porra*. Finalmente.

Eu não tenho que ir para a faculdade agora, mas um bom banho me faria bem, e se eu me apressar, consigo encontrar com Lily antes que sua primeira aula comece.

Com esse pensamento, eu faço meu caminho de volta ao meu quarto, porém paro antes que consiga chegar ao cômodo, quando ouço a porta do quarto de Lily se abrir.



# 37

## Lily Diggory

Faça-a abrir as pernas para você, Aaron! Mulheres gostam dessa porra. Dê um pouco de atenção e a coma, que ela vai te dizer o que precisamos saber.

O que? Não, claro que não tem nada entre a gente. Como eu falei, pai, eu estou me aproximando dela apenas para ter acesso a alguma informação útil sobre Joe Diggory.

Não coloque uma garota à frente da nossa vingança, Aaron. Com certeza é uma interesseira, assim como a mãe.

Estou trabalhando nisso.

É mentira, não é? É tudo uma pegadinha — de muito mau gosto, inclusive —, e assim que eu sair desse quarto, vão ter várias câmeras por todo o apartamento, e algum apresentador de um programa vai aparecer rindo, dizendo que foi tudo mentira.

Infelizmente, não é isso que acontece.

Eu acordei mais cedo do que o habitual e para não acordar Aaron também, decidi sair do quarto dele de mansinho e ir ter uma longa manhã para me preparar para a corrida matinal. Tomei um banho de banheira, fiz depilação, tratei todo meu corpo e rosto, e quando eu ouvi a campainha tocar, estava pelada, procurando qual roupa de academia colocar hoje. Não tive tempo de colocar qualquer coisa para ir atender e ainda bem que fiz isso. Por alguma razão, Aaron achou que eu não estava em casa, e isso fez com que eu descobrisse sua verdadeira face.

Eu não estava escondida para ouvir essa conversa, claro que não. Eu preferiria *não* ter ouvido. Contudo, agora que a merda já tinha ido para o ventilador… ainda bem que eu estava no lugar certo, na hora certa.

Enquanto escutava todas as barbaridades que os dois Yoon falavam de mim, fui colocando uma roupa. Não a de ginástica, porque com toda certeza eu não iria mais correr essa manhã, depois de tudo isso. Optei por uma calça jeans de lavagem clara e um moletom rosa por cima, completando tudo com um tênis branco e um rabo de cavalo no alto da cabeça.

Eu espero que a porta principal de casa se abra e feche, para eu finalmente sair do meu quarto. Lentamente eu abro uma frestinha, para conferir se Aaron está mesmo sozinho. Confrontar ele é uma coisa, porém ele e Benjamin, que já foi mais do que confirmado que não é uma boa pessoa, é outra.

Assim que saio do quarto, me controlando para não tremer de raiva, dou de cara com Aaron apenas de cueca no corredor, e seus olhos se arregalam logo que me veem.

Ele realmente *não* estava esperando que eu estivesse em casa. Idiota.

— Lily? O que… o que você está fazendo aqui? — ele pergunta, ainda estupefato pela minha presença.

— No *meu* apartamento, Aaron? É sério que você está me fazendo essa pergunta? — Rio, desacreditada da cara de pau dele.

— Eu… hum… eu achei que você não estivesse em casa.

— Se eu estivesse, a conversa com seu pai iria ser muito diferente, não é?

— Lily… não é o que você está pensando.

Aaron acredita que eu vou cair em mais algum papinho dele? Não, eu já aprendi minha lição.

— Você não está se aproximando de mim, assim como seu pai não está fazendo o mesmo com a minha mãe, para ter mais informações sobre o paradeiro do meu pai e se vingar dele, Aaron? Não é isso?

Ele fica em silêncio, com os olhos fixos em mim, enquanto seu pomo-de-adão sobe e desce. Sem palavras agora, *huh*?

Babaca.

— Meu amor, se a gente se sentar, apenas durante alguns minutos, eu posso…

— CALE A BOCA! CALE A BOCA, AARON! — esbravejo, controlando as lágrimas para elas não caírem logo agora. Não posso me mostrar fraca na frente dele.

— Você precisa me escutar, Lily — ele tenta mais uma vez, e eu balanço a cabeça negativamente.

— Eu não preciso fazer nada, Aaron! Todo esse tempo… tudo que aconteceu entre nós… foi um meio para um fim, não é? Você teve a coragem de me fazer me apaixonar por você, para conseguir o que queria!

Como fui tão tola em acreditar que alguém tinha mesmo se apaixonado por mim? Logo eu? Totalmente quebrada assim! Até parece que alguém iria gostar de verdade de mim dessa maneira. Eu devia ter desconfiado desde o princípio disso tudo. Que foi tudo uma farsa. Como diz minha mãe, pessoas bonitas como nós, só têm isso. Beleza. E por isso, nosso único propósito na vida deveria ser arranjar um homem rico para dar uma vida de luxo para nós. Por muito tempo, eu quis ir contra a maré, entretanto, não tem como mais. Eu só nasci para ser o troféu de homens com muito dinheiro e mais uma vez, tive a prova de que ninguém se apaixonará por mim por livre e espontânea vontade.

— *Nada* do que aconteceu entre nós foi mentira, Lily. Você precisa acreditar em mim. Se eu pudesse explicar o que…

— Eu não quero saber de nada, Aaron — respondo, firme, e tento passar por ele, mas o babaca fica no meu caminho.

— Você precisa me ouvir. Não é nada do que você está pensando, Lily.

— Eu preciso que você saia do meu caminho. Agora.

— Lily, por favor…

— AARON! AGORA! — grito mais uma vez, empurrando-o pelo seu peitoral para longe de mim, porém, antes que eu consiga finalizar minha ação, ele segura meus dois pulsos e me puxa para perto, fazendo com que nossos corpos se encaixem um no outro.

— Meu amor, por favor…

— Aaron… me deixa ir, por favor — dessa vez, eu que suplico e sinto uma lágrima solitária escorrer pelo meu rosto.

— Só se você me ouvir.

— EU NÃO QUERO SABER DE MAIS NADA! — grito mais uma vez, me distanciado do seu toque, quando deixa meus pulsos livres.

— ELE MATOU MINHA MÃE, LILY! — ele grita de volta, e isso me faz parar. Pisco, atordoada. Do que ele está falando? — Ele matou minha mãe e deixou minha irmã em uma cadeira de rodas, porque… *Irmã? Que porra de irmã?* Aaron nunca falou nada de uma irmã.

Francamente, inventar essas mentiras é ir longe demais, até mesmo para ele. Como ele me diz que meu pai matou sua mãe, sendo que ela faleceu em um acidente de carro há alguns anos, e deixou sua irmã em uma cadeira de rodas, sendo que nem irmã ele tem? Isso é um golpe baixo, *muito* baixo.

— Você é o pior mentiroso que já conheci, Aaron. Eu não vou cair em mais nenhuma de suas mentiras.

— Lily, eu juro por tudo que é verdade! Seu pai, Joe Diggory, foi responsável…

— EU JÁ MANDEI CALAR A PORRA DA BOCA, AARON! NÃO QUERO OUVIR MAIS NADA! — interrompo-o mais uma vez e finalmente consigo passar por ele, indo até a porta.

No entanto, é claro que antes que eu consiga alcançar meu objetivo, sinto sua mão no meu braço, e ele diz:

— Lily, por favor. Eu só te peço uma…

Não aguento mais nada dessa situação e faço algo que, com certeza, não deveria.

Coloco minha mão dentro da bolsa que está no meu ombro, a que eu uso para ir a academia, e tiro de lá algo que vai fazê-lo ficar quieto, e se afastar de mim.

Não hesito quando me viro e aponto a arma na direção de Aaron. A arma que meu pai me deu, caso eu precisasse me defender.

Instantaneamente, ele se afasta, confuso.

— O que… desde quando você tem uma arma, Lily? — ele questiona, alternando o olhar entre mim e o objeto.

— Eu preciso me proteger, Aaron. De pessoas como você — respondo, dura e abro um sorrisinho. — E agora, eu vou sair por aquela porta, e você não vai atrás de mim. Entendeu?

— Lily, por favor. Abaixa isso, e nós podemos…

— Eu já disse que não, Aaron! — falo, dando um passo em sua direção, ainda com a arma apontada para ele, fazendo-o recuar.

Ótimo. Que fique com medo de mim. Eu não dou a mínima mais.

Lentamente, Aaron assente e se afasta. Eu faço o mesmo, andando de costas até a porta, deixando a arma bem apontada para ele.

Eu só relaxo quando estou dentro do táxi, com a arma bem guardada dentro da minha bolsa e indo me encontrar com a única pessoa que pode me ajudar nesse momento.



Há alguns anos, nós nos encontrávamos na mesma cabana, um pouco mais afastada de Millsh e ainda mais de Schönilla, mas há algumas semanas, paramos de nos encontrar nesse local. Foi dito a mim que não era mais um lugar seguro e as pessoas erradas tinham ido lá à procura de alguma coisa, e por sorte, não acharam ninguém. Por isso, nossos encontros quase quinzenais foram transferidos para outra localidade, ainda mais longe do que essa cabana.

A pessoa em que eu mais confio, mora agora em uma casa, porém no sentido contrário de sua antiga. Ainda é no meio do nada praticamente, e a fazenda mais próxima — porque só há propriedades que servem de fazenda por perto —, fica a quase 3 quilômetros de distância. O que é bom, se pensarmos pelo lado de que é melhor o menor número possível de pessoas ter acesso à estrada que leva até lá. Eu mesma, na primeira vez que conheci, fiquei indignada que eu precisei pedir ao motorista do táxi para me deixar na entrada da rua, porque a estrada de terra é difícil de passar.

15 minutos andando, para estar cara a cara com a porta principal da casa.

Quinze minutos andando em uma estrada de terra! Imagine fazer esse percurso com uma bota de salto fino, porque você não estava ciente do que te esperava! Foi horrível. Desde então, eu sempre venho preparada para a casa. Tênis ou bota sem salto são meus melhores amigos.

É claro que eu não pensei nisso quando sai às pressas de casa, com apenas um gloss labial, carteira e uma arma dentro da bolsa de pano, e ainda coloquei um tênis branco nos pés. *Totalmente* branco. Eu só quis sair o mais rápido possível daquele ambiente e não pensei em mais nada.

Eu acho que só comecei a processar tudo que aconteceu, depois de alguns minutos dentro do táxi.

Benjamin Yoon casou-se com minha mãe por interesse. Não *qualquer* interesse, ele queria — quer — saber mais informações sobre o desaparecimento do meu pai, Joe Diggory, porque aparentemente, meu pai é um assassino.

Aaron Yoon se aproximou de mim com o mesmo objetivo: tirar informações sobre o paradeiro do meu pai, que já tinha sido dado como morto pela polícia há anos. Eu estou enojada com a situação em que ele nos colocou. Como ele pôde fazer o mesmo que o merda do seu pai e me seduzir até sua cama? Dizer que estava apaixonado por mim e fazer todos aqueles atos carinhosos? E mesmo depois de ele descobrir tudo que Lauren me fez passar, ele não sentiu nenhum remorso. Se eu não tivesse escutado essa conversa, não duvido que ele poderia ter pedido minha mão, na esperança de que eu contasse algo sobre o meu pai.

Argh. Ele é tão filho da puta! Tão nojento! E ainda teve aquela conversa comigo, dizendo que se arrepende das coisas ruins que fez em nome do seu pai. Até parece. Se realmente se arrependesse, não teria seguido em frente com esse plano de vingança ridículo deles.

Eles são farinha do mesmo saco.

Cretinos.

Quando finalmente, depois de quase vinte minutos andando dessa vez, eu toco a campainha da nova casa e torço para que tenha alguém em casa. Eu deveria ter avisado que estava vindo, no entanto, minha cabeça estava pegando fogo de raiva no caminho inteiro até aqui, e eu não consegui pensar em mais nada.

A porta se abre cerca de um minuto depois, e as lágrimas já estão caindo nesse momento. Caramba, não acredito que estou chorando pela merda de um garoto!

— Lily? O que você está fazendo aqui, minha flor?

— Pai… — é tudo que consigo dizer, antes de pular em cima dele, jogando meus braços ao redor do seu pescoço.

Meu porto seguro.

Joe Diggory desapareceu sim, há alguns anos, mas ele não está morto como afirmaram os policiais depois de um tempo de busca por seu corpo ou algum sinal dele. Na verdade, ele esteve bem aqui, pertinho de Millsh e de Schönilla, todos esses anos, escondido.

Na mesma época em que ele foi dado como desaparecido pela polícia, eu soube que era tudo uma farsa. Um pouco antes de ele sair de casa, ele me contou que precisaria ficar um tempinho longe de mim e de todos, e que eu não poderia contar para ninguém. Quando estivesse seguro, ele daria um jeito de entrar em contato comigo. Como prometido, alguns meses depois de ser anunciado que ele foi dado como morto e seu caso arquivado por falta de informações, ele apareceu na loja da mãe de Nora, disfarçado. E desde aquele dia, nós nos vemos regularmente a cada quinze dias. Às vezes, mensalmente. Depende de como minha vida e a dele estão, já que ele não pode ser visto rodando por nenhuma cidade.

Ele me abraça de volta, fazendo um carinho gentil nas minhas costas e nos meus cabelos, e eu me ajeito na curva do seu ombro, achando conforto no meu colo preferido.

— Filha… vamos entrar, e você me conta o que aconteceu, tudo bem? — ele fala, e o som é um pouco abafado pelos meus fios, porém eu aceno com a cabeça.

Nos afastamos para que ele possa fechar a porta, e ele pega a bolsa do meu ombro, para me ajudar. Eu esqueço totalmente que tem algo ali que não deveria estar e só lembro quando uma expressão confusa surge em seu rosto, ao sentir o peso da bolsa de pano.

— Caramba, Lily! O que você trouxe aqui? Tijolos? — ele pergunta, sorrindo e dá uma espiada na bolsa.

Eu sei que vem uma bronca aí.

— Lily… você vai me contar porque está andando por aí com a arma que eu te dei para emergências? — Joe questiona, sem elevar o tom de voz, e eu apenas passo a língua pelos lábios, desviando os olhos dos dele. — Minha flor… é uma emergência? Você está em perigo?

Mesmo depois de anos nessa rotina de encontros às escondidas — o último foi na semana do meu aniversário —, papai nunca me contou o motivo de ele precisar se esconder de tudo e todos. Já entramos nesse assunto algumas vezes ao longo dos anos, e ela afirma todas as vezes, que é melhor eu não saber de nada. É mais seguro para mim. Depois de um tempo, eu acabei acatando a ideia e seguindo em frente. No entanto, já que ele não pode ser visto comigo, nem ser tão presente quanto deseja na minha vida, ele me deu uma de suas armas da época em que trabalhava na polícia e era detetive, para eu usar caso precisasse. É claro que com a arma, vieram as aulas de tiro também, que aconteceram na antiga cabana da nossa família. Ele realmente só me deixou ir embora com a arma, depois de estar excelente no manuseio e afirmou diversas vezes, que é apenas para casos emergenciais.

E eu acredito que o que está acontecendo agora, seja um caso desse.

— É uma… uma longa história. Acho melhor a gente se sentar — digo, apontando para a pequena sala de estar, e ele assente, me seguindo.

— É grave? O que está acontecendo, Lily? Você está me deixando nervoso! — ele exclama, nervoso, e eu percebo, agora, que puxei muito dele, na forma de falar, pelo menos.

Não, Lily. Esse não é um momento sentimental entre pai e filha.

— Lembra que eu disse que mamãe se casou há alguns meses de novo? — eu comentei com ele na época sobre isso, mas não dei muitos detalhes, e ele também não se interessou. — Então… foi um casamento por interesse.

Ele ri, balançando a cabeça, não tão desacreditado assim, antes de responder.

— Não esperava diferente da sua mãe, principalmente se o cara tiver boladas de dinheiro.

— Não só da parte dela, pai. Mas da do cara também — revelo, e agora, ele parece mais interessado. — Benjamin Yoon se casou com Lauren, porque queria tirar informações dela… sobre *você.*

Isso o faz ter uma nova reação. Seus olhos esbugalham, e ele começa a respirar rápido, muito, *muito* nervoso.

— O que?

— E Aaron, filho dele, é o colega de apartamento que eu comentei com você. Ele também está envolvido nessa… nessa vingança sem sentido. Ele… hum… se aproximou de mim pelo mesmo motivo. Para tirar informações sobre você. — Não acho que dizer que ele me levou para cama para conseguir informações seja a melhor coisa a se falar agora, mesmo que seja verdade. — Ele inventou alguma história maluca de que você matou a mãe dele e deixou a irmã na cadeira de rodas, e sinceramente, eu acho que…

Não concluo meu pensamento, porque meu pai se levanta de supetão e sai em passos rápidos até a cozinha.

— Pai? O que está acontecendo? — pergunto, seguindo-o para o outro cômodo também.

Ele não responde, e quando entro na cozinha, ele está tirando um maço de cigarro de um dos armários e pegando o isqueiro cor de rosa com pedrinhas brilhantes — que, claro, eu mesma decorei para ele — para acender um.

Isso é um mau sinal.

Meu pai só apela para os cigarros, quando está extremamente ansioso com alguma situação.

— Pai? O que está acontecendo? — repito a pergunta, mais preocupada dessa vez, e caminho para mais perto dele. — Isso… isso não é verdade. Não é?

Procuro algum sinal de resposta em sua expressão, mas não encontro nada.

Não… não pode ser verdade. Meu pai não é um assassino. Ele *não* é. Eu o conheço minha vida inteira, e ele nunca faria uma coisa dessas. Matar uma mulher e uma criança? E por que?

Não posso acreditar que seja verdade.

— Pai… — chamo, com as lágrimas se acumulando em meus olhos. — Por favor, me diz que nada disso é verdade. *Por favor.*

Eu não aguento mais mentiras na minha vida. Por que as pessoas com quem eu me importo tanto gostam de mentir para mim?

Joe descarta o restinho da bituca do cigarro na lixeira e põe uma mão nas minhas costas, me guiando de volta para a sala de estar, sem falar nada.

Ele só abre a boca para dizer algo, quando estamos novamente sentados no sofá.

— Lily, preciso te contar exatamente o que aconteceu na semana em que eu tive que desaparecer.



# Aaron Yoon

Eu sabia que algo ia dar errado em algum momento. Sempre dá. Parece que o universo, Deus ou seja lá quem comanda o mundo, decidiu que eu não poderia ser feliz nunca, e desde então, sempre que uma mísera coisa na minha vida começar a caminhar pelo caminho certo, algo acontece.

Como eu pude não conferir a porra do quarto de Lily para ter certeza de que ela não estava em casa? Acreditei na minha intuição e no silêncio matinal, e acabei me fodendo.

Burro. Estúpido.

E eu não podia julgar Lily pela reação que ela teve. Como eu reagiria se descobrisse que Lauren e ela tramaram a porra de um plano para se aproximarem da minha família, procurando por informações sobre um parente que, supostamente, foi dado como morto há anos? Bem pior do que ela, isso eu posso ter certeza.

Contudo, o que eu *não* estava esperando durante nossa pequena discussão, foi a porra da arma que ela sacou da sua bolsa.

Uma arma! A porra de uma pistola Glock 19!

Como caralhos ela tem essa arma? E como eu não sabia que tinha uma arma de fogo dentro da minha própria casa? Há quanto tempo ela possui a pistola?

Porra, mil perguntas passam pela minha mente, e a única pessoa capaz de respondê-las, está me ignorando.

Ela também não facilita o acesso a ela, óbvio. Lily não aparece na faculdade há dois dias, desde a nossa discussão. No apartamento, nem preciso dizer. No entanto, em algum momento, enquanto eu estava fora, ela apareceu para pegar suas roupas e sua mala de mão rosa. Não sei se foi ela que veio aqui — o prédio não autorizou que eu visse as câmeras de segurança —, mas a questão é que algumas peças sumiram. O que me alivia um pouco é que não foram todas, e sua mala grande continua dentro do seu armário, o que quer dizer que ela pretende voltar em algum momento.

Eu torço para que ela queira voltar. Ainda não terminamos nossa conversa. Ela já sabe a razão por eu estar fazendo o que estava fazendo, porém ela precisa saber da história inteira. Ela precisa entender porque eu fiz o que eu fiz e que, há um bom tempo, não me lembrava dessa missão de me aproximar dela. Desde o nosso primeiro beijo, na Lust, eu não consigo pensar em mais nada, nem ninguém, que não seja ela. Nada do que tivemos — *temos* — foi fingimento. Eu realmente estou apaixonado por Lily Diggory e preciso que ela entenda isso de uma vez por todas.

O problema agora, é que não consigo ter contato com ela para explicar a verdade.

Já liguei diversas vezes para o seu número e quando percebi que ela não ia me atender, migrei para as mensagens de texto.

**Eu:** Lily, me atende, por favor. Precisamos conversar.

**Eu:** meu amor, você pode responder pelo menos minhas mensagens? Precisamos conversar. Preciso esclarecer tudo.

**Eu:** Lily, apenas uma conversa. É tudo que te peço. Preciso explicar toda a verdade.

**Eu:** Lily? Eu sei que você está visualizando tudo, porra! Me responde, por favor.

**Eu:** uma conversa e eu prometo parar de te encher o saco.

Foram variações de mensagens assim, até ela cansar e bloquear meu número. É, eu imaginei que isso fosse acontecer em algum momento. Uma parte de mim, entretanto, torcia para que ela aceitasse ter uma conversa comigo, apenas uma. Se ela conseguir entender meu lado da história… tudo pode mudar.

Contudo, estamos falando de Lily Diggory, porra. A garota mais teimosa que já conheci. Ela não vai aceitar conversar comigo por espontânea vontade.

Vai ter que ser de outra forma.

Enquanto adentro a Lust e subo as escadas até a sala de Kiara, ainda estou pensando em alguma forma de fazer Lily conversar comigo. Não posso atraí-la na faculdade, porque ela também não frequenta mais a instituição, aparentemente. Tem que ser em outro lugar. Mas onde?

— Finalmente, porra! — Cameron comemora, assim que entro na sala, e eu reviro os olhos.

Não tenho paciência para muita coisa desde que Lily foi embora. Só penso em ter minha garota de volta.

Ignoro Cameron e me jogo numa das poltronas vazias do pequeno lounge. Me sirvo de um pouco do uísque que está na mesinha ao lado, parecendo preparado para me receber.

— Lily vai vir em algum momento? Ela esqueceu o gloss de amora aqui — Kiara comenta, sentando-se ao lado de Cameron no sofá maior.

Não tenho a chance de responder, porque a porra do meu melhor amigo é mais rápido.

— Eles brigaram. Os irmãozinhos estão com problemas no paraíso — ele zoa, e eu tenho vontade de arremessar o copo de vidro. Não *nele*, não quero machucá-lo, mas na parede atrás. Apenas um *sustinho.*

— E por que Cameron sabe disso e eu não? — Kie pergunta, alternando o olhar entre nós dois, com uma das sobrancelhas erguidas.

— Porque você estava muito ocupada conversando com a garotinha hetero que nunca deu um beijo na vida — Cam responde e leva um beliscão da nossa amiga no braço, me arrancando um sorriso fraco. — AI, PORRA!

— Fica na sua, Cameron.

— Lembre-se que é o pai da sua namorada que vai te julgar quando você for para o céu. — Ele não cansa de apanhar. É a única justificativa para ele continuar zoando a Kiara.

Kiara está trocando mensagens com Ava Sinclair, a outra amiga de Lily em Schönilla. Ela acompanha as meninas em algumas poucas festas, e desde que Kie pôs os olhos nela, cismou que precisa ter a garota para si mesma. O problema, é que tudo indica que Ava, além de ser praticamente uma santa — ao contrário de Kiara —, é hetero. Nós não temos certeza disso ainda, mas bem… não julgando um livro pela capa, tudo sobre sua vida diz que sim. Filha de pastor, morava em uma fazenda bem no interior da cidade e um dos cursos que faz na SU, é Teologia. E a cereja do bolo, é que ela ainda não deu seu primeiro beijo. Aos 18 anos. Também não estou julgando, poré... ela pode estar esperando para o casamento com seu príncipe encantado, para ter suas primeiras vezes.

*Príncipe* encantado, não princesa.

— Ela não é minha namorada, seu imbecil — Kie resmunga, e eu troco um olhar com Cam. Sim, não é namorada dela, só que ela deseja que seja. — Você está falando tanta besteira, que tirou o foco principal do assunto. O que aconteceu entre Lily e você? — Ela se dirige a mim para fazer essa pergunta.

O que eu não entendo…

— Como *você* sabe que aconteceu alguma coisa? — questiono Cameron, que dá de ombros.

— Lily falou para Stella, que me contou.

Essa amizade de Cameron com a ex-namorada, já está passando dos limites.

— E o que Stella disse? — indago, curioso para saber a versão que Lily contou para as amigas.

— Só que vocês brigaram, mas não explicou o motivo.

Bom. Então as amigas não sabem de tudo. Melhor assim, na verdade. Quanto menos gente souber, melhor.

— O que aconteceu? — Kiara pergunta mais uma vez, e eu suspiro. Não vou esconder isso deles, se eles já sabem de tudo.

— Ela descobriu sobre os motivos de Benjamin ter se casado com a mãe dela — começo, me tirando da equação em um primeiro momento.

— Porra, cara! Que merda! — Cameron diz, e eu aceno, concordando.

É, é mais que uma merda.

— Como ela descobriu isso?

— Ela me ouviu conversando com ele, e… hum… ela também sabe que Benjamin pediu para que eu me aproximasse dela para tirar informações sobre o pai — revelo de uma vez, e Kiara abre e fecha a boca, sem saber o que dizer para a resposta da pergunta que ela mesmo fez.

— Caralho, cara… você tá muito fodido!

Obrigado, Cameron. Eu não estava ciente disso, até você dizer.

— Espera… vocês estão juntos há alguns meses — Kiara fala, e eu assinto. Sim, já estamos quase no fim de novembro, e começamos a nos relacionar há uns dois meses, eu acho. — Em nenhum momento você achou uma boa ideia ser honesto com ela?

*O que?* Kiara está maluca?

— Você queria que eu contasse para ela, Kiara? — repito, para ter certeza que ouvi essa porra certo. Minha amiga anui com a cabeça! Inacreditável. — E como exatamente eu faria isso, *huh*? *"Ei, Lily. Eu estou apaixonado por você e por isso, acho melhor você saber que só estamos juntos hoje, porque seu pai matou minha mãe"*? Isso que você queria que eu dissesse, porra?

— Está apaixonado por ela? — Kie pergunta, e vejo a sombra de um sorriso esboçar em seu rosto.

Eu tenho que começar a ter cuidado com as coisas que digo quando estou irritado.

— Não importa mais. Ela não quer me ver nem pintado de ouro — falo, dando de ombros.

Quanto mais cedo eu aceitar que perdi Lily, mais fácil será superar.

Superar.

Até parece que alguém supera Lily Diggory.

— Você não pode culpar a garota, né? Porra… ela descobriu que o relacionamento de vocês começou com uma mentira. Um jogo de interesses.

— Você não está ajudando, Cameron — Kiara responde, massageando as têmporas.

No entanto, Cameron está certo. Eu mesmo já concluí que seria difícil perdoá-la se fosse ao contrário. Como eu espero que ela faça o mesmo por mim? Não posso ser tão hipócrita assim.

— Ela bloqueou meu número — confesso também. Já estou na merda de qualquer forma. — E ela não vai à faculdade desde a nossa briga.

— Porra, Aaron — Kie murmura, esvaziando sua taça de champanhe em um gole.

Ficamos em silêncio, até mesmo Cam. Não tem o que fazer. Eu perdi a melhor coisa que já me aconteceu. Nos últimos meses com Lily, eu fiquei genuinamente feliz depois da morte da mamãe. Mesmo meu pai ainda estando na jogada, quando eu estava com ela, nada mais existia ao nosso redor. Éramos apenas nós dois.

E eu fodi com tudo.

Me sirvo de mais um pouco de uísque. É assim que é estar na fossa, depois da sua primeira decepção amorosa? Talvez se eu tivesse experimentado isso no colégio, como todas as outras pessoas, não estaria tão puto e triste agora.

Quem diria. Lily Diggory foi a primeira garota por quem me apaixonei, possivelmente a única, e também a primeira que quebrou meu coração, mesmo que eu tenha quebrado o dela primeiro.

Se eu tomar mais um pouco, talvez até terminar a garrafa, eu consiga apagar aqui durante alguns minutos. Horas, se eu tiver sorte. Já faz dois dias que não durmo direito, esperando uma ligação, mensagem ou até mesmo ouvir a porta do apartamento sendo destrancada.

Meu objetivo não é concluído, porque assim que fecho os olhos e deito a cabeça na poltrona, o som estridente do meu celular começa a tocar, indicando uma ligação.

E como eu sou a porra de um idiota, eu me apresso em pegar meu celular no bolso da calça, com esperança de que seja Lily.

Minha felicidade dura pouco. Quando eu vejo o nome no visor, minha expressão murcha novamente.

— Pela sua cara, não é sua amada irmãzinha — Cameron zoa, e como ele já tomou algumas bebidas alcoólicas hoje, decido poupá-lo de uma porrada.

— Cale a boca, Cameron.

Mais uma vez, Kiara salva o dia.

— Alô? — cumprimento, assim que atendo a chamada.

— Aaron — meu pai responde do outro lado da linha, do jeito dele. — Já conseguiu alguma coisa da garota? Depois da conversa que tivemos, espero que você tenha tomado jeito e feito o que sugeri. Ou qualquer outra coisa que tenha a feito falar.

Caralho, por que todo mundo não para de me perguntar sobre Lily Diggory? Além de ela estar impregnada no meu sistema, parece estar no de todas as outras pessoas também.

— Ainda não, pai — respondo, mais grosso do que deveria.

Sinceramente? Nessa altura do campeonato, não estou nem aí para nada mais. Por causa dele e dessa vingança, eu perdi a mulher da minha vida. Eu concordei com essa porra sim, mas caramba, faz anos que estamos atrás de Joe Diggory e não encontramos nem rastro dele. Por mim, aceitamos que ele está mesmo morto, como os policiais anunciaram há alguns anos, e seguimos com nossa vida.

Agora não importa mais. Lily já se foi. Duvido que eu consiga recuperá-la. Mais uma vez, Benjamin Yoon estragou algo bom na minha vida.

— Qual a porra do seu problema, garoto? Não consegue seguir uma ordem direito? — ele reclama, e eu apenas respiro, já cansado dessa conversa.

— Estou trabalhando nisso, pai. Não é tão fácil como você imagina. Se fosse, você já tinha tirado alguma coisa de Lauren, não acha?

Foda-se essa merda. Que ele me dê um tiro ou arranque minhas tripas com uma faca. Não estou nem aí.

— Aaron! O que você está fazendo? — Kiara me repreende, confusa, e eu faço um gesto com a mão para ela deixar para lá.

Estou me afundando ainda mais na merda, Kie.

— Olha como você fala com seu pai, Aaron! Está perdendo a porra da noção, garoto? Se eu fosse você, eu escolheria melhor a maneira para falar comigo. Ainda sou seu pai e daquela fedelha cadeirante, e posso fazê-la pagar por esse seu comportamento de merda.

Uma parte de mim quer acreditar que ele não tem como punir Audrey de tão longe assim. Não de uma forma física, pelo menos. Como das outras vezes em que eu não cumpri alguma ordem, e ele a privou de certas regalias no internato, apenas. No entanto, outra parte de mim sabe que Benjamin tem contatos em vários lugares, até mesmo em outros continentes, e isso que me assusta. Não posso arriscar o bem-estar da minha irmã porque estou de coração partido. Ela não merece isso.

— Me… me desculpe, pai. Estou de cabeça cheia por causa da… — *Lily* — faculdade e acabei descontando no senhor. Não vai se repetir.

— É claro que não vai se repetir! Não se você ainda tem alguma porra de senso nessa cabeça — ele responde, ainda puto comigo. — Duas semanas, Aaron. Duas semanas para você me trazer alguma informação útil sobre Joe Diggory.

— Eu vou fazer isso.

— Se você não aparecer com alguma coisa para mim no fim do prazo, Aaron, Lauren e Lily vão conhecer minha sala no subsolo do restaurante mais rápido do que imagina — ele ameaça, e meu corpo inteiro congela.

O que?

Não… ainda temos tempo. Ele disse que só iria apelar para isso no próximo ano. Ainda estamos em novembro. O que ele está dizendo?

— Mas… mas você disse que só iríamos chegar nisso no ano que vem, caso não consigamos nada de boa vontade delas.

— Mudei de ideia, Aaron. Ou você traz algo útil para mim ou já sabe o que vai acontecer com duas.

Ele não me dá a chance de responder e desliga o telefone na minha cara.

Porra! Eu estou totalmente fodido.

Eu deveria ter ficado com a porra da boca calada, invés de agir daquela forma com ele.

Agora, eu terei que descobrir a porra do buraco em que Lily está se escondendo e convencê-la a me contar algo sobre seu pai, se ela quiser continuar viva, assim como preservar a vida da sua mãe também.




# Lily Diggory

A primeira vez em que eu tive meu coração partido, eu tinha 9 anos.

Era Dia dos Namorados, e nossa professora fez todos nós recortarmos corações vermelhos e rosas, e decorá-los da maneira que quiséssemos. Depois, podíamos entregar para algum colega, em um gesto de amizade, claro, ou levar para casa e entregar para nossos pais. Essa foi a atividade do dia.

Nora e eu fizemos alguns para distribuir para as pessoas que gostávamos. Ela fez para os pais dela, para sua irmã mais velha, Nia, e para mim, já que eu já era sua melhor amiga na época. Eu fiz para os meus, para ela e ainda fiz um extra, para Clay Smith, um dos garotos novos que tinha começado nesse ano na nossa classe. Nós não havíamos nos falado antes daquele dia, mas como eu tinha emprestado uma caneta com pompom rosa certa vez, já me considerava apaixonada por ele e podia jurar que iríamos casar.

Quando terminamos a atividade, e a professora liberou que circulássemos pela sala para entregar nossos corações, minha primeira parada foi na mesa do Clay. Com um sorriso de orelha a orelha e balançando minhas marias-chiquinhas, eu entreguei para ele. Ele estava com os outros garotos da turma, porém eu não me importei. Eu só me importava com a reação de Clay para o meu coração.

A reação dele?

— Eca, Lily! Corações são coisas de garotinhas, e vocês são nojentas — ele falou para mim, e a risada dele e de seus amigos surgiu em seguida, me fazendo correr para o banheiro em prantos.

No dia seguinte, eu derramei suco de abacaxi em sua carteira quando ele foi ao banheiro e gritei para a sala inteira que Clay Smith tinha feito xixi nas calças.

Hoje, com 19 anos, exatamente 10 anos depois, tive meu coração quebrado novamente. A diferença, é que dessa vez, eu realmente estava apaixonada pelo garoto. Estou apaixonada por Aaron Yoon. Queria que meu coração tivesse jogado fora meus sentimentos por ele, depois de descobrir a verdade, só que não é assim que funcionam as coisas.

E dessa vez, eu não poderia encerrar o assunto com suco de abacaxi.

Por isso, minha forma de passar por essa fase de coração em pedacinhos foi não só bloquear o número dele, como desligar meu celular. Fiquei totalmente incomunicável durante dois dias, na casa do meu pai. Além disso, saí em um dos dias para ir ao mercado e voltei com dois potes de sorvete, um de morango e outro de caramelo, para afogar minhas mágoas. Papai ainda me deu duas barras de chocolate que tinham em sua cozinha, e eu passei esses dias comendo besteiras e assistindo filmes de romance. Acho que gastei todas as minhas lágrimas.

É claro que, um pouco antes de ir embora, eu me toquei do que tinha feito.

Me alimentando de alimentos totalmente calóricos e cheio de gorduras durante os dois dias anteriores.

Caramba, tudo tinha que dar errado na minha vida ao mesmo tempo?

O banho que tomei antes de sair de lá, foi metade destinado a um encontro com o vaso sanitário, onde enfiei meu dedo mais fundo que consegui na goela e vomitei tudo que pude, e mesmo assim, não pareceu o bastante. Eu forcei mais um pouco a garganta, e ao invés da comida ingerida nos dias anteriores sair, foi um pouco de sangue. Ali, eu decidi que era melhor parar. Não precisava ir para o hospital mais uma vez em menos de um mês.

Me despedi do meu pai logo depois, e ele disse para eu não contar a história que envolvia ele, Benjamin e Adele Yoon para ninguém. Eu já estava muito mais exposta ao perigo do que ele gostava. Por mais que ele tenha desaparecido sem deixar rastros, justamente para me proteger e me deixar fora dessa bagunça, eu acabei entrando nela e agora, não sei se tem saída. Fugir é uma opção, claro, mas nesse momento, tudo vai ficar muito óbvio. Precisamos esperar mais um pouco, se quisermos ir embora de Schönilla.

Alguns minutos depois, eu entrei no táxi e passei o endereço do único lugar onde poderia ir. Eu não iria voltar para o apartamento e muito menos para a mansão onde minha mãe mora com a raiz dos meus problemas, Benjamin Yoon. Eu preciso de um novo lugar para ficar por enquanto, até começar a consertar as coisas.

Logo que sou deixada pelo motorista no prédio, abro a porta principal com o código — que eu já sei, de tanto frequentar esse local — e pego o elevador para o quarto andar, torcendo para que tenha alguém. Eu já tinha dito que Aaron e eu brigamos e por isso, precisava de um tempo só para mim e iria desligar meu celular. Apenas para não preocupar mais ninguém, e quando tudo entrasse nos eixos, eu mandaria uma mensagem.

A questão é que na correria de deixar o apartamento no dia da briga, eu acabei esquecendo meu carregador, e claro, azarada do jeito que sou, meu celular descarregou, e eu não pude avisar da minha vinda.

Só espero que estejam em casa.

Dou duas batidas na porta e escuto uma comoção do lado de dentro, me deixando um pouco mais aliviada.

A porta finalmente se abre, e os rostos de Stella Mars e Ava Sinclair entram em foco para mim.

— Lily? — Ava diz, confusa com minha presença aqui, e minha única reação é sorrir.

— LILY! — Stella exclama, me puxando para dentro, com um sorriso de orelha a orelha.

A porta é fechada atrás de nós por Ava, e eu jogo minha bolsa de pano na cadeira de uma das escrivaninhas, antes de Stella me puxar para a cama dela, e Ava a seguir, se sentando do meu outro lado.

— Como você está, amiga? — Stella pergunta, fazendo um carinho na minha nuca.

Elas não sabem o motivo da briga que tive com Aaron Yoon, mas sabem que foi bem sério. Bem sério a ponto de eu ficar incomunicável durante alguns dias e sem dizer onde eu estava. E por mais que eu não possa revelar todos os detalhes para elas, não preciso mentir sobre tudo.

— A verdade? Nada bem — confesso e já sinto as lágrimas se acumulando no cantinho dos olhos.

Desde quando me tornei tão chorona?

Isso é tudo que precisa para Stella e Ava trocarem um olhar, e ao mesmo tempo, elas nos jogam para trás, para a montanha de travesseiros da cama de Stella. Nós nos ajeitamos, rindo um pouco, e acabamos comigo ainda no meio, porém em uma confusão de pernas. Minha cabeça descansa no ombro de Stella, enquanto ela faz carinho nos meus cabelos, e Ava está por trás, em uma espécie de conchinha, com o braço por cima de mim e a mão entrelaçada na minha.

Dentro desse casulo, eu me sinto segura. Parece que nada pode me alcançar aqui.

— Eu nunca me apaixonei de verdade antes, sabe? — continuo a falar, querendo tirar isso do meu peito. — E quando finalmente acontece, eu descubro que não passou de uma farsa, que ele mentiu sobre algo muito, muito sério, durante todo nosso relacionamento.

— Homens são uns babacas, especialmente Aaron. Ele não te merece, Lily — Ava fala, apertando minha mão, e eu faço o mesmo de volta.

— Ele é um filho da puta daqueles — Stella responde, dando um pouco mais de agressividade às palavras de Ava, o que nos faz rir. — Argh! Eu apoio a gente dar um tempo em todos esses malditos.

— Você não tem um encontro com Cameron hoje? — pergunta Ava, levantando a cabeça para olhar nossa outra amiga.

— Encontro? — repito, também virando minha cabeça em direção à Stella.

Ela fuzila sua colega de quarto com os olhos, mas acaba respondendo.

— Nós… nós estamos tentando fazer dar certo de novo. Fomos em um encontro há dois dias, no parque de diversões de inverno da cidade, e hoje, ele vai me levar para jantar no meu restaurante preferido.

Céus, por que a vida de todos continua dando certo, e a minha não?

— Ele também disse que… que vai largar, vocês sabem o que, se eu realmente der uma chance para nós. Ele falou que eu valho mais que qualquer quantia — quando Stella revela isso, ela está corada e com um sorriso bobo estampando seu rosto.

Eu estou genuinamente feliz por Stella e Cameron. Desde o primeiro dia em que flagrei os dois interagindo, eu soube que não demoraria muito para ela ceder aos encantos dele. Mesmo um tempo separados não apagou a chama que há entre eles, e assim que eles se encontraram na SU, parece que essa chama ficou mais forte ainda. Era só uma questão de tempo até Stella admitir seus sentimentos, não para ele, para si mesma.

E cá estamos nós.

— Isso é incrível, Stells. Estou muito, *muito* feliz que você vai ter seu final feliz — declaro e recebo um beijinho na bochecha por isso.

— Já que estamos no assunto amor… já contou para Lily quem é sua nova amiga? — Stella indaga Ava, que levanta as sobrancelhas e fecha a cara em seguida.

— Como você disse, nós somos amigas.

— Quem é sua nova amiga? — questiono, virando meu rosto para o outro lado, agora para conversar com a Ava.

— Kiara Lust — quem responde é Stella, e eu quase pulo da cama.

— *Kiara* é sua nova amiga?

Se eu pudesse definir pessoas mais opostas uma à outra, com certeza usaria Ava e Kiara de exemplos. Por um lado, Ava é totalmente aquela menina recatada, que veio de uma família simples do interior, seu pai é pastor da igreja local, usa cores pastéis e é bailarina. Por outro lado, há Kiara, que além do seu tio — que eu nunca vi, mas é dono da boate —, não tem outra família por perto, é introvertida e bem fechada, todas suas roupas são pretas e sexys à sua maneira e, claro, passa a maior parte do seu tempo na boate em jogos de azar com velhos ricos, para tirar o dinheiro deles.

Como essas duas podem ser amigas?

— Nós nos esbarramos há alguns dias no campus, conversamos e trocamos número de telefone. Só isso — Ava esclarece, dando de ombros.

Tem mais alguma coisa aí, porém se ela não quiser falar, não vai ser eu a forçá-la.

— Nós não estamos aqui para te julgar se você estiver interessada nela, amiga — Stella reforça, e eu concordo com a cabeça. — Ela é muito gata, né? Bonita daquela forma intimidadora. Do tipo que, se ela ficasse comigo, eu agradeceria a ela por isso, sabe?

Eu não faço ideia de como a cabeça da Stella funciona às vezes, mas pelo menos, ela nos faz rir com suas declarações aleatórias.

— Deixa Cameron saber que você está falando dessa forma de outra pessoa, quando tem um encontro com ele mais tarde — brinco, e minha amiga sorri, dando de ombros.

— Deu mole, eu pego — ela responde simplesmente, fazendo Ava e eu cairmos na gargalhada. — Ainda estou solteira, gente. Até ele me pedir em namoro ou casamento, posso fazer o que quiser.

— Você não brigou com ele quando ele disse que ia ficar com uma garota na Lust? — Ava relembra o episódio, e eu anuo. Isso aconteceu mesmo, e achei que Stella fosse perder o controle.

— Essa regra só se aplica a mim — é a resposta final de Stella.

Deus, fala sério! Olha as amigas que eu arrumo!

— Stella, você é horrível — comento, ainda rindo de tudo isso que ela disse.

Depois de nos recuperarmos das risadas, eu me lembro que ainda preciso perguntar algo para elas. Esse foi o motivo principal de eu ter vindo até aqui.

— Meninas… será que eu posso ficar alguns dias aqui no dormitório com vocês? Eu sei que não é permitido, mas… mas eu não tenho para onde ir. Não quero voltar para o apartamento com Aaron, e minha mãe mora bem longe daqui. — Tudo bem, essa não é a razão principal de eu não ir morar com Lauren, porém é uma delas.

— Claro que pode, Lily.

— Que pergunta é essa, amiga? Óbvio que você pode!

— Obrigada, amigas — digo, e elas se juntam ainda mais a mim, para darmos um abraço em grupo.

A Universidade de Schönilla pode ter trazido coisas ruins para minha vida, mas também trouxe boas. Stella Mars e Ava Sinclair são a prova disso.



Não tive para onde correr quando Stella me arrastou para o treino de líderes de torcida no fim da tarde. Eu faltei um dos treinos, mais uma vez, essa semana e não podia continuar assim. A desculpa de estar doente não ia colar mais. Ainda mais que é uma mentira, e eu seria descoberta se continuasse.

O treino foi ótimo. Estamos cada vez mais perto da competição dos times de líderes de torcida universitários e talvez não ganhemos os primeiros lugares, porém acredito que temos grandes chances de conseguir uma boa colocação.

Quando terminamos e fomos nos trocar no vestiário feminino, eu fui a última a entrar, porque precisei explicar para a treinadora o motivo da minha última falta. Quando Aaron veio me buscar no outro dia, todos perceberam meu estado. Eu não estava bem. Contudo, dessa última vez… eu não tinha como provar nada. Inventei que comi algo e passei mal, e por isso não pude comparecer, mas que não voltaria a se repetir. Ela entendeu e disse que, se eu precisar faltar por um motivo médico mais uma vez, ela vai precisar de um atestado, para comprovar minha falta.

É, parece que foi minha última falta sem razão.

A treinadora finalmente me liberou, depois da nossa conversa, e quando eu entro no vestiário, só há poucas meninas. Estranho não ver Stella e quando checo meu celular, tem uma mensagem dela não lida.

**Stella:** amiga, o Cam veio me buscar para tomar um café. Qualquer coisa, me manda uma mensagem quando estiver pronta, que podemos te deixar no dormitório, já que ele está de carro.

**Eu:** não precisa não, amiga. Eu vou andando. Se divirtam! (:

Eu que não vou atrapalhar esse momento de lua de mel do relacionamento deles.

Praticamente sozinha no vestiário, eu demoro um pouco mais de tempo no banho do que deveria.

Quase vinte minutos depois, eu finalmente me enrolo na toalha e saio, percebendo que sim, estou sozinha aqui.

Vou até meu armário e passo desodorante, hidratante em todo corpo e coloco minhas roupas de frio. Ainda estamos no outono, porém eu não me surpreenderia se começasse a nevar a qualquer momento. O frio está de matar!

Estou retocando minha maquiagem no espelhinho que pendurei na porta do armário, quando escuto a porta do vestiário bater. De onde estou, não consigo ver quem está entrando, mas provavelmente é só uma das meninas que esqueceu alguma coisa.

Continuo focada na maquiagem e ouço os passos se aproximando de mim. Curiosa, eu fecho a porta do armário para ver quem está aqui comigo.

Não é uma das meninas do time.

É Aaron Yoon.

O que ele pensa que está fazendo aqui, caramba? Além de ser a porra do vestiário feminino, não quero nunca mais falar com ele. Por mais que, agora, eu já saiba a verdadeira história que envolve nossas famílias e saiba quem é o verdadeiro culpado de tudo, isso não anula o que Aaron fez. Que me usou para chegar no meu pai, e se eu não tivesse descoberto, ainda estaria presa nesse plano de vingança doentio.

— Sai, Aaron. Ou vou chamar os seguranças do campus — aviso, recolhendo minhas coisas para passar por ele e ir embora.

— Lily… por favor. Só me deixa explicar — ele pede, e eu nego.

— Não quero saber de nada, Aaron. Só quero que você vá embora e nunca mais fale comigo.

— Lily… por favor. *Uma* chance. Tudo que te peço é uma chance para explicar tudo.

Rio, desacreditada da ousadia dele.

— Explicar o que, Aaron? Que você me fez de peão nesse jogo ridículo de vingança da sua família? Que você mentiu para mim? Eu já sei de tudo. — Sorrio falsamente e tento avançar em direção à porta, só que ele bloqueia o caminho. — Aaron.

— Por favor — ele implora, e percebo seus olhos enchendo de lágrimas.

Fala sério. Ele acha mesmo que sou tão idiota assim? Ele acredita que essas lágrimas, provavelmente consequentes da porra de um colírio barato, vão amolecer meu coração, e eu vou revelar alguma coisa sobre meu pai?

Não, Aaron. Eu não sou tão burra assim.

— Pode parar com o fingimento, Aaron — digo e balanço a cabeça, sem acreditar na atuação de merda dele.

— Não… não é atuação, Lily! Porra! Só me deixa explicar!

— Você não tem nada para falar que eu já não saiba, Aaron.

— Você sabe que seu pai matou minha mãe, mas não sabe a história completa — ele argumenta, e eu fico em silêncio. Não posso dizer que já sei a verdadeira história porque encontrei com meu pai há alguns dias, e ele me contou o que aconteceu naquela época. — Talvez, não mude nada sobre como você me vê, mas… mas você precisa saber o que rolou. *Por favor*.

— Aaron — digo seu nome em tom de aviso, e ele balança a cabeça em negativa.

— Me deixa contar isso, e eu prometo que, se você quiser que eu te deixe em paz para sempre mesmo assim, eu faço isso — ele tenta negociar, e eu pondero, trocando o peso de um lado para o outro.

Se ele vai mesmo me deixar em paz para sempre…

— Você promete que não vai nunca mais falar comigo depois disso? — repito, e ele concorda, com uma expressão fingida de dor estampando seu rosto. Patético. — Desembucha.

Ele aponta para um dos bancos espalhados entre as colunas de armários do vestiário, e eu reviro os olhos, seguindo-o para um deles e sentando na outra ponta, bem longe dele. Eu estou com raiva dele, entretanto, infelizmente, ainda estou apaixonada também. O amor não vai embora do dia para noite, e algo me diz que esse sentimento vai demorar para esfriar.

— Há alguns anos, meu pai desconfiou que alguém estava passando informações de dentro da organização para a polícia. Sobre nossos esquemas, contatos e o que acontecia atrás das cortinas do restaurante. Não conseguimos descobrir até hoje quem fez isso, mas… mas nos livramos de todos os suspeitos naquela época. No entanto, não fomos rápidos o bastante. — Ele faz uma pausa e respira fundo, antes de continuar a história. — Minha mãe sofreu um acidente de carro, depois de buscar minha irmã mais nova. O acidente m-matou minha mãe e fez Audrey perder os movimentos das pernas. Achamos que era muita coincidência esse acidente acontecer com elas em uma avenida não tão movimentada assim e quando começamos a investigar mais a fundo, nós… nós descobrimos o nome do seu pai. Ligações dele para o restaurante diversas vezes no mesmo dia, e que ele trabalhava na polícia de Millsh, como detetive. Um favor aqui e outro ali dentro da polícia, e conseguimos a informação de que ele estava trabalhando com alguém de dentro da organização para acabar com todo o império que minha família criou desde que imigrou para os Estados Unidos, há anos. E… e o acidente foi uma forma de nos assustar e nos deixar atentos. Mas quando soubemos disso, colocamos nossos homens atrás dele, foi quando ele desapareceu. E dado como morto — ele fala essa parte de uma forma mais carinhosa, como se não quisesse me chatear. — No entanto, nós acreditamos que essa não seja a verdade e que ele esteja escondido por aí.

— E por isso Benjamin se casou com a minha mãe, para descobrir onde é esse tal esconderijo — completo, e ele assente, mordendo o lábio inferior. — E Benjamin te contou tudo isso, certo? — pergunto, só para ter certeza, e ele concorda, como eu esperava.

Meu Deus.

É essa a história que foi contada para o Aaron? Benjamin se superou nisso. Colocar meu pai como assassino para deixá-los como mocinhos? Eu sabia que ele era sujo, mas não tanto assim.

E uma parte de mim sabe que Aaron acredita em seu pai, porque além de ser da sua família e a história fazer um pouco de sentido, ele não sabe da versão verdadeira. Sua mãe morreu e meu pai desapareceu, como ele iria descobrir o que, de fato, aconteceu? Não tem como. Ele não teve outra escolha, a não ser acreditar nessa realidade paralela que o pai criou.

Contudo, ele teve uma escolha nesse plano de vingança que criaram. Ele teve uma escolha quando o pai ordenou que ele se aproximasse de mim para tirar informações sobre Joe.

E ele escolheu errado.

— Mesmo que essa história toda fosse verdade, Aaron. — Não posso dizer que não é, porque isso implicaria em como eu sei que é uma mentira e eu não posso explicar isso. — Isso não explica porque você me enganou. Porque mentiu para mim e me fez… me fez me apaixonar por você apenas por uma vingança contra um homem morto. — Sinto meus olhos arderem e sei que as lágrimas podem cair a qualquer momento.

— Lily… não é assim. Eu te odiava no início porque te culpava pela morte da minha mãe. Eu sempre soube que não foi sua culpa, mas você era a pessoa mais perto que eu podia odiar, e eu fiz isso. Então, quando… quando meu pai surgiu com a ideia de tirar informações de você, eu não me opus. Por isso. Se isso tivesse acontecido depois de nos...

— Pare — mando, me levantando. — Não quero mais ouvir isso, Aaron. Você me culpar por algo que *supostamente* meu pai fez? Tudo bem, de certa forma. Agora o que você fez depois… isso não está nada bem. Não posso te perdoar por ter me enganado e mentido para mim.

— Eu nunca coloquei o plano em prática, Lily! — ela confessa, exasperado, e se levanta também. — Nós começamos a nos aproximar, e isso nem passava pela minha cabeça mais, porque você ocupava 100% dos meus pensamentos!

— Aaron… por favor — suplico, porque não aguento mais isso. Já chega.

— Lily, eu te…

— Não — interrompo, antes que ela consiga vociferar as palavras. — V-você não tem o direito de fazer isso comigo. — Nesse momento, não consigo mais controlar as lágrimas, e elas já estão molhando o meu rosto. — Faça como você prometeu e me deixe em paz, Aaron, para sempre.

Dessa vez, Aaron não impede minha passagem, e eu consigo sair do vestiário, deixando não só ele lá, como também o meu coração.



# Aaron Yoon

Há uma semana, eu perdi uma das pessoas mais importantes que entrou na minha vida.

Há cinco dias, eu não ouço a voz dela. Nosso último momento juntos foi no vestiário feminino, quando eu expliquei todo o início da história para ela, e mesmo assim, ela não me perdoou. E nada me tira da cabeça que havia algo de errado enquanto nós nos falávamos. Ela estava estranha… parecia saber de alguma coisa e tentou mascarar isso, mas não conseguiu. Não comigo. Eu a conheço muito bem para ser enganado.

O que quer que ela está escondendo, não importa mais. Eu prometi que a deixaria em paz depois da conversa e estou fazendo isso. Sem mais ligações. Sem mais mensagens. Sem mais sexo antes da rotina de skincare noturna dela. Sem mais chegar em casa e me deparar com ela assistindo desenhos animados na televisão da sala de estar.

Sem mais Lily Diggory.

E como eu estou lidando com isso?

“Porrando” Cameron Parker.

Ok, não “*porrando*” meu melhor amigo dessa forma.

Todos os dias, eu peço para que ele me encontre na Lust durante a tarde, para podermos usar o ringue de lutas clandestinas para algo útil nos dias em que não há competições. Cameron, inclusive, está lutando bem menos, e eu tenho certeza que há dedo de Stella Mars nisso, porém ele jura que não. Ele afirma que está parando porque quer.

Até parece.

Só falta ele dar língua e a patinha quando Stella pede algo para ele.

E como ele não está mais lutando por dinheiro tanto assim, ele sente falta dos seus momentos no ringue, e por isso, eu uni o útil ao agradável.

Eu, querendo sentir dor para esquecer a maior dor no momento, que está no meu coração + Cameron, ainda querendo sentir a adrenalina das lutas.

Resultado? Há quatro dias estamos nessa rotina incessante de lutas, eu estou mais acabado do que nunca. Os machucados no meu corpo, deixados por Cam, nem cicatrizaram direito, porque no dia seguinte, eu estava levando porrada no mesmo local.

Acho que no segundo dia, Cameron aconselhou que marcássemos nossos dias de lutas apenas duas vezes na semana, e eu neguei. Preciso disso todos os dias, para não pensar no buraco que Lily Diggory deixou no meu coração. Ele está fazendo isso há anos e tem prática, mas eu, apesar de saber o básico para me defender, não sou tão bom quanto ele, e isso está ficando cada vez mais claro nos nossos treinos.

Sinceramente, foda-se essa porra toda.

Eu só preciso sentir algo que não seja o meu coração.

— DIREITO ALTO, AARON! — Cameron grita, me auxiliando no próximo golpe que tenho que dar nele.

Eu já briguei com ele por causa disso, por ele ficar me ajudando nas nossas lutas enquanto deveria estar preocupado em me nocautear, porém ele não me deu ouvidos e continua fazendo isso. O que não faz diferença nenhuma, já que eu não faço o que ele manda e mesmo quando tento fazer, ele é mais rápido e ganha.

Cameron ganhou *todas* até agora. Como esperado, ele me dá uma chave de braço e acaba ganhando a luta, mais uma vez.

Ele se levanta primeiro e estende a mão para mim, entretanto eu dispenso e me levanto sozinho.

— Você tem que começar a me ouvir, Aaron — Cameron fala, pela milésima vez desde que começamos isso, e eu faço um gesto com a mão para ele deixar para lá. — É sério, porra! Você perdeu todas, Aaron!

— Talvez eu queira perder todas — respondo, saindo do ringue e indo até o banco onde estão nossas bolsas e garrafas de água.

Cameron não responde mais nada, todavia, ouço-o bufar atrás de mim, antes de passar para o meu lado e pegar sua garrafa.

Não ligo se estou perdendo ou ganhando a porra dessas lutas com ele. Eu já perdi a pessoa mais importante, e nada vai mudar isso.

— Ainda estão nessa? — A voz de Kiara soa do pé da escada, e nos viramos em sua direção.

Kiara Lust, mais uma vez, está toda de preto e está escorada na parede ao lado da escada que leva ao subsolo da sua boate, com os braços cruzados e a expressão vazia.

— Ele acha que isso vai ajudá-lo a superar a irmãzinha — responde Cam, dando de ombros, e eu dou uma cotovelada de leve no seu abdômen.

É verdade o que ele disse? Sim, porém não preciso ser lembrado regularmente disso. Eu deveria estar me preparando para a primeira consulta de Lily com a psicóloga, para levá-la até o consultório, e não aqui, sendo “porrado” pelo melhor amigo. Então, eu também não preciso que me lembre que Lily não é mais minha, o tempo todo. Isso é tortura demais.

— Isso é patético, Aaron — Kiara atesta, como se eu não soubesse, e sai da sua posição de guarda da escada para vir até nós. — Você é tão covarde assim? Vai desistir dela tão fácil?

Covarde.

Pelo amor de Deus!

— Eu prometi que a deixaria em paz, Kiara. Não vou passar por cima da minha promessa — respondo, e isso arranca uma risada fraca dela. — O que foi?

— Você a ama, Aaron?

— Sim — digo sem hesitar.

Eu amo Lily Diggory, e isso está me matando um pouco a cada dia.

— Então deixe de ser uma criança e lute pela pessoa que você ama, porra! — Kiara manda, me dando um tapa no pescoço. — Pare de ficar se lamentando por aí como se fosse um pobre coitado e vá atrás dela.

— Eu concordo com a Kie — Cameron declara, e eles fazem a porra de um *high five*.

Kiara Lust acabou de fazer um *high five* com Cameron Parker.

Eu morri e fui para o inferno?

— Ela não quer me ver nunca mais — reproduzo as palavras dela, e Kie revira os olhos para mim.

— E daí? Você infernizou a vida da garota quando dizia odiá-la, e agora que estão juntos, vai deixá-la ir tão fácil assim? Sério, Aaron? Achei que você fosse melhor que isso.

Eu… eu sou melhor do que isso? Eu vou mesmo deixar Lily ir embora tão fácil assim? É claro que ainda vou protegê-la do meu pai, não quero esse homem perto da mulher da minha vida, mas… mas eu posso fazer mais do que somente isso.

Eu amo Lily Diggory para caralho e estou mesmo deixando que ela se vá depois de uma briga? Eu entendo que fiz merda e fodi nosso relacionamento, porém depois de ouvir o meu lado da história, ela tem que ter entendido que eu fiz tudo pela minha mãe. Pela minha irmã. E quando eu comecei a desenvolver qualquer mínimo sentimento por ela, não segui mais plano nem ordem nenhuma de Benjamin Yoon.

Nesses últimos meses, todos os meus pensamentos foram voltados para Lily.

Eu não sei mais o que é *não* pensar nela 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Junto de Audrey, elas são o meu mundo inteiro.

E eu não vou deixá-la se livrar de mim tão fácil assim.

— O que você tem em mente? — pergunto para Kiara, que sorri maliciosamente para mim.

— Não olhe para mim. Quem conquistou a ex-namorada há pouco tempo não fui eu. — Ao mesmo tempo, nossas cabeças viram em direção a Cameron, que está com um sorriso bobo no rosto.

Quem diria. Eu pedindo conselhos amorosos.

Não, eu pedindo conselhos amorosos *para Cameron Parker.*

— Parece que eu vou ser seu Cupido, Aaron Yoon — Cameron diz, com o ego ainda mais inflado.

Eu espero que isso dê certo, porque puta que pariu, viu.

— O que você sugere, Cam? — Fazer essa pergunta é difícil porque, normalmente, ele vem atrás de mim procurando conselhos sobre o que fazer, não ao contrário.

— Bem… — Ele coça a garganta para dar um pouco mais de drama à situação. — Quando eu soube que Stella estava estudando na SU, eu comecei a fazer coisas simples para ela. Mandar flores, sua comida preferida… e também, coisas que a incomodavam no nosso relacionamento antigo. Uma das nossas últimas brigas antes do término no colégio, por exemplo, foi porque eu não assistia aos ensaios das líderes de torcida como os namorados das outras meninas, então, comecei a fazer isso aqui, para provar que eu estava disposto a mudar por ela. Que eu faria qualquer coisa por ela.

Eu queria não admitir isso, no entanto, Cameron tem um bom ponto. Eu preciso provar para Lily que estou disposto a fazer qualquer coisa por ela. Que apesar de eu ter escondido uma parte do meu passado e ter feito algo um pouco imperdoável, eu não sou essa pessoa. Eu não sou as atitudes ruins que precisei ter para proteger as pessoas ao meu redor.

Eu sou Aaron Yoon, o cara que ama Lily Diggory e vai fazer de tudo para tê-la de volta.

— Já pensou em alguma coisa? — pergunta Kiara, com as sobrancelhas erguidas.

— Já sei o que vou fazer para reconquistá-la — revelo, pegando minhas coisas para ir embora. — E vou começar hoje mesmo.

Pode correr, Lily Diggory, porque estou indo atrás de você.



Depois que saí da Lust, passei em casa rapidamente, para tomar um banho e me livrar do suor. Se eu quero mesmo reconquistar Lily, suor só é bem-vindo em uma situação, e com certeza, não é nessa que vai acontecer daqui a pouco.

Com o carro de Kiara e a informação de que ela está passando um tempo no dormitório de Stella e Ava, eu sigo o percurso até lá, muito ansioso. Há grandes chances de ela dar na minha cara e me ignorar? Sim, mas eu preciso tentar. E esse é apenas o primeiro passo. Se ela não aceitar o que tenho para oferecer hoje, sem problemas.

Amanhã é outro dia.

Como esperado, eu avisto Lily assim que entro na rua do prédio das suas amigas. Ela está na calçada, focada no celular. Com seus cabelos loiros soltos e uma roupa simples — calça jeans, blusa branca e um sobretudo, claro, rosa —, ela está tão linda como todas as outras vezes. É impossível ela ficar feia, convenhamos.

Ela está tão concentrada no celular, que não percebe o carro se aproximando, apenas quando já estou estacionado em frente a ela. Assim que abaixo o vidro, sua expressão muda para irritação instantaneamente.

— Você não é o táxi — ela diz mais para si mesma do que para mim, porém não me impede de sorrir.

Minha deslumbrante ideia depois da conversa com meus amigos? Começar buscando-a para levá-la na primeira consulta com a psicóloga, como combinamos antes da merda toda acontecer. E como está bem na hora em que a cidade fica mais engarrafada, ela não vai ter outra escolha a não ser ir comigo, se não quiser se atrasar.

— Na verdade, hoje eu sou. Vim te buscar para te levar na consulta. Entra aí. — Aponto para o banco do passageiro, e ela continua me encarando, incrédula.

— Aaron, você disse que ia me deixar em paz se eu te ouvisse.

— É, sobre isso… mudei de ideia — respondo, abrindo um sorriso sacana no rosto.

— Você… você é inacreditável! Eu não vou aceitar a porra da sua carona, Aaron, porque não quero mais falar com você. *Nunca* mais — ela frisa o advérbio de intensidade, e dói um pouco ouvi-la falando isso.

No cenário perfeito da minha cabeça, Lily aceitaria de bom grado a carona, e eu não precisaria mudar minha tática, mas é claro que na vida real, minha garota continua teimosa. Porra, como eu senti falta disso. Dela me contradizendo, mesmo sabendo que estou certo.

— Se você não aceitar minha carona, Lily, vai se atrasar bastante para a consulta.

Ela franze as sobrancelhas para mim, com raiva, e alterna o olhar entre mim e seu celular. Com certeza, o carro de aplicativo ou táxi está a mais de 20 minutos de distância, e vai ser quase o triplo para chegar no centro, onde fica o consultório da psicóloga.

— O motorista já está chegando — ela mente, bloqueando o celular para que eu não descubra sua mentira deslavada.

— Não, ele não está, Lily — digo, rindo fraco da ingenuidade dela em achar que vou cair em sua mentira.

— Prefiro esperar 25 minutos por um carro, do que ir com você — ela rebate, ácida.

É, eu mereci essa.

— E você acha que a doutora Kohl vai preferir que você chegue horas depois na primeira consulta? É essa a primeira impressão que você quer passar?

Não queria evoluir para isso, porém preciso que ela aceite minha carona. Preciso estar no mesmo ambiente que Lily novamente, apenas por estar. Ela pode passar o caminho inteiro sem abrir a boca, desde que esteja ao meu lado e segura. Não me importo.

— Eu… eu posso remarcar a consulta — ela retruca, só que ouço um pouco da insegurança na sua voz.

— Tem certeza? Já foi bem difícil conseguir esse horário — relembro, e ela bufa extremamente alto, jogando os braços para cima.

Consegui cutucar a onça e fazer com que ela demonstrasse alguma reação, porra! Finalmente!

— O que você quer com isso tudo, *huh*? Por que você quer tanto me dar a merda da carona até lá?

— Eu quero…

— Não! Não responda! Você quer ter mais informações sobre meu pai, não é? — ela provoca, colocando as mãos na janela do carro e ficando a centímetros do meu rosto. — Uma carona não vai me fazer falar nada, Aaron.

Já disse o quanto essa mulher é linda? Ainda mais com a boca quase encostando na minha.

— Estou pouco me fodendo para o seu pai, Lily. Para o meu, para qualquer coisa. A única coisa que quero é passar um tempo com você e te provar que te…

— NÃO! — ela grita, colocando uma das mãos sobre a minha boca. — Eu já disse, você não tem o direito de dizer isso! Não depois de tudo.

Sua voz, dessa vez, soa machucada, e tudo que eu quero é pegar toda sua dor para mim. Odeio vê-la assim. Odeio ser a razão de ela estar assim.

Ela retira a mão da minha boca, entretanto eu sou rápido e agarro seu pulso delicadamente, deixando um beijo no dorso, antes de ela recolher o membro para si.

Queria beijar outras partes do corpo dela, mas eu entendo que esse não é o momento.

— Lily… eu sinto muito por tudo. — Sei que minhas palavras não vão ter tanto efeito assim, mas se ela precisar que eu repita isso para o resto da vida para tê-la de volta, eu vou fazer isso.

Vou fazer qualquer coisa para que Lily seja minha novamente.

— Aaron… por favor, não torne isso mais difícil do que já é — ela pede, baixinho, e tudo que sinto é raiva.

Raiva de Benjamin, por ter me envolvido nessa.

Raiva do pai de Lily, por ter causado o acidente e ter nos colocado nessa posição.

Raiva de mim, por ter deixado essa situação se estender até esse momento. Eu podia ter evitado isso, se tivesse sido sincero com ela desde o início. Porra, como fui burro!

— É só uma carona, Lily. Eu não quero que você chegue atrasada. Eu sei que você estava ansiosa por essa consulta.

É verdade, Lily estava contando os dias para hoje. Ela quer se livrar de todas as amarras que a mãe ainda tem sobre ela e melhorar. E hoje, acontece o primeiro passo para isso.

Ela pondera durante alguns instantes, desviando os olhos dos meus.

Depois do que parece uma eternidade, ela se afasta do veículo. Eu acho que ela vai realmente ligar para desmarcar a consulta de hoje, porém, ela me surpreende quando dá a volta no carro e entra pela porta do passageiro.

— É só uma carona — ela declara, assim que bate a porta. — Não significa nada. Eu ainda odeio você.

— Só uma carona — repito, e ela me fuzila rápido com as írises, antes de virar o rosto para a janela e passar todo o percurso assim.

Não é só uma carona, e ela sabe disso.



# 41

## Lily Diggory

A carona para minha primeira consulta com a psicóloga não foi a única coisa que Aaron fez. Não, quem dera ele tivesse parado nessa.

Há quatro dias, Aaron manda flores toda manhã para o dormitório das meninas. Provavelmente, o bocudo do Cameron contou que eu estou aqui, e todos os dias, eu acordo com um buquê diretamente da Jenkins Flores, floricultura de Marcus Jenkins, pai dos meus melhores amigos do colégio, Jason e Alexia. Eu comentei poucas vezes da minha vida em Millsh, porém parece que ele estava mesmo prestando atenção, para lembrar o nome da loja de flores. Não só isso, mas que lá eles têm um serviço diferenciado, em que Marcus e seus funcionários oferecem a opção de saber um pouco mais sobre a ocasião para qual são essas flores, e assim, escolher o melhor arranjo. Tio Marcus sabe o significado de todas as flores, e por isso, ele é o melhor no seu trabalho. E por isso, eu recebo todos os dias, arranjos diferentes com razões diversas.

No primeiro dia — a manhã seguinte da primeira consulta, que foi muito boa —, eu recebi um buquê de rosas vermelhas, que significam amor e paixão.

No segundo dia, o arranjo que recebemos no dormitório foi de tulipas e margaridas. Uma combinação não muito comum, mas que juntas, significam amor verdadeiro, esperança e novos começos.

Na terceira vez, já estávamos todas acordadas esperando o buquê chegar. Se tornou um evento matinal entre nós. Acordar, fazer a higiene, ver quais são as flores do dia e depois descer para tomar café da manhã no refeitório. Daquela vez, vieram craveiros e anêmonas. Amor, admiração e proteção contra todo o mal.

E hoje, mais cedo, recebi flores de açafrão e azaleias, que juntas, significam esperança depois da escuridão e cuidar de uma pessoa amada.

Ele não parou nas flores. Ah não, Aaron precisou fazer pequenas atitudes aqui e ali para sei lá… me lembrar do homem que perdi. *Por culpa dele.*

Ele não sabe disso, entretanto, depois da minha primeira consulta com a Doutora Kohl, ela me encaminhou para um psiquiatra e um nutricionista também. Eu ainda preciso entrar em contato com esses médicos para marcar uma consulta, contudo, estou com medo. Muito medo. Envolver mais dois profissionais… é porque é sério. Acho que se eu fingir que não existe nada de errado comigo, isso vai passar gradativamente, até eu me tornar alguém normal comigo mesma. Minha mãe está bloqueada no meu celular desde que Aaron fez isso por mim, há algumas semanas, então… então não deveriam ter mais gatilhos que despertem essa vontade de correr para o banheiro mais próximo, certo?

Errado.

Mesmo com minha mãe bem longe de mim, sem nenhuma forma de entrar em contato comigo, às vezes, eu ainda sinto vontade de vomitar. Eu não estou comendo muito, nem comidas muito gordurosas, porém com qualquer mínimo prato, eu já penso em me virar para não engordar. Eu acreditava que Lauren era a culpada por tudo, mas agora, mesmo com ela fora da jogada, praticamente nada mudou.

Vai ver a culpada sempre foi e sempre será eu.

Todos os últimos dias, Aaron descobre meus horários de almoço e envia saladas do meu lugar preferido para mim. Não importa se eu estou em casa, no campus ou em algum lugar aleatório de Schönilla, ele me acha e me entrega a comida. Foram variedades diferentes todos os dias, e não consegui segurar meu sorriso todas as vezes que recebi as saladas. Ele podia ter aloprado e me mandado comidas de fast food, já que ele está ciente do meu estado, mas não. Ele me manda saladas, porque sabe que é a única coisa que eu me sinto bem comendo.

E mesmo assim, eu não consegui ser forte e vomitei uma das vezes depois do almoço. Eu não sei exatamente o que aconteceu. Eu terminei de comer a porção normalmente, e… e eu senti algo me dizendo que comendo desse jeito todos os dias, minhas medidas iam aumentar. Que em breve, nenhuma das minhas roupas ia caber mais em mim. Que ninguém ia me querer. Que Aaron vai parar de fazer tudo isso por mim, porque ele não vai gostar de me ver com quilos a mais. Que o time de torcidas vai me expulsar, por eu estar acima do peso ideal. Entre várias, *várias* outras coisas.

Não aguentei a pressão e precisei me livrar da comida o mais rápido possível.

O que eu falaria para a Doutora Kohl na nossa próxima consulta?

"Boa tarde, Doutora Kohl. Além de não ter procurado os outros profissionais que você pediu, eu também tive uma recaída em menos de uma semana da primeira consulta."

Isso?

Caramba, eu sou uma paciente horrível! Nunca devia ter ido procurar ajuda.

Não tem ajuda para mim.

— Comprei sorvete de morango e caramelo para você, querida — meu pai fala, me tirando dos devaneios. — Eu vi que você comeu bastante na última visita e comprei mais.

Só de pensar no tanto de sorvete que comi na última vez que estive aqui, tenho vontade de vomitar de novo.

— Obrigada, pai — respondo com um sorriso fraco em direção a ele, que está sentado em uma poltrona ao lado do sofá em que estou.

Eu não queria voltar para o dormitório das meninas e não tinha mais aulas hoje, então resolvi fazer mais uma visita. Mais uma vez. Nossas visitas quinzenais estão se tornando semanais, e daqui a pouco, não duvido que se tornem diárias.

Minhas amigas não sabem de tudo que está acontecendo, e Aaron… argh. Se ele pensa que vai me ter de volta com tudo que está fazendo, ele está bem enganado! Eu vou ser forte e não vou ser influenciada por atitudes fofas.

A linguagem do amor dele é atos de serviço ou dar presentes? Porque qualquer que seja, acho que combina perfeitamente com a minha, que é tempo de qualidade, e por isso…

Não.

Não posso pensar nisso. Por que estou comparando nossas linguagens do amor para ver se somos compatíveis? Não posso fazer isso.

Aaron mentiu para mim. Aaron me enganou. Ele não me ama, mesmo que já tenha tentado dizer isso algumas vezes. Ele só está… só está querendo me atrair para conseguir mais informações sobre Joe.

Repito isso diariamente dentro da minha mente, para em algum momento, eu acreditar.

— Filha, tudo bem? — meu pai pergunta, colocando uma mão no meu joelho. — Você está muito aérea hoje. Aconteceu alguma coisa?

É claro que papai ia perceber que tem algo acontecendo comigo. Além de eu ser bem transparente com minhas emoções, ele me conhece como a palma da mão.

— Tá tudo bem, pai — respondo, lançando um sorriso fraco para ele.

— Lily, minha flor, eu te conheço. Sei que tem alguma coisa acontecendo — Joe afirma, e eu desvio o olhar para a janela, observando a plantação coberta de neve do lado de fora. — É o garoto? Aaron, não é?

Ah, ótimo. Está claro então que ainda estou sofrendo por um coração partido. Será que é visível para todos? Eu caminho pelos corredores da universidade, e todos veem pela minha cara que um cara me iludiu?

— É complicado.

— Ele fez mais alguma coisa? — O tom do meu pai muda, e ele parece preocupado, até com um pouquinho de raiva de Aaron. — Alguma coisa ruim? Lily, você precisa me dizer.

— Não, bem longe disso, na verdade — respondo e decido contar para o meu pai sobre os últimos dias.

Começo pela carona que ele me deu para um compromisso importante — não quis entrar no assunto com ele nesse momento —, vou para as flores que recebo diariamente e as saladas também. Pequenos gestos, mas que fazem toda a diferença. Se eu não estivesse puta para caralho com ele, eu com certeza já teria o recompensado da melhor forma possível.

— Ele parece gostar muito de você, filha — meu pai atesta quando termino de contar, e eu pisco, atônita.

O que foi que ele disse?

— Pai, você sabe que esse é o mesmo garoto que me enganou e me manipulou para eu me apaixonar por ele e dar informações suas, não é?

— Sinceramente, minha flor, eu não acho que ele tenha feito isso — meu pai revela, e eu continuo em estado de choque. — Se ele tivesse seguido esse plano maluco de vingança de Benjamin e te odiasse, ele não estaria passando por tudo isso agora. Além disso, você não me falou que ele acha que você acredita que estou morto? — Joe questiona, e eu anuo com a cabeça. Acho que deixei bem claro para Aaron que acredito que meu pai morreu há alguns anos, quando desapareceu. — Então, Lily, ele está fazendo tudo isso porque te quer de volta, minha flor. Não acho que ele tenha mentido quando disse que se apaixonou por você.

Eu digiro as palavras do meu pai. Depois de tudo que ele passou com essa família, ele acha mesmo que Aaron foi capaz de se apaixonar por mim? Que alguém dos Yoon é capaz de sentir algo bom por outra pessoa?

Eu… eu estou confusa.

— Mesmo depois de tudo, depois da mamãe, depois de… você sabe, *tudo*, você ainda acredita assim no amor, pai?

Joe sorri e se levanta, para se sentar ao meu lado no sofá, pegando minhas duas mãos e colocando sobre seu colo.

— É claro que eu acredito no amor, minha flor. Como não vou acreditar? O amor move o mundo — ele responde simplesmente, abrindo um sorriso. — E esse garoto, Aaron, ele te ama, filha.

Como não vou acreditar nas palavras do meu pai, quando ele diz isso com tanto amor no coração? Depois de tudo que ele passou, com a minha mãe e na época em que ele precisou desaparecer, ele ainda acredita nesse sentimento lindo. Como eu, que não passei por metade das merdas que ele passou por causa desse sentimento, não vou acreditar?

Será que ele também está certo, e Aaron realmente me ama? Porque eu o amo. Pra caramba.

— Você o ama? — ele indaga, quando eu não respondo nada, ainda digerindo tudo que falou.

— Muito, pai — respondo, com lágrimas nos olhos, assim como ele.

Sempre soube que meu lado mais sentimental veio da parte dele da família.

— E… e você acha que ele estaria disposto a nos ajudar a desmascarar o pai? — Joe me pergunta, cautelosamente.

— Eu… eu não sei. Ele não se dá bem com Benjamin, mas não sei se a ponto de traí-lo dessa maneira.

Eu, por exemplo, não me dou nada bem com Lauren, porém não sei se aa ponto de mandá-la para cadeia, como meu pai está insinuando. Eu sei que ele quer terminar o que começou há anos, só que não sei até onde vai a lealdade de Aaron com Benjamin.

— Tudo bem, minha flor — papai responde, fazendo um gesto com a mão para que eu deixe para lá.

— Desculpa, pai. Sei que você quer fazer algo para que nem tudo tenha sido em vão, mas eu não sei se o amor de Aaron por mim é mais forte que o ódio dele pelo pai.

— Não se preocupe com isso, minha flor. Aquilo já passou — ele declara, entretanto, sei que no fundo, ele ainda pensa em colocar Benjamin atrás das grades, depois de tudo. — Vamos assistir um dos seus filmes animados preferidos?

— Você ainda pergunta? Claro que sim!

Enquanto meu pai liga a televisão e procura alguma coisa legal, a conversa continua pairando na minha cabeça.

Aaron me ama mais do que odeia o pai? Ele arriscaria tudo por mim?



No dia seguinte, recebi um arranjo de centaurea e salvia nemorosa. No folclore, jovens homens usavam a centaurea como símbolo de amor. Já a salvia nemorosa é a flor para compaixão e cura. E depois da conversa com meu pai no dia interior, eu não consegui deixar de pensar se a centaurea é realmente isso, um símbolo de amor dele para mim.

Minha resposta veio algumas horas depois, quando encontrei Aaron me esperando na porta da sala da minha aula de Desenho, com uma salada nova em mãos e um uma centaurea pendurada na orelha. Um símbolo de amor. Para mim. Tentei não demonstrar nenhum tipo de emoção quando agradeci pela comida, mas acho que ele percebeu minha vontade de sorrir, porque teve a coragem de deixar um beijo no dorso da minha mão, antes de ir embora.

Como é possível esquecer Aaron Yoon assim?

Passei o resto do dia inteiro pensando nas atitudes dele dos últimos dias e sobre a conversa que tive com meu pai. Se ele, que já sofreu muito, muito mesmo, por amor, ainda acredita nesse lindo sentimento, por que eu não deveria? Ele acredita que Aaron, mesmo sabendo quem é seu pai e o que ele foi ordenado a fazer para descobrir mais informações sobre seu desaparecimento, me ama. Como eu não vou acreditar nisso, se eu, mais do que ele, convivi meses com Aaron e sei do coração gigante que ele tem?

Eu não faço ideia do que fazer. Não tenho mais certeza de nada. Meu coração e meu cérebro estão dizendo a mesma coisa, mas… mas eu ainda estou com medo.

Caramba, minha cabeça está a mil por hora! Uma confusão só!

E eu estou tão distraída com tudo isso, que só percebo quando é tarde demais que um carro está andando na mesma velocidade que eu, na rua ao lado da calçada em que estou. Primeiro, eu entro em pânico, acreditando que vou ser assaltada. No entanto, não dura muito, porque eu reconheço o carro.

O carro de Kiara Lust.

Ah, não. Eu não posso lidar com Aaron agora! Não posso olhar para o rosto lindo dele, quando estou tentando tomar a melhor decisão sobre nós dois!

Eu paro, e o carro faz o mesmo. Irritada, eu dou alguns passos até o meio fio e bato no vidro totalmente preto de insulfilm, e a janela começa a descer.

— AARON! Eu já disse que não pre…

Paro minha frase no meio, porque a pessoa atrás do volante não é Aaron, é Kiara.

Nossa, essa é uma das primeiras vezes que a vejo dirigindo o próprio carro.

— Lily. Entra aí — ela diz, apontando para o banco do passageiro, e eu pisco, atônita. — Ou quer continuar andando até o dormitório nessa neve?

— Não… claro que não — respondo, dando a volta no carro.

Kiara e eu não nos falamos desde a minha briga com Aaron. Eu imagino que ela saiba o que tenha acontecido, então… então por que a carona? Ela não devia estar me odiando? O quanto dessa história será que Aaron contou?

— Eu não vou te morder, Lily. Pode relaxar — ela garante, se divertindo um pouco com a situação.

— Você… você sabe que Aaron e eu brigamos, não é?

— Sim, eu sei de tudo — Kiara diz simplesmente.

Tudo? Tipo… tudo mesmo? Se ela sabe o motivo da nossa briga, ela deve saber de todo o resto também.

— Aaron tem uma irmã — conta Kiara, de repente. — Acho que vocês não tiveram a chance de conversar sobre isso ainda. Ela tem 14 anos, eu acho, e mora em um internato na Suíça, e ele sempre a visita quando dá. Audrey, o nome dela. Ela é… é o mundo inteiro dele. Era. Agora, você também é — ela fala como se não fosse nada, e eu fico sem reação ouvindo tudo isso. — Ele queria te contar dela porque confia em você, e poucas pessoas sabem da existência de Audrey. Para muitos, ela morreu no acidente, e para outros, ela nem existe. E ele estava doido para vocês poderem se conhecer, mas estava dando tempo ao tempo, amaciando o terreno com Audrey, antes de apresentar vocês, mas… mas coisas aconteceram no meio do caminho. — Eu não sei se estou mais surpresa por Kiara estar me contando isso, pelo *o que* ela está me contando ou que ela está falando tantas palavras assim para mim.

"Ele faz de tudo por ela. Tudo mesmo. E ela estar tão longe assim, não é por acaso. Você conhece Benjamin e sabe que ele não é uma boa pessoa. Aaron também sabe disso, e por isso, decidiu que o melhor lugar para Audrey é longe disso tudo. Então, depois do acidente, ele fez uma das escolhas mais difíceis da vida dele e mandou-a para outro continente, bem longe de Benjamin, para deixá-la livre do pai. E… e seria um bom plano, se o pai deles não ameaçasse Aaron com isso sempre. Ele ainda é pai de Audrey, o responsável legal dela. Sempre que Aaron nega qualquer ordem dele, quem leva a punição é a irmã dele. Por isso… por isso ele não nega nada que Benjamin diz. Ele não quer que a pessoa mais importante da sua vida, sofra em seu lugar. Acho que você deveria saber disso."

Eu… eu estou sem palavras. São muitas informações para absorver.

Aaron mencionou a irmã há alguns dias, mas… mas eu não sei. Pareceu surreal demais ela existir, justamente porque ele nunca a mencionou. Contudo, se Kiara está dizendo a verdade, e eu acredito que ela esteja, ele iria me apresentar para Audrey. Só estava esperando o momento certo. Ele confia o suficiente em mim para me contar da irmã mais nova, que poucos sabem que está viva e muito bem na Suíça.

Não só a existência da irmã, como também ele fazer tudo que pode por ela. Se ele já fez muito por mim em poucos meses, imagina o que ele não faz por essa garotinha? E… e eu não duvido que Benjamin ameace punir a própria filha para deixar Aaron na linha, como o próprio bonequinho dele. Se não fosse por isso, Aaron não estaria vivendo sob essas mesmas condições há anos.

Tudo que ele faz para agradar o pai é para proteger a irmã mais nova.

Ele faz tudo por amor.

— Lily? Você está bem? — Kiara pergunta, e eu pisco os olhos, voltando para a realidade. Sinto meu rosto molhado, mesmo não percebendo em que momento as lágrimas começaram a cair.

— Eu… eu não sei o que dizer — digo a verdade e finalmente olho para Kie, que está com os olhos focados na rua nada movimentada à sua frente, porém anui com a cabeça mesmo assim.

— Ele te ama, Lily, e faria de tudo por você. Não há limites para Aaron quando se trata de lhe ter de volta.

Não há limites para Aaron quando se trata de lhe ter de volta.

Será que não tem limites mesmo? Ele está disposto a qualquer coisa por mim? Ele me ama tanto assim?

— Não duvide de você mesma, Lily. Você é uma pessoa incrível, e ele tem sorte de ter se apaixonado por alguém como você — Kiara me assegura, parecendo ler meus pensamentos.

Meu pai diz que ele me ama, mesmo tendo um péssimo histórico com a família dele.

Kiara, melhor amiga de Aaron há anos, diz que ele me ama e ela conhece todas as facetas dele.

E eu continuo duvidando do amor dele por mim? Depois de tudo que ele fez por mim, o que *está* fazendo por mim? Mesmo agora, que eu sei que ele segue todas as ordens do pai por causa da irmã?

Aaron Yoon … Aaron Yoon realmente me ama.

E eu o amo.

Amo-o pra caralho, a ponto do meu coração doer de amor.

E se ele realmente me ama, ele vai me ajudar.

Não penso quando pego meu celular dentro da bolsa, desbloqueio o número dele e envio uma mensagem.

**Eu:** se você realmente me ama, Aaron, preciso de sua ajuda em algo muito importante.



# Aaron Yoon

Eu estou, desde ontem, quando Lily me mandou uma mensagem pedindo ajuda, contando os segundos para vê-la. Não sei o que aconteceu para que ela resolvesse me dar uma segunda chance, mas eu não vou reclamar. Kiara comentou que deu uma carona para minha garota, porém não tenho certeza que foi só uma conversa com minha melhor amiga, que a fez mudar de ideia. Lily Diggory é decidida e não muda sua opinião por ninguém. No máximo, o que elas falaram dentro do carro, foi a última gota d'água, aquilo que a fez ficar totalmente certa em me mandar mensagem.

Quase pulei da janela quando apareceu no visor do meu celular que havia uma nova mensagem de Lily.

Antes de visualizar, no entanto, eu me preparei para o pior. Havia vários motivos para ela estar entrando em contato comigo e muitos deles não eram positivos, para mim. Lily podia ter decidido que iria morar sozinha ou no dormitório do campus, por exemplo, e queria recolher o resto das suas coisas daqui. Ela podia até mesmo estar planejando uma vingança contra mim, por ter a magoado. Sei lá! Eu estava pensando em todos os lados, para não me decepcionar quando lesse a bendita mensagem.

Para minha surpresa, não foi por nenhuma dessas razões malucas que ela quis falar comigo.

**Lily Diggory:** se você realmente me ama, Aaron, preciso de sua ajuda em algo muito importante.

Não me importei se ia parecer um desesperado por responder tão rápido. Não me importei nem em saber no que ela precisava da minha ajuda. Eu só queria uma nova chance com Lily, e aquele era meu momento.

**Eu:** o que você quiser, meu amor.

Eu já fiz tantas coisas ilegais em nome de Benjamin, que nem me importei com nada. Ela podia me pedir para matar alguém ou roubar a joia mais cara da loja, eu faria isso por ela. Eu faria *qualquer* coisa por ela.

**Lily Diggory:** vou amanhã ao seu apartamento às quatro da tarde.

**Lily Diggory:** preciso que esteja sozinho.

Ela nem precisou pedir duas vezes! Se Lily quer me usar apenas como seu brinquinho sexual, eu também não me importo. Se ela está disposta a apenas me dar isso, eu aceito. Eu aceito qualquer mísero pedaço que ela esteja disposta a me dar.

Desde ontem, então, eu estou ansioso para ouvir a campainha tocar e ser a mulher da minha vida do outro lado.

O universo parece me ouvir, porque ouço a campainha tocar e saio correndo em direção à porta principal. Antes de abrir, respiro fundo e dou uma segunda checada no meu cheiro, para ver se meu perfume continua intacto. Quero estar perfeito para Lily Diggory.

Quando finalmente abro a porta e encontro a pessoa mais linda da porra do mundo do outro lado, meu coração bate mais forte, como se quisesse sair do peito.

— Oi, Aaron — ela me cumprimenta com um sorriso fraco, e eu, do jeito emocionado que estou nesses últimos dias, estampo meu melhor sorriso no rosto.

— Oi, Lily — digo, abrindo passagem para que ela entre.

Em silêncio, Lily adentra o apartamento que passamos meses dividindo. Ele não mudou nada desde a última vez em que ela esteve aqui. Eu deixei tudo da forma que ela estava decorando, para quando ela voltasse — porque eu não perdi a esperança, de alguma forma, de ela voltar para mim —, estivesse tudo do jeito que ela deixou.

Lily caminha até a sala de estar e se senta no sofá de dois lugares, deixando sua bolsa no chão, aos seus pés. Sem saber o que fazer, eu apenas fico parado, como um babaca, esperando que ela me dê alguma ordem.

— Você não vai se sentar? — ela pergunta, elevando uma das sobrancelhas e apontando com a cabeça para o lugar livre ao seu lado.

— Hum… claro, claro — respondo, voltando para a realidade e indo ficar perto da minha garota.

Assim que eu me acomodo ao seu lado, sem tocá-la, ela diz as palavras que eu, com certeza não imaginava escutar quando ela marcou esse encontro.

— Me conte sobre Audrey.

Audrey. Minha irmã mais nova Audrey Yoon, agora, Audrey Kim.

Eu tinha comentado rapidamente sobre ela quando tentei explicar o que Joe Diggory fez, mas… mas eu não disse o nome dela. E, além disso, eu acho que Lily acreditava que eu estava mentindo sobre ela.

Então como…

— Kiara me contou — ela completa rapidamente, e eu aceno com a cabeça.

É claro que eu estava pensando em apresentar, por chamada de vídeo, Lily e Audrey, então, tecnicamente, não tem nenhum problema nela saber da existência da minha irmã, mas… mas eu queria ter sido a pessoa a contar.

— Ela tem 14 anos e é a pessoa mais especial da minha vida — começo, sorrindo instantemente quando falo dela. — *Uma das* pessoas mais especiais da minha vida — corrijo, olhando de soslaio para Lily, que sorri fraco para mim. — Ela estava no carro quando minha mãe sofreu o acidente, e foi o estopim para que eu a quisesse o mais longe possível desse mundo da família Yoon. Por isso, ela está no internato desde que saiu do hospital, há anos. Ela nunca mais pisou nos Estados Unidos, mas sempre que consigo, vou visitá-la. — Inclusive, já está chegando a época de vê-la. — Eu ia apresentar vocês, eu juro que ia, mas… mas você sabe o que aconteceu. — Lily assente e cobre minha mão com a sua, me incentivando a continuar falando. — Eu acho que você ia gostar muito dela. Audrey é divertida, engraçada e alegre. Não sei como ela pode ser assim, depois de tudo, mas ela é. Ela vê bondade em todos. Ela é uma leitora assídua. E ela… ela está tendo uma vida muito melhor na Suíça, do que aqui. Por mais que eu sinta falta dela todos os dias, sei que ela está muito melhor lá. Onde meu pai não pode alcançá-la. Não fisicamente, pelo menos.

— Mas, mesmo assim, seu pai ameaça fazer mal à Audrey se você não obedecê-lo, não é? — Lily me pergunta cautelosamente, e eu franzo as sobrancelhas. Como ela sabe disso também?

Só tem uma resposta para isso.

— Kiara — respondemos em uníssono e damos uma risada quando isso acontece.

Para alguém tão reservada e introspectiva, Kiara está muito fofoqueira.

— Sim. Ele não pode pôr as mãos nela, mas consegue deixar a vida dela lá um inferno, já que ainda é o pai. E ele usa isso para me fazer realizar qualquer trabalho que eu me negue. — *Como tirar informações sobre seu pai de você*, quero dizer, porém acho que ela já entendeu isso.

— Ele é uma pessoa horrível, Aaron. Ameaçar machucar a própria filha? — ela questiona, retoricamente, e balança a cabeça, incrédula. — Baixo, muito baixo.

— Eu queria que ele estivesse no carro do acidente. Queria que ele tivesse morrido, não a minha mãe — confesso, e é estranho falar isso em voz alta pela primeira vez. Eu penso nisso desde que aconteceu, entretanto nunca disse para ninguém.

— Aaron… — Lily sopra meu nome, e sua voz sai um pouco embargada.

— Eu sei que é uma coisa horrível de se dizer, mas é a verdade. Nossa vida seria muito mais fácil se ele tivesse morrido, e não a minha mãe.

Se Adele Yoon estivesse aqui, tudo seria muito melhor. Nós moraríamos juntos, até mesmo Audrey, e seríamos uma família muito mais feliz sem Benjamin. Ela provavelmente herdaria o restaurante deles e daria uma baita repaginada, deixando um ambiente muito mais familiar do que comercial. Íamos comemorar o Ano Novo Lunar com as outras famílias coreanas de Schönilla lá e também fazer as festas de aniversário da minha irmã.

A vida seria perfeita.

— É uma coisa horrível de se dizer, mas você não tem culpa de pensar assim, Aaron. Benjamin é um dos piores seres humanos que já conheci, e tenho certeza que sua mãe era uma pessoa muito, muito melhor do que ele. Eu adoraria tê-la conhecido — Lily fala depois de um tempo, entrelaçando o braço no meu e deitando a cabeça no meu ombro.

— Ela teria te amado, meu amor — digo, deixando um beijo no alto da sua cabeça.

Ficamos alguns segundos assim, apenas aproveitando a companhia e o toque um do outro. Eu estou prestes a quebrar o encanto e perguntar o motivo de ela ter vindo aqui, quando Lily faz isso primeiro.

Ela se afasta de mim e tira o celular da bolsa, parecendo um pouco nervosa.

— Eu preciso te contar uma coisa, e você tem que me prometer que não vai surtar — ela pede, e eu sinto algo estranho no ar.

— Eu não vou gostar do que você vai me contar? — pergunto, já desconfiado, imaginando o pior.

Ela está com o outro.

Ela vai se transferir de faculdade.

Ela…

— Meu pai está vivo — ela revela, e eu acho que não ouvi certo. Não, não pode ser. — Ele desapareceu há alguns anos e vem se escondendo durante todo esse tempo. Nós nos encontramos algumas vezes por mês desde então, e só eu sei disso. Minha mãe acredita mesmo que ele tenha morrido, e meus avós, pais dele, morreram há algum tempo, e… e eu sou a única que sabia. Até agora. Mas eu juro, *juro*, que não fazia ideia dessa história de acidente! Ele me contou depois que brigamos, e eu descobri tudo, e é claro que eu precisei perguntar para ele o que tinha acontecido, e ele me contou com detalhes sobre…

— Lily — falo, firme, e ela para de falar na mesma hora. — Calma. Só… só um minuto. Você me deu muitas informações, e eu não estou conseguindo processá-las. — Ela assente e permanece em silêncio.

Joe Diggory está vivo.

Benjamin estava certo esse tempo, e o cara está mesmo vivo, se escondendo. E… se encontrando com a filha? E ela não sabia de nada, até descobrir do plano que meu pai e eu criamos para vingar a morte da minha mãe?

Isso… isso é tudo muito confuso.

— Seu pai está vivo — repito as palavras dela lentamente, para ver se absorvi tudo certo. — E você está se encontrando com ele secretamente há anos — continuo, e ela assente mais uma vez. — E você diz que não sabia de nada do que aconteceu, em relação ao acidente, até ouvir minha conversa com Benjamin.

— Eu juro pela vida do meu pai, Aaron, que eu não fazia ideia de nada. Eu sabia que tinha acontecido alguma merda muito grande para ele estar vivendo às escondidas, mas ele nunca me contou, de fato, o motivo disso.

— Eu acredito em você — declaro, sem rodeios.

— Eu sei que tudo isso é uma lou… *o que?* Você acredita em mim?

— Eu acredito em você, meu amor — repito, abrindo um sorriso para ela.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu com certeza não acreditaria nessa história louca. No entanto, é Lily. Lily, a mulher da minha vida. Uma das pessoas que mais amo no mundo e que tem meu coração na mão. Como não vou acreditar nela?

— Aaron… eu me sinto uma pessoa horrível agora — ela resmunga, cruzando os braços, emburrada. — Eu não acreditei em você. Fiquei dias sem falar com você, porque achei que você estava mentindo, e… e você acredita em mim assim. Eu nem precisei me humilhar para isso.

— Você estava planejando se humilhar para me fazer acreditar em você? — pergunto, me divertindo, e ela me empurra com o ombro.

— Não vai mais acontecer, palhaço!

Nós dois rimos, e parece que nada mudou entre a gente. Somos os mesmos Aaron e Lily de antes.

— Tem mais uma coisa — ela anuncia, quando as risadas cessam.

— O que foi?

Lily não responde, porém pega seu celular e… e liga para alguém por chamada de vídeo? O que? O que é tão importante que ela vai fazer uma…

Me calo no momento em que a pessoa atende. E essa pessoa é ninguém mais, ninguém menos que Joe Digory.

O cara que matou minha mãe.

— Oi, pai — ela cumprimenta o assassino, com um sorriso doce no rosto.

— Oi, minha flor. — Só de ouvir a voz dele, tenho vontade de atravessar a tela desse celular e estrangulá-lo.

— Quero que você conheça uma pessoa — ela diz, virando a câmera na minha direção.

Que porra essa garota está fazendo?

— Lily… — falo seu nome em tom de aviso, e ela volta a entrelaçar o braço no meu.

— Olá, Aaron. Acho que precisamos conversar — o filho da puta diz, como se não tivéssemos um passado. Como se ele não tivesse assassinado a minha mãe. Como se fosse inocente.

— Sobre o que? O assassinato da minha mãe? Aquela que *você* matou? — retruco, tentando me desvencilhar de Lily, só que ela não deixa, me segurando firme.

— Aaron, você precisa ouvir o que ele tem a dizer. Não é nada disso que você está pensando — Lily argumenta, mas dessa vez, não consigo acreditar nela.

— A história que seu pai te contou, Aaron, não é o que aconteceu de verdade — Joe Diggory, responsável pela minha vida ter sido um inferno nos últimos anos, profere, e eu fico com ainda mais raiva.

— Não acredito em você — respondo simplesmente e estou preparado para me afastar dessa merda de conversa, quando o pai de Lily mostra uma… uma carta, eu acho, do outro lado da tela.

— Essa é uma das cartas que sua mãe me mandou, Aaron. — *Carta? Uma das? O que?* — Ela mandou várias para o meu escritório na polícia, desabafando sobre sua vida, porque éramos amigos.

*Isso* me chama atenção.

— Nessa, em específico, ela conta como estava sendo difícil lidar com sua fase adolescente, que você só pensava em sair para festas, e que te pegou algumas vezes com cheiro de maconha nas roupas, que você insistia em dizer ser das pessoas da sua classe. E mesmo você estando em uma das piores fases, ela ainda te amava imensamente e sempre que conseguia, assistia seus filmes favoritos de super-herói com você, tomando Sikhye e comendo pipoca salgada com cobertura de chocolate.

Não… não pode ser.

Como ele sabe disso?

Joe Diggory está mesmo dizendo a verdade. Ele conheceu minha mãe, e aparentemente, eles trocavam cartas. Então…

— Se vocês eram amigos, porque a matou? — pergunto de uma vez, tentando juntar as peças desse quebra-cabeça.

Ele suspira, antes de começar a falar de novo.

— Sua mãe me procurou naquele mesmo ano em que tudo aconteceu. Ela foi até o departamento de polícia de Millsh, alegando que seu marido estava envolvido em uma organização criminosa, onde tráfico de drogas, armas e corrupção, aconteciam. Ela disse que podia me entregar todas as provas desses esquemas, que só queria se livrar dele o mais rápido possível. Adele… ela me mostrou um hematoma em seu tronco, nas costelas, fruto de um empurrão de Benjamin, seu marido. Não foi a primeira vez que ele a agrediu, mas ela decidiu que seria a última. Ela não podia continuar com os filhos naquela casa, mas apenas fugir não era suficiente. Ela precisava acabar com Benjamin Yoon.

"Nós então começamos a trocar cartas e algumas ligações. Em todas elas, Adele me contava sobre novas informações de tudo em que o marido estava envolvido. Ela queria acabar não só com ele, como também com tudo que a família dele tinha construído em todos esses anos morando nos Estados Unidos. E no meio de toda essa investigação, nós acabamos nos apaixonando. Os encontros às escondidas, as ligações e as cartas começaram a se tornar pessoais também. E… e ela sabia que eu estava em uma situação delicada com Lauren, minha esposa na época. Nós combinamos que… que se tudo desse certo e Benjamin fosse preso, eu me separaria da minha mulher, e moraríamos juntos com as nossas crianças. Eu amei muito, muito, a sua mãe, Aaron. Ela foi a mulher da minha vida, pelo curto espaço de tempo que tivemos juntos. No entanto, o amor não é a resposta para tudo, e nosso plano não se concretizou.

"Na noite do acidente, ela me ligou dizendo que Benjamin tinha descoberto tudo. Sobre nossas ligações, cartas e nossos sentimentos um pelo outro. Ela estava dirigindo para o departamento de polícia quando… quando houve a batida. Ela queria deixar Audrey segura comigo, para depois, voltar e te buscar também. Adele também estava com as últimas provas para detonarmos com toda a organização de Benjamin. Tudo que faltava para nós o colocarmos atrás das grades. Mas… bem, você sabe qual foi o destino dela. Ela não sobreviveu ao fatídico acidente, e todos os papéis que precisávamos, foram misteriosamente roubados da cena do crime. E… e a polícia soube, assim que chegou, que foi um acidente intencional. Seu pai, Aaron, mandou os próprios homens matarem a mulher. Ele só não sabia que sua irmã mais nova estaria junto quando aconteceu, mas como ela era uma criança, acreditaram que ela não fazia ideia do que realmente tinha acontecido. Unindo o útil ao agradável, Benjamin ordenou aos seus homens, uma caçada a mim, alegando que eu tinha matado sua família, e por isso, eu tive que forjar um desaparecimento. Para os homens do seu pai não me acharem."

Mamãe estava armando contra meu pai, porque queria não só destruí-lo, mas também dar uma vida melhor para mim e Audrey, longe de tudo isso. Porque Benjamin a agredia.

Ela se apaixonou pelo policial, pai de Lily. O plano deles deu errado, porque meu pai descobriu tudo e mandou matar a própria esposa, para que ela não conseguisse executar seu plano.

Adele Yoon estava apaixonada por Joe Diggory. Eles queriam formar uma família. E meu pai tirou isso dela.

Uau.

A história que Benjamin me contou é bem diferente, claro, porque em sua versão, ele é o mocinho. Porém, observando os detalhes de ambas as versões, tudo se encaixa perfeitamente. As ligações que meu pai disse que tinham acontecido, mas alegou serem de um traidor entre nós. O acidente intencional. A polícia querendo destruir toda a sua organização. Ele só distorceu a história para beneficiá-lo e me ter, junto dos seus homens, ao seu lado. Se eu ou seus funcionários descobríssemos que ele teve coragem de matar a própria esposa, imagina o que ele poderia fazer conosco? Não, ele não podia fazer isso. Precisávamos confiar nele, e ele conseguiu isso.

Tudo faz sentido.

Tudo… tudo isso é muita informação para mim. Eu sinto que meu mundo inteiro virou de cabeça para baixo do dia para noite.

— Queremos sua ajuda para derrubar todo o esquema do seu pai, Aaron — Lily diz, depois de alguns minutos em silêncio para eu conseguir digerir tudo. — Queremos terminar o que sua mãe começou.

— Eu… eu preciso pensar, Lili. É muita informação, e eu…

— Pai, vou desligar, tudo bem? — ela me interrompe, falando com Joe do outro lado da tela, e ele assente.

— Cuida bem da minha menina, Aaron — é a última coisa que ele diz, antes de encerrar a ligação.

Minha mãe armando contra meu pai para acabar com a organização, junto do pai de Lily, que até ontem, eu achava ser o assassino dela.

— Eu acho melhor eu ir embora, e você pensar um pouco — Lily fala, já recolhendo suas coisas.

— É só que… é muita informação, Lily. Tudo em que eu acreditei durante anos é uma mentira, e eu… eu não sei como lidar com tudo isso — admito, sem vergonha de falar a verdade para ela.

— Tudo bem, Aaron. Eu sei que você vai fazer a coisa certa — ela responde, e para minha completa surpresa, deposita um beijo na minha bochecha antes de levantar.

Ela então se levanta e sai pela porta principal, me deixando sozinho no nosso apartamento, repensando toda minha vida.



# Aaron Yoon

Já faz algumas horas que Lily saiu daqui, e eu continuo imóvel no mesmo lugar, sem saber o que fazer. Eu já consegui digerir todas as informações, mesmo assim, tudo ainda é muito novo e louco para mim.

Como assim, minha mãe estava tramando contra o meu pai, para fugir dele? Pelo menos, ela sempre esteve ciente de que apenas nos levar embora não adiantaria. Ele colocaria o mundo de cabeça para baixo, antes de desistir de nos achar. Ninguém foge de Benjamin Yoon ileso. Nem sua própria família.

E ela estava trabalhando com a polícia de Millsh para fazer isso. Aqui, mais uma vez, ela foi esperta. O departamento de polícia de Schönilla é totalmente comprado pelas pessoas com maior poder na cidade, incluindo nossa família. Ela sabia que se fosse até lá, estaria ferrada. Não só eles não a ajudariam, como seu marido saberia de tudo no mesmo momento.

E durante a investigação com Joe Diggory — a pessoa que até ontem eu acreditava ser o assassino dela —, eles se apaixonaram perdidamente. Não sei se eles chegaram a trair, fisicamente pelo menos, os cônjuges, porém estavam planejando fugir com os três filhos para bem longe. Bem, vendo por um lado positivo, se desse certo, meu caminho e o de Lily se cruzariam de qualquer forma. Será que essas outras versões nossas também se apaixonariam um pelo outro?

Ok, isso não é tão importante agora.

O importante, nesse momento, é que Benjamin Yoon foi o mandante do assassinato de Adele Yoon, sua própria esposa. Porra! Que tipo de homem doente faz isso? Eu acredito que ele não imaginava que Audrey estaria junto, mas… mas não deixa de ser uma atitude doente e filha da puta. Ele fez com que minha mãe se calasse, para ela não revelar o que acontece por trás dessa organização suja.

Porra, se eu já queria matar Benjamin por tudo que nos fez passar antes, agora eu quero mais ainda!

Eu… eu só quero quebrar alguma coisa. Preciso quebrar alguma coisa.

Decidido a fazer isso, me levanto de supetão e vou à procura de algo sem valor pelo apartamento para jogar contra uma parede. Qualquer coisa. Só preciso extravasar minha raiva, e como Cameron está com Stella hoje, não posso contar com ele para algumas horinhas no ringue.

Cameron Parker.

Se o plano da minha mãe tivesse dado certo, Cameron, meu melhor amigo, não seria mais propriedade de Benjamin e estaria livre. Caramba, ele e Stella não teriam tido a porra de um termino horrível e continuariam vivendo seu conto de fadas! Cam não merece estar enfiado até o talo nessa merda. Não merece.

Benjamin, além de tirar a vida da minha mãe, tirou a esperança de algo melhor de todas as pessoas ao seu redor. De Audrey. De mim. De Cameron. E de todos os inocentes ao longo dos anos que foram mortos pelas mãos dele, por não saberem mais informações que ele queria sobre terceiros. Até mesmo os acidentes de carro na porra da rodovia que está há anos em obra, para o desvio de dinheiro, são culpa de Benjamin. Ele financia e ajuda isso a acontecer. Indiretamente, ele é o problema na vida de todos.

Eu preciso falar para Lily que estou dentro. Que quero acabar com todos os negócios de Benjamin e colocá-lo atrás das grades pelo que fez, não só a minha família, mas com as várias famílias por aí. Por todas as vidas que ele tirou, todo dinheiro desviado e todas as pessoas que já sofreram da sua ira.

Estou prestes a fazer isso, pegando meu celular na bancada da cozinha, quando o aparelho começa a vibrar, indicando uma ligação.

Audrey Yoon.

Atendo no primeiro toque.

— E aí — cumprimento, assim que o rosto da minha irmãzinha aparece na tela.

— Aaron! Finalmente! Parece que faz meses que não nos falamos — ela reclama, colocando uma pitada de drama na situação. Uma atriz nata.

— Audrey, nos falamos anteontem — relembro, e ela revira os olhos, dando de ombros.

— Mas não ontem. E eu preciso falar com você todos os dias, para manter minha sanidade mental.

Sanidade mental? Do que essa garota está falando?

— Cadê a sua namorada? Já posso conhecê-la? Faz semanas que você diz que isso vai acontecer e está adiando esse encontro, Aaron — Audrey reclama, mudando totalmente de assunto, e me olha com raiva.

Há algum tempo que venho conversando com Audrey, amaciando o terreno para o dia em que ela conhecer Lily Diggory. Eu tentei dizer que ela era uma amiga muito especial, mas, fala sério. Minha irmã tem 14 anos e não caiu nessa de *amiga.* Então, há algum tempo, eu venho preparando minha irmã mais nova para conhecer minha namorada. Ela não sabe direito da nossa briga, acha que só discutimos, e por isso, ainda não as apresentei. No entanto agora, que tudo parece estar caminhando para o lado certo, é outra história.

— Em breve, Audrey. Nós… nós estaremos meio ocupados com algo nos próximos dias, mas assim que isso passar, vou fazer uma chamada de vídeo para vocês se conhecerem — garanto, e dessa vez, eu realmente acredito que isso possa ter chances de acontecer.

— Não acredito mais em você — ela afirma, cruzando os braços. — Você já está me iludindo há semanas, e nada de Lily.

Merda.

— Assim que as provas da faculdade terminarem, eu prometo que vocês vão se conhecer. — Não é uma desculpa ruim, já que muito em breve vamos entrar em recesso para as festas de fim de ano.

Audrey pondera durante alguns segundos e finalmente diz:

— Tá bom, mas essa é sua última chance — avisa, apontando o indicador na minha direção, e eu sorrio.

Se tudo der certo, eu posso trazer Audrey de volta para os Estados Unidos e me tornar o guardião legal dela. Porra. Finalmente!

— Você vai conseguir vir na semana entre o Natal e o Ano novo, não é? — ela pergunta, mais uma vez, mudando totalmente o assunto.

— Eu… eu acho que sim. Só preciso resolver uns assuntos antes. — *Traduzindo, preciso colocar nosso pai na cadeia antes.*

— Ufa! Se você me perguntar de novo, não vou admitir, mas… mas estou com muitas saudades de você, Aaron.

— Eu também estou, meu amor. Muitas saudades. Não vejo a hora de te ver.

Tomara que tudo isso dê certo, e eu consiga voltar a ter contato com minha irmã todos os dias. A falta que ela faz… é imensurável.

Audrey e eu continuamos conversando durante um bom tempo. Ela me atualiza sobre os últimos acontecimentos do internato e me conta que, na próxima semana, vai ter um baile de inverno em homenagem às formandas do próximo ano, e ela iria com as amigas na cidade, procurar um vestido. Os bailes de inverno, de acordo com ela, são um dos melhores da instituição, e ela falou com os olhinhos brilhando de animação para esse dia.

Depois de me atualizar também sobre seus últimos livros lidos, nós desligamos, porque já é bem tarde na Suíça, por causa do fuso horário.

Não guardo o celular assim que encerro a chamada, porque preciso fazer uma última coisa.

Abro na conversa com Lily e digito algo que estava me corroendo para falar.

**Eu:** estou dentro. Vamos colocar Benjamin atrás das grades.



*Lily Diggory*

Quando Aaron estiver pronto, ele vai entrar em contato comigo.

Foi o que eu repeti para mim mesma, desde que saí do nosso apartamento.

Apartamento *dele*, cérebro. Nós não moramos mais juntos. Há algumas semanas, estou ficando no dormitório das meninas em segredo — já que é proibido — e eu ainda não me desacostumei a chamar meu antigo apartamento de casa. Para alguém que jurou que isso nunca ia acontecer, eu estou demorando muito para me acostumar com a ideia de que não moro mais lá.

Enfim. Eu vou espera-lo processar todas as informações. É muita coisa para apenas algumas horas. Eu mesma, quando meu pai me contou a verdade, fiquei atordoada. Aaron não só descobriu que meu pai, o cara que ele jurou vingança há anos, está mesmo vivo, mas que ele, na verdade, não foi o assassino da sua mãe, e sim, seu próprio pai. Além disso, Joe e Adele se apaixonaram enquanto criavam uma forma de acabar com o império de Benjamin. Eles até mesmo planejaram fugir e nos levar junto para um lugar muito distante! Quais as chances de isso acontecer? Quais as chances do meu encontro com Aaron estar predestinado em mais de uma realidade? Poucas, poucas chances mesmo. O que eu tirei disso, é que não importa se o plano dos nossos pais ia ou não dar certo, nossos destinos se cruzaram. Louco, né? Parece que a lenda chinesa do laço vermelho conectado nos mindinhos de duas pessoas, quando elas são destinadas uma à outra, não é tão lenda assim. Acredito, do fundo do meu coração, que esse seja o nosso caso.

Ele acreditou em mim sem eu nem precisar fazer um estardalhaço para isso! Eu fui preparada para provar cada coisa dita e não precisei usar nenhuma carta na manga. Aaron acreditou em mim. Ele confia o bastante em mim para isso.

Caramba, como eu acreditei que esse homem não me amava de verdade? Estou mais do que certa que nosso amor é real e recíproco, e só eu não enxergava isso antes.

E agora é hora de deixar o amor da minha vida — porque é isso que ele é — de lado e focar na minha amiga, Ava Sinclair.

Hoje, finalmente aconteceu a apresentação do recital de inverno da academia de dança da SU. Stella e eu viemos prestigiar nossa amiga, e honestamente, não só porque é minha amiga… Ava foi a melhor dançarina que pisou no palco.

Na dança em grupo, ela foi a que mais se destacou. Não consegui prestar atenção em mais ninguém além dela, no palco. Seus movimentos foram leves, precisos e muito bem executados. Ela deu vida à dança, podíamos sentir sua paixão pela arte mesmo da plateia, e por isso, para mim, foi a melhor dançarina do grupo.

No seu solo, então, ela estava espetacular! Dando vida a um sonho de Don Quixote, de sua amada Dulcinéia, Ava interpretou o Cupido e cumpriu muito, muito bem, o seu papel. Ela deixou todos os espectadores de queixos caídos com sua variação desse ballet. Mais uma vez, Ava provou que é a melhor dançarina da academia de dança.

Depois de aplaudirmos de pé nossa amiga, Stella e eu estamos a esperando do lado de fora do Teatro, prontas para parabenizá-la pelo excelente trabalho. Ela arrasou demais!

E depois de muitos minutos congelantes no quase inverno de Schönilla, finalmente vemos Ava vindo até nós.

— Amiga, aqui! — Stella exclama, balançando a mão no alto para que ela não se perca no meio da multidão.

Enquanto caminha até nós, ela é parada por várias pessoas, que parecem estar proferindo elogios sobre sua performance. Tem como não ter notado quão fabulosa ela estava? Não, não tem.

— AVA! Você estava maravilhosa no palco! — Stella grita, correndo para abraçar nossa amiga, quando ela já está a alguns passos de nós.

— Obrigada, Stella — ela agradece, com um sorriso muito feliz estampado em seu rosto.

— Você arrasou, amiga! Não consegui tirar os olhos de você — digo, quando é minha vez de abraçá-la.

— Obrigada, Lily. Obrigada, mais uma vez, por terem vindo, meninas — ela fala, parecendo… triste, e seus olhos vagueiam pela multidão como se estivessem procurando por alguém.

Provavelmente, seus pais.

Ela comentou que eles não poderiam vir para o recital, porém não entrou em detalhes. Eu acredito que foi um vacilo da parte deles. A filha de vocês está há meses longe de casa, avisa com antecedência sobre a apresentação, e mesmo assim, não conseguem comparecer? Era o mínimo a se fazer!

Estou prestes a puxar Ava para mais um abraço, quando sua expressão de chateação se desmancha, e um sorriso ainda mais alegre surge em seus lábios.

Sigo para onde seus olhos estão encarando fixamente e espero encontrar alguém da sua família, mas não.

Eu vejo Kiara Lust vindo em nossa direção com a porra de um buquê gigante de rosas vermelhas.

— Você estava incrível lá em cima, Ava — ela fala para nossa amiga, e vejo a sombra de um sorriso em seu rosto.

O que?

Olho de soslaio para Stella, que está observando a cena tão curiosa e chocada como eu.

— Obrigada por ter vindo, Kie. E pelas flores. Elas são lindas — responde Ava, com um olhar… apaixonado para a dona da boate mais famosa da cidade.

Olhar apaixonado.

— Kiara! Oi! Não sabia que você tinha vindo ver a apresentação também — Stella comenta, e as duas se tocam que não estão sozinhas.

— Oi, Stella. Não somos amigas para que eu te conte onde vou ou deixo de ir — Kiara retruca, ácida como sempre.

Essa é a Kiara que eu conheço.

A Kiara que traz flores e fala carinhosamente com outra pessoa… nunca vi.

— Parece que o tratamento especial é só para Ava mesmo — Stella murmura para mim, só que alto o suficiente para que Kiara escute.

— Se quer dizer alguma coisa, Stella, pode dizer na minha cara — Kie rebate mais uma vez, e Stella levanta as mãos, em sinal de inocência.

Coitado do Cameron, que tem que aturar as duas.

— O que vamos fazer agora? — pergunta Stella, entrando em um assunto neutro.

Rio da reação de Stella e pego meu celular no bolso, pronta para chamar um táxi. Não sei se vamos para casa ou para um restaurante, porém é minha vez de pagar. Entretanto, antes de entrar no aplicativo de carros, eu encontro uma mensagem não lida de Aaron, e é tudo que eu precisava ler nessa noite.

**Aaron Yoon:** estou dentro. Vamos colocar Benjamin atrás das grades.

Nem penso duas vezes para respondê-lo.

**Eu:** amanhã, vamos nos encontrar com meu pai e planejar tudo para levar o império de Benjamin abaixo.



# Aaron Yoon

Desde ontem à noite, quando contei à Lily que queria, agora sim, vingar a morte da minha mãe de maneira certa, sabendo o verdadeiro culpado, tudo está uma loucura. Benjamin Yoon não ia só pagar por ter assassinado a mãe dos seus filhos, *sua esposa,* mas por todos os crimes que sua família — *minha* família — vem cometendo ao longo dos anos. A justiça vai ser feita.

Joe Diggory conseguiu entrar em contato, em menos de 24 horas, com antigos amigos da delegacia de Millsh e também com alguns colegas que fez ao longo dos anos, resolvendo casos como detetive. Pelo que Lily disse, ele teve que colocar a mão no fogo por essas pessoas. Para elas toparem ajudar, ele teve que contar toda a história, mesmo com a possibilidade de dizerem não e ainda o incriminarem por, tecnicamente, forjar a própria morte. Na situação, ele não pôde mais ser cauteloso. Por mais que ele confiasse nessas pessoas há anos, tudo podia ter mudado nos últimos tempos.

Felizmente, não foi isso que aconteceu.

Todos concordaram em colocar Benjamin Yoon atrás das grades. Muitos já desconfiavam dos seus esquemas e envolvimentos em vários projetos de corrupção, homicídio e tortura, mas nunca conseguiram provas suficientes para incrimina-lo, justamente pela polícia de Schönilla o preservar.

Não mais.

A fim de terminar o que minha mãe começou, eu roubaria todas as provas necessárias para conseguirmos categoriza-lo como um criminoso. Daqueles grandes. E todos seus homens mais próximos, vão embora nessa também. Vou deixar de fora, apenas aqueles que entraram por acaso na organização e não puderam mais sair, como Cameron Parker. Os outros, escolheram estar ali. Escolhem estar lá todos os dias. E, finalmente, vou libertar essas pessoas.

E para planejarmos como tudo vai acontecer, precisávamos de uma reunião com todas as pessoas envolvidas, e por isso, cá estamos nós, na cabana mais longe da civilização que já coloquei os pés. É onde Joe está escondido há alguns meses, desde que descobrimos sua antiga cabana perto da cidade. Eu sugeri meu apartamento, porém depois, concordamos que seria uma localização muito óbvia e havia chances de Benjamin surgir a qualquer momento lá.

Senti pena de Joe imediatamente após chegar aqui, junto de Lily, antes de todo mundo, e o aroma delicioso de cocô de cavalo preencher o ar da casa e minhas narinas. Porra, morar aqui durante meses? Esse cara é um herói!

E por ser um, sua filha também é uma heroína e acendeu algumas velas aromáticas assim que chegamos, para despistar o cheiro horroroso. Mesmo já fazendo algumas horas disso, e todos estarmos reunidos, discutindo os detalhes da investigação, meu foco está totalmente no cheiro de marshmallow e baunilha no ar.

Onde ela acha essas porras tão gostosas?

— Você tem certeza que tem acesso livre ao escritório dele? — uma das mulheres, que não me lembro o nome, mas sei que estudou com Joe na academia e agora é xerife de uma pequena cidade praiana, me pergunta, e eu volto para a realidade.

— Sim. Só vou checar quando ele não estiver lá e dizer para o segurança que ele esqueceu de alguma coisa. Ele já me conhece e vai me deixar subir, só não posso demorar muito — respondo, e todos assentem.

Qualquer um dos seguranças que estiver de serviço no dia vai estranhar se eu demorar muito tempo lá em cima. Meu pai não me deixaria buscar algo tão escondido que demande tempo para achar sozinho, e eles sabem disso.

Vou precisar ser rápido.

— Marshall vai te passar todos os documentos essenciais para que a prisão seja declarada — ela afirma, apontando para um cara atrás dela, que já está anotando tudo em sua prancheta.

— A prisão não pode acontecer no restaurante — informo, e todos olham um pouco confusos para mim. Eu já contei tudo para eles, como aconselhado por Joe, e eles estão a par de todos os esquemas e localizações que meu pai usa, como a fachada do restaurante da família. — Ele vai ver a polícia chegando e vai fugir.

— E levar consigo tudo que possa incriminá-lo, já que possivelmente, o garoto não vai pegar tudo — outro policial, esse de farda, porque saiu há pouco tempo do plantão, completa minha fala, e eu concordo.

— Precisamos de outro local para fazer a prisão — Joe atesta, e nos entreolhamos.

Para onde meu pai pode ser atraído, sem desconfiar de alguma coisa?

Meu apartamento não dá, porque seria estranho convidá-lo para lá, já que nunca fiz isso antes. Além disso, até a polícia chegar — já que só podem subir pelo prédio, depois que ele já estiver comigo —, ele pode já ter descoberto que há algo de errado e tentar fugir. Eu não vou conseguir detê-lo sozinho.

Então… onde mais?

A Lust é uma boa opção, mas preciso falar com Kiara antes e…

— Por que não fazemos aqui? — Lily sugere, de repente, nos pegando de surpresa. Ela ficou calada a maior parte da reunião, o que é estranho para alguém tão tagarela como ela. — Aaron diz para o pai que eu confessei saber que você está se escondendo aqui, eles vêm juntos e… e o resto vocês já sabem. Todos vocês já vão estar posicionados aqui e… *bum!* Prisão. E, enquanto isso, alguns podem estar no restaurante, preparados para entrar quando Benjamin for algemado aqui, porque assim, ninguém vai ter tempo de recolher nada do seu escritório, e vamos ter tudo que precisamos para deixá-lo um bom tempo atrás das grades.

Isso é… é genial. E tem muitas chances de dar certo. Eu me dou conta disso ao mesmo tempo que o resto dos amigos de Joe, que começam a conversar entre si e planejar os mínimos detalhes desse plano.

Porra, Lily! Ela é realmente a mulher da minha vida. Todas suas ações me dizem isso, principalmente agora, que estamos trabalhando juntos para vingar a morte da minha mãe.

— Tem grandes chances de dar certo, filha. Você mandou muito bem — Joe elogia a filha e se levanta da poltrona ao lado do sofá em que estamos, para ajudar o resto das pessoas.

Quando ele já está longe e concentrado, eu passo um braço pelos ombros dela e me aproximo, para sussurrar algo no seu ouvido.

— Você é espetacular, meu amor.

Ela vira a cabeça para mim, com um sorriso estampado no rosto e corada.

Eu amo vê-la sorrindo, porém, gosto ainda mais quando é para mim.

— Posso ir no apartamento hoje, depois daqui, com você? — ela pergunta, de repente, e eu fico surpreso. Não esperava isso. Será que isso é um convite discreto para…

— Pegar algumas coisas que deixei por lá, Aaron. Não seja um pervertido — ela completa, antes que meus pensamentos viagem exatamente por esse lado, entretanto não deixo de notar que seu sorriso muda para aquele… malicioso, que ela sempre me lança quando quer me ver entre suas pernas.

Nós ainda não conversamos sobre como está nossa relação depois desse turbilhão de acontecimentos e sentimentos, contudo, pelo convite e o sorriso de Lily, eu acredito que vou descobrir mais tarde em que pé está nosso relacionamento.



O caminho para o apartamento, depois de deixar tudo minuciosamente organizado para o grande dia, foi silencioso. Como eu estava de moto, realmente é mais difícil conversar, mas não impossível. E Lily escolheu ficar calada todo o percurso. Porém, ter seus braços ao redor da minha cintura no começo da noite, com o vento frio de fim de outono tocando meu rosto… não tem nada igual. Senti muita falta de tê-la colada assim em mim.

É apenas quando descemos da moto no estacionamento, que ela resolve falar algo.

— Desculpe não ter te perdoado antes — ela diz, me surpreendo por esse pedido. — Eu… eu devia ter te escutado no dia em que ouvi a conversa com seu pai e falado com o meu antes. Se eu soubesse de tudo, teríamos evitado essa situação chata entre nós, que durou muito mais que o necessário.

— Lily, eu que deveria ter te contado todos os planos ridículos de vingança de Benjamin antes. Assim que eu percebi estar apaixonado por você, deveria ter revelado tudo — retruco, assim que paramos em frente às portas do elevador, esperando-o chegar.

Ela sorri com a minha fala e pergunta:

— E quando você soube que estava apaixonado por mim?

— Sinceramente? Acho que me apaixonei no dia em que nos beijamos na Lust — confesso, mas… não. Não foi isso. — Não, acho que foi antes disso. Eu já estava me mordendo de ciúmes nesse dia, então, com certeza me apaixonei antes.

— Desde o nosso primeiro beijo? — ela repete, totalmente chocada.

Como se fosse difícil se apaixonar por Lily Diggory.

— Além de linda e gostosa, meu amor, você é uma pessoa maravilhosa por dentro também. Como eu não me apaixonaria por você? — rebato mais uma vez, deixando que ela entre no elevador na minha frente.

— Aaron… você não pode dizer essas coisas — ela responde, ficando o mais afastada possível de mim dentro do pequeno espaço.

— O que? Que você é linda e gostosa? — repito, para ter certeza, e ela revira os lindos olhos azuis.

— Sobre estar apaixonado por mim, Aaron. Como você pode continuar apaixonado por mim depois de eu ter gritado com você, apontado uma arma para você e…

— Porque meu amor por você é maior que tudo isso, Lily — respondo simplesmente, e ela abre um sorriso lindo para mim. Espero sairmos do elevador para continuar falando: — Meu amor por você sempre foi maior do que o ódio que você passou a nutrir por mim nessas últimas semanas. E eu vou te fazer se apaixonar por mim de novo, você vai ver.

Abro a fechadura eletrônica do apartamento, e entramos nele antes que ela possa responder mais alguma coisa.

— Aaron? — ela me chama, enquanto tiro celular, carteira e tudo mais dos bolsos do casaco e calça.

— Sim?

— Não precisa fazer eu me apaixonar por você de novo — ela diz, se aproximando de mim, perto da ilha da cozinha. — Nunca deixei de estar. Nunca deixei de te amar, mesmo te odiando.

Lily me ama. Lily nunca parou de me amar. Porra!

Levo alguns instantes para absorver as suas palavras, e quando isso acontece, entrelaço sua cintura e puxo seu corpo para perto, colando-o no meu.

— Pode repetir?

— Eu disse que amo você, Aaron Yoon.

— E eu amo você, Lily Yoon — respondo, para provocá-la, e ela arregala os olhos para mim. — O que foi? Vamos nos casar um dia, meu amor. Precisa se acostumar com o sobrenome.

— Aaron! Eu tenho 19 anos! Não posso me casar agora!

— É claro que pode. Podemos ir em um cartório agora e selar nossa união — respondo, brincando, e ela balança a cabeça, desacreditada.

Eu já sei que ela é a mulher da minha vida, por que vou esperar mais para torná-la oficialmente minha?

— Aaron… podemos falar disso depois? Porque agora, eu preciso muito que você me beije.

Nem precisa pedir duas vezes.

Levo uma das mãos para sua nuca, entre seus fios loiros, e a outra descansa em sua cintura. E, finalmente, eu choco minha boca contra a sua.

A primeira coisa que sinto é seu gloss labial, dessa vez, de morango. Delicioso, assim como ela. E a segunda coisa que sinto, é ela entreabrindo a boca para mim, e nossas línguas se tocando. É o que precisa para o beijo calmo e cheio de saudade se tornar feroz, selvagem. Uma guerra de línguas e mãos. As unhas de Lily arranham minha nuca, e eu aperto sua bunda por sobre a calça jeans.

— Porra, como senti falta disso, meu amor — murmuro, descendo meus beijos pelo seu pescoço. Mordisco a pele sensível e depois passo a língua, aliviando a dor de alguma forma.

Minha mão chega até a barra do suéter branco, mas antes que eu consiga retira-lo, para ver a porra dos seios mais lindos do universo, Lily cobre minhas mãos com as suas e me impede.

— Aaron… eu passei o dia todo na rua. Preciso de um banho antes — ela avisa, e eu sorrio, malicioso.

— Não seja por isso, meu amor — digo, já impulsionando seu corpo para cima e fazendo-a entrelaçar as pernas ao redor do meu quadril.

Volto a beijá-la, conforme faço nosso caminho até meu quarto, para o banheiro.

— Aaron… — ela sopra contra minha boca, quando percebe para onde estou indo

— O que foi, meu amor? Você disse que precisa de um banho. Eu também. Vamos fazer isso juntos — respondo, puxando seu lábio inferior entre os dentes.

Coloco-a no chão novamente, e nos despimos rapidamente, e enquanto isso, a água do chuveiro aquece um pouco. Finalmente nus e sem conseguir tirar as mãos um do outro, eu a puxo para dentro do box, deixando a ducha nos molhar.

Não menti quando disse que estava com saudades de Lily, principalmente do seu corpo nu contra o meu.

Empurro-a contra a parede de azulejo, prendendo-a ali. Continuo beijando-a ferozmente, como se minha vida dependesse disso. Porque depende. Nunca mais vou ficar longe dela.

— Aaron… preciso de você dentro de mim — ela murmura, à medida que desço beijos por todo seu colo, chegando até seus seios duros, chamando minha atenção.

— Preciso matar a saudade desses peitos primeiro — respondo, antes de colocar um na boca e começar a estimular o outro com os dedos.

Vou alternando os movimentos, mamando num seio, e no outro, uso minha mão para beliscar o bico e fazê-la gritar meu nome. Caralho, como senti falta de ouvi-la gemendo e gritando por mim.

Nem de longe estou satisfeito, mas meu pau está doendo de tão ereto. Preciso entrar dentro de Lily. Dentro de casa, porra.

Afasto minha cabeça dos seus seios, depois de deixar um chupão em cada um, para marcá-la como minha, e levanto uma das suas pernas, entrelaçando-a na minha cintura. Dessa forma, ela fica ainda mais aberta para mim.

Levo uma das mãos para sua garganta, equilibrando-a contra a parede.

— Espero que você esteja bem molhadinha para mim, meu amor — digo, raspando meu pau em sua entrada e fazendo-a gemer.

— Eu sempre estou.

Porra.

Estoco bem fundo, de uma vez só, meu pau dentro da boceta gostosa de Lily, e nós dois gememos em uníssono com isso. Não é só uma transa. Nunca fui. Desde a primeira vez que estive dentro dela, eu soube que não haveria mais nenhuma como ela. Ela foi feita para mim. Eu fui feito para ela. Fomos feitos um para o outro.

Beijo-a com força, provando da sua boca deliciosa e continuo enforcando-a, da maneira que minha garota gosta. Lily gosta de fazer amor sim, porém nada se compara a uma foda. A uma foda com Lily Diggory. Em breve, Lily Yoon.

Só o pensamento dela em um vestido branco sendo entregue a mim, me faz quase gozar, entretanto não posso fazer isso na nossa primeira vez depois de semanas. Tudo é para ela.

Continuo fodendo-a contra a parede do box, sentindo a água gelada escorrer entre nós dois e sem desgrudar os lábios dos dela. Levanto um pouco mais sua perna, e assim, devido à sua flexibilidade, consigo ir ainda mais fundo, e isso a faz gemer mais alto. — Aaron… estou quase lá — ela diz, ofegante.

Eu sei exatamente como fazer minha mulher ter um orgasmo.

A mão que estava em sua cintura se move para a boceta de Lily, e eu não só belisco seu ponto sensível, como também desfiro um tapa ali. Isso é o que faltava para ela atingir seu ápice.

No instante seguinte, sinto as paredes vaginais dela apertando meu pau, e eu também não aguento mais. Eu jorro minha porra dentro da boceta quente dela, e ela goza no meu pau. Juntos, nós gozamos.

Juntos.

Não vou mais deixar Lily Diggory escapar de mim. Estamos para sempre juntos, nessa e em outras vidas.




Haron Yoon

Talvez eu não tenha percebido o quanto senti falta de Lily, até tê-la todos os dias comigo.

Desde que nos reconciliamos com a porra de um sexo incrível no chuveiro, nós não nos desgrudamos mais. No dia seguinte, pegamos um táxi até o dormitório de suas amigas para que ela pudesse pegar suas coisas e voltar a morar na própria casa. Depois de tantos meses, não é segredo que Lily se sente mais em casa no apartamento do que em qualquer outro lugar. E quando chegamos com algumas roupas e velas — claro —, nós estreamos seu quarto de novo. Relembrar os velhos hábitos, não é?

Estamos há três dias assim, parecendo em uma lua de mel. Como estamos perto das festas de fim de ano, e com isso, o recesso das aulas, só temos mais trabalhos de última hora para entregar, e por essa razão, bastante tempo livre. O que é ótimo, porque podemos passar todo ele juntos.

Lily me fez assistir vários dos seus filmes de animação favoritos — ponto extra para Os Incríveis e Toy Story, os meus favoritos quando criança, e que passei anos sem ver —, fazer skincare com ela — ontem mesmo ela me fez passar uma argila branca no rosto que disse ser ótima para alguma coisa, que sinceramente, eu não faço ideia — e continuar com a rotina de flores todos os dias, como fiz nos últimos. Ela chorou quando eu contei que todas as manhãs ia até Millsh, sua cidade natal, na famosa Jenkins Flores, para pegar eu mesmo os buquês, e que todos eram obras do dono, Marcus Jenkins. Ela é amiga dos filhos dele, e eles se conhecem há anos, e por causa disso, Marcus ficou muito feliz de Lily ter encontrado um cara que se importa tanto com ela quanto eu.

O que posso fazer? Sou mesmo um grande partido e sonho de todo sogro!

E falando em sogro, mais especificamente no meu, estamos nos vendo todos os dias também, para repassar o plano várias e várias vezes. Nem ele, nem seus outros amigos, policiais experientes, gostaram que eu serei a pessoa principal, responsável por atrair Benjamin Yoon até a cabana, mas se não for eu, não tem como dar certo. Meu pai é esperto e vai conseguir escapar se, por exemplo, eles decidissem aparecer no restaurante. Ele já pensou nessa possibilidade antes e tem vários esconderijos e portas secretas, que nem mesmo eu sei de todos.

Eu preciso ser aquele a chamá-lo para o abate.

Outra parte crucial do plano, são as provas concretas de que Benjamin está envolvido em vários esquemas por toda Schönilla, e para isso, eu tive que entrar escondido na sua sala ontem. Ele teve que resolver alguma merda que rolou com um carregamento de drogas que estava para chegar, e eu achei a oportunidade perfeita para colocar em prática o que planejamos há dias.

Foi bem mais fácil do que imaginei, para falar a verdade. O segurança que ficou para trás, era o mais tranquilo de todos — já que os melhores foram junto de Benjamin —, e nem perguntou duas vezes quando eu disse que meu pai precisava de uma ficha da sua sala, onde havia toda planilha da quantidade dessas drogas e tudo mais.

Meu pai nem faz planilha para isso.

Calculei 5 minutos no cronômetro do meu celular e durante esse tempo, eu fiz uma busca por todas as gavetas, armários e prateleiras da sala de Benjamin no restaurante. Abri até alguns compartimentos que ficavam trancados, já que eu sabia onde estava a chave, e peguei tudo que consegui, e achei ser necessário para incriminar meu pai. Assim que o cronômetro apitou, eu juntei tudo à pasta que levei e saí de lá como se nada tivesse acontecido, desejando um bom dia ao segurança de plantão.

Fácil.

Hoje é a parte difícil. O dia em que Benjamin Yoon vai passar a primeira noite atrás das grades.

Eu avisei a Joe Diggory por mensagem que estava indo para o restaurante falar com meu pai e que eles poderiam já se preparar na cabana para nossa chegada daqui algum tempinho. Reforcei várias vezes que não poderia ter nenhum carro à vista, nem pessoas. Benjamin é desconfiado, depois de tantos anos nesse ramo, a qualquer sinal de perigo, ele pode virar as costas e ir embora. Joe me garantiu que tudo está conforme o planejado e vai dar certo.

Adele Yoon finalmente vai ter sua morte vingada.

Passo mais uma vez pelo segurança ao pé da escada, e ele avisa pelo rádio para meu pai, que estou subindo. Quando chego em frente à porta, respiro fundo e toco duas vezes, abrindo-a somente quando tenho autorização de lá de dentro.

— Aaron — Benjamin fala, deixando a caneta e o papel de lado e cruzando as mãos em cima da mesa. — O que você quer?

— Oi, pai — cumprimento, fingindo educação, quando me aproximo de sua mesa. — Lily confessou para mim que seu pai está sim, vivo — revelo de uma vez, e ele arregala os olhos, surpreso. Ótimo. — E ela também me disse onde ele está ficando, em uma cabana afastada da cidade.

— Ela te contou tudo isso? — ele questiona, um pouquinho desconfiado.

Merda. Eu devia ter falado aos poucos, não jogado tudo de uma vez na cara dele.

— Nós estávamos… estávamos juntos, depois de um momento íntimo. — Puta que pariu, não acredito que vou ter que recorrer a essa fala imunda. — Ela disse que me amava e… e que não podia esconder mais segredos de mim. Ela me contou tudo isso porque… porque há alguns dias, brigamos quando ela passou um dia fora de casa. Ela explicou que estava com seu pai e ninguém podia saber.

Meu pai fica em silêncio, provavelmente digerindo o que contei. Afinal, ele estava certo durante todos esses anos, e eu acabei de confirmar isso.

— A vadiazinha confessou tudo depois de um bom sexo? — ele diz, soltando uma risada ácida. — Se eu soubesse que era tão fácil fazê-la falar, já teria comido ela há um tempo e terminado com isso.

Calma, Aaron. Não faça algo que você vai se arrepender.

Se eu avançar contra o meu pai agora, não vou conseguir levá-lo até onde todos estão, e ele não vai ser preso pelos seus crimes. Não posso crescer para cima dele agora, por mais que ele mereça uma boa surra. Não só por essas palavras nojentas sobre Lily, como também pela minha mãe e por tudo que ele já fez nossa família passar.

— Ela te passou o endereço?

— Sim, para caso eu precisasse buscá-la em algum momento lá — minto, assim como ensaiei com Lily.

— Porra, Aaron, finalmente você tomou jeito e seguiu minhas orientações — ele fala, parecendo… o mais próximo de feliz que já o vi, já se levantando da sua cadeira. — Se tivesse enfiado o pau na boceta dela antes, isso já teria acabado.

— É, eu… hum… devia ter feito o que você sugeriu antes mesmo — respondo, sentindo nojo da pessoa que preciso me tornar quando estou com ele.

— Já conseguimos o que queríamos, agora nada mais importa. — Ele pega seu casaco no cabideiro e se dirige à porta. — O que está esperando, moleque? Vamos lá agora, fazer uma visitinha a Joe Diggory.

Perfeito. Exatamente como imaginei que fosse acontecer. Eu não queria dar a ideia de aparecer na cabana hoje mesmo, porque nunca fiz isso antes — sugerir algo em um plano de Benjamin —, mas eu sabia que assim que eu contasse, ele mesmo ia sugerir isso.

Tudo está indo de acordo com o nosso plano.

Um dos motoristas dele nos pega na porta do Aha-ri, e eu passo o endereço para que ele possa colocar no GPS, e nos levar até a cabana onde Joe Diggory está abrigado desde que desapareceu.

Preciso repetir isso várias vezes para não deixar nada que não possa escapar, escapar para meu pai.

O percurso até o local em que estive todos os dias dessa semana é um pouco distante, porém a ansiedade faz com que pareça ainda mais longe do que é. Quando o motorista estaciona em frente ao caminho de terra que leva à cabana, eu agradeço mentalmente por isso.

— O que está fazendo, caralho? Entra aí — meu pai ordena, apontando para a estrada de terra ao nosso lado. — Senhor, o carro não pode passar por lá — ele responde, nervoso por ter que ir contra uma ordem do meu pai.

Essa vai ser a última vez que o senhor vai fazer isso, penso e tento não sorrir.

— Puta que pariu, que inferno de lugar — Benjamin reclama, entretanto já está tirando o cinto de segurança, e no minuto seguinte, estamos fora do carro.

Vou andando um pouco atrás do meu pai, como se não conhecesse o caminho. Ele está totalmente incomodado com essa cabana no meio do nada, só que não diz nada. Ele acredita que vai encontrar Joe Diggory em casa e matá-lo com as próprias mãos.

Mal sabe ele o que o espera do lado de dentro.

Quando estamos quase chegando, eu decido que é o momento de falar algo que está entalado há dias na minha garganta para ele.

— Sabe o acidente da mamãe e a história que você me contou, pai? — pergunto, como se estivesse jogando conversa fora.

— Se eu sei sobre o motivo de estarmos aqui, Aaron? — ele retruca, sem virar para mim quando responde.

— Eu sei da verdade — revelo, mas Benjamin nem dá sinal que se importa. Seu foco está totalmente na casa a poucos metros de nós, com um pouco de fumaça saindo pela chaminé, confirmando que a lareira está acesa, e assim, que alguém está em casa.

— É claro que sabe, Aaron. Eu que te contei. Onde você quer chegar com isso? — ele pergunta, porém nem está interessado de verdade.

Não respondo, porque ele está a alguns passos de abrir a porta, e eu não quero estragar esse momento.

Ele abre a porta principal da cabana e entra, comigo no seu encalço.

— Onde aquele filho da puta… — Benjamin não consegue completar sua frase, porque todos os policiais que estão conosco nessa, aparecem, revelando a emboscada.

Sorrio, vitorioso.

Todos apontam as armas na direção dele, e meu pai faz o mesmo, pegando seu pequeno revólver, que sempre com ele na parte de trás da calça, mas é tarde demais. Ele está cercado.

— Que porra está acontecendo? — ele questiona, alternando o olhar entre todos os policiais aqui presentes.

Pego a deixa e saio de trás dele, me juntando aos três que estão de frente para Benjamin, sem tirar o sorriso do rosto.

Finalmente ele vai ter o que merece.

— AARON! O que você pensa que está fazendo, caralho? — Não digo nada e nem me movo, e dessa forma, ele entende o que está acontecendo. — Você… você armou contra mim? SEU MOLEQUE FILHO DA PUTA, EU VOU… — Ele tenta avançar contra mim, porém não consegue dar nem dois passos, pois todos os policiais dão mais um passo em sua direção.

— Nunca achei que fôssemos nos ver pessoalmente, Benjamin, mas o futuro é um mistério, não é mesmo? — A voz de Joe Diggory surge por trás de mim, e sinto sua mão descansar em um dos meus ombros.

— Você… você está mesmo vivo.

— Sempre estive. Não posso morrer antes de terminar o que Adele começou.

— E você… o que você está fazendo ao lado do assassino da sua mãe? Você é burro, porra? — Agora, a pergunta é direcionada a mim.

Será que meu pai é tão burro assim, que não consegue enxergar a verdade?

— Eu sei de tudo, pai. Sei que você causou o acidente naquela noite, não Joe. Sei que ele e minha mãe estavam trabalhando juntos para acabar com todo seu império, e hoje, vamos terminar o que ela começou.

Como planejado, os policiais começam a se aproximar lentamente do meu pai, ainda com todas as armas apontadas para ele. Apesar de estar cercado, Benjamin continua com a arma apontada para Joe, que está atrás de mim. Ele ainda acredita que pode vencer essa.

Burro.

— Depois de tudo que eu já fiz por você, seu moleque ingrato! Depois de tudo… depois de tudo, você acredita em qualquer merda de historinha que o assassino da sua mãe contou? É sério isso, Aaron? — É claro que ele continuaria negando isso, mesmo agora. Ele prefere morrer estando errado do que admitir a verdade.

— Eu já sei que você planejou toda a morte da minha mãe, pai. Não acredito mais nas suas mentiras.

Benjamin Yoon ri, passando a língua pelo lábio superior daquele jeito arrogante dele.

— Aquela vadiazinha filha dele te pegou de jeito, não foi? Ela deve ter uma boceta muito boa para te…

O que acontece em seguida é muito rápido.

Eu avanço para cima do meu pai, cansado de ouvi-lo falando essas coisas nojentas sobre a Lily na minha cara. Ao mesmo tempo, Joe tenta me puxar para trás, e Benjamin acha a oportunidade perfeita para atirar.

É o momento em que todos os policiais se juntam para cima dele, e ele só consegue atirar mais duas vezes, uma em uma das janelas e outro tiro para o teto, antes que consigam tirar a arma dele e o algemarem.

— VOCÊ VAI PAGAR POR ISSO, PORRA! VOCÊS DOIS VÃO! — ele grita, com os olhos fixados em mim e Joe.

Três policiais o levam para fora, para trás da casa, onde estão todos os carros escondidos.

Finalmente.

Depois de anos, consegui fazer o que planejei: vingar a morte de Adele Yoon.

Me viro para Joe, com intuito de dizer para ligarmos para Lily, que ficou no apartamento, e falar que tudo deu certo, porém, não consigo fazer isso. Suas sobrancelhas estão franzidas e seus olhos estão focados não no meu rosto, mas sim, na minha barriga.

O que ele está olhando?

Passo uma das mãos por cima da camiseta, para onde ele está encarando, e meus olhos seguem o movimento. É quando eu sinto.

Sangue. *Muito* sangue. Muito sangue encharcando minha roupa.

Mesmo sendo cúmplice de Benjamin na tortura e morte de vários homens há anos, não tinha me acostumado com o sangue. Eu continuo ficando enjoado sempre que vejo.

E dessa vez, é diferente, porque é meu sangue. Porque estou sangrando por culpa de Benjamin. Meu próprio pai atirou em mim.

Sangue. Levei a porra de um tiro, disparado pelo meu pai. Muito sangue e… e dor.

A dor… a dor é insuportável. Parece que vou morrer. É a pior dor que já senti na vida. Nunca vai parar de doer.

Eu vou morrer. Eu sinto que vou. Tanto sangue saindo de mim… por que meu pai fez isso? Ele acabou com a nossa família. Primeiro minha mãe, e agora eu. Ele estava nos matando, um a um.

Quero correr para Joe e pedir sua ajuda, mas não consigo. Minha visão fica turva, e a última coisa que escuto antes de tudo apagar, é Joe Diggory chamando meu nome.



# Aaron Yoon

Parece que um caminhão passou por cima de mim.

Porra. Meu corpo inteiro está dolorido, e só de pensar em abrir os olhos, já percebo que estou em um nível de cansaço que nunca atingi antes.

Mesmo de olhos fechados, eu consigo sentir a presença de alguém perto de mim. Não faço ideia de onde estou ou quem seja essa pessoa, mas antes de descobrir, os últimos acontecimentos voltam em flashes na minha mente.

Eu contando para o meu pai sobre a cabana de Joe Diggory.

Nós dois chegando lá, eu falando que sei de toda verdade, e Benjamin pouco se importando.

Ele sendo encurralado pelos policiais e gritando comigo, muito puto porque eu o traí, sendo que ele fez isso primeiro, quando matou minha mãe para calá-la.

Eu, muito feliz por ele estar sendo levado para a delegacia e por ter conseguido fazer justiça por minha mãe, e não percebendo que um dos tiros que ele disparou aleatoriamente antes de ser pego, me atingiu.

O sangue.

Muito, *muito* sangue.

Porra, onde eu estou?

Se eu ainda estiver na cabana com Joe, sei que não vou passar de hoje. Eu lembro, antes de desmaiar, do tanto de sangue que manchava minha camiseta. Não tem como alguém sobreviver àquilo sem ter sido levado ao hospital.

Lentamente, com medo do que posso encontrar, vou abrindo meus olhos. A claridade atinge minhas írises, e eu demoro um pouco para me acostumar com a luz. É uma luz muito forte. Que caralhos de luz é essa?

O ambiente começa a entrar em foco, e logo as paredes brancas e lisas surgem no meu campo de visão, confirmando que sim, estou no hospital e não morri. Meu braço está com algumas agulhas, e meu corpo continua como se eu tivesse corrido uma maratona, totalmente dolorido.

E tudo que consigo pensar agora, é se o plano realmente deu certo e em Lily. Onde ela está? Ela sabe que conseguimos?

Começo a ficar um pouco agitado, e uma mão feminina toca meu bíceps, me mantendo no lugar. Contudo, não é a mão que eu esperava.

— Você acabou de acordar, Aaron. Tem que ir com calma. — A voz de Kiara soa nos meus ouvidos, e eu viro meu rosto para o outro lado, onde encontro ela e Cameron.

— Porra, cara, você nos deu um susto do caralho! — Cameron exclama, trazendo a poltrona em que está sentado mais para perto da maca.

O arrastar dos pés do móvel me faz querer tirar minhas orelhas fora.

— Você poderia ter levantado daí e evitado esse som horroroso — Kie comenta, olhando feio para o nosso amigo.

— É para ele não se desacostumar com a vida real depois de todo esse tempo no hospital, Kie.

Todo esse tempo no hospital? O que?

— Há quanto tempo eu estou aqui? — pergunto, preocupado. Achei que fosse só algumas horas, mas pela forma como Cam disse… puta que pariu.

Semanas? Meses?

Será que *anos?*

Kiara tenta responder primeiro, só que Cameron é mais rápido e fala:

— Você não se perguntou porque nós estamos aqui e não Lily? Cara, faz quase dois anos que você está em coma. Ela se casou e está vivendo muito feliz com o marido e as crianças. Nós não queríamos preocupa-la falando que você acordou. Já faz um bom tempo que ela parou de vir te visitar.

*Dois anos?* Eu estou em coma há dois anos?

E Lily… não. Ela não pode ter se casado e tido filhos tão rápido assim, pode? Pelo amor de Deus, foi ontem mesmo que dissemos que nos amávamos.

Bem, há dois anos, de acordo com Cameron.

— Ele está te zoando, Aaron. Você só está há algumas horas desacordado, e Lily esteve aqui durante todo esse tempo. Ela só foi comprar água na cafeteria e esticar as pernas — Kiara interrompe meus pensamentos, empurrando Cameron com o ombro. — Você não pode sair contando uma mentira assim, enquanto ele está se recuperando de uma cirurgia, Cameron. Toma jeito!

Puta que pariu! Assim que eu sair dessa cama de hospital, vou acabar com Cameron Parker!

— Ah, fala… fala sério — Cam tenta dizer, em meio a risadas. — Você viu a cara dele! — Mais risadas. — Foi impagável! Eu devia ter filmado!

— Você tem sorte de eu estar impossibilitado agora, Cameron, mas assim que eu sair, eu vou atrás de você — aviso, arrancando mais risadas do meu melhor amigo.

É, Cameron está fodido quando eu sair daqui.

— Eu… eu passei por uma cirurgia? — pergunto, lembrando do que Kiara acabou de me dizer.

Parece que até pensar faz minha cabeça doer.

— Para retirar a bala e estancar a hemorragia. Mas está tudo bem agora, pelo que Lily disse. Você vai se recuperar e em breve vai sair daqui — minha amiga responde, e eu balanço a cabeça, concordando. Ótimo. Mal estou aqui e já não vejo a hora de ir embora.

Minha melhor amiga apoia a mão no meu bíceps novamente, com um olhar triste.

— Não leve um tiro de novo — Kiara pede, baixinho, e eu sei que essa é a forma dela de demonstrar que se importa comigo e ficou preocupada.

— Se depender de mim, não vou — asseguro, e ela sorri fraco, porém é o suficiente.

Se toda vez que eu receber um tiro for assim, porra, não quero passar por esse inferno nunca mais.

— Hipoteticamente, se você morresse, você deixaria sua moto para mim no testamento?

Não tenho chance de gastar a pouca força que tenho no momento para avançar contra Cameron, porque Kiara é mais rápida e desfere um tapa na nuca dele.

— AI!

— Você não consegue se comportar nenhuma vez?

— Era apenas uma pergunta! — ele se defende, sem tirar o sorriso sacana do rosto.

Babaca.

A porta do quarto se abre, e a pessoa que eu mais estava ansioso para ver, entra, totalmente focada nas garrafas em suas mãos e não na situação à sua frente

— Eu tive que rodar o hospital inteiro à procura de uma água saborizada e eu não achei! Eles só têm com gás, e eu… — Ela para de falar assim que me vê acordado, arregalando os olhos e entrando em choque.

— Oi, meu amor — cumprimento, e é o que precisa para ela jogar as garrafas para Cameron, ainda sentado na poltrona, e correr para me abraçar.

Lily joga os braços ao redor do meu pescoço, quase se aconchegando na cama comigo. Ouço seu choro baixinho, quando sua cabeça se acomoda na curva do meu pescoço, e começo a movimentar minhas mãos por suas costas, tentando acalmá-la. Caralho, me mata saber que ela está chorando por mim.

Eu disse para mim mesmo, na nossa primeira e última briga, que seria a única vez que ela choraria por mim, entretanto não consegui, e aqui está a mulher da minha vida chorando nos meus braços por minha causa, de novo.

— Você… você está bem — ela murmura, sem se desgrudar de mim.

— Melhor agora — respondo, brincalhão, e ela ri.

Tomara que ela não perceba que está me matando apenas com um abraço. A dor parece ter se multiplicado por mil, mas eu nunca negaria isso para Lily.

— Vamos deixar vocês a sós. — Ouço Kiara falar e aceno com a cabeça.

— Mas eu ainda quero…

— Você não quer nada, Cameron. Você quer ir na cafeteria comigo — Kie retruca, interrompendo a fala dele e puxando-o pela camisa para fora do quarto.

Espero que eles saiam do quarto para respirar e afagar um pouco os cabelos de Lily, deixando que chore um pouco mais porque, finalmente, estamos sozinhos.

E eu preciso saber de tudo o que aconteceu.



— Como você está? — Lily questiona, assim que a porta do quarto é fechada, se sentado na cama e entrelaçando os dedos nos meus. — Eu estava em casa, esperando uma ligação sua quando tudo terminasse, e… e meu pai me ligou, dizendo que você estava indo para o hospital, e eu… e eu surtei, Aaron. Vim todo o caminho para cá pensando no pior, que você podia ter morrido, e eu…

— Ei, calma, meu amor — peço, apertando sua mão. Lily está começando a ficar nervosa demais, e tenho medo que algo grave aconteça, e eu não possa ajudá-la acamado assim. — Eu estou ótimo.

— Você levou um tiro, Aaron, e passou por uma cirurgia. Não tem como você estar ótimo.

— Com você aqui comigo depois de tudo? É claro que tenho — digo, abrindo um sorriso sincero e feliz.

— Aaron… eu amo você — ela declara, e ouvi-la dizendo isso é música para meus ouvidos.

— Eu também amo você, meu amor — respondo, deixando um beijo no dorso da sua mão.

Tudo que eu quero nesse momento é jogá-la nessa cama de hospital mesmo e fazer amor com ela, mas mal tenho forças para beijar sua mão, imagina a transa que ela merece? Isso vai ter que esperar, porém espero que eu me recupere em breve e possa fazer amor com minha mulher.

— E… e como está tudo? Benjamin foi mesmo preso? — finalmente pergunto o que estou me corroendo para saber. Preciso saber se tudo valeu a pena.

— Está sim. A outra equipe, que estava perto do restaurante esperando o sinal, conseguiu acessar o local pela porta de trás, como você disse, e coletar todos os documentos que precisávamos para incriminar Benjamin e todos os envolvidos em seus esquemas — ela conta, e eu abro um sorriso para ela. Porra, finalmente! — Meu pai também deu a ideia de tirar todo o dinheiro que há na conta bancária dele e colocar na sua, para você e Audrey. Eles encontraram uma pasta com todas as senhas do seu pai e não entregaram ainda, pensando em você e em toda a ajuda que deu para conseguirem finalizar esse caso.

— Eu não sei quando vou sair daqui, mas posso te passar todos os meus dados, e você faz isso para mim?

— É claro que sim, Aaron.

Assinto e não consigo deixar de exaltar a beleza de Lily Diggory. Mesmo com um conjunto de moletom cor de rosa, sem maquiagem nenhuma e os cabelos presos em um coque bagunçado no alto da cabeça, ela continua sendo a porra da mulher mais linda do mundo. Caramba, eu sou muito sortudo!

E pensar que, se Adele tivesse conseguido colocar o marido atrás das grades anos atrás, os meus caminhos e de Lily também se cruzariam. Eu não acredito em destino, quer dizer, não acreditava, entretanto não tem como não, depois disso.

De uma forma ou de outra, o universo nos levou um ao outro.

— Minha mãe já sabe sobre Benjamin — ela revela, me tirando dos devaneios. — Eles ligaram para ela assim que ele foi preso, e ela está na delegacia, descobrindo tudo.

Porra. Isso deve estar sendo foda.

No entanto, Lauren também não é uma boa pessoa, então… não me importo tanto com ela assim.

— E como *você* está com isso?

— Bem — ela começa a dizer, se ajeitando na cama. — Ela também sabe de toda a verdade sobre meu pai, e não sei como está sendo isso, já que não saí daqui desde que soube sobre você. Não faço ideia do que ela vai fazer da vida dela agora e, sinceramente, eu não ligo. Ela pode resolver os próprios problemas.

Eu estou muito, muito orgulhoso de Lily. Aos poucos, ela parece estar se libertando de Lauren, e isso me deixa muito feliz. Ela é sim, mãe dela, mas não uma boa mãe. Lauren não merece a porra da filha incrível que tem, e fico contente pra caralho que Lily esteja começando a enxergar isso.

— Você é maravilhosa, meu amor. Está fazendo a coisa certa — asseguro, e ela sorri fraco para mim.

— Espero que sim.

Tudo está se resolvendo e se encaminhando para o caminho certo aos poucos. Em breve, não vai ter mais nada para nos incomodar em relação aos nossos pais.

— Agora vem aqui e deita comigo — praticamente mando, chegando um pouco para o lado e sentindo que vou morrer. Porém, tudo bem. Quero tê-la ao meu lado nesse momento.

— Não está doendo?

— Sim, mas você vale a pena a dor, meu amor. — Ela revira os lindos olhos azuis, mas vem ficar ao meu lado mesmo assim.

Depois de anos, eu finalmente me sinto seguro, com tudo terminado e minha garota nos meus braços.



# 47

## Lily Diggory

As últimas semanas foram caóticas, para se dizer o mínimo.

Benjamin Yoon está oficialmente preso, esperando seu primeiro julgamento, daqui a algumas semanas, começar. Contudo, como eu tinha tirado todo o dinheiro de suas contas bancárias e passado para a de Aaron, para que ele e a irmã ficassem com a quantia, o pai não tem mais uma moeda para pagar um advogado por conta própria e vai ter que ficar com um oferecido pelo Estado. Ele está sendo incriminado por diversos crimes, desde homicídio doloso — e não só pela morte de Adele, como de várias outras pessoas — até lavagem de dinheiro, assim como todos os seus cúmplices, que foram do prefeito de Schönilla até alguns governantes de outras cidades. Eu não acredito que ele seja inocentado de nenhum, mas caso isso aconteça, ainda tem mais quinhentos nas costas para ele passar bons anos atrás das grades.

Merecido.

E com a prisão de Benjamin, meu pai finalmente pôde sair das sombras onde passou os últimos anos e ver a luz do sol. É claro que ele teve que dar várias informações para a polícia sobre tudo que aconteceu, sobre o motivo do desaparecimento forçado e até os dias atuais, só que como ele é amigo de várias pessoas dessa área, tudo ficou bem. E mesmo se não tivesse: meu pai fez o que teve que fazer para sobreviver e depois de todo esse tempo, terminar a missão que o verdadeiro amor da sua vida, Adele Yoon, começou. Joe contou um pouco mais sobre ela nesses últimos dias para mim e Aaron, e isso me fez perceber ainda mais quão apaixonados os dois estavam. O quanto eles mereciam um final feliz, não o final trágico dessa linda história de amor.

Quando falo do verdadeiro amor de Joe Diggory, é claro que Lauren, minha mãe, também vem à mente. Ela ficou devastada com a prisão do marido. Não porque o amava e ele não merecia o destino que teve, e sim porque ela não viveria mais sua vida de madame cheia de luxos, e agora, todos em Schönilla conheciam-na por ser a mulher de um criminoso, o que acabou com sua reputação e chances de arrumar o próximo marido rico. Ela até tentou tirar uma parcela do dinheiro dele com o advogado depois, entretanto não tinha mais nada para ela. Tanto literalmente, já que tudo estava com Aaron, quanto porque eles não eram casados legalmente no papel, e por isso, o casamento não era, de fato, reconhecido.

Agora, Lauren Hayes — seu sobrenome de solteira — se mudou para uma outra cidade, bem longe daqui, em Carterville. As famílias mais poderosas do país moram lá e comandam a cidade, e ao contrário de Benjamin, tudo legalmente, devido à quantidade de dinheiro que investem em várias áreas com suas empresas. Ela deve acreditar que, por ser uma cidade majoritariamente habitada por ricos, vai conseguir alguém por lá. Bem, que fique por lá. Não quero vê-la por um bom tempo e acredito que o desejo seja mútuo.

Aaron está muito melhor também, depois de ter tomado um tiro do próprio pai. Ele ficou mais alguns dias no hospital depois da cirurgia, apenas para observação, e um dia antes da véspera de Natal, estávamos levando-o para casa. Sim, *nós*, porque meu pai está morando conosco durante um tempo indeterminado, até ele conseguir uma casa para ele pelas redondezas. Felizmente, o apartamento é grande e tem um quarto de hóspedes sobrando para Joe. E eles dois estão se dando bem, na medida do possível. Meu pai é superprotetor comigo em relação ao meu namorado — finalmente posso chamá-lo assim, agora que nossos pais não estão mais na jogada —, acredita que eu sou propriedade dele, então… um pouco de caos, mas nada que eu precise me preocupar. Eu acho.

Foi no dia do Natal, dia 25, que Aaron me apresentou, finalmente, a sua irmã mais nova, Audrey. Ele precisou contar todos os últimos acontecimentos para a menina, e o ajudei em alguns detalhes, além de tentar deixar a história mais leve para uma menina de 14 anos. Quando a mãe deles morreu, ela era bem mais nova e foi morar no internato logo depois, e por isso, ela não teve mais tanto contato com o pai. Então, a notícia da prisão dele e de todas as coisas ruins que ele fez, não a atingiu tanto como imaginávamos. A única coisa que ela quis saber, foi se agora, eles poderiam voltar a morar juntos.

Audrey chega nos Estados Unidos depois das festas de Ano Novo, quando conseguimos um voo para ela. Ela vai terminar esse semestre do ano letivo na escola aqui de Schönilla e morar com a gente, até decidirmos o que vamos fazer. O apartamento pode ser grande, porém não o suficiente para todos nós. Eu não tenho irmãos, então, estou superansiosa para a chegada dela! Vai ser como uma irmã mais nova que nunca tive, e nós duas já estamos planejando tudo que vamos fazer juntas quando ela chegar.

Eu posso não ter irmãos de sangue, no entanto, com certeza tenho amigos que se tornaram isso. E por esse motivo, eu tive que contar tudo o que aconteceu nos últimos dias para Stella e Ava, assim como Aaron também precisou conversar com Kiara e Cameron. E para unir o útil ao agradável, juntamos todo nosso grande grupo de amigos em uma reunião no nosso apartamento, um dia após o Natal, para contar tudo.

Para Kiara e Cameron não foi muita surpresa, já que eles sabiam de praticamente tudo, por conviverem com a família Yoon há alguns anos. A prisão de Benjamin também livrou Cameron Parker de todos os vínculos que ele tinha com o pai de Aaron, e agora, ele não precisa mais continuar vendendo drogas ou lutando clandestinamente para ganhar dinheiro. Seu estágio já está garantido em uma grande empresa de tecnologia de Schönilla, e se tudo desse certo, assim que ele se formasse no próximo ano, seria efetivado no cargo.

Para Stella e Ava, no entanto, foi um pouco mais complicado, mas depois de explicar tudo nos mínimos detalhes e elas conhecerem meu pai, entenderam. Elas não me olharam de forma diferente depois de saberem de tudo, e eu fiquei muito feliz com elas. Minhas amigas também afirmaram que estão ao meu lado para qualquer coisa e que eu podia contar com elas.

Como é possível, no meu primeiro ano de universidade, eu ter conhecido pessoas tão especiais e que sei que vou levar para o resto da minha vida?

Eu posso ter azar em várias partes da minha vida, porém amizade, amor e família — agora —, não são uma delas.

Com toda essa confusão das últimas semanas, eu não consegui voltar para Millsh para as festas de fim de ano — não é como se eu tivesse algum lugar para ir também —, e não consegui reencontrar meus amigos do colégio. Contudo, é claro que eu não os deixaria irem embora sem um encontro! Por isso, todos se reuniram na casa dos Jenkins e me ligaram de vídeo, para eu contar sobre os últimos acontecimentos da minha vida. Nós nos falamos bastante no grupo de mensagens, só que não tinha como eu falar tudo que rolou assim. Precisava vê-los e explicar de uma forma melhor.

Conhecendo meus amigos…

— VIRAM? Eu sempre disse que esse cara era um mafioso. — Foi a reação de Jason Jenkins, um dos meus melhores amigos, quando terminei de contar tudo que aconteceu comigo nos últimos meses.

— Ele não é um mafioso, Jason, pelo amor de Deus! Vamos ter que cancelar o streaming onde você vê esses documentos sobre máfia? — Eleanor Collins, outra amiga e namorada de Jason, retrucou, me fazendo sorrir.

Eu estava com saudade da dinâmica deles.

— Lily, você acharia muito insensível fazer um livro inspirado nessa história? É claro que eu posso te dar os devidos créditos — Nora Hart me perguntou, e eu tive que rir também.

Ela foi a única que soube de tudo antes do grupo saber, já que é minha melhor amiga desde sempre e para sempre, mas pedi para que ela não contasse o que já sabia para eles. A reação dela foi bem diferente alguns dias atrás, quando soube. Ela queria largar tudo e vir para cá, ter certeza que estava tudo bem e eu não precisava de ajuda. Eu precisei fazer Joe falar com ela e explicar que tudo estava bem mesmo. Ela quase desmaiou quando viu meu pai pela chamada de vídeo, inclusive. Há anos que ela, assim como todos, acreditavam que ele estava morto, então foi um pequeno susto, entretanto, tudo já estava sob controle.

— Amiga… eu estou em completo choque com tudo isso! Eu achando que você teria apenas algumas intrigas com seu meio-irmão, e você vive uma grande aventura assim? — foi Alexia Jenkins, irmã gêmea de Jason, que falou, e ela estava mesmo abismada com minha vida nos últimos meses.

— Mas já está tudo bem, eu prometo — repeti, para deixar todos mais relaxados.

É muita informação, claro, e eles vão precisar de um tempo para processar tudo, assim como eu. Porém, tenho certeza que daqui a alguns anos, todos vamos estar reunidos e rindo de tudo isso.

— Pode contar com a gente para o que você precisar, Lily. Estamos com você, mesmo de longe — Charles Brown disse, e eu sorri para ele através da câmera.

— É só chamar que paramos tudo que estamos fazendo para ir até você — Alison Marsh completou, e eu quase chorei na frente dos meus amigos de infância.

Não importa onde eu esteja, eu sei que posso contar com eles, assim como eles sabem que podem contar comigo.

Tudo parece perfeito, contudo, ainda há uma coisinha que não foi resolvida, e talvez uma das mais importantes.

Com tudo que está acontecendo atualmente, eu não consegui encaixar minhas sessões com a Doutora Kohl nessa agenda maluca. Só tivemos uma consulta, e por mais que tenha sido produtiva, não é nem de longe o que eu preciso. Com todo o estresse dos últimos dias, acabei descontando na minha maior inimiga: a comida. E quando isso acontece, eu acabo terminando minhas refeições com a cabeça dentro do vaso sanitário. Nesses últimos dias, especialmente, aconteceu muitas vezes. Eu consegui esconder bem do meu pai e de Aaron, todavia, está na hora de eu mudar isso.

Não posso mais viver assim. Caramba, eu cheguei ao hospital no mês passado com início de desnutrição! Como deixei chegar nesse nível?

Não importa. Não mais. O que importa agora é um tratamento para melhorar, e eu já tomei essa decisão.

Só preciso contar para Aaron e Joe sobre o que decidi.

E para isso, eu criei a desculpa de que queria reuni-los para uma noite com meus filmes preferidos. Por mais que moremos sob o mesmo teto, não temos muitos momentos fazendo coisas mundanas juntos. Aaron está entulhado de coisas a ver com a prisão do seu pai para resolver, e meu pai, além de estar procurando uma casa, está lidando com toda bagunça que seus anos de desaparecimento causaram e tentando voltar a ter um cargo na polícia, em Schönilla, de preferência, para ficar perto de mim. Depois de anos de encontros às escondidas, nós finalmente podemos sair juntos à luz do dia e fazer passeios pai e filha novamente.

Cá estamos nós, então, nessa quarta-feira à noite, reunidos na sala de estar, enquanto eu procuro um filme interessante para assistirmos. Ou pelo menos, é isso que eles acreditam que eu esteja fazendo. Na verdade, estou tomando coragem para falar o que preciso. Aaron está aconchegado ao meu lado, com um dos braços pelos meus ombros, e o outro, segurando o balde de pipoca. Meu pai está na poltrona ao lado do sofá, concentrado em sua pipoca com manteiga.

É agora ou nunca.

— Eu preciso contar algo para vocês — digo, finalmente, atraindo a atenção dos dois.

— Aconteceu alguma coisa? Você está bem? — Aaron questiona, já fazendo menção de se afastar para dar uma olhada em mim, mas eu seguro seu braço.

— Está tudo bem, gente — garanto, porém os meus dois homens preferidos trocam olhares e não parecem acreditar. — Bem, vocês sabem que eu sofro com minha alimentação — começo, e ambos assentem, ainda preocupados. Eu já contei para o meu pai, depois de bastante tempo, sobre como foram os últimos anos com a minha mãe. Nem preciso dizer que ele quis ir tirar satisfação com Lauren assim que soube, só que eu o impedi. — E eu… eu quero me tratar.

— Podemos ligar para a Doutora Kohl e marcar uma nova consulta. Eu sei que com tudo que aconteceu recentemente, você não foi mais lá — Aaron sugere, entretanto eu nego com a cabeça.

— O que você quer fazer, filha? — meu pai indaga, e eu respiro fundo.

Prevejo que talvez eles não gostem da minha decisão, mas eu acho que preciso disso para conseguir exceder no tratamento, e de fato, melhorar.

— Eu quero me internar em uma clínica médica para tratar dos meus transtornos alimentares — revelo de uma vez, contudo, ainda não permito que eles falem. Preciso dar uma explicação. — Eu sei que vocês vão dizer que não precisa disso, mas… mas eu acho que precisa. Eu acho que é a melhor opção para mim. Sair um pouco daqui e focar totalmente no meu tratamento. Quero, preciso, melhorar. Não posso continuar vivendo assim.

Eu não percebi antes, porém agora, olhando para trás, eu consigo ver perfeitamente como tudo era horrível. Todas as vezes que fiquei sem comer — por vontade própria ou por insistência da minha mãe —, todas as vezes que precisei ir embora mais cedo de algum lugar com meus amigos, porque precisava ir ao banheiro vomitar e não queria fazer isso perto deles, e todas as vezes que minha mãe rasgou roupas novas, que ela mesma comprou, porque não cabiam em mim.

Todas essas vezes e várias outras, eu estava vivendo um pesadelo e não tinha me dado conta.

No entanto, isso vai mudar agora.

Minha mãe está bem longe e não tem mais como me atingir. Meu pai está aqui para me apoiar incondicionalmente, junto do meu namorado e dos meus melhores amigos. Eles são minha âncora e tudo que preciso para passar por isso.

— Se é isso que você quer, minha flor, nós vamos te apoiar — papai finalmente diz, se levantando e vindo se sentar conosco no sofá. Ele passa um dos braços pelo encosto do sofá atrás de mim e entrelaça uma das mãos na minha.

— Você quer mesmo fazer isso, Lily? — Aaron pergunta, e eu assinto, virando um pouco rosto para encará-lo. — Então estamos com você. Você pode contar com a gente.

Como eu passei tantos anos da minha vida lutando para que minha mãe me amasse, fazendo de tudo para isso, sendo que amor não é para ser doloroso? Eu não preciso dar tudo de mim apenas por um pingo desse sentimento. Não, as pessoas têm que me amarem pela pessoa que eu sou.

E caramba, eu sou muito sortuda de ter uma rede de apoio que me ama tanto assim. Eu demorei para encontrá-los — para ver que família não precisa ser de sangue —, e agora que os tenho comigo, não vou largá-los. Tanto Aaron e meu pai, quanto todos os meus amigos.

— O-obrigada, gente — respondo, já com lágrimas caindo pelo meu rosto.

— Você não precisa agradecer, Lily.

— Queremos te ver bem, meu amor.

E achar que toda essa história começou com ódio e uma falsa vingança, e agora, se tornou amor e carinho.



# 48

## Lily Diggory

Eu tive que aprender a arrumar apenas três malas para passar, no mínimo, três meses fora de casa, que é a duração do tratamento na clínica médica. É claro que eu posso precisar ficar mais um tempo, porém, se eu progredir bem e me sentir à vontade depois de certo período, posso ir embora e continuar o tratamento na minha cidade. O que eu espero que aconteça.

Minhas roupas duram mal três meses lá, imagina mais!

Ainda bem que eu tive ajuda de Ava, Stella e minha nova amiga, Audrey. Ela chegou há alguns dias, e dividimos nosso tempo entre saídas entre garotas e arrumação de malas. Conseguimos manejar bem nosso tempo e pudemos nos conhecer melhor. Por exemplo, além de ser uma leitora assídua, ela também gosta bastante de assistir aos jogos da NBA, por conta do seu irmão. Essa é a última temporada de Aaron no time de basquete da faculdade, e a primeira vez que ela vai poder assistir algum jogo, Audrey está mega animada. Até mesmo combinamos de fazer camisetas com o nome e número dele para usarmos quando eu voltar! Vai ser muito bom!

Eu aproveitei esses últimos dias em Schönilla para curtir muito meus amigos e aproveitar tanto quanto pude. Por mais que, claro, a clínica tenha horário de visitas, ela fica em outro estado e é bem distante para eles me visitarem. Uma vez ao mês? Talvez seja possível, mas a viagem não vale a pena ser feita mais vezes do que isso.

Agora, experimente dizer isso para Aaron Yoon e Joe Diggory.

— Ainda não estou trabalhando em tempo integral e agora que finalmente vou me mudar para minha própria casa, posso te visitar todos os dois — meu pai disse, quando avisei que não precisava, não queria, que eles fossem me ver todos os dias.

— É sério, pai, não precisa disso. Eu posso usar a sala de computadores da clínica uma vez ao dia, pelo que me disseram, e posso enviar e-mails ou mensagens pelas redes sociais contando como estou.

*E-mails*. Tal qual meus ancestrais.

Demorei um pouco, porém convenci meu pai de que essa é a melhor opção. Uma rede de apoio é muito importante durante o tratamento, como a Doutora Kohl disse, mas tudo em excesso é ruim. E vê-los praticamente todos os dias, pode acabar atrapalhando minha estadia na clínica.

Meu pai entendeu isso até que rápido, para ser sincera, assim como meus amigos. Os que mais surtaram, que não tinham dimensão do que eu passei ao longo de vários anos, foram meus amigos do colégio. Eles se sentiram culpados por não terem percebido os sinais ou até mesmo quando perceberam, não terem levado a sério. Eu os acalmei e disse que tudo bem. Eu escondia bem deles tudo que acontecia debaixo dos panos, para não preocupá-los. Eles até queriam fazer uma caravana para me visitar na clínica! Eu amo estar com eles e adoro ainda mais a atenção, entretanto não quero que eles parem a vida por minha causa. Se isso não acontecesse, nós continuaríamos sem nos ver nesses meses igual, porque cada um dia estaria ocupado com sua universidade, e eu quero que continue assim. O que combinados no último ano do ensino médio, foi sempre nos encontrarmos no verão, e esse primeiro encontro aconteceria daqui a alguns meses, na fazenda da família da Allie. E eu deixei claro que só nos veríamos nessa data e sim, eu contaria tudo em mais detalhes. Afinal, eles também são minha família e precisam saber.

O mais difícil de convencer, obviamente, foi Aaron.

— Você quer que eu te veja apenas uma vez por mês, Lily? Está doida? Eu vou todos os dias, meu amor — ele argumentou, quando tentei conversar com ele há alguns dias.

— Aaron, são 10 horas de carro. Você não precisa fazer isso.

— Mas eu quero fazer isso, Lily! Agora que eu te tenho de volta, não vou te perder de novo — ele atestou, e eu senti as lágrimas se acumulando no canto dos meus olhos.

— Você não vai me perder, Aaron. Eu vou voltar para você. Eu sempre volto — respondi, deitando a cabeça no seu ombro, já que estávamos na minha cama. — Nossos destinos estão traçados, esqueceu? Não importa o caminho que sigamos, sempre vamos nos encontrar.

— Ainda não concordo muito com isso, Lily, mas se é o que você quer, vou respeitar sua decisão — foi a resposta final dele, deixando um beijo entre meus cabelos, antes de cairmos no sono.

Eu sei que vai ser difícil para nós dois, mas eu acredito que nosso amor seja mais forte e duradouro do que três meses separados. Passamos por muita coisa juntos nesses últimos meses, e não é isso que vai nos separar.

O que Aaron e eu temos… é para sempre. Pode parecer bobo, porém eu sinto que meu coração sempre vai ser dele, agora que o encontrou.

Argh. Quando fiquei tão brega assim?

Mais brega ainda fomos nós dois, de mãos dadas durante 10 horas até chegarmos à clínica médica. Meu pai se encarregou de dirigir, usando seu novo carro, e Aaron e eu fomos no banco de trás. Passei o caminho todo grudada nele, sentindo bem seu cheiro para não esquecer. Não que seja possível esquecer meu cheiro preferido, mas todo cuidado é pouco.

A despedida com meus amigos foi difícil. Muito choro e muitos abraços — até mesmo Kiara me abraçou e disse que vai sentir minha falta! —, e eu não queria nem ver como seria com meu pai e Aaron. Eu soube desde o início, que com eles seria mais difícil. Aaron e eu acabamos de retomar nosso relacionamento, e eu finalmente posso chamar meu pai de pai publicamente, e agora, vou precisar deixá-los. Só por um tempo.

Por mim. Eu vou fazer isso por mim. Preciso fazer isso.

E como eu já esperava, é muito, muito difícil, me despedir do meu pai. A única coisa que me consola é saber que ele viria daqui a um mês me ver e que seriam apenas alguns meses separados. Se conseguimos nos ver mesmo quando o país inteiro acreditava que ele estava desaparecido, como não vamos dar um jeito nessa situação? Nós fazemos tudo um pelo outro, e agora, não vai ser diferente.

— Vou sentir sua falta, filha, mas sei que é para o seu bem — ele sussurra entre os meus fios loiros quando nos abraçamos, e eu choro ainda mais.

Comecei a chorar assim que ele estacionou o carro no estacionamento da clínica e desde então, não paro mais.

— Eu amo você — respondo, quando me afasto um pouco para olhá-lo.

— E eu amo você, minha flor. Nada vai separar a gente. Nunca — ele promete e me dá mais um abraço, antes de eu ir falar com Aaron.

Merda.

Essa vai ser foda.

— Vou esperar um e-mail seu todos os dias — começo a dizer, assim que chego perto do meu namorado, tentando controlar o choro.

— Vou te mandar dois, então — ele responde, brincalhão, me fazendo sorrir.

Contudo, logo o sorriso se desmancha e mais lágrimas caem pelo meu rosto.

— Vou sentir sua falta todos os dias — digo, tentando controlar o choro, só que não consigo. Não dá.

— São apenas três meses, e logo vamos estar juntos de novo — Aaron fala, e acho que isso é mais para ele do que para mim.

Caramba, eu sabia que ia ser difícil, mas não imaginei o quanto.

— Você vai me esperar, não é? — pergunto, passando meus braços pelo seu pescoço.

Não existe isso de ele viver sua vida enquanto estou internada. Nada disso. Se ele me ama de verdade, vai me esperar. Se isso é ser tóxica, me perdoem, porém não tem como deixar esse homem a solta, agora que já o declarei como meu.

— Você ainda pergunta? Como não vou esperar pela mulher da minha vida?

Aproximo nossos rostos e o beijo pela última vez. É um beijo calmo, lento e cheio de saudade, mesmo que ainda estejamos juntos. No entanto, é uma promessa também. Uma promessa que ainda haverá muitos beijos como esse no futuro.

— Eu te amo — murmuro contra seus lábios, sentindo as lágrimas dele molhando meu rosto.

— Eu te amo mais, meu amor — ele responde, deixando mais um selinho nos meus lábios antes de nos afastarmos.

É, é agora.

— Pronta, senhorita Diggory? — uma das moças que vai me acomodar em um dos quartos me pergunta, e eu olho mais uma vez para as minhas pessoas favoritas no mundo.

Eu consigo. Apenas três meses longe, e já vou voltar para eles. Eu preciso fazer isso por mim. Preciso melhorar. Quero melhorar.

Me viro de volta para a entrada da clínica e respondo, uma das maiores certezas que já tive na vida:

— Pronta.



# Primeiro mês

*Querido Aaron,*

*Queria não começar esse e-mail com a frase clichê de que sinto sua falta, mas não tem como ir por outro lado. Eu sinto saudades suas todos os dias. Mesmo que eu tenha várias atividades o dia inteiro com outros pacientes e muitas consultas com vários especialistas, que me mantém muito ocupada, você está sempre na minha cabeça. Como te tirar daqui? Se souber a resposta, por favor me diga.*

*Tudo bem, acho melhor não me estender muito nesse assunto, porque você vai querer fazer visitas diárias para mim e passar 20 horas dentro de um carro — ou em cima da sua moto —, apenas para me ver. E não precisa disso! Estou perfeitamente bem, na medida do possível. Não precisa se preocupar, ok? Vamos nos ver em breve, e estou ansiosa para isso!*

*Agora, falando um pouco sobre aqui, porque sei que você está doido para saber mais. É… interessante. Eu tenho uma rotina aqui, o que é bom. Me acostumei com a rotina que fiz no apartamento e fico feliz que eu tenha uma por aqui também. Tomo café da manhã, depois podemos escolher alguma atividade — pintura, dança ou yoga — para fazermos, e antes do almoço, tenho uma consulta com a Doutora Kohl. Ela trabalha aqui também, como você já sabe, e isso foi um alívio para mim. Por mais que só tenhamos tido uma consulta juntas, eu gostei bastante dela e achei bom termos continuado juntas. Depois de comer — ou pelo menos tentar —, é o momento de ir para a nutricionista daqui. Nós conversamos abertamente sobre meus limites com a comida, e ela sabe de toda minha relação com a alimentação. Por isso, estamos criando juntas um bom plano alimentar. Vamos começar lentamente e irmos adicionando todo tipo de comida ao longo do tempo. Durante a tarde, temos mais atividades em grupo para escolhermos. Eu nem gosto muito de natação, por exemplo, mas fiz algumas aulas e até mesmo fiz amizades, acredita? Não tô achando aqui tão ruim como imaginei, por ser uma clínica médica e tal. E quando terminamos essa atividade, é quando podemos usar a sala de computadores e telefone para falar com quem quisermos. Onde estou agora, como você pode imaginar. Depois, jantar, e voltamos para nossos quartos. As consultas com a psiquiatra acontecem três vezes na semana, na parte da tarde também.*

*E uma coisa que eu gostei bastante, é que grande parte dos funcionários são mulheres. Maravilhoso, não é? Achei um estabelecimento muito empoderado! Eu só acho que poderiam atualizar os uniformes, sabe? Está muito cafona! Até estou pensando em me oferecer para fazer isso depois de formada, se tudo der certo. Eles precisam de uma nova estilista, e essa pessoa sou eu!*

*No geral, estou curtindo. Mesmo com poucas semanas de tratamento, eu sinto que pode dar certo, sabe? Eu vejo esperança, depois de anos no escuro. Eu sei que sem você, meu pai e meus amigos, não seria assim também. Vocês são minha âncora. Vocês me apoiaram em uma das decisões mais complicadas da minha vida, e eu sou muito grata a vocês por isso.*

*Estou melhorando por mim, mas também por você. Por nós. Por uma vida que vamos construir juntos.*

*Eu te amo mais do que velas aromáticas e cor de rosa. Para todo o sempre.*

*Sempre sua, Lily.*




Aaron Yoon

# Segundo mês

*Minha Lily,*

*Estou contando os dias para você voltar para mim. Não quero soar muito emocionado, mas o que posso fazer, se a mulher por quem sou apaixonado está a quilômetros de distância de mim e só me permitiu fazer duas visitas a ela em 2 meses? Eu entendo seus motivos, meu amor, mas você continua sendo malvada com meu pobre coração.*

*E sobre as novidades que você perguntou no último e-mail… nada parece muito interessante aqui, sem você, mas irei fazer esse esforço. Audrey foi convidada para sua primeira festa do pijama na escola nova, por uma das amigas, e está em êxtase. Eu tive que conversar com a mãe da menina e explicar que, por mais que minha irmã quisesse muito ir, ela precisa de alguns cuidados extras, por usar cadeira de rodas. Depois da mãe me fazer vinte mil perguntas sobre nossa família e onde estão nossos pais — eu disse que nossa mãe morreu há alguns anos e não temos mais contato com nosso pai, porque se a pobre mulher não sabe quem é a nossa família, prefiro que fique assim —, ela disse que não haveria nenhum problema, já que seu marido também utiliza uma cadeira de rodas, depois de perder ambas as pernas quando servia o exército americano, e a casa foi toda modificada para eles poderem viver lá. Maneiro, não é? Preciso lembrar de fazer isso quando comprarmos uma casa maior para morarmos com a minha irmã. O apartamento é espaçoso, mas não o suficiente para nós três e não supre todas as necessidades da minha irmã.*

*Ah! Mais uma fofoca, porque sei que você adora saber da vida dos outros. Vi Ava e Kiara saindo juntas do Teatro da universidade, bem depois do ensaio do próximo espetáculo de ballet ter terminado. Elas saíram bem próximas uma da outra e com sorrisos bobos. Kie não me contou o que está acontecendo entre as duas, nem Ava disse nada à Stella — porque é claro que Cameron me contaria —, mas assim que tiver mais informações sobre isso, com certeza vou te contar. E sobre nossos dois amigos apaixonados… eles estão bem. Eu sei que você tem contato com as meninas também e que elas foram te ver há alguns dias, mas só queria dar um parecer sobre o que aconteceu na última semana.*

*Conclusão dessa semana? Tudo estaria melhor se você estivesse aqui.*

*Estou exausto das últimas provas da minha vida que vou fazer na faculdade. Bom, porque são as últimas, mas péssimo, porque só estudo, estudo e estudo mais. Se você estivesse aqui, meu amor, tenho certeza que estaria me distraindo de outras formas.*

*E estou falando de passeios românticos depois de horas de estudo, Lily, não de sexo. Espero que sua mente não tenha ido para esse lado.*

*Também tenho mais algumas atualizações sobre o advogado que contratei para lidar com a prisão do meu pai e todos os seus bens materiais. Todas as filiais do Aha-ri vão ficar para mim! Agora, meu amor, serei dono da maior rede de restaurantes coreanos do país! Ainda estou pensando o que vou fazer com tantos restaurantes para administrar, mas algo que estou pensando, é em vender uma parte para Cameron e deixá-lo como meu sócio. O que você acha? Depois de tudo que ele passou por causa do meu pai, eu acho que é o mínimo que posso fazer.*

*Sinto sua falta todos os segundos, minutos e horas dos dias. Volte logo para mim.*

*Amor da sua vida,*

*Aaron.*




*Lily Diggory*

Queria dizer que os 90 dias internada na clínica médica para tratar os meus transtornos alimentares passaram rápido, como se fossem apenas 9 dias. Contudo, não foi assim. Eu senti cada um dos dias dos três meses passando lentamente. Eu memorizei cada consulta com psicóloga, psiquiatra e nutricionista, me dedicando ao máximo para o tratamento. Mesmo tendo feito amizades com algumas pessoas também internadas, eu não deixei que nada se pusesse no meu caminho de melhora. Eu passei todo esse tempo longe das pessoas que eu amo com um único objetivo: melhorar. Tratar todas as amarras que Lauren, minha própria mãe, deixou em mim nos anos em que vivemos juntas.

Foi difícil pra caramba, não vou negar, e ainda tem muito trabalho a ser feito. Minha relação com minha mãe não afetou apenas minha mente, como também trouxe consequências físicas para mim, por causa de tudo a que me submeti para agradá-la. E ter que reviver todos esses momentos nas sessões médicas foi o mais complicado. Eu acho que de todas elas — e olha que eu era atendida pela psicóloga e psiquiatria quase todos os dias —, eu não deixei de chorar em nenhuma. Chorei por mim, pela infância que minha mãe não me permitiu ter. Pela adolescência que foi comprometida por ela. Pelas pessoas ao meu redor, que foram afetadas por minha doença também. Por ela, que não deveria ter sido mãe. Eu sei que isso não é a melhor coisa a se pensar, e dói falar isso dela, mesmo tendo total noção do que ela fez para mim, mas é a verdade. Lauren Hayes sempre se importou apenas consigo mesma e deveria ter continuado assim. Se dinheiro é seu bem maior na vida, ela nunca deveria ter tido filhos. Dessa forma, todos nós teríamos sido poupados de suas atitudes. Eu, por exemplo, não teria passado meses longe das pessoas que realmente me amam e querem meu bem, em razão dela.

*Esse* é um dos pontos que preciso continuar trabalhando com a Doutora Kohl, por exemplo. E por isso, eu continuarei meu acampamento com todos os profissionais fora da clínica. Ainda não estou 100% bem, porém, eu posso ver uma melhora significativa agora que tive alta. Foi muito difícil ter ficado aqui, com poucas visitas, telefonemas e e-mails, entretanto acho que isso ajudou, de certa forma, o tratamento. Não sei como teria sido se fosse de outra maneira, se teríamos o mesmo resultado.

Isso não me importa mais. Tudo que está feito, está feito.

E hoje, depois de 90 dias, eu estou com a minha alta assinada e levando minhas malas para a recepção do hotel, onde vou encontrar o amor da minha vida depois de quase 20 dias sem vê-lo, quando aconteceu sua última visita.

Eu ainda não sei o que vamos fazer lá — ele disse na última vez que nós falamos, que vai ser uma surpresa —, mas sei que quero rever todos meus amigos e meu pai logo. Não estou mais aguentando de saudades deles!

Enquanto empurro as três malas rosas de rodinhas pelo corredor, depois de me despedir de alguns amigos que fiz aqui, não consigo deixar de pensar se algo mudou desde a última vez que nos vimos. Aaron cortou o cabelo? Fez mais alguma tatuagem? Foi, finalmente, convencido por Cameron Parker, seu melhor amigo, a colocar um piercing em alguma parte do corpo?

Bem, ele vai continuar sendo o homem da minha vida, independentemente de qualquer mudança na sua aparência.

*Qualquer* é um pouco forte, porém confio em Aaron Yoon para que não tenha feito nenhuma loucura.

Respiro fundo quando percebo que estou chegando na recepção. Eu sei que nos vimos algumas vezes durante o tempo que fiquei aqui, só que agora, é diferente. É diferente porque é meu último dia aqui, mas o primeiro dia do resto da nossa vida juntos.

Finalmente juntos. Sem nenhuma mãe ou pai maluco para nos separar.

Quando enfim a porta que leva ao hall de entrada da clínica é aberta e eu vejo Aaron escorado em uma das pilastras, com o olhar fixo na porta que acabaram de abrir, largo tudo no chão e corro até ele. Ele me encontra no meio do caminho e me segura pela cintura, enquanto eu passo os braços ao redor do seu pescoço. Ele me levanta do chão! Escondo meu rosto na curva entre seu pescoço e ombro, e sinto seu cheiro.

Nossa, que saudades do cheiro dele!

Ele me põe no chão, sem me soltar, e sobe uma das mãos para minha bochecha, tirando os fios loiros do meu cabelo da frente do meu rosto. Ele sorri para mim, e… e eu tenho vontade de ter um filho com ele agora mesmo.

No entanto, não posso. Ainda preciso me formar na faculdade e me tornar uma estilista famosa. É só o tesão de três meses sem sexo falando mais alto.

Tento empurrar esse pensamento para o fundo da minha mente e focar apenas no rosto lindo de Aaron. Seu cabelo continua com o mesmo corte de antes. Acho que depois que eu disse que ele fica lindo assim, ele nunca mais aparou demais. Está sempre do mesmo tamanho, e eu amo isso. Como sempre, nosso contraste em relação às cores das roupas é gritante. Aaron está todo de preto, como sempre, e mesmo com uma camiseta de manga curta, o preto está inserido nos seus braços através das tatuagens que cobrem praticamente todo seu corpo. Eu não sabia que curtia um homem tatuado até conhecê-lo. Depois disso, eu passei a acha-lo o homem mais gato e sexy do mundo. Já eu, por outro lado, estou com um vestido midi rosa salmão e tênis brancos.

Nós nos completamos de todas as formas possíveis, e eu adoro isso.

— Eu estava morrendo de saudades de você — ele diz, antes de descer a mão até minha nuca e juntar nossas bocas.

Queria dizer que foi apenas um selinho, porém é claro que não foi isso que aconteceu. Ficamos quase um mês sem nos ver, e assim que nossas línguas se tocam, o mundo inteiro desaparece.

Só Lily Diggory e Aaron Yoon existem.

Eu quase sou levada pelo sentimento e faço amor com ele aqui mesmo, mas quando ouço uma pessoa coçando a garganta perto de nós, tentando chamar nossa atenção provavelmente, eu me afasto.

— Eu também estava com saudades de você — respondo, abrindo um sorriso para ele. Sua boca está um pouco manchada do gloss de cereja que eu acabei de colocar, entretanto ele fica ainda mais lindo assim.

Nos afastamos, contra a nossa vontade, para resolver as últimas pendências da clínica médica e eu me despedir de todos os funcionários gentis que me atenderam nesses últimos meses. Eles fizeram com que a minha experiência não fosse tão ruim, e sou muito grata a eles.

Quando finalmente saímos da clínica e procuro pelo carro do meu pai pelo estacionamento, não encontro. Ele não veio? No dia que finalmente tive alta?

— Eu fiz uma coisa — Aaron confessa, quando percebe minha expressão confusa. — Talvez eu tenha dito a todos que você só teria alta amanhã.

O que?

— E por que você fez isso? — pergunto, tentando não soar muito na defensiva.

— Eles estão preparando uma festa surpresa pra você, e eu sou egoísta, meu amor — ele responde, ainda sem largar minha mão, que está entrelaçada com a sua desde que saímos do estabelecimento. Ele fica de frente para mim, e com a mão livre, que antes levava minha mala, segura minha bochecha e faz um carinho com o polegar ali. — Quero passar um tempo a sós com você antes deles. E quero te mostrar uma coisa também.

Eu deveria ficar irritada com ele por ter mentido para meus amigos e meu pai sobre minha alta, mas… mas eu não consigo. Depois de tantos meses separados, com apenas três visitas trimestrais, eu também quero muito ficar sozinha com ele. E agora eu sei que ninguém me abandonou, apenas acreditam que vão me ver amanhã no dia da…

— Você sabe o que é uma festa surpresa, não é? O intuito é o aniversariante *não* saber — pontuo, e ele respira, aliviado por eu estar brincando e não irritada, e assim continuamos nosso caminho até sua… moto. É, deve ser a moto.

— Mas não é seu aniversário — ele retruca, com um sorriso sacana, e eu bato com meu quadril no dele. Babaca.

Estou prestes a perguntar onde está sua moto e como vamos carregar todas as malas nela, quando Aaron para abruptamente em frente a um carro preto grande, bem ao fundo do estacionamento. E ele fica assim. Parado.

O que ele está fazendo?

Mais uma vez, não tenho a chance de perguntar, porque com a outra mão, ele levanta uma chave, e o carro à nossa frente apita, como se… como se ele estivesse destrancando as portas. Porque ele destrancou.

— Você comprou um carro? — indago, totalmente surpresa, virando meu rosto em sua direção, e ele já está me olhando.

— Cheguei à conclusão de que não posso levar você e Audrey juntas na moto, e para não ficar pedindo o carro do seu pai emprestado… achei melhor comprar um.

Eu… eu estou em estado de choque! Quem é esse e o que fizeram com Aaron Yoon, o garoto problema que conheci há alguns meses?

Aaron guarda todas as minhas coisas no porta-malas e abre a porta do passageiro para mim. Assim que eu me acomodo, ele dá a volta no veículo e entra no lado do motorista. Antes de ligar o carro para sairmos daqui, ele entrelaça a mão na minha novamente e leva até sua boca, depositando um beijo no dorso dela.

— Era essa a surpresa? O carro? — pergunto, quando finalmente saímos da área da clínica.

— Claro que não, meu amor — é o que ele se limita a responder, e eu tento esconder um sorriso.

Aaron Yoon tem uma surpresa para mim, e eu espero que seja algo romântico. Depois de três meses, é o mínimo que eu mereço, não é?

Durante nosso percurso sei lá para onde, ele me atualiza dos últimos acontecimentos em mais detalhes. Stella e Cameron estão oficialmente namorando, e ela o levou para encontrar a família no último fim de semana. Aaron completa, dizendo que ela não queria que Cam contasse para ele, porque sabia que Aaron me contaria e ela mesma queria fazer isso. Jurei de dedinho que ia fingir surpresa quando ela me contasse. Além disso, Audrey está cheia de amigos e já entrou no clube de teatro do colégio. Sua primeira peça aconteceria no fim da primavera, e nós já temos ingressos garantidos para a primeira fileira. Meu pai tinha oficialmente se mudado há duas semanas, e Aaron ajudou-o com a montagem de móveis e organização da casa no subúrbio de Schönilla. Inclusive, é lá que vai acontecer minha festa surpresa de boas-vindas.

Nenhuma notícia da minha mãe, no entanto, e eu espero que continue assim.

Conto para Aaron de como foi meu último mês na clínica e o que vai acontecer daqui para frente. As consultas vão continuar, por exemplo. Duas vezes por semana tenho que ver a Doutora Kohl, minha psicóloga, e a cada 15 dias, minha psiquiatra. Nutricionista, entretanto, apenas uma vez por mês, para ver se a dieta que montamos juntas está funcionando. Ele prometeu que vai me acompanhar em todos os meus compromissos, e eu fiquei ainda mais feliz com isso. Depois de tantos anos tendo uma mão que não me apoiava em nada, é maravilhoso ter alguém tão incrível como Aaron comigo.

Depois de quase duas horas de estrada, paramos em uma lanchonete beira de estrada para comer alguma coisa. Era quase hora do almoço, e Aaron me perguntou três vezes se eu queria mesmo comer aqui, já que… bem, é uma *lanchonete.* Cheia de pratos gordurosos no cardápio. Eu disse, várias vezes, que não tinha problema e que nesses meses de tratamento, eu estava ficando cada vez melhor. Para provar isso a ele — e a mim, na verdade, já que foi minha primeira refeição fora da clínica —, eu pedi uma porção de batatas-fritas pequenas e água saborizada. Não é uma refeição ideal, mas… mas eu estou chegando lá.

Algum dia ainda vou conseguir comer o lanche completo dessas lanchonetes sem me sentir culpada depois ou com vontade de pôr tudo para fora.

Após terminarmos o almoço, ainda pegamos mais duas horas de estrada, em meio a muita conversa e, claro, Taylor Swift. Não podemos perder os costumes, não é? Depois de muitas reclamações sobre as músicas da minha ídola, finalmente chegamos no nosso destino.

A porra de um hotel 5 estrelas em uma cidadezinha a caminho de Schönilla.

— Aaron… — sopro seu nome, sem saber o que quero dizer, quando ele estaciona o carro na porta de entrada do hotel, e um funcionário do hotel abre a porta para mim.

— Sim, meu amor?

— Vamos passar a noite *aqui*? — pergunto, enquanto ele me leva para a recepção, e outras pessoas ficam responsáveis por estacionar o carro, e levar nossas malas para o quarto.

— Você merece muito mais que isso, Lily — é o que ele responde, antes de começar a passar os dados para o recepcionista.

Eu… eu… uau!

Não estava esperando por isso!

Quando ele disse que queria passar um tempo a sós comigo antes de todo mundo, achei que fôssemos ficar em seu apartamento. Não em um hotel 5 estrelas!

Cada dia eu tenho mais certeza que escolhi a pessoa certa para passar a minha vida.

Alguns minutos depois, finalmente subimos para o nosso quarto, uma suíte presidencial quase maior do que o apartamento que dividimos.

Por favor, Deus, se é um sonho, não me acorde.

Aaron se recupera do choque — se é que foi um choque para ele o tamanho desse quarto de hotel — e se joga na cama de casal no meio do cômodo.

— Vem aqui — ele chama, e como vou negar?

Tiro meus tênis e meias perto da porta e sigo até onde ele está. Subo na cama e engatinho até ele, ficando de joelhos perto de Aaron. Ele está com as costas encostadas na cabeceira da cama e me puxa pela cintura para sentar em cima dele, com uma perna de cada lado do seu quadril.

— Agora sim. No lugar de onde você nunca deve sair — ele diz, passando as mãos carinhosamente pelas minhas costas e depois, colocando-as na minha cintura.

— Senti muito a sua falta — falo mais uma vez, porque parece que nunca vai ser suficiente.

— Eu também, meu amor — ele responde, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — E como eu não aguentava mais te ter longe, fiz algo para que você continuasse próxima do meu coração.

Franzo as sobrancelhas, não entendendo o que ele quer dizer com isso. O que ele fez para que eu continuasse próxima do seu coração?

Aaron não me responde. Ele se afasta um pouco da cabeceira e leva as mãos para trás da camiseta, tirando-a do seu corpo. O que…

Não.

Ele não pode ter feito isso.

Não, não e não.

No lado esquerdo do seu peito, onde fica o coração, um pedaço do seu mamilo está tatuado. Lily Yoon. O meu nome. Ele tatuou a porra do meu nome em seu coração!

Subo uma das mãos pelo seu abdômen trincado até chegar no peito, onde passo os dedos delicadamente pelo meu nome.

— É só uma confirmação do que eu sempre soube, meu amor. Você está gravada no meu coração para sempre. Literalmente, agora — ele fala, quando eu continuo em silêncio, estupefata com seu lindo gesto.

Como pude ter tanta sorte assim?

— Aaron… — digo, segurando as lágrimas que estão prestes a cair. — Isso é lindo. A coisa mais linda que já fizeram por mim. E, com certeza, se tornou minha tatuagem preferida sua — completo, brincando, e ele sorri para mim.

— Eu amo você, Lily — ele afirma, e eu já não controlo mais as lágrimas que começam a escorrer pelo meu rosto.

— Eu te amo, Aaron. Mais do que você pode imaginar — respondo, me apoiando em seus ombros para beijá-lo.

Acho que agora, finalmente poderei matar a saudade de transar com ele, mas Aaron, pelo visto, tem outros planos. Assim que desço minha mão em direção à sua calça, ele segura um dos meus pulsos com uma das mãos, e eu me afasto, para saber o que está acontecendo.

Se eu quase morri com a tatuagem, com a cena que encontro assim que abro meus olhos… acho que é meu último segundo de vida.

Aaron Yoon com uma caixa de veludo azul escuro na mão e um sorriso de orelha a orelha.

Uma caixinha azul, do tamanho de um…

— Eu te amo, Lily. Você foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida, e sem você, eu não seria o homem que sou hoje. Mesmo em pouco tempo, você fez uma mudança drástica na minha vida. Por sua causa, eu posso acompanhar o crescimento da minha irmã de perto, por sua causa, eu descobri a verdade sobre o assassinato da minha mãe. Por sua causa, Lily, eu sou uma pessoa muito melhor do que era ontem — ele nem terminou de falar, e eu já estou inchada de tanto chorar. — Você me faz muito, muito bem, Lily. E eu soube desde o nosso primeiro beijo, até antes disso, que você era a mulher da minha vida. Você é a mulher da minha vida. Então, meu amor, queria saber se você aceita ser a minha Lily Yoon a partir de agora?

Para completar todo o discurso, ele abre a caixinha, e um lindo anel rosé com um diamante médio está lá dentro. É o anel mais lindo que já vi na vida.

— É claro que sim, Aaron! Eu quero passar todos os dias da minha vida com você — respondo, me jogando em cima dele para abraçá-lo. — Eu te amo muito!

— Eu te amo mais, meu amor — ele responde, envolvendo seus braços ao meu redor.

Nosso primeiro dia como noivos, mas não o último sendo parceiros um do outro.



Estou exausta no dia seguinte ao meu pedido de noivado, e ainda temos algumas horas de estrada pela frente.

Aaron e eu aproveitamos *bem* nossa suíte no hotel 5 estrelas. Transamos a noite inteira. Na cama, na varanda e no chuveiro. Batizamos todas as partes do quarto, se posso dizer assim.

Três meses sem fazer sexo com meu namorado, e quando finalmente isso acontece, ainda posso chama-lo de noivo? É motivo de comemoração!

Não me arrependo de estar dolorida até agora. Me arrependo de ter esquecido que eu encontraria minha família e amigos algumas horas depois, e vou precisar fingir que meu noivo não enfiou o pau gigante dele dentro de mim inúmeras vezes durante a noite anterior.

Deus, eu estou ferrada!

Nos arrumamos rapidamente depois do café da manhã para partirmos para Schönilla, para minha festa surpresa, que o babaca do meu noivo já me contou. Sim, não canso de chamá-lo dessa forma! Eu estou noiva, caramba! Não vou parar de falar isso tão cedo.

Escolho uma calça laranja de látex e um cropped de tricô, laranja e rosa, em cima. Para completar, calço meus tênis brancos, e saímos do hotel depois de fazer check-out. Aaron, como sempre, está com uma roupa toda preta. Dessa vez, no entanto, ele está com uma camisa de botões, e eu o faço deixar os primeiros botões abertos, para que todos possam ver meu nome tatuado em cima do seu coração.

Todos já sabem que ele me pertence, mas é bom reforçar.

As horas de viagem de volta à Schönilla são tranquilas. Mais uma vez, recheadas de músicas da Taylor Swift. E como todos acreditam que eu saí da clínica médica hoje mais cedo, sou bombardeada de mensagens perguntando como eu estou. Meu grupo de amigos do colégio, por exemplo, já quer marcar um encontro comigo antes das férias de verão — como nosso combinado no último ano da escola —, para podermos nos ver e matar as saudades. Ava e Stella não ficam para trás, já querendo marcar algum evento apenas das meninas. Audrey me ligou enquanto estávamos na estrada, e ficamos uma hora e meia conversando, até que meu pai me ligou também, e eu precisei desligar com ela para falar com ele rapidamente. Até mesmo Cameron me enviou uma mensagem! Quando disse isso para Aaron, ele ficou se mordendo de ciúmes. Fala sério! Cameron está de quatro por uma das minhas melhores amigas desde que eles tinham 16 anos. Não tem motivo para isso. Ainda mais agora, que estamos noivos.

Chegamos em Schönilla no fim da tarde, na nova casa do meu pai, e assim que saímos do carro, antes de entrarmos, Aaron me puxa pela cintura, encostando minhas costas na lataria do carro.

— Não esqueça de fingir surpresa quando entrarmos — ele relembra, e eu assinto. Já preparei todas minhas expressões mentalmente. — E exiba esse anel — ele pega minha mão direita, onde está meu diamante — para todo mundo. Quero que todos saibam que você será oficialmente Lily Yoon daqui a algum tempo.

— Só vamos nos casar depois que eu me formar — digo, repetindo nossa conversa de algumas horas atrás, quando começamos a discutir possíveis datas para o casamento.

— Vou te fazer mudar de ideia — ele responde, deixando um beijo casto na minha boca, e com as mãos entrelaçadas, seguimos para dentro da casa do meu pai.

Nós abrimos a porta principal, e as luzes são acesas. Todos os meus amigos da faculdade, Audrey e meu pai estão aqui. Juntos, eles gritam "surpresa", e eu faço minha melhor expressão de que não imaginava nada disso.

— Aaron te contou, não foi? — Audrey pergunta, movendo sua cadeira de rodas para perto da gente e fuzilando o irmão mais velho com os olhos.

— O que? Claro que não! — minto, porém, acho que meses trancada em uma clínica sem poder mentir, para o meu bem, me fez ficar ruim nisso.

— Se você não soubesse, já estaria chorando a essa altura — Audrey diz, firme, e eu não sei o que responder.

Merda.

O que eu faço agora, para não desapontá-la?

— AI, MEU DEUS! O QUE É ISSO NA SUA MÃO? — Stella grita, vindo correndo em nossa direção, e eu respiro aliviada pela mudança de assunto.

— EU ESTOU NOIVA! — grito para todos me ouvirem, e meus amigos, até mesmo meu pai, comemoraram a notícia.

Contudo... reparo que Ava ainda não está aqui. Estranho. Se Stella está, ela também deveria estar conosco. Cameron e Kiara também já estão aqui, então… onde ela pode estar?

Esqueço desse assunto durante alguns minutos, quando todos vêm me cumprimentar.

Meu pai me dá um abraço daqueles e me parabeniza pelo noivado, dizendo, daquela forma protetora, que vai ter uma conversa séria sobre as intenções de Aaron com a filhinha dele. Joe também diz que está feliz que eu esteja de volta e que temos que repor o tempo perdido — não os três meses da internação, mas sim os anos de encontros às escondidas —, e eu respondo que estou muito ansiosa por isso.

Em seguida, me abaixo para ficar na altura de Audrey e dar um abraço na minha nova pessoa favorita. Nos falamos bastante durante minha estadia na clínica e agora, que finalmente nos reencontramos, sinto que estou ainda mais próxima dela. Como uma irmã mais nova.

Stella pula para cima de mim logo que eu me levanto, dizendo que estava morrendo de saudades de mim e que temos que colocar as fofocas em dias. Também nos falamos bastante nesses últimos meses, entretanto tem algumas coisas que precisam ser ditas cara a cara.

Kiara e Cameron me cumprimentam juntos. Eles são carinhosos da maneira deles, todavia, recebo um sorriso sincero de Kie, algo que é raro na melhor amiga do meu namorado, e eu aceito de bom grado. Isso é mais do que suficiente para mim. Cam me abraça, mas somos impedidos de falar qualquer coisa, quando a campainha da casa toca. Como está mais perto da porta, Aaron atende, e com certeza as pessoas que aparecem no meu campo de visão, não são quem eu esperava.

É Ava Sinclair, uma das minhas melhores amigas, só que ela não está sozinha. Ela está de mãos dadas com um garoto que nunca vi antes. No entanto... isso não faz sentido. Eu achei que…

Olho de soslaio para Kiara, que está tão estupefata quanto eu. Na verdade, todos estamos em completo choque.

— Lily! Que saudades de você! — Ava finalmente fala algo para quebrar o silêncio e desentrelaça a mão da do garoto, se aproximando para me abraçar.

Eu pareço, enfim, sair do transe e abraço-a de volta.

— Eu também senti sua falta, amiga — digo, ainda abraçada com ela e sorrindo.

Temos muito o que conversar mesmo.

— Esse é meu namorado — ela apresenta o namorado, que parece um pouco tímido. Ele acena para mim, mas não diz nada. Ava, entretanto, continua com o sorriso gentil estampado no rosto, sem desviar os olhos dos meus.

Ninguém diz nada.

Todos parecem estar congelados diante da cena à nossa frente.

Meu pai, no entanto, não faz ideia do que está acontecendo e, felizmente, nos salva desse constrangimento.

— Vou fazer hamburgers no quintal, galera! Quem vem?

Todos se recuperam da notícia bombástica de Ava e seguem meu pai para o lado de fora da casa.

Aaron me puxa pela cintura para seguirmos o mesmo caminho dos nossos amigos. Kiara, Cameron e Stella já estão saindo pelas portas de vidro, e Kie parece querer se afastar o mais rápido possível da situação.

Bem, isso não é problema meu. Ava e Kiara precisam conversar e colocar as cartas na mesa.

Agora, tudo que mais quero é aproveitar uma boa comida caseira do meu pai e curtir ao lado dos meus amigos e meu noivo, depois de meses privada de tudo isso. Estou bem melhor do que a três meses atrás, porém ainda preciso melhorar. Já é um começo, entretanto.

Sinto os braços de Aaron enrolarem minha cintura por trás, e ele descansa o queixo no meu ombro.

— Eu amo você, meu amor — ele sussurra no meu ouvido, deixando um beijo atrás da minha orelha.

— E eu também amo você.

Sempre sonhei com um príncipe no cavalo branco para me salvar da minha mãe malvada. O que eu não imaginava, era que eu me apaixonaria pelo anjo caído, que me tiraria do lar mal-assombrado com sua moto e suas tatuagens. Não é o convencional, nem o final da nossa história ainda, mas é o melhor início que poderia ter para nós dois.



# EPÍLOGO

*Lily Yoon*

## Anos depois

Durante os seis anos depois do fim do ensino médio, meus amigos do colégio e eu sempre nos encontramos todos os verões, para podermos matar a saudade e colocar a conversa em dia, na fazenda da família de uma das nossas amigas, Alison Marsh.

Esse ano, no entanto, o nosso encontro está um pouco diferente.

Diferente, porque estamos comemorando o primeiro aniversário de Mia Brown, filha de Alexia e Charles Brown, meus grandes amigos da escola. Estamos na cidade onde eles moram atualmente, com todo o nosso grupo. A festinha de 1 ano de sua primogênita está acontecendo no quintal da casa deles, e o tema é jardim encantado. Tem coisa mais linda?

Sim, Mia com um vestidinho em tons de verde e rosa, cheio de flores. Bem, além de estar de acordo com o tema da festa, ela está também a caráter dos negócios da família. Inclusive, ela não para de sorrir enquanto seus avós, Marcus e Paul Jenkins, tentam tirar algumas fotos dela perto da mesa do bolo.

Não está dando nem um pouco certo.

Já passei por essa fase de festa de 1 aninho e sei que é difícil conseguir fotografias legais da criança. Mason Yoon, meu filho mais velho, já está com três anos, mas lembro como se fosse ontem do seu aniversário do Pororo, O Pequeno Pinguim, e como foi cansativo conseguir fotos dele com sua roupa de pinguim. Contudo, eu consegui. E estão bem guardadinhas no meu álbum de fotos para mostrar aos seus amiguinhos no futuro.

Mase puxou praticamente toda a fisionomia do pai — cabelos pretos extremamente lisos e os olhos pequenos e arredondados —, porém eu juro de pé junto até hoje que o nariz dele é igualzinho ao meu, falem o quanto quiserem. De personalidade… isso não posso negar. Ele é uma versão mirim do pai, mesmo com poucos anos de vida.

E falando do progenitor…

— Mason e Ian não querem sair da área de brinquedos — Aaron, meu marido, me comunica, quando se senta novamente ao meu lado à mesa.

Ian Marsh-Hart é filho da minha melhor amiga Nora Hart, e sua esposa, Alison Marsh, uma grande amiga da época do colégio também. Depois de alguns livros publicados pela parte de Nora — e vários outros sendo escritos ainda —, elas decidiram, há alguns anos, que era o melhor momento para ter um filho. Por isso, entraram na fila de adoção e depois de uns bons meses, adotaram Ian com um pouco mais de um ano. E agora, Ian, com seus quase 4 anos, a pele negra retinta, os cabelos crespos em trancinhas pela cabeça e com sua fiel camiseta do filme Carros, se tornou melhor amigo de Mason, meu primogênito, e sempre que estão juntos, brincam o tempo inteiro.

— Leva uma mini pizza para eles daqui a pouco — sugiro, e meu marido concorda.

Meu marido.

Ainda é estranho falar isso, mas é minha forma preferida de descrevê-lo.

Aaron e eu esperamos até eu concluir a faculdade para nos casarmos, como eu queria. Ele tentou me convencer do contrário, porém fui firme na minha decisão. Primeiro um diploma, depois casamento. E não deu outra: duas semanas depois da minha formatura, estávamos nos casando. Para incrementar ainda mais a maré de sorte, eu fui aceita como assistente em uma das melhores e maiores marcas de roupa do país. De lá para cá, já cresci algumas posições na empresa, entretanto, meu maior sonho ainda é abrir a minha marca de roupa, e quero realizar isso um dia. Nós nos mudamos um pouco depois da nossa lua de mel e desde então, estamos morando em Los Angeles. Aaron abriu uma filial do restaurante lá — hoje, na verdade, já são algumas filiais —, e estamos construindo nossa família em uma linda casa em frente à praia.

Depois de tudo que passamos, essa vida quase tranquila é tudo que precisávamos. Ainda mais agora com…

Paro no meio do meu próprio pensamento, quando sinto um pezinho batendo lá embaixo.

— Ela está chutando muito? Está com dor nas costas? — Aaron pergunta, levando uma das mãos para minha barriga já crescida de cinco meses de gestação.

— Estou bem, amor. Não precisa se preocupar, foi só um chute — respondo, colocando a mão sobre a dele por cima da nossa menina.

É claro que o sexo do bebê não é tão importante assim, contudo, eu estou animada para ter uma garotinha e ver se ela vai ser parecida com o pai também, ou dessa vez, puxar a mim. Imagina só, eu a fazendo de bonequinha e criando várias roupas fantásticas? Mason sempre odiou qualquer frufru a mais em suas vestimentas, mas eu estou torcendo para que Barbie Yoon não seja assim.

— Vou chamar os meninos para tomar um pouco de água — Nora avisa, se levantando da mesa, quando o garçom se retira depois de deixar a bebida. — Depois de correr tanto por aí, eles precisam se hidratar um pouquinho.

— Tudo bem, amiga — digo, e Allie também concorda, deixando um beijo na bochecha da esposa antes de ela sair.

Charles e Alexia, os papais de Mia, estão junto dos avôs agora, tentando tirar algumas fotos em família. Cassie Brown, irmã mais nova de Charlie, também está junto, assim como seu melhor amigo, James Crawford. Os dois são inseparáveis, como unha e carne. Onde um está, o outro está junto. Eu não os vejo tanto assim, mas desde que ela era uma garotinha de 8 anos, eles são assim, e pelo jeito, não mudou. E, como Aaron, os dois adolescentes usam e abusam das cores escuras, mesmo não contrastando tão bem com o tom da festa.

— Pare de julgar as roupas dos outros, meu amor — meu marido sussurra no meu ouvido, me fazendo sorrir.

— Eu só acho que eles poderiam ter usado menos preto, não é? Para ficar legal nas fotos em família — respondo simplesmente e recebo um beijo no pescoço por isso, que me arrepia inteira.

Será que perceberiam se Aaron e eu déssemos uma fugidinha da festa para uma rapidinha?

Não, Lily, pelo amor de Deus! É uma festa infantil.

Os hormônios da gravidez me deixam com tanto tesão, que essas ideias malucas surgem na minha cabeça. Tenho que aprender a controlar melhor isso. O que é ainda mais difícil quando Aaron descansa a mão na minha coxa, em um gesto comum, mas que me deixa louca para dar para ele, e deposita beijos pelo meu ombro, pescoço e bochecha, sempre que há uma brecha. Isso é uma prova de resistência.

Mason e Ian retornam para nossa mesa e se sentam um ao lado do outro, bebendo dos seus respectivos copinhos.

Quem poderia imaginar? O meu filho e o da minha melhor amiga, também são melhores amigos. É tudo que sempre sonhei!

— Oi, gente! — A voz de Eleanor Collins soa, e eu percebo que nossa amiga chegou. Um pouco atrasada, porém chegou.

— Alex vai te matar — Allie diz, e Ellie sorri sem graça.

— É culpa do irmão dela, não minha. Ele demora horas para se arrumar e sempre faz isso em cima da hora — ela responde, colocando a culpa em seu marido, Jason Jenkins, irmão gêmeo de Alexia e tio de Mia.

— E cadê a pequena Avery? — pergunto, fazendo menção à filha dos meus amigos, que já está com quase 1 aninho também.

Eu ainda não tive a chance de conhecê-la pessoalmente e estou ansiosa por isso.

— Com a pessoa favorita dela — Ellie responde, revirando os olhos de brincadeira e apontando para a mesa do bolo, onde Jason e Alexia parecem discutir sobre o atraso do homem.

De longe, já consigo ver que Avery Jenkins puxou os cabelos loiros do pai, ao contrário de Mia, sua prima, que não tem o loiro típico dos irmãos Jenkins. Mia Brown tem os cabelos castanhos claros, assim como seu pai, Charlie.

Jason finalmente se aproxima da nossa mesa de convidados com Avery e Mia, segurando ambas juntas no colo.

— Alex disse que precisava buscar a mamadeira de Mia e pediu para que ela ficasse um pouco conosco — ele explica, sentando-se na cadeira do meu lado.

— Ei, Ave. Eu sou a tia Lily, e esse é o tio Aaron — me apresento, pegando na sua mãozinha.

Por que os bebês são tão fofos?

— A Mia vai ser minha namorada quando crescer — ouço Ian confidenciar a Mason, mas eles não são tão discretos assim, e a mesa inteira ouve.

— Sério? Eu também quero uma namorada! — meu filho responde, emburrado, e cruza os braços. Estou prestes a intervir, assim como Nora e Allie, quando Mase continua a falar. — Ah! A Avery pode ser a minha namorada! Ela é bonita.

— Nananina não! — Jason diz, olhando de Mason para mim e Aaron. — Mantenha seu mini mafioso longe da minha menininha.

Anos podem se passar, e Jay vai continuar sendo ele.

Depois de descobrir o que aconteceu comigo nos primeiros meses em Schönilla, ele não tirou mais da cabeça que a família Yoon faz parte da máfia coreana. A primeira vez que nos encontramos, no primeiro verão após o nosso combinado, Jay ficou com medo de cumprimentar Aaron.

Sério.

— Meu filho pode namorar quem ele quiser — Aaron retruca, e eu belisco seu braço. — O que foi? Ele pode escolher com quem quer namorar!

— Ninguém vai namorar ninguém, porque vocês são muito jovens para isso ainda — Allie rebate, olhando para os meninos, mas a fala é mais para os dois marmanjos, Aaron e Jason. Eu, Nora e Eleanor assentimos. Eles são crianças e não têm que estar pensando nessas coisas.

E como Allie é a mãe do nosso grupo, ninguém retruca sua fala. Perfeito.

— GENTE! FOTO EM GRUPO! — Alex grita, nos assustando e fazendo um gesto com a mão para irmos até a mesa do bolo. — Vamos só tirar essa, porque preciso dar mamadeira para Mia — ela informa ao fotógrafo, quando nos aproximamos. Todos nos reunimos atrás da mesa do bolo, com seus respectivos cônjuges e filhos.

Eu me lembro de quando tiramos uma foto assim há alguns anos, no aniversário conjunto de Eleanor e Charles, que fazem aniversário perto um do outro. E agora, anos depois, continuamos muito amigos, e sei que a amizade que temos, vai durar a vida inteira e passar de pais para filhos.

Mal posso esperar para nossas crianças criem uma linda amizade também, assim como nós, na nossa geração.

# CAPÍTULO BÔNUS

*Ava Sinclair*

Todas as minhas memórias de infância são na igreja. Quando seu pai é pastor, você cresce acompanhando-o no culto junto da sua família e os outros moradores da cidade. E como grande devoto da igreja evangélica, minha educação foi baseada em todos os ensinamentos da Bíblia, e por muito tempo, meus pais conseguiram esconder tudo que detestavam no mundo de mim.

No entanto, quando o dinheiro apertou, e eles precisaram vender o carro, impossibilitando que minha mãe me levasse à escola católica apenas para meninas em uma cidade próxima, eu fui transparecida para o colégio público de onde morava.

Desde esse dia, tudo começou a mudar, e minha família não pôde mais me deixar no escuro. Uma nova realidade se formou na frente dos meus olhos quando eu fiz meus anos de ensino médio lá, e eu nunca mais fui a mesma pessoa. Aprendi sobre assuntos que meus pais nunca falaram, e provavelmente, nunca falariam. Foi nesses anos no colégio, inclusive, que eu tive meu primeiro crush.

Minha primeira crush.

É claro que no início, não sabia que os sentimentos confusos dentro de mim pela menina de cabelo azul, que sentava na última carteira e usava meia calça rasgada, eram amorosos. Para mim, eu estava apenas deslumbrada com a ideia de alguém tão descolada como ela, querer ser minha amiga.

O anjinho do pastor.

Era como me chamavam.

O que eles não sabiam, no entanto, é que todas as vezes em que minha melhor amiga de cabelos azuis aparecia beijando uma pessoa diferente a cada dia — menina ou menino —, eu sentia vontade de ser *alguém* que ela estava com os lábios colados.

É só um sentimento causado pelos hormônios, agora que você menstruou, Ava. Você não se atrai por garotas, claro que não. Seu futuro marido é o filho do dono da farmácia, e vocês estão prometidos indiretamente desde a primeira vez que se encontraram em um culto, logo depois da família dele se mudar para a mesma cidade que a sua. Você gosta de garotos. De um garoto em específico.

Era isso que eu repetia constantemente para mim mesma.

Não adiantou.

Os sentimentos pelo meu amor azul não desapareceram, eu só aprendi a escondê-los. E quando nos formamos na escola, nunca mais nos vimos. Foi apenas uma paixão platônica que tive na adolescência, algo pontual.

Não ia acontecer novamente.

Pelo menos, era o que eu estava pensando quando convenci meus pais a me deixarem fazer faculdade em outra cidade. Só que fazê-los acreditar que uma formação era importante para mim foi um desafio. Confessar que eu tinha passado na Universidade de Schönilla, a quilômetros de distância deles, foi ainda mais complicado. No fim das contas, com um acordo, eles me deixaram ir.

Quando pisei no aeroporto do lugar onde eu passaria os próximos três anos, me senti livre como nunca antes. Seriam três anos de muitos estudos, novos amigos e experiências diferentes do pouco que eu já tinha vivido.

Os únicos de liberdade que eu teria, antes de voltar para minha cidadezinha no interior e marcarem meu casamento com **escolher nome**. Porque eu sabia que era isso que aconteceria assim que tivesse meu diploma em mãos e voltasse para ser a dona de casa e mãe de família que eu fui preparada a vida inteira para ser. Não que se dedicar à família e à casa fosse um problema, claro que não.

Porém, eu não queria isso para a minha vida.

Por isso, eu prometi para mim mesma que aproveitaria esses três anos da melhor forma possível. E quando eu conheci Stella Mars e Lily Diggory, e elas começaram a me levar para locais que eu nunca tinha ido antes, eu soube que fiz amizades com as pessoas certas. Eu estava no caminho correto para ter uma ótima experiência na universidade.

Até ela.

Até eu conhecer Kiara Lust.

Sua família é dona da melhor boate da cidade, suas roupas são majoritariamente pretas e ousadas, e ela exala perigo e encrenca. Diferentemente de mim, que sou filha de pastor, minhas roupas são de tons claros e pastéis, e a única coisa que exalo é cheiro de flores, por conta do meu perfume preferido.

Eu não deveria ter me aproximado de Kiara.

Ela não deveria ter se interessado por mim.

Como isso aconteceu, se somos tão diferentes?

Acho que o coração quer o que o coração quer.

E é por eu estar conversando e saindo bastante com Kie ultimamente, que eu não estranho quando ela aparece no Teatro da SU depois do término do meu ensaio para o próximo espetáculo de ballet. Eu mandei mensagem há algumas horas para ela, contando que passei para o papel principal no repertório de Marguerite & Armand.

— Como foi o primeiro ensaio? — Kiara Lust pergunta, subindo os cinco degraus para o palco.

Hoje, ela está com uma calça jeans de lavagem escura, uma blusa de gola preta e um casaco de couro por cima. Os cabelos castanhos caem como uma cascata pela sua frente, chegando um pouco abaixo dos seios, e o lápis preto um pouco borrado embaixo dos olhos, é um charme à parte.

Ela é muito linda. Facilmente uma das mulheres mais lindas que já vi em toda minha vida.

— Não ensaiamos tanto assim, na verdade — respondo, retirando as sapatilhas de ponta dos meus pés e fazendo uma careta quando percebo os machucados. — Conversamos bastante sobre o que o público espera de nós no repertório. Como temos que nos entregar aos sentimentos também, além da dança.

— Sentimentos? — ela questiona, curiosa, sentando-se ao meu lado.

Odeio quando Kiara fica tão próxima de mim, porque isso me faz querer fazer coisas que não orgulhariam meus pais.

— É sobre Marguerite Gautier, uma cortesã que está morrendo de tuberculose, e nós acompanhamos os últimos dias da sua vida. Ela está delirando, lembrando do seu caso com Armand, e nós apresentamos alguns flashbacks dos dois juntos — começo a explicar, e a morena continua me encarando, prestando atenção no que falo. — Além disso, ela se muda para o interior, a fim de passar o final de sua vida ao lado do seu grande amor. No entanto, o pai de Armand aparece e pede para ela desistir desse amor, sem avisar a Armand o motivo de ela ir embora. Daí, ele descobre, fica bravo, vemos Marguerite fazendo esse sacrifício por ele, a confusão do cara, e no fim, ele descobre a verdade, e ela morre nos braços dele.

— Isso é… dramático — Kie diz, quando termino de contar o enredo do ballet, e eu sorrio.

— É bonito de ver o amor deles e como eles lutaram muito por isso, mesmo que não tenham tido um final tão feliz assim.

— Ela morreu nos braços do cara que amava, pelo menos.

— Marguerite teve um final digno — confirmo, acenando com a cabeça.

— Mas não é um pouco… pesado demais para um repertório de ballet? As pessoas não vão ficar incomodadas?

— Ah, mas é exatamente isso que queremos! — afirmo, animada, porque amo falar da minha paixão. — Queremos a plateia torcendo para Marguerite e Armand se beijarem no primeiro ato e queremos também que chorem no fim, quando ela morre nos braços do amor da sua vida.

— *Se beijarem?* Vocês vão se beijar na apresentação?

Do que eu falei, foi justamente isso que ela pegou?

— Sim, nós vamos — admito, um pouco envergonhada. — É a primeira vez que sou protagonista de um ballet e ainda vou precisar ter essa cena mais íntima com o outro solista. É… meio assustador.

— É só um selinho, certo? — Kie pergunta, desconfiada e com um tom de voz diferente do de antes. Há algum sentimento por trás, porém não sei identificar o que.

— Ainda não sabemos. Vamos… vamos testar a química entre nós durante os ensaios. — E isso está me deixando louca.

— Você está confortável com isso? Porque se não estiver, Ava, precisa conversar com a professora e achar outra alternativa.

— É só que… que eu nunca…. — Respiro fundo, desconectando minhas írises das dela. — Eu nunca beijei ninguém antes e… e não quero que meu primeiro beijo seja com um cara qualquer durante um ensaio para o ballet.

Kiara Lust fica em silêncio, apenas me observando.

— Você ainda não deu seu primeiro beijo?

— Não — confesso mais uma vez. — Eu… como cresci em uma família religiosa e rígida, meus pais sempre me instruíram que tudo acontece após o casamento, entende? Então, para não decepcioná-los e ser uma vergonha, eu sigo essa pequena regra implícita.

— Mas é isso que você quer? Esperar até o casamento? — Kie pergunta cautelosamente.

— Honestamente? Não, eu não quero. Porém, também não quero beijar alguém em cima de um palco pela primeira vez e ter uma plateia me observando.

O que eu realmente queria dizer, é que a única pessoa que quero beijar nos últimos tempos é ela, mas… mas não posso. Não tenho certeza se Kiara me vê dessa forma. E… e por mais que ela não seja a primeira garota pela qual me interesso, é a primeira vez que isso acontece longe de toda minha vida no Tennessee, e… e isso me dá uma abertura para exploração. Para me descobrir de verdade. Entretanto, eu não sei se quero fazer porque, no fundo, sei que vou gostar de ter mais intimidade com Kie e quando eu voltar para casa, toda essa mágica vai terminar, e eu vou sofrer.

Isso é tão confuso!

— Acho que você deveria dar seu primeiro beijo fora dos palcos, então. Para se sentir mais segura — Kiara sugere, e eu ergo uma das sobrancelhas para ela.

— E quem você acha que me beijaria, Kie? Eu… eu não sou o tipo de ninguém.

E eu só queria ser o seu.

— Quem *você* quer beijar, Ava? — Os olhos de Kiara recaem para minha boca durante alguns segundos, e eu umedeço meus lábios em um movimento não intencional.

— Kie… por favor, não faça isso — peço, baixinho, e ela abre um sorriso presunçoso para mim.

— Não estou fazendo nada, Ava.

— Está sim!

— O que estou fazendo? — ela questiona, se divertindo com essa situação.

Nossos joelhos se esbarram, quando ela se arrasta para ainda mais perto de mim e descansa a mão em cima dele. As unhas afiadas pintadas de preto fazem um contraste com a minha meia calça rosa.

— Kie…

— O que foi, Ava? — ela continua se fazendo de desentendida, enquanto sua mão livre sobe pelo meu braço nu e se aloja no meu pescoço. Sinto suas unhas arranharem de leve a região e eu acho que paro de respirar por alguns instantes.

É a vez dos meus olhos pousarem em seus lábios. Sua boca tão bonita, como se tivesse sido desenhada à mão por Deus.

— Ava, você não pode me olhar dessa forma — ela avisa, e eu volto a encará-la.

— Assim como?

— Como se quisesse que eu te beijasse aqui e agora.

Engulo em seco, porque é justamente isso que eu quero.

Eu sei que não deveria fazer isso. Sei que se eu fosse uma pessoa um pouco melhor do que sou hoje, se eu fosse perfeita como meus pais acreditam que sou, eu me levantaria e iria embora. É o certo a se fazer, eu sei que é.

Contudo, não consigo fazer isso.

Pelo contrário, eu seguro Kiara pela cintura, como imagino que se deva fazer, e uso a outra mão para afundar meus dedos em seus cabelos, e meus lábios se colam nos dela.

Em um primeiro momento, é só isso que acontece.

Um selinho demorado, um leve encostar de lábios.

Quando percebo que Kie não vai aprofundar o beijo, como já vi em filmes e li em livros, eu me afasto, querendo sair correndo e chorar no banheiro do Teatro.

— Me… me desculpe, Kie. Eu não que…

Minhas palavras são cortadas quando a boca de Kiara se junta à minha outra vez, e seus lábios devoram os meus, em um beijo voraz.

Isso é diferente de tudo que já experienciei.

É uma novidade e… e é muito melhor do que imaginei.

Por instinto, eu entreabro um pouco minha boca, e a língua de Kiara entra em contato com a minha. Aos pouquinhos, vou seguindo os passos dela, e nosso ritmo se ajusta, como se eu tivesse feito isso a vida toda com Kie, e ela soubesse exatamente o que fazer para me deixar louca.

Porque é como estou. Louca por ela.

Kiara empurra meu corpo com cautela e carinho para trás, até que minhas costas batem no piso de madeira e ela se deita por cima de mim, apoiando um cotovelo ao lado da minha cabeça, sem descolar a boca da minha. À medida que uma das suas mãos está enroscada na minha nuca, a outra se encontra na minha cintura, por cima do collant preto. Uma das suas pernas está encaixada no meio das minhas, e quando seu joelho esbarra na minha virilha, perto demais da minha parte íntima, eu gemo contra os lábios de Kie.

Sinto-a sorrir com a boca colada na minha, e isso… isso acalenta meu coração, que já está totalmente entregue a ela.

Aqui, me perdendo na boca de Kiara Lust e com o carinho dela em minha bochecha, me mostrando como a primeira vez pode sim, ser fantástica, eu imagino que isso é o que Deus preparou para mim e é o certo. Eu imagino que ela também está apaixonada por mim e que vamos ficar juntas para sempre. Nós vamos voltar para o Tennessee nas férias de verão, vou apresentá-las aos meus pais, e eles vão abençoar a nossa relação. Eu me deixo imaginar que não existe mundo fora desse Teatro, que só existimos Kie, eu e esse beijo.

Se eu soubesse que tudo isso só aconteceria na minha vida imaginária, que eu a perderia em breve, por culpa totalmente minha, eu teria feito tudo diferente no futuro.

Eu não teria me deixado apaixonar por Kiara Lust, se soubesse que nosso amor estava destinado ao fracasso.

# AGRADECIMENTOS

Todo fim de livro é a mesma coisa. A saudade dos personagens vem assim que escrevo “fim” no arquivo. E dessa vez, não foi diferente. Eu fechei o ciclo da primeira geração dos personagens de Millsh, que começou lá em Amor à Primeira Rosa nos anos 80, e terminou hoje, com a história do primeiro ano de faculdade de Lily Diggory. Dei um fim a todos os personagens, e isso é muito gratificante.

Por isso, muito obrigada a todos que estiveram comigo desde o início e me viram percorrer esse caminho até aqui. Mas obrigada também àqueles que chegaram agora e estão conhecendo meu trabalho pela primeira vez. Obrigada a qualquer um que esteja terminando de ler esse livro. Obrigada por dar uma chance à Falsa Vingança.

E, claro, não posso deixar de agradecer a toda minha família, que continua segurando minha mão quando tudo parece que vai desmoronar. Aos meus amigos, que não me deixam desistir, mesmo quando acredito estar no meu ápice. Sem vocês, eu não estaria onde estou hoje. E a todos que fizeram esse livro ser possível, desde à betagem (alô, Natalia!) até os ajustes finais, como a sinopse (obrigada de novo, Gê!) e claro, a revisão da Stephany, que é sempre muito carinhosa e deixa tudo impecável para jogar o livro para o mundo.

Mais uma vez, obrigada você, leitor, que chegou até aqui. Lily e eu agradecemos pela chance que você deu ao livro da nossa menina sonhadora. E se você passa por alguma situação parecida com a dela, busque ajuda. Você não está sozinho.

Fim de um primeiro ciclo no Camiverso, mas abertura de novos também.
Até a próxima, gente.
Com amor, Cami.

# MAIS DO CAMIVERSO

Se você quer saber mais das histórias dos personagens citados neste livro:

## Duologia Sorte

Trevo de 4 Folhas (Jason e Eleanor)

7 Anos de Azar (Alexia e Charles)

## Contos e Novelas

Amor à Primeira Rosa (Marcus e Paul)

Papel, Abóboras e Amor (Allie e Nora)

## Outros livros:

Corações de Gelo